Obras Completas

São Francisco Xavier

Obras Completas

Editorial A. O. – Braga

Edições Loyola – São Paulo, Brasil

Capa: *Virgílio Cunha* – Editorial A. O.

Tradução e organização: *Francisco de Sales Baptista, S.J.*

Paginação: *Editorial A. O.* – Braga

Impressão e Acabamentos: *Fabigráfica* – Pousa – Barcelos

Depósito Legal nº 240692/06

ISBN (Editorial A. O.) 972-39-0659-7
ISBN (Edições Loyola) 85-15-03211-2

Abril de 2006

Com todas as licenças necessárias

SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
L. das Teresinhas, 5 – 4714-504 BRAGA
Tel.: 253 201 220 * Fax: 253 201 221
livros@snao.pt; www.jesuitas.pt/ao

EDIÇÕES LOYOLA
São Paulo, Brasil, 2006
Rua 1822 nº 347 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
Caixa Postal 42.335
04218-970 São Paulo, SP
Tel.: (11) 6914-1922
Fax: (11) 6163-4275
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

ÍNDICE GERAL

ESCRITOS XAVIERANOS

DEDICATÓRIA JUBILAR

Celebram-se, em 2006, 450 anos da morte de Santo Inácio de Loiola e 500 anos do nascimento de dois dos seus primeiros companheiros, ambos co-fundadores da Companhia de Jesus: S. Francisco Xavier e o Beato Pedro Fabro. Deste modo, num único *ANO JUBILAR*, temos a alegria de evocar três companheiros que a si mesmos se designavam como «amigos no Senhor». Além de outras iniciativas, com destaque para a publicação da *Autobiografia* de Santo Inácio de Loiola, a Editorial Apostolado da Oração associa-se à celebração deste jubileu, ao editar, pela primeira vez em língua portuguesa, as *Obras Completas* de S. Francisco Xavier.

Com esta edição, que se fica a dever à preparação cuidadosa do P. Francisco de Sales Baptista, temos, a partir de agora, acesso facilitado a um verdadeiro tesouro espiritual que nos permitirá um conhecimento mais aprofundado da vida e espiritualidade de S. Francisco Xavier. De facto, a leitura da sua correspondência é o melhor meio para comungarmos do seu entusiasmo missionário, para admirarmos a amizade profunda que, apesar da distância, o mantinha unido aos seus companheiros jesuítas, em especial a Santo Inácio de Loiola, para testemunharmos o espírito de serviço mas não de subserviência que o ligava ao rei D. João III e para recordarmos que a eficácia do anúncio da Palavra de Deus depende, também, do conhecimento aprofundado daqueles a quem nos dirigimos.

A palavra latina *magis* (mais) é indissociável da espiritualidade inaciana e do modo como S. Francisco Xavier a encarnou. Se a ligação a Portugal, o País que o enviara para o Oriente, foi marcante para Xavier, a espiritualidade do *magis*, assimilada na escola dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loiola, não podia ficar condicionada a qualquer nacionalidade e exigia um serviço que não

conhecia fronteiras. A radicalidade que a palavra *magis* expressa e condensa significava para Francisco Xavier ir em busca do maior fruto no trabalho evangelizador. Esse desejo de maior serviço traduz-se em várias expressões que encontramos repetidamente nos seus escritos: «fazer muito fruto»; «fazer infinito fruto»; «acrescentar muito os limites da Santa Madre Igreja»; «fazer muito serviço a Deus Nosso Senhor»; «acrescentar a nossa santa fé»; «acrescentar a lei de Nosso Senhor Jesus Cristo». Em tempos em que, tantas vezes, surge a tentação de nos deixarmos condicionar pela mediania, estas palavras, com a sua exigência e radicalidade, mantêm toda a actualidade.

Neste ano jubilar, aceitemos o convite a sermos, também nós, destinatários das cartas de S. Francisco Xavier. No seu serviço missionário sem fronteiras, inseparável do diálogo inter-religioso e do conhecimento aprofundado do outro, todos continuamos a ter muitos motivos para nos sentirmos interpelados pela sua figura ímpar e exemplar.

Nuno da Silva Gonçalves S.J.
Provincial

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO

Apresentamos em português a edição completa das cartas e outros escritos de S. Francisco Xavier, recolhidos e autenticados na edição crítica da Monumenta Historica Societatis Iesu com o título Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque eius scripta, Roma 1944-1945 *levada a cabo por G. SCHURHAMMER, S.I. e I. WICKI,S.I.*

A partir dessa edição crítica, já existia entre nós uma pequena selecção de Cartas e escritos de S. Francisco Xavier, Porto 1952, *organizada por Mário Martins, S.I. Completamo-la agora, conservando a magnífica* Introdução geral *aos escritos do santo, que reproduzimos a seguir. Nessa edição orientava-se o autor pelo seguinte critério:*

> «(Dos escritos em castelhano ou latim) não hesitámos em desarticular os períodos longos e embrulhados. Porém, não *pusemos em estilo*, como antigamente se dizia, o que fora escrito sem pretensões literárias de espécie alguma. As cartas não eram nossas. Ficaram, pois, na rudeza primitiva das obras mal desbastadas, às vezes um pouco confusas e sem gramática, mas com a beleza das coisas verdadeiras.
>
> (Os escritos em português) ficaram na sua estrutura antiga, no ritmo dos períodos ou na falta dele. Estavam na nossa língua, não podíamos traduzi-los. Só modernizámos a *ortografia*. Não substituímos os vocábulos arcaicos. Porém, pusemos, em nota, o significado dessas palavras fora de uso, muito poucas por sinal. E prevenimos, desde já, que nem sempre é fácil entender estas páginas ditadas e escritas à pressa» (Mário Martins).

Nós procuramos seguir um critério, nem tão livre quanto aos escritos a traduzir do castelhano ou latim, nem tão rígido quanto aos escritos em original português. Mas, uns e outros, transpomo-los da edição crítica o mais à letra possível, para facilitar pequenos ajustamentos e retoques em

edições futuras. Dentro da maior fidelidade, conservando até o próprio giro de frase *em que nos chegaram, queremos torná-los facilmente legíveis a qualquer leitor. Por isso:*

– A pontuação *não temos especial escrúpulo em aperfeiçoá-la, pois antigamente era pouco cuidada. Até o P. Vieira não olhava muito a isso.*

– *A* concordância *gramatical dentro de cada frase, também é afinada sempre que valer a pena.*

– *O* vocabulário *desconhecido é substituído, ou conservado explicando-o em nota.*

Cremos que não deve haver tanta rigidez em reproduzir exactamente a versão primitiva porque já existe uma edição crítica para isso (a da MHSI); além disso, porque a maior parte das cartas não são autógrafas, mas cópias feitas por outros e em diversas línguas. Dos 137 documentos escritos que se conservam de Xavier, são:

– Autógrafos: *doc. 4, 5, 7, 8, 9, 11, 51, 97 =* ***8***

– Originais ditados a um secretário *(em português, ou castelhano): 3, 46 bis, 56, 57, 62, 68, 69, 77, 81, 82, 91, 96, 99, 100, 104, 106, 107, 110, 112, 113, 118, 125, 126, 128, 130, 133, 135 =* ***27***

– Cópias em segunda mão *(em português, espanhol ou latim):* ***os restantes.***

Como dissemos, não pretendemos substituir a edição crítica, dificilmente superável e sempre necessária pela extraordinária riqueza de dados que encerra.

É dificilmente superável*, como nota Robert Ricard, especialista em História da espiritualidade e das missões portuguesas e espanholas:*

> «Nunca, a meu parecer, a colecção *Monumenta Historica* mereceu com tanta justiça o seu nome, como com esta nova edição da correspondência de S. Francisco Xavier. Porque estes dois volumes são um monumento no pleno sentido da palavra, um monumento admirável de paciência, de trabalho, de saber e de honradez. Tudo foi buscado, tudo foi feito, tudo foi esquadrinhado e estudado. Não se pode pedir mais a um empreendimento humano» (*Arch. Hist. Soc. Iesu* 15 (1946) 177).

E sempre necessária, pela sua riqueza de dados*, como faz notar o reeditor da obra, Francisco Zurbano, S.I.:*

> «A cada carta ou documento fazem preceder uma introdução especial com 7 apartados: I. Bibliografia; II. Autores que tratam da carta ou seu conteúdo; III. Textos. Enumeram-se e descrevem-se os distintos manuscritos da carta e respectiva história e os impressos que derivam dos manuscritos perdidos. Os textos são ordenados cronologicamente e divididos em famílias, examinando as relações entre uns e outros. São indicados o amanuense e as vias (ou naus) por onde foi enviada a carta. Estuda-se o papel, a filigrana ou marca de água e as notas dos arquivistas; IV. Impressos: principais colecções onde se edita a carta ou suas traduções; V. História dos impressos: fontes dos textos impressos e suas mútuas relações; VI. Dia: indicam-se as datas falsas atribuídas aos manuscritos e fixam-se as verdadeiras; VII. Declara-se qual dos textos se edita; antepõe-se-lhe um sumário e indica-se no aparato crítico as variantes dos restantes textos. Geralmente publica-se um só texto de cada carta; se possível, o melhor de todos. Se há dois de igual valor, o mais antigo. Os erros do texto corrigem-se, indicando a leitura falsa no aparato crítico. Publica-se o texto intacto, pondo unicamente os acentos e sinais de pontuação necessários. As abreviaturas resolvem-se. As lacunas preenchem-se indicando as suas fontes se as há; se não, dá-se razão do que se faz. O que se acrescenta vai entre parêntesis quadrados. O aparato crítico é negativo, quer dizer que, contanto que se não diga o contrário, os outros textos aduzidos no aparato coincidem com o texto editado» (*Epistolae S. F. Xaverii…* Roma, 1996: I, p. L).

Muito agradecidos estamos, portanto, ao Instituto Histórico da Companhia de Jesus pelas Notas que nos permitiu transcrever da edição crítica. Que elas sirvam para adivinhar a restante riqueza daquela edição e saber onde buscar o que nos falta.

Francisco de Sales Baptista, S.J.

INTRODUÇÃO GERAL

Na História de Deus, S. Francisco Xavier foi o maior conquistador do Oriente, embora não fosse o primeiro. E o terríbil *Albuquerque († 1515), domador de povos, assegurando o policiamento das estradas marítimas e alicerçando o nosso império da Ásia, recebera de Deus uma função quase messiânica: preparar os caminhos asiáticos, para o arauto do Grande Rei.*

Sem os portugueses, a vida do santo jesuíta poderia ter sido grande; mas tinha, forçosamente, de ser diferente. E o seu aspecto mais simpático, para nós, consiste, precisamente, nisso – no ritmo paralelo da sua vida com a gesta marítima dos nossos argonautas e mercadores. Neles se apoiava S. Francisco Xavier, sobre o dorso inquieto do mar. Por isso, ao vermos os nossos barcos a transportá-lo, através das ondas indomáveis, recordamos a figura tradicional de S. Cristóvão, a vadear as águas, com o Menino Jesus às cavaleiras.

De facto, Portugal foi o Hércules que o levou, carinhosamente, por todos os oceanos. Ainda mais. Se a acção missionária de S. Francisco Xavier subiu tão alto e abrangeu tão vastos horizontes, é porque ele ia na crista heróica duma vaga que percorria, então, o sul da Ásia, desde a embocadura do Mar Vermelho às costas da China: o desbravamento do paganismo, pelos portugueses, ao longo das rotas marítimas e comerciais, que se iam abrindo.

Quando ele chegou à Índia, já o sol do catolicismo brilhava alto, no céu da Ásia. Frades de S. Francisco, dominicanos, padres seculares, capitães e comerciantes de alma aberta ao ideal cristão, tinham-se espalhado ao longo da costa, desde Ormuz ao canal de Singapura, e mais além.

Foram eles que fundaram igrejas, instituíram misericórdias e ergueram hospitais em Ormuz, Goa, Cochim e outras terras. Organizavam-

-se confrarias, como a de Cananor[1]*, e os párocos governavam as suas paróquias, melhor ou pior, como em todos os tempos. Mas, havia-os bons. Em Cochim, por exemplo, morou muitos anos o vigário Sebastião Pires, no primeiro quartel de quinhentos, que «nos emsinou e doutrinou asy a nós como a nosas molheres, filhos e servidores, asy bem como compria e era posivell o bem fazer em seu cargo, e asy a toda a outra jemte christãa que na terra vive, e em seu tempo se tornaram muytos christãaos»*[2].

Em 1510, Afonso de Albuquerque dava um missal grande ao vigário de Ormuz, um tal Frei Pedro[3]*. E, dois anos mais tarde, pedia que lhe enviassem um* pano da Paixão de Nosso Senhor, *para o mandar à Etiópia, e que fosse igual ao que tinha ido para Malaca*[4]*. Ele mesmo, Afonso de Albuquerque, procurou converter o rei de Cochim*[5]*, alegando todas as razões que podem* tornar um homem gentio à fé de Nosso Senhor. *Nada conseguiu. Mas a sua atitude marca um estilo português de acção ultramarina, bem diverso do da Holanda ou da Inglaterra.*

Os nossos reis mandavam, para o Oriente, remessas sucessivas de livros piedosos e catecismos – muito antes de João de Barros ter escrito a sua famosa Cartinha para aprender a ler, *que tanta influência havia de exercer no catecismo de S. Francisco Xavier.*

Aos mosteiros da Índia entregou D. Manuel I uma boa quantidade de obras espirituais e de teologia. Os franciscanos de Cochim, em 1518, receberam bastantes: um Decreto, *umas* Decretais, *uma* Vita Christi *em latim, outra em português, um* Ricardo *(talvez alguma obra de*

---

[1] A. DA SILVA REGO, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente,* t. I, Lisboa, 1947, págs. 67, 94; sobre a acção missionária dos portugueses, na Índia, antes de S. Francisco Xavier, cf., também, ANTÓNIO DA SILVA REGO, *História das missões do padroado português do Oriente,* t. I, Lisboa, 1949.

[2] A. DA SILVA REGO, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente,* t. I., ed. cit., pág. 375.

[3] Ib., pág. 86.

[4] Ib., pág. 169.

[5] Ib., págs. 228-231.

Ricardo de S. Vitor), dois Sacramentais, *três* Evangelhos, *quatro* Flos sanctorum, *as* Vitae Patrum, *cinco saltérios, a* Morte de S. Jerónimo, *dez missais romanos, muitos livros de liturgia, três* Espelhos de consciência, *uma* Bíblia, *três* Sumas de S. Tomás, *«trinta e quatro obras em latim», vinte Livros de Horas, em português, sete catecismos, cento e cinquenta cartilhas (cada uma delas com a doutrina cristã) quatro* Boscos deleitosos, *um* Speculum minorum, o De Trinitate, *de S. Agostinho, etc.*[6].

Pouco depois, em 1521, *nova remessa, desta vez para Goa, por ordem de D. Duarte de Meneses: cinquenta cartilhas,* cinco Flos sanctorum *e quatro evangelhos – para os moços aprenderem a ler por eles*[7]. *Foi isto a 2 de Novembro. Pois bem, a 29 de Dezembro do mesmo ano, o número de livros a entregar ao feitor de Goa aumentava notavelmente: eram duzentas cartilhas, cinco* Flos sanctorum *e trinta e quatro* livros de rezar[8].

Tudo isto serve para explicar como S. Francisco Xavier, ajudado pela graça de Deus, pôde imprimir ao catolicismo, na Ásia, um desenvolvimento enorme. É que outros tinham marchado à sua frente, abrindo veredas, através da floresta sombria e pagã, na preparação dos caminhos do Senhor.

S. Francisco Xavier foi o primeiro a entusiasmar-se, generosamente. Goa pareceu-lhe toda cristã: «é uma cidade toda de cristãos, coisa para se ver. Há um mosteiro, com muitos frades, da ordem de S. Francisco, uma Sé muito honrada e com muitos cónegos, além de muitas outras igrejas. É motivo para dar muitas graças a Deus Nosso Senhor ver como o nome de Cristo floresce de tal modo, em terras tão apartadas e no meio de tantos infiéis»[9].

---

[6] *Ib.*, págs. 336-338.
[7] *Ib.*, pág. 419.
[8] *Ib.*, pág. 420.
[9] Xavier-doc. 15,5.

As cristandades espalhavam-se, ao longo da costa, de Ormuz à Indonésia. Em Malaca, a centenas de léguas da Índia, escreve o Santo, tinha ele uma bela igreja para pregar e um hospital para dormir[10]*. Porém, antes de ele lá chegar, já os portugueses comunicavam as conversões, em massa, das regiões de Macáçar, na parte sul da ilha de Celebes, para onde os capitães das nossas fortalezas da Malásia se apressaram a enviar alguns clérigos*[11]*.*

António Galvão, governador das Molucas, à volta de 1536, tudo fizera para implantar o cristianismo nestas ilhas, quando S. Francisco Xavier ainda estava na Itália. Vale a pena deter-nos um pouco, diante desta figura tão rica de soldado, administrador e homem de letras, que fundou um colégio-seminário, para indígenas, em Ternate[12]*, e mereceu o cognome de Apóstolo das Molucas.*

Conta João de Barros que António Galvão mandou o clérigo Fernão Vinagre conquistar a ilha de Moro. E ele fez muitos cristãos, *depois de pacificar a terra. Vendo tão bom sucesso, Galvão «o tornou lá mandar, para ganhar a vontade daquelas gentes e os persuadir se convertessem à Fé de Cristo; o qual, com sua pregação e persuasões, fez muitos mais cristãos, cujos filhos trouxe consigo a Ternate, para se aí criarem entre os portugueses. Os quais António Galvão mandava doutrinar nas cousas da Fé, e ensiná-los a ler e escrever; e para os nossos serem mais seguros com os filhos daqueles homens nobres que tinha como arreféns de sua cristandade e amizade, aos pais, quando os vinham ver, dava peças e dádivas. Pelo que era António Galvão tão acreditado com aquelas gentes, por a justiça e equidade com que procedia com os homens, que entendiam que o Deus que ele adorava era o que se havia de crer e a religião que ele professava se havia de seguir: tanta eficácia tem a virtude e o bom exemplo do que quer incitar ou converter a outros a bem viver.*

---

[10] Xavier-doc. 52,1.

[11] Xavier-doc. 48,5.

[12] ANTÓNIO GALVÃO, *Tratado dos descobrimentos*, Porto, 1944, pág. 53; JOÃO DE BARROS, *Décadas da Ásia,* dec. 4, liv. 9, cap. 21, para o fim.

«Sobre a conversão destes gentios houve outras muitas ocasiões que António Galvão buscou, porque a todos negócios a que mandava, sempre encomendava em primeiro lugar o de salvar almas.

«Como foi quando mandou Diogo Lopes de Azevedo, capitão-mor do mar *de Maluco […]. Indo Diogo Lopes ao longo daquela costa, assentou paz e amizade com toda a gente dela; e aos moradores de três lugares que se chamam Ativá, Matelo e Nucivel, fez tornar-se cristãos.*

«E destas partes trouxe consigo um irmão del-Rei de Ternate, que lá andava retraído do tempo de Tristão de Ataíde, que o perseguia; e a Cachil Vaidua, a que D. Jorge de Meneses mandara afrontar, como atrás dissemos.

«Naquele mesmo tempo, vieram a Ternate dois irmãos macaçares, homens nobres, que se fizeram cristãos, de que um se chamou António Galvão, como seu padrinho, e outro Miguel Galvão. Estes tornaram à *sua terra; e, querendo depois vir visitar seu padrinho, trouxeram certos navios carregados de sândalo e algum ouro e mercadorias, que disseram havia nas suas ilhas e nas dos Celebes, aonde, se os portugueses fossem, se converteriam muitos e fariam proveito em suas mercadorias. Com estes vinham alguns mancebos fidalgos, com tenção de se fazerem cristãos, como de feito fizeram.*

«Vendo António Galvão que de um caminho se podiam ganhar almas e fazenda, mandou àquelas partes um cavaleiro honrado, chamado Francisco de Castro, e com ele dois sacerdotes […].

«Partido Francisco de Castro de Ternate […], soube que aquela [ilha] a que aportou se chamava Satigano, cujo puvo e rei eram gentios. Assentou logo Francisco de Castro com ele amizade e, para firmeza dela, se sangraram ambos no braço, ao costume daquela terra, e bebeu um o sangue do outro. El-Rei se fez cristão daí a poucos dias, e com eles se baptizaram a Rainha e um seu filho, e três irmãos del-Rei e muitos fidalgos e gente popular; e gastando nisso vinte e dois dias, se partiu Francisco de Castro, deixando a todos muita saudade; e, passando ao longo da ilha de Mindanau, chegou a um rio, ao longo do qual estava uma cidade chamada Soligano, cujo rei se fez cristão, e com ele a Rainha

e duas filhas suas, e muitas pessoas outras. Na mesma ilha, se fez cristão el-Rei de Butuano (a que chamaram el-Rei D. João o Grande) e el-Rei de Pimilarano, que tomou o mesmo nome de D. João; e el-Rei de Casimino, que se chamou D. Francisco, e assim se converteram as mulheres e filhos destes reis, e muita parte de seus vassalos.

«Querendo Francisco de Castro passar desta ilha à de Macáçar, foi-lhe o vento tão contrário, que se houvera de perder, [...] e voltou para Ternate com muitos filhos daqueles que se tornaram cristãos.

«Para os quais ordenou e fundou António Galvão, com muito gasto de sua fazenda, um seminário, que foi o primeiro de todas aquelas partes orientais, em que, criando-se os moços no leite e doutrina cristã, pudessem vir a servir na conversão de seus naturais, meio que, para a reformação de toda a Igreja Católica, o Sagrado Concílio de Trento depois aprovou e escolheu»[13].

No seu Tratado dos descobrimentos, *António Galvão fala-nos também disto, numa escassa meia página*[14], *e o mesmo faz Diogo do Couto. Infelizmente, diz este, «como os ministros evangélicos eram mui poucos, ficaram estes tenros filhos da Igreja destetados, por não haver quem os fosse sustentando com o leite da doutrina de Cristo e de seu sagrado Evangelho, ficando cristãos só nos nomes»*[15]. *Diogo do Couto escrevia isto muitos anos depois de S. Francisco Xavier também ter passado pelas ilhas da Malásia. Mas, já no tempo do grande jesuíta, havia algumas aldeias espiritualmente um pouco abandonadas, pelo menos em Amboíno, «onde me ocupei, diz ele, em baptizar muitas crianças que estavam por baptizar, à falta de padres, pois um, que deles tinha cuidado, morrera havia já muitos dias»*[16]. *Porém, existiam, ainda, lugares inteiros de cristãos.*

Quanto ao Japão, não há notícia de nenhum padre que lá tivesse aportado, antes de Xavier. No entanto, já alguns comerciantes portu-

---

[13] JOÃO DE BARROS, *Décadas da Ásia,* déc. 4, liv. 6, cap. 21.

[14] ANTÓNIO GALVÃO, *Tratado dos descobrimentos,* Porto, 1944, pág. 256.

[15] DIOGO DO COUTO, *Décadas da Ásia,* déc. 5, liv. 6, cap. 5.

[16] Xavier-doc. 59,1.

gueses tinham chegado àquele arquipélago e falaram certamente da religião cristã, pois trouxeram consigo um japonês, para este se confessar a S. Francisco Xavier[17].

Envolvamos, pois, no mesmo olhar de gratidão, todos estes frades, padres seculares, mercadores e capitães que, antes do grande jesuíta, espalharam o reino de Deus pelo vasto mundo. E agora, falemos do arauto do Grande Rei – aquele que trouxe às cristandades do Oriente o sangue novo duma nova ordem religiosa e alargou, na Ásia, os caminhos de Deus, abertos pelos portugueses.

S. Francisco Xavier viera ao mundo a 7 de Abril de 1506, numa terça-feira santa. A mãe, D. Maria de Azpilcueta, havia de gostar dessa criança, por ser o último rebento que ela daria ao tronco fidalgo da sua casa. Se ela, então, lesse no futuro, talvez sentisse alguma pena do seu menino, perdido pelo mundo, com os pés sujos da poeira de todos os caminhos e levando, nos ouvidos, o marulho de todos os mares.

Porém, D. Maria de Azpilcueta morreu, antes de o filho embarcar nas caravelas portuguesas. Assim, não viu o seu sofrimento nem contemplou a sua glória, quando S. Francisco Xavier se tornou uma candeia que alumia a Índia toda, *conforme escrevia o seu amigo Fr. Vicente de Lagos*[18].

Todos gostavam dele: «se ia a alguma casa e lhe davam de comer, comia; e se gracejavam com ele, gracejava, por se não mostrar hipócrita ou o não terem por escândalo; e quando se queria ir, sempre fazia uma consolação espiritual»[19].

Os testemunhos, neste sentido, sucedem-se uns aos outros, como se os portugueses da Índia concordassem em fazer dele o homem de mais bom modo *daquele tempo: «não falava com os homens senão com a boca muito cheia de riso, e por bem e boas palavras alcançava deles quanto queria»*[20]. *Isto afirmava Francisco Lopes de Almeida, português de Co-*

---

[17] Xavier-doc. 59,15.

[18] J. WICKI, *Documenta Indica*, t. 1, Roma, 1948, p. 453.

[19] Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 6183, fl. 2.

[20] *Monumenta Xaveriana,* t. 2, Madrid, 1912, p. 291.

chim. E Cristóvão de Carvalho acentuava o mesmo ponto: com a boca sempre cheia de riso e da graça de Deus[21]. *João da Cruz repete a mesma frase e recorda o jeito de S. Francisco Xavier para arranjar amigos:*

Chegava-se ao pé dum português de mau viver e dizia-lhe: Foão *(Fulano),* eu vou jantar convosco![22] *E acabava por trazê-lo ao bom caminho.*

Em casa dos outros, aceitava o que lhe punham diante. Quando estava só, não comia pão nem bebia vinho. Alimentava-se, então, de peixe e leite azedo, misturado com arroz, ou de arroz simples e mal temperado[23].

Na Índia, trazia uma cabaia muito velha remendada, *um* saio *e, na cabeça, um* barrete muito safado[24]. *Deitava-se num* catre de coiro *e gostava muito de rezar de noite*[25]. *Desta forma, Deus e os homens amavam-no imensamente.*

Mestre Francisco Xavier sempre anda buscando trabalhos onde receba martírio, por terras estranhas[26], *escreve Tomás Lobo, em 1548. E deste homem tão cheio de renúncia, pôde afirmar o Pe. Paulo Camerte, ao vê-lo a ponto de embarcar para a Japão: «todos os moços e moças, escravos e escravas ficam por ele perdidos, pela grande saudade que dele têm»*[27].

Que densidade humana devia ter este santo, para assim ficar, duma vez para sempre, no coração da gente!

Num romance famoso de Elizabeth Goudge, Green Dolphin Country, *o capitão dum barco aventureiro fala com duas crianças (um rapaz e uma rapariguita). Três coisas principais nos tornam superiores* a um animal selvagem, *diz ele: as terras por onde a vida nos leva; as pessoas com quem lidamos; finalmente, as coisas que a gente nunca pôde ter.*

---

[21] *Ib.,* p. 306.
[22] *Ib.,* p. 310.
[23] *Ib.,* p. 376.
[24] *Ibidem.*
[25] *Ib.,* p. 201
[26] J. WICKI., *Donumenta Indica*, t. 1, Roma, 1948, p. 271.
[27] *Ib.,* p. 347.

Talvez que este filho do mar e da aventura tivesse certa razão, dentro da sua filosofia. Por quantos caminhos andou, também, S. Francisco Xávier, desde os lados do Cantábrico até às ilhas japonesas! Com quantos homens teve ele de falar – reis, santos, professores e filhos do povo, homens de desvairadas gentes, aristocratas, comerciantes e soldados, adoradores de todas as religiões, intelectuais de culturas estranhas e milenárias. Enfim, quantas coisas ele nunca pôde conseguir, impotente para salvar toda *a Ásia, até Deus o pôr de lado, naquela ilha perdida, em frente da China inviolada! E deste mundo, quantas coisas nem sequer procurou, pobre vagabundo, sem eira nem beira, a caminhar, sempre, para a realização do reino de Deus!*

E por tudo isto, foi superior aos outros – por tudo isto e pela graça de Deus.

Talvez pudéssemos dividir as cartas de S. Francisco Xavier em quatro espécies: cartas de trazer por casa, *se nos permitem a expressão; geralmente curtas, tratam de assuntos caseiros ou de interesse local;* cartas-regulamentos, *cheias de experiência e reveladoras de funda psicologia; estão escritas no estilo de quem tem o direito de mandar, ao modo dum livro de regras (e quase não passam disso):* cartas de amizade – *decerto as mais belas, como documento humano; finalmente, as cartas que chamaremos de* tendência ecuménica, *quer pela vasta universalidade dos seus problemas e notícias, quer por se dirigirem a um público numeroso (jesuítas da Europa) ou a pessoas de largos horizontes e muita influência (D. João III, S. Inácio de Loiola, ete.), capazes de medidas de grande alcance.*

No entanto, qualquer divisão é precária. Conto classificar, por exemplo, a epístola 99, ao rei de Portugal? Supõe uma funda amizade entre ambos, e nela se apoia, procura igualmente recomendar ao rei alguns dos defensores de Malaca e tem, ao mesmo tempo, o alcance duma comunicação destinada a guiar a administração pública, a respeito dalguns portugueses do Oriente. Como tudo o que é humano, não podemos classificá-la rigorosamente.

Contudo, em quase todas as cartas de S. Francisco Xavier, escutamos uma nota dominante, enquanto as outras se fazem ouvir, unicamente,

em surdina. É essa nota dominante que permite agrupar estas páginas em classes mais ou menos homogéneas.

Do primeiro tipo, podemos isolar as cartas escritas a Francisco Mansilhas – e não são poucas. Ao todo, 26, e todas elas na nossa língua. Embora S. Francisco Xavier o despedisse da Companhia, em 1548, Francisco Mansilhas († 1565) conservou-as, piedosamente, até que morreu, em Cochim[28].

S. Francisco Xavier não passava bem sem as notícias de Mansilhas e do seu apostolado e pede-lhe, frequentemente, que lhe escreva[29]. *Fora disto, pouco implora para si, pobre homem perdido na selva imensa dos povos asiáticos. Porém, deixa cair estas palavras humaníssimas:* Lembrai-vos de mim, pois vós nunca me esqueceis[30].

Fala de tudo: dinheiro a dar ou a receber, ordens para o meirinho cobrar um fanão *(25 réis do tempo) de multa, por cada mulher que ande a beber vinho de palma, notícias de* dous sombreiros *enviados pelo Pe. Francisco Coelho, pedidos do* papel que ficou na caixa – *principalmente conselhos e normas de apostolado. E ameaças, também. Alguns* patangatins *e um tal António Fernandes, o Gordo, queriam pôr fora os habitantes de Cael Velho, para eles irem lá viver? Pois bem! Tanto ao Gordo como aos* patangatins *«lhes mando eu que não vão povoar Cael Velho, senão que eles mo pagarão muito bem pago»! E que os* patangatins *aproveitem melhor o dinheiro* que gastam em bailadeiras mal gastado[31].

Mateus, intérprete e catequista, que seja bom filho, se quiser boa paga dele, Xavier! E Mansilhas dê-lhe tudo o que precisar e trate-o «com, muito amor, que assim fazia eu, quando comigo estava, por amor que não me deixasse»[32]. *E que fale alto, ao povo! De contrário, não o ouvem.*

---

[28] MÁRIO MARTINS, *As cartas de S. Francisco Xavier a Francisco Mansilhas* em *Brotéria,* 54 (1952) pp. 512-520.

[29] Xavier-doc. 21,1; 22,1; 26,1.

[30] Xavier-doc. 23,1.

[31] Xavier-doc. 22,2; 27,2; 33,4; 32,3; 42,2.

[32] Xavier-doc. 24,3.

Quanto a Francisco Mansilhas, tenha paciência com essa gente rude e faça de conta que já está no purgatório. Trate o povo com muito amor, *porque, continua ele,* se o povo vos ama e está bem convosco muito serviço fareis a Deus. *E baptize todos os meninos, já que os grandes não querem ir ao paraíso.*

A litania de recomendações continua, pelo mesmo estilo: diga a Manuel da Cruz que não deixe os cristãos das suas aldeias beber vinho de palma e a Francisco Coelho que venha cedo que o digo eu. *As crianças,* em suas orações, se alembrem de rogar a Deus por mim *e Nicolau Barbosa proíba aos* cristãos arrenegados de ir pescar chancos, *pois não é justo que tais homens gozem do* fruito do nosso mar[33].

Que lhe mandem o seu caixãozinho, *decerto algum caixote com coisas suas, e que os cristãos da Pescaria tenham cuidado, perseguidos como andavam! Ponham vigias, pois* tenho muito medo que de noite, com este luar, venham a esta praia e roubem a estes cristãos[34]. *Poucas vezes a lua branca, a boiar na noite calma, fez sofrer tanto um coração humano!*

De 23 de Fevereiro a 7 de Abril do ano seguinte, Xavier escrevera a Francisco Mansilhas nada menos de 26 cartas, um record *de respeito, para um homem que tinha sobre os ombros boa parte da evangelização da Índia! E em todas elas, escritas umas atrás das outras, ofegantes e ansiosas, revela-se a forte e afirmativa personalidade deste jesuíta ardente e bom, incapaz, como diria Newman, de guiar os outros* pelo canal da insignificância, entre Cila e Caríbdis, entre o sim e o não.

Passemos, agora, às cartas-regulamentos. *Temo-las, por exemplo, nas instruções ao Pe. Gaspar Barzeu*[35], *a António Herédia*[36] *e a um noviço chamado João Bravo.*

De manhã, recomenda ele a João Bravo, deveis meditar meia hora, seguindo as meditações dos Exercícios Espirituais. *E acabai tudo com a*

---

[33] Xavier-doc. 28,2; 29; 30,3; 43; 44,2.

[34] Xavier-doc. 33,4.

[35] Xavier-doc. 80; 81; 114; 115; 116; 117; 118.

[36] Xavier-doc. 120.

renovação dos votos religiosos (pobreza, obediência e castidade). Depois de jantar, repousareis um pouco e «tornareis por espaço de meia hora, ou uma, a meditar e repetir a mesma contemplação que contemplastes pela manhã». À noite, «depois de cear, recolhendo-vos em alguma parte, examinareis vossa consciência das coisas que, aquele dia, por vós passaram, acerca dos pensamentos, falas e obras que no presente dia tendes errado contra Nosso Deus e Senhor, examinando vossa consciência com muita diligência, como se vos houvésseis de confessar das culpas que aquele dia fizestes, e de todas elas pedireis a Nosso Senhor Jesus Cristo perdão, prometendo a emenda de vossa vida; e no fim, direis um pater noster[37] *e uma ave-maria; e depois disto acabado, vos deitareis, ocupando o pensamento como vos haveis de emendar o dia seguinte»*[38]. *Vencei-vos em tudo, procurai as humilhações e abatimentos, pois* nesta mínima Companhia não *perseveram os soberbos, por serem* gente que nunca acompanhou bem com ninguém.

Para Gaspar Barzeu, o estilo é outro – menos íntimo. São normas seguras de vida missionária, ao todo umas trinta e sete:

Antes de tudo, que Mestre Gaspar atenda a Deus e à sua consciência. Ensine a doutrina aos meninos, forros e escravos, confesse, pregue e visite os presos da cadeia. E dê esmolas aos irmãos da Misericórdia, para eles distribuírem pelos Pobres. Com os amigos, porte-se como se eles, um dia, viessem a ser inimigos – e assim, terá mais cuidado consigo. Repreenda só em particular as pessoas que têm mando na terra. E porquê? Porque «estes homens são muito perigosos, em lugar de se emendar se fazem piores, quando os repreendem públicamente. E sejam estas repreensões quando com eles tiverdes amizade: e se for muita a amizade, repreendê-los-eis muito, se pouca for, pouco os repreendereis. De maneira que as repreensões serão com o rosto alegre, e palavras mansas e de amor, e não de rigor»[39].

---

[37] Pai-nosso.

[38] Xavier-doc. 89,5.

[39] Xavier-doc. 80,10.

Na confissão, Gaspar Barzeu não deve meter medo, antes que eles acabem de dizer seus pecados. *Nessa altura, fale-lhes da misericórdia de Deus e faça leve o que, bem considerado, é muito grave* – e isto até que acabem de confessar. *E se algum tiver vergonha, por serem grandes os seus pecados, diga-lhes que há outros muito maiores e acrescente que, também ele, foi pecador*[40].

Seja muito amigo do vigário: «e quando, chegardes lhe beijareis a mão, posto de joelhos no chão, e com sua licença pregareis e confessareis, e ensinareis as demais obras espirituais, e por nenhuma coisa quebrareis com ele; e trabalhai muito de ser seu amigo, a fim de lhe dardes os exercícios, ao menos os da primeira semana». E ao capitão, obedeça igualmente: «por nenhuma coisa quebrareis com ele, ainda que vejais que faz coisas mui mal feitas. E quando sentirdes que ele é vosso amigo, com muito amor, doendo-vos de sua alma e honra, com muita humildade e com rosto alegre, lhe direis o que de fora se diz dele; e isto quando virdes que pode aproveitar»[41].

Aos que tiverem vocação para a Companhia de Jesus, ensine-os a servir na cadeia ou no hospital da Misericórdia. Enfim, experimente-os de qualquer modo. Porém, olhe às forças espirituais e, segundo a virtude que neles virdes, assim sejam as mortificações. *Que elas não sejam* maiores que a virtude e perfeição daquele que as há-de fazer[42].

Nas confissões, Gaspar Barzeu encontraria gente de tal maneira metida neste mundo que pouco lhe aproveitaria falar no amor de Deus ou nas penas do inferno – carecem deste temor, assim como carecem de amor. *A tais pessoas, diga-lhes que Deus bem pode castigá-las nesta vida, encurtando-lhes os anos, mandando-lhes doenças, tirando-lhes honras e riquezas ou fazendo-as padecer naufrágios – e o mais pelo mesmo estilo. Ai de nós! Muitos se afligem mais com isto do que com o inferno ou o amor de Deus!*[43]

---

[40] Xavier-doc. 80,12.13.

[41] Xavier-doc. 80,16.17.

[42] Xavier-doc. 80,27.

[43] Xavier-doc. 80,30.

Seria longo acompanhar S. Francisco Xavier, através destas páginas, em que o coração do homem tantas vezes aparece, na nudez da sua miséria. Algumas pessoas, declara ele, portam-se mal e convidam o padre para jantar. Querem ter a sua amizade, a fim de porem um cadeado na boca do sacerdote. Desses tais, nada receba, a não ser água, fruta ou coisas assim de nenhum valor. E se enviarem presentes a casa de Barzeu, este que os leve ao hospital ou à cadeia: «Saiba o mundo que estas coisas pequenas que tomais as dais, porque desta maneira se edificarão mais que não nas tomando, porque tomam por afronta, quando são coisas pequenas, não tomar o que vos dão: porque os portugueses da Índia escandalizam-se não lhes tomando nada»[44].

Sobretudo, abra os olhos, à sua volta, estude os costumes dos homens, veja como eles procedem e o que fazem. Numa palavra, leia no livro da vida: Isto é ler por livros que ensinam coisas que, em livros mortos escritos, não achareis[45]. *Converse com os pecadores, se quiser aprender, pois eles* são os livros vivos por que haveis de estudar[46]. *E, por fim, esta frase digna do séc. XX: a experiência vos ensinará, pois é mãe de todas as coisas*[47].

Mais comoventes são as cartas de amizade, *uma delas dirigida a Diogo Pereira, ao vê-lo arruinado por não o deixarem partir, na embaixada da China. Obriguei-vos a gastar mais de quatro mil pardaus, escreve o Santo, e agora não tenho coragem de olhar para vós. O que me salva é ter sido boa a minha intenção. Se não fosse isso,* de paixão morreria[48]!

Esta nota profundamente humana, ouvimo-la um pouco por toda a parte, sobretudo na carta para Joane Japão, meu filho[49]. *De facto, S. Francisco Xavier era capaz de se interessar pelos outros, dum modo*

---

[44] Xavier-doc. 80,37.
[45] Xavier-doc. 80,33.
[46] Xavier-doc. 80,35.
[47] Xavier-doc. 80,37.
[48] Xavier-doc. 122,2.
[49] Xavier-doc. 128.

extraordinário. Nada lhe agradava tanto como ler as notícias que chegavam nas naus da Índia[50]*. E de Malaca, suplicava aos padres de Goa que lhe contassem tudo miudamente: «dos Irmãos que vierem de Portugal me escrevereis quantos são, e quantos padres vêm e quantos leigos, e se vêm alguns pregadores e quem são: tudo muito largamente me escrevereis em duas ou três folhas de papel»*[51]*.*

Dói-lhe estar longe de S. Inácio de Loiola. Ao receber, em Malaca, uma carta do seu antigo companheiro de Paris, larga-se a chorar, lendo esta linha carregada de saudade: Todo vosso, sem poder esquecer-me em tempo algum, Inácio[52].

Era assim para todos. Pedia notícias dos frades de S. Francisco e de S. Domingos[53]*. Preocupava-se com a pobreza duma rapariga de boa família, que morava em Goa, em companhia da mãe, viúva. E quando Cristóvão de Carvalho, mercador rico e muito considerado, lhe falou em tomar estado, pois já estava farto de correr mundo, lembrou-se, logo, da filha de D. Violante Ferreira e pediu ao comerciante para casar com ela. E com efeito, numa carta para dois jesuítas de Goa, acrescenta: «rogo-vos que façais de maneira por que se acabe este casamento, porque receberei eu nisso muito gosto e contentamento em ver esta órfã, tão boa filha, amparada e nossa mãe descansada»*[54]*.*

Não nos deteremos muito nas epístolas a que poderemos chamar ecuménicas, *onde S. Francisco Xavier, encarando os grandes problemas da expansão católica na Ásia, revela o máximo da sua envergadura, rasgando, aos nossos olhos, largos horizontes.*

Nessas páginas, surge-nos como um raro conhecedor da psicologia colectiva das nações asiáticas, o que faria dele, noutras circunstâncias, um bom especialista das questões internacionais do Oriente. S. Francisco Xavier escrevia as suas cartas, sobre o Japão, há cerca de quatrocentos

[50] Xavier-doc. 49,4.

[51] Xavier-doc. 84,4.

[52] Xavier-doc. 97,1.

[53] Xavier-doc. 84,13.

[54] Xavier-doc. 88,5. *Mãe* era D. Violante Ferreira.

anos. Desde então, muita água correu debaixo das pontes. Contudo, os seus modos de ver, acerca do temperamento e carácter dos japoneses, permanecem ainda de pé. A uma enorme distância, ele descobriu as possibilidades imensas daquele povo.

Seria bom que os portugueses de hoje lessem por extenso estas cartas enviadas da ilha de Moçambique, das terras da Índia, do formigueiro da Malásia, do arquipélago japonês e das praias da China – a bela adormecida.

Tais cartas lembram, por vezes, as de S. Paulo, ditadas e escritas apressadamente, de linguagem comprimida, um pouco embrulhada e sem transições. É um estilo objectivo, *que diz logo o que tem a dizer, mergulhando directamente no objecto, sem desperdício de palavras. Recordamos, então, esta súplica dum poeta espanhol:* Pensamiento, dame el sentido íntimo de las cosas. Que mi palabra sea la cosa misma…

S. Francisco Xavier revela-se fundamentalmente incapaz de compor um discurso académico. Neste ponto, só temos de dar graças a Deus, embora os manes de Maffei e Torsellini sofram com isso, e prefiram, como é natural, as suas bem penteadas versões latinas das cartas que Xavier mandou do Oriente.

O leitor ainda não se esqueceu desta frase que James Saxon Childers pôs nos lábios dum criado universitário de Oxford: «Os americanos são impacientes. Chegam aqui falando de diplomas e em busca de uma educação esquematizada. Querem saber quando começam as aulas, quais os livros adoptados… Nada disso temos aqui. Oxford, Senhor, é uma norma de vida que não se adquire nas aulas ou em estudos convencionais. Vai-se absorvendo até que se aprende o que é bom e verdadeiro».

Como em Oxford, também não encontramos metódicos esquemas nas epístolas de S. Francisco Xavier nem, muito menos, sistemas doutrinais de espiritualidade. É uma atmosfera que se respira, até que se aprende o que é bom e verdadeiro.

Vale a pena percorrer tais cartas, ao menos as que estão em português, mais de metade. Escutamos a linguagem dos soldados e navegadores, com quem Xavier falava, nas viagens intérminas e no recinto das cidades

amuralhadas. Ouvimos dizer que os portugueses são muito inclinados a tudo o que é piedoso e bom e que, na Índia, são os senhores do mar[55].

Maus? Sim, também os havia, naquele abandono em que viviam. Era preciso sabê-los levar, porque, com estes homens da Índia, por rogos muito se acaba e por força nenhuma coisa[56]. *Ainda assim, ele e todos os da Companhia de Jesus deviam imenso a todos os portugueses, pelo muito que lhes queriam[57]. E de Malaca, numa carta para D. João III, Xavier escreve estas linhas sintéticas:*

«E certo, Senhor, que posso dizer com verdade que nunca homem veio à Índia que tantas honras e mercês recebesse dos portugueses da Índia como eu»[58].

Queria que os japoneses, idos para Goa, ficassem a gostar tanto da nossa gente como Paulo da Santa Fé, que tão boas novas semeou, no Japão, das muitas virtudes dos portugueses. *Por conseguinte, continua ele, tratem muito bem os japoneses, para eles voltarem* dizendo tanto bem dos portugueses, como diz Paulo[59].

Para S. Francisco Xavier, o nosso prestígio e o do Cristianismo era tudo um. O Gesta Dei per francos *podia adaptar-se deste modo:* Gesta Dei per lusitanos *(Os feitos de Deus pelos portugueses).*

Sofria muito, por não ter gente para tão grande seara e escutamos, ainda hoje, nas suas cartas, o grande clamor da sua voz, que tentava chegar às universidades europeias. Vivia, nele, uma forte recordação da Sorbona.

Gostava dos japoneses, por serem inteligentes e letrados. Mandem-lhe, pois, missionários instruídos e bons dialécticos (sofistas, *diz ele), que possam disputar com os japoneses e saibam alguma coisa de astronomia[60]. Bem exercitados em* sofistaria, *poderiam pregar nos centros*

---

[55] Xavier-doc. 7,3; 17,6.
[56] Xavier-doc. 118,5.
[57] Xavier-doc. 84,11.
[58] Xavier-doc. 83,4.
[59] Xavier-doc. 94,8.
[60] Xavier-doc. 110,6.

universitários do Japão[61]*. Era uma «gente muito avisada e discreta, achegada à razão e desejosa de saber»*[62]*.*

Sofrera bastante, para chegar àquelas ilhas dos confins do mundo, numa viagem perigosa, de grandes tempestades, de muitos baixos e de muitos ladrões[63]. *Partiam três navios e, se voltavam dois, já era ter sorte! Por isso, recomendara-se às orações* da benta Companhia do Nome de Jesus[64] *e abalara sobre o dorso incerto do mar sem misericórdia. Mas, fizera-o por inspiração de Deus:* Nosso Senhor quis dar-me a sentir dentro em minha alma ser ele servido de ir a Japão[65].

Fora, sobretudo, Paulo de Santa Fé que o ajudara a compreender, fundamente, a alma tão rica da Terra dos Crisântemos, onde também desabrochava a flor sangrenta do haraquiri.

Num esforço maravilhoso para pôr os japoneses em contacto com o coração da Catolicidade, Xavier envia alguns deles à Índia, para daí passarem a Lisboa e a Roma:

«Lá vão Mateus e Bernardo, japões de nação, os quais vieram comigo de Japão à Índia, com intenção de ir a Portugal e a Roma, a ver a Cristandade, para depois, tornando a suas terras, dar fé do que viram, aos japões»[66]*.*

De nada se esquece e revela, até, um sólido sentido comercial, em proveito do próximo. O navio que vier com os missionários, de Goa para Sacai, escreve ele, não traga mais de oitenta bares *de pimenta. Se ela for pouca, «hão-de vendê-la muito bem no Japão e ganharão muito dinheiro»*[67]*.*

Conhecia as rotas dos mares e avisou o rei de Castela, para não mandar os barcos por tal ou tal parte, na costa do Japão, porque perdiam-se

---

[61] Xavier-doc. 107,2; 98,2.
[62] Xavier-doc. 85,4.
[63] Xavier-doc. 85,12.
[64] Xavier-doc. 85,15.
[65] Xavier-doc. 85,8.
[66] Xavier-doc. 108,1.
[67] Xavier-doc. 93,9.

nas restingas que lá havia[68]*. Inspiravam-lhe compaixão tantos naufrágios e escrevia:* tenho piedade. *Aqui está uma frase que o define.*

Um dia, sentiu que devia abalar para a China, desamarrado de todo favor humano[69]. *E escreve ao Pe. Gaspar Barzeu: «Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso, que será com maior descanso do que nesta vida temos»*[70]*. Lá morreu, às portas de Cantão, na madrugada de 3 de Dezembro, de 1552. Faz agora quatrocentos anos*[71]*.*

Na agonia, António de Santa Fé pôs-lhe a vela acesa na mão e «a sua bendita alma partiu-se desta vida, quase sem nenhum trabalho». Meteram-no num caixão de madeira e enterraram-no, como diz Fernão Mendes Pinto, um tiro de pedra acima da praia[72]. *E ficaria bem ali. Poucos apóstolos caminharam tanto sobre as vagas inquietas. Era o filho de todos os mares. Mas, ao recordarmos esta cena humilde e meio solitária do enterro dum dos maiores heróis da gesta cristã, através do mundo, sentimos estar bem longe das homéricas pompas dos funerais de Heitor* – o domador de cavalos![73]…[74]

Mário Martins, S.J.

---

[68] Xavier-doc. 108,2.4.

[69] Xavier-doc. 125,4.

[70] Xavier-doc. 125,10.

[71] Escrevia em 1952

[72] *Peregrinação,* cap. 216.

[73] *Ilíada, XXIV,* 804.

[74] Segue-se a *Apresentação* editorial da anterior selecção de cartas e escritos de Xavier (1952), que substituímos pela *Apresentação* desta edição completa.

EUROPA

VIAGENS DE
FRANCISCO XAVIER
PARIS
Chateau-Thierry
Saint-Menehould
Verdun
Metz
Nancy
Saverne
Strasbourg
Luneville
Orléans
Amboise
Blois
Basilea
Constanza
Lindau
Feldkirch
Landech
Winthertur
Poitiers
Merano
Bolzano
Trento
Bassano
Chambéry
Monselice
VENECIA
Vienne
Piacenza
Chioggia
Blaye
Susa
Asti
Burdeos
Valence
Alessandria
Comacchio
Parma
Ravenna
San Sebastián
Bayona
Loyola
Miranda de Ebro
Vitoria
Dax
Auch
Toulouse
Montpellier
Avignon
Nimes
Bologna
Imola
Rimini
Semigallia
Ancona
Loreto
Roncesvalles
JAVIER
Burgos
Pamplona
Sangüesa
Foligno
Terni
Valladolid
ROMA
Salamanca
Medina del Campo
Coimbra
Ciudad Rodrigo
Santarem
Almeirim
LISBOA
Evora
Setúbal
De Xavier a Paris (Ag. - Set. 1525)
De Paris a Veneza (15 Nov. 1536 - 8 Jan. 1537)
De Veneza a Roma (16 - 25 Mar. 1537)
De Roma a Lisboa (15 Mar. - Fins de Jun. 1540)
Escala em milhas
50
100
250

INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS 1-12

D. Francisco de Jassu y Javier, como lhe chamavam no seu meio de nobreza, nasceu em 1506 no castelo de Xavier, quando o reino de Navarra era ainda independente. Era o quinto filho do Dr. João de Jassu e de D. Maria de Azpilcueta, senhores dos domínios de Xavier y Idocin. Em 1525 estudava já na Universidade de Paris, onde em 1530, juntamente com o seu amigo Pedro Fabro obteve o grau de Mestre em Artes (Filosofia). Três anos mais tarde, Inácio de Loyola, que pouco antes se lhes juntara como companheiro de estudos, conquista-o para o seu grupo de amigos e leva-o a uma profunda transformação espiritual que lhe faz mudar o rumo de vida. A 15 de Agosto de 1534, com Inácio e mais 5 amigos (Pedro Fabro, Simão Rodrigues, Diogo Laínez, Alfonso Salmeron e Nicolau Bobadilla), na capela do santuário de Montmartre, fazem voto de perpétua castidade para serem sacerdotes, voto de pobreza para viverem à maneira de Jesus e voto de irem para a Terra Santa «continuar o que falta à missão de Cristo» como diria S. Paulo. Em Março de 1535, Inácio, por motivos de saúde tem de passar uns tempos por Espanha, antes de partirem para a Terra Santa, e Xavier entrega-lhe uma carta para seu irmão João de Azpilcueta em que lho recomenda e mostra quanto deve a este grande amigo *(Xavier-doc. 1)*.

Em princípios de 1537, o grupo de Paris agora aumentado com mais três companheiros (Jayo, Codure e Broet) parte para Veneza, onde já se encontrava Inácio regressado de Espanha e, enquanto esperam embarque para a Palestina, ali mesmo recebem todos a ordenação sacerdotal que tanto desejavam, a 24 de Junho. Como, porém, ao longo de todo o ano 1537-38, por causa da guerra com os turcos, não houve passagem para a Terra Santa e eles tinham prometido no seu voto que, se lhes não fosse possível realizar esse sonho no prazo de um ano, se iriam oferecer ao serviço do Vigário de Cristo, assim o fizeram. Em Abril de 1538 partiram para Roma e puseram-se à disponibilidade do Papa. Este começou logo a dispor deles, mandando dois a Sena na Quaresma de 1539, e preparava-se já para destinar outros a diversas missões. Prevendo a dispersão de todos, entraram em deliberações sobre que organização dariam ao grupo, para além da amizade e ideal que os unia. Já tinham voto de castidade para serem sacerdotes, já tinham voto de pobreza para viverem à maneira do Senhor, deliberaram ligar-se também por voto de obediência a um Superior para se organizarem em instituto *(Xavier-doc. 2).*

Redigido um Ideário ou Regra constitucional do que pretendiam instituir, apresentaram o projecto a Paulo III que o aprovou provisoriamente de viva voz em 3 de Setembro de 1539. Continuando a dispor do grupo, enviou Salmeron

e Codure à Irlanda e, a pedido do Rei de Portugal D. João III, destinou Simão Rodrigues e Bobadilla às missões do Padroado português no Oriente. À última hora, porém, impedido Bobadilla de fazer viagem por doença, foi substituído por Xavier que logo se prontificou. Foi então que, antes de partirem, assinaram uma *Declaração* em que delegavam nos companheiros que se pudessem congregar em Roma a decisão de tudo o que interessasse à Companhia de Jesus *(Xavier-doc. 3).*

E, para quando o Instituto fosse oficialmente aprovado por Bula papal, deixou também Xavier uma *Declaração* de estar por tudo o que legislassem legitimamente os companheiros que ficavam, juntou-lhe em carta fechada o seu *voto* para a eleição do futuro Superior Geral e redigida a fórmula dos seus *Votos* de profissão religiosa *(Xavier-doc. 4)*.

Partiu de Roma na comitiva do embaixador de Portugal e, ao parar em Bolonha, escreveu dali a Inácio a dar conta de recados que levava para aquela cidade *(Xavier-doc. 5).*

Depois de longa viagem por terra, através dos Alpes, França, norte de Espanha, sem passar pela família, chegou a Lisboa onde já se encontrava Simão Rodrigues que partira mais cedo por mar. Da sua actividade sacerdotal em Lisboa, enquanto esperava naus para a Índia, escreveu cinco cartas *(Xavier-doc. 6; 7; 9; 11; 12),* além de outras duas ao seu famoso parente, Prof. de Direito na Universidade de Coimbra, Dr. Martin de Azpilcueta, mais conhecido por Doutor Navarro, que o desejava ver *(Xavier-doc. 8 e 10)*.

1
A JOÃO DE AZPILCUETA (OBANOS[1])

Paris, 25 de Março 1535
Duma cópia em castelhano, feita no século XVII

SUMÁRIO: 1-3. Amor e gratidão a seu irmão; penúria em que se encontra. – 4-5. Vinda do padre Fr. Vear e delações levantadas contra si. – 6-7. Defende, louva e recomenda mestre Inácio. – 8. Anuncia a viagem de Inácio a Almazán e aconselha a servir-se dele para lhe mandar dinheiro para Paris. – 9. Fuga de seu primo e heresia em França.

Senhor:

1. Por muitas vias, nos dias passados, escrevi a v. mercê por causa de muitos respeitos. E o principal, que estava a mover-me a escrever--lhe tantas vezes, é a grande dívida que a v. mercê devo, tanto por ser eu menor e v. mercê meu senhor[2], como pelas muitas mercês que tenho recebido.

2. E para que v. mercê não me tenha por desconhecedor e ingrato de mercês tão extremadas, todas as vezes que encontrar portador não deixarei de escrever-lhe. E se as minhas cartas, por o caminho ser tão longo, não as receber tão a miúde como as escrevo, suplico a v. mercê que deite a culpa aos muitos obstáculos que há desde Paris a Obanos. Porque eu, de não receber as suas cartas tão a miúde como v. mercê me as escreve, em resposta às muitas que escrevo, deito a

---

[1] Obanos, «vila com ayuntamiento, no vale de Ilzarbe, Navarra; partido judicial de Pamplona, a 3 léguas e meia» (Madoz XII 202). Dista de Pamplona 22 km para sul.

[2] Francisco Xavier era o menor de três irmãos: Miguel, João e Francisco.

culpa ao longo caminho, em que muitas cartas de v. mercê e minhas se perdem.

3. De maneira que da sua parte não há falta de amor, mas antes mui crescido, pois as minhas necessidades e trabalhos no estudo não menos as [pres]sente v. mercê em sua casa, onde [aliás] tem muito à larga o que precisa[3], do que eu em Paris, onde sempre me falta o necessário[4]: e isto, não por outro motivo senão por não estar v. mercê ao par dos meus trabalhos. Mas todos os sofro com esperança muito certa que, logo que v. mercê por muito averiguado o souber, com a sua muita liberalidade terão fim as minhas misérias.

4. Senhor, nos dias passados esteve nesta universidade o reverendo padre Fr. Vear, o qual me deu a entender certas queixas que v. mercê tinha de mim, as quais me contou muito longamente; e a ser assim, como ele mo deu a entender, em senti-lo v. mercê tanto, é sinal e argumento muito grande do amor e afeição muito entranhável que me tem.

5. O muito que eu, senhor, nesta parte sentia, era considerar a grande pena que v. mercê recebia por informações de alguns homens maus e de ruim porte: a esses muito desejo conhecer às claras, para lhes dar a paga que merecem. Porque aqui todos se fazem muito meus amigos, é-me difícil saber quem são. Deus sabe a pena que sinto em demorar-lhes a paga da pena que merecem! Mas só isto me dá consolação: que o que se adia não se exclui.

6. E para que v. mercê conheça às claras quanta mercê Nosso Senhor me fez em ter conhecido o senhor mestre Iñigo[5], por esta lhe

---

[3] João de Azpilcueta, tinha casado em 1528 com Joana de Arbizu, nobre viúva riquíssima, senhora dos territórios de Sotés e Aoz, com palácio em Obanos e outros dois em Undiano e Muruzábal, além de casas em Puente la Reyna. (cf. CROS, *Doc.Nouv.* I 296-299; *Vie* I 118-119). Era o irmão mais rico da família.

[4] Com a anexação do reino de Navarra ao reino de Castela, a família de Xavier foi despojada de cargos e bens de nobreza que tinha no Estado anterior. Por isso teve dificuldades em sustentar Francisco nos seus estudos.

[5] Inácio de Loyola, nsceu no solar de Loyola, Azpeitia (Guipúzcoa) em 1491, morreu em 1556, sendo Superior Geral da Companhia de Jesus (1541-1556). No

prometo minha fé que [nunca] em minha vida poderia satisfazer o muito que lhe devo, quer por ter-me favorecido muitas vezes com dinheiros e amigos nas minhas necessidades, quer em ter sido causa de que eu me apartasse de más companhias, as quais eu, pela minha pouca experiência, não conhecia[6]. E agora que estas heresias passaram por Paris[7], não quereria ter tido companhia com eles, por todas as coisas do mundo: e só isto, não sei eu quando o poderei pagar ao senhor mestre Iñigo, pois ele foi causa de que eu não tivesse trato nem conhecimento com pessoas que por fora mostravam ser boas, e por dentro estavam cheias de heresias, como por obras se mostrou. Portanto suplico a v. mercê que lhe preste aquele acolhimento que me faria à minha mesma pessoa[8], pois com as suas boas obras em tanta obrigação me deixou. E creia v. mercê que, se ele fosse tal qual o informaram, não iria a casa de v. mercê[9] entregar-se nas suas mãos; porque nenhum malfeitor se entrega em poder daquele a quem

---

baptismo recebeu o nome de *Inigo* que, posteriormente, em muitos documentos é escrito à castelhana por *Iñigo*. Mais tarde, o próprio mudou o nome para *Inácio* (Sobre o nome, v. MENCHACA, *Ep. S. Ignatii* p. XI-XVII).

[6] Fundados nesta vaga insinuação, alguns autores protestantes disseram que Xavier, antes da conversão, foi sequaz ou pelo menos simpatizante dos Reformadores. Mas sem fundamento, como a seguir refere o próprio Xavier (cf. BROU, *Saint François Xavier* I 39-40).

[7] Para entender a alusão de Xavier, podem ver-se: H. BOHMER, *Studien zur Geschichte der Gesellschaft Jesu: Loyola* (Bonn 1914) 159-163; CROS, *Doc. Nouv.* I 425-344; SCHURHAMMER, *Der hl. Franziskus Xaverius. Blicke in seine Seele* (Aachen 1920) 16-18.

[8] Inácio, por motivos de saúde, teve de voltar à sua terra. Aproveitando a ocasião, visitou as famílias de alguns companheiros que se tinham juntado ao seu grupo de adeptos em Paris, para desfazer boatos que corriam acerca deles e tratar de assuntos que lhe encarregaram: Xavier, ante cujo irmão tinha sido difamado como hereje, Laínez e Salmerón (MI, *Scripta* I 87-88; 90).

[9] No mês de Julho, Inácio saiu de Loyola para Pamplona, para daí ir a Obanos, onde residia João, irmão de Xavier. Não passou pelo castelo de Xavier, residência do irmão mais velho Miguel, como pensa DUDON (237-241).

ofendeu; e só por isto pode v. mercê verificar com toda a clareza ser falso tudo o que a v. mercê informaram acerca do senhor mestre Iñigo.

7. E suplico-lhe muito encarecidamente que não deixe de comunicar e conversar com o senhor Iñigo, e confiar em tudo o que ele lhe disser, pois creia que com seus conselhos e conversas se achará muito bem, por ele ser uma pessoa tão de Deus e de vida tão boa. E isto lhe torno a pedir, por mercê: não deixe de o fazer. E em tudo o que de minha parte a v. mercê disser o senhor mestre Iñigo, por me fazer mercê lhe dê tanto crédito como à minha própria pessoa daria. E dele se poderá v. mercê informar acerca das minhas necessidades e trabalhos, melhor do que de qualquer outra pessoa do mundo, por ele estar ao par das minhas misérias e dificuldades mais que ninguém no mundo.

8. E se v. mercê me quiser fazer a mercê de aliviar a minha muita pobreza, poderá dar, o que v. mercê me mandar, ao senhor Iñigo, portador da presente. Porque ele há de ir a Almazán[10], e leva certas cartas de um estudante muito meu amigo[11] – o qual estuda nesta universidade, e é natural de Almazán, e é muito bem provido, e por via muito segura – o qual escreve a seu pai que, se o senhor Iñigo lhe der alguns dinheiros para certos estudantes de Paris[12], os envie juntamente com os seus e na mesma moeda. E já que se oferece via tão segura, suplico a v. mercê que tenha memória de mim.

---

[10] De Obanos seguiu Inácio para Almazán (Soria), onde viviam os pais de Laínez, e dali foi a Toledo visitar os familiares de Salmerón (MI *Scripta* I 90).

[11] Diogo Laínez, nascido em Almazán em 1512, foi estudar para Paris em 1533, onde se juntou ao grupo de Inácio. Morreu em 1565, como Superior Geral da Companhia de Jesus (1558-1565), cargo que assumira logo a seguir ao Fundador. Seus pais eram João Laínez e Isabel Gómez de León (*Lainii Mon.* I p.VII-XII).

[12] Além de Xavier e Laínez tinham-se juntado ao grupo de Inácio até àquele ano de 1535: o saboiano Pedro Fabro, o português Simão Rodrigues e os espanhóis Afonso Salmerón e Nicolau Bobadilha. A estes dois últimos se refere principalmente Xavier.

9. De cá, não sei que mais dar a saber a v. mercê a não ser que o nosso caro sobrinho[13] fugiu desta Universidade e que fui atrás dele até Nossa Senhora de Cleri, que está a trinta e quatro léguas de Paris. Suplico a v. mercê que me faça saber se ele chegou a Navarra, porque dele muito me temo que nunca será bom. Das coisas de cá, em que pararam estas heresias, o senhor mestre Iñigo, portador da presente, dirá quanto eu por carta poderia escrever.

Assim acabo, beijando por mil vezes as mãos de v. mercê e da senhora; cujas vidas de v. mercês nosso Senhor acrescente por muitos anos, como é desejo dos mui nobres corações de v. mercês.

De Paris, a 25 de Março

De v. mercê mui certo servidor e menor irmão

FRANCÉS[14] DE XAVIER[15]

---

[13] Não foi ainda possível identificar o sobrinho a que se refere Xavier.

[14] Esta forma do nome Francisco era bastante usada em Navarra. Mesmo num interrogatório de testemunhas ocorrido em 1551, ainda aparece essa forma (CROS, *Doc. Nouv.* I 38; 82; II 262; II 230).

[15] *Xavier* era a forma nominal mais usada pela família e em Navarra, antes da anexação do reino (cf. CROS, *Doc. Nouv.* I 217; 254; EX I 13, n.18). *Javier* é a forma castelhana.

2
DECLARAÇÃO DOS PRIMEIROS JESUITAS SOBRE O VOTO DE OBEDIÊNCIA QUE HAVIAM DE FAZER

Roma, 15 de Abril 1539
Duma cópia em latim, feita no sec.XVI

*HISTÓRIA – Os companheiros de Inácio de Loyola deixaram Paris em 1536 para se dirigirem a Veneza e aí prepararem a peregrinação à Terra Santa a que se tinham obrigado por voto em Montmartre (Paris). Impedidos pela guerra com os turcos, dirigiram-se a Roma, para se oferecerem ao serviço do Papa. Mas, como o Papa quisesse começar a mandar alguns para diversas partes, os companheiros, antes de se dispersarem, quiseram deliberar sobre o seu futuro como grupo. Por isso, «desde meados da Quaresma» de 1539, fizeram essas deliberações que, terminadas em 24 de Julho, seriam o fundamento do primeiro esboço de Constituições da Companhia de Jesus que viriam a fundar. Um relatório contemporâneo dessas deliberações, escrito por mão de António de Estrada, conservou-se (*MI *Const.* I 2-7; cf. p. XXXV-XL). *Na primeira noite foi proposta a dúvida, se convinha ou não que os companheiros se organizassem num corpo. Resolvida esta dúvida pela afirmativa, passaram a outra mais difícil: se, além dos votos que já tinham feito, de castidade e pobreza, convinha fazerem um terceiro – o de obediência. «Depois de termos discutido, por muitos dias, os prós e contras, concluímos, sem discordância absolutamente de nenhum, que a solução da dúvida era: ser para nós mais vantajoso e até necessário, prestar obediência a alguém dos nossos»* (ib. 7).

Eu N., abaixo assinado, declaro, em presença de Deus omnipotente, da beatíssima Virgem Maria e de toda a corte celestial, que, tendo feito antes oração a Deus e pensado maduramente o assunto, livremente determinei ser, a meu juízo, mais conducente à glória de Deus e perpetuidade da Companhia, que houvesse nela voto de obediência, e deliberadamente me ofereci, mas sem voto nem obrigação alguma, a entrar na Companhia, se o Papa, por concessão do Senhor, vier a confirmá-la; para memória desta deliberação

[que por dom de Deus reconheço ter assumido], me acerco agora à sacratíssima comunhão, embora indigníssimo, com essa mesma deliberação.

Terça-feira, quinze de Abril 1539

CÁCERES[1], JOÃO CODURI[2], LAÍNEZ[3], SALMERÓN[4], BOBADILLA[5], PASCÁSIO BROET[6], PEDRO FABRO[7], **FRAN-**

---

[1] Diogo de Cáceres, espanhol, amigo de Inácio em Paris, cujo instituto determinara seguir (POLANCO, *Chron* I 33; 50), chegara em princípios de 1539 a Roma, onde veio a participar nas deliberações dos companheiros. Nesse mesmo ano, regressou a Paris, onde continuou os estudos com outros estudantes da Companhia e foi ordenado sacerdote. Mas em 1541 deixou a Companhia de Jesus e passou ao serviço de Francisco I, rei de França (*Epp. Mixtae* I 15-16; 61; 63; 66; 68; 70; 72-73; V 628; *Fabri Mon*. 105; *Lainii Mon*. I 8; MI *Scripta* II 3; *Epp*. I 133; TACCHI VENTURI II 197, n.2; *Xav. Epp*. 12,4). Não confundir este *Diogo* de Cáceres com outro companheiro de Inácio em Alcalá, *Lope* de Cáceres (natural de Segóvia), num grupo que já se tinha desfeito (MI *Epp*. I 88-89, n.6; POLANCO, *Chron*. I 33).

[2] João Codure, nascido em Seyne (Provence) em 1508 ou 1509, juntou-se em Paris ao grupo de Inácio em 1536, e veio a morrer em Roma em 1541 (*Epp Broeti* 409-413; TACCHI VENTURI, II 123-124; KOCH 344).

[3] Diogo Laínez (cf. doc 1).

[4] Afonso Salmerón, nascido em Toledo em 1515, juntou-se em Paris aos companheiros de Inácio em 1533 e morreu em Nápoles em 1585 (*Epp*. *Salmer*. I p.V-XIX; TACCHI VENTURI II 143-144; KOCH 1585).

[5] Nicolau Afonso de Bobadilla, nascido em Bobadilla del Camino (Palencia) em 1508 ou 1509, chegou a Paris em 1533, onde se juntou aos companheiros de Inácio, e morreu em Loreto (Itália) em 1590 (*Bobad. Mon*. p. VI-VIII 613-617; TACCHI VENTURI II 133-136; KOCH 219).

[6] Pascásio Broet, nascido em Bertrancourt (Picardia), cerca do ano 1500, chegou a Paris em 1534, onde se juntou aos companheiros de Inácio em 1536 e aí veio a morrer em 1562 (*Epp*. *Broeti* 9-11; TACCHI VENTURI II 134; KOCH 266).

[7] Pedro Fabro (Lefèvre), nascido em Villaret (Sabóia) em 1506, chegou a Paris em 1525 onde foi primeiro, companheiro de colégio com Inácio e Xavier e, em 1531 passou a ser companheiro do grupo de Inácio. Morreu em Roma em 1546 e foi beatificado em 1872 (*Fabri Mon*. 490-498; TACCHI VENTURI II 104-110; KOCH 1413.

CISCO[8], IGNACIO[9], SIMÃO RODRIGUES[10], CLAUDIO JAYO[11].

[8] Francisco Xavier.

[9] Inácio de Loyola.

[10] Simão Rodrigues de Azevedo, nascido em Vouzela (Beira Alta) em 1510, chegou a Paris em 1527, juntou-se aos companheiros de Inácio em 1532, morreu em Lisboa em 1579. Foi fundador e primeiro Superior da Província portuguesa da Companhia de Jesus (*Epp. Broeti* 455-509; RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal* I/1, 41-97; TACCHI VENTURI II 125--127; KOCH 1553).

[11] Cláudio Jaio (Le Jay), nascido em Mieussy (Alta Sabóia) entre 1500 e 1504, chegou a Paris em 1534, onde se juntou aos companheiros de Inácio em 1535. Morreu em Viena em 1552 (*Epp. Broeti* 258-264; TACCHI VENTURI II 127--133; KOCH 1090).

3
DETERMINAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Roma, 4 de Março 1540

Tradução do original escrito pelo P. Coduri

HISTÓRIA – No dia 24 de Julho de 1539, Inácio e os seus companheiros davam fim às deliberações preparatórias sobre as Constituições da Companhia ou Ordem religiosa que iriam fundar (MI Const. I 9-14). *No mês de Agosto, já estava redigido o primeiro* Sumário *ou fórmula do Instituto da Companhia de Jesus* (ib. 16-20) *e, a 3 de Setembro, era aprovado de viva voz por Paulo III* (ib. 21-22). *Nas mencionadas deliberações tinha-se estabelecido que, em todas as coisas em que se houvesse de decretar sobre toda a Companhia, principalmente sobre as suas Constituições, se devia ater ao voto da* maioria (*ib*. 13). *No* Sumário *do Instituto dizia-se mais expressamente: «nas coisas de maior importância e perpétuas» decida «a* maioria *de toda a Companhia que puder ser comodamente convocada pelo Superior dela»* (*ib.* 17). *Naquela altura, os companheiros só tinham sido enviados pelo Papa a terras de Itália: em Maio de 1539, os Padres Rodrigues e Broet a Sena; em Junho, Fabro e Laínez a Parma e, Coduri, a Velletri; no Outono, Bobadilha ao reino de Nápoles. Como, porém, os restantes quatro companheiros iriam ser enviados para fora de Itália, a expressão* «maioria» *necessitou de nova declaração. Por esse o motivo foi redigido o documento que a seguir publicamos.*

Jesus, Maria

Se acontecer, como piedosamente cremos, por disposição de Deus infinitamente bom e grande, que, por mandato do Sumo Pontífice, cabeça de toda a Igreja, venhamos a ser distribuídos por diversas partes do mundo, e essas longínquas[1]; considerando nós, os que nos juntámos em corpo, que podem sobrevir muitas coisas que poderão

[1] Rodrigues e Bobadilha estavam destinados à Índia (*Bobd. Mon.* 618), Coduri e Salmerón à Irlanda (*Epp. Broeti,* 418-419; *Bobad. Mon.* 22). Os votos de Rodrigues e Coduri foram escritos em 5 de Março (*Epp. Broeti* 520; 418).

tocar no bem de toda a Companhia, como a de fazer Constituições e outras quaisquer; pareceu-nos a todos os que neste momento nos encontramos em Roma, e assim o determinamos, e em sinal de ser assim verdade, abaixo assinamos por próprio punho e letra os nossos nomes, que todas estas coisas se deixem ao juízo e decisão do maior número de votos daqueles da nossa corporação que, morando na Itália, possam ser convocados ou serem-lhes pedidos os votos por cartas dos que se encontrarem em Roma; e vista assim a maior parte dos votos dos que, como se disse, estiverem nessa ocasião em Itália, poderão decidir acerca das coisas sobreditas, pertencentes a toda a nossa Companhia, como se toda ela estivesse presente; assim pareceu a todos e o tiveram por bem no Senhor.

A 4 de Março de 1540

IÑIGO, SIMÃO RODRIGUES[2], JOÃO CODURI[3], ALFONSO SALMERÓN, CLAUDIO JAYO[4], FRANCISCO[5]

---

[2] Simão Rodrigues tinha sido chamado pouco antes de Sena a Roma (RODRIGUES, *Hist*. I/1, 228, n.4); no dia 5 de Março saiu de Roma para Lisboa (*ib*. 230).

[3] Para a expedição à Irlanda, tinham sido escolhidos primeiro Coduri e Salmerón; morto inesperadamente Coduri em 1541, foi substituído por Broet (*Epp. Broeti* 418-433). No Outono de 1541 foi a partida (*Epp. Salm*. I, p. VII 2-10).

[4] Jaio (*Le Jay*) foi enviado a Bagnorea a 17 de Abril.

[5] Xavier. Faltam as assinaturas de 4 dos 10 primeiros companheiros: Fabro e Laínez estavam ainda em Parma (*Fabri Mon*. 498), Broet em Sena (*Epp. Broeti* 509-513), e Bobadilla só a 13 ou 14 de Março chegou a Roma (*Bobad. Mon.* 22).

4
DECLARAÇÃO, VOTO, VOTOS
Autógrafo de Xavier

HISTÓRIA – Bobadilha estava destinado para a Índia e devia partir de Roma a 15 de Março com D. Pedro de Mascarenhas, embaixador português na cidade eterna. Como, porém, a 13 ou 14 de Março tinha chegado de Nápoles a Roma cheio de febre e a juízo do médico estava incapaz de fazer viagem, foi Xavier destinado à Índia, quase à última hora (cf. Bobad. Mon. 22; RODRIGUES, Hist. I/1, 227-230). *Não estando então a Companhia ainda juridicamente fundada, nem o Superior Geral ainda eleito, Xavier, antes da sua partida, deixou estas três declarações que a seguir publicamos. Nelas, dá a sua aprovação às futuras Constituições que forem feitas quando a Companhia vier a ser confirmada por Bula pontifícia, dá o seu voto para a futura eleição do Superior Geral e subscreve a fórmula dos votos religiosos que haverá de fazer nas mãos do Superior Geral.*

SUMÁRIO: 1. Declaração de Xavier acerca das Constituições da Companhia de Jesus. – 2. Voto para a eleição do Superior Geral. – 3. Os seus votos religiosos simples.

1. Eu, Francisco, digo assim: que concedendo Sua Santidade o nosso modo de viver[1], estou por tudo aquilo que a Companhia ordenar acerca de todas as nossas Constituições, regras e modo de viver, juntando-se em Roma os que a Companhia puder comodamente convocar e chamar; e, uma vez que Sua Santidade envia muitos de nós a diversas partes fora de Itália, os quais não poderão todos juntar-se, por esta digo e prometo estar por tudo aquilo que ordenarem os que se puderem juntar, quer sejam dois, quer sejam três, ou os

---

[1] A Companhia de Jesus foi aprovada por Paulo III com a Bula *«Regimini militantis Ecclesiae»* a 27 de Setembro de 1540 (cf. MI, *Const*. I 24-32).

que forem: e assim, por esta, assinada por minha mão, digo e prometo estar por tudo aquilo que eles fizerem[2].

Escrita em Roma no ano 1540, a 15 de Março
FRANCISCO

2. Do mesmo modo, eu, Francisco, digo e afirmo que, de modo nenhum persuadido por homem, julgo que aquele que há de ser eleito por Superior da nossa Companhia, ao qual todos havemos de obedecer[3], parece-me, falando conforme me assegura a minha consciência, que seja o prelado nosso antigo e verdadeiro pai Dom Inácio, o qual, uma vez que nos juntou a todos com não poucos trabalhos, não sem eles nos saberá melhor conservar, governar e aumentar de bem em melhor, por estar mais ao par de cada um de nós; e depois da sua morte, falando segundo o que a minha alma sente, como se tivesse de morrer por isto, digo que seja o padre *micer*[4] Pedro Fabro[5]; e, nisto, Deus me é testemunha de que não digo outra coisa do que sinto; e porque é verdade, ponho a minha assinatura por própria mão.

Escrita em Roma no ano 1540, 15 de Março
FRANCISCO

---

[2] Em 4 de Março de 1541, Inácio, Jaio, Laínez, Broet, Salmerón e Codure juntaram-se em Roma «em nome também dos ausentes que nos tinham dado os seus votos» e encarregaram Inácio e Codure de «estudarem os assuntos da Companhia de forma a serem interpretados segundo a Bula de confirmação» etc. (MI *Const.* I 34).

[3] No dia 4 de Abril de 1541, Inácio foi eleito Superior Geral (cf. relatório em MI *Scripta* II 4-9). Os votos dos 6 companheiros presentes e os restantes dos ausentes (Xavier e Rodrigues em Portugal, Fabro na Alemanha) permaneceram três dias na urna fechada (*ib.* 4; cf. 9). O documento público da eleição, que refere também o voto de Xavier, foi redigido em 22 de Abril de 1541 (*ib.* 8-9).

[4] *Micer* quer dizer *meu Senhor*. Tinha sido, antigamente, um título honorífico da coroa de Aragão e, no século XVIII, ainda se aplicava, por exemplo, aos letrados e legistas, nas ilhas Baleares. *Micer* Paulo, que aparece muitas vezes nos escritos seguintes, é o P. Paulo Camerte ou de Camerino.

[5] A amizade entre Xavier e Fabro é muito conhecida. O voto de Fabro era em primeiro lugar para Inácio e em segundo lugar para Xavier (MI *Const.* I 32-33; *Fabri Mon.* 51-53).

3. Assim mesmo, depois de a Companhia se ter juntado e eleito o Superior, eu, Francisco, prometo agora, para então, perpétua obediência, pobreza e castidade; e assim, padre meu em Cristo caríssimo Laínez, vos rogo por serviço de Deus Nosso Senhor que, na minha ausência, vós, por mim, apresenteis esta minha vontade, com os três votos de religião, ao Superior que elegerdes, porque desde agora, para o dia em que se fizerem, os prometo guardar[6]; e, porque é verdade, ponho a presente assinatura, feita por minha própria mão. Escrita em Roma no ano 1540, a 15 de Março[7].

FRANCISCO

[6] A profissão solene dos primeiros companheiros foi feita em 22 de Abril de 1541, na basílica romana de S. Paulo extra muros (MI *Const*. I 67-68; *Scripta* II 6-9; *Fontes Narr*. I 16-22).

[7] Naquele mesmo dia partiu Xavier de Roma com o embaixador português D. Pedro de Mascarenhas (RODRIGUES, *Hist*. I/1, 229-230).

5
AOS PADRES INÁCIO DE LOYOLA
E PEDRO CODÁCIO

Bolonha, 31 de Março 1540
Autógrafo de Xavier em castelhano

SUMÁRIO: 1. Alegra-se com as cartas recebidas dos companheiros no dia de Páscoa e promete escrever frequentemente e ao modo como lhe indicam. – 2. Benevolência do cardeal Bonifácio Ferreri para com Xavier e a Companhia de Jesus nascente. – 3. Fervor do Embaixador português e da sua comitiva durante a viagem. – 4. Manda consolar em seu nome a senhora Faustina Ancolina pelo assassínio de seu filho. – 5. Trabalhos pastorais em Bolonha.

IHUS.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor.

1. No dia de Páscoa[1] recebi umas cartas vossas[2], num embrulho que vinha para o senhor Embaixador[3] e, com elas, tanto gozo e consolação quanto Nosso Senhor sabe. E já que, só por cartas creio que

---

[1] Dia 28 de Março.

[2] Inácio enviou duas cartas a Xavier no dia 21 de Março: uma de recomendação para o seu irmão Beltrão residente em Loyola, escrita em 20 de Março de 1540 (ed. MI *Epp*. I 155); outra, que se perdeu, para o próprio Xavier.

[3] D. Pedro de Mascarenhas, senhor de Palma, nascido em 1483, Embaixador português em Roma em 1538-1541, Vice-rei da Índia em 1554-1555, amicíssima da Companhia de Jesus, morreu em Goa em 1555 (RODRIGUES, *Hist*. I/1, 212-216; COUTO 7, 1, 12; a data do seu nascimento encontra-se em CC 1-94--74). A carta de Inácio era de 21 de Março (MX II 134 = Q 528). A sua resposta a Inácio era de 31 de Março 1540.

nesta vida nos veremos, e na outra cara a cara[4] com muitos abraços, resta que, neste pouco tempo que desta vida nos fica, por frequentes cartas nos vejamos. Eu assim o farei, como acabais de mo mandar: quanto ao de escrever a miúde cumprindo a ordem das folhazitas[5] [aparte].

2. Com o cardeal Ibrea[6] falei muito a meu prazer, pela ordem que me escrevestes. Recebeu-me muito humaníssimamente, oferecendo-se muito a favorecer-nos em tudo o que ele pudesse[7]. O bom velho, já quando me despedia dele, começou a abraçar-me ao beijar-lhe eu as mãos. E, a meio do arrazoado que lhe fiz, pus-me de joelhos e, em nome de toda a Companhia, beijei-lhe as mãos: pelo que ele me respondeu, e eu acredito, ele está muito bem com o nosso modo de proceder.

3. O senhor Embaixador faz-me tantos regalos, que não poderia acabar de os descrever. E não sei como poderia suportá-los, se não pensasse e tivesse quase por certo que, entre os índios, com não menos que a vida, se haveriam de pagar. Em Nossa Senhora do Loreto, no domingo de Ramos, confessei-o e dei-lhe a comunhão a ele e a muitos da sua casa: na capela de Nossa Senhora[8] disse Missa, e o bom Embaixador fez que, juntamente com ele, comungassem

---

[4] Cf. 1Cor 13,12.

[5] *Folhazita* era uma carta adjunta à principal, em que se escreviam os assuntos de carácter reservado ou especial, não comunicáveis a todos (cf. MI, *Epp*. I 236-238 e *Cartas de S. Ignacio* I 147-151).

[6] Bonifácio Ferreri, nascido em Vercelli, foi designado cardeal de Ibrea em 1517, cidade de que já fora bispo em 1488-1509 e de novo em 1511-1518. Nomeado Legado de Bolonha em 1539, morreu em 1543 (VAN GULIK-EUBEL, *Hierachia Catholica* III 17 230; 351).

[7] Para demover o cardeal Guidiccioni da sua forte oposição à aprovação da Companhia de Jesus, Inácio implorou nessa altura a intercessão de pessoas da grande influência, entre as quais até a do duque de Ferrara, a do arcebispo de Sena, a da cidade de Parma e, como indica esta carta, a do Legado de Bolonha (TACCHI VENTURI II 317, n.2).

[8] Santa Casa.

todos os de sua casa dentro da capela. E depois, no dia de Páscoa, confessei-o e dei-lhe a comunhão outra vez, [a ele] e outros devotos da sua casa. O capelão do senhor Embaixador recomenda-se muito às orações de todos, e tem-me dado promessas de ir connosco para as Índias[9].

4. À senhora Faustina Ancolina[10] dareis as minhas recomendações: dizei-lhe que disse Missa pelo seu Vincencio[11] e meu, e que direi amanhã outra por ele; e que tenha por certo que eu nunca me esquecerei dela, mesmo quando estiver nas Índias. E da minha parte, *micer* Pedro[12], irmão meu caríssimo, fazei-lhe lembrar que me mantenha a promessa que me fez de se confessar e comungar, e que me faça saber se o tem feito e quantas vezes. E se quer dar prazer ao seu e meu Vincencio, dizei-lhe da minha parte que perdoe aos que mataram o seu filho[13], pois por eles roga muito Vincencio no céu.

---

[9] Não foi possível encontrar o seu nome; mas não chegou a ir para a Índia.

[10] Faustina de Jancolini, viúva de Ubaldo de Ubaldis, nobilíssima matrona romana, faleceu em Roma em 1556. No testamento, redigido em 23 de Dezembro de 1539, deixou por sua morte à Companhia de Jesus a sua casa, junto aos terrenos da actual Piazza Colona (TACCHI VENTURI , *Storia della Compagnia di Gesù in Itália* I/2, 223-229; II 353-360).

[11] A dor que lhe ficou do seu filho assassinado, até no testamento deixou vestígios: «viúva, encontrando-se sozinha… tristíssima e dolorosíssima pela morte já do seu único e cordialíssimo filho, messer Vincentio de Ubaldis» (*ib*. I/2, 224-225).

[12] Pedro Codacio (Codazzo) S.I., nascido em Lodi , cónego da catedral do mesmo lugar, curial do Papa Paulo III, abastado em rendas eclesiásticas, entrou na Companhia de Jesus em 1539, à qual doou a primeira igreja (S. Maria della Strata) que esta teve em Roma e a casa. Foi o primeiro procurador da Companhia de Jesus. Morreu em Roma em 1549 (*ib*. II 333-339 419-421).

[13] Sobre a morte de Vicente que, aos 28 anos, infaustamente foi morto em 11 de Novembro de 1538 no monte Maggio perto de Rovereto, narra a inscrição do sepulcro: «A Vincento de Ubaldis, romano, capitão de infantaria, trucidado cruelíssimamente, embora não impunemente, na flor da juventude, pelos soldados alpinos, na matança do monte Maggio contra Marcelo, quando reclamava o dinheiro emprestado, Faustina Jancolina, romana, mãe piedosíssima, ao seu filho

5. Cá, em Bolonha, estou mais ocupado em ouvir confissões[14] do que estava em São Luís[15]. Recomendai-me muito a todos, pois é verdade que não é por esquecimento que deixo de os nomear.

De Bolonha, último de Março 1540
Vosso irmão e servo em Cristo
FRANCISCO

---

amantíssimo, com cuja morte desapareceu a esperança da estirpe dos Ubaldi, inconsolável… pôs» (TACCHI VENTURI II 355-356).

[14] Na igreja de S. Luzia.

[15] S. Luís dos franceses, em Roma.

6
AOS PADRES INÁCIO DE LOYOLA E NICOLAU BOBADILHA (ROMA)

Lisboa 23 de Julho 1540
Cópia em castelhano,
feita em Roma pelo P. Ribadeneira em 1540

SUMÁRIO: 1. Viagem para Portugal. Fervor religioso do Embaixador e da sua comitiva. Confissões. – 2. Perigos que passou um cavaleiro ao atravessar um rio. – 3-4. Simão Rodrigues recupera da febre quartã à chegada de Xavier. Disposições de muitos para o serviço de Deus. – 5. Conversa dos Padres com o Rei e a Rainha, aos quais informam sobre a nascente Companhia de Jesus. – 6. Recomendam aos Padres que confessem os moços fidalgos da corte. – 7. Alguns procuram reter os Padres em Portugal. – 8. Os Padres procuram companheiros aptos para a missão na Índia. Esperanças que têm. – 9. Preparam-se para começar a pregar.

IHUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor sejam sempre em nossa ajuda e favor. Ámen.

1. Muitos e contínuos foram os benefícios que Cristo Nosso Senhor nos fez, na vinda de Roma para Portugal. Tardamos no caminho, até chegar a Lisboa, mais de três meses[1]. Em tão longo caminho e com tantos trabalhos, vir sempre com muita saúde o senhor Embaixador[2] e toda a sua casa, desde o maior ao mais pequeno, coisa é para dar muitos louvores e graças a Cristo Nosso Senhor. Com efeito, além da sua habitual ajuda, especialmente punha a sua mão

---

[1] Escreve o Embaixador D. Pedro de Mascarenhas que Xavier partiu com ele de Roma a 15 de Março (*Corpo Diplomático Português* VI 298; 300). Chegou a Lisboa em fins de Junho (RODRIGUES, Hist. I 241, n.1).

[2] D. Pedro de Mascarenhas.

para de todos os perigos nos livrar e para, assim, o senhor Embaixador governar com tal ordem toda a sua casa que parecia mais casa de religiosos que de um secular, confessando-se e comungando [ele] muitas vezes; e os criados, tomando exemplo dele, faziam o mesmo, imitando-o. A tal ponto que, pelos caminhos, quando não era possível achar disposição nas pousadas aonde chegávamos, para confessar os seus criados, tínhamos de nos desviar do caminho e, apeando-nos, os costumava confessar.

2. Vindo por Itália, quis Nosso Senhor mostrar-se milagrosamente em um dos seus criados: naquele que esteve aí em Roma a ponto de se fazer frade. Atravessando ele uma ribeira muito grande[3] contra vontade de todos, foi tão grande a força do rio que, em presença de todos, a ele e ao cavalo levou a água mais longe do que desde a pousada em que vos deixamos em Roma[4] até S. Luís [dos franceses]. Quis Deus Nosso Senhor ouvir as devotas orações do seu servo, o senhor Embaixador, o qual eficazmente com todos os seus, não sem lágrimas, rogava instantemente ao Senhor que o livrasse. Assim quis Nosso Senhor livrá-lo, mais milagrosamente que humanamente. Este era um moço de estrebaria. Folgara ele mais, ao tempo em que ia pela água abaixo, estar no mosteiro, do que onde se achava [agora], pesando-lhe muito ter diferido tanto o que muito desejava ter cumprido. Disse-me, quando lhe falei, que em todo o tempo que andou na água a perder-se, sem nenhuma esperança de salvar-se, não lhe dava outra coisa tanta pena como a de haver vivido tanto tempo sem dispor-se para morrer. E juntamente com isto me dizia que lhe doía muito na alma não ter cumprido e posto por obra o que Deus Nosso Senhor lhe tinha começado acerca do seu modo de viver. Desta maneira dava ânimo a todos. Ficou tão espantado que parecia que vinha do outro mundo. Com tanta eficácia falava das penas do outro mundo, como

---

[3] Talvez o rio Taro, perto de Parma, que em Março atingia grandes cheias (cf. A. SCHOTTI, Itinerarium Italiae, Amsterdão 1655, p.152).

[4] Casa de António Frangipani (Via Delfini 16).

se delas tivesse tido experiência, dizendo que, quem na vida não se dispõe a morrer, à hora da morte não tem ânimo para recordar-se de Deus. Falava este bom homem do que por experiência veio a saber: não por havê-lo lido ou ouvido dizer, senão por haver passado por isso. Muita compaixão tenho por muitos dos nossos amigos e conhecidos, temendo-me que tanto adiem os seus bons pensamentos e desejos de servir a Deus Nosso Senhor que, quando os quiserem pôr em execução, não tenham tempo nem oportunidade.

3. No dia em que cheguei a Lisboa, achei Mestre Simão[5], que naquele mesmo dia esperava a febre quartã. Com a minha vinda, foi tal o prazer que recebeu, e foi tanto o meu com o seu, e juntados ambos os prazeres causaram tal efeito, que deitaram fora a quartã de tal maneira que, nem naquele dia nem noutro o tomou a febre. Isto há já um mês. Ele está muito bom e faz muito fruto. – De cá vos faço saber que há muitas pessoas devotas nossas. Tantas que temos muito trabalho em não poder cumprir com todas, por serem elas pessoas de qualidade e por não termos [nós] tempo.

4. Cá há muitas pessoas boas, que vivem com desejos de servir a Nosso Senhor, se houvesse quem as ajudasse, dando-lhes alguns Exercícios Espirituais[6] para porem em obra o bem que, de dia para dia, adiam em fazer. Na verdade, por depressa que comecem os homens a fazer o que sabem ser bom, hão-de dar conta, querendo bem reparar nisso, que tardam em pô-lo por obra. Este conhecimento inteiro ajuda a muitos a despertar e a não achar paz onde não a há, principalmente aqueles que, contra toda a razão, procuram trazer Nosso Senhor aonde que eles desejam, não querendo ir aonde Deus Nosso Senhor os chama, deixando-se guiar mais por suas desordenadas afeições que pelos bons desejos que neles habitam. Destes é de

[5] Simão Rodrigues.

[6] Retiro de «exercícios espirituais», segundo o conhecido método de S. Inácio (Trad. portug.: INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, A. O., Braga, 1999 – cf. n.1).

ter mais compaixão que inveja, vendo-os caminhar tanto costa arriba e por caminho tão difícil e perigoso e, em paga de tantos trabalhos, virem a parar num fim tão trabalhoso.

5. Passados três ou quatro dias depois que chegámos a esta cidade, o Rei mandou-nos chamar e recebeu-nos muito benignamente. Estava ele só com a Rainha, numa sala, onde estivemos mais de uma hora com eles. Perguntaram-nos muitos pormenores acerca do nosso modo de proceder e do modo como nos conhecemos e nos juntámos e quais foram os nossos primeiros desejos, e [também acerca] das nossa perseguições em Roma. Muito gostaram de saber como se manifestou a verdade e de termos levado tanto a coisa avante que viesse a conhecer-se a verdade do que nos imputavam. Deseja muito Sua Alteza ver a sentença que se deu em nosso favor[7]. Todos cá se edificam de que tenhamos levado tanto a coisa avante até que se desse a sentença. Tanto se edificam que lhes parece que, se a coisa não se fizesse como se fez, nunca faríamos fruto nenhum. Ao parecer dos de cá, nunca coisa melhor fizemos que resolvê-lo por sentença e que se visse a verdade. O Rei e a Rainha mostraram-se muito contentes connosco, ao ficarem ao par das nossas coisas. No fim de toda a conversa, Sua Alteza mandou chamar a sua filha a Infanta[8] e o seu filho o Príncipe[9], para que os conhecêssemos e deu-nos parte dos filhos e filhas que Nosso Senhor lhe tinha dado, dos que se lhe morreram e dos que estão vivos[10].

---

[7] Sobre a perseguição romana de 1538 pode ver-se TACCHI VENTURI II 153-169. A sentença pronunciada pelo governador B. Conversini em 18 de Nov. 1538 encontra-se em MI *Scripta* I 627-629.

[8] D. Maria.

[9] D. João, nascido em Évora em 1537, falecido em Lisboa em 1554 (F. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* II 371).

[10] Além destes dois, D. João III tinha estes filhos: Afonso (nascido em 1526, morreu na infância), Isabel (nascida em 1529, morreu na infância), Beatriz (nascida em 1530, morreu na infância), Manuel (nascido em 1531, morreu em 1537), Filipe (nascido em 1533, morreu em 1539), Dionísio (nascido em 1535, morreu em 1537), António (nascido em 1539, morreu em 20 de Janeiro de 1540). Além

6. Assim o Rei como a Rainha, mostraram-nos muito amor. Recomendou-nos muito Sua Alteza, naquele mesmo dia em que falámos com ele, que confessássemos os moços fidalgos da sua corte, porque o Rei fez uma constituição na sua corte, que todos os moços fidalgos se confessem de oito em oito dias. Recomendou-nos muito que olhássemos por eles, dizendo-nos Sua Alteza que, se de moços conhecerem e servirem a Deus, quando forem grandes darão muito boa estimação; e que, sendo eles quais devem ser, a outra gente baixa tomará exemplo deles e, assim, se reformarão os seculares do seu Reino: tem por certo que, reformados os nobres, grande parte do seu Reino será reformada. Coisa é muito para maravilhar e para dar muitas graças a Nosso Senhor, ver quão zeloso da glória de Deus Nosso Senhor é o Rei e quanto é afeiçoado a todas as coisas pias e boas. Todos os da Companhia lhe devemos muito, pela boa vontade que nos tem, assim a todos os daí como aos de cá. Disse-me o Embaixador, que falou com o Rei depois de ele ter falado connosco, que lhe disse o Rei, seu senhor, que gostaria muito de nos ter cá a todos os que somos da Companhia, ainda que lhe custasse parte da sua fazenda.

7. Procuram cá, muitas pessoas conhecidas nossas, impedir a nossa partida para as Índias[11], parecendo-lhes que faremos cá mais fruto em confissões, conversas em particular, Exercícios Espirituais, administração de sacramentos, exortação das pessoas à confissão e comunhão frequentes e pregações, do que se fôssemos para as Índias. Procura o confessor do Rei[12] e o pregador[13] que não vamos, senão

---

destes, mais dois filhos ilegítimos: Eduardo (nascido em 1521, morreu em 1543) e Manuel, que morreu na infância (Ib. 370-371).

[11] Entre elas, Bento Ugoccioni (MX I 216).

[12] Frei João Soares de Albergaria, OESA.

[13] Parece referir-se a Fr. Francisco de Villafranca, OESA, então pregador principal da corte e confessor da Rainha. Nascido em Toledo em 1474, morreu em Lisboa em 1555. Sobre ele tratam J. ANTONIO, *Flos Sanctorum Augustiniani* I (Lisboa 1721) 703-716; RODRIGUES, *Hist.* I/1, 300; *Corpo Diplomático Por-*

que fiquemos cá, dizendo que faremos mais fruto. [Mas] coisa é para maravilhar o fruto que dizem que havemos de fazer nas Índias. Isto dizem pessoas que estiveram lá muitos anos, por verem a gente muito preparada para receber a fé de Cristo Nosso Senhor. Dizem que, se este modo de proceder tão remoto de qualquer espécie de avareza tivermos lá, como o temos aqui, não duvidam que em poucos anos converteremos dois ou três reinos de idólatras à fé de Cristo, quando em nós virem e conhecerem que não buscamos outra coisa senão a salvação das almas. Grande é a esperança que aqui nos dão, os que estiveram muitos anos nas Índias, do fruto que lá havemos de fazer em serviço de Deus Nosso Senhor.

8. Aqui, muito procuramos encontrar alguns clérigos que, unicamente por serviço de Deus e salvação das almas, queiram ir para as Índias connosco. Parece-nos, presentemente, que em nenhuma coisa podemos aqui servir mais ao Senhor, que em buscar alguma companhia. É que, sendo uma dozena de clérigos, todos de uma mesma vontade e querer, não será menos senão muito o fruto que havemos de fazer. Aqui já se vão descobrindo alguns. Um clérigo, conhecido nosso de Paris[14], prometeu-nos ir connosco, e morrer e viver como nós, e ir com os mesmos desejos que vamos. Este, cremos que será muito certo, porque tem dado muitas provas de si. Há outro, de epístola[15], que em breve será clérigo, que se oferece de muita vontade. Além deste, está um doutor médico, muito conhecido nosso de Paris[16], que já prometeu ir connosco e somente usar da medicina se-

---

tuguês V 136. Além dele, pregavam também na corte, como refere Barros, Frei Soares (Compilação de várias obras de J. de Barros, Lisboa 1785, p. 207) e Frei Luís de Montoya (*Corpo Diplomático Português* V 136).

[14] Nome desconhecido. Talvez Gonçalo de Medeiros, o qual, porém, não era ainda clérigo (cf. MX; ep. 9,4; RODRIGUES, *Hist.* I/1, 254, n.4).

[15] Deve referir-se a um subdiácono, cujo nome se desconhece.

[16] Dr. Lopo Serrão, nascido na diocese de Évora, é mencionado juntamente com João Codure entre os «jurados» da Universidade de Paris no dia 20 de Outubro 1534 (*Acta Rectoria Universitatis Parisiensis*, Bibl. Nat. Paris, Mss. Lat. 9953, 3r).

gundo vir que o ajuda a salvar as almas e a trazê-las ao conhecimento de seu Criador e Senhor, e não por interesse temporal. Sempre procuramos e muito olhamos por juntar-nos com pessoas apartadas de toda a avareza. E não nos contentamos com que sejam apartadas de avareza, mas até de toda a aparência de avareza, de tal sorte que ninguém possa suspeitar de nós que andamos buscando mais o temporal que o espiritual.

9. O Rei falou a um Bispo, que muito nos ama[17], e a um confessor seu[18], para que pregássemos. Nós, adiando por alguns dias, para primeiro entrar pelas coisas baixas, não mostramos vontade de querer pregar, ainda que todos os que nos conhecem não desejam outra coisa. Sua Alteza mandou-nos chamar um dia e, depois de muitas coisas passadas, disse-nos que gostava que pregássemos. Então nos oferecemos de muita vontade para o fazer, assim por lhe obedecer como pela esperança que temos em Cristo Nosso Senhor que nos há-de favorecer, para que possamos fazer algum fruto nas almas. Começaremos, deste domingo que vem a oito dias, e não será de menos que façamos algum fruto, ao ver como os desta cidade nos são afeiçoados. O que a Nosso Senhor muito rogamos é que aumente a fé daqueles que de nós têm alguma expectativa ou opinião. E pela opinião que de nós têm, confiamos muito em Deus Nosso Senhor que, não olhando a nós mas à fé dos que nos desejam ouvir, nos há-de dar saber e graça para que possamos não só consolá-los, mas também dizer o que for necessário ou útil à salvação das [suas] almas.

De Lisboa, a 23 de Julho do ano 1540
Por todos estes vossos no Senhor caríssimos
FRANCISCO

Lá mesmo fez Exercícios Espirituais sob a orientação de Fabro (Xavier-doc. 7,5). Nenhum destes três foi com Xavier para a Índia.

[17] Parece falar de D. Ambrósio Pereira, OESA, bispo titular de Ruskoi (Trácia), coadjutor do Arcebispo de Lisboa. Sobre os dados incertos da sua vida, cf. RODRIGUES I/1, 285, n. 2.

[18] Fr. João Soares.

7
AOS PADRES INÁCIO DE LOYOLA E PEDRO CODÁCIO (ROMA)

Lisboa, 26 de Julho 1540
Autógrafo de Xavier, em castelhano

SUMÁRIO: 1. Pede o Breve de confirmação da Companhia de Jesus e o manualzito dos «Exercícios Espirituais» para os mostrar ao Rei. Grandes desejos do Embaixador de receber cartas dos primeiros companheiros jesuítas. – 2. Os Padres dão Exercícios Espirituais a algumas pessoas e preparam outras para isso. – 3. Vejam em Roma se Francisco de Estrada deve fazer os estudos em Coimbra. Oportunidade de ali fundar Colégio e noutros lugares alguma Casa própria. – 4. Incertezas da partida para a Índia. – 5. Pede, contudo, alguns poderes e instruções para agregar companheiros na Índia.

A graça e amor de Cristo nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor.

1. Depois de ter escrito muito longamente de tudo o de cá[1], aparecerem algumas coisas que nos esquecemos de escrever, entre as quais se contam as que se seguem. Se o Breve referente a toda a Companhia já tiver sido expedido[2], enviai-nos uma cópia, porque o Rei e os que nos são afeiçoados gostarão de o ver, assim como a sentença que o governador deu a nosso favor[3]. Os *Exercícios*[4] pediu-os o Rei, com desejo de os ver. Se nos enviásseis uma cópia dos corrigi-

---

[1] Xavier-doc. 6.

[2] Lit.: *Despedido*. Trata-se da aprovação pontifícia da Companhia de Jesus, ocorrida dois meses depois desta carta pela Bula «*Regimini militantis Ecclesiae*», 27.Set.1540.

[3] Sobre esta sentença, cf. Xavier-doc. 6.

[4] Cópia do manualzito dos *Exercícios Espirituais* de S. Inácio, que só foi impresso em 1548.

dos[5], parecendo-vos, também Sua Alteza gostará de os ver, pois está muito bem com toda a Companhia. Parece que todos os serviços lhe devemos, pelo acrescido amor que nos tem.

Recebemos duas cartas vossas, ambas muito breves: uma, escrita a 8 de Junho e a outra, no primeiro dia de Maio. O senhor Embaixador[6] gostará de receber alguma carta vossa. Algumas que lhe tendes escrito, recebidas no caminho de Roma a Portugal, sabei que as tem guardadas[7]. Se não puderdes escrever, fazei que as cartas que escreve Estrada[8] as possamos mostrar ao Embaixador, e nelas fale dele.

2. Agora, neste momento, estamos a dar Exercícios a dois licenciados em teologia: um, muito famoso pregador[9] e o outro, mestre de um irmão do Rei: do infante dom Henrique[10]. Com outras pessoas de qualidade fazemo-nos desejar, crendo que quanto mais os desejarem fazer, mais aproveitarão em fazê-los. Coisa é para louvar a Deus Nosso Senhor, a de ver muitos que se confessam e comungam.

3. Vede o que vos parece de Francisco de Estrada vir para a universidade de Coimbra, porque não faltará cá, para ele e para outros,

---

[5] Cf. *Epp. Mixtae* I 25; 29.

[6] D. Pedro de Mascarenhas.

[7] O Embaixador recebeu uma carta de Inácio em Bolonha. A sua resposta está editada em MX II 134. Mas no arquivo da família Mascarenhas não se conserva hoje nenhuma carta de Inácio.

[8] António de Estrada (Strata), S.I.

[9] Talvez Fr. Luís de Montoya, OESA, um dos pregadores da corte e dos primeiros fautores da Companhia de Jesus (*Epp. Mixtae* II 672-673) nascido em Belmonte (Cuenca) em 1497, admitido na Ordem dos Agostinhos em 1514, falecido em Lisboa com fama de santidade em 1569 (SANTIAGO VELA V 589-597; *Corpo Diplomático Português* V 136).

[10] D. Henrique, irmão de D. João III, nascido em 1512, administrador da Arquidiocese de Braga em 1533, seu Arcebispo em 1539, Arcebispo de Évora em Set. 1540, de Lisboa em 1564, cardeal desde 1545, Rei em 1578-1580, falecido em 1580 (F. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, p. 689, 738-739, 847-848; *História de Portugal* II 430-460). O nome deste mestre do Infante ignoramo-lo.

o necessário para os seus estudos[11]. Como a gente de cá é muito bem inclinada a todas as coisas pias e boas, não duvidamos que em breve se fará cá, nesta universidade, algum colégio. Nós, com o andar do tempo, não deixaremos de falar ao Rei sobre uma casa de estudantes. Para isso seria necessário sabermos a vossa intenção acerca da maneira que se há de ter, e de quem os há-de governar e o regulamento que hão-de ter para crescerem mais em espírito que em letras, para que, quando falarmos ao Rei, o informemos do modo de viver que hão-de ter os que estudarem nos nossos colégios. De tudo isto escrevei-nos longamente.

Não vemos dificuldade para que cá se edifique uma casa de colégio e outras das nossas. Muito gostariam os de cá fazer-nos casas, se houvesse pessoas para as habitar.

4. O Bispo, nosso amigo[12], disse-nos que o Rei não está de todo resolvido a enviar-nos para as Índias, parecendo-lhes que não menos serviremos cá a Nosso Senhor que lá. Contestaram[13] dois Bispos, parecendo-lhes que de nenhum modo devemos cá ficar, mas ir para as Índias, parecendo-lhes que alguns reis havemos de converter.

Nós sempre nos esforçamos por buscar companhia, e creio que não nos há-de faltar, à medida que se vão manifestando. Se ficarmos, faremos algumas casas, os que ficarmos. Para ficarem, apareceriam mais que para irem. Se formos, e Deus Nosso Senhor nos der alguns

---

[11] Francisco de Estrada (Strata), S.I., nascido em Dueñas (Palencia) pelo ano de 1519, admitido à Companhia de Jesus em Roma em 1538, morreu em Toledo em 1584 (ASTRAIN, *Historia de la Compañia de Jesus en la Assistência de España* I 204; TACCHI VENTURI, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia* II 223-225. Em Fevereiro de 1541 foi enviado a completar os seus estudos em Paris; daí, a Lovaina e, finalmente, em 1544, a Coimbra.

[12] Provavelmente D. Ambrósio Pereira, de que se falou no Doc. 6.

[13] Lit.: *instaron*. Segundo TELLES e FRANCO, o infante D. Henrique queria enviar os Padres para a Índia. Mas RODRIGUES (*Hist.* I/1, 259, n.3) baseado em sólidas razões acha falsa esta opinião. Talvez se trate antes de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, bispo de S. Tomé e, no ano de 1540, capelão da capela real.

anos de vida, faremos, com a ajuda de Deus, algumas casas entre os índios e negros.

5. Se o Breve que se refere a toda a Companhia não estiver despachado, fazei que nos dêem licença de edificar casas da nossa profissão entre infiéis. Tanto se ficarmos cá, como se formos para as Índias, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, escrevei-nos o modo e ordem que havemos de ter em fazer companhia, e isto muito por longo, pois estais ao par do nosso pouco talento. E se não nos ajudais, por falta de não saber negociar deixar-se-á de acrescentar o maior serviço de Deus Nosso Senhor.

De Lisboa a 26 de Julho, ano [1540
Por todos estes vossos
FRANCISCO]

(Postscrito da mão do doutor L. Serrão): Eu sou um doutor médico, [chamado M. Lopo] Serrão, que fiz os Exercícios em Paris com Mestre Pedro Fabro. Dado que pouco me aproveitei neles, agora, se Deus quiser, farei aqui, com os Irmãos, as eleições para ir para a Índia. Por amor de Nosso Senhor, roguem a Deus por mim, para que me faça bom médico nas coisas espirituais e, nas temporais, enquanto isso me ajuda às espirituais.

SERRÃO, DOUTOR[14]

[14] Sobre ele, ver Xavier-doc. 6.

8
A MARTÍN DE AZPILCUETA

Lisboa, 28 de Setembro 1540
Autógrafo de Xavier, em castelhano

SUMÁRIO: 1. Agradece cartas recebidas. – 2. Deseja informar o doutor por palavra sobre o Instituto da Companhia de Jesus. – 3. Recomenda-lhe o portador da carta.

IHUS

Mui reverendo senhor[1]

1. Recebi duas cartas de v. mercê desde que estou nesta cidade, e todas elas cheias de amor e caridade para comigo[2]. Cristo Nosso Senhor, por cujo amor se moveu a escrever-me, pague tanta cari-

---

[1] Martin de Azpilcueta y Jaurequízar, conhecido como doutor Navarro, celebérrimo professor de Direito civil e canónico, nasceu em Barasoáin (Valdorba, Navarra) em 1492. Cónego dos regulares de S. Agostinho de Roncesvalles, ensinou com geral aplauso nas universidades de Cahors, Salamanca e, nos anos de 1538-1555, também em Coimbra. Morreu em Roma em 1586. Sobre ele, pode ver-se H. de OLÓRIZ, *Nueva Biographia del Doctor Navarro, D. Martín de Azpilcueta* (Pamplona 1918); M. ARIGITA Y LASA, *El Doctor Navarro Don Martín de Azpilcueta y sus obras* (Pamplona 1895); M. L. LARRAMENDI de OLARRA / J. OLARRA, Miscelánea de notícias romanas acerca de Don Martín de Azpilcueta (Madrid 1943). Quanto ao parentesco com Xavier, note-se que o pai do doutor Navarro era Martín de Azpilcueta , que era filho de Miguel de Azpilcueta. Ora, um irmão deste Miguel era João, o qual foi pai doutro Martín, que foi o pai de Maria de Azpilcueta, mãe de Xavier (CROS, *Doc. Nouv.* II 10r-v).

[2] Martín de Azpilcueta, neto dum irmão do doutor Navarro e seu herdeiro, testemunhava assim em 1614: «Quando o Padre Xavier foi para Portugal, o Dr. Martín de Azpilcueta Navarro era Lente da cátedra de prima na universidade de Coimbra, em Portugal, e teve notícia, por uma carta dum comerciante de Navarra, de que o dito Padre Francisco Xavier tinha chegado àquele reino… e escreveu

dade e vontade, pois eu, mesmo que o queira, não posso cumprir a obrigação que [lhe] devo, nem corresponder à muita vontade que me tem. Conhecendo a minha fraqueza e, isto pela bondade divina, quão inútil sou para tudo, depois de ter tido de mim mesmo algum conhecimento, ou ao menos uma sombra dele, procurei pôr toda a minha esperança e confiança em Deus, ao ver que eu a ninguém dou as devidas graças. Isto grandemente me consola: que poderoso é Deus para dar por mim, à santa alma de v. mercê e a outras semelhantes, larguíssima remuneração e prémio.

2. Para dar conta das minhas coisas, sobretudo do meu instituto de vida[3], muito gostara que se oferecesse ocasião de nos vermos, porque ninguém neste assunto o poderia informar melhor do que eu. Praza a Deus Nosso Senhor, entre muitas mercês que de sua divina Majestade tenho recebido, fazer-me esta: que nesta vida nos vejamos, antes de o meu companheiro e eu partirmos para as Índias. Então poderei dar inteira conta do que v. mercê por suas cartas me pede, pois por carta, para evitar prolixidade, não se pode fazer comodamente. Quanto ao que v. mercê por sua carta diz – que, segundo é costume dos homens, se dizem muitas coisas sobre o nosso instituto de vida – pouco importa, doutor egrégio, ser julgados pelos homens, sobretudo por aqueles que julgam duma coisa antes de a conhecer.

3. O portador da presente, que é Brás Gomes[4], deseja ser mui servidor de v. mercê e seu discípulo. Ele é muito meu amigo e eu

---

o dito Dr. Navarro uma carta ao Rei D. João, queixando-se muito que o dito P. Xavier não o fosse ver a Coimbra… e que suplicava a Sua Alteza lhe mandasse que fosse a Coimbra… e que depois, quando fosse jubilado, iriam os dois juntos, tio e sobrinho, para as Índias» (MX II 672).

[3] O Dr. Navarro, posteriormente amigo sincero da Companhia de Jesus, ao princípio teve alguns preconceitos contra ela, como ele mesmo confessa em 1550: «Concordava com os preconceitos de muitos sobre este vosso instituto de vida» (cf. *Epp. Mixtae* I 536-538 542; RODRIGUES, *Hist*. I/1, 615-618).

[4] Fr. Bernardo da Cruz, reitor da universidade de Coimbra, em carta de 11 de Setembro de 1543, escrita daquela cidade para D. João III, entre os novos bacha-

dele. Da minha parte lhe suplico que, se as minhas súplicas podem algo com v. mercê – e podem muito por vossa amabilidade – aceite uma tão inteira vontade que ele lhe tem, desejando servi-lo e ser seu discípulo. Além de que, em recebê-lo por seu, fará serviço a Nosso Senhor, a mim me fará mui assinalada mercê em tomá-lo a seu cargo acerca do estudo, pois é pessoa que deseja empregar a sua juventude em boas letras. E a isto veja v. mercê a obrigação que tem, uma vez que Deus Nosso Senhor lhe deu tão amplíssimo talento em letras: e não só para ele, mas para muitos através dele.

Nosso Senhor esteja sempre em nossa guarda. Amén.

De Lisboa, a 28 de Setembro, ano 1540.
Vosso em Cristo enquanto viver
FRANCISCO DE XABIER

---

réis canonistas da universidade nomeia em sétimo lugar este Brás Gomes: «7. Um Brás Gomez, creo que natural de Santarém, mancebo segun dizem bem docto e virtuoso e de quem se esperava muito; mas nom lhe socedeo bem na lição» (TdT CC 1-73-117). Não confundir com Braz Gomes, S.I., nascido na Vidigueira em 1536 e professor em Coimbra em 1559-1560.

9
AOS PADRES PEDRO CODÁCIO E INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Lisboa, 22 de Outubro 1540
Autógrafo de Xavier, em castelhano

SUMÁRIO: 1. Cresce o número de companheiros em Lisboa. – 2. Trabalhos sacerdotais. – 3. O Rei envia cartas de recomendação da Companhia ao Papa e ao seu Embaixador em Roma. – 4. Pede um rescrito para que o candidato M. G. Medeiros possa receber ordens sacras fora de têmporas; e também para ele mesmo poder conceder, a seis clérigos, licença de rezar pelo novo Breviário. Urge o envio do Breve respeitante à Índia. – 5. Dos estudantes que irão estudar em Paris e da fundação de colégio em Coimbra.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor.

1. Pela muita pressa do correio, é-nos forçoso escrever com brevidade[1]. De cá vos fazemos saber que estamos com muita saúde e nos vamos acrescentando, pois já somos seis, todos conhecidos de Paris[2], a não ser Dom Paulo e Manuel de Santa Clara. Praza a Nosso Senhor dar-nos graça para aumentar o seu Nome entre gentes que não o conhecem.

---

[1] No dia 22 de Outubro de 1540, Afonso Fernandes, correio régio, partiu com esta carta para Roma (Corpo Diplomático Português IV 358).

[2] Os seis aludidos eram provavelmente estes: Xavier, Simão Rodrigues, Micer Paulo, Manuel de Santa Clara, Gonçalo de Medeiros, Francisco Mansilhas. Este último é, de facto, mencionado por Xavier como «companheiro» em Março de 1541; mas, se é de crer Sebastião Gonçalves, já tinha sido conquistado por Simão Rodrigues, antes da chegada de Xavier (RODRIGUES, *Hist.* I/1, 255-256). Não sendo assim, o sexto seria talvez o Dr. Serrão.

2. Aqui, com o vosso favor daí, Deus Nosso Senhor faz-nos mercê de o servir, pois o fruto que aqui se faz excede o nosso poder, saber e entender: as confissões são tantas, e de pessoas de qualidade, que nos falta tempo para atender a todos. O infante D. Henrique, inquisidor mor deste reino, irmão do Rei, recomendou-nos muitas vezes que olhássemos pelos presos da Inquisição, e por isso os visitamos todos os dias e os ajudamos a conhecer a mercê que Nosso Senhor lhes faz em detê-los lá. A todos juntos, fazemos-lhes uma prática todos os dias e, em exercícios da primeira semana[3], não pouco se vão aproveitando. Dizem-nos muitos deles que Deus Nosso Senhor lhes fez muita mercê em os trazer ao conhecimento de muitas coisas necessárias para a salvação das suas almas.

3. Nos dias passados, enviamo-vos cartas do Rei para o Papa e para o seu Embaixador[4] a recomendar as nossas coisas como as suas próprias[5]: para cartas de recomendação dos desta corte, já não temos necessidade de intercessores. Se não fosse por causa da morte do infante D. Duarte[6], teria escrito Sua Alteza outra vez a Sua Santidade, e ao cardeal Santiquatro[7], e a todas as outras pessoas que aí, com a sua intercessão, vos podem fazer favor. Está o Rei tão recolhido que ninguém lhe fala em negócios: sentiu muito a morte de seu irmão, o Infante. Passados alguns dias, [já] faremos que escreva a todas essas pessoas que nos fazeis saber.

---

[3] Cf. *Exercícios Espirituais* de S. Inácio de Loyola, n. 23-90.

[4] Cristóvão de Sousa.

[5] Por essa altura, S. Inácio andava empenhado em obter cartas de recomendação de toda a parte, para conseguir a aprovação papal da Companhia de Jesus.

[6] D. Duarte, irmão do Rei, nasceu em Lisboa em 1515 e aí morreu no dia 20 de Outubro de 1540 (F. ALMEIDA, H. de P. II 298).

[7] Antóni Pucci, florentino, bispo de Pistoia, feito cardeal em 1531 com o título dos Santos Quatro Coroados, donde lhe veio o nome. Era o protector de Portugal junto da cúria romana. Morreu em 1544 (GULIK-EUBEL, *Hierarchia Catholica Medii Aevi* III 23).

4. Um estudante de Paris decidiu-se a ficar connosco: chama-se Mestre Gonçalo Mederes[8], e não é clérigo. Por serviço de Deus Nosso Senhor, enviai-nos um despacho para que, em três festas, possa receber todas as ordens, para se tornar clérigo antes de irmos para as Índias; e também licença para seis clérigos, de poderem rezar pelo breviário novo: isto para que nós [mesmos], a seis, possamos dar a tal licença dos que hão de ir connosco para as Índias[9]. Por amor de Nosso Senhor: que com toda a brevidade possível nos envieis o nosso despacho do Breve para as Índias, porque o tempo se vai já acercando! Esperamos em Deus Nosso Senhor que havemos de fazer muito fruto.

5. Fazei-nos saber o que aqui podemos fazer acerca dos que foram e hão de ir para Paris estudar e a resposta às cartas que vos escrevemos, acerca do de Estrada[10] ou de outro, para fazer alguma casa de estudantes na universidade de Coimbra, porque aqui temos muito favor e autoridade para obras pias. De tudo nos fazei saber, para que aqui, com parecer vosso, negociemos o que vos parecer mais convir para louvor de Deus.

Esta, servirá de carta; e a de Mestre Simão, de folhazita [anexa], dada a muita pressa do correio[11].

De Outubro a 22 de 1540

(Por mão de Simão Rodrigues): Vosso irmão em nome dos dois,

MESTRE SIMÃO

---

[8] Gonçalo de Medeiros, o primeiro a entrar na Companhia de Jesus em Portugal, nasceu em Mesão Frio (Trás-os-Montes) e morreu em Lisboa em 1552 (RODRIGUES, *Hist.* I/1, 255). Nas *Acta Rectoria Universitatis Parisiensis*, no ano 1526, é mencionado entre os jurados (Bibl. Nat. Paris, Mss. Lat. 9951, f. 156v).

[9] Trata-se do Breviário, composto pelo cardeal Quiñones e aprovado por Paulo III. Foi impresso pela primeira vez em Roma em 1536: para cada dia, designa apenas três leituras. Pelo Doc. 18, sabemos que Xavier obteve a licença aqui pedida.

[10] Francisco de Estrada.

[11] Vê-se que, pela pressa do correio, não houve tempo para a *folhazita* anexa, e que Rodrigues se contentou com pôr na carta a despedida e a assinatura.

10
A MARTÍN DE AZPILCUETA (COIMBRA)

Lisboa, 4 de Novembro 1540
Autógrafo de Xavier, em castelhano

SUMÁRIO: 1-2. Felicita-o pelas suas boas obras e magistério e anima-o a perseverar. Promete escrever ao Prior de Roncesvalles.

Mui nobre e reverendo senhor:

1. Com uma carta de v. mercê, escrita a 25 de Outubro, a minha alma recebeu tanto gozo e consolação que, depois da sua vista, desejada por mim já há muitos dias, coisa nenhuma me podia dar mais descanso que[1] saber dos seus trabalhos e ocupações tão santas, como são, em obras de piedade, em ensinar aos que só desejam saber para com isso servir a Cristo Nosso Senhor. Não lhe tenho aquela compaixão que teria se pensasse que o amplíssimo talento, que Cristo Nosso Senhor lhe deu, não o emprega como fiel servo, tendo por certo que o prémio do trabalho será maior que a fadiga de o ter ganhado, quando *«sobre muita coisa for constituído, aquele que no pouco for fiel*[2]*»*. E se trabalhos se lhe oferecem no presente em ler alguma lição a mais do que é costume, uma coisa[3] lhe deve dar forças para com muita vontade aceitar semelhantes trabalhos: ver que algum [ou outro] dia deixou de pôr os que devia, em empregar o seu muito talento em letras. E os que gostamos do seu bem, gozamos muito de ver que assim paga dívidas passadas, não

[1] Lit.: e.
[2] Cf. Mt 25,21.
[3] Lit.: isto.

se fiando nos seus herdeiros: com efeito[4], muitos penam no outro mundo por ter-se remetido demasiado aos seus testamenteiros. E *«horrenda coisa é, cair assim nas mãos do Deus vivo[5]»*, sobretudo *«para dar contas da administração[6]»*.

2. Praza a Deus Nosso Senhor, a quem tão liberalmente aprouve dar a v. mercê tantas letras para as repartir com outros, que [também] v. mercê seja assim liberal em as repartir com aqueles que só desejam saber para, com isso, ao Criador e Senhor de todas as coisas servir. E, tendo a sua glória diante, e aumento dela desejando, lhe dará o Senhor forças. E assim se fará, Doutor egrégio, que na outra vida venhamos a ser companheiros nas consolações, se nesta formos companheiros nas penas[7].

Ao senhor Prior de Roncesvalles[8] escreverei, como v. mercê mo manda, pelo senhor Francisco de Motilloa[9], quando para Navarra partir, que será daqui a 20 dias. Quanto ao mais, remeto-me para o nosso encontro, o qual será quando menos pensar, pois o amor que pelas suas cartas me mostra tão crescido, me obriga a que nesta parte lhe seja obediente[10]. Eu, porém, calo o meu vínculo de amor com

---

[4] Lit.: pois.

[5] Hebr 10,31.

[6] Cf. Lc 16,2.

[7] Cf. 2Cor 1,7.

[8] D. Francisco de Navarra, nascido em Tafalla em 1498, de nobre estirpe, ligado por amizade às famílias dos Xavier e dos Azpilcueta, Prior do convento de Roncesvalles em 1518-1542, Bispo diocesano de Ciudad Rodrigo (1542) e Badajoz (1545), Arcebispo de Valencia em 1556, morreu em Torrente em 1563. (M. ARGITA Y LASA, Don Francisco de Navarra, Pamplona 1899; GULIK-EUBEL, *Hierarchia Catolica Medii Aevi* III 184; 284; 346).

[9] Francisco de Motilloa, senhor do palácio Zubiza, parente de Xavier, comerciante opulento na cidade de Pamplona, onde deixou uma fundação para Missas na igreja de S. Saturnino (cf. ARGITA Y LASA, o.c. 497; 515; CROS, *Doc. Nouv.* I 164; J. ALBIZU, *Catalogo general del archivo paroquial de San Saturnino*, Pamplona 1925, n. 199; 241; 691).

[10] Já não se puderam encontrar.

v. mercê: o Senhor, o único que penetra os segredos de nós ambos, sabe quão íntimo me é v. mercê.

Vale, doctor egregie, e ame-me como costuma.

De Lisboa, a 4 de Novembro, ano 1540
Humilde servo de v. mercê no Senhor
FRANCISCO DE XAVIER

11
AOS PADRES INÁCIO DE LOYOLA E JOÃO CODURI (ROMA)

Lisboa, 18 de Março 1541
Autógrafo de Xavier, em castelhano

SUMÁRIO: 1. Alegra-se do bom estado da Companhia e dos trabalhos dos companheiros. – 2. O Rei decidiu erigir duas casas da Companhia em Portugal. – 3. Sua próxima partida para a Índia com dois companheiros. – 4. Louvores ao novo Vice-rei da Índia que o acompanha. – 5. Esperanças de muitas conversões. – 6. Pede instruções para o modo de proceder com infiéis. – 7. Intercâmbio de correspondência. Mostras de zelo apostólico do Rei. – 8. Frequência de sacramentos na corte. – 9. Espera encontrar-se com os companheiros só na outra vida.

IHUS.

A graça e amor de Cristo nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor.

1. Recebemos as vossas cartas, de nós muito desejadas, com as quais gozaram tanto as nossas almas quanta a obrigação que temos de saber, quer da saúde de toda a Companhia, quer das ocupações tão santas e pias em que todos vos ocupais, a saber: em edificar, tanto espirituais casas como materiais, para que os presentes e os que hão de vir[1], tendo meios necessários para *trabalhar na vinha do Senhor*[2],

---

[1] Por altura de 1 de Fevereiro de 1541 Inácio e seus companheiros mudaram-se para uma casa alugada, «frontero a Santa Maria della Strada apresso Santo Marco, in Roma» (*Fabri Mon.* 80; cf. TACCI VENTURI, *Le case abitate in Roma da S. Ignazio di Loyola*, Roma 1899, p. 29).

[2] Cf. Mt 20,1.

possam levar por diante o que tão em serviço de Nosso Senhor está começado. Praza a Nosso Senhor que a nós, *ausentes apenas em corpo mas presentes em espírito*[3], agora mais do que nunca nos dê a sua santa graça para vos imitar, pois dessa maneira nos mostrais o caminho para servir a Cristo Nosso Senhor.

2. De cá vos faço saber que[4] o Rei, parecendo-lhe bem o nosso modo de proceder, tanto pela experiência que tem do fruto espiritual que se faz, como por esperar [ainda] maior quantos mais formos, está resolvido a fazer um colégio e uma casa para os nossos, a saber, os da Companhia de Jesus. Para os edificar, ficam cá três: Mestre Simão, Mestre Gonçalo[5] e outro sacerdote douto em cânones[6]. E outros muitos se vão descobrindo para entrar na Companhia. Tomou o Rei muito a peito e deveras fazer estas casas. Todas as vezes que o temos visitado, nos tem falado sempre disso, sem nós nunca lhe termos falado, nem por nós nem por terceiras pessoas. Só por sua única e pura vontade se moveu a querê-las construir. Este Verão, na universidade de Coimbra, construirá o colégio; e, a casa, penso que na cidade de Évora. E creio que vai escrever a Sua Santidade, para que lhe envie alguns ou algum da Companhia para estes princípios, para que ajudem Mestre Simão. O Rei, ao ser tão afeiçoado à nossa Companhia, e desejar o aumento dela como um de nós, e tudo só por amor e honra de Deus Nosso Senhor, a nós faz-nos sentir obrigados por Deus a ser-lhe perpétuos servos, parecendo-nos que, a uma vontade tão crescida, [mostrada] em obras tão cumpridas, se não reconhecêssemos a obrigação que temos aos que ao serviço de Deus Nosso Senhor assim se assinalam, diante do acatamento divino cairíamos em grande falta. Por isso, nas nossas orações e indignos sacrifícios, sentimos[7] tanta obrigação, que pensa-

---

[3] Cf. 1 Cor 5,3.
[4] Liter.: como.
[5] Gonçalo de Medeiros.
[6] Manuel de Santa Clara.
[7] Liter.: conhecemos.

ríamos cair em pecado de ingratidão se, nos dias que vivermos, nos esquecêssemos de Sua Alteza.

Micer Paulo[8] e um outro, português[9], e eu, partimos esta semana[10] para as Índias. E segundo a muita disposição que há naquelas terras para converter almas, pelo que nos dizem todos os que por lá andaram muitos anos, esperamos em Deus Nosso Senhor que havemos de fazer muito fruto.

3. Envia-nos o Rei muito favorecidos[11]. E recomendou-nos muito ao Vice-Rei[12] que neste ano vai para as Índias, em cuja nau vamos nós. Este mostra-nos muito amor: tanto, que até da nossa embarcação ele não quer que outro se encarregue senão ele. E das coisas necessárias para o mar [ele] se encarregou de prover-nos [chegando] até a pôr-nos à sua mesa. Estas particularidades vos escrevo, apenas para que saibais que, com o seu favor, muito fruto podemos fazer

---

[8] *Micer* quer dizer *meu Senhor*. Tinha sido, antigamente, um título honorífico da coroa de Aragão e, no sec. XIX, ainda se aplicava, por exemplo, aos letrados e legistas, nas ilhas Baleares. *Micer* Paulo, é o Padre Paulo Camerte ou de Camerino. Nasceu em Camerino. Já sacerdote, entrou na Companhia de Jesus em Roma em 1540, para ir com Simão Rodrigues para a Índia. Embarcou com Xavier em 7 de Abril de 1541 e, em Goa, trabalhou primeiro no colégio de S. Paulo, do qual veio a ser reitor quando passou para a direcção da Companhia. Na ausência de Xavier para o Extremo Oriente, ficou a Superior das missões da Índia. Morreu em Goa em 1560. (RODRIGUES, *Hist*. I/1, 230-231 264; SCHURHAMMER, *Ceylon* 97; *Serapeum* 19 (1858) 181).

[9] Francisco Mansilhas, depois companheiro de Xavier na Costa da Pescaria (Índia), ordenado sacerdote em Goa em 1545, despedido da Companhia de Jesus em 1548, falecido piedosamente em Cochim em 1565 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 97).

[10] Por causa de ventos contrários e da guerra que se preparava no norte de África, a frota só pôde partir a 7 de Abril de 1541 (*Epp. Broeti* 521; cf. EX, Xavier-doc. 15,2).

[11] Cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 715 804.

[12] Martim Afonso de Sousa, nascido em Vila Viçosa em 1500, governador da Índia em 1541-1545, falecido em Lisboa em 1571 (*História da colonização portuguesa do Brasil* III 102-115; SCHURHAMMER, *Ceylon* 91.

entre aqueles reis gentios, pelo muito crédito que um Vice-rei tem naquelas terras.

4. O Vice-rei que neste ano vai para as Índias, já esteve nelas muitos anos[13]. É homem muito de bem: essa fama tem em toda esta corte e, lá nas Índias, é mui quisto de todos. Ele me disse, este outro dia, que na Índia, numa ilha só de gentios sem mistura de mouros nem de judeus[14], havíamos de fazer muito fruto e, ele, não vê dificuldade em virem a fazer-se cristãos, o rei[15] daquela ilha com os do seu reino.

5. Creio em Deus Nosso Senhor, pela muita fé dalgumas pessoas que de nós têm algum apreço, e [também] pela necessidade que têm dos nossos pequenos e fracos serviços gentes que *ignoram a Deus*[16] e prestam culto aos demónios, que não podemos duvidar que, posta toda a nossa esperança em Deus, havemos de servir a Cristo Nosso Senhor e ajudar aos nossos próximos, trazendo-os ao verdadeiro conhecimento da fé.

6. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, vos rogamos que, para Março que vem, quando partirem as naus de Portugal para a Índia, nos escrevais muito longamente sobre as coisas que aí vos parecer acerca do modo que devemos ter entre os infiéis. Porque, dado que a experiência nos há-de mostrar parte do modo que devemos ter, esperamos em Deus Nosso Senhor que o mais, no que se refere à maneira como o havemos de servir, há-de prazer a sua divina Majestade dar-nos por vós a conhecer a maneira como o havemos de servir, como o tem feito até agora. E temendo-nos do que costuma ser [real] e a muitos acontecer – que, ou por descuido ou por não querer perguntar e aceitar de outros, costuma Deus Nosso Senhor negar-lhes muitas coisas, as quais daria se, baixando

---

[13] 1534-1539.

[14] Ceilão (SCHURHAMMER, *Ceylon* 98).

[15] Bhuvaneka Bâhu, rei da cidade de Kôttê, ao qual Martim Afonso de Sousa tinha libertado da tirania dos maometanos (ib. 98).

[16] Cf. 1Tess 4,5.

os nossos entendimentos pedíssemos ajuda e conselho, no que havemos de fazer, principalmente àquelas pessoas por meio das quais aprouve a sua divina Majestade dar-nos a sentir em quê, de nós, se manda servir – rogamo-vos, Padres, e *vos suplicamos uma e outra vez no Senhor*[17], por aquela nossa estreitíssima amizade em Cristo Jesus, que nos escrevais os avisos e meios para mais servir a Deus Nosso Senhor que aí vos parecer que devemos seguir, pois tanto desejamos a vontade de Cristo nosso Senhor ser-nos por vós manifestada. E nas vossas orações, além da costumada memória, outra mais particular vos pedimos que tenhais, pois a longa navegação e o novo trato com gentios, com o nosso pouco saber, pede mais e mais favor do que o costumado.

7. Das Índias vos escreveremos mais longamente, pelas primeiras naus que de lá vierem, dando-vos inteira informação das coisas de lá. Disse-me o Rei, quando dele me despedi, que por amor de Nosso Senhor lhe escrevesse muito longamente acerca da disposição que por lá haja para a conversão daquelas pobres almas, doendo-se muito da miséria em que estão metidas e muito desejoso de que o Criador e Redentor delas não seja perpetuamente ofendido por criaturas, à sua imagem e semelhança criadas e a tanto preço compradas. É tanto o zelo que Sua Alteza tem da honra de Cristo Nosso Senhor e da salvação dos próximos, que é coisa para dar infinitos louvores e graças a Deus o ver um Rei que tão bem e piamente sente das coisas de Deus: e tanto é assim que, se eu não fosse testemunha de tudo como sou, não poderia acreditar no muito que nele vi. Praza a Deus Nosso Senhor acrescentar-lhe os dias da sua vida por muitos anos, pois tão bem os emprega, e é *tão útil e necessário ao seu povo*[18].

8. De cá vos faço saber quanto esta corte está reformada: tanto, que participa mais de religião que de corte. São tantos os que, sem

---

[17] Cf. 1Tess 4,1.

[18] Alusão ao que se diz de S. Martinho, na 5ª leitura do Breviário antigo (11 de Novembro).

faltar, de oito em oito dias se confessam e comungam, que é coisa para dar graças e louvores a Deus. Estamos tão ocupados em confissões que, se fôssemos o dobro dos que somos, teríamos penitentes de sobra para nos ocupar o dia inteiro e parte da noite. E isto só de cortesãos sem incluir outra gente. Os que vinham tratar de negócios à corte, quando estávamos em Almeirim[19], ficavam maravilhados de ver a gente que comungava todos os domingos e festas, e eles, vendo o bom exemplo dos da corte, faziam o mesmo. De maneira que, se fôssemos muitos, não haveria nenhum negociante que primeiro não buscasse negociar com Deus que com o Rei. Por causa das muitas confissões não temos tido ocasião de pregar. E, julgando servir mais a Deus Nosso Senhor ocupando-nos em confissões que em pregações, por haver muitos pregadores nesta corte, temos deixado de pregar.

9. Daqui não há mais que fazer-vos saber, senão que estamos para embarcar. Terminamos rogando a Cristo Nosso Senhor que nos dê a graça de nos vermos e juntarmos na outra vida corporalmente, pois nesta não sei se jamais nos veremos, tanto pela grande distância de Roma à Índia, como pela grande messe que lá há sem ter de ir buscá-la a outra parte. E quem primeiro for para a outra vida e lá *não encontrar o irmão que ama no Senhor*[20], rogue a Cristo Nosso Senhor que a todos lá na sua glória nos junte.

De Lisboa, a 18 de Março, ano 1541
Por todos estes vossos dilectos no Senhor
FRANCISCO DE XABIER

---

[19] Durante o Inverno, a corte residia em Almeirim, perto de Santarém. Xavier e seus companheiros acompanharam a família real. No dia 9 de Março o Rei voltou à capital e a Rainha no dia 4 de Abril (SCHURHAMMER, *Quellen* 606, 615, 618, 754, 788; cf. RODRIGUES, *Hist.* I/1, 253, n.2; 262, n.2).

[20] Cf. *Cant* 3,4; *2Cor* 2,13.

12
AOS PADRES CLÁUDIO JAYO E DIOGO LAÍNEZ [1](ROMA)

Lisboa, 18 de Março 1541
Duma cópia em castelhano, feita por 1666

SUMÁRIO: 1. Impossibilidade de o Rei de Portugal contribuir para a construção da casa da Companhia de Jesus em Roma, por causa da guerra com os mouros. – 2. Pessoas que poderiam interceder junto dele para conseguir essa esmola. – 3. Cartas que convém escrever a D. Pedro de Mascarenhas e ao Rei de Portugal. – 4. Possível ordenação sacerdotal de Francisco Mansilhas. – 5. Missas oferecidas pelo cardeal Guidiccioni. – 6. Deseja saber se alguns amigos entraram na Companhia. – 7. O Padre Araoz e outros que poderiam ir para a Índia. – 8. Pede graças espirituais e cartas cheias de notícias.

1. Acerca do assunto com o Rei sobre a esmola para a construção da casa[2], escrevo a Pedro Codácio[3] o que aí deve fazer. Para este Verão não vejo muita disposição, por causa da grande guerra que se está a preparar em defesa contra os mouros, os quais, segundo notícias que aqui chegam, vêm com grande poder[4].

---

[1] Nos começos de 1541, Inácio chamou a Roma os companheiros dispersos por Itália, para que subscrevessem as Constituições e elegessem o Superior Geral. Entre os convocados estavam também Jaio e Laínez, vindos respectivamente de Brescia e Parma (POLANCO, *Chron*. I 90).

[2] Inácio e os seus companheiros, a 19 de Agosto de 1540, tinham adquirido em enfiteusis perpétuo um pequeno terreno junto à igreja de Santa Maria della Strata (junto à actual igreja do Gesù), para aí construírem casa (TACCI VENTURI, *Le case abitate* 30).

[3] Perdeu-se esta carta. Sobre Codácio ver Xavier-doc. 5.

[4] Os mouros cercavam já com numerosas tropas o castelo de Santa Cruz do Cabo de Gué e encaminhavam-se também para Mazagão. D. João III teve de or-

2. Aproveitaria muito que alguns cardeais, amigos do Rei, escrevessem ao Rei sobre isso, informando-o de quão bem empregada seria a esmola que, para a construção dessa casa, viesse a dar. Creio que o cardeal Carpi[5] é amigo do Rei, porque é muito amigo de D. Pedro[6]. As suas cartas seriam de proveito, juntamente com as de Santiquatro[7], assim como as de outros cardeais que sentirdes ser amigos de Sua Alteza. Se se excusarem de escrever ao Rei, ao menos que escrevam a D. Pedro, para que sobre isto fale ao Rei, e tome cargo de fazer esta boa obra. E se o embaixador que está aí for muito devoto da Companhia, aproveitaria que escrevesse ao Rei, informando-o da necessidade que há do seu favor.

3. Não deixeis de escrever a D. Pedro Mascarenhas, porque, com as vossas cartas, é tanto o prazer e consolação que recebe, que não saberia descrevê-lo. Eu vos certifico que muito vos ama no Senhor. As vossas cartas tem-nas bem guardadas, e lê-as a miúde, e não sem muita consolação e alegria da sua alma. Vendo quão vosso é, sinto-me obrigado, nos dias em que eu viver, a ser todo seu.

Parece-nos cá, salvo melhor parecer, que aproveitaria que escrevêsseis ao Rei a dar-lhe graças pelo colégio e casa que quer construir para a Companhia[8], porque aqui são muito de cumprimentos. Sei que o Rei gostaria da vossa carta, a julgar pelo que D. Pedro lhe tem dito de vós. Podereis dizer na vossa carta que nós vos escrevemos acerca do colégio e casa que em nome da nossa Companhia quer edificar, porque até isto aproveitará para se dar mais pressa em fazê-las construir: sei que a vossa carta há-de cá ser vista por muitos.

---

ganizar imediatamente a defesa contra os atacantes (SCHURHAMMER, *Quellen* 754-755; 765; 781; 786; 790; 794-795).

[5] Rudolfo Pio, nascido em Carpi em 1499, bispo de Faenza em 1528-1544), criado cardeal em 1536, morreu em 1564 (VAN GULIK-EUBEL, *Hierarchia Catholica Medii Aevi* III 27; 211).

[6] Mascarenhas.

[7] António Pucci.

[8] Em Coimbra e Évora.

4. De Francisco Mansilha faço-vos saber que não tem ordens nenhumas. Lá na Índia há um Bispo[9]; esperamos em Deus que lá se possa ordenar. O bom homem mais participa de muito zelo, bondade e grande simplicidade, que de muitas letras. Se Dom Paulo não parte com ele, com as muitas que tem, se Deus nosso Senhor não nos ajuda, não será muito que, lá nas Índias, acerca de ordená-lo, nos vejamos em que fazer. Ele deseja muito, se porventura lá [assim] não o ordenarem, que lhe enviásseis uma dispensa para que, fora de têmporas, em três festas, se pudesse ordenar *a título de voluntária pobreza e suficientíssima simplicidade*[10]; e supra a sua muita bondade e santa simplicidade o que por letras não alcança. Porque se tivesse conversado tanto com Bobadilla[11] como conversou com Cáceres[12], talvez se lhe tivesse pegado mais de uma conversação que da outra e, assim, não nos veríamos agora nestes trabalhos, porque içaria as velas da Escritura em vez das de ciência[13]. Ele e *micer* Paulo muito desejariam alcançar de Sua Santidade esta graça: que todas as vezes que dizem Missa possam tirar uma alma do purgatório[14].

---

[9] Fr. João de Albuquerque, OFM, nascido em Albuquerque (Extremadura), entrou na Ordem franciscana cerca de 1500, foi sagrado Bispo de Goa em 1538, morreu em Goa em 1553 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 138).

[10] «Para os clérigos seculares, o título canónico para receberem as ordens sacras é o título de benefício e, faltando este, o de património ou duma pensão… tem de ser verdadeiramente suficiente. Nos clérigos regulares, o título canónico é o título de pobreza» (*Codex iuris canomici Pii X*, ed. A Petro Card. Gasparri, roama 1917, cn 979; 982).

[11] Alude à facilidade que tinha Bobadilha em alardear Escritura (cf. *Bobad. Mon.*, p. XII; EX Ep. 8a,3).

[12] Diogo de Cáceres (cf. Xavier-doc. 2).

[13] Lit.: revezando ciência. Cf. parecida expressão em Laínez, dia 22.Jan.1540 (*Hist. Soc.* 67, 67v; *Bobad. Mon.* ,p. XV, n.34).

[14] Faculdade de altar privilegiado, pessoa e quotidiano, como têm, por ex., os cardeais (CIC 1917, can 239, § 1, n. 10).

5. As Missas que, pelo cardeal Guidación[15], se disseram da nossa parte, são duzentas e cinquenta, desde que partimos de Roma até agora. Praza a Deus Nosso Senhor que nas Índias acabemos as que restam. Penso para mim uma coisa: é tanta a consolação que acho em celebrar por Monsenhor reverendíssimo que, nos dias que eu viver, tenho de celebrar por sua intenção.

6. Muito desejamos saber, agora que está confirmada a nossa regra[16], se aquelas pessoas – que em amor muito lhes devemos, pela muita vontade que mostravam às nossas coisas, com desejos de que se realizassem – entraram ou estão para entrar nela. Tenho receio de que haja alguns que desejam achar paz não entrando nela; mas, até que entrem, pode ser que não a achem. Não digo isto só por Francisco Zapata[17], porque não quero excluir o senhor Licenciado[18], do qual receio que não viva consolado seguindo palácios.

---

[15] Guidiccioni. A aprovação da Companhia de Jesus, feita de viva voz pelo Papa a 3 de Setembro de 1539, tinha de ser declarada e determinada por letras apostólicas. Paulo III confiou este assunto sucessivamente a três cardeais: o terceiro era Bartolomeu Gudiccioni, decididamente contrário à aprovação. Para que desistisse de tão inflexível atitude, Inácio pediu aos seus sacerdotes que celebrassem 3.000 Missas (TACCI VENTURI, *Storia II* 308-314; POLANCO, *Chron.* I 71-72) e quis que o informassem das que iam celebrando (MI, Epp. I 177).

[16] A fórmula do Instituto da Companhia de Jesus foi confirmada por Paulo III com a Bula «*Regimini militantis Ecclesiae*» de 27 de Setembro 1540 (MI, *Const.* I 24-32). Sobre a palavra «regra», ocorrente também na carta 20,14 cf. MI, *Const.* II p. CCXX-CCXXI.

[17] Francisco Zapata, nascido em Toledo, sacerdote na cúria romana, acompanhou como candidato à Companhia de Jesus os Padres Broet e Salmerón na expedição à Irlanda (1541-1542). Entrou na Ordem em Roma, mas em 1547 saiu dela. Entrou depois na Ordem de S. Francisco, onde perseverou eminentemente em virtude e ciência.

[18] Licenciado Cristóbal de Madrid, nascido em Daimiel (1503), foi para Roma (1540) como teólogo do cardeal Cupis e lá entrou na Companhia de Jesus em 1555. Morreu em Roma em 1573 (SOMMERVOGEL, *Bibliothèque* V 278; POLANCO, *Chron.* V 22 87; cf. II 28).

Do senhor Doutor Iñigo Lopez[19], tenho por muito averiguado que deixaria de ter gosto em curar, se de todo se ausentasse algum dia, de modo a não poder socorrer o estômago do Padre Iñigo[20] e as maleitas[21] de Bobadilha. Enfim, de Diogo Zapata[22] e de semelhantes a ele[23], não sei que dizer senão que o mundo, por não se poder aproveitar deles, os há-de deixar; e terão depois muito que fazer para achar quem os queira.

7. Não sei que é: que, desde que o Rei ordenou que alguns de nós ficassem e outros fossem, não consigo tirar do meu pensamento António de Araoz[24], nosso caríssimo irmão, parecendo-me que nos há de vir a ver nas Índias com meia dúzia de clérigos. E, a vir ele com alguma companhia, mesmo que não tenham muitas letras, se tiverem muito ânimo de acabar os seus dias ao serviço de Nosso

---

[19] Doutor Iñigo Lopez, clérigo da diocese de Toledo, médico, fez Exercícios Espirituais em Roma em fins de 1537 ou princípios de 1538 sob a direcção de Santo Inácio e ficou muito amigo da Companhia de Jesus. Morreu em 1549. Dele escreveu Doménech em 1547: «Em vontade e desejos não diferia de qualquer da Companhia» (*Litt. Quadimestr.* I 25). Sobre ele, cf. TACCI VENTURI, *Storia* II 117-119; POLANCO, *Chron.* I 64; III 192 e os Doc. 12 e 47 deste volume.

[20] Inácio de Loyola sofria do estômago.

[21] Lit.: *merachia*, palavra latina que não se encontra nos dicionários. Xavier usa-a em tom de brincadeira com Bobadilha, que costumava dizer das suas doenças: «costuma-se dizer que o sujeito da medicina é o corpo humano, menos o bobadilhano» (*Bobad. Mon*, 631).

[22] Diogo Zapata, membro da Confraria da Graça (TACCI VENTURI, Storia I/2 300), parece ter sido o quarto filho do primeiro conde de Barajas, a quem Francisco de Holanda menciona nos seus diálogos romanos, juntamente com D. Pedro de Mascarenhas e outros contemporâneos de Xavier (FRANCISCO DE HOLANDA, *Da Pintura Antigua*, Porto 1918, p.43).

[23] Nas cartas daquele tempo, outros amigos e conhecidos dos jesuítas em Roma são mencionados, como o Dr. Miguel Torres, António Zapata, Dr. Carrión, o Licenciado Cavallar, etc. (*Epp. Mixtae* I 25 97; *Epp. Broeti* 268).

[24] António de Araoz, S.I., nascido em Vergara (Guipúzcoa), entrou na Companhia de Jesus em Roma (1539) e morreu em Madrid (1573). Foi o primeiro Superior provincial da Companhia de Jesus em Espanha. A sua irmã de pai, Madalena de Araoz, era esposa de Martín, irmão de Inácio de Loyola (MI, *Epp.* I 146-147).

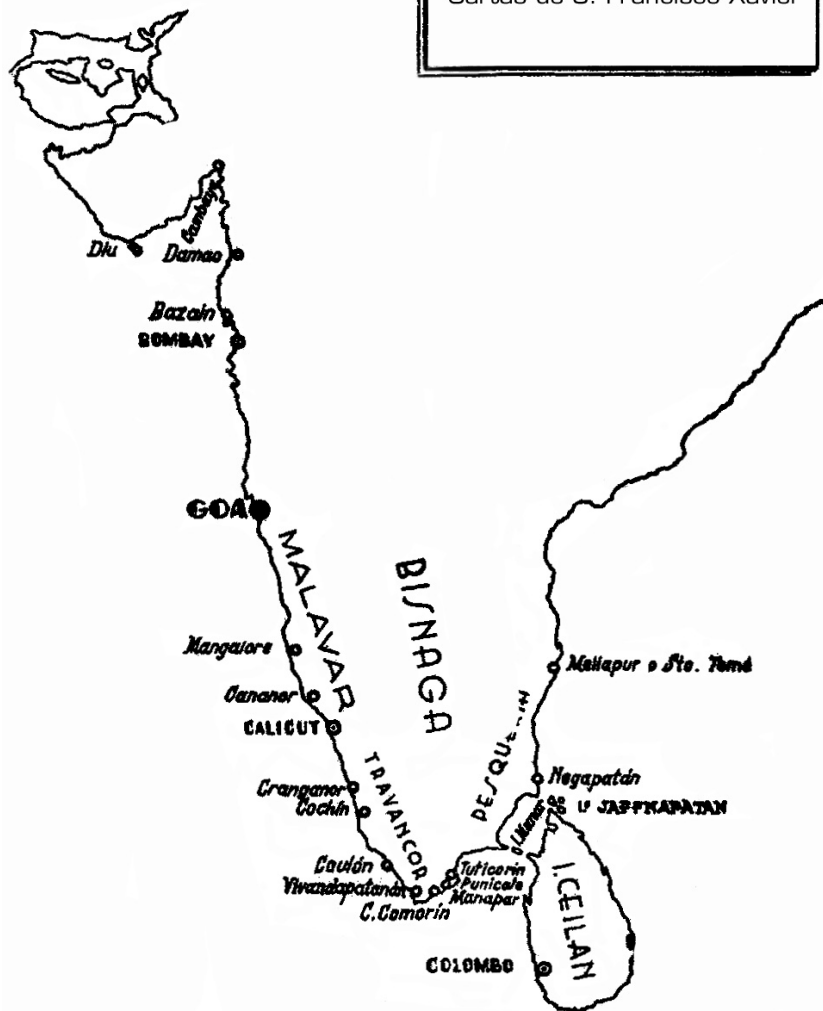
Senhor e carecerem de toda a espécie de avareza, parece-nos que se fará muito fruto com a vinda deles. E ainda que neste ano não nos enviásseis nenhuns – entendo neste Março que vem – senão deste a dois anos, ao ter resposta nossa das Índias, não pensamos que se perderia coisa nenhuma; contanto que daqui a dois anos enviásseis algum número. Olhai por isso como vos parecer, porque vos faço saber que acredito que se há-de fazer muito fruto nas Índias, segundo todos os que lá estiveram muitos anos nos dizem. De lá, das Índias, vos escreveremos muito longamente, ao ter experiência das coisas de lá. Muito nos há-de ajudar o favor do Vice-rei[25], porque lá, com aqueles reis que têm paz com o Rei de Portugal, tem muito crédito.

8. Se algumas graças espirituais vos parecer que lá nos podem ajudar para mais servir a Deus Nosso Senhor, olhai por isso, se vos parece, para que daí no-las envieis. Ao menos a de que possam receber ordens, os que para lá forem da nossa Companhia: fora de têmporas, sem património e sem benefício [e apenas] com voto de pobreza voluntária, e poder para legitimar. Quando nos escreverdes para as Índias, escrevei-nos nomeadamente de todos, pois não há de ser senão de ano a ano. E nessa [carta] muito longamente: que tenhamos que ler oito dias, que nós faremos o mesmo.

De Lisboa a 18 de Março, ano 1541
Por todos estes vossos em Cristo caríssimos irmãos
FRANCISCO DE XABIER

[25] Martim Afonso de Sousa, governador da Índia.

ÍNDIA

A ÍNDIA
nas
Cartas de S. Francisco Xavier

INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS 13-51

Depois de longos meses de espera em Lisboa (Junho-Abril) Xavier embarca para a Índia a 7 de Abril de 1541, precisamente no dia em que fazia 35 anos. Por conveniência para a Missão, entendeu-se que era melhor ficar Simão Rodrigues em Portugal a preparar mais missionários para o futuro e ir apenas ele. Pensava ele que ia apenas abrir caminho a novos missionários jesuítas. Mas, na despedida, com grande surpresa sua, o Rei entrega-lhe 4 *Breves* pontifícios em que o Papa o nomeia *Núncio apostólico* para todo o Oriente, lhe confere todos os poderes que para isso necessita e o recomenda a todos os reis cujos países vier a visitar *(cf. Xavier-doc. 121)*.

Com ele, partiram apenas dois candidatos a jesuítas: Micer Paulo Camerino, sacerdote italiano, e Francisco Mansilhas, colega de estudos em Paris. A primeira paragem foi na ilha de Moçambique, onde tiveram de invernar para tratar dos doentes e esperar monção para a armada prosseguir. Dali escreveu as primeiras notícias da viagem aos companheiros de Roma *(Xavier-doc. 13).*

Deixando na ilha os dois companheiros a tratar dos doentes, tomou uma nau dianteira com Martim Afonso de Sousa, que ia tomar posse de novo Governador da Índia, e chegou a Goa a 6 de Maio de 1542. A primeira visita foi para o Bispo de todo o Padroado missionário do Oriente, a quem apresentou as suas credenciais de Núncio, numa atitude de comovente humildade e total submissão que logo lhe conquistou a amizade. A seguir visitou as outras autoridades civis e eclesiásticas das diversas instituições sociais da cidade, a quem ofereceu a sua colaboração. Durante os quatro meses que aí passou, à espera de nau para a Missão do Cabo de Comorim a que estava destinado, dedicou-se ao trabalho sacerdotal com doentes, presos, leprosos e, sobretudo, à catequese da população cristã, para a qual acomodou o *Catecismo* popular de João de Barros *(Xavier-doc. 14).*

Entretanto aproveitou para escrever três cartas: uma, aos companheiros de Roma, a contar mais pormenores da viagem e da actividade em Goa; outra a Inácio a pedir colaboradores para o Colégio de S. Paulo, recentemente fundado pela Irmandade da Santa Fé, para a formação de clero e laicado indígena; e mais outra ao mesmo Inácio a pedir certas indulgências e licenças ao Papa *(Xavier-doc. 15-17).* Conserva-se também dessa altura um pequeno documento a dar licença a um sacerdote goês para rezar pelo Breviário novo a Liturgia das Horas *(Xavier-doc. 18).*

No fim de Setembro de 1542, acompanhado apenas por 3 alunos indígenas do colégio de S. Paulo, como intérpretes e catequistas, parte para o Cabo de Comorim na ponta sul da Índia, a tomar posse da Missão da Costa da Pescaria, no lado oriental desse Cabo. Ali encontra uma cristandade de 20.000 *paravas* que, desde a sua evangelização em 1535, estava sem missionários *(Xavier-doc. 19).*

Como *Superior da Missão*, passado um ano, volta a Goa, em fins de Outubro de 1543, para recrutar ajuda. Encontra ali os dois companheiros, que entretanto tinham chegado de Moçambique, e destina *Micer* Paulo a colaborar no colégio de S. Paulo e noutras obras da Irmandade da Santa Fé e Mansilhas a ir consigo para a Missão da Pescaria. Em Goa, pelas primeiras cartas chegadas da Europa, recebe a notícia da aprovação oficial da Companhia de Jesus (Bula de 27.Set.1540) e da eleição de Inácio como primeiro Superior Geral. Imediatamente resolve fazer os seus Votos de profissão religiosa nas mãos do Bispo e escreve uma longa carta sobre a Missão da Pescaria aos seus companheiros *(Xavier-doc. 20).*

Regressando com Mansilhas à Costa da Pescaria, distribuídos ambos por distintos lugares e surpreendidos por guerras entre os senhores da região, desenvolvem imensa actividade de evangelização e apoio às populações, relacionando-se apenas por correspondência quase diária *(Xavier-doc. 21-44).*

Nas guerras da região, entre os senhores da costa da Pescaria (oriental) e da costa de Travancor (ocidental), ambos os beligerantes procuraram apoio dos portugueses por mediação de Xavier. O Governador acabou por favorecer os senhores de Travancor e Coulão aliados. Estes, agradecidos a Xavier, deixaram-no evangelizar à vontade os *macuas* da costa de Travancor, com tal sucesso que em pouco tempo baptizou 10.000 novos cristãos e teve de pedir ajuda a Mansilhas que vinha a Goa receber a ordenação sacerdotal *(Xavier-doc. 45).*

Entretanto, o rei de Jafna (norte de Ceilão) tinha massacrado uma recente cristandade dos franciscanos na ilhazita de Manaar, martirizando até um irmão também cristão e tentando matar outro favorável aos cristãos, que era o rei legítimo. Xavier, ao saber estas notícias, deixou Travancor e foi a Goa pedir ao Governador uma expedição militar contra o tirano usurpador. Fazendo escala em Cochim, encontrou ali o Vigário Geral Miguel Vaz, prestes a embarcar para Portugal a pedir ao Rei mais protecção para as Missões, e entregou-lhe quatro cartas: uma para o Rei e outra para Simão Rodrigues a recomendar-lhes o Vigário Geral; e duas para Roma, a Inácio a pedir indulgências do Papa e mais missionários, e aos companheiros a contar, além destas notícias de Travancor e Ceilão, as grandes esperanças de cristandade em Macassar (Celebes, Indonésia) acabadas de receber pelos marinheiros portugueses *(Xavier-doc. 46-49).*

Xavier, vendo adiar e talvez frustrar a expedição militar contra Jafna, seduzido pelas notícias sobre Macassar, escreveu, a Mansilhas, que andava em discernimento se era vontade de Deus que fosse explorar o Extremo Oriente *(Xavier-doc. 50).*

E, de facto, fazendo uma última ronda pelas fortalezas portuguesas a pedir mais protecção militar às Missões, parou uns tempos no pequeno santuário do martírio de S. Tomé Apóstolo, perto de Meliapor, a pedir luz para tal discernimento. Foi de lá que escreveu aos companheiros de Goa a comunicar a decisão *(Xavier-doc. 51).*

13
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM ROMA

Moçambique, 1º de Janeiro 1542
Cópia em castelhano, feita entre 1542-1543

SUMÁRIO: 1. Moléstias da viagem por mar. – 2. Xavier encarrega-se da assistência espiritual aos doentes e moribundos e os companheiros da corporal. – 3. O Governador mostra-se amigo dos três companheiros e dá-lhes esperanças de grande fruto entre os gentios. – 4. Xavier põe toda a esperança das suas poucas forças em Deus e pede novos missionários. – 5. Pregações a que se dedica. Louvores ao Governador. – 6. A fraqueza impede-o de escrever mais.

IHUS.

A graça e amor de Cristo nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor.

1. De Lisboa vos escrevi, à minha partida, de tudo o que lá se passava[1]. De lá partimos a sete de Abril do ano de 1541[2]. Andei no mar enjoado dois meses, passando muito trabalho quarenta dias na costa da Guiné, tanto por grandes calmarias como por não ajudar-nos o tempo[3]. Quis Deus Nosso Senhor fazer-nos [esta] tão grande mercê de trazer-nos a uma ilha, na qual temos estado até ao dia presente[4].

---

[1] Xavier-doc. 11-12.

[2] Sobre a partida de Xavier , cf. RODRIGUES, *Hist*. I/1,261-272; *Epp. Broeti* 521-523.

[3] Os calores e calmarias ao largo da costa da Guiné, eram quase todos os anos molestíssimos para as naus que por ali passavam (VALIGNANO, *História*, 12-13; *Epp. Mixtae* I 265).

[4] Ilha de Moçambique. Sobre a ilha e a sua história, cf. BRAGANÇA PEREIRA, *Notas* 154-223.

2. Porque estou certo que [nisto] haveis de alegrar-vos no Senhor: se Deus nosso Senhor se quis servir de nós para servir os seus servos, logo que chegamos aqui, tomamos conta dos pobres doentes que vinham na armada. E assim, eu, ocupei-me em confessá-los, dar-lhes a comunhão e ajudá-los a bem morrer, usando daquelas indulgências plenárias que Sua Santidade me concedeu para estas partes de cá: quase todos morriam com grande contentamento, ao verem que plenariamente, à hora da morte, os podia absolver[5]. *Micer* Paulo e *Micer* Mansilhas, ocupavam-se acerca do temporal. Todos morávamos com os pobres, segundo as nossas pequenas e fracas forças, ocupando-nos tanto do temporal como do espiritual. O fruto que se faz, Deus o sabe, pois é Ele que tudo faz.

3. A nós, alguma consolação nos dá, e não pequena, estarem a par, o senhor Governador e todos os nobres[6] que vêm nesta armada, ser os nossos desejos muito diferentes de qualquer favor humano, mas só por Deus; porque os trabalhos eram de tal qualidade, que eu não me atreveria [a eles] um só dia por tudo [quanto há] no mundo. Damos grandes graças a Deus Nosso Senhor, por ter-nos dado este conhecimento e ter-nos dado forças para o cumprir. O senhor Governador tem-me dito que tem esperança muito grande em Deus Nosso Senhor que, aonde nos vai mandar, se hão-de converter muitos cristãos. Por amor de Nosso Senhor vos rogamos todos que, nas vossas orações e nos vossos sacrifícios, tenhais especial lembrança de pedir a Deus por nós, pois nos conheceis e sabeis de quão baixo metal somos.

4. Uma das coisas que nos dá muita consolação e esperança muito crescida de que Deus Nosso Senhor nos há-de fazer mercê, é um inteiro conhecimento que, de nós, temos: que todas as coisas neces-

[5] O médico, Dr. Saraiva, que viajava com Xavier para a Índia, atesta que naquela armada só morreram 40 ou 41 homens, graças a Xavier (MX II 188). Xavier, referindo-se talvez a toda a viagem, calcula que morreram 80.

[6] A sua lista pode ver-se em SCHURHAMMER, *Quellen* 683; 796.

sárias para um ofício de manifestar a fé de Jesus Cristo, vemos que nos faltam. E, sendo assim que o que fazemos é só por servir a Deus Nosso Senhor, cresce-nos sempre esperança e confiança de que Deus Nosso Senhor, para seu serviço e glória, nos há-de dar abundantíssimamente, a seu tempo, tudo o necessário.

Se aí houvesse algumas pessoas muito desejosas de servir a Deus Nosso Senhor, muito fruto se seguiria se mandásseis algumas a Portugal, porque de Portugal, na armada que de lá vem todos os anos, viriam para a Índia.

5. Na viagem por mar, preguei todos os domingos; e, aqui em Moçambique, todas as vezes que pude. A vontade e afeição que o senhor Governador nos mostra e o amor que nos tem é tanto que, todo o apoio para serviço de Deus Nosso Senhor, temos por muito certo que o senhor Governador no-lo dará.

6. Muito desejava poder escrever mais longamente; mas, por enquanto, a fraqueza não o suporta. Hoje sangraram-me pela sétima vez e acho-me em medíocre disposição[7], Deus louvado.

A todos os nossos conhecidos e amigos mandareis dar as minhas recomendações.

De Moçambique, no primeiro dia de Janeiro de 1542
FRANCISCO[8]

---

[7] O Dr. Saraiva atesta que em Moçambique sangrou Xavier nove vezes (MX II 188).

[8] A maneira de Xavier assinar era *Francisco*; raramente *Franciscus* (em latim) ou *Francisco de Xabier*. Nenhum original conservado refere a forma *Francisco Xavier*.

14
DOUTRINA CRISTÃ
(Catecismo breve)
Goa, Maio de 1542
Cópia em português

HISTÓRIA: Xavier chegou a Goa a 6 de Maio de 1542 e logo começou a ensinar a doutrina cristã. Este catecismo breve, de que se servia, é quase igual ao que em 1539--1540 publicou em Lisboa o célebre cronista da Índia, João de Barros. Como, porém, além das partes tomadas do de Barros, inclui outras novas acomodadas à Índia, é provável que o tenha composto logo ao chegar a Goa, a não ser que já na viagem o tenha feito. Na edição crítica da Monumenta Historica Societatis Iesu[1] *que seguimos, pode ver-se em paralelo o texto de Barros e o de Xavier, onde ressaltam as inovações.*

1. Senhor Deus, tende misericórdia de nós. Jesus Cristo, Filho de Deus, tende misericórdia de nós. Espírito Santo, tende misericórdia de nós.

2. Creio em Deus Pai todo poderoso, criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo seu Filho único, Nosso Senhor. Creio[2] que foi concebido do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria. Creio que padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Creio que desceu aos infernos; ao terceiro dia ressurgiu dos mortos. Creio que subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai todo poderoso. Creio que dos céus há-de vir julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo. Creio na santa Igreja católica.

---

[1] MHSI-EX I 106-116.

[2] Xavier repetia de propósito a palavra creio ao princípio de cada artigo da fé, «para actuar o povo com esta repetição, na confissão da nossa santa fé» (SEBASTIÃO GONÇALVES, 2,4; cf. Xavier-doc. 20,3).

Creio no ajuntamento dos santos e na remissão dos pecados. Creio na ressurreição da carne. Creio na vida eterna. Ámen.

3. Verdadeiro Deus, eu confesso de vontade e coração, como bom e leal cristão, a Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, três pessoas, um só Deus. Eu creio firmemente, sem duvidar, tudo o que crê a santa mãe Igreja de Roma; e bem assim eu prometo, como fiel cristão, viver e morrer na santa fé católica de meu Senhor Jesus Cristo. E quando à hora da minha morte não puder falar, agora, para quando eu morrer, confesso ao meu Senhor Jesus Cristo com todo o meu coração.

4. Pai nosso que estás nos céus; santificado seja o teu nome; venha a nós o teu reino; seja feita a tua vontade, assim como nos céus, na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje, e perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos tragas em tentação, mas livra-nos de todo o mal.

5. Deus te salve, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres e bento é o fruto do teu ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós pecadores, agora e à hora da minha morte. Ámen.

6. Os mandamentos da lei do Senhor Deus são dez. O primeiro é amar a Deus sobre todas as coisas. O segundo é não jurar o nome de Deus em vão. O terceiro é guardar os domingos e festas. O quarto é honrar teu pai e tua mãe, e viverás muitos anos. O quinto, não matarás. O sexto, não fornicarás. O sétimo é não furtarás. O oitavo é: não levantarás falso testemunho. O nono é: não desejarás as mulheres alheias. O décimo: não cobiçarás as coisas alheias.

7. Diz Deus: os que guardarem estes dez mandamentos irão para o paraíso. Diz Deus: os que não guardarem estes dez mandamentos irão para o inferno.

8. Rogo-vos, meu Senhor Jesus Cristo, que me deis graça hoje, neste dia, em todo o tempo da minha vida, para guardar estes dez mandamentos.

9. Rogo-vos, minha Senhora Santa Maria, que queirais rogar por mim ao vosso bento Filho, Jesus Cristo, que me dê graça hoje, neste dia, todo o tempo da minha vida, para guardar estes dez mandamentos[3].

10. Rogo-vos, meu Senhor Jesus Cristo, que me perdoeis os meus pecados que fiz hoje, neste dia, em todo o tempo da minha vida, em não guardar estes dez mandamentos.

11. Rogo-vos, minha Senhora Santa Maria, Rainha dos Anjos, que me alcanceis perdão do vosso bento Filho, Jesus Cristo, dos pecados que fiz hoje, neste dia, em todo o tempo da minha vida, em não guardar estes dez mandamentos.

12. Os mandamentos da Igreja são cinco. O primeiro é ouvir missa inteira aos domingos e festas de guardar. O segundo é confessar-se o cristão uma vez na Quaresma ou antes, ou se espera entrar nalgum perigo de morte. O terceiro é tomar comunhão, por obrigação, em dia de Páscoa, ou antes ou depois, segundo o costume do bispado. O quarto é jejuar quando manda a santa Igreja, a saber, Vigílias, Quatro Têmporas e a Quaresma. O quinto é pagar dízimo e primícias.

13. Deus te salve, Rainha, Mãe de misericórdia, doçura da vida, esperança nossa, Deus te salve! A ti bradamos, desterrados filhos de Eva. A ti suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, volve a nós aqueles teus olhos misericordiosos. E, depois deste desterro, amostra-nos Jesus, bento fruto do teu ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Ámen. Roga por nós, que sejamos merecedores dos prometimentos de Jesus Cristo. Ámen Jesus.

14. Eu pecador, muito errado, me confesso ao Senhor Deus e a Santa Maria, a São Miguel, o anjo, a João Baptista, e a São Pedro e São Paulo e São Tomé[4], e a todos os santos e santas da corte dos céus.

---

[3] Cf. Xavier-doc. 20,4.

[4] Acrescenta Xavier o nome de S. Tomé apóstolo, por ser o patrono da Índia.

E a vós, Padre, digo a minha culpa, que pequei grandemente por pensamento e por palavra e por obra, de muito bem que pudera fazer, que não fiz, e de muito mal de que me pudera apartar e não me apartei: de tudo me arrependo e digo a Deus minha culpa, minha grande culpa, Senhor, minha culpa. Peço e rogo, a minha Senhora Santa Maria e a todos os santos e santas, que por mim queiram rogar ao meu Senhor Jesus Cristo, que me queira perdoar os meus pecados presentes, confessados, passados e esquecidos, e daqui para diante me dê a sua graça, que me guarde de pecar e me leve a gozar a glória do paraíso. Ámen.

15. Os pecados mortais são sete. O primeiro é soberba. O segundo é avareza. O terceiro é luxúria. O quarto é ira. O quinto é gula. O sexto é inveja. O sétimo preguiça.

16. As virtudes morais contra os pecados mortais são sete. A primeira é humildade contra a soberba. A segunda é largueza contra avareza. A terceira é castidade contra a luxúria. A quarta é paciência contra a ira. A quinta é temperança contra a gula. A sexta é caridade contra a inveja. A sétima é diligência contra a preguiça.

17. As virtudes teologais são três. A primeira, fé; a segunda, esperança; a terceira, caridade.

18. As virtudes cardeais são quatro. A primeira, prudência; a segunda, fortaleza; a terceira, temperança; a quarta, justiça.

19. As obras de misericórdia corporais são sete. A primeira é visitar os enfermos. A segunda, dar de comer a quem tem fome. A terceira, dar de beber a quem tem sede. A quarta, é remir os cativos. A quinta, é vestir os nus. A sexta, é dar pousada aos peregrinos. A sétima, é enterrar os finados.

20. As obras de misericórdia espirituais são sete. A primeira, é ensinar os simples sem doutrina. A segunda, dar bom conselho a quem o precisa. A terceira, é castigar quem precisa de castigo. A quarta, é consolar os tristes desconsolados. A quinta, é perdoar ao que errou. A sexta, é sofrer as injúrias com paciência. A sétima, é rogar a Deus, pelos vivos, que os guarde de pecados mortais; e, pelos mortos, que os tire das penas do purgatório e os leve para o paraíso.

21. Os sentidos corporais são cinco. O primeiro é ver. O segundo é ouvir. O terceiro é cheirar. O quarto é gostar. O quinto é palpar.

22. As potências da alma são três. A primeira, memória. A segunda, entendimento. A terceira, vontade.

23. Os inimigos da alma são três. O primeiro é o mundo. O segundo é a carne. O terceiro é o diabo.

24. Oração à Hóstia. Adoro-te, meu Senhor Jesus Cristo, bendigo-te a ti, pois pela tua santa cruz remiste o mundo e a mim. Ámen.

25. Oração ao Cálice. Adoro-te, sangue do meu Senhor Jesus Cristo, que foste derramado na cruz para salvar os pecadores e a mim. Ámen.

26. Ó meu Deus poderoso e Pai piedoso, Criador de todas as coisas do mundo, em vós, meu Deus e Senhor, pois sois todo o meu bem, creio firmemente sem poder duvidar que me tenho de salvar pelos méritos infinitos da morte e paixão de vosso Filho Jesus Cristo, meu Senhor, ainda que os pecados de quando era pequeno sejam muito grandes, com todos os demais que tenho feito até esta hora presente, pois é maior a vossa misericórdia que a maldade dos meus pecados. Vós, Senhor, me criastes, e não meu pai nem minha mãe, e me destes alma e corpo e quanto tenho. E vós, meu Deus, me fizestes à vossa semelhança, e não os pagodes, que são deuses dos gentios em figura de bestas e alimárias do diabo. Eu renego de todos os pagodes, feiticeiros, adivinhadores, pois são escravos e amigos do diabo. Ó gentios, que cegueira de pecado é a vossa tão grande, que fazeis de Deus bestas e demónio, pois o adorais em suas figuras! Ó cristãos, demos graças e louvores a Deus trino e uno, que nos deu a conhecer a fé e a lei verdadeira de seu Filho, Jesus Cristo[5].

27. Ó Senhora Santa Maria, Esperança dos cristãos, Rainha dos anjos e de todos os santos e santas que estão com Deus nos céus, a vós, Senhora, e a todos os santos, me encomendo, agora e para a

[5] Oração original de Xavier, como se vê pelo contexto.

hora da minha morte, [para] que me guardeis do mundo, da carne e do diabo, que são meus inimigos desejosos de levar a minha alma para os infernos.

28. Ó senhor São Miguel, defendei-me do diabo à hora da minha morte, quando estiver dando conta a Deus da minha vida passada. Pesai, Senhor, os meus pecados com os méritos da morte e paixão do meu Senhor Jesus Cristo, e não com os meus poucos merecimentos, assim serei livre do poder do inimigo e irei a gozar para sempre sem fim dos fins.

29. À bênção da mesa. *V. Bendizei. R. O Senhor. V. A nós e aos alimentos que vamos tomar, Deus trino e uno nos abençoe. Bendigamos ao Senhor. R. Graças a Deus. V. Louvor a Deus, paz aos vivos, descanso aos defuntos. Amen.*

Deus nos ajunte no paraíso. Amen.

15
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM ROMA

Goa, 20 de Setembro 1542
Cópia em castelhano, feita em 1543

SUMÁRIO: 1. Lembra as primeiras cartas que já escreveu. Escreve agora mais longamente como prometera. – 2. No alto mar. Trabalhos pastorais. – 3. Na ilha de Moçambique: cuidado dos doentes, confissões, pregações. – 4. Adianta-se na viagem com o Governador, ficando os companheiros para tratar dos doentes. – 5. A Goa cristã. – 6-8. Paragem em Melinde: conversas com maometanos. – 9-11. Na ilha de Socotorá, com cristãos doutros ritos: seus sacerdotes indígenas, ritos, jejuns, oposição aos maometanos. Deseja ficar ali e o Governador não consente. – 12-13. Naufrágio da nau principal já perto de Goa. Começo de vida sacerdotal na cidade. – 14. Próxima partida para o Cabo de Comorim com alguns clérigos indígenas, esperando lá pelos companheiros. – 15. Trabalhos da vida missionária e correspondentes consolações. Pede instruções sobre o modo de proceder e notícias. Sente-se instrumento inútil. Conclusão.

1. Quando de Lisboa partimos, *Micer* Paulo, Francisco de Mansilhas e eu, vos escrevi muito longamente da nossa vinda para a Índia. Assim, agora faço o mesmo, dando-vos conta da nossa viagem e chegada à Índia; pois, quando de [junto de] vós parti, me mandastes que fosse solícito em escrever-vos muito longamente, de[sde] a nossa chegada a estas partes da Índia, todas as vezes que ser pudesse.

2. Faço-vos saber que nós partimos de Lisboa para a Índia a sete de Abril, ano de 1541, e chegamos à Índia a seis de Maio do ano 1542. De maneira que pusemos, no caminho, um ano e mais, de Portugal à Índia, onde comummente não costumam pôr mais de seis meses. Na nau, todo o tempo que navegámos, sempre viemos de

saúde. Todos vínhamos na nau onde vinha o senhor Governador[1]: e muito favorecidos dele. No tempo que navegámos, não faltaram na nau confissões: assim dos que vinham enfermos, como dos sãos. Aos domingos, pregava. Louvado seja Deus Nosso Senhor, pois foi servido fazer-me tanta mercê que, navegando pelo senhorio dos peixes, achasse a quem sua palavra manifestasse, e o sacramento da confissão – pelo mar não menos necessário que na terra – administrasse.

3. Antes que pudéssemos passar a estas partes da Índia, chegámos a uma ilha que se chama Moçambique, onde hibernámos cinco naus muito grandes[2] com muita gente; na qual ilha estivemos seis meses[3], onde o rei de Portugal tem um fortaleza[4]. Nesta ilha há um lugar de portugueses e outro de mouros de paz[5]. Adoeceu muita gente, no tempo que aqui estivemos: morreram alguns oitenta homens. Nós pousámos [morámos] sempre no hospital com os enfermos, tendo cargo deles. *Micer* Paulo e Mansilhas, ocupavam-se das coisas corporais; e, eu, em confessar e dar a comunhão de contínuo, não podendo acabar de cumprir com todos. Aos domingos, costumava pregar: tinha muito auditório por estar o senhor Governador presente. Era muitas vezes importunado de ir confessar fora do hospital; e não podia deixar de ir quando algum homem de [má] maneira estava enfermo, ou em qualquer outra necessidade [que] se oferecesse. De maneira que não faltaram ocupações espirituais, todo o tempo

---

[1] De Lisboa até à ilha de Moçambique, na nau *Santiago*. Da ilha de Moçambique para Goa, Xavier partiu à frente, só com o Governador, na nau *Coulão*, deixando os dois companheiros na ilha até mais tarde (LUCENA, *História da vida do Padre Francisco de Xavier* 1,11).

[2] Santiago, Espírito Santo, Flor do Mar, Santa Cruz, São Pedro (FIGUEIREDO FALCÃO, *Livro* 159).

[3] Desde fins de Agosto a fins de Fevereiro (doc 15,12; Q 984).

[4] A fortaleza, então situada no meio da ilha, foi depois mudada para o extremo norte, onde ainda actualmente se encontra (SCHURHAMMER, *Quellen* 1519; 3484; 4225; BRAGANÇA PEREIRA, *Notas* 166-167).

[5] Os portugueses moravam junto da fortaleza; os mouros, no extremo sul da ilha (BRAGANÇA PEREIRA, *Notas* 157).

que estivemos em Moçambique. O senhor Governador e todos os nobres nos mostravam muito amor e vontade, e toda a gente de guerra. Pela graça de Deus Nosso Senhor, à edificação de todos eles estivemos, naquela ilha, por espaço de seis meses.

4. De Moçambique à Índia há 900 léguas. Quando o senhor Governador, desta ilha partiu, para vir a estas partes da Índia[6], a essa sazão havia muitos enfermos. Rogou-nos o senhor Governador que tivéssemos por bem, ficarem em Moçambique alguns de nós, para olhar pelos enfermos que ficavam naquela terra, os quais não estavam em disposição de poder embarcar. E assim, *Micer* Paulo e Mansilhas ficaram lá, por parecer do senhor Governador; e, a mim, mandou-se que viesse com Sua Senhoria – porquanto ele vinha mal disposto – para confessá-lo achando-se em necessidade. E assim, ficaram *Micer* Paulo e Mansilhas, em Moçambique; e, eu, vim com o Governador. Agora, cada dia espero por eles, nas naus que hão-de vir de Moçambique, neste mês de Setembro[7].

5. Há quatro meses e mais que chegámos à Índia, a Goa, que é uma cidade toda de cristãos[8], coisa para ver. Há um mosteiro de muitos frades da Ordem de S. Francisco[9] e uma Sé muito honrada e

---

[6] O Governador recebeu em Moçambique cartas de Goa, pelas quais tomou a resolução de adiantar-se à armada, para apanhar de surpresa o seu antecessor D. Estêvão da Gama e prendê-lo (CORREA, *Lendas da Índia* IV 220; 223--225).

[7] No dia 20 de Março, as restantes cinco naus da armada partiram de Moçambique para Goa, aonde chegaram nos começos de Junho. Todas, menos a *Santiago*, invernaram em Goa a Velha, na costa meridional da ilha. *Micer* Paulo e Mansilhas ficaram na ilha de Moçambique a tratar dos doentes, esperando embarcar na armada do ano seguinte, em 1542. Mas como esta não chegou a tempo, o capitão da fortaleza embarcou-os em Agosto para Goa, aonde chegaram quando Xavier já tinha partido para o Cabo de Comorim (SCHURHAMMER, *Quellen* 984; CORREA, *l.c.* IV 249).

[8] Goa, capital da Índia portuguesa, já era então uma cidade cristã; mas, tanto na cidade como na ilha, havia muitos gentios.

[9] O convento de S. Francisco, cuja primeira pedra foi lançada em 1520, tinha 14 frades em 1527 (SCHURHAMMER, *Quellen* 112) e, em 1548, já eram 40

de muitos cónegos[10], e outras muitas igrejas[11]. Coisa é para dar muitas graças a Deus Nosso Senhor em ver que o nome de Cristo tanto floresce em tão longínquas terras e entre tantos infiéis.

6. De Moçambique a Goa pusemos mais de dois meses. Passámos por uma cidade de mouros, os quais são de paz: chama-se, a cidade, Melinde[12], na qual, o mais de tempo, costuma haver comerciantes portugueses. Os cristãos que aí morrem, enterram-se em umas tumbas grandes, as quais fazem com cruzes. Junto desta cidade, ergueram os portugueses uma cruz grande de pedra[13], dourada, muito formosa. De vê-la, Deus Nosso Senhor sabe quanta consolação recebemos, conhecendo quão grande é a virtude da cruz, vendo-a assim sozinha e com tanta vitória entre tanta mouraria.

7. O rei desta cidade de Melinde veio ver o senhor Governador, ao galeão onde estava, mostrando-lhe muita amizade. Nesta cidade de Melinde fui enterrar um homem, que morreu no nosso galeão. Edificaram-se os mouros, de ver o modo de proceder, que temos os cristãos, em sepultar os finados.

(CORREA, *l.c.* IV 669). A igreja que hoje existe foi construída em 1561 e o convento restaurado em 1762 e ampliado em 1765 (SALDANHA, *História de Goa* II 35; 38).

[10] Conquistada a cidade em 1510, foi construída em barro a capela de S. Catarina, com tecto de palha. O mesmo se diga da nova construção em 1511 (CORREA, *l.c.* II 154; 200). Em seu lugar, foi construída de pedra uma igreja (*Sé Velha*) que, em 1534 estava quase terminada, faltando-lhe apenas a torre e a sacristia (SCHURHAMMER, *Quellen* 86 161). Em 1533, ainda incompleta, tinha sido promovida a catedral. A igreja actual (*Sé Nova*) foi construída nos anos 1562--1631 (SALDANHA, *l.c.* 6-7. A Sé tinha, em 1542, incardinados 13 cónegos, 6 vigários e 1 pároco (SCHURHAMMER, *Quellen* 1011).

[11] Por volta de 1548 nota CORREA (*Lendas da Índia,* IV 669): «na cidade e por fora, havia catorze igrejas e ermidas, em que havia mais cem clérigos».

[12] Hoje Malindi (Kénia), a norte da cidade de Mombaça (cf. BARBOSA, *The book of Duarte Barbosa* 22-23).

[13] Refere-se ao *padrão* aí erguido por Vasco da Gama em 1498. O monumento actual é de época mais recente.

8. Um mouro desta cidade de Melinde, dos mais honrados, perguntou-me que lhe dissesse se as igrejas, onde nós costumamos orar, são muito visitadas por nós, e se somos muito fervorosos na oração: dizendo-me como entre eles se perdia muito a devoção, se era assim entre os cristãos. Porque, naquela cidade, há dezassete mesquitas; e a gente já não ia senão a três mesquitas. E, a estas, muito pouca gente era a que ia. De maneira que estava muito confuso, em não saber donde procedia perder-se assim a devoção: dizia-me que, tanto mal não podia proceder senão dalgum grande pecado. Depois de termos arrazoado um grande pedaço, ele ficou com um parecer e eu com outro. De maneira que não ficou satisfeito com o que lhe disse: que Deus Nosso Senhor, sendo em todas as suas coisas fidelíssimo, não descansava com infiéis e, menos, com a suas orações; e que esta era a causa porque Deus queria que a oração entre eles se perdesse, pois dela não era servido. Um mouro, muito douto na seita de Maomé, o qual era *caciz*[14], isto é, mestre, estava naquela cidade: dizia que, se dentro de dois anos Maomé não viesse visitá-los[15], não havia de crer mais nele nem na sua seita. Próprio é de infiéis e grandes pecadores, viver desconfiados: mercê é, que Nosso Senhor lhes faz, sem eles a conhecerem.

9. Desta cidade de Melinde, vindo nosso caminho para a Índia, fomos dar a uma ilha grande, de 25 a 30 léguas, a qual se chama Socotorá[16]: terra desamparada e pobre; não se colhe nela trigo, nem arroz, nem milho, nem vinho, nem fruta; é muito estéril e seca. Há muitos *dátiles* [tâmaras]; o pão daquela terra é de *dátiles*. Há muito gado, e mantêm-se de leite, *dátiles* e carne.

---

[14] «Sacerdote muçulmano. Em árabe qasîs» (DALGADO, *Glossário* I 165). Dizia-se também de sacerdote cristão.

[15] Dizem que a cidade de Melinde foi fundada por comerciantes persas, portanto por sequazes da seita Shia (BARBOSA, *o.c.* I 17 n.1). Cremos que o Maomé referido no texto era o da duodécima geração do profeta que, prolongando invisivelmente a sua vida, era esperado como Mahdi.

[16] Xavier aportou em Suk, na costa nordeste da ilha.

10. É uma terra de grandes calores. A gente desta ilha é de cristãos, ao parecer deles: por tais se têm. Prezam-se muito de ser cristãos, nos nomes, e assim o mostram. É gente muito ignorante. Não sabem ler nem escrever, nem têm livros nem escrituras: são homens de pouco saber. Honram-se muito de dizer que são cristãos. Têm igrejas, e cruzes, e lâmpadas. Cada lugar tem seu *caciz*: este, é como clérigo entre nós. Não sabem, estes *cacizes*, nem ler, nem escrever; nem têm livros, nem escrituras. Estes *cacizes* sabem muitas orações de cor. Vão à igreja, à meia noite e de manhã, e à hora de vésperas e à tarde à hora de completas: quatro vezes ao dia. Não têm sinos; com uns paus [matracas] chamam a gente, como fazemos nós na Semana Santa. Não entendem, os mesmos *cacizes,* as orações que rezam, porque não são na sua língua: creio que são em caldeu. Eu escrevi três ou quatro orações destas, que eles rezam. Fui duas vezes a esta ilha. São devotos de S. Tomé. Dizem eles que são dos cristãos que fez S. Tomé nestas partes. Nas orações que rezam estes *cacizes*, dizem algumas vezes *aleluia*, *aleluia*: quase assim pronunciam a aleluia como nós. Estes *cacizes* não baptizam, nem sabem que coisa é baptizar. As vezes que fui a estes lugares, baptizei muitos miúdos; folgavam seus pais e mães porque os baptizava. Com muito amor e vontade, de sua pobreza me davam do que tinham, e eu contentava-me com a vontade com que queriam dar-me de seus *dátiles*. Rogaram-me muito que ficasse com eles: que todos, grandes e pequenos, se baptizariam. Disse ao senhor Governador que me desse licença: que eu queria ficar ali, pois achava messe tão preparada. Mas, porque a esta ilha vêm turcos, e não é habitada de portugueses, e para não me deixar em perigo que me levassem preso os turcos, não quis o senhor Governador que ficasse naquela ilha de Socotorá. Disse-me que me havia de enviar a outros cristãos, que têm tanta ou mais necessidade de doutrina que os de Socotorá, [lá] onde faria mais serviço a Deus Nosso Senhor.

Estive a umas Vésperas, que disse um *caciz*. Deteve-se uma hora a dizê-las. Nunca outra coisa fazia que incensar e rezar: a todo o

tempo incensava. Estes *cacizes* são casados. São grandes jejuadores: quando jejuam, não comem pescado, nem leite, nem carne; antes se deixariam morrer. Há muito pescado nesta ilha. Mantêm-se com *datiles* e ervas. Jejuam duas Quaresmas e, uma, é de dois meses. Os que não são *cacizes*, se nestas Quaresmas comem carne, não entram nas igrejas. As mulheres não vão à igreja, nestas Quaresmas[17].

11. Naquele lugar havia uma moura, a qual tinha dois filhos pequenos. Eu quis baptizá-los, pensando que não eram filhos de mouros. Eles puseram-se a fugir de mim para a sua mãe e disseram--lhe que eu os queria baptizar. Ela veio chorando a mim, que não os baptizasse, porque ela era moura e não queria ser cristã, nem menos queria que os seus filhos o fossem. Os cristãos da terra disseram-me que de nenhuma maneira os baptizasse, ainda que sua mãe quisesse, porque eles não ficariam contentes que mouros fossem merecedores de ser cristãos, nem haviam de consentir que o fossem. É gente muito inimiga de mouros.

12. Chegámos à cidade de Goa, a seis de Maio do ano de 1542. Partimos no fim de Fevereiro de Moçambique. As [outras] cinco naus, de mediado Março partiram[18], das quais, a principal se perdeu: a gente quase toda se salvou. Perdeu-se perto de terra[19]. Era nau muito rica. Trazia muitas mercadorias. Era nau de 700 toneladas e mais. Aqui em Goa fiz pousada no hospital[20]. Confessava e dava a comunhão aos enfermos que aí estavam. Eram tantos os que vinham

---

[17] Cf. BROU, *Saint François Xavier* I 120-123; BECCARI, *Rerum Aethiopicarum scriptores* X 48.

[18] Partiram a 20 de Março (SCHURHAMMER, *Quellen* 984).

[19] A nau *Santiago* naufragou perto do *Rio das Cabras*, entre Versova e Baçaim. Os náufragos viram-se obrigados a invernar em Baçaim (CORREA, *Lendas da Índia* IV 249; CASTANHEDA IX 31; SOUSA, *Oriente conquistado*, 1, 1, 1, 16).

[20] O hospital real de Goa foi fundado em 1510 por Albuquerque para os doentes portugueses. No dia 12 de Março de 1542, no sétimo dia da chegada de Xavier, foi confiado à Irmandade da Misericórdia «por ver a grande desordem e mau regimento que se tinha na cura dos enfermos» (J.F.FERREIRA MARTINS, *História da Misericórdia de Goa*, Goa 1912, II 294; SCHURHAMMER, *Quellen*

confessar-se que, se estivesse em dez partes [re]partido, em todas elas teria quem confessar. Depois de cumprir com os enfermos, confessava, pela manhã, os sãos que me vinham procurar; e, depois do meio dia, ia à cadeia confessar os presos, dando-lhes alguma ordem e inteligência, primeiro, do modo e ordem que haviam de ter para confessar-se geralmente. Depois de ter confessado os presos, tomei [conta de] uma ermida de Nossa Senhora, que estava perto do hospital[21], e aí comecei a ensinar aos miúdos as orações, o credo e os mandamentos. Passavam muitas vezes de trezentos, os que vinham à doutrina cristã[22]. Mandou, o senhor Bispo, que pelas outras igrejas se fizesse o mesmo, e assim se continua agora, onde o serviço, que a Deus Nosso Senhor nisto se faz, é maior do que muitos pensam.

13. Com muito amor e vontade dos desta cidade, habitei aqui todo o tempo que estive. Nos domingos e festas, pregava naquela ermida de Nossa Senhora, depois do almoço, aos cristãos da terra, um artigo da fé. Ia tanta gente que não cabia na ermida. E depois da pregação, ensinava o Pai-nosso, Ave-Maria, o Credo e os Mandamentos da lei. Aos domingos, ia fora da cidade dizer Missa aos enfermos do mal de S. Lázaro[23]: confessei-os e dei-lhes a comunhão, a todos os que naquela casa havia; preguei-lhes uma vez; ficaram muito amigos e devotos meus.

---

959). Em 1593 foi substituído por novo edifício, cujas ruínas ainda se conservam (SALDANHA, *História de Goa,* II 184-186).

[21] Teixeira, que vivia em Goa desde 1551, chama-lhe «igreja de Nossa Senhora do Rosário» (MX II 843). Era uma igreja votiva, prometida a Nossa Senhor em 1510 (CORREA, *l.c.* II 151), edificada em tempos de Albuquerque em 1511 (*Goa* 38; 260) e aplicada a igreja paroquial em 1544. O edifício actual foi construído em 1544-1549 (SCHURHAMMER, *Quellen* 4053; 4275).

[22] Donde se induz que, naquela altura, já Xavier tinha feito o *Catecismo Breve* (Xavier-doc. 14).

[23] O hospital S. Lázaro para os leprosos foi construído por António Camacho, quando era Governador Lopo Vaz de Sampaio, entre 1526-1529 (*Goa* 38; 260). Estava situado perto da Rua da Carreira dos Cavalos, para lá do colégio de S. Paulo. As ruínas ainda hoje existem (SALDANHA, *História de Goa* II 191-192).

14. Agora me manda o senhor Governador para uma terra, onde todos dizem que tenho a fazer muitos cristãos. Levo comigo três, daquela terra: dois, são de epístola e evangelho, sabem a língua portuguesa muito bem, e mais da sua natural; o outro, não tem senão ordens menores[24]. Creio que havemos de fazer muito serviço a Deus Nosso Senhor. Em vindo *Micer* Paulo e Francisco de Mansilhas de Moçambique, disse-me o senhor Governador que logo os mandaria para onde eu vou [agora], que é a 200 léguas de Goa. Chama-se, a terra para onde vou, o Cabo de Comorim[25]. Há-de prazer a Deus Nosso Senhor que, com o favor e ajuda das vossas devotas orações, não olhando Deus Nosso Senhor aos meus infinitos pecados, dar-me sua santíssima graça para que cá, nestas partes, muito o sirva.

15. Os trabalhos de tão longa navegação, o cuidado de muitas enfermidades espirituais não podendo homem cumprir com as suas, a habitação de terra tão sujeita a pecados e idolatria, e tão trabalhosa de habitar pelas grandes calmarias que há nela, tomando-se estes trabalhos por quem se deveriam tomar, são grandes refrigérios e matéria para muitas e grandes consolações. Creio que, os que gostam da cruz de Cristo Nosso Senhor, descansam andando nestes trabalhos e morrem quando deles fogem ou se acham fora deles. Que morte é, tão grande, viver deixando a Cristo, depois de tê-lo conhecido, para seguir opiniões e afeições próprias! Não há trabalho igual a este. E, pelo contrário, que descanso, viver morrendo cada dia, por ir contra nosso próprio querer, buscando *não as coisas que são nossas mas as de Jesus Cristo*[26]! Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor vos rogo, Irmãos caríssimos, que me escrevais, muito longamente, de todos os da Companhia; porque, já que nesta vida não espero mais ver-vos

[24] Os três seminaristas eram de Tuticorim (Xavier-doc. 19,1): dois, já diáconos, o Gaspar e o Manuel, foram ordenados sacerdotes em fins de 1544 (Xavier-doc. 45,2).

[25] O Cabo de Comorim, em sentido amplo, abrangia todo Sul da Índia: do lado oriental, a costa da Pescaria e, do lado ocidental, a costa de Travancor.

[26] Fil. 2,21.

face a face, seja ao menos em *enigmata*[27], isto é, por cartas. Não me negueis esta graça, dado que eu não seja merecedor dela. Recordai-vos que Deus Nosso Senhor vos fez merecedores, para que eu, por vós, muito mérito e refrigério esperasse e alcançasse.

Do modo que tenho de ter com estes gentios e mouros, aonde agora vou, escrevei-me muito longamente, por serviço de Deus Nosso senhor; pois, por meio de vós, espero que o Senhor me há-de dar a entender o modo que cá tenho de ter em convertê-los à sua santa fé. As faltas que, neste meio, resposta destas não tiver, espero em Nosso Senhor que, por vossas cartas, me hão-de ser manifestadas, e no futuro emendar-me. Neste meio, pelos méritos da santa Madre Igreja, em quem eu minha esperança tenho, cujos membros vivos vós sois, confio em Cristo Nosso Senhor que me há-de ouvir e conceder esta graça: que use deste inútil instrumento meu, para plantar sua fé entre gentios. Porque, servindo-se sua Majestade de mim, grande confusão seria para os que são para muito, e acrescentamento de forças para os que são pusilânimes. E ao ver que, *sendo eu só pó e cinza*[28] e, mesmo nisto, do mais ruim, presto para ser testemunha de vista da necessidade que cá há de operários, servo perpétuo seria, de todos aqueles que a estas partes quisessem vir para trabalhar na amplíssima *vinha do Senhor*[29].

Assim cesso, rogando a Deus Nosso Senhor que, por sua infinita misericórdia nos junte em sua santa glória, pois para ela fomos criados; e cá, nesta vida, nos acrescente as forças para que, em tudo e por tudo, o sirvamos como ele manda e sua santa vontade nesta vida cumpramos.

De Goa, a 20 de Setembro, ano de 1542
Vosso inútil irmão em Cristo,
FRANCISCO DE XABIER

---

[27] Cf. 1Cor 13,12.
[28] Cf. Gen 18,27.
[29] Cf. Mt 9,37.

16
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Goa, 20 de Setembro 1542
Duma cópia em castelhano, feita em Roma em 1543

SUMÁRIO: 1. Fundação do colégio de Goa, sua importância e nome. Sua igreja em construção. Rendas. – 2. Esperanças que tem no colégio para a conversão da Índia. Apoio do Governador. – 3. Gratidão que merece. – 4. Natureza e finalidade do colégio, jesuítas que o Governador vai pedir por intermédio do Rei e privilégios que pretende obter da S. Sé para a sua igreja. – 5. Qualidades dos da Companhia que tenham de vir para Índia: selectos, de boa saúde e de idade não avançada; variedade de ministérios que os esperam. – 6. Acima de tudo há necessidade de um pregador para os fiéis, missionários para os infiéis e professores para o colégio. Privilégios e indulgências a pedir à S. Sé, devidamente confirmadas por Bulas. – 7. Pede a Inácio que escreva ao Governador e lhe consiga algumas graças da S. Sé.

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre connosco. Amen.

1. Nesta cidade de Goa moveu Deus Nosso Senhor algumas pessoas para que o servissem em fazer um colégio[1], o qual era mais necessário nestas partes que outra coisa, e cada dia se vai fazendo mais. É coisa para dar muitas graças ao Senhor, que tais edifícios materiais, para edificação de muitos templos espirituais, doutrina e

[1] Sobre a fundação do colégio de Goa (*S. Paulo-o-Velho*), por volta de 1540, cf. CROS I 200-204 e MX II 844-846; SCHURHAMMER, *Quellen* 815-816; 821; 847; 849; 870; 2263; 2483. O colégio estava situado na parte oriental da cidade, na *Rua da Carreira dos Cavalos* (SCHURHAMMER, *Quellen* 849; *Francisco Javier, su vida y su tiempo*, Bilbao 1992, II 300-310; *Doc. Indica* I 756-808). Pouco antes, fundara Frei Vicente de Lagos, em Cranganor, outro colégio semelhante (cf. SCHURHAMMER, *Francisco Javier, su vida y su tiempo*, II 358).

conversão de muitos infiéis, manda aos seus servos fazer. Dois, que têm o encargo de edificar o colégio, são homens muito honrados e principais. O senhor Governador dá todo o favor para que este colégio se faça. Parece a Sua Senhoria ser tanto serviço de Deus Nosso Senhor edificar esta casa – nestas partes tão necessária – que, por sua causa, se há-de acrescentar e, em breve tempo, acabar[2]. A igreja que estão a fazer dentro do colégio é muito formosa[3]. Os alicerces já estão acabados e as paredes já erguidas; agora estão a cobri-la. Neste Verão [já] dirão Missa nela. É maior, a igreja, quase duas vezes que a igreja do colégio da Sorbona[4]. Tem já renda: com ela pode já manter mais de cem estudantes. De dia para dia irá ser muito dotada, pois todos a acham muito bem.

Os de cá confiamos em Deus Nosso Senhor que, deste colégio, antes de muitos anos, hão-de sair homens que hão-de acrescentar, nestas partes, muito, a fé de Jesus Cristo e cumprir as fronteiras da santa mãe Igreja.

2. Creio que, dentro de seis anos, há-de ter passados de trezentos estudantes, entre os quais os há-de haver de várias línguas, nações e gentes. Espero em Deus Nosso Senhor que, desta casa, hão-de sair homens, dentro de poucos anos, que hão-de multiplicar o número dos cristãos.

O senhor Governador – dando-lhe Deus Nosso Senhor paz com estes infiéis, pois cá vivemos quase sempre em guerra – há-de fazer

---

[2] No dia 2 de Agosto de 1542, assinou o Governador o decreto a favor da Irmandade da Santa Fé e da construção do seu colégio (SCHURHAMMER, *Quellen* 982; *Francisco Javier, su vida y su tiempo*, II 310; *Doc. Indica* I 801).

[3] Na festa da conversão de S. Paulo, 25 de Janeiro de 1543, foi consagrada a igreja e nela celebrada a primeira Missa (CORREA, *Lendas da Índia* IV 289). Nos anos 1560-1572, foi substituída por novo edifício (S. Paulo dos Arcos), cujas ruínas ainda existem (SOUSA, *Oriente conquistado*, 1,1,2,48 e 2,1,1,47).

[4] A capela do colégio da Sorbona é de 1322. Não sabemos as suas dimensões. Em 1635 foi substituída por outra construção (L.M. TISSERANT, *Topographie Hist. du Vieux Paris: région centrale de l'Université,* Paris 1897, 426-427).

os edifícios materiais deste colégio em breve tempo, por lhe parecer a coisa mais pia e santa de toda a Índia: pois tais edifícios como estes, fundados em Cristo, são causadores de muitas vitórias contra os infiéis, contra os quais Sua Senhoria alcançou muitas e grandes vitórias no passado[5] e, agora para o futuro, espera em Deus Nosso Senhor que lhe há-de dar muitas maiores. Portanto vos manda pedir que, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, nas vossas orações e de toda a Companhia, tenhais especial memória de Martim Afonso de Sousa, encomendando-o a Deus Nosso Senhor para que lhe dê graça de bem governar esta Índia grande, e que *de tal maneira passe por estas coisas temporais que não perca as eternas*[6].

3. E se, da minha parte, pensasse haver necessidade de rogar-vos que não vos esquecêsseis dele em vossos devotos sacrifícios, recomendar-vo-lo-ia como à minha própria alma, por estar-lhe eu tão obrigado. Obrigou-me a ser tão seu, a sua virtude, e também o ele ser tão meu. Todas estas obrigações, tanto suas como minhas, pela graça de Deus são por causa de Cristo. E se dele nalgum tempo me esquecesse, o que nunca Nosso Senhor permita, parece-me que, só por este descuido, Deus Nosso Senhor me havia de castigar, por ofendê-lo com tão grave pecado de ingratidão.

O senhor Governador escreve sobre este colégio ao Rei, para que Sua Alteza escreva para Roma a Sua Santidade, rogando-lhe que tenha por bem mandar a esta terra alguns da nossa Companhia, para que sejam edifícios espirituais deste tão santo colégio. Aqui, alguns chamam-lhe [colégio da] Conversão de S. Paulo[7] e outros [da] Santa

---

[5] Sousa, que era capitão-mor do mar, tinha alcançado grandes vitórias: contra o rei de Cambaia que, depois da batalha, teve de ceder aos portugueses Baçaim e Diu; contra os reis da região de Calicut e Repelim; contra os maometanos, perto da povoação de Vêdâlai, em 1538; e contra uma armada do Malabar, perto da fortaleza de Cananor. Pode ver-se a sua autobiografia em *Archivo Bibliographico* (Coimbra 1877) 107-108 139-145.

[6] Breviário, oração do terceiro domingo de Pentecostes.

[7] A Irmandade da Santa Fé foi fundada em 1541, na igreja de Nossa Senhora da Luz. A sua sede, naquela altura, era aí, na capela da Conversão de S. Paulo, seu

Fé[8]. Este último nome parece-me mais conforme, segundo há-de ser pregada e implantada.

4. Disse-me o senhor Governador que vos escrevesse muito longamente [acerca] deste colégio e da sua fundação. Foi fundado para que aí fossem ensinados na fé os naturais destas terras, e que estes fossem de diversas nações de gentes para, depois de terem sido bem instruídos na fé, os mandar às suas naturalidades a frutificarem no que estavam instruídos. Está o senhor Governador tão bem com a nossa Companhia e nosso modo de proceder, que não o poderia acabar de escrever. Parece-lhe – pois Deus nosso Senhor por vós nos chamou a todos os que somos de uma Companhia – que cumpre com Deus e com a sua consciência em apresentar-vos [a vós] a necessidade que há, para ensinar os deste colégio, que venham alguns da nossa Companhia: que a vós, toca esta empresa de prover de fundamentos espirituais este colégio e, a Sua Senhoria, a de acabar e acrescentar os edifícios materiais dele.

Diz o senhor Governador que, os que hão-de vir, seria coisa santa e de muita estima e causa de muito grande devoção, nestas partes, se para o altar-mor do colégio trouxessem de Sua Santidade uma graça e privilégio: que todos aqueles que, no dito altar, celebrassem Missa por um defunto, tirassem uma alma do purgatório, tal como se, nos altares privilegiados de Roma, celebrassem[9]. Deseja muito o senhor Governador, para que, em coisa tão santa, não intervenha avareza dos que ali vierem a celebrar, que a concessão fosse desta maneira: que, todos os que dissessem Missa nesse altar, fosse *gratis* e por amor

---

padroeiro, e a ele foi dedicada também a futura igreja do colégio (CROS I 201--202; SCHURHAMMER, *Quellen* 821; 847; *Francisco Javier, su vida y su tiempo*, II 300-310).

[8] O nome da confraria era: «Irmandade da conversão à Fé» (SCHURHAMMER, *Quellen* 821; *Francisco Javier, su vida y su tiempo*, II 300-310). Daí o chamarem também ao colégio «da Santa Fé» (Id., *Quellen* 1139).

[9] O altar privilegiado, com indulgência plenária em favor dos defuntos, foi concedido em 1549 (MX II 132-133; cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 4227).

de Deus, sem nenhuma esperança de prémio temporal, e que doutra forma não gozassem do privilégio; e que, o que a manda dizer, se confesse e comungue naquela Missa, porque é muito razoável que, quem é causa de que tirem uma alma do purgatório, tire a sua primeiro do inferno. Porém, aos que disserem Missa no dito altar, *grátis* etc., que Sua Santidade lhes concedesse algum prémio espiritual, ou indulgência plenária, ou outra, qual Sua Santidade mandasse; e isto, para que os sacerdotes, por amor do prémio espiritual, gostassem de dizer Missa *grátis* e por amor de Deus, sem nenhuma esperança de prémio temporal. Desta maneira diz Sua Senhoria que deseja muito esta graça neste colégio, porque desta maneira seria causa de muita devoção, e estimar-se-ia, como é muita razão. Por esta e outras graças espirituais que manda pedir, podeis julgar o ânimo e zelo que tem, pois tão bem sente de coisas tão santas e pias e assim as procura.

5. Certo estou de que, os que hão-de vir da nossa Companhia, hão-de ser pessoa ou pessoas em quem vós muito confieis, pois hão-de ter cargo de um tal colégio como este. Hão-de passar muitos trabalhos, pois os desta terra são grandes, tanto ela debilita os que não são criados nela. Pensai numa coisa: que tanto o mar como a terra os hão-de provar para quanto são. Não é esta terra senão para homens de grande compleição e não de muita idade. Mais é para mancebos que para velhos, embora para velhos saudáveis seja boa. Com muita caridade e amor da gente desta terra serão recebidos os que da nossa Companhia vierem. Hão-de ser muito importunados para muitas confissões, Exercícios Espirituais e pregações. Pensai que encontrarão *muita messe*[10]. Há já mais de sessenta rapazes, naturais da terra, dos quais está encarregado um Padre Reverendo[11]. Estes, neste Verão, irão habitar no colégio. Entre eles, há muitos, e quase

[10] Cf. Mt 9,37.

[11] Mestre Diogo, nascido em Borba (Alentejo), saiu da Ordem franciscana e partiu como pregador para Goa em 1538, onde foi um dos fundadores do colégio de S. Paulo e seu primeiro reitor. Morreu em 1547. Não confundir com Frei

todos, que sabem ler e rezar o ofício e, muitos deles, escrever. Estão já capazes de estudar gramática. Esta informação vos dou, para que daí provejais quem aqui se ocupe só em ensinar gramática, que terá muita ocupação.

6. Dos que hão-de vir, deseja o senhor Governador que, entre eles, viesse algum pregador, o qual se ocupasse com os clérigos em Exercícios Espirituais, ou em ler-lhes alguma coisa da Sagrada Escritura ou de matéria de sacramentos, porque os clérigos que vêm para a Índia não são todos letrados[12]; e [que] juntamente com isto, pondo por obra o que lhes lesse e ensinasse, os movesse e inflamasse no amor de Deus e salvação dos próximos, ao verem-no pôr em execução o que lhes lesse, pois as obras é que movem mais que as palavras. E os outros se ocupassem em confissões, em ministrar sacramentos e conversar com os gentios desta ilha, porque haveriam de converter muitos, e fazer infinito fruto nas almas dadas à idolatria: que muitas delas, por não saberem quem as ajude a sair de tanta ignorância, chegam a tanta infidelidade por não conhecer o seu Criador e Senhor. Espera o senhor Governador que de Roma hão-de vir três clérigos e um mestre de gramática, porque assim me parece que escreve ao Rei: para que Sua Alteza escreva a Sua Santidade pedindo-lhe quatro da nossa Companhia, e também acerca das nossas indulgências, de que na outra carta vos escrevo[13], para que o Rei proveja em Roma para que se despachem. Se as trouxerem os que da nossa Companhia vierem, tende a certeza que terão ganho as vontades de todos os portugueses que há na Índia, além de muita autoridade e crédito com todos eles, o que é grande parte para imprimir nas suas almas todas as coisas espirituais. Entre todas as nações que tenho visto, creio que a portuguesa leva vantagem a todas, em estimar as graças ou indulgências

---

Diogo de Borba, OFM, eleito Provincial da província da Piedade em 1529; 1535; 1543 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 146).

[12] Cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 408.

[13] Xavier-doc. 17.

de Roma. A concessão destas graças será causa de que muitos mais se acerquem dos sacramentos e, tanto por esta razão como por serem os portugueses muito obedientes, virá a conceder-lhes as indulgências que esperam. Todas as graças que daí trouxerem os da nossa Companhia, hão-de trazê-las muito autorizadas por Bulas de Sua Santidade, para maior autoridade e maior aumento de devoção.

7. O senhor Governador, pelo que creio, também vos escreve. Embora não vos conheça de vista, é muito vosso devoto e de todos os da Companhia. Não deixeis de escrever-lhe e mandar-lhe um par de rosários de contas, um para sua mulher[14] e outro para ele, com todas as graças, indulgências, que de Sua Santidade puderdes alcançar: há-de os muito estimar, tanto pelas graças, indulgências, que Sua Santidade lhe há-de conceder, como por enviar-lhas vós. Mais vos pede o senhor Governador e é que, pela muita confiança que em vós tem, lhe alcanceis esta graça e privilégio de Sua Santidade: que todas as vezes que se confessar ele e sua mulher, filhos e filhas[15], lhes conceda Sua Santidade aquelas indulgências que ganhariam, se todas as sete igrejas de Roma em pessoa visitassem. Nisto receberia o senhor Governador grande caridade de vós; e pensaria, de mim, que algum crédito tenho convosco, se, por escrever-vos eu da sua parte, alcançardes de Sua Santidade estas graças e as outras. Assim acabo, rogando a Cristo Nosso Senhor, pois por sua infinita misericórdia nos juntou nesta vida, que depois da morte nos leve à sua santíssima glória.

De Goa, a 20 de Setembro, ano 1542
Vosso filho em Cristo
FRANCISCO DE XABIER

---

[14] D. Ana Pimentel. Não acompanhou o Governador para a Índia.

[15] «Do seu consórcio com D. Ana Pimentel, nasceram cinco filhos e três filhas, a saber: Pero Lopes, Lopo Roiz (que morreu no mar, quando ia com seu pai para a Índia em 1541-42), Pero Afonso, Rodrigo Afonso, Gonçalo, Inês, Brites, Catarina)» (*História da colonização portuguesa do Brazil* III 112-114).

17
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Goa, 20 de Setembro 1542
Duma cópia em castelhano, feita em Coimbra em 1543

SUMÁRIO: O Governador pede graças para a Índia. – 2. Indulgências para a festa de S. Tomé, patrono da Índia. – 3. Para os doentes e para os que os tratam. – 4. Para os que visitarem em determinados dias os santuários de Nossa Senhora. – 5. Para a Irmandade da Misericórdia. – 6. Faculdade para que os Vigários do Bispo possam administrar o sacramento da Confirmação, pela distância que há duns lugares a outros. – 7. Poder-se trasladar a Quaresma para os meses de Junho e Julho. – 8. (Ps)Deseja notícias do colégio de Coimbra.

A graça e paz de Jesus Cristo nosso Senhor esteja sempre connosco. Amen.

1. O senhor Governador – a quem todos nós, assim os que estamos nas Índias, como os que estais em Roma, muito devemos, por ser um senhor muito zeloso do serviço de Deus, e por um amor e vontade muito íntegra que nos tem – rogou-me que vos escrevesse a dar-vos parte de algumas necessidades espirituais que aqui há. E por ser bem inclinado a todas as obras pias, e serem os seus pedidos muito conformes a toda a piedade e virtude, obrigou-me a que vos escreva a dar-vos parte de algumas coisas.

2. A primeira é que vos pede, por serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, uma vez que a gente desta terra é muito devota do glorioso apóstolo São Tomé por ser patrono de toda esta Índia, para acrescentamento da devoção dos seus devotos, Sua Santidade conceda indulgência plenária, no seu dia[1] com suas oitavas, a todos

[1] 21 de Dezembro.

aqueles que se confessarem e comungarem no seu dia e suas oitavas, e os que não se confessarem e comungarem que não ganhem as indulgências. A isto se move o senhor Governador por amor de que a gente se confesse e comungue. É para dar graças a Nosso Senhor, ver quanto bem sente o fruto destes sacramentos. Também pede isto, porque na Quaresma é Verão nesta terra, e toda a gente anda na armada por mar. É que aqui os portugueses são senhores do mar e os infiéis da terra e, na Quaresma, toda a gente anda na guerra e os mercadores a navegar, e não se confessam nem comungam por não estarem em terra. Por esta causa, deseja o senhor Governador que Sua Santidade conceda esta graça, para que a gente mais se chegue aos sacramentos. Esta concessão será como outra Quaresma.

3. E também vos pede o senhor Governador, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, que, para os hospitais desta terra, alcanceis de Sua Santidade esta graça: que todos os enfermos e os que servem os enfermos nos hospitais, todas as vezes que se confessarem e comungarem, ganhem indulgência plenária, e os que nos hospitais morrerem, que sejam absolvidos de culpa e pena. Tudo isto procura o Governador para atrair a gente aos sacramentos, e aos sãos para que sirvam com amor os enfermos e se ocupem de obras pias, e todos sirvam e conheçam a Deus e dêem bom exemplo aos infiéis, entre os quais habitamos e vivemos.

4. Item: por ser o senhor Governador muito devoto de Nossa Senhora, e está a maior parte do tempo em Goa com grande corte – esta cidade está numa ilha que é de três léguas e há nesta ilha algumas ermidas de Nossa Senhora muito devotas[2], ricas de edifícios

---

[2] Em 1542, as igrejas e capelas dedicadas a Nossa Senhora em Goa eram as seguintes: N. Senhora da Misericórdia, N. Senhora da Luz, N. Senhora do Monte, N. Senhora do Rosário, N. Senhora da Serra. E fora da cidade: Madre de Deus (Daugim), N. Senhora do Cabo, N. Senhora da Conceição (Pangim), N. Senhora de Guadalupe (Batim), N. Senhora da Piedade (Divar), N. Senhora da Ajuda (Ribandar). Cf. *Goa* 38, 263v-264; *Archivo Português Oriental* V, n.75, p.166-169; SALDANHA, *História de Goa* II 16; 19; 28; 32-33; 100; 145).

e ornamentos, de clérigos que as servem, e de tudo o necessário faltando-lhes só graças espirituais, e a seus tempos cada ermida faz as suas festas com muitos aparatos – pede o senhor Governador, para acrescentamento da devoção destas casas, e para que nos seus festejos Nossa Senhora seja deveras honrada de vivos templos espirituais, que em tais dias todos os que se confessarem e comungarem, ganhem indulgência plenária visitando tais ermidas; e os que não se confessarem e comungarem, que não as ganhem. Destas graças há mais necessidade na Índia que em qualquer outra parte de cristãos, porque aqui há poucos confessores e muitos cristãos, tanto portugueses como naturais da terra. Muitos gentios se convertem cada dia, e não é possível confessarem-se todos na Quaresma. O que nesta parte pretende o senhor Governador é fazer que toda a gente se confesse e comungue. Para isto pede a Sua Santidade estas graças: para atrair a gente aos sacramentos, e fazer que todos conheçam os verdadeiros tesouros que Cristo Nosso Senhor nos deixou nesta vida para ir à outra.

5. Item: haveis de saber que nesta terra, na maior parte dos lugares de cristãos, há uma companhia de homens muito honrados, que se encarregam de amparar a toda a gente necessitada, tanto aos naturais cristãos como aos recém-convertidos. Esta companhia de homens portugueses chama-se *Misericórdia*[3]. É coisa de admirar ver o serviço que estes bons homens fazem a Deus Nosso Senhor, em favorecer a todos os necessitados. Para que a devoção desta boa gente seja acrescentada, pede o senhor Governador a Sua Santidade que conceda a todos os confrades desta santa *Misericórdia* que, confessando-se e comungando cada ano, ganhem indulgência plenária e, na morte,

---

[3] A primeira Confraria da Misericórdia foi fundada em 15 de Agosto de 1498 em Lisboa pela rainha D. Leonor, viúva de D. João II, a conselho do seu confessor Fr. Miguel de Contreiras, O. SS. Trin. A ela sucederam logo muitas outras por todo o império português. Cf. COSTA GOODOLPHIM, *As Misericórdias*, Lisboa 1897) e J.F. FERREIRA MARTINS, *História da Misericórdia de Goa*, Nova Goa 1910-1914).

absolvição de culpa e pena. Isto por amor de que exercitem com maior fervor as obras de misericórdia ao verem que Sua Santidade assim os favorece. E, uma vez que a maioria deles são casados, que as suas mulheres participem da mesma graça.

6. Item: haveis de saber que os portugueses, nestas partes da Índia, são senhores do mar[4] e de muitos lugares que estão pegados ao mar, nos quais o Rei de Portugal tem fortalezas. Nestas fortalezas, há lugares de cristãos, habitados por portugueses casados. A distância de uns a outros é muito grande, porque desta cidade de Goa a Maluco, onde o Rei tem uma fortaleza[5], há 1.000 léguas; e daqui a Malaca, onde há muitos cristãos, há 500 léguas; e daqui a Ormuz[6], que é uma cidade muito grande, onde há muitos portugueses, há 400 léguas; e daqui a Diu[7], há 300 léguas; e daqui a Moçambique há 900 léguas; e daqui a Sofala[8] há 1.200 léguas. Em todos estes lugares tem o Bispo postos vigários. Pela distância que vai duns lugares a outros, não os pode o Bispo visitar. Vendo o senhor Governador a necessidade que todos temos de participar do sacramento da Confirmação, pela muita contratação, cativeiro e guerra que continuamente temos com infiéis, pede a Sua Santidade que, para maior firmeza, perseverança e acrescentamento da nossa santa fé, dispense com o

---

[4] Cf. CORREA, *Lendas da Índia* I 906-907. Ao contrário dos *domínios de território* no Ocidente (ilhas atlânticas e Brasil), os portugueses no Oriente interessavam-se sobretudo com o *domínio dos mares* sem pretensões de ocupar os países circundantes, a não ser portos de apoio em lugares estratégicos. Com esses países procuravam sobretudo ter boas relações comerciais e diplomáticas (cf. notas de Schurhammer a Xavier-doc. 19,4; 61,1; 55,3; 56,3; 59,11; 73,6; 108,2-4; 109,5; SCHURHAMMER, *Francisco Javier – su vida y su tiempo* II 173-177: «Desde el Cabo hasta la China»).

[5] Ternate. A palavra *Maluco* aplica-se umas vezes à fortaleza, outras à ilha de Ternate, outras às Molucas em sentido restrito ou amplo.

[6] Ormuz, no golfo Pérsico.

[7] Diu, fortaleza na ilha do mesmo nome, junto ao extremo meridional da península de Kathiawar (Gujarat).

[8] Sofala, fortaleza entre os rios Zambeze e Save, perto da Beira (Moçambique).

Bispo para que possa confiar aos seus vigários a administração do sacramento da Confirmação nesses lugares longínquos ou quaisquer outros, sejam quais forem, que ele não possa visitar, mesmo que queira, dada a distância tão grande que há de uns a outros, e ser ele o único Bispo nestas partes da Índia[9].

7. Item: desta terra vos faço saber que, quando aí é Verão, aqui é Inverno[10], e quando aí é Inverno, aqui é Verão: tudo ao contrário do daí. O Verão aqui é muitíssimo trabalhoso, por causa dos grandes calores. São tão grandes que o pescado logo apodrece mal o matam. Aqui, a gente, no Verão, anda no mar de um lado para o outro; no Inverno o mar é tão desesperado e bravo, que ninguém navega. No tempo da Quaresma a gente de guerra anda toda na armada pelos mares, e os mercadores andam de um lado para o outro negociando com as suas fazendas, porque aqui todos vivem de comércio, por não serem senhores da terra mas apenas do mar. De maneira que, por causa dos grandes calores e por nesse tempo a gente andar a navegar, não se guarda a Quaresma, nem jejuando nem deixando de comer carne. Disse-me o senhor Governador que vos escrevesse dando-vos parte de tudo, rogando-vos muito que, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, se fosse possível, que o tempo da Quaresma se mudasse para outro tempo em que a gente não anda a navegar nem os mercadores andam em negócios por mar, que é por Junho ou Julho, porque nestes dois meses é a força do Inverno, durante o qual não há calor nem a gente navega: nesse tempo muito temperado, jejuariam muitos e não comeriam carne, a gente confessar-se-ia e comungaria,

---

[9] O privilégio foi concedido pelo Breve «Cum sicut carissimum» de 28. Out. 1546. Foram enviados exemplares aos vigários dos seguintes lugares: Maluco, Malaca, Macassar, Choromandel, Cazatora (Socotorá) Coilão (Quilon), Ormuz, Sofala, ilha de Moçambique, Ceilão (Arch.Vatic., *Minuta Brevium Arm.* 41, t.37, f.160-161v; Seb. GONÇALVES, *História dos religiosos da Companhia de Jesus…* 8,22). Na ilha de Socotorá não havia então nenhum vigário.

[10] O Inverno (*monção*) dura, na costa ocidental da Índia, desde Junho até Setembro.

e haveria mais memória da Quaresma do que a há. Uma vez que isto é serviço de Deus Nosso Senhor e grande, roga-vos muito o senhor Governador que, o que neste ponto se poderia fazer, não deixe de pôr-se em execução[11] por falta de não haver quem o procure. O prémio de todos estes trabalhos, diz Sua Senhoria que será ganhardes [vós] a vontade a todos os de aqui, e participardes do muito serviço de Deus com tanta ocasião de merecimento que aos daqui haveis de dar.

De Goa, ano de 1542, a vinte de Setembro
Vosso filho em Cristo,
FRANCISCO DE XABIER.

8. Quando de Lisboa parti, para vir para a Índia, escrevi-vos acerca de um colégio da nossa Companhia que o Rei queria fazer na universidade de Coimbra. Mandou-me Sua Alteza que vos escrevesse para que, de Roma, mandásseis algum da Companhia, oferecendo-se Sua Alteza a dar toda a ajuda e favor para a edificação do dito colégio. A necessidade que tem de homens, para prover, a tantas terras de infiéis, de quem os ensine na fé de Jesus Cristo, mostra quanta causa tenha o Rei para fazer este colégio da nossa Companhia. Por amor de Nosso Senhor vos rogo que me façais saber o que nisto se fez.

[11] Em 1548, o próprio Xavier desistiu, ao ver, pela experiência, que esta mudança não era necessária (Xavier-doc. 60,3).

18
LICENÇA PARA REZAR O BREVIÁRIO NOVO

Goa, 21 de Setembro 1542
Cópia em português, feita em 1641

Eu, Mestre Francisco, concedo[1] a vós, P. Agostinho[2], que possais rezar o Ofício do Breviário novo, porque para seis tenho licença de dar faculdade de rezar o Ofício novo. E porque assim é verdade, pus aqui o meu próprio sinal.

Aos 21 de Setembro de 542.
MESTRE FRANCISCO

---

[1] Esta licença já Xavier a tinha pedido de Lisboa em 1540 (Xavier-doc. 9,4).

[2] Segundo Sebastião Gonçalves, o Padre Agostinho era filho de certo «português antigo», nascido em Goa. Seu pai parece ter sido Diogo de Salas, «que foi criado do mordomo que foi da rainha nossa senhora», como se refere a ele Albuquerque em 1513. Em 1514 era «despenseiro do navio Rosário» em Cochim (*Cartas de Albuquerque* I 149; VI 200). Em 1510, Diogo de Salas desempenhava o cargo de escrivão da Tanadoria de Cintapor (lugar ao sul de Goa) (CASTANHEDA 3,47). Em 1526 era escrivão da ilha de Goa e territórios dela dependentes na ilha de Chorão e Divar (Arquivo Português Oriental V, n.57). Isto talvez explique porque o seu filho Agostinho tivesse a ilha de Chorão a seu cargo em 1552 (Xavier-doc. 114,9 e 11). Certo Agostinho de Sala, ao que parece distinto deste, residia em Coulão em 1581.

19
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Tuticorim, 28 de Outubro 1542
Duma cópia em castelhano, feita em 1543

SUMÁRIO: 1. Lembra a carta que escreveu de Goa. – 2. Situação dos cristãos na Costa da Pescaria: baptismo de crianças e catequese de jovens. – 3. Feliz parto duma mulher depois de aceitar o baptismo, que desencadeia conversões e baptismos em massa no lugar. – 4. O Governador continua a proteger os cristãos: louvor que merece do Papa e de Inácio.

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam sempre connosco. Amen.

1. Da cidade de Goa vos escrevi[1], muito longamente, de toda a nossa peregrinação, desde que partimos de Lisboa até à nossa chegada à Índia. E também [de] como estava de partida para Tuticorim[2], em companhia duns Padres[3] daquele lugar, os quais, de pequenos, foram levados para a cidade de Goa, onde foram ensinados nas coisas eclesiásticas, de maneira que agora são de Evangelho[4].

---

[1] Xavier-doc. 10.

[2] Tuticorim, em língua tamul *Tûttukkudi*, localidade principal da Pescaria, onde os cristãos paravas eram 8.270 em 1644 e em 1914, cerca de 8.500. Em 1931 tinha 60.395 habitantes (YULE, *Hobson-Jobson. A Glossary* 949; PATE, *Madras District Gazetteers* 440-450; KRISHNASWAMI AYYAR 303-307; BESSE 486-496).

[3] Em sentido amplo de *clérigos*: eram os dois diáconos e o minorista que refere no Xavier-doc. 15,14.

[4] Os dois *diáconos*: um chamava-se Gaspar e o outro Manuel.

2. Viemos por lugares de cristãos[5] que, agora haverá oito anos, se fizeram cristãos[6]. Nestes lugares, não habitam portugueses, por ser a terra muito estéril, em extremo, e paupérrima. Os cristãos destes lugares, por não haver quem os ensine na nossa fé, não sabem mais dela que dizer que são cristãos. Não têm quem lhes diga Missa[7], nem menos quem lhes ensine o Credo, Pai-nosso, Ave-Maria, nem os Mandamentos. Nestes lugares, quando chegava[8], baptizava todas as crianças que não estavam baptizadas. De maneira que baptizei uma grande multidão de crianças «*ignorantes da diferença que há entre esquerda e direita*[9]». Quando chegava aos lugares, não me deixavam, as crianças, nem rezar o meu Ofício, nem comer, nem dormir, sem que lhes ensinasse algumas orações. Então comecei a perceber «*porque é de tais o reino dos céus*[10]». Como tão santa petição não podia, senão *impiamente,* negá-la, começando pela confissão do Pai, Filho e Espírito Santo, pelo Credo, Pai-nosso, Ave-Maria, assim as ensinava. Conheci nelas grandes engenhos. Se houvesse quem as ensinasse na santa fé, tenho por muito certo que seriam bons cristãos.

---

[5] Refere-se provavelmente a Manapar, pois era este o primeiro porto a que aportavam as naus vindas da costa ocidental (cf. PATE, *l.c.* 501). Dali foi Xavier por terra a Tuticorim, pois diz que visitou vários lugares de cristãos antes de lá chegar.

[6] Os legados dos paravas abraçaram a fé em 1535; as aldeias disseminadas desde o promontório de Comorim até Punicale, em 1536; e as situadas ao norte de Punicale, em 1537 (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung der Paraver* 223-224).

[7] Quando chegou Xavier, apenas um sacerdote secular tinha a seu cargo toda esta região de cristãos. Vivia em Tuticorim e, ao que parece, não ensinava a doutrina cristã nem visitava as outras comunidades cristãs (SCHURHAMMER, ib. 230-233).

[8] Entre Manapar e Tuticorim eram estes os lugares de *paravas*: Âlantalai, Tiruchendûr, Vîrapândyanpattanam, Talambuli, Punnaikâyal (Punicale), Palayakâyal (Cael Velho). Além disso viviam só *maometanos* em Kâyalpattanam e *careas* em Kombuturê.

[9] Cf. Jon 4,11.

[10] Mt 19,14.

3. Seguindo caminho, cheguei a um lugar de gentios[11], onde não havia nenhum cristão, nem se quiseram fazer quando os seus vizinhos se converteram à fé, dizendo que eram vassalos dum senhor gentio, o qual, ele, não queria que eles fossem cristãos. Neste lugar estava uma mulher com dores de parto havia três dias. Muitos desconfiavam [já] da sua vida. Como as invocações dos gentios desagradam a Deus, por serem *«todos os deuses dos gentios demónios»*[12], as suas petições não eram ouvidas nem [bem] vistas *na presença do Senhor*[13], fui [eu], com um daqueles Padres que vinham comigo, àquela casa, onde estava aquela coitada mulher com dores de parto. Entrando em casa, «*comecei confiantemente a invocar o grande nome de Cristo*[14]», nada pensando que estava *em terra alheia*[15], mas antes julgando que *«do Senhor é a terra e tudo o que a enche, o orbe terrestre e quantos nele habitam»*[16]. E, começando pelo Credo – e o Padre meu companheiro traduzindo-o na sua língua deles[17] – veio ela, *por clemência de Deus*, a acreditar nos artigos da fé. Perguntei-lhe se queria ser cristã. Respondeu-me que, de muito inteira vontade, queria sê-lo. Rezei então os Evangelhos naquela casa – os quais creio que, naquela casa, nunca foram ditos – e, depois, baptizei-a. Que mais? Imediatamente depois do baptismo deu à luz, aquela que confiantemente em Cristo

---

[11] Talvez a aldeia de Kombuturê, habitada por *careas*, casta afim dos *paravas*. Estava situada perto de Kâyalpattanam, a sudoeste. Hoje apenas resta uma capela dedicada a S. Estêvão (Santh Esteve Krusadi). Xavier fala de duas aldeias cristãs da casta dos *careas*, perto de Kombuturê (Xavier-doc. 30,3; 39,5; cf SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 266). Talvez uma delas seja aquela a que se refere nesta carta. No processo de canonização elaborado em 1616, duas testemunhas dizem que o lugar foi «perto de Tuticorim» (MX II 564; 572). Entendida a expressão rigorosamente, aludiriam a Cael Velho; mas não cremos se deva insistir muito na palavra *«perto»*.

[12] Slm 95,5.

[13] Slm 101,1.

[14] Cf. Gen 4,26; Act 19,13.

[15] Cf. Slm 136,4.

[16] Slm 23,1.

[17] Língua *tamul*.

Jesus esperou e acreditou. Depois, baptizei o seu marido, filhos e filhas, e o bebé, naquele dia nascido, com todos os de casa. Soou pelo lugar o que Deus nesta casa realizou.

Acabado isto, fui aos principais do lugar e requeri-lhes, da parte de Deus, que cressem em Jesus Cristo seu Filho, *«o único no qual está a salvação»*[18]. Eles responderam-me que, sem licença do senhor do lugar, não ousariam fazer-se cristãos. Fui a um criado do senhor do lugar, o qual tinha vindo para cobrar certas rendas do seu senhor. Depois que lhe falei, disse ele que ser cristão era boa coisa e que ele lhes dava licença para se fazerem cristãos. Este coitado deu-lhes bom conselho, mas ele não o quis tomar para si. Então, baptizaram-se os mais principais do lugar, com todas as suas casas. Depois que os principais se tornaram cristãos, baptizei os do lugar, assim grandes como pequenos[19]. Acabado isto, segui o meu caminho para Tuticorim. Quando chegámos, os Padres e eu, fomos recebidos dos deste lugar com muito amor e caridade. Esperamos em Deus Nosso Senhor que havemos de fazer muito fruto.

4. O senhor Governador tem muito amor a estes cristãos, que recentemente se fizeram nestas partes. Favoreceu-os muito em tempos que os mouros os perseguiam e maltratavam. Estes cristãos estão todos pegados com o mar e vivem só das riquezas do mar: são pescadores. Os mouros tinham-lhes tomado os seus navios, com os quais se mantinham. O senhor Governador, logo que disto soube, foi em pessoa com uma armada atrás dos mouros, de maneira que os alcançou. E matou grande multidão deles: desbaratou-os a todos. Tomou-lhes todos os seus navios, sem deixar-lhes nenhum, e [também] os que levavam de presa dos cristãos desta terra. Restituiu a todos os cristãos os seus navios e, aos pobres que não tinham navios

[18] Act 4,12.

[19] Testemunhas do processo de canonização de 1616 dizem que se baptizou «quase toda a aldeia» (MX II 554). A primeira testemunha é o *parava* Tomé Vaz, de 67 anos, habitante de Tuticorim, cujo pai tinha hospedado Xavier em Punicale.

nem com que podê-los comprar, deu-lhes os que tomou como presa aos mouros. De maneira que teve uma grande vitória e de muita memória. E, assim como Nosso Senhor o ajudou, assim o soube reconhecer, pois tão liberal foi com os cristãos. Agora não há memória de mouros, nem há entre eles quem ouse alçar cabeça. Matou o Senhor todos os principais e os que eram para alguma coisa[20]. Os cristãos desta terra têm o senhor Governador por pai, e o senhor Governador tem-nos por filhos *«gerados em Cristo»*[21]. Deus Nosso Senhor sabe quanto me tem recomendado estas novas *«plantas de Cristo»*[22]. Agora está o senhor Governador para fazer uma coisa de muita memória e serviço de Deus Nosso senhor que é: juntar todos estes cristãos, os quais estão longe uns dos outros, e pô-los numa ilha[23] e dar-lhes rei que olhe por eles, mantendo-lhes justiça. E, com isto, juntamente, quem olhe pelas suas almas.

Se Sua Santidade soubesse quanto cá o senhor Governador o serve, agradecer-lhe-ia os serviços que cá faz. Portanto, fazei que lhe escreva, agradecendo-lhe os serviços que cá lhe faz: não recomendando-lhe os cristãos, porque ele os tem a cargo, mas dando-lhe as devidas graças, que os seus serviços merecem, pois tanto olha pelas suas ovelhas e tão solícito é em vigiar sobre elas para que os infiéis, *«lobos rapaces, não as devorem*[24]*»*. Não deixeis de escrever-lhe, porque

---

[20] Alude à vitória de Martim Afonso de Sousa sobre os muçulmanos em 30 de Janeiro de 1538, perto de Vêdâlai, ao norte da Pescaria (cf. SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 216-219).

[21] Cf. 1Cor 4,15.

[22] Cf. Slm 143,12.

[23] Em 1560 persistia o plano de levar colonos cristãos para Jaffna (Ceilão), mas não foi possível conquistá-la. Em 1561 mudaram-se os cristãos para a ilha de Manar, mas por causa da peste tiveram de a abandonar em 1563. Nem em 1611 se puderam instalar na costa sudoeste de Ceilão (cf. SOUSA, *Oriente conquistado,* 1,2,2, 26-29; BESSE, *La mission du Maduré* 410-419; *Documentos remetidos da Índia*, Lisboa 1884, II 130-132).

[24] Cf. Mt 7,12; Act 20,29; 1Pdr 5,8.

com as vossas cartas estou certo que tomará muito prazer. E com isto, juntamente, encomendando-o a Deus Nosso Senhor, assim vós como todos os da Companhia, para que lhe dê sua santíssima graça para sempre perseverar em bem, pois a nossa salvação não consiste somente em bem começar, mas em bem perseverar *até ao fim*[25]. Eu, confiando na infinita misericórdia de Deus Nosso Senhor, com o muito favor dos vossos sacrifícios e orações e de toda a Companhia, espero que, se nesta vida não nos virmos, será na outra, com mais prazer e descanso do que neste mundo temos.

De Tuticorim, a 28 de Outubro, ano 1542
Vosso filho em Cristo
FRANCISCO DE XABIER

[25] Mt 10,22.

20
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM ROMA

Cochim, 15 de Janeiro 1544
Duma cópia em castelhano, feita em Coimbra em 1547

SUMÁRIO: 1. Cartas que tem escrito. – 2. Entre os cristãos do Cabo de Comorim: sua ignorância religiosa, modo de os catequizar, tradução das fórmulas catequéticas em língua malabar. – 3-4. Instruções que dá aos domingos sobre os mandamentos e o credo. – 5. Assiduidade das crianças à catequese e desprezo a que votam os ídolos. – 6. Baptiza as crianças que nascem, catequiza jovens e adultos, envia as crianças da catequese a rezar os evangelhos sobre os enfermos em suas casas. – 7. Nos outros lugares segue o mesmo método. – 8. Ânsias de estimular o zelo dos doutores das universidades a irem para as missões converter pagãos. Trabalhos apostólicos e baptismos até cansar os braços. Apoio do Governador às missões e amizade à Companhia de Jesus. – 9. O colégio para indígenas em Goa, confiado a Micer Paulo. – 10. Vícios dos brâmanes. – 11. Modo de agir com os brâmanes: disputas com eles sobre a imortalidade da alma e a cor de Deus; fealdade dos seus ídolos; respeitos humanos em converterem-se. – 12. Segredos doutrinais que lhe confia um brâmane. – 13-14. Suas grandes consolações e alegrias. Missas pelo cardeal Guidiccioni – 15. Confiança na intercessão dos milhares de crianças que baptizou e morreram na inocência.

A graça e amor de Cristo nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Há dois anos e nove meses que parti de Portugal e, desde então, vos escrevi de cá três vezes com esta[1]. Só umas cartas vossas recebi, desde que estou cá na Índia, as quais foram escritas a 13 de

---

[1] Pelas naus que partiam para Lisboa em 1542 (Xavier-doc. 13, da ilha de Moçambique); pelas naus que partiam em 1543 (Xavier-doc. 15-17, de Goa; Xavier-doc. 19, de Tuticorim).

Janeiro do ano de 1542[2]. A consolação que recebi com elas, Deus Nosso Senhor sabe. Estas cartas entregaram-mas haverá dois meses[3]. Chegaram tão tarde à Índia, porque o navio em que vinham invernou em Moçambique[4].

2. *Micer* Paulo, Francisco de Mansilhas e eu estamos com muita saúde. *Micer* Paulo está em Goa, no colégio de Santa Fé: tem o encargo dos estudantes daquela casa. Francisco de Mansilhas e eu estamos com os cristãos do Cabo de Comorim. Há mais de um ano que estou com estes cristãos, dos quais vos faço saber que são muitos[5] e se fazem muitos mais cada dia. Logo que cheguei a esta costa, onde eles vivem, procurei saber deles que conhecimento de Cristo Nosso Senhor tinham. Perguntando-lhes, acerca dos artigos da fé, o que criam, ou que mais tinham agora que eram cristãos que quando eram gentios, não obtinha deles outra resposta senão a de que eram cristãos e que, por não entender a nossa língua, não sabiam a nossa lei nem o que haviam de crer[6]. Como eles não me entendessem nem eu a eles, por ser a sua língua natural a *malabar*[7] e a minha a viscainha, juntei os que entre eles eram mais sabedores e escolhi

---

[2] Esta carta, enviada de Lisboa à Índia em 1542 (Epp. Mixtae I 93) não se encontrou.

[3] Provavelmente em Goa, onde Xavier tinha voltado da Pescaria. De Goa partiu de novo Xavier com Mansilhas e o secretário do Governador, António Cardoso, em fins de Dezembro, tendo aportado em Cochim no dia 3 de Janeiro de 1544 (CORREA, *Lendas da Índia*, IV 335; MX II 180; 185).

[4] A urca *S. Mateus*, que trazia as cartas, teve de invernar em Moçambique e chegou a Goa a 30 de Agosto de 1543 (FIGUEIREDO FALCÃO, *Livro* 160; CORREA, *l.c.* IV 264; 305). Inácio voltou a escrever a Xavier em Março de 1543; mas a armada da Índia já tinha partido de Lisboa em 25 de Março, antes de a carta aí chegar (MI *Epp*. I 267; FIGUEIREDO FALCÃO, *Livro* 160).

[5] Xavier encontrou na Pescaria cerca de 20.000 paravás já baptizados; em fins de 1544 tinha ele baptizado em Travancor uns 10.000 macuas. Por alturas da sua morte, em 1552, a Pescaria e Travancor somavam à volta de 50.000 cristãos (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 225-230).

[6] Cf. *ib*. 230-233.

[7] Língua *tamul.*

pessoas que entendessem a nossa língua e a sua, deles. E depois de nos termos juntado muitos dias, com grande trabalho, traduzimos as orações, começando pelo modo de se benzer confessando as três pessoas serem um só Deus, depois o Credo, Mandamentos, Pai-nosso, Avè-Maria, Salvè-Rainha, e a Confissão geral, do latim em *malabar*. Depois de as ter traduzido na sua língua e sabê-las de cor, ia por todo o lugar[8], com uma campainha na mão, juntando todos os moços e homens que podia e, depois de os ter juntado, ensinava-os cada dia duas vezes. No espaço de um mês, ensinava as orações, dando a seguinte ordem: que os moços, aos seus pais e mães, e a todos os de casa e vizinhos, ensinassem o que na escola aprendiam.

3. Aos domingos, fazia juntar todos os do lugar, tanto homens como mulheres, grandes e pequenos, a dizer as orações na sua língua; e eles mostravam muito prazer e vinham com muita alegria. Começando pela confissão de um só Deus, trino e uno, diziam a grandes vozes o Credo na sua língua: à medida que eu o ia dizendo, todos repetiam. Acabado o Credo, tornava-o a dizer eu só: dizia cada artigo por si e, detendo-me em cada um dos doze, admoestava-os de que cristãos não quer dizer outra coisa senão crer firmemente, sem dúvida alguma, os doze artigos; e, já que eles confessavam que eram cristãos, perguntava-lhes se criam firmemente em cada um dos doze artigos. E assim, todos juntos, a grandes vozes, homens e mulheres, grandes e pequenos, me respondiam a cada artigo que sim, postos os braços sobre o peito, um sobre o outro, em forma de cruz: assim lhes faço dizer mais vezes o Credo que outra oração, pois só por crer nos doze artigos o homem se chama cristão. Depois do Credo, a primeira coisa que lhes ensino são os Mandamentos, dizendo-lhes que a lei dos cristãos tem só dez mandamentos, e que um cristão se diz bom, se os guarda como Deus manda e, pelo contrário, aquele que não os guarda é mau cristão. Ficam muito espantados, tanto cristãos como gentios, de ver quão santa é a lei de Jesus Cristo e conforme com

[8] Tuticorim.

toda a razão natural. Acabado o Credo e os Mandamentos, digo o Pai-nosso e a Avè-Maria: assim como os vou dizendo, assim eles me vão respondendo. Dizemos doze Pai-nossos e doze Avè-Marias em honra dos doze artigos do Credo e, acabados estes, dizemos outros dez Pai-nossos e dez Avè-Marias em honra dos dez Mandamentos, guardando a ordem que se segue. Primeiramente, dizemos o primeiro artigo da fé e, depois de o dizer, digo na sua língua, deles, e eles comigo: Jesus Cristo, Filho de Deus, dai-nos graça para firmemente crer, sem dúvida alguma, o primeiro artigo da fé. E, para que nos dê esta graça, dizemos um Pai-nosso. Acabado o Pai-nosso, dizemos todos juntos: Santa Maria, Mãe de Jesus Cristo, alcançai-nos graça de vosso Filho Jesus Cristo para firmemente sem dúvida alguma crer no primeiro artigo da fé. E, para que nos alcance esta graça, dizemos-lhe a Avè-Maria. Esta mesma ordem seguimos em todos os outros onze artigos.

4. Acabado o Credo e os doze Pai-nossos e Avè-Marias, como disse, dizemos os Mandamentos pela ordem que se segue: primeiramente digo o primeiro mandamento, e todos dizem como eu. Acabando de o dizer, dizemos todos juntos: Jesus Cristo, Filho de Deus, dai-nos graça para amar-vos sobre todas as coisas. Pedida esta graça, dizemos todos o Pai-nosso, acabado o qual, dizemos: Santa Maria, Mãe de Jesus Cristo, alcançai-nos graça de vosso Filho para podermos guardar o primeiro mandamento. Pedida esta graça a Nossa Senhora, dizemos todos a Avè-Maria. Esta mesma ordem seguimos em todos os outros nove mandamentos. De maneira que, em honra dos doze artigos da fé, dizemos doze Pai-nossos com doze Avè-Marias, pedindo a Deus Nosso Senhor graça para firmemente e sem dúvida alguma crer neles; e dez Pai-nossos com dez Avè-Marias, em honra dos dez Mandamentos, rogando a Deus Nosso Senhor que nos dê graça para os guardar. Estas são as petições que por nossas orações lhes ensino a pedir, dizendo-lhes que, se estas graças de Deus Nosso Senhor alcançarem, Ele lhes dará tudo o demais, mais plenamente do que eles o saberiam pedir. A Confissão geral faço-a

dizer a todos, especialmente aos que se vão baptizar. E, depois, o Credo, interrogando-os sobre cada artigo, se o crêem firmemente. E, respondendo-me eles que sim e dizendo-lhes [eu] a Lei de Jesus Cristo que terão de guardar para se salvar, os baptizo. A Salvè-Rainha dizemo-la quando queremos acabar as nossas orações.

5. Os jovens, espero em Deus Nosso Senhor que hão-de ser melhores homens que seus pais, porque mostram muito amor e vontade à nossa Lei, e de saber as orações e ensiná-las. Aborrecem-lhes muito as idolatrias dos gentios, a tal ponto que muitas vezes lutam com os gentios e repreendem os seus pais e mães quando os vêem idolatrar, e acusam-nos, de maneira que mo vêm dizer. Quando me avisam de algumas idolatrias, que se fazem fora dos lugares, junto todos os jovens do lugar e vou com eles aonde fizeram os ídolos; e são mais as desonras que o diabo recebe dos jovens que levo, que as honras que seus pais e parentes lhes dão na altura em que os fazem e adoram. Porque tomam os meninos os ídolos e os desfazem em pedaços tão miúdos como cinza[9]; depois, cospem neles e pisam-nos com os pés; e, finalmente, outras coisas que, embora não pareça bem nomeá-las por seus nomes, é honra dos jovens fazê-las a quem tem tanto atrevimento de fazer-se adorar de seus pais. Estive numa grande povoação de cristãos[10], traduzindo as orações da nossa língua para a sua e ensinando-lhas quatro meses.

6. Neste tempo, eram tantos os que me vinham procurar, para que fosse a suas casas rezar algumas orações sobre os enfermos, e outros que com as suas doenças vinham ter comigo que, só em rezar evangelhos sem ter outra ocupação, e em ensinar os jovens, baptizar, traduzir orações, satisfazer a perguntas, não me deixavam;

---

[9] Estes ídolos descreve-os pormenorizadamente Manuel de Moraes, S.I. em 1547: «Seus santos a quem adoram e têm na sua igreja são cavalos de barro, e homens de pedra, e figuras de cobras de pedra, pavões, gralhas; e também adoram a montes de pedra e barro e areia que jazem pelos caminhos» (*Doc. Indica* I 245-246).

[10] Tuticorim.

e, além disso, em enterrar os que morriam. Era de tal maneira que, em corresponder à devoção dos que me levavam [a suas casas] ou vinham procurar-me, tinha ocupações demasiadas. Mas, para que não perdessem a fé, que à nossa religião e lei cristã tinham, não estava em meu poder negar tão santa procura. E, como a coisa ia em tão grande crescimento que a todos não podia atender, nem evitar paixões sobre a qual casa primeiro havia de ir, vista a devoção da gente, ordenei maneira que a todos pudesse satisfazer: mandava aos jovens, que sabiam as orações, que fossem [eles] às casas dos doentes, e que juntassem todos os de casa e vizinhos, e que dissessem [com] todos o Credo muitas vezes, dizendo ao doente que acreditasse e que sararia; e, depois, as outras orações. Desta maneira satisfazia a todos e fazia ensinar pelas casas e praças o Credo, Mandamentos e as outras orações. E, assim, aos doentes, pela fé dos de casa, vizinhos e sua própria, Deus Nosso Senhor lhes fazia muitas mercês, dando-lhes saúde espiritual e corporal. Usava Deus de muita misericórdia com os que adoeciam, pois pelas doenças os chamava e quase à força os atraía à fé.

7. Deixando neste lugar quem leve por diante o começado, vou visitando os outros lugares[11], fazendo o mesmo. De maneira que, nestas partes, nunca faltam pias e santas ocupações. O fruto que se faz em baptizar as crianças que nascem, e em ensinar os que têm idade para isso, nunca vo-lo poderia acabar de escrever. Pelos lugares por onde passo, deixo as orações por escrito e, aos que sabem escrever, mando que as escrevam, e aprendam de cor, e as digam cada dia, dando ordem para que, aos domingos, se juntem todos a dizê-las. Para isso, deixo nos lugares quem fique com o encargo de o fazer.

[11] As aldeias cristãs a norte de Tuticorim eram estas: Vaippâr, Chetupar, Vêmbâr. A sul, até Manapar (cf. Xavier-doc. 19,8). De Manapar para sul: Puducare, Periya Tâlai, Ovari, Kûttankuli, Idindakarai, Perumanal, Kûmari, Muttam, Kanniyâkumâri (Cabo de Comorim), Kovakulam, Râjakkamangalam, todas aldeias de *paravas*.

8. Muitos cristãos se deixam de fazer nestas partes, por não haver pessoas que em tão pias e santas coisas se ocupem. Muitas vezes me movem pensamentos de ir aos centros de estudos dessas partes – dando gritos, como alguém que tenha perdido o juízo – e principalmente à universidade de Paris, dizendo na Sorbona[12] aos que têm mais letras que vontade, para dispor-se a frutificar com elas. Quantas almas deixam de ir para a glória e vão para o inferno, pela negligência deles! Se, assim como vão estudando em letras, estudassem na conta que Deus Nosso Senhor lhes pedirá delas e do talento que lhes deu, muitos deles se moveriam, tomando meios e Exercícios Espirituais para conhecer e sentir dentro, em suas almas, a vontade divina, conformando-se mais com ela que com as suas próprias afeições, dizendo: «Senhor, aqui estou. Que queres que eu faça? Envia-me aonde quiseres; e se convém, mesmo aos índios[13]». Quanto mais consolados viveriam, e com mais esperança da misericórdia divina à hora da morte, quando entrassem no Juízo particular a que ninguém pode escapar, alegando a seu favor: *«Senhor, entregaste-me cinco talentos, eis aqui outros cinco que eu ganhei com eles!»*[14] Receio de que muitos dos que estudam nas universidades, estudem mais para, com as letras, alcançarem dignidades, benefícios, bispados, que com desejo de conformar-se com a necessidade que as dignidades e estados eclesiásticos requerem. É costume dizerem os que estudam: Desejo saber letras para alcançar algum benefício ou dignidade eclesiástica com elas e, depois, com a tal dignidade, servir a Deus. De maneira que, segundo as suas desordenadas afeições, fazem as suas eleições, temendo que Deus não queira o que eles querem, não consentindo as suas desordenadas afeições deixar na vontade de Deus Nosso Se-

[12] O colégio da Sorbona, fundado em 1257, já então era o centro da universidade de Paris.

[13] A propósito escrevia em 1558 o P. H. Henriques: «Sempre se pode fazer muito serviço a Deus, posto que sejam estas partes pelas quais a Cristo disse São Tomé: 'envia-me aonde quiseres, mas não aos índios'» (*Goa 8*, 149r).

[14] Mt 25,20.

nhor esta eleição[15]. Estive quase movido a escrever à universidade de Paris, ao menos ao nosso Mestre de Cornibus[16] e ao Doutor Picardo[17], quantos mil milhares de gentios se fariam cristãos se houvesse operários, para que [lá] fossem solícitos em buscar e favorecer as pessoas que *não buscam os seus próprios interesses mas os de Jesus Cristo*[18]. É tão grande a multidão dos que se convertem à fé de Cristo, nesta terra onde ando, que, muitas vezes, me acontece sentir cansados os braços de baptizar; e não poder falar, de tantas vezes dizer o Credo e os Mandamentos, na sua língua, deles, e as outras orações, com uma exortação que sei na sua língua, na qual lhes declaro o que quer dizer cristão, e que coisa é paraíso, e que coisa inferno, dizendo-lhes quais são os que vão a um e quais a outro. Mais que todas as outras orações, digo-lhes muitas vezes o Credo e os Mandamentos. Há dia em que baptizo toda uma povoação e, nesta Costa onde ando, há trinta povoações de cristãos[19].

---

[15] Cf. Preâmbulo para fazer eleição nos *Exercícios Espirituais* de S. Inácio (MI, *Exercitia* 372-373).

[16] Pedro de Cornibus, OFM, nascido em Beaune (Borgonha) por 1480, doutor pela universidade de Paris em 1524, mestre de Xavier, Fabro e Bobadilla, verdadeiro amigo da Companhia de Jesus, pregador eminente, faleceu em Paris em 1555 (VILLOSLADA, *La Universidad de Paris* 220 227 430; *Fabri Mon.* 99; *Epp.Mixtae* I 64).

[17] Doutor Picardo Fraçois Le Picard), nascido em Paris em 1504, professor de Teologia em 1534, célebre pregador e doutor pela Sorbona, principal adversário dos reformadores, mestre de Xavier, Fabro e Bobadilla, sincero amigo da Companhia de Jesus, morreu com fama de santidade em Paris em 1556 (POLANCO, *Chron* I 94, 419; II 297; III 291; IV 323; V 332, 335; VI 486; E. DOUMERGUE, *Jean Calvin* , Lausanne 1899, I 240-241; VILLOSLADA, *l.c.* 431; MI, *Epp*. I 133; *Bobad.Mon*. 561; *Epp. Mixtae* I 64, 69, 582-583).

[18] Fil 2,21.

[19] As localidades cristãs da Costa da Pescaria já referidas por nós (cf. nota 11 e Xavier-doc. 19,8) somam 20. Podemos acrescentar outras localidades menores, como Pudukudi perto de Manapar, além de Pudukudi perto de Alentalai, duas aldeias de careas e a aldeia de Tomás da Mota perto de Kombuturê (Xavier-doc. 30,3; 39,5), talvez também Mukur perto de Vêmbâr e ainda, para o norte, as localidades de careas Periapattanam e Vêdâlaí (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 266).

O Governador desta Índia é muito amigo dos que se fazem cristãos. Fez mercê de 4.000 peças de ouro[20] cada ano e, estas, para que apenas se gastem e dêem àquelas pessoas que, com muita diligência, ensinam a doutrina cristã nos lugares dos recém-convertidos à fé. É muito amigo de todos os da nossa Companhia. Deseja muito que venham a estas partes alguns da nossa Companhia, e assim me parece que o escreve ao Rei.

9. No ano passado, escrevi[21] acerca de um colégio, que se está a fazer na cidade de Goa, no qual há já muitos estudantes. São de diversas línguas, e todos de geração de infiéis. Entre eles, internos no colégio, onde há muitos edifícios feitos, há muitos que aprendem latim e, outros, a ler e escrever. *Micer* Paulo está com estes estudantes do colégio: diz-lhes Missa todos os dias, e confessa-os, e nunca deixa de dar-lhes doutrina espiritual. Tem [também] o encargo das coisas corporais de que têm necessidade os estudantes. Este colégio é muito grande: nele podem viver mais de quinhentos estudantes. Tem rendas suficientes para os manter: são muitas as esmolas que a este colégio se fazem, e o Governador favorece-o largamente. É caso para todos os cristãos darem graças a Deus Nosso Senhor pela fundação desta casa, que se chama o Colégio da Santa Fé. Antes de muitos anos, espero da misericórdia de Deus Nosso Senhor que o número de cristãos se há-de multiplicar grandemente e as fronteiras da Igreja se hão-de ampliar por meio dos que neste santo colégio estudam.

10. Há nestas partes, entre os gentios, uma classe a que chamam brâmanes: estes mantêm toda a gentilidade. Têm o encargo das casas

---

[20] Estas peças de ouro eram *fanões*, moedas muito miúdas, em uso na Pescaria e norte de Ceilão. Dez *fanões* equivaliam a 1 *xerafim* de ouro = 1 *pardau de prata* = 300 *reis*. Portanto, no tempo de Xavier, 4.000 *fanões* valiam 400 *xerafins* de ouro = 400 *pardaus de prata* = 210 *cruzados*. Era o tributo dos paravas para ao «chapins da rainha». Com o andar dos anos, os *pardaus* e os *cruzados* foram perdendo valor, enquanto o dos *fanões* se manteve invariável naquela região. Por isso não admira que Lucena, no seu tempo (ano 1600), calcule 4.000 *fanões* = 400 *cruzados*.

[21] Xavier-doc. 16.

onde estão os ídolos: é a gente mais perversa do mundo. Destes se percebe o que diz o Salmo: *«Da gente não santa, do homem iníquo e fraudulento, livra-me, Senhor»*[22]. É gente que nunca diz a verdade. Está sempre a pensar como há-de subtilmente mentir e enganar os pobres simples e ignorantes, dizendo que os ídolos pedem que lhes levem, para oferecer, certas coisas; mas estas não são outras senão as que os brâmanes fingem e querem para manter as suas mulheres, filhos e casas. Fazem crer à gente simples que os ídolos comem; e há muitas pessoas que, mesmo que não almocem nem jantem, oferecem certa moeda[23] para o ídolo. Duas vezes ao dia, com grande festa de atabales, comem, dando a entender aos pobres que são ídolos que estão a comer. Quando começa a faltar o necessário aos brâmanes, dizem ao povo que os ídolos estão muito zangados com ele, porque não lhes leva as coisas que, por eles, lhes mandam pedir; e que, se não lhas fornecem, tenham cuidado com eles, pois os hão-de matar, ou dar-lhes doenças, ou lhes hão-de mandar os demónios a suas casas. E os tristes simples, crendo que será assim, de medo que os ídolos lhes façam mal, fazem o que os brâmanes querem.

11. São, estes brâmanes, homens de poucas letras[24]; e, o que lhes falta em virtude, têm de iniquidade e maldade em grande aumento. Aos brâmanes desta Costa onde ando, pesa-lhes muito que eu nunca outra coisa faça senão descobrir as suas maldades. Eles confessam-me a verdade, quando estamos a sós, de como enganam o povo: confessam-me, em segredo, que não têm outro património senão aqueles ídolos de pedra, dos quais vivem, fingindo mentiras.

Têm estes brâmanes para si, que eu sei mais que todos eles juntos. Mandam-me visitar, e pesa-lhes muito que eu não queira aceitar os presentes que me mandam. Tudo isto fazem, para que eu não

---

[22] Ps 42,1.

[23] *Fanão.*

[24] Os brâmanes instruídos da região mais interior, por ex. os do Maduré, entre os quais trabalhou o Padre De Nobili mais tarde, não os conheceu Xavier.

descubra os seus segredos, dizendo-me que eles bem sabem que não há senão um Deus, e que eles rezarão por mim. Em paga de tudo isto digo-lhes, da minha parte, o que me parece. Depois, aos tristes simples que, por puro medo, são seus devotos, manifesto-lhes os seus enganos e burlas, até cansar. Muitos, pelo que lhes digo, perdem a devoção ao demónio e fazem-se cristãos. Se não houvesse brâmanes, todos os gentios se converteriam à nossa fé. As casas onde estão os ídolos e brâmanes, chamam-se *pagodes*.

Todos os gentios destas partes sabem muito poucas letras; para mal, sabem muito. Só um brâmane, desde que estou nestas partes, fiz cristão: é jovem e muito bom homem. Tomou por ofício ensinar aos jovens a doutrina cristã.

Ao visitar os lugares de cristãos, passo por muitos pagodes. Uma vez passei por um, onde havia mais de duzentos brâmanes[25], e vieram-me ver. Entre outras muitas coisas de que falamos, pus-lhes uma questão, e era: que me dissessem que é que os seus deuses e ídolos, a quem adoravam, lhes mandavam fazer para ir para a glória. Foi grande a contenda entre eles sobre quem me responderia. Disseram a um dos mais antigos que respondesse. O velho, que tinha mais de oitenta anos, disse-me que lhe dissesse eu primeiro o que mandava o Deus dos cristãos fazer. Eu, percebendo a sua ruindade, não quis dizer coisa alguma antes de ser ele a dizer. Então foi-lhe forçado manifestar as suas ignorâncias. Respondeu-me que duas coisas lhes mandavam fazer os seus deuses para ir para onde eles estão: a primeira era não matar vacas, as quais eles adoram; e a segunda era dar esmolas, e estas aos brâmanes que servem os pagodes. Ouvida esta resposta, com pena de os demónios escravizarem os nossos próximos de tamanha maneira, a ponto de em lugar de Deus se fazerem adorar deles, levantei-me, dizendo aos brâmanes que ficassem sentados e, a grandes vozes, disse o Credo e os Mandamentos da lei na língua deles,

---

[25] Parece referir-se ao *pagode* de Trichendur, a que acorriam peregrinos de toda a parte.

fazendo alguma detenção em cada Mandamento. Acabados os mandamentos, fiz-lhes uma exortação na língua deles, explicando-lhes que coisa é paraíso e que coisa é inferno, e dizendo-lhes quem vai para um e quem para outro. Depois de acabada esta prática, levantaram-se todos os brâmanes e deram-me grandes abraços, dizendo-me que verdadeiramente o Deus dos cristãos é o verdadeiro Deus, pois os seus Mandamentos são tão conformes a toda a razão natural.

Perguntaram-me se a nossa alma juntamente com o corpo morria, como a alma dos brutos animais. Deu-me Deus Nosso Senhor tais razões, conformes às suas capacidades, que lhes fiz entender claramente a imortalidade das almas, coisa de que eles mostraram muito prazer e contentamento. As razões, que a esta gente idiota se hão-de dar, não hão-de ser tão subtis como as que se encontram escritas em doutores muito escolásticos. Perguntaram-me por onde saía a alma, quando um homem morria; e quando um homem dormia e sonhava estar numa terra com os seus amigos e conhecidos [como a mim muitas vezes me acontece estar convosco, caríssimos], se a sua alma ia até lá, deixando de informar o corpo. E mais me pediram: que lhes dissesse se Deus é branco ou negro[26], dada a diversidade de cores que vêem nos homens. Como os desta terra são negros, parecendo-lhes bem a sua cor, dizem que é negro. Por isso a maioria dos ídolos são negros: untam-nos muitas vezes com azeite; cheiram tão mal que é coisa de espanto; são tão feios que, ao vê-los, espantam. A todas as perguntas que me fizeram os satisfiz, a parecer deles. Mas, quando com eles chegava a conclusão de que se fizessem cristãos, pois já conheciam a verdade, respondiam o que muitos entre nós costumam responder: Que dirá o mundo de nós, se esta mudança de estado fazemos no nosso modo de viver? E outras tentações em pensar que lhes venha a faltar o necessário.

[26] Os indianos distinguem deuses negros e brancos; assim, Vishnu pintam-no de negro e a Shiva de branco.

12. Um só brâmane encontrei num lugar desta Costa, que sabia alguma coisa, porque, me diziam, tinha estudado num centro de estudos de nomeada. Procurei encontrar-me com ele e consegui maneira de nos vermos. Disse-me ele, em grande segredo, que a primeira coisa que fazem os que ensinam naquele centro de estudos, é ter juramento dos que vão aprender, de nunca dizer certos segredos que ensinam. Mas a mim, este brâmane, disse-me esses segredos em grande segredo, por alguma amizade que comigo tinha. Um dos segredos era este: que nunca dissessem que há um só Deus, criador do céu e da terra e que está nos céus; e que ele adorasse esse Deus e não os ídolos, que são demónios. Têm algumas escrituras, nas quais têm os mandamentos. A língua que naquele centro de estudos ensinam, é entre eles como o latim entre nós[27]. Disse-me muito bem os mandamentos, cada um deles com uma boa explicação. Guardam os domingos, estes que são sábios, coisa para não se poder crer. Não dizem outra oração, aos domingos, senão esta, e muitas vezes: *«Om cirii naraina noma»*[28], que quer dizer: «Adoro-te, Deus, com a tua graça e ajuda para sempre»[29]. Esta oração dizem-na muito de passo e baixo, para guardar o juramento que fazem. Disse-me que lhes proibia, a lei natural, ter muitas mulheres; e que está nas suas escrituras que há-de vir tempo em que todos hão-de viver debaixo da mesma lei. Disse-me mais, este brâmane: que ensinam, naquele centro de estudos, muitos encantamentos[30].

---

[27] Língua *sânscrito.*

[28] *Om Srî Narâyana namah*, invocação comum dos brâmanes da seita Vishnu.

[29] Mais exactamente: Om (nome místico secreto da suma deidade), Srî (santo), Narâyana (nome de Vishnu repousando sobre o mar), namah (adoração), isto é, «Om! Salvè, santo Narâyana!». Não confundir esta oração com a chamada *Gâyatrî* (cf. DALGADO I 413).

[30] Ao que parece, este brâmane pertencia à seita *Mâdhva* que, em tempo de Xavier, florescia na corte vijayanagarensi e sobretudo na corte de Sevvappa Nayaka (na região de Tanjaore) a que estava sujeito Negapatam (HERAS 514-515; 521--522). Tinha muitos seguidores na região tamulica (ib. 531). A sua doutrina era a seguinte: há um deus, Vishnu, (mas também as almas e a matéria são eternas).

Pediu-me que lhe dissesse as coisas mais importantes que os cristãos têm na sua lei, que ele me prometia não as descobrir a ninguém. Eu respondi-lhe que não lhas diria se, primeiro, não me prometesse não guardar em segredo as coisas mais importantes que, da lei dos cristãos, eu lhe dissesse. E logo ele me prometeu publicar tudo. Então disse-lhe e expliquei-lhe, muito a meu prazer, estas palavras importantes da nossa lei: *«O que crer e for baptizado será salvo»*[31]. Escreveu-as na sua língua, com a explicação delas em que lhe disse todo o Credo. Na explicação, acrescentei os Mandamentos, pela conformidade que há entre eles e o Credo. Disse-me que numa noite sonhou, com muito prazer e alegria, que havia de ser cristão, e que havia de ser meu companheiro e andar comigo. Pediu-me que o fizesse cristão oculto e com mais certas condições que, por não serem honestas e lícitas, deixei de o fazer. Espero em Deus que o há-de ser, sem nenhuma delas. Tenho-lhe dito que ensinem a gente simples a adorar um só Deus, criador do céu e da terra e que está nos céus; ele, pelo juramento que fez, receoso de que o demónio o mate, não o quer fazer.

13. Destas partes, não sei que mais escrever-vos, a não ser que são tantas as consolações que Deus Nosso Senhor comunica aos que andam entre estes gentios a convertê-los à fé de Cristo, que, se contentamento há nesta vida, se pode dizer que é este. Muitas vezes me acontece ouvir dizer a uma pessoa que anda entre estes cristãos: «Ó Senhor, não me deis muitas consolações nesta vida[32]; ou, já que as dais por vossa infinita bondade e misericórdia, levai-me para a

---

Vishnu é o formador do mundo. Os outros ídolos, ou são diabos ou revelações de Vishnu, e todos servos de Vishnu. Os mandamentos, segundo eles, são dez, e a sua oração é a já mencionada. (cf. H. VON GLASENAPP, *Madhva's Philosophie des Vishnu-Glaubens*, Bonn 1923, 38; 44; 46-51; 66-75; 85-86. *Encyclopedia of Religion and Ethics* VIII 232-235).

[31] Mc 16,16.

[32] Cf. a exclamação tantas vezes atribuída a Xavier: «Basta, Senhor, basta!» (MX II 950).

vossa santa glória, pois dá tanta pena viver sem ver-vos, depois de tanto vos comunicardes interiormente às criaturas». Oh, se os que estudam letras, tantos trabalhos pusessem em ajudar-se para sentir o gosto delas, como noites e dias trabalhosos suportam para as aprender! Oh, se aqueles contentamentos que um estudante busca em entender o que estuda, os buscasse em dar a sentir aos próximos o que lhes é necessário para conhecer e servir a Deus, quanto mais consolados e aparelhados se achariam para dar conta, quando Cristo lhes perguntasse: *«Dá-me conta da tua administração»*[33]!

14. As recreações que nestas partes tenho, são as de recordar-me muitas vezes de vós, caríssimos Irmãos meus, e dos tempos em que pela muita misericórdia de Deus Nosso Senhor vos conheci e convosco tratei, conhecendo em mim e sentindo dentro, em minha alma, quanto por minha culpa perdi do tempo em que convosco tratei, por não ter-me aproveitado dos muitos conhecimentos que Deus Nosso Senhor de si vos tem comunicado. Faz-me Deus tanta mercê, por vossas orações e lembrança contínua que de mim tendes em encomendar-me a Ele, que em vossa ausência corporal reconheço que Deus Nosso Senhor, graças ao vosso favor e ajuda, me dá a sentir a minha infinita multidão de pecados, e me dá forças para andar entre infiéis; disto dou graças a Deus Nosso Senhor, muitas, e a vós, caríssimos Irmãos meus. Entre muitas mercês, que Deus Nosso Senhor nesta vida me tem feito e faz todos os dias, esta é uma: que em meus dias vi o que tanto desejei, que foi a confirmação da nossa regra e modo de viver[34]. Graças sejam dadas a Deus Nosso Senhor para sempre, pois teve por bem manifestar publicamente o que no íntimo, ao seu servo Inácio e Pai nosso, deu a sentir.

No ano passado escrevi-vos[35] o número de Missas que, nestas partes das Índias, pelo Rvmº cardeal Guidacion, dissemos, *Micer* Paulo

[33] Lc 16,2.
[34] Cf. Xavier-doc. 12,6.
[35] Cf. Xavier-doc. 12,1.

e eu: as que, desde então para cá dissemos, não sei o número delas, mas crede que todas as nossas missas são por ele. Para consolação nossa, fazei-nos saber quanto se assinala no serviço a Deus S.S.Rmª, e também para acrescentar-nos a devoção, a *Micer* Paulo e a mim, de sermos perpétuos capelães seus. Não deixeis de escrever-nos do fruto que na Igreja faz.

Termino, rogando a Deus Nosso Senhor que, já que por sua misericórdia nos juntou e por seu serviço nos separou para tão longe uns dos outros, nos torne a juntar na sua santa glória.

15. E para alcançar esta mercê e graça, tomemos por intercessores e advogados todas aquelas santas almas destas terras onde ando, que, depois que por minha mão baptizei, antes de perderem o estado de inocência Deus Nosso Senhor levou para a sua santa glória, cujo número creio que passa de mil. A todas estas santas almas rogo que nos alcancem de Deus esta graça: que em todo o tempo que estivermos neste desterro, sintamos no íntimo das nossas almas sua santíssima vontade e essa perfeitamente cumpramos.

De Cochim, a 15 de Janeiro, ano de 1544
Vosso caríssimo em Cristo irmão
FRANCISCO

21
A FRANCISCO MANSILHAS (MANAPAR)

Punicale, 23 de Fevereiro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Deseja notícias, insiste nas recomendações que lhe fez e exorta-o à paciência. – 2. De certa quantia de dinheiro a restituir ao capitão

A graça e amor de Cristo Senhor nosso esteja em nosso contínuo favor e ajuda.

Caríssimo irmão

1. Muito desejo saber novas vossas. Rogo-vos muito, por amor de Jesus Cristo, que me façais saber muito largamente novas de vós e de vossos companheiros[1]. Quando eu chegar a Manapar[2], eu vo-lo farei saber. Recordai aquelas coisas que vos dei por escrito[3]. Rogai a Deus que vos dê muita paciência para tratar com essa gente, e fazei de conta que estais no purgatório purgando os vossos pecados. É que Deus vos faz muita mercê em purgar aqui, nesta vida, vossos pecados.

2. Direis a João d'Artiaga[4] que o capitão[5] me escreveu que lhe

---

[1] Artiaga e Mateus (cf. Xavier-doc. 22).

[2] Manapar (*Manappâd*, Trichendur Taluk), grande localidade de paravas, entre Punicale e o Cabo de Comorim, em 1644 tinha 2.513 habitantes e, em 1914, andava pelos 2.942. No sopé do Cabo encontra-se a gruta em que, segundo a tradição, Xavier habitou e celebrou Missa (PATE, *Madras District Gazetteers* 502-503; KRISHNASWAMI AYYAR, *Statistical Appendix* 324-325; BESSE, *La mission du Madure. Historique de ses Pangous* 527-535).

[3] Instrução que Xavier costumava dar aos seus companheiros, ao começarem a vida missionária.

[4] João de Artiaga, «moço d'estribeira da rainha», promovido a «escudeiro da casa real», foi com Xavier para a Índia em 1541. Como colaborador leigo, acompa-

deu[6] dez *pardaus*[7] para mim; mas que eu escrevo ao dito capitão, que nem vós, nem João d´Artiaga, nem eu temos necessidade de dinheiro até que venha da pescaria[8]. Que os torne a dar ao capitão, porque eu assim lho escrevo, ao capitão, para que logo o arrecade. Mas se o capitão os deu em pagamento de um alvará que o senhor Governador lhe deu, poderá com eles comprar um *topaz*[9]; e se não os deu por via daquele alvará, dizei-lhe que logo os torne ao capitão.

Nosso Senhor vos dê sua graça para o servir, e tanta como eu para mim desejo.

De Punicale[10], a 23 de Fevereiro de 1544

A João d'Artiaga não escrevo, porque esta carta vai para vós e para ele.

Vosso caríssimo irmão

FRANCISCO

---

nhou-o na missão da Pescaria, até que em 1544 se desligou para trabalhar por conta própria e, em 1545, desistiu definitivamente da vida missionária (Xavier-doc. 25-26 34-36 50). Em 1548 foi designado para «meirinho do campo e alcaide do mar» em Baçaim, cargo que só em 1551 começou a exercer. Aí o encontramos em 1556 a testemunhar, com sua esposa, sobre Xavier (MX II 374-378; SCHURHAMMER, *Quellen* 3808; TdT, *Corpo Chronologico* 1-94-74, f. 6r-v).

[5] Cosme de Paiva, irmão de António de Paiva, «cavaleiro fidalgo da casa real», embarcou para a Índia em 1537 e mais tarde, de novo, em 1541 com Xavier. Casou em Goa e foi capitão-mor da Pescaria em 1543-1545. Levado pela ganância, tanto oprimia os cristãos que Xavier chegou a ameaçá-lo de pedir ao Rei que o castigasse. Morreu na batalha de Diu a 11 de Novembro de 1546 (Xavier-doc. 35, 37-38, 42, 50; SCHURHAMMER, *Quellen* 187 210 682 1393 3750; CORREA, *Lendas da Índia*, IV 529, 559; EMMENTA 339, 373; ANDRADE LEITÃO 17, 723).

[6] Lit.: desse. Pelo contexto entende-se: Artiaga pediu ao capitão *que lhe desse*, e ele *lhe deu*.

[7] O *pardau* de prata, no tempo de Xavier, equivalia a 300 réis; o *pardau* de ouro, a 360 réis (NUNES, *Lyvro dos pesos da Yndia* 31).

[8] Quer dizer, da pesca de margaridas, que se realizava em Março, sobretudo a noroeste de Ceilão.

[9] Topaz (*tuppâsi*), intérprete.

[10] Punicale (*Punnaikâyal*, ou *Kâyal*-novo, Trichendur Taluk), grande localidade de paravas, entre Manapar e Tuticorim, na foz do rio Tâmbraparni, que em 1644 contava 4.000 cristãos e 4.131 em 1914 (KRISHNASWAMI AYYAR, *Statistical Appendix* 326-327; BESSE 510-515).

22
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 14 de Março 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1-2. Trate os indígenas como um bom pai aos seus filhos maus. Envia um vigilante que não deixe beber vinho de palma. – 3. Mateus que seja bom filho e os regedores do lugar que se emendem a sério. – 4. Baptize os recém-nascidos, catequize as crianças e reúna os adultos em oração e instrução aos domingos. Não deixe fabricar ídolos.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Muito folguei com vossas cartas. Rogo-vos muito que, com essa gente, vos hajais como se há um bom pai com maus filhos. Não canseis, por muitos males que vejais, porque Deus, a quem tantas ofensas fazem, não os mata, podendo-os matar. Não os deixa desamparados de tudo o necessário para o seu mantimento, podendo tolher-lhes as coisas com que se mantêm.

2. Não canseis, porque mais fruto fazeis do que cuidais. Se não fazeis tudo o que quereis, contentai-vos com o que fazeis, pois a culpa não é vossa.

Aí vos mando um meirinho, que sirva até que eu vá aí. Eu lhe dou, de cada mulher[1] que bebe *urraca*[2], um *fanão*[3]*;* e, mais, que es-

[1] Xavier, nesta carta, só fala de mulheres e crianças, porque os homens estavam para a pesca de margaridas.

[2] *Urâk*, vinho de palma (DALGADO, *Glossário Luso-Asiático* I 49).

[3] Pequena moeda da Costa da Pescaria e da parte meridional de Travancor, equivalente a 25 *réis* daquele tempo. No Cabo de Comorim, em 1548, com um *fanão* podiam-se comprar três boas galinhas (SIE 39). Para pagamento de imposto de pesca, porém, equivalia a 30 *réis* (cf. Xavier-doc. 20, nota 25).

teja presa três dias. Assim o fareis apregoar a todo o lugar. Direis aos *patangatins*[4] que, se eu sei que, daqui por diante, se bebe mais *urraca* em Punicale, eles mo hão-de pagar muito bem pago.

3. A Mateus,[5] direis que seja muito bom filho e eu lhe farei mais bem do que lhe hão-de fazer seus parentes.

Até que eu vá aí, fareis com estes *patangatins* que mudem os costumes, porque, doutro jeito, todos os tenho de mandar a Cochim, presos, e não virão mais a Punicale, pois eles são causa de todos os males que aí se fazem.

4. Os meninos que nascem baptizareis com muita diligência. Os [outros] meninos ensinareis, como vos tenho recomendado e, aos domingos, as orações a todos, com alguma pregaçãozinha. Proibi[6] os *pagodes*: que não se façam. E aquela carta, que me mandou Álvaro Fogaça[7], me guardareis até que venha[8].

Deus Nosso Senhor vos dê tanta consolação, nesta vida e na outra, quanto para mim desejo.

De Manapar, a 14 de Março de 1544.
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[4] *Pattankatti*, «regedor duma aldeia dos paravás na Costa da Pescaria» (DALGADO, *Glossario* II 188).

[5] Rapazito catequista que ajudava voluntariamente os missionários. Xavier alimentava-o e dava esmolas à sua família (Xavier-doc. 23-26; 29; 32; 35; 38; 40).

[6] Liter. «Defendei», isto é, proibi. *Pagodes*, aqui, são os *ídolos*, não os templos deles.

[7] Álvaro Fogaça, «cavaleiro da casa real», em 1551 era testemunha em Cochim; em 1552 Xavier recomendou-o ao Rei pelos seus méritos; em 1555 o Vice-rei pagou-lhe 100 pardaus de ouro por uma loriga feita de pele de couro (SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 55; Xavier-doc. 99; *Quellen* 4578. Não parece ser o mesmo que combateu no Malabar em 1507 (CORREA I 720).

[8] Xavier nunca se demorava muito tempo em cada lugar, mas andava de lugar para lugar a visitar os cristãos (cf. Xavier-doc. 50) «sempre a pé e, às vezes, descalço» (MX II 378).

23
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 20 de Março 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Agradeça a Deus as consolações e missão que tem. Recomendação a Mateus. Desejo de certas informações. – 2-3. Grande acontecimento se prepara para serviço de Deus. Procedimento a ter com toda a gente.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Muita consolação foi para mim escreverdes-me vós quão consolado viveis. E pois Deus tanto se lembra de vós, lembrai-vos vós d'Ele, não cansando de fazer e perseverar no que começastes. Dai sempre graças a Deus, porque vos escolheu para um ofício tão grande como este que tendes: não vos quero encomendar mais do que [o que] por aquela lembrança vos dei. Lembrai-vos de mim, pois de vós nunca me esqueço.

Dizei a Mateus que seja bom filho, e que eu lhe serei bom pai. Olhai muito por ele e dizei-[lhe] que aos domingos fale alto o que vós lhe disserdes: que o ouçam todos, e que também estando em Manapar o ouçam[1]! Fazei-me saber novas dos cristãos de Tuticorim: se lhes fazem alguns agravos os portugueses que lá ficaram. E se há novas do Governador: se vem governar a Cochim[2].

2. Aqui vai-se descobrindo uma coisa muito grande de serviço de Deus. Rogai ao Senhor Deus que tenha efeito, de jeito que venha a

---

[1] Diz por graça, pois Mateus, em Punicale, estava a 30 km de Manapar!

[2] Na temporada chuvosa de Inverno, o Governador residia em Goa. Xavier pergunta por ele, porque desejava falar-lhe, como consta do que diz a seguir.

lume[3]. Rogo-vos muito que, com essa gente – digo com os principais e, depois, com todo o povo – vos hajais com muito amor. Porque se o povo vos ama e está bem convosco, muito serviço fareis a Deus. Sabei relevar suas fraquezas com muita paciência, cuidando que, se agora não são bons, nalgum tempo o serão.

3. E se não acabais com eles tudo o que quereis, contentai-vos com o que podeis, que assim faço eu. O Senhor Deus seja sempre convosco, e nos dê sua graça para que sempre o sirvamos.

De Manapar, a 20 de Março de 1544
Vosso em Cristo Irmão
FRANCISCO

---

[3] O rei Iniquitriberim e os seus adversários pediram auxílio ao Governador ao mesmo tempo (cf. SCHURHAMMER, *Iniquitriberim* 1-4).

24
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 27 de Março 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Agradece notícias e anima à perseverança. – 2. Lamenta agravos feitos aos cristãos, e procura obter castigo para raptores de escravas. – 3. Trate bem Mateus, que é liberto. – 4. Indica algumas correcções a fazer na tradução do Credo. – 5. Recomenda os doentes e alegra-se de os cristãos já não beberem vinho de palma nem fabricarem ídolos.

Caríssimo Irmão

1. Muito folguei de saber novas vossas, e com a vossa carta, e de ver o fruto que fazeis. Deus vos dê força para sempre perseverar de bem em melhor.

2. Dos agravos que fazem a esses cristãos, assim os gentios como os portugueses, não posso deixar de o sentir dentro, na minha alma, como é razão. Estou já tão acostumado a ver as ofensas [que] a esses cristãos se fazem, e não [os] poder favorecer, que é uma mágoa que sempre trago comigo. Já escrevi ao vigário de Coulão[1] e ao de Cochim[2] sobre as escravas que os portugueses roubaram em Punicale,

---

[1] Em 1510, era vigário de Coulão um tal Bona e, em 1519, um tal Francisco Álvares (*Cartas de Albuquerque* IV 257; CASTANHEDA 5, 6).

[2] Em 1544, era vigário de Cochim Pedro Gonçalves, grande amigo de Xavier. Fora ele, com outros companheiros, que, em 1536-37, evangelizara os *paravas* e que, em 1542, entregara a missão da Pescaria a Xavier. Morreu em 1569 (cf. SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 52; *Die Bekehrung der Paraver* 215 225; *Quellen* 4264, 4772, 4791, 6077, 6116, 6127; MX II 140-142; Xavier-doc. 61, 99).

para que eles, por excomunhões grandes, saibam quais foram aqueles que [as] roubaram. Esta diligências fiz há três dias, logo que recebi a *ola*[3] dos *patangatins*.

3. A Mateus dareis tudo o necessário para seu vestuário. Fazei-lhe boa companhia para que vos não deixe, pois é liberto[4]. Tratai-o com muito amor, que assim fazia eu quando estava comigo, por amor de que não me deixasse.

4. No Credo, quando dizeis «enaquvenum», em lugar de «venum», direis «vichuam», porque «venum» quer dizer «quero», e «vichuam» quer dizer «creio»: é melhor dizer «eu creio em Deus», do que dizer «eu quero em Deus»[5]. Não direis «vão pinale», porque quer dizer «por força»[6], e Cristo padeceu por vontade e não por força.

5. Quando vierem da pesca, visitareis os doentes[7], fazendo a alguns meninos dizer as orações, como está na lembrança que vos dei; por derradeiro, direis vós um evangelho. Sempre com muito amor tratai com essa gente, e fazei obra em que dela sejais amado. Muito folguei de saber que não bebem *urraca*, nem fazem *pagodes*, e que acorrem todos, aos domingos, às orações: se desde o tempo em que estes eram cristãos, houvesse quem os ensinasse, como vós agora os ensinais, seriam melhores cristãos do que são.

Nosso Senhor vos dê tanta consolação nesta vida, e glória na outra vida, quanta eu para mim desejo.

De Manapar, a 27 de Março de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão,
FRANCISCO

---

[3] *Ola* ou carta escrita em folha de palma (DALGADO, *Glossário* II 117-120).

[4] Lit.: *forro*, palavra já em desuso neste sentido.

[5] *Enakku vênhum* (tenho necessidade); *enakku vichuam* (tenho fé). Devia dizer-se *Vicchuvasikkirên.*

[6] *Vampinale* (necessidade) que depois foi substituída por *Pâdupattu.*

[7] Pela dureza da pesca de margaridas, pelo mau cheiro das conchas em putrefacção e pela afluência de gente de todas as partes da Índia, geravam-se naquela altura muitas doenças e epidemias.

25
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 8 de Abril 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Alegra-se do fruto conseguido. – 2. João de Artiaga demite-se da Companhia de Jesus, para trabalhar por conta própria. – 3. Diversas recomendações. – 4. Método a seguir nas visitas missionárias às povoações.

Caríssimo Irmão

1. Muito folguei com a vossa vinda a visitar os lugares de cristãos que vos disse, e mais folgo do grande fruto que todos me dizem que fazeis. Eu espero um recado, hoje ou amanhã, do Governador[1]. Se for como eu espero, não deixarei de chegar lá; e irei em caminho por onde vós estais, porque desejo muito ver-vos, ainda que em espírito sempre vos vejo.

2. João de Artiaga vai despedido de mim, cheio de tentações, sem conhecê-las. Não leva caminho para as conhecer. Diz que irá a Combuturé[2], a ensinar aquele povo, e para estar perto de vós. Eu

---

[1] Xavier andava empenhado em tratar com o Governador a ajuda a prestar ao rei Iniquitriberim (cf. Xavier-doc. 23,2; 26,1).

[2] Komburturê, povoação mencionada por Henriques em 1558 e habitada por careas, estava situada entre Talambulim e Punicale (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 226). Lopes, em 1644, atesta que estava a uma légua a norte de Virapândyanpattanam, tinha uns 200 cristãos e uma igreja dedicada a S. Estêvão aonde acorriam muitos peregrinos (*Goa* 55,530). Caldwell, em 1881, afirma que se trata da actual localidade de Kombukireiyûr, pequena aldeia de pescadores, a 3 km para sudoeste de Kâyalpatanam (CALDWELL, *History of Tinnevelly* 77; cf. FERNANDES 43). Em 1890, havia ali uns 50 cristãos (Epistolae, Hongkong II 440). A capela de *Santh Esteve Krusadi* ainda hoje é lugar de peregrinação e

creio pouco nos seus propósitos, porque, como vós bem sabeis, ele é muito mudável. Se for aí, onde vós estais, não percais muito tempo com ele.

3. Já escrevi ao capitão para que vos proveja do necessário. Também disse a Manuel da Cruz[3] que vos emprestasse dinheiro [todas] as vezes que houvésseis mister, e ele me prometeu que o faria de muito boa vontade.

Olhai muito pela vossa saúde, pois com ela tanto servis ao Senhor Deus.

A Mateus, direis da minha parte que vos sirva bem; e, se vós estiverdes contente com ele, que em mim tem pai e mãe; e, se não vos for muito obediente, que não o quero ver, nem olhar por ele. Dai-lhe tudo o que for necessário para vestir.

4. Pelos lugares aonde fordes, fareis juntar os homens em uma parte, um dia, e as mulheres, outro dia, noutra parte. Fareis que [se] digam as orações por todas as casas, baptizando os que não estão baptizados, assim meninos como grandes, fazendo esta conta: que se a água não for ao moinho, que vá o molinão aonde há esta água[4].

Nosso Senhor seja sempre em vossa guarda e ajuda.

De Manapar a 8 de Abril de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

pertence à paróquia de Virapândyanpattanam (cf. BESSE, *La mission du Maduré* 523-524).

[3] Manuel da Cruz era um rico *parava* de Punicale, grande amigo de Xavier que a ele recorria com facilidade para que lhe emprestasse dinheiro. Em Maio vêmo-lo empenhado na construção da igreja e em Junho a prestar socorro aos cristãos *careas* de Kombuturê (cf. Xavier-doc. 28-32; 35; 38-40; 43).

[4] Provérbio português: «Já que a água não vai ao moinho, vá o moinho à água» (BLUTEAU, *Vocabulário portuguez e latino*, V 539).

26
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Livar, 23 de Abril 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Deseja encontrar-se com Mansilhas. Espera o «pula» de Travancor. Estabelece reuniões para as mulheres e para os homens na igreja. – 2. Pede notícias de Artiaga. Ele encontra-se bem. Recomendações a Mateus. Deseja saber como vai a catequese às crianças.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Muito desejo tenho de ver-vos. Prazerá a Deus que será cedo, ainda que não deixo de ver-vos em espírito cada dia, o que vós também fazeis: de maneira que somos presentes de contínuo. Por amor de Deus: que me escrevais novas vossas e de todos os cristãos! Como vos vai? Escrevei-me muito miudamente.

Eu espero ao *pula*[1] de Travancor[2], esta semana sem falta nenhuma, porque assim me tem escrito: espero em Deus que se fará algum serviço a Deus[3]. De tudo o que passar, eu vos farei saber, para que deis graças ao Senhor Deus.

Já escrevi aos *patangatins* sobre a ramada[4]. Parece que seria bem que as mulheres fossem à igreja, aos sábados pela manhã, como vão

---

[1] Pula (*pilla*): «título duma classe superior de *sudras*, no Malabar, especialmente em Coulão» (DALGADO, *Glossário* II 228).

[2] Sem dúvida, o mensageiro de Iniquitriberim.

[3] Iniquitriberim tinha prometido a Xavier que, se lhe alcançasse a ajuda do Governador, havia de proteger os cristãos e ajudar a missão (cf. Xavier-doc. 39; SCHURHAMMER, *Ceylon* 460).

[4] Igreja coberta com folhas de palmeira.

em Manapar e, aos domingos, os homens: fazei disto como melhor vos parecer. Quando tiverdes necessidade de escrever ao capitão, seja com tempo para que ele vos proveja.

2. Fazei-me saber de João de Artiaga, onde está e se serve a Deus, porque me temo muito de que não perseverará em servi-lo: é muito mudável, como vós sabeis. O Padre[5] e eu estamos de saúde. A Mateus, direis que seja bom filho, e que fale alto, e que diga de boa maneira o que vós dizeis[6]. Quando eu aí for, lhe darei alguma coisa com que ele folgará muito. E escrevei-me se os meninos acorrem às orações e quantos são os que as sabem. De tudo me escrevereis largamente, pelo primeiro que vier.

Nosso Senhor esteja convosco, como eu desejo que esteja comigo.

De Livar[7] a 23 de Abril de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[5] Francisco Coelho, sacerdote indígena, colaborador de Xavier na Costa da Pescaria, mencionado várias vezes desde 1544 a 1548 (Xavier-doc. 26-27; 30; 32; 36; 39-40; 42; 44; 50; 64).

[6] Mateus era, portanto, intérprete de Mansilhas.

[7] Livare, «provavelmente Koulasegarapattanam, pequeno porto de mar perto de Manapar, onde há 800 cristãos paravas. O lugar chama-se também Levâdhi» (*Eppistolae*, Hongkong II 442).

27
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Nar, 1 de Maio 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Alegra-se das boas notícias recebidas. Ele esteve com febre. Espera ainda o «pula» de Travancor. – 2. Francisco Coelho envia dois guarda-sóis. Em breve se encontrarão.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Hoje, primeiro de Maio, recebi uma carta vossa, com a qual recebi tanta consolação que não poderei acabar de escrever-vos quanto fiquei consolado. Porque vos faço saber que estive uns quatro ou cinco dias com febre contínua e, duas vezes, [fui] sangrado. Agora acho-me melhor. Espero em Deus ir-vos ver a Punicale, na semana que vem. O *pula* de Travancor espero que há-de vir hoje ou amanhã. Quando aí for, falaremos do que aqui passei. Praza a Deus que se faça algum serviço, com que Ele seja servido.

2. Aí vos manda o P. Francisco Coelho dois sombreiros[1]. E já que em breve nos veremos, não digo mais, senão que Deus Nosso Senhor nos dê sua santa graça com a qual o sirvamos.

De Nar[2], ao primeiro de Maio de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão,
FRANCISCO

---

[1] Guarda-chuva ou guarda-sol. Pode ter os dois significados.

[2] Nare, talvez Nare Kinher (poço mal cheiroso), hoje pequena aldeia, habitada apenas por pagãos *sanar*, perto de Kulasêkharapattanam, para sul (Epistolae, Hongkong II 444; FERNANDES 46).

28
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Tuticorim, 14 de Maio 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Mediador de paz para os indígenas. – 2. Anima Mansilhas a ter paciência e a trabalhar só o que puder. – 2. Troca de ajudantes com Mansilhas, insistência na construção da igreja local, recados vários, paciência com os cristãos sem deixar de castigar quando for preciso.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Deus sabe quanto mais folgara estar alguns dias convosco, do que ficar por certos dias em Tuticorim[1]. Mas, como isto é necessário – estar aqui por alguns dias para apaziguar esta gente[2], pois é tanto serviço de Nosso Senhor – consolo-me em estar onde a Deus Nosso Senhor mais sirva.

2. Rogo-vos muito que não vos agasteis por nenhuma coisa com essa gente tão trabalhosa. E, quando vos virdes com muitas ocupa-

---

[1] Xavier tinha ido ali, ao que parece, para falar com Iniquitriberim, que andava em guerra contra Vettumperumâlem, senhor de Tuticorim. Ali tinha também residência o capitão português da Pescaria.

[2] Iniquitriberim queria obter, por meio de Xavier, ajuda militar do Governador de Goa. Se o conseguisse, os cristãos desse território de Vettumperumâlem (Tuticorim e Cael Velho) seriam perseguidos. Por isso queria Xavier transferir esses cristãos para território do Grande Rei, Iniquitriberim (Xavier-doc. 32; 39; 44; cf. 19). Por essa causa, ao que parece, tinham-se formado duas facções em Tuticorim: uma, a favor da emigração, outra contra (Xavier-doc. 44). O mesmo veio a acontecer mais tarde, em 1603, quando se tratou da transferência para a Ilha Régia (BESSE 417). Pelos que estavam contra, estava também o capitão português que, levado pela ganância, vendia cavalos de guerra a Vettumperumâlem (Xavier-doc. 34; 38; 50).

ções, e que a todas não podeis satisfazer, consolai-vos fazendo o que podeis. Dai muitas graças ao Senhor que estais em parte onde, ainda que queirais estar ocioso, não vos deixam as muitas ocupações que se vos oferecem, e todas de serviço do Senhor Deus.

3. Aí vos mando Pedro[3]. Logo que estiver de saúde António[4], que seja daqui a seis ou oito dias, o mandareis. A Manuel da Cruz escrevi uma *ola* [folha], rogando-lhe muito que faça cedo a igreja[5]. Mandar-me-eis o meu caixãozinho [cofrezinho] pelo primeiro *tone*[6] que vier. Logo que acabarem as coisas daqui, vos irei ver, porque desejo estar convosco alguns dias, mais do que vós cuidais. Sempre que tiverdes necessidade de alguma coisa, escrevei-me pelos que daí vierem. Com essa gente fazei sempre, quanto puderdes, por levá-la com muita paciência. E, quando por bem não o quiserem, usai da obra de misericórdia que diz: castigarás a quem precisa castigo.

Nosso Senhor seja em vossa ajuda, como eu desejo que seja à minha.

De Tuticorim, a 14 de Maio de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão,
FRANCISCO

---

[3] Talvez Pedro Fernandes, cristão *parava*, de Vîrapândyanpatanam, colaborador catequista de Xavier desde 1543 (MX II 547; 552).

[4] Vários colaboradores cristãos de Xavier na Costa da Pescaria são referidos com o mesmo nome: o *parava* Henriques (MX II 532; 623), Cheruquil (ib. 550-551), Miranda (ib. 535; 570; 573; 613). Um destes seria o «António *parava*» (Xavier-doc. 43), outro seria o António Fernandes «um cristão *malavar*», que em 1544 seguiu com Xavier para Travancor.

[5] Trata-se da igreja a construir em Punicale, onde residia Mansilhas.

[6] «Tone (*tôni*), pequeno barco costeiro, de um mastro e de remo, na Índia meridional» (DALGADO, *Glossário* II 378).

29
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Virapândyanpatanam, 11 de Junho 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: Encontra-se bem, pede notícias, que mande certas cartas ao capitão por pessoa segura, que não descure a catequese das crianças e o baptismo dos recém-nascidos, que se dê bem com toda a gente e com as autoridades locais.

Caríssimo em Cristo Irmão

Faço-vos saber que, com a ajuda do Senhor Deus, me acho muito bem. Praza a Ele, que me dá saúde, me dê graça para com ela o servir. Far-me-eis saber novas vossas e dos cristãos, de contínuo. Dai-vos pressa a fazer igreja[1]: quando for acabada, far-mo-eis saber.

Essas cartas que mando ao capitão, mandá-las-eis por pessoa muito certa[2]. O ensino dos meninos vos encomendo muito. As crianças que nascem, com muita diligência as baptizareis: pois os grandes, nem por mal nem por bem querem ir para o paraíso, ao menos que vão as crianças que, depois de baptizadas, morrem.

A Manuel da Cruz me encomendareis muito. A Mateus, que seja bom filho, digo, bom homem. Haver-vos-eis sempre com amor com essa gente: assim com eles como com os *adigares*[3].

---

[1] A igreja de Punicale, onde Mansilhas residia.

[2] Não sabemos o que fez Xaxier desde 14 de Maio até 11 de Junho, altura em que andava em negociações com Iniquitriberim. Provavelmente é dessas negociações que fala nas cartas enviadas para o capitão.

[3] «Adigar (*adhigâri*), no sul da Índia, o título do chefe de aldeia; mas parece que em certas regiões designava outras autoridades como governador de distrito» (DALGADO, *Glossário* I 11; II 448, 569; cf. tb. NAGAM AIYA III, *Glossary* p. I).

Nosso Senhor seja sempre convosco

De Virapândyanpatanão[4], a 11 de Junho de 1544

Vosso em Cristo caríssimo Irmão

FRANCISCO

[4] Virapândyanpatanam («cidade do próprio Vira Pândya»), ao norte de Tiruchendûr (Trinchendur Taluk) em 1644 tinha 2.420 habitantes, 2.433 em 1931, quase todos eles *paravas* (KRISHNASWAMI AYYAR, *Statistical Appendix* 328; BESSE, *La mission du Madure* 520-523).

30
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 16 de Junho 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Às notícias da invasão dos badegás e de muitos cristãos refugiados nos ilhéus da costa, parte com 20 barquitos em seu socorro e manda rezar as crianças. – 2. Manda Mansilhas tratar da construção doutra igreja em Comburturê e visitar vários povoados ao modo habitual. – 3. Encarrega ao catequista Manuel da Cruz algumas comunidades cristãs, com vigilância especial sobre a idolatria e a fidelidade às reuniões. Pede a Francisco Coelho que venha ter consigo.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Eu cheguei sábado[1] à tarde a Manapar. Deram-me, em Comburturé, muito más novas dos cristãos do Cabo de Comorim[2]: que os *badegás*[3] os levaram cativos; e [que alguns] cristãos, para se salvarem, se meteram por aquelas pedras que estão dentro no mar[4]. Lá morrem de fome e à sede. Esta noite[5] parto, para os socorrer, com vinte *tones*[6] de Manapar. Rogai a Deus por eles e por nós. Fareis que os meninos, especialmente, roguem a Deus por nós.

---

[1] Dia 14 de Junho.

[2] Aqui, entende-se Cabo de Comorim *lugar* e não região assim chamada.

[3] *Badaga*, palavra da língua Kanara, que significa «homens setentrionais». Assim se chamavam os habitantes do reino de Vijayanagar (DALGADO, *Glossário* I 76). O texto refere-se às tropas do imperador de Vijayanagar. Embora os *badagas* estivessem confederados com Iniquitriberim, aproveitaram a ocasião para saquear os cristãos.

[4] No extremo sudoeste do Cabo de Comorim há três ilhéus quase submersos (*Segelhandbuch für die Westkuste von Hindustan*, Berlin 1907, 67).

[5] Dia 16 de Junho (cf. Xavier-doc. 31).

[6] O caminho por terra estava impedido pelos *badagas*.

2. Em Combuturé, prometeram-me que fariam uma igreja, e Manuel de Lima[7] prometeu que daria cem *fanões* para ajuda do custo. Ireis a Combuturé, e dareis ordem para que se faça esta igreja. Podeis ir quarta ou quinta-feira. Na outra semana que vem, Deus querendo, ireis visitar os cristãos que estão desde Punicale até Alandale[8], baptizando os que não estão baptizados: de casa em casa, visitareis os cristãos e, as crianças que nascem, com muita diligência as baptizareis. Os que ensinam os meninos e os que ajuntam, olhareis se fazem bem o seu ofício.

3. A Manuel da Cruz, que está em Combuturé, encomendareis que olhe muito por aqueles dois lugares[9] de cristãos *careás*[10], assim acerca da união dos inimigos, como [acerca de] que não façam *pagodes*[11] nem bebam *urraca*; e, aos domingos, que se ajuntem os homens à tarde e as mulheres pela manhã para dizer as orações.

Se for aí Francisco Coelho, dir-lhe-eis que venha cedo: que o digo eu.

Deus seja em vossa guarda.

De Manapar, hoje, segunda-feira, 16 de Junho de 1544.

Já paguei, a este mouro, que leva esta minha carta, o que lhe prometi por ir até Careapatam[12].

Vosso caríssimo em Cristo Irmão,
FRANCISCO

---

[7] *Parava.*

[8] Alantalai, aldeia parava entre Tiruchendûr e Manapar, que em 1644 tinha 1.178 cristãos e 1.500 em 1914 (cf. BESSE, *Mission du Maduré* 525-526).

[9] Provavelmente a actual aldeia Kadayakkudi, a norte de Kâyalpatanam, e Komburturê.

[10] Carea (*Kadayan*), da casta *Pallan*, que ainda hoje se dedicam à pesca de margaridas (THURSTON, *Castes and tribes of Southern Índia* III 6; cf. V 472-486).

[11] Aqui, *ídolos* (não *templos,* também assim chamados).

[12] Talvez Careapatão (Kadiapattanam), na ilha de Manar. Mansilhas residia em Punicale, a norte da povoação maometana Kâyalpatanam.

31
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 30 de Junho 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Não conseguiu chegar aos ilhéus para socorrer os cristãos ali refugiados. Procura esmolas para os outros despojados. – 2. Pede notícias da igreja a construir em Combuturê e das visitas missionárias aos povoados.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Terça-feira[1] cheguei a Manapar. Deus Nosso Senhor sabe os trabalhos que nesta viagem tive. Fui com vinte *tones* a socorrer os cristãos que estão fugidos dos *badegás* nas pedras do Cabo Comorim, morrendo à fome e à sede. Foram os ventos tão contrários que, nem a remos nem à sirga pudemos chegar ao Cabo. Abrandando estes ventos, tornarei outra vez e farei o que puder para ajudá-los. É a piedade maior do mundo ver como estão aqueles coitados cristãos: em tantos trabalhos! Muitos [outros] vêm cada dia para Manapar: vêm roubados e [tão] pobres que não têm que comer nem vestir. Escrevo aos *patangatins* de Combuturé, Punicale e Tuticorim que mandem alguma esmola para estes coitados cristãos, e que não [a] saquem dos pobres. Os *campanotes*[2] que quiserem dar de sua vontade, que dêem, e que a ninguém façam força: não consentireis que saquem nada dos pobres, porque eu assim escrevo aos *patangatins*. Eu não espero nenhuma virtude deles. Não consintais que de nenhum pobre nem

---

[1] Dia 24 de Junho.

[2] «Senhores de uma champana, barco pequeno» (FILIPPUCCI). Em Espanha é um batelão, de fundo raso, para andar nos rios.

rico saquem por força esmola nenhuma: a esperança mais está em Deus que nos *patangatins*.

2. Rogo-vos muito que me escrevais largo: se a igreja de Combuturé se faz, e se Manuel de Lima deu cem *fanões*, e como vos foi nessa visitação que fizestes, e se [os catequistas] ensinam os meninos por esses lugares, que eu tenho a todos pagos e não sei o que na minha ausência fazem. De tudo me escrevereis muito largamente, porque desejo saber novas vossas e desse lugar[3]. Oito dias estive no mar, e bem sabeis que coisa é andar em *tones* com ventos tão fortes como foram.

Nosso Senhor seja continuamente em vossa guarda.

De Manapar, 30 de Junho de 1544.
Vosso em Cristo caríssimo Irmão,
FRANCISCO

[3] Punicale.

32
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 1 de Agosto 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Louva a diligência de Mansilhas em olhar pelos cristãos. – 2. Visita aos cristãos perseguidos e recolha dos mais pobres em Manapar. – 3. Próxima visita a Punicale e proibição a António Fernandes e aos patangatins de instalar gente em Cael Velho.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Nosso Senhor continuamente seja em vossa guarda, e vos dê muitas forças para que o sirvais. Muito folguei com uma carta vossa que me deram, [por ver] a diligência que fizestes acerca de olhar por essa gente, [de modo] que estes *badegás* não os tomassem desapercebidos[1].

2. Eu fui a caminho do Cabo, por terra, a visitar estes coitados cristãos, que vinham fugidos e roubados dos *badegás*[2]. Era uma piedade, a maior do mundo, vê-los: uns, não tinham de comer; outros, de velhos, não podiam vir; outros, mortos; outros, maridos com as mulheres que pariam no caminho; e outras muitas piedades que, se vós as vísseis como eu as vi, teríeis mais piedade. A todos os pobres

---

[1] Os *badagas*, entretanto, deslocando-se do Cabo de Comorim para o norte, ameaçavam Punicale.

[2] Xavier gastou todo o mês de Julho neste percurso até ao Cabo de Comorim. Durante ele persuadiu os saqueadores *badagas* a cessar com as suas pilhagens, facto notável que, com o tempo, foi ganhando fama de milagroso (MX II 318; BROU, *Saint François Xavier* I 256-257).

mandei vir para Manapar, e há agora muita gente necessitada neste lugar. Rogai ao Senhor Deus que mova os corações dos ricos: que tenham piedade destes pobres.

3. Espero ir a Punicale quarta-feira[3]. Olhai muito por essa gente, até que se vão estes *badegás* para a sua terra[4]. Direis a António Fernandes, o Gordo[5], e a estes *patangatins* de Cael Velho[6], que lhes mando eu, que não vão povoar Cael Velho; senão, que eles mo pagarão muito bem pago[7]. A Manuel da Cruz me encomendareis muito e a Mateus.

Nosso Senhor seja convosco, e nos dê a sua graça para que o sirvamos.

De Manapar, ao 1º de Agosto de 1544
Vosso em Cristo Irmão
FRANCISCO

---

[3] Dia 6 de Agosto.

[4] Muito ao norte de Maduré.

[5] Certo *parava*, que é bom distinguir doutros com o mesmo nome, por ex. de António Fernandes, *malabar*, de quem fala Xavier noutra carta (Xavier-doc. 45).

[6] Cael Velho, nome português da povoação Palaiyakâyal (Srivaikuntam Taluk), situada entre Punicale e Tuticorim. Em 1644 tinha 800 cristãos *paravas* e 648 em 1914 numa população de 1.497 habitantes (PATE, *Madras District Gazetteers* 432-435; KRISHNASWAMI AYYAR, *Statistical Appendix* 301; BESSE, *La mission du Maduré* 515-517). Nalguns lugares havia vários *patangatins* ao mesmo tempo.

[7] Os *patangatins* tinham o direito de exigir, sob pena de exclusão da casta, que os habitantes de uma povoação se mudassem para outra. Assim aconteceu, por ex., em 1605, quando ordenaram que fugissem de Tuticorim até que o rei Nayaka do Maduré depusesse o tirano tuticorinês sucessor de Vettumperumâl (*Goa* 66, 3v e 5). Por semelhante causa, Xavier apelou a este direito para que mandassem mudar os cristãos de Cael Velho, território de Vettumperumâl, para os territórios de Iniquitriberim.

33
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 3 de Agosto 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Alegra-se da visita que fez Mansilhas aos cristãos perseguidos e sente a opressão em que vivem. – 2. Prepara protecção e defesa contra outros ataques aos cristãos. – 3. Aconselha pôr vigias nas aldeias para alertarem o povo a tempo de fugir. – 4. Pede papel para escrever e notícias de como está organizada a vigilância contra os assaltantes.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Deus [seja] sempre convosco. Em parte, folguei muito, com a vossa carta, ao ver a consolação que recebestes nesta visitação que fizestes. [Mas] senti muito e sentirei a vossa opressão, até que o Senhor Deus vos livre: a nós, que não nos faltam opressões, louvado seja Deus.

2. Aí mandei o Padre[1], por todos esses lugares, para que lançassem os navios ao mar e embarcassem quando fosse tempo. Porque me parece que, de certo, vos hão-de assaltar e cativar a estes cristãos, segundo temos por certo que hão-de vir à praia[2]. Estas novas sei-as por um principal *canacar*[3], amigo destes cristãos. Mandei lá um

[1] Francisco Coelho.

[2] Os *badagás*.

[3] *Kanakkar*: inspector da organização territorial no antigo Malabar (NAGAM AIYA III, *Glossary* p. XXIV); «colector de impostos» (FERNANDES 58); ou simplesmente «um homem da casta Kanakkar» (*Epistolae,* Hongkong 439).

homem, a este *canacar*, que é privado deste rei Iniquitribirim[4], com uma carta para o rei. Escrevi – pois é amigo do senhor Governador[5] – que não consinta que estes *badegás* nos façam mal, pois o Governador se há-de desgostar muito do mal que a estes cristãos vier[6]. E o *canacar*, que é meu amigo, veio-me ver e ajudar, por amor de ser tão amigo desses cristãos desta Costa: tem muitos parentes cristãos. A este, escrevi para que me desse aviso do que lá passar e me fizesse saber quando virão à praia, para que tivéssemos tempo de [nos] recolhermos ao mar.

3. Já escrevi ao capitão, para que proveja em mandar um *catur*[7] para guarda dessa gente e vossa. Fareis que essa gente mantenha muito grande vigilância em terra firme[8], porque estes *badegás* vêm de noite, a cavalo, e nos tomam, em tempo que não termos tempo para nos embarcar. Olhai muito por essa gente, porque é para tão pouco que, por não gastar dois *fanões*, deixarão de mandar vigiar. Fareis que lancem logo ao mar todos os navios e metam seu fato neles. Às mulheres e meninos, fareis que digam as orações, mais agora que nunca, pois não temos quem nos ajude senão Deus.

4. Mandai-me o papel que ficou na caixa, que não tenho em que vos escrever. Isto me mandareis logo por um *cule*[9]. Far-me-eis saber novas: se lançaram os navios ao mar e puseram seu fato neles, e a diligência que nisso fazem. A António Fernandes, o Gordo, direis da

---

[4] Iniquitriberim, em rigor, *Uni Kêrala Tiruvadi* (*Uni*=filho; *Kêrala*=Travancor, também nome de rei; *Tiruvadi*=príncipe), título de Rama Varma, o mais velho da família Jayatunganâdu, rei de todo o território de Coulão e do Cabo de Comorim até ao rio Tâmbraparni, nos anos 1541-1549.

[5] Martim Afonso de Sousa.

[6] Com esta passagem se prova que os badagas eram confederados de Iniquitriberim e não do rei Vettumperumâl, como era opinião comum dos autores.

[7] *Catur*: «pequena, estreita e ligeira embarcação indiana» (DALGADO, Glossário I 239).

[8] Punicale estava situada numa ilha da foz do rio Tâmbraparni.

[9] Cule (*culi*): «operário, jornaleiro, moço de recados» (DALGADO, Glossário I 331).

minha parte que olhe muito por esse povo, se quer ser meu amigo. Aos pobres mesquinhos, não [os] cativa esta gente, senão aos que podem haver resgate. Sobretudo fareis que, de noite, tenham muita vigilância e que, em terra firme, tenham seus espias, porque eu tenho muito medo que, de noite, com este luar[10], venham a essa praia e roubem a esses cristãos. Por isso, mandareis vigiar muito de noite.

Nosso Senhor seja em vossa guarda.

De Manapar, a 3 de Agosto de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[10] A 3 de Agosto de 1544 era lua cheia.

34
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 19 de Agosto 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Receia novos ataques aos cristãos e pede a Mansilhas que não se ausente enquanto estiverem em perigo. – 2. O rei Iniquitribirim negoceia com o capitão português a pacificação da região. Pede notícias de portugueses e cristãos apanhados nestas invasões. – 3. Ele tem recebido más notícias.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Esta manhã vos escrevi que esforçásseis essa gente nessa tribulação[1]; e que me fizésseis a grande caridade de me fazer saber novas certas de Tuticorim[2]. Tenho medo que venha algum mal a esses pobres cristãos pelas cavalarias de Tuticorim[3]. Esta gente tem tanto medo que não vo-lo saberia dizer: nunca me pareceu bem deixar essa gente e de vos irdes com João Artiaga, senão quando a terra estiver fora destas perseguições de *badegás*[4]. Rogo-vos muito que, quando souberdes novas certas, logo mas façais saber.

---

[1] Pelos vistos, os badegás andavam ainda nas proximidades de Punicale, na fronteira extrema entre os reis Iniquitriberim e Vettumperumâl.

[2] Vettumperumâl, irritado por o Governador andar em tratados com Iniquitriberim, avançou sobre Tuticorim para se vingar em cristãos e portugueses.

[3] O capitão da Pescaria, Cosme de Paiva, tinha vendido cavalos de guerra a Vettumperumâl.

[4] Mansilhas e Artiaga estavam para ir a Mannâr baptizar os *careas* (cf. Xavier-doc. 36).

2. Iniquitribirim manda um brâmane com o *topaz* do capitão, para assentar pazes com essa gente[5]. Não sei que farão eles. Estão aqui em Manapar e partem logo por mar. Rogo-vos que miudamente me escrevais daí novas dos portugueses de Tuticorim, logo que as souberdes, para me aliviar do muito cuidado que tenho: se alguns portugueses estão feridos ou mortos, e assim dos cristãos. Acerca da vossa ida, ver-nos-emos ou vos escreverei depois de ser passada esta fúria dos *badegás*.

Nosso Senhor seja sempre convosco. Amen.

De Manapar, a 19 de Agosto de 1544

3. Agora me deram uma *ola* [folha] de Guarim[6], em que o vosso caríssimo irmão[7] me faz saber: que os cristãos que andam fugidos no mato, os roubaram os *badegás*, e que feriram um cristão e outro gentio. De todas as partes temos más novas, louvado seja o Senhor Deus para sempre.

Vosso Irmão em Cristo caríssimo
FRANCISCO

---

[5] Com Vettumperumâl ou seu representante.

[6] Provavelmente o Kanakkar mencionado no Xavier-doc. 33. O nome (*Karîm*) parece muçulmano: os muçulmanos costumavam ser e ainda são cobradores de impostos.

[7] Companheiro, talvez Artiaga.

35
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 20 de Agosto 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Poucos favorecedores das missões. Deus lhes dará a paga. – 2. Apoio a dar a um brâmane delegado dos badegás. Pede notícias e anima à missão.

Caríssimo Irmão

1. Deus seja sempre convosco. Amen. Pelo dito do Senhor que diz *«quem não é por mim é contra mim»*[1], podeis ver quantos amigos temos, nessas partes, que nos ajudem a fazer esta gente cristã. Não desconfiemos, porque Deus, por derradeiro, dará a cada um a paga. E, se quer, [tanto] se pode servir de poucos como de muitos. Mais piedade tenho dos que são contra Deus, do que desejo de os castigar, porque, por derradeiro, castiga Deus aos seus inimigos fortemente, como podemos ver pelos que estão no inferno.

2. Aí vai este brâmane[2] com despacho dos *badegás* para o rei Betebermal[3]. Por amor de Deus: que lhe mandeis logo dar embarcação para ir a Tuticorim! Fazei-me saber novas de Tuticorim, do capitão e dos portugueses e dos cristãos, porque estou com muito cuidado. A João de Artiaga me encomendareis muito, e a Manuel da Cruz. E,

---

[1] Mt 12,30.

[2] *Brahmana*, legado de Iniquitriberim, enviado, com despacho dos *badagas*, a Vettumperumâl (Xavier-doc. 34).

[3] Vettumperumâl, que aparece escrito de formas variadas (cf. Xavier-doc. 40; SCHURHAMMER, *Quellen* 157), era rei do distrito de Kayattâr com jurisdição sobre a a cidade de Tuticorim (1531-1555).

a Mateus, direis que não se canse, que não trabalha em vão: que eu farei com ele melhor do que cuida.

Nosso Senhor seja sempre convosco. Amen.

De Manapar, a 20 de Agosto de 1544

Por amor de Deus: que logo deis aviamento a este brâmane! E falai ao capitão, para que ao menos lhe faça honra[4].

Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[4] Cosme de Paiva, capitão da Pescaria. Como enriquecia com a venda de cavalos de guerra para Vettumperumâl, pouco lhe interessava a paz.

36
A FRANCISCO MANSILHAS (TUTICORIM)

Punicale, 29 de Agosto 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Alegra-se das notícias recebidas e pergunta se a terra já está segura de incursões para o substituir por Francisco Coelho e enviá-lo a outra missão. – 2. Empenho por ajudar Artiaga. A vida que leva sem intérpretes. Terra livre de incursões de badegás.

Caríssimo em Cristo Irmão

Deus seja sempre em vossa ajuda. Amen.

1. Muito folguei com as cartas que me mandastes. Far-me-eis saber quando estará segura dos *badegás* essa terra, para [que] – sem escândalo dessa gente, mandando [para] aí a Francisco Coelho em vosso lugar[1] – possais [vós] ir fazer esse serviço de Deus tão grande de baptizar aos de Careapatão[2], assim como aos *careás* de Beadala[3], e ao *mudaliar*[4]. Porque o capitão de Negapatão[5] pode muito com o rei

---

[1] Xavier já se tinha mudado de Manapar para Punicale e, Mansilhas de Punicale para Tuticorim, onde já decorriam as negociações de paz e as coisas pareciam ir acalmando.

[2] Patim, «lugar pequeno dos careas» na ilha de Mnanar (SCHURHAMMER, *Ceylon* 135, n. 6).

[3] Vêdâlai, frente a Râmesvaram, no continente indiano, aldeia que em 1914 tinha 1.665 habitantes, dos quais 24 eram cristãos (BESSE, *La mission du Maduré* 353-354).

[4] Mudaliar (*mudaliyâr*): «chefe, capitão indígena» (DALGADO, *Glossário* II 61).

[5] António Mendes de Vasconcelos, capitão dos portugueses residentes na cidade de Negapatam, nos anos 1543-1546 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 90, n. 2).

de Jafanapatão[6], de quem são essas ilhas de Manar[7], e se encarregará de vos favorecer com o rei. Logo que estiver segura dos *badegás* essa terra, mandar-me-eis o *patamar*[8], para que logo vos mande Francisco Coelho com dinheiro e *olas* [folhas] e um regulamento do que haveis de fazer em Manar.

2. Encomendo-vos muito o nosso irmão[9] João de Artiaga. De tudo o que tiver necessidade me escrevereis, para que proveja como é razão. Aqui ando entre esta gente só, sem *topaz*[10]. António[11] está doente em Manapar. Rodrigo[12] e António[13] são os meus *topazes*. Por aqui podeis ver a vida que levo e as exortações que posso fazer, que nem eles me entendem nem menos os entendo [eu]: [por] aqui podeis ver as falas que a esta gente faço. Baptizo as crianças que nascem e aos outros que acho por baptizar: para isto não tenho necessidade de *topaz*. Os pobres, sem *topaz,* me dão a entender as suas necessidades e eu, em vê-los, sem *topaz,* os entendo. Para as coisas mais principais não tenho necessidade de *topaz*[14]. Os *badegás*, que estavam por estas partes, todos estão já unidos a Calecaté[15]. Está agora a terra

---

[6] O rei de Jaffna era Chekarâsa Sêkaran (*Sankily*) nos anos 1519-1561 (ib. 136).

[7] Todas as ilhas entre Jaffna e o continente indiano, excepto Râmesvaram, pertenciam aos domínios de Jaffna.

[8] Patamar: «correio, mensageiro» (DALGADO, *Glossário* II 186).

[9] Colaborador, companheiro.

[10] Topaz: intérprete.

[11] Sobre os vários Antónios ajudantes de Xavier, pode ver-se Xavier-doc. 28, nota 4. Este era seu intérprete.

[12] Criado indígena, em nenhuma outra ocasião mencionado.

[13] Talvez António *parava*, referido no Xavier-doc. 43.

[14] Aqui claramente confessa Xavier que não conhecia a língua indígena, não dando assim fundamento à opinião de que já sabia a língua *tamul*, como dizem alguns biógrafos do santo (BARTOLI, *Ásia* 1,40; SOUSA, *Oriente conquistado* 1,2,1,17).

[15] Calecaté (*Kalakkâd*), cidade a sudoeste da província de Tinnevelly foi capital do reino do «Grande Rei».

assegurada dos *badegás*. Os da terra fazem o mal que podem[16], até que esteja assentado[17] por Iniquitriberim.

Nosso Senhor seja sempre convosco. Amen.

De Punicale, a 29 de Agosto de 1544

Esta noite parto para Talle[18], onde está muita pobre gente.

Vosso em Cristo caríssimo Irmão,
FRANCISCO

[16] Não os *badagas*, mas os habitantes pagãos da região.

[17] Os habitantes da região tinham-se rebelado contra Iniquitriberim, a favor dos reis Pândya.

[18] Talvez Alantalai (cf. Xavier-doc. 37).

37
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Alendale, 5 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Apreensões pelo desamparo dos cristãos em Tuticorim. – 2. Se for preciso, mandar embarcações para os tirar de lá. – 3. Deixa tudo ao parecer de Mansilhas.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Deus Nosso Senhor seja em vossa ajuda continuadamente. Amen. Estou com muito cuidado [acerca] dos cristãos de Tuticorim por estarem desamparados de quem olhe por eles. Por amor de nosso Senhor: que me façais logo saber o que se passa! Se virdes que é serviço de Deus irdes com muitos *tones* de Combuturé e de Punicale, para trazer aquela gente daquelas ilhas para Combuturé , Punicale e Trinchandur[1], logo a essas horas vós partireis com todos os *tones* que há em Punicale, mandando aos de Combuturé que vão logo atrás de vós.

2. Não consintais que morra à fome e à sede aquela pobre gente, por amor de Betebermal e seus cavalos. Melhor contado lhe fora ao capitão olhar pelos cristãos, que não por Betebermal nem por seus cavalos[2]. Aí mando uma *ola* [folha] aos *patangatins* de Punicale e Combuturé, em que lhes mando que logo se façam prestes com seus

---

[1] Tiruchendûr, povoação situada entre Virapândyanpatanam e Alentalai, célebre por seu templo.

[2] O capitão da Pescaria continuava a enriquecer no seu negócio de cavalos de guerra com o rei Vettumperumâl (cf. Xavier-doc. 50, 8).

tones, para irem convosco trazer os cristãos de Tuticorim, que estão morrendo à fome e à sede naquelas ilhas.

3. Se a vós vos parecer que há necessidade da vossa ida e de [os] mandar por aquela gente, dareis a *ola* [folha] aos *patangatins* e ireis [com eles] socorrer aquela gente. Se vos parecer que não há necessidade, não ireis. Em tudo me remeto ao que bem vos parecer. Se acaso acontecer que vades, fazei que os *tones* levem água e mantimentos. Nosso Senhor seja sempre convosco. Amen.

Far-me-eis saber como está Manuel da Cruz e Mateus, que os deixei desconsolados.

A 5 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

38
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Alendale, 5 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Tristes notícias do capitão. Que Mansilhas e os patangatins lhe prestem imediato socorro. – 2. Também ele deseja ir em seu auxílio, mas teme que o capitão ainda o não queira ver. – 3. Que ao menos os que puderem, o ajudem.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Tristes novas me deram[1] do capitão: que lhe queimaram a sua nau e casas[2], e que está refugiado nas ilhas[3]. Por amor de Deus: que vades logo com toda essa gente de Punicale, levando toda a água que puderem levar todos esses *tones*! Eu escrevo aos *patangatins* muito rijo, para que vão logo convosco ver do capitão: que levem água em muitos *tones,* para trazer essa gente.

2. Se eu cuidara que o capitão folgaria com a minha ida, iria eu e vós ficaríeis em Punicale. Mas, porque ele me escreveu uma carta, na qual me dizia que não podia escrever, sem muito grande escândalo, o mal que lhe tenho feito – Deus e todo o mundo sabe [por]que não

---

[1] Depois de enviada já a carta anterior (Xavier-doc. 37), recebeu Xavier as notícias sobre o capitão português.

[2] Falhadas as negociações de paz, recomeçou a perseguição de Vettumperumâl aos cristãos e portugueses em Tuticorim, onde residia também o capitão da Pescaria. Por isso, recomeçada a guerra, Mansilhas teve de adiar a ida para Vêdâlai e ilhas de Mannâr.

[3] Três são as ilhas situadas em frente de Tuticorim: Koswari, Vân Tivu (Ilha dos Reis, ilha da Igreja), Pândyan Tivu (Ilha das Lebres).

me pode escrever sem grande escândalo – não sei como folgaria de me ver. Por isso e por outras coisas deixo de ir aonde está.

3. Eu escrevo aos *patangatins* de Combuturé e aos de Bembar[4] que logo vão com todos os *tones* e, passados aonde está o capitão, lhe levem água e mantimento. Por amor de Deus: que façais muita diligência, pois vedes [que] o capitão está em tanta opressão e todos aqueles cristãos! Por amor de Deus: que façais muito grande diligência!

Nosso Senhor seja sempre convosco. Amen.

De Arandale[5], a 5 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[4] Bembar (*Vêmbâr*), última povoação de paravas ao norte da Pescaria, tinha 1.300 cristãos em 1644 e contava 4.744 habitantes em 1914 (BESSE, *La mission du Maduré* 499-507).

[5] Alantalai.

39
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Trichandur, 7 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Andando a visitar várias cristandades, recebe notícias de novas ameaças aos cristãos do Cabo de Comorim. – 2. Carta do P. Francisco Coelho a pedir que vá em socorro desses cristãos. 3. Iniquitriberim pede um encontro com ele. – 4. Parte ao seu encontro. – 5. Pede para trazer para lugar seguro os cristãos ainda refugiados nos ilhéus da Costa, e que não deixe de visitar os outros centros missionários. – 6. Pagamento aos catequistas. Pede notícias.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Deus nos dê sua santíssima graça, pois nesta terra não temos outra ajuda senão a sua. Eu estava em Trichantur[1] para ir a Viravandianpatanão[2] visitar os cristãos, como fiz em Arandale[3], P[udicorim][4] e Trichantur: tinham eles muitas necessidades de ser visitados. Estando para partir, deram-me novas de que a terra se alevantava[5], porque os portugueses levavam um cunhado de Betebermal e [os indígenas] queriam levar os cristãos do Cabo de Comorim[6].

---

[1] Tiruchendûr.

[2] Virapândyanpatanam.

[3] Alantalai.

[4] Pudukudi («aldeia nova»). A lista das missões em 1571 apresenta duas aldeias com este nome: uma ao sul de Alantalai e outra a norte de Manapar (*Japsin*. 7, 86).

[5] Os habitantes da terra, não os invasores *badagas*.

[6] Refugiados em Manapar (cf. Xavier-doc. 32).

2. Escreveu-me o Padre Francisco Coelho que logo a essas horas partisse para onde estão os cristãos do Cabo de Comorim[7], porque se eu não fosse lhes havia de vir muito mal. E mais me escreveu: que era chegado um príncipe, sobrinho de Iniquitriberim[8], sobre aquela triste gente, e que estava para fazer-lhes muitos males se eu não fosse[9].

3. Mais me escreveu: que Iniquitriberim me mandava uma *ola* [folha] por três ou quatro criados seus, os quais ficaram cansados em Manapar, e por suas *olas* [folhas] me rogava que fosse lá a vê-lo[10], porque deseja[va] muito falar-me coisas que muito lhe importam. Parece-me que tem muita necessidade do favor do senhor Governador, porquanto os *pulas*[11] estão muito prósperos e com muito dinheiro: parece-me que se teme que os *pulas* não dêem [assim] tanto dinheiro ao senhor Governador, para que seja em ajuda deles[12].

4. Mais me escreve Iniquitriberim: que estão seguros os cristãos em suas terras, e que lhes fará muito boa companhia. Eu parto logo esta noite para Manapar e daí – por amor dos cristãos de Tuticorim e Bembar, para que estejam seguros em terra do Rei Grande – irei ver Iniquitriberim para concertar com ele como estejam seguros em sua terra[13].

---

[7] Manapar. Em 1558, Henriques fala de uma localidade de paravas, Puducare («aldeia nova»), situada entre Manapar e Periya Tâlai (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 226); era talvez aí que viviam provisoriamente os refugiados.

[8] Chegou a Talle (Periya Tâlai), como se deduz do Xavier-doc. 40.

[9] Temores infundados, ao que parece pelos Xavier-doc. 40 e 42.

[10] Iniquitriberim estava em acampamento militar no interior do distrito de Tinnevelly.

[11] Partidários dos reis Pândya, que consideravam Iniquitriberim usurpador. Como procuraram obter a ajuda do Governador, pode ver-se em CORREA, *Lendas da Índia* IV 304-305; 408-409 (o texto está mais apurado em MX II 149-152); cf. SCHURHAMMER, *Iniquitriberim* 1-3.7; 39-40.

[12] Por fim, Iniquitriberim superou os *pulas* nas dádivas (Xavier-doc. 44, 1).

[13] A vontade de Xavier era mudar os cristãos do norte para sul do rio Tâmbraparni, para terras de Iniquitriberim.

5. Fareis de jeito que aqueles cristãos de Tuticorim, que estão naquelas ilhas morrendo, venham para Combuturé e Punicale[14]. Escrever-me-eis mais miudamente as coisas de todos os cristãos e, principalmente, do capitão e dos portugueses: como estão. Se tiverdes tempo de poder visitar os cristãos de Combuturé e os *careas*, e o lugar de Tomé da Mota[15], e aquele que está perto de Patanão[16], muito folgaria, porque sei que têm muita necessidade de serem visitados. Folgaria eu muito de ir visitar esses lugares.

6. Para ensino dos meninos, tomareis emprestados em poder de Manuel da Cruz de Punicale, vosso amigo, cem *fanões*, os quais gastareis em pagar aos que ensinam os meninos, informando-vos deles o que eu lhes costumava pagar, e nisto fareis muito serviço a Deus. Aí vai esse homem[17], a meu parecer muito de bem e desejoso de servir a Deus. Fazei-lhe muito boa companhia até que eu torne aonde está Iniquitriberim e, se vos parecer que servirá a Deus, deixá-lo-eis aí. Escrevereis logo por um barbeiro[18], muito largamente, as coisas daí, porque estou em muito cuidado, assim dos portugueses como dos cristãos.

Nosso Senhor nos dê mais descanso na outra vida do que nesta temos.

De Trinchandur[19], a 7 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[14] Ambas povoações situadas em território de Iniquitriberim.

[15] Komburturê é considerada por Henriques (em 1558) como aldeia de *careas*. Provavelmente as outras aldeias aqui mencionadas são aquelas que no Xavier-doc. 30 se referem como «dois lugares de cristãos *careas*». Tomé da Mota parece ser o regedor da aldeia.

[16] Talvez Kadayakuddi a norte de Kâyalpatanam.

[17] Talvez Paulo Vaz, de quem se fala em Xavier-doc. 40-41.

[18] Texto original pouco legível. Mal se entende que se envie a carta por um *barbeiro*. Talvez deva ler-se *barqueiro*.

[19] Tiruchendûr.

40
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 10 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: Alegra-se das notícias recebidas. Envia Francisco Coelho ao príncipe, sobrinho de Iniquitriberim, para conseguir víveres e protecção para os cristãos daquela região em perigo. Fala-se de nova guerra de Betebermal contra Iniquitriberim. – Espera de volta Francisco Coelho para escrever novamente. Diversos encargos.

Caríssimo em Cristo Irmão

Folguei tanto com as vossas cartas, que o não poderia acabar de escrever, porque estava em muito cuidado [acerca] do capitão e de toda a outra gente[1]. Nosso Senhor seja sempre com eles, como eu desejo que seja comigo. Terça-feira[2], duas horas ante-manhã, mandei o P. Francisco Coelho falar com o príncipe que está em Tale[3], a duas léguas de Manapar. Fez-lhe muito gazalhado o príncipe, sobrinho de Iniquitriberim. Pareceu-me ser necessário mandá-lo visitar, por deixar esta terra em paz, que estava quase meio alevantada. Diz que Betebermal ia por mar aonde está o rei, a grande pressa, a pelejar

---

[1] Mansilhas tinha cumprido o encargo de Xavier de ajudar o capitão e os outros refugiados nas ilhas que estão em frente de Tuticorim. Em 1557, ele mesmo deu testemunho, esclarecendo que tinham fugido de Tuticorim não na guerra dos *badegas*, mas em «outra guerra de outros ladrões» (MX II 318).

[2] Dia 9 de Setembro.

[3] Periya Tâlai e Alantalai distam duas léguas a sul de Manapar. *Periya Tâlai* significa Tâlai maior, para a distinguir da aldeia vizinha *Sinna Tâlai* (Tâlai menor). Em 1644, Periya Tâlai tinha 1.200 cristãos e contava 2.705 habitantes em 1914 (BESSE, *La mission du Maduré* 536-540).

contra Iniquitriberim[4]. E também o mandei para que mandasse aos *adigares* que deixassem trazer arroz e mantimentos. Terça-feira, depois do meio-dia, recebi as vossas cartas, e logo mandei um homem com uma carta, aonde está o príncipe, ao P. Francisco Coelho, para que mandasse umas *olas* [folhas] mandando aos *adigares* desta terra que deixassem vir mantimentos para Punicale, e que aos cristãos fizessem boa companhia. Em alguma maneira folgaria deixar esta praia em paz, antes de partir para onde está Iniquitriberim[5] e, de lá, vir provido para resistir a estes *adigares*.

Ao capitão escreverei amanhã. Agora não posso, pela muita pressa deste homem[6]. Esta noite espero por Francisco Coelho. Amanhã vos escreverei mais largo. A Paulo Vaz[7] me encomendareis muito. E, a Mateus, direis que aí escrevo a Manuel da Cruz, para que lhe dê doze *fanões* que me pede para seu pai e uma irmã pobre que tem. Vindo o P. Francisco Coelho, vos escreverei muito largo.

Nosso Senhor nos ajunte no seu reino. Amen.

De Manapar, a 10 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[4] Desta expedição de Vettumperumâl, nada mais se sabe.

[5] Iniquitriberim residia na parte meridional do distrito de Tinnevelly, junto ao mar.

[6] Vê-se que a ajuda prestada ao capitão em momento de angústia, o levou a reconciliar-se com Xavier.

[7] Parece referir-se àquele colaborador português de que fala no Xavier-doc. 39,6. Talvez fosse o padrinho daquele cristão da casta dos *careas* com o mesmo nome, nascido em Kombuturê por 1500 e que ali mesmo se encontrava com Xavier em 1543 (MX II 545).

41
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 11 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1-3. Problemas por causa de um criado do príncipe local, preso por um português em território do próprio príncipe. – 4. Pede a Mansilhas que verifique o que há sobre isto. – 5. Desgostado, deseja ir para a terra do Preste João.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Não acabaria nunca de vos escrever o desejo que tenho de ir por essa Costa[1]. Eu vos certifico que é verdade: que se hoje achasse embarcação para partir, logo iria. Agora me vieram três gentios, homens do rei[2], com queixumes [de] que um português prendeu em Patanão[3] um criado deste príncipe de Iniquitriberim[4], e que o levou preso a Punicale, e que dizia que daí o havia de levar a Tutocurim. Sabendo o que é, escrevereis ao capitão sobre isso. E, se estiver aí aquele português, quem quer que for, que o soltem logo [o criado]: se alguma coisa lhe dever esse gentio, que venha diante deste príncipe requerer sua justiça. E que não alevantem a terra mais do que está alevantada: por causa destes, nunca nós fazemos mais. Se não, parece-me que deixarei de ir ver o rei, de tal modo esta gente está agastada, porque assim os desonram e os prendem na sua terra, o que

[1] A Punicale.
[2] Iniquitriberim, que não foi rei de Travancor.
[3] Kâyalpatanam.
[4] Sobrinho de Iniquitriberim.

nunca fizeram em tempo dos *pulas*[5]. Não sei que faça, senão que não percamos mais tempo, estando entre gente que não tem cura. E tudo isto por míngua de castigo: se os que foram roubar aquele *paró*[6], fossem castigados, não fariam os portugueses o que agora fazem. Não será muito que este príncipe faça algum mal a estes cristãos, porque lhe prenderam o seu criado.

2. Escrevereis ao capitão quanta paixão recebi sobre a prisão do criado deste príncipe. Eu não quero mais escrever, pois esta gente diz que há-de fazer mal e que ninguém há-de falar nem ir-lhes à mão. Se o homem, que aquele português prendeu, está em Tutocorim, ide logo, por amor de Deus, aonde está o capitão, e fá-lo-eis soltar; e que venha o português aqui a requerer sua justiça.

3. Porque, assim como pareceria mal se, indo um gentio aonde estão os portugueses, prendesse lá um português, estando lá o capitão, e o trouxesse para terra firme, assim a estes lhes parece mal um português prender um homem na terra deles e levá-lo ao capitão, tendo eles justiça na sua terra e estando de paz. E se vós não puderdes ir, mandareis com uma carta vossa Paulo Vaz ao capitão.

4. Eu vos certifico que foi tanta a paixão que recebi, [que] não vo-la saberei dizer. Nosso Senhor nos dê paciência para sofrer tantos desarrazoamentos. Escrever-me-eis logo o que passa sobre este criado deste príncipe: se é verdade que o prendeu um português, e porquê, e se o leva a Tutocurim. Porque, se isto é verdade, não [me] determino a ir onde está Iniquitriberim: dos criados, quanto esta gente sentiu prenderem-nos em sua terra, e o que de nós se diz, [já o podereis julgar].

---

[5] Deduz-se desta afirmação de Xavier que em tempos (sec. XV), esta parte meridional da região de Tinnevelly estava submetida aos reis Pandya e foi depois conquistada por Mârtânda Varma, antecessor de Iniquitriberim.

[6] Paró (*padavu*): «pequena embarcação de guerra e de mercadoria» (DALGADO, *Glossário* II 170). Nada mais sabemos deste facto. Talvez esteja relacionado com o rapto de mulheres cristãs, de que fala Xavier no Xavier-doc. 24,1.

5. Para não ouvir estas coisas, e também para ir aonde desejo, à terra do Preste[7], onde tanto serviço se pode fazer a Deus Nosso Senhor sem ter quem nos persiga, não será muito que tome aqui em Manapar um *tone* e me vá para a Índia[8] sem mais tardar.

Nosso Senhor vos dê sua ajuda e graça. Amen.

De Manapar, a 11 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

[7] Abissínia.

[8] Índia, na linguagem dos portugueses de então, era sobretudo a costa ocidental desde Gujarath até ao Malabar ou Cabo de Comorim (DALGADO, *Glossário* I 465; SCHURHAMMER, *Ceylon* 155, 181, 383; MX I 19; II 309).

42
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 12 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. O príncipe que mora em Tale favorece os cristãos e quer saber o nome dos adigares que lhes fizeram mal. – 2. Façam bom acolhimento e paguem bem ao enviado que o príncipe manda pacificar os adigares. – 3. Quer saber como está o caso do criado do príncipe, aprisionado por um português. Sem estar resolvido, não quer ir visitar o rei, que até acaba de fazer mais mercês aos cristãos. – 4. Pede ao capitão que não faça nem deixe fazer mais males aos gentios das terras do rei, pois ele é tão amigo. – 5. Escreva por mão própria o que tanto deseja falar em encontro pessoal. Se for coisa que possa remediar, adiará as próximas viagens, sendo preciso.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Este príncipe que está em Tale[1], sobrinho do Iniquitriberim, é tão nosso amigo que, logo que soube os males que aí faziam os *adigares* aos cristãos, mandou logo um criado seu, com uma *ola* [folha], em que lhes mandava que deixassem vir todos os mantimentos da terra firme e que fizessem bons feitos, esses *adigares,* aos cristãos: que lhe digam os nomes dos *adigares* e a mim [também] o nome deles, para que, se eu for ver o rei, [possa] dizer com verdade o que cá passa.

2. A este criado do príncipe – pois vai por bem dos cristãos – fareis com que os *patangatins* lhe façam muita honra e lhe paguem seus trabalhos, pois é justo. O que gastam em bailadeiras mal gasto,

---

[1] Periya Tâlai.

seria melhor gastar em semelhantes coisas, pois é razão e provêm a todo o povo. Vós também lhe dareis alguma coisa, para que, com melhor vontade, fale aos *adigares* que não façam mais males e façam boa companhia.

3. Fazei-me saber se foi verdade que um português levou um criado deste príncipe preso até Tutocorim, e porquê. Ontem vos escrevi largo sobre este caso[2]. Se é verdade, parece-me que será melhor ficar que ir ver o rei, uma vez que esta gente faz o caso tão feio e tanto sentiu prenderem um homem do príncipe. Fez muita honra ao P. Francisco Coelho, e acabou com ele tudo o que é em proveito destes cristãos: para fazer-lhes mais honra, faz *patangatins* quatro homens de Manapar, sem lançar nenhum [dinheiro] ao povo, como o costumavam fazer em tempo dos *pulas*[3]; e, de outros lugares, fez três *patangatins,* sem nada. Para fazer honra ao Padre, que foi vê-lo, levou muita gente destes lugares.

4. Por amor de Deus: que escrevais ao capitão, de minha parte, que lhe rogo muito que, por todo este mês de Setembro me há-de fazer mercê que não mande nem consinta que se façam males aos gentios da terra do Rei Grande[4]! Pois todos são tão nossos amigos nas coisas dos cristãos, [que] é escusado rogar que não lhes façam mal. E, se eu houver de ir ver este rei, por todo este mês acabarei de ir e vir e partir para Cochim; e não queria que neste tempo fossem queixumes de nós ao rei, por nenhuma coisa.

5. Escrever-me-eis por vossa mão, por que [motivo] me escrevestes que, sem que nos víssemos, não podíeis escrever. Porque, se for coisa de muita importância e serviço de Deus, que eu puder remediar, assim coisa do capitão e portugueses como dos cristãos, por

---

[2] Xavier-doc. 41.

[3] No tempo dos pulas, o povo tinha de se pagar um tanto para manter cada nomeado.

[4] Iniquitriberim.

nenhuma coisa irei aonde está Iniquitriberim, nem a Cochim, sem ver se posso remediar esses males[5].

Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor.

De Manapar a 12 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo Irmão caríssimo
FRANCISCO

---

[5] Por fim, Xavier acabou por ir a Tuticorim, como se vê pela carta seguinte (Xavier-doc. 43).

43
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Tuticorim 20 de Setembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: Pede substituição dum criado doente que lhe fazia a comida. Vai pedir ao rei que dê ordens aos adigares para tratarem bem os cristãos. Manda pagar salários aos catequistas.

Caríssimo em Cristo Irmão

António[1] está doente e não me pode servir; mandar-me-eis logo, a Manapar[2], a António Paravá, porque tenho necessidade dele para fazer de comer. Escrever-me-eis logo, porque estou em muito cuidado de toda essa gente. E, logo que chegar onde está Iniquitriberim[3], [tratarei de alcançar suas *olas* [folhas] e logo vo-las mandarei][4] para que todos os *adigares* desses lugares [deixem vir os mantimentos], e para que façam boa companhia aos cristãos. Rogai a Deus por mim.

Aos meninos direis que, em suas orações, se alembrem de rogar a Deus por mim.

---

[1] Parece ser o mesmo que já tinha estado doente em Manapar, como refere outra carta (Xavier-doc. 36).

[2] Este segundo António deve ser o outro que também é referido na carta atrás mencionada (Xavier-doc. 36, 2).

[3] Também noutras cartas Xavier fala de lugar indeterminado onde se encontra o rei, como aqui. É que, em tempo de guerra, Iniquitriberim estava em acampamento militar, ora num lugar ora noutro. Várias inscrições de 1545-1547, referentes a Iniquitriberim, encontram-se em acampamentos militares (SCHURHAMMER, *Quellen* 5569; 5730-31).

[4] Cf. Xavier-doc. 40.

A Manuel da Cruz escrevo uma *ola* [folha] para que vos dê cem *fanões* para o ensino dos meninos: aí vos mando a *ola*.

Nosso Senhor seja em vossa ajuda e favor. Amen.

De Tutucorim, a 20 de Setembro de 1544
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

44
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Manapar, 10 de Novembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Recebe recados que o obrigam a falar com o rei. O portador, Aleixo de Sousa, foi para Coulão aborrecido com os pulas. De caminho para o rei, irá visitando as cristandades. – 2. Pede que visite os cristãos de Tuticorim e diga ao chefe da pesca que exclua os pescadores que roubaram casas aos cristãos perseguidos. – 3. Na próxima visita ao rei não tem medo de passar por terras de perseguidores, pois até acha o martírio mais proveitoso à missão.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Logo que cheguei a Manapar[1], estando já de partida para ir aonde estava Aleixo de Sousa[2], chegaram dois *naires*[3] com uma carta de um português, o qual me escreve que fica em Boarime[4] e traz uma

---

[1] Entre a carta anterior e esta (Xavier-doc. 43 e 44), decorreram 50 dias. Neste tempo, Xavier visitou Iniquitriberim para lhe pedir ordens contra os *adigares* e tratar de assuntos do rei com o Governador. Não sabemos bem de que se tratava. Correa, contemporâneo de Xavier, dá a sua versão do que lhe parece ter-se tratado (CORREA, *Lendas da Índia* IV 408-409; MX II 151-152).

[2] Aleixo de Sousa Chichorro, parente do Governador, em 1542 foi pela segunda vez para a Índia, onde foi vedor da fazenda até 1545. Em Cochim estava encarregado do carregamento das naus para Portugal (CORREA, *Lendas da Índia* IV 409; MX II 151). Em 1558 voltou terceira vez para a Índia, onde morreu em 1560 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 221-222, n. 2).

[3] Nair (*nâyar*): «classe nobre e militar do Malabar» (DALGADO, *Glossário* II 92).

[4] Ovari, aldeia de paravas, a sul de Periya Tâlai (Nanguneri Taluk), onde em 1644 havia 400 cristãos e em 1914 cerca de 1.500 (BESSE, *La mission du Maduré* 541-543).

carta do vedor da fazenda[5] para mim e certos despachos[6], pelos quais me é forçado ver-me com Iniquitriberim[7]. Aleixo de Sousa foi para Coulão e dizem que foi muito descontente com os *pulas*[8]. Não sei se é verdade. Eu parto a caminho do Cabo de Comorim por terra, visitando os lugares dos cristãos[9], baptizando as crianças que estão por baptizar.

2. Segunda-feira[10], ou quando a vós bem vos parecer, folgaria que visitásseis os cristãos de Tutucorim. [Porque naquelas choupanas não há lugar onde se ajuntem, ajuntai-os fora, no campo: aí os ensinareis[11]. Direis, da minha parte, a Nicolau Barbosa[12], que não chame – os que estão nas casas dos que foram desterrados delas em

---

[5] Aleixo de Sousa.

[6] Talvez com a resposta do Governador sobre o que pensava da ajuda a dar ao rei.

[7] Xavier é que teria de levar estes *despachos* a Iniquitriberim. Em Ovari ter-se-á depois inteirado de que eram favoráveis a Iniquitriberim.

[8] Parece, portanto, que o próprio Aleixo de Sousa foi à Pescaria (provavelmente ao Cabo de Comorim) para levar a termo as negociações. Correa informa que o vedor não ficou contente com os *pulas*, adversários de Iniquitriberim, pois diz: «O vedor mandou lá o homem e andaram em recados sem nunca virem a nenhuma conclusão, com que se não fez nada» (CORREA, *Lendas da Índia* IV 409; MX II 152). Por essa razão decidiu, em nome do Governador, a favor de Iniquitriberim. O rei, agradecido, deu a Xavier 2.000 *fanões* para a construção de igrejas nos seus territórios (Xavier-doc. 50, 5); além disso, o mesmo rei e o seu aliado, Mârtanda Varma, rei de Travancor, permitiram que 10.000 *macuas* fossem baptizados, como refere Xavier na carta seguinte.

[9] Desde Manapar até ao cabo de Comorim, numa distância de 100 km, eram 8 as aldeias cristãs: Pudukare, Periya Tâlai, Ovari, Kûttankuli, Idindakarai, Perumanal, Kumâri Muttam, Cabo de Comorim (Kanniyâkumâri). Além disso, mais duas aldeias para lá do cabo: Kovakulam e Râjakkamangalam.

[10] Dia 17 de Novembro.

[11] Os cristãos que tinham seguido as ordens de Xavier, viviam fora de Tuticorim, nas ilhas e território de Iniquitriberim.

[12] Deste Nicolau Barbosa, nada mais se sabe.

Tutucorim[13]] – a fazer pesca do *chanco*[14] os que ainda estão lá: é que não é minha vontade que gente tão desobediente, ou por melhor dizer, cristãos arrenegados estejam gozando o fruto do nosso mar[15]. E se os de Punicale quiserem ir pescar o *chanco* às ilhas de Tutucorim, que vão em boa hora. E dizei-lhe [a Nicolau Barbosa] que se guarde de fazer coisa mal feita, e que sobejam as passadas.

3. Nas vossas orações e nas desses meninos me encomendo muito. Eu, com tanta ajuda, não tenho medo dos medos que estes cristãos me metem, dizendo que não vá por terra, porque todos os que querem mal a estes cristãos me desejam muito mal. Eu estou tão enfadado de viver, que julgo ser melhor morrer por favorecer a nossa lei e fé, vendo tantas ofensas quantas vejo fazer, sem acudir a elas. Não pesa senão que não fui mais à mão aos que sabeis que tão cruelmente ofendem a Deus.

Nosso Senhor seja sempre em vossa ajuda e favor. Amen.

De Manapar, a dez de Novembro de 1544

Eu parto logo para Punicare[16] e o P. Francisco Coelho vai visitar os cristãos que estão em Virandapatanão[17].

Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[13] Vettumperumâl tinha expulso os cristãos e Xavier tinha-lhes proibido voltar, antes de o rei dar alguma satisfação. Os que, entretanto, tinham ocupado as casas dos fugitivos, parecem ser da facção daqueles que se recusaram a ir para território de Iniquitriberim.

[14] A pesca das conchas *chanco* (turbinella pyrum) começava em Setembro (SCHURHAMMER, *Ceylon* 348, 244; PATE, *Madras District Gazetteers* 234--235; DALGADO, *Glossário* I 256).

[15] Os portugueses eram senhores do mar (Xavier-doc. 17, 6).

[16] Pudukare, ao sul de Manapar.

[17] Vîrapândyanpatanam.

45
A FRANCISCO MANSILHAS (PUNICALE)

Cochim, 18 de Dezembro 1544
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Baptismos em Travancor a caminho de Cochim. Próxima viagem a pedir ao Governador protecção militar para os cristãos de Jafanapatão. – 2. Encontro com o Vigário geral que vai a Portugal. Notícias chegadas em cartas dos de Goa e dos de Portugal. Licenças para a ordenação sacerdotal de Mansilhas. Novos missionários da Europa já a caminho da Índia. – 3. Pede a Mansilhas que, à vinda para a ordenação sacerdotal, visite os cristãos que deixou em Travancor, deixando lá catequeses organizadas. – 4. Um cristão malabar levá-lo-á a outra aldeia para baptizar macuas que lhe pediram o baptismo. – 5. Colaboradores que há-de trazer consigo para deixar em Travancor.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. A 16 do mês de Dezembro, cheguei a Cochim. Antes de chegar, baptizei todos os *macuas*[1], pescadores que vivem no reino de Travancor[2]. Deus sabe quanto folgaria de tornar logo, para acabar

---

[1] Os macuas (*mukkuvan*) eram pescadores no mar de Malabar (cf. THURSTON, *Castes ande Tribes of Southern Índia* V 106-107; DALGADO, *Glossário* II 7). Foram baptizados por Xavier em Novembro de 1544, depois de os reis Iniquitriberim e Mârtânda Varma lho terem permitido, em recompensa da sua valiosíssima intercessão junto do Governador a favor de ambos. Já em 1537 o rei de Travancor tinha prometido que deixaria fazer cristãos os pescadores daquela Costa, se o Governador lhe vendesse cavalos de guerra (SCHURHAMMER, *Quellen* 211).

[2] Travancor, em sentido restrito Pûvare, pertencia a Râjakkamangalam. As aldeias, cujos habitantes foram baptizados por Xavier, são as seguintes, de norte para sul: Povar (*Pûvar*), Colancor (*Kollankod*), Valevalé (*Pallavilaturai*), Tutur (*Tuttûrturai*), Puduturé (*Putturai*), Temguapatão (*Taingapatam*), União

de baptizar os que ficam[3], se não parecesse ao senhor Vigário geral[4] que era mais serviço de Deus ir aonde está o senhor Governador para negociar [o castigo do rei] de Jafanapatão[5]. Partirei para Cambaia[6], daqui a dois ou três dias, num *catur* muito bem equipado. Espero tornar muito cedo, com tudo despachado conforme ao serviço do Senhor Deus.

2. O Senhor Bispo não virá a Cochim neste ano[7]. O Vigário geral parte este ano para Portugal. Espero em Deus que tornará muito cedo. Diogo[8] está em São Paulo: estava muito desejoso de vir. O P. Mestre

---

(*Injam*), Morala (*Midalam*), Vaniacur (*Vanniakudi*), Coléche (*Kolachel*), Careapatão (*Kadiapattanam*), Calmutão (*Muttamtura*), Palão (*Pallam*). Assim o atesta Henriques em 1558 (SHURHAMMER, *Quellen* 6147). Teriam sido mais de dez mil baptismos.

[3] *Manakkudi*.

[4] Miguel Vaz Coutinho, doutor em direito canónico, partiu em 1533 para a Índia como Vigário Geral. Voltou a Portugal em 1545 para tratar de assuntos relativos às missões. Regressou à Índia em 1546, onde veio a falecer a 11 de Janeiro de 1547. Era leigo e ficou sepultado em Chaul (SCHURHAMMER, *Ceylon* 137).

[5] Os *careas*, pouco antes baptizados em Patim (Mannâr) por ordem de Xavier, provavelmente em Outubro desse mesmo ano de 1545, eram cerca de 600. Todos eles foram trucidados, por ordem do rei de Jaffna, por se terem convertido ao cristianismo (SCHURHAMMER, *Ceylon* 263-264; 290; Xavier-doc. 48,3).

[6] Cambaia, situada entre Chaul e Bombaim, estendia-se então até ao rio Nagotana (BARROS, *Compilação* 4, 5, 1). Quando veio de Goa para Cochim, o Governador dirigiu-se a Cambaia para visitar Diu e Baçaim (CORREA IV 414); de regresso a Goa, no dia 18 de Dezembro já se encontrava em Chaul (SCHURHAMMER, *Quellen* 1322).

[7] Por isso Mansilhas terá de ir a Goa para receber a ordenação sacerdotal.

[8] Diogo Fernandes, candidato à Companhia de Jesus, partiu de Lisboa com Xavier em 1541 e ficou com os outros companheiros na ilha de Moçambique à espera de seguir para Goa (nota marginal no cod. *Ulyssip.* I, f.1; e carta de Lancilote a Simão Rodrigues em 20 Out. 1545, *Goa 10, 6*). Era ainda jovem e parente do P. Simão Rodrigues: ajudava os Padres no colégio de S. Paulo e no hospital (Lancilote, *ib.*; cf. Xavier-doc. 49,2). Os catálogos posteriores chamam-lhe, erradamente, Diogo Rodrigues (CAMARA MANUEL 129) e também *Padre* (FRANCO, *Synopsis* 467).

Diogo e *Micer* Paulo, de saúde com todo o colégio. Recebi novas de Portugal, por muitas cartas que de lá me vieram. Veio a vossa licença para vos ordenardes de Missa, sem terdes necessidade de património nem de benefício. Desta licença parece-me que não tínheis necessidade, porquanto o Senhor Bispo, sem esta licença, vos ordenaria, como ordenou de Missa aos Padres Manuel e Gaspar[9], os quais estão em Cochim para ir aí fazer fruto. Dois companheiros nossos vêm nas naus que até agora não chegaram. Parece-me que invernarão em Moçambique ou arribarão a Portugal[10]: um deles é português[11] e o outro italiano[12]. O Rei escreve-me muitos bens destes nossos dois portugueses. Praza a Deus trazê-los a salvamento. A nenhum deles conheço: não é nenhum dos que deixamos. Há mais de sessenta estudantes da nossa Companhia na universidade de Coimbra. É coisa para dar muitas graças a Deus Nosso Senhor os muitos bens que deles me escrevem. São quase todos portugueses, do que eu muito folgo. Dos companheiros de Itália tenho muito boas novas. Mas porque, daqui a um mês, espero que nos veremos[13] e vos mostrarei todas as cartas, não digo mais.

3. Logo, vista esta carta, pelo amor e serviço de Deus Nosso Senhor, vos rogo muito que vos façais prestes para virdes visitar os cristãos da praia de Travancor, que agora baptizei. Em cada lugar,

---

[9] Dois diáconos, oriundos de Tuticorim, que em 1542 tinham ido com Xavier para a Costa da Pescaria (Xavier-doc. 15,12; 19,1).

[10] Tiveram mesmo de voltar para Portugal (SCHURHAMMER, *Criminali* 263-264).

[11] Pedro Lopes, S.I., nascido em Nogueira, no distrito de Vila Real, entrou na Companhia de Jesus em 1542 (*ib.* 262).

[12] António Criminali S.I., nascido em Sissa (Parma) em 1520, entrou na Companhia de Jesus em 1542, partiu para a Índia em 1545, morreu mártir na aldeia de Vêdâlai em Junho de 1549 (SCHURHAMMER, *Criminali* 231-237; *Ceylon* 174; *Doc. Indica* I e II Índices).

[13] Em Cochim, por onde Mansilhas deveria passar, em fins de Janeiro, a caminho de Goa aonde iria receber a ordenação sacerdotal.

metereis uma escola para ensinar meninos, [com um mestre que os ensine. Podereis tomar do dinheiro que vos for necessário para o mestre e ensino dos meninos] até 150 *fanões*. Por todos os lugares dessa Costa, deixareis pagos os que ensinam os meninos, até à pescaria grande[14]. Para vossos gastos, pedireis dinheiro ao capitão.

4. Em Manapar tomareis um *tone* até Careapatão[15] e, antes de chegardes a Careapatão, ireis a Monchuri[16], que é um lugar de *macuas*, os quais não são baptizados. Este lugar está do Cabo de Comorim a uma boa légua. Baptizá-los-eis, porque muitas vezes o requereram e não pude ir lá[17]. António Fernandes, um cristão *malavar*, irá em vossa busca com um *catur*, para andar convosco até que se acabem de baptizar os que ficaram. É homem muito de bem e zeloso da honra de Deus. Conhece essa gente: sabe bem como havemos de tratar com eles. O que ele vos disser, fá-lo-eis, sem ir-lhe à mão em nenhuma coisa, porque assim o fazia eu, e achava-me sempre bem. Rogo-vos muito que vós assim o façais.

5. Trareis convosco Mateus e o meirinho que andava comigo, de Viravãodepatanão[18], e os vossos moços e algum *canacapula*[19], que saibam escrever, para, em cada lugar, deixar as orações escritas, para que as aprendam, grandes e pequenos. Em cada lugar haja um mestre que ensine a doutrina. Servir-vos-eis do *canacapula* para vos

---

[14] Assim se chamava a pesca que se realizava em Março de cada ano, para a distinguir da *pescaria pequena* (pescaria dos chancos) que se realizava em Setembro (cf. Xavier-doc. 44).

[15] Kadiapattanam, a oeste do Cabo de Comorim, distinto de Careapatão (*Patim*) na ilha de Mannâr.

[16] Manakkudi, aldeia de macuas, a oeste do Cabo de Comorim (*Agastisvaram Taluk*), onde havia 660 cristãos em 1644.

[17] Parece, portanto, que Xavier deve ter começado a baptizar a partir do norte, perto de Pûvar.

[18] Vîrapândyanpattanam.

[19] Canapula (*Kanakkapillei*): «escrivão, contador, administrador, catequista» (DALGADO, *Glossário* I 194).

escrever, se for necessário], algumas *olas* [folhas], e para ler as que vos escreverem. Pagareis a este *canacapula* do dinheiro do Rei que, para isso, vos dará o capitão. Ao P. João de Liçano[20], encomendareis o cargo que vós aí tínheis de baptizar e ensinar. Pela pressa de Francisco Mendes[21], não vos escrevo mais largo.

Nosso Senhor seja sempre em vossa ajuda, como eu desejo que seja em minha.

De Cochim, a 18 de Dezembro de 1544.
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

[20] Juan de Lizano, sacerdote diocesano espanhol (Xavier-doc. 55,1; 56,1), em Dezembro de 1556 já tinha morrido (MX II 376).

[21] Não há dados certos sobre ele. Talvez se trate de quem fala CORREA III 281; CASTANHEDA 7,78 (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 3202; 3363).

46
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Cochim, 20 de Janeiro 1545
Duma tradução em latim, feita em 1661

SUMÁRIO: 1-2. Fim que Deus teve em dar ao rei de Portugal o império da Índia e contas que lhe há-de pedir. – 3-4. Elogio ao Vigário geral que vai a Portugal e necessidade de que volte para a Índia. – 5. O Bispo de Goa, embora de consumada virtude, tem já muita idade e necessita de ajudante. – 6-7. Pede mais exigência com os funcionários reais da Índia e mais autoridade e independência para quem esteja à frente do Padroado missionário. – 8. Não há proporção entre os meios destinados ao Padroado e aos outros interesses reais. – 9-11. Estado geral das missões em Ceilão, Goa, Cabo de Comorim e Cranganor. Necessidade de missionários jesuítas de que possa dispor para a Índia e Extremo Oriente. – 12. Espera morrer na missão.

Senhor

1. Muito desejo que Vossa Alteza tenha presente e lhe suplico o considere consigo mesmo: que Deus Nosso Senhor concedeu a Vossa Alteza, de preferência a todos os outros príncipes cristãos, o Império destas Índias, para o experimentar e ver com que fidelidade cumpre o encargo que lhe foi confiado, e com que agradecimento corresponde aos benefícios recebidos. Porque, nisto, não olhou tanto o Senhor a enriquecer o real fisco de Vossa Alteza, com o produto de frutos preciosos trazidos de longes terras ou com a importação de peregrinos tesouros, quanto, com a ocasião de heróicos empreendimentos, oferecer benignamente à virtude e religiosidade de Vossa Alteza a oportunidade de distinguir-se e mostrar o seu ardente zelo, aplicando ao trabalho apostólico activos missionários que por Vossa Alteza tragam ao conhecimento do Criador e Redentor do mundo os infiéis destas regiões.

2. Com toda a razão recomenda insistentemente Vossa Alteza, aos que envia a estas regiões, que trabalhem infatigavelmente na propagação da nossa santa fé e aumento da religião, pois sabe Vossa Alteza que Deus lhe há-de pedir conta da salvação de tão numerosos gentios, que estariam dispostos a seguir melhor caminho se houvesse alguém que lho mostrasse. Submergidos, porém, por escassez de mestres, em obscuras trevas e imundícies de gravíssimos crimes, ofendem continuamente o seu Criador e eles mesmos precipitam miseravelmente as suas almas na morte eterna.

3. Miguel Vaz, que tem sido aqui Vigário e agora vai encontrar-se com Vossa Alteza, o informará do que tem visto por si mesmo, da docilidade destas nações para abraçar a fé, e das demais circunstâncias favoráveis que aqui há para a sua cristianização. Este senhor é tão desejado pelos cristãos daqui, que convém o reenvie para cá Vossa Alteza no ano que vem, para consolação e protecção deles. Aliás, os próprios interesses de Vossa Alteza reclamam essa determinação, pois a grave obrigação que pesa sobre Vossa Alteza de procurar a glória de Deus nestas paragens, a descarrega em tão idóneo e laborioso delegado. Estando à frente desta obra administrador tão fiel e experimentado, pode Vossa Alteza descansar tranquilamente, seguro de que ele, com a sua excelente virtude – que submetida à prova por tantos anos mereceu a veneração de todo este povo – não deixará passar ocasião alguma para defesa e dilatação da religião.

4. Uma e outra vez rogo e suplico a Vossa Alteza que, se quiser olhar pelo serviço de Deus e pelos interesses da Igreja, se quiser galardoar de algum modo nesta vida a tantas pessoas probas e honradas que vivem na Índia, aos cristãos recentemente convertidos à nossa santa fé, e a mim mesmo, nos mande de volta o Vigário Miguel Vaz, que dentro de pouco vai partir daqui. Não me movem a pedir isto outras razões, a não ser a glória divina, o aumento da nossa santa fé e o descargo de consciência de Vossa Alteza. Deus Nosso Senhor me é testemunha de que digo a verdade, porque sei quão desejado

é, nestas partes, varão tão exímio, e quanta necessidade há dele. De maneira que, para cumprir com o meu ofício e descarregar também eu a minha consciência, digo e asseguro a Vossa Alteza que – para que se promova e dilate a nossa santa fé, para que os que vão sendo agregados à Igreja não sejam arrancados a ela e voltem às suas naturais superstições, ofendidos e aterrados com as muitas injúrias e graves vexames, que recebem principalmente dos funcionários de Vossa Alteza[1] – é absolutamente necessário mandar-nos de volta Miguel Vaz que é quem tem fortaleza e constância para se opor aos perseguidores dos cristãos.

5. Embora o Bispo seja de virtude tão consumada como realmente é, não ignora Vossa Alteza que, na sua velhice e achaques, ainda que lhe sobrem e aumentem de dia para dia as forças espirituais, carece das corporais para suportar os extraordinários trabalhos que supõe o diligente cumprimento do governo destas partes. É bem verdade que Deus lhe concede tanta graça que, quanto mais se debilita no corpo, mais se robustece no espírito. Este é o galardão que Deus Nosso Senhor concede aos que perseveram muitos anos no seu serviço e empregam toda a vida e forças em levar por sua causa os maiores trabalhos, até obter quase completa vitória do seu corpo, sempre rebelde ao espírito. A esses concede Deus, nos últimos anos, o fruto das suas contínuas lutas, para exemplo e perseverança dos súbditos, ao verem como eles se sentem rejuvenescer, com a renovação das suas forças espirituais, precisamente na idade em que a natureza degenera, oprimida pelos males da velhice decrépita. E assim, na medida em que vão decaindo as forças, vai-se mudando o corpo, de terreno em espírito celestial, com o exercício da virtude. Por isso urge que se dê ao Bispo ajuda, para que possa levar a carga do seu ofício.

---

[1] Sobre isto, cf. relatório apresentado por Miguel Vaz ao Rei (SCHURHAMMER, *Ceylon* 229-260).

6. Peço a Vossa Alteza e pela glória de Deus lhe suplico que, com a mesma rectíssima intenção e sinceríssima verdade com que escrevo estas linhas, aceite também com correspondente equidade e benevolência as minhas sugestões. Com o único desejo da honra e glória de Deus e o de descarregar a consciência de Vossa Alteza, lhe rogo instantemente que recomende aos seus funcionários da Índia as coisas do serviço divino. Não só por cartas, mas também aplicando justas penas aos que forem negligentes no cumprimento dos seus deveres e sancionando as suas recomendações com exemplares castigos. Porque existe o perigo de que, quando Deus Nosso Senhor o chame a Juízo [e isto pode suceder quando menos se espera, e esse Juízo é absolutamente iniludível], possa ouvir de Deus irado: «Porque não advertiste os que na Índia recebiam de ti autoridade e eram teus súbditos, de serem meus inimigos quando, a esses mesmos, se os encontrasses negligentes na vigilância e cuidados dos impostos e do fisco, os castigarias severamente?» E não sei que valor teria para escusar Vossa Alteza naquele transe a resposta: «Todos os anos, ao escrever para lá, recomendava as coisas do vosso serviço». Pois se lhe replicaria imediatamente: «Aos que recebiam com indiferença estes santos mandatos, deixáva-los impunes; quando, ao mesmo tempo, aos que se mostravam pouco fiéis ou negligentes no governo das tuas coisas, lhes aplicavas as devidas penas».

7. Peço e rogo o mais encarecidamente que posso a Vossa Alteza que, pelo zelo ardente que tem da glória de Deus, e pelo cuidado que sempre põe em cumprir o seu dever no que se refere a Deus, e para descargo da sua consciência: envie à Índia um ministro idóneo, com a necessária autoridade, cujo único cuidado seja olhar pela salvação de inumeráveis almas que perigam nestas paragens; e este, no desempenho do seu cargo, receba de Vossa Alteza autoridade que não dependa das ordens e jurisdição daqueles a que Vossa Alteza confia o encargo dos impostos e negócios do seu reino. Assim se evitariam,

no futuro, os muitos e graves inconvenientes e até escândalos que, em tempos anteriores, tem sofrido aqui a religião.

8. Considere bem Vossa Alteza e faça exactas contas de todos os benefícios e bens temporais que, pela graça de Deus, recebe destas Índias. Separe, da soma total, o que nestas regiões emprega no serviço de Deus e bem da religião. E assim, fazendo uma serena comparação entre os interesses da coroa real e os de Deus e da sua glória, faça a distribuição que o ânimo agradecido e religioso de Vossa Alteza creia boa e equitativa, tendo o cuidado de que o Criador de todas as coisas, que tão pródigo se tem mostrado em conceder-lhe bens, não pareça receber de Vossa Alteza uma remuneração escassa e parca. Nem vacile por mais tempo, nem o retarde Vossa Alteza, pois por muito que se apresse, toda a diligência é pouca. O amor verdadeiro e ardente que tenho por Vossa Alteza me move a escrever isto. De facto, imagino as vozes de queixa, que da Índia se elevam ao céu, por Vossa Alteza se mostrar avaro com ela, uma vez que, dos abundantes benefícios que daqui vão para enriquecer o real erário, só uma pequena parte dedica Vossa Alteza ao remédio das gravíssimas necessidades espirituais que há nestas regiões.

9. Creio que não desagradará a Vossa Alteza conhecer em que ponto e estado se encontra o negócio da salvação das almas nestes seus povos da Índia, aos que, por cargo, tem obrigação de atender. Em Jafanapatão[2] e na costa de Coulão[3], só neste ano, facilmente se agregarão à Igreja de Jesus Cristo mais de cem mil pessoas[4]. Não falo da ilha de Ceilão: oxalá que o muito favor que Vossa Alteza

---

[2] Jaffna.

[3] Região meridional do Malabar, que outrora pertenceu à jurisdição de Iniquitriberrim e de Mârtânda Varma.

[4] Esta esperança desvaneceu-se com o fracasso da expedição punitiva contra Jaffna (Xavier-doc. 51,1) e com a resolução que se tomou de não ajudar os reis de Coulão e Travancor, por consideração com o imperador de Vijayanagar (cf. SCHURHAMMER, *Ceylon* 455-462; Xavier-doc. 68).

concede ao seu rei[5] suavizasse a dureza com que se empenha aquele príncipe em excluir Jesus Cristo de todos os territórios da sua jurisdição.

10. Rogo a Vossa Alteza que envie a estas partes muitos da Companhia [de Jesus] que sejam suficientes, não só para baptizar e instruir na doutrina cristã tantas pessoas que se sentem movidas a abraçar a fé em Jesus Cristo nestas paragens, mas também para enviar alguns a Malaca e regiões circunvizinhas, onde são muitíssimos os que se fazem cristãos[6].

O P. Mestre Diogo e *micer* Paulo estão no colégio da Santa Fé. Uma vez que eles escrevem muito por miúdo a Vossa Alteza sobre aquela santa casa, nada mais digo dela, a não ser que não leve a mal pedir a Vossa Alteza, como última graça, que escreva a Cosme Anes[7], para que leve a termo e acabe aquele santo colégio que ele começou e promoveu: que não se canse daquela obra, pois Deus, em primeiro lugar, e também Vossa Alteza, o galardoarão como merece por tão preclara obra.

---

[5] Bhuvaneka Bâhu, rei de Cota (*Kôttê*, perto de Colombo) em 1521-1551, chamado também imperador de Ceilão (cf. SCHURHAMMER, *Ceylon* 2-14 e índice). Xavier entregou-lhe, em princípios de 1544, uma carta de D. João III para que aderisse à fé cristã, como prometera por um delegado seu, mas em vão (*ib.* 588). Xavier ainda não sabia que este mesmo rei de Cota tinha matado o príncipe Yugo em 20 de Janeiro de 1545 (cf. *Doc. Indica* I 44 59).

[6] Ainda não sabia Xavier que dois reis de Macassar se tinham convertido ao cristianismo.

[7] Cosme Anes, de nobre estirpe, foi um dos fundadores do colégio de S. Paulo. Era amicíssimo de Xavier e da Companhia de Jesus. Tinha ido para a Índia em 1538, com o cargo de Escrivão geral da matrícula, vindo a desempenhar depois o de Secretário geral (1547-1548) e o de Vedor da fazenda real (1548-1560). Morreu em Goa, em 1560 (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 224 344 849 2263 2931 3354 3516 3630 3666 4060 4080 4105 4148 4271 4276 4761 4828 ; MX II 184-187; *Ulyssip* II 208).

11. Francisco Mansilhas e eu encontramo-nos no Cabo de Comorim com os cristãos que converteu Miguel Vaz[8], vigário do Bispo da Índia. Agora tenho comigo três sacerdotes naturais desta terra[9].

O colégio de Cranganor[10], obra do Padre Frei Vicente[11], vai em notável aumento. Se Vossa Alteza o continuar a favorecer, como tem feito até agora, irá de bem em melhor. Há motivo para dar muitíssimas graças a Deus pelo enorme fruto que brota daquele colégio para glória de Jesus Cristo Nosso Senhor. Espera-se fundadamente que, dentro de poucos anos, saiam dali varões religiosos que levem todo o Malabar, atolado actualmente em vícios e erros, a ter vergonha salutar do seu miserável estado, e que iluminem aqueles entendimentos cegos com a luz de Cristo Nosso Senhor e lhes manifestem o seu nome, graças ao trabalho e ministério desses discípulos de Frei Vicente. Rogo e suplico a Vossa Alteza que, pela causa de Deus, se digne favorecê-lo, manifestando-lhe a sua régia benignidade e concedendo-lhe a esmola que pede.

12. Como espero exalar o último suspiro nestas regiões da Índia, e já não tornarei a ver Vossa Alteza neste mundo, rogo-lhe que me ajude, com as suas orações, para que na outra vida, com mais descanso do que o que agora temos, nos vejamos mutuamente. Peça a Deus Nosso Senhor por mim, o que eu lhe peço também por Vossa Alteza: que nesta vida lhe dê graça para sentir e fazer o que, na hora da morte, desejaria ter feito.

De Cochim, a 20 de Janeiro de 1545
Servo de Vossa Alteza
FRANCISCO

---

[8] Em 1536-1537 (cf. SCHURHAMMER, Die Bekehrung 209-224).

[9] Francisco Coelho, Manuel e Gaspar.

[10] Cranganor, para norte de Cochim, ficava na região dos cristãos de S. Tomé.

[11] Frei Vicente de Lagos OFM, da Província da Piedade dos franciscanos reformados (capuchos) a que pertencia também o Bispo de Goa, foi para a Índia com

46 bis[12]
GRAÇAS E INDULGÊNCIAS QUE PEÇO PARA REMÉDIO DESTES MALES E DAS MUITAS ALMAS PERDIDAS QUE POR ESTAS PARTES ANDAM

Princípios de 1545

1. Se a Vossa Alteza parece bem: mandar, a todos os que têm encargo da justiça na Índia, que nenhuma testemunha seja válida sem primeiro se confessar e levar um bilhete do seu confessor [de] como é verdade que está confessada [e só assim] faça o juiz o seu ofício[13]; e, o que a testemunha assentar, que não seja válido nem se [lhe] dê fé, até que, sobre o que tem assentado, tome o Senhor e traga outro bilhete de seu confessor que faça fé de como tomou o Senhor; sejam válidas testemunhas assim e doutra maneira não, para que não digam os infiéis destas partes que falam mais verdade jurando eles sobre os seus pagodes, que os portugueses sobre os Evangelhos[14].

---

este prelado em 1538 e em Cranganor fundou o referido colégio para filhos dos cristãos de S. Tomé. Morreu em 1552. Era amicíssimo de Xavier e da Companhia de Jesus (SCHURHAMMER, *Ceylon* 240; *Quellen* 2937, 3593, 4123, 4136, 4271, 4317, 4349, 4427, 4592, 4874, 4917).

[12] É de crer que era um suplemento a outra carta que o santo escreveu a D. João III em 20 de Janeiro de 1545 e que o seu amigo, o Vigário geral Miguel Vaz, devia entregar ao rei juntamente com o seu próprio relatório sobre a missão da Índia. Essa outra carta extraviou-se (cf. EX I, 255 n. 46a).

[13] À margem, faz notar o secretário do Rei sobre a resposta a enviar a Xavier: «Que isto não parece bem pelos inconvenientes».

[14] Aqui, acrescenta o secretário, à margem: «Tomará (o) Senhor e jurará para isso». Cf. tentativas de S. Inácio de Loyola sobre o reforço do decreto do Papa Inocêncio III, *Cum infirmitas*, segundo o qual, aos doentes que recusam os auxílios espirituais, também se lhe devem negar os auxílios do médico (*Monumenta Ignatiana – Epistolae* I, Madrid 1903: 261-267; 271-286). Numa post-data de Janeiro de 1544 comunicava Inácio a Xavier o êxito das suas tentativas em Roma (*ib*. 271).

2. [E porque é necessário que Vossa Alteza olhe] muito por ela[15] [Índia], por Deus Nosso Senhor lhe ter dado como rei, seu pai[16] e, depois, Vossa Alteza, para governo a bem dela, peço a Vossa Alteza, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, que mande pedir a Sua Santidade, dos tesouros da Igreja, esta graça e indulgência, tão necessária para estas partes da Índia: que em qualquer lugar da Índia, povoado de portugueses, nos dias em que se celebra a festa de qualquer ermida ou ermidas do lugar onde vivem, todos os que se confessarem ou comungarem em sua véspera ou dia, ganhem indulgência plenária. Porque faço saber a Vossa Alteza que muito pouca é a gente da Índia que se confessa: é que, na Quaresma, a gente de guerra anda de armada e os casados e pobres vão para o mar ganhar a vida. De maneira que, senhor, na Quaresma não se confessam e, ainda que quisessem, não poderiam confessar-se todos, por serem muitos[17]…

[15] Na incompleta parte antecedente, falava Xavier da Índia. Por isso completamos assim: «E porque é necessário que V. A. olhe por ela».

[16] D. Manuel I.

[17] Este segundo pedido devia seguir para Roma. Por isso, o secretário acrescentou à margem: «Que S.A. mandará suplicar e lhas mandará». Efectivamente D. João III escrevia em 19 de Fevereiro do ano seguinte, 1546, ao seu embaixador em Roma: «Peçais da minha parte as graças e faculdades declaradas na informação, que vos com esta envio… E, porque o tempo é tão curto, daqui à partida das naus para a Índia, e há lá muito grande necessidade destas faculdades que mando pedir a Sua Santidade, e as queria por isso mandar nesta armada,… trabalheis, quanto vos for possível, com Sua Santidade, que vos queira conceder todas as ditas faculdades logo» (*Corpo diplomático portuguez, publ. Por José da Silva Mendes Leal* VI, Lisboa,1884: 17-18). A carta real não chegou a Roma antes de 4 de Abril: demasiado tarde, pois naquela mesma semana saíam de Lisboa as naus da Índia (*ib*. VI, 47).

47
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA

Cochim, 27 de Janeiro 1545
Duma cópia em castelhano, feita em 1567

SUMÁRIO: 1. Manda pedir ao Papa faculdades privilegiadas para celebrações no altar-mor do colégio e outras graças e indulgências já antes referidas. – 2. Qualidades físicas e espirituais requeridas para os missionários a enviar para a Índia. Dureza de clima, de meios e de perigos que os esperam. Rezem também por ele. – 3. Tem recebido poucas cartas da Europa e ainda não chegaram dois companheiros que vinham a caminho. – 4. Pede notícias e missionários.

IHS.

Pax Christi

A graça e amor de Deus Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Para satisfazer aos devotos do colégio da Santa Fé[1] e principalmente ao Governador[2] por ser tão devoto daquele colégio, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, [vos rogo] que, se puder ser, mandeis aquela graça que vos mandaram pedir que alcançásseis de Sua Santidade: que o altar-mor daquele santo colégio seja privilegiado, que todos os que disserem Missa nele por um defunto saquem uma alma do purgatório, da maneira que haverá agora dois anos vos

---

[1] Por ex. Cosme Anes, Mestre Diogo, Francisco Toscano (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 2263).

[2] Martim Afonso de Sousa.

escrevi da parte do Governador, com outras graças e indulgências que da sua parte [também] vos escrevia[3].

2. As pessoas que não têm talento para confessar, pregar, ou fazer coisas anexas à Companhia [de Jesus], depois de terem acabado os seus Exercícios [Espirituais] e terem servido em ofícios humildes alguns meses[4], fariam muito serviço nestas partes, se tivessem forças corporais juntamente com as espirituais. É que, para estas partes de infiéis, não são necessárias letras, senão ensinar as orações e visitar os lugares, baptizando os meninos que nascem: morrem muitos sem serem baptizados por falta de quem os baptize, porque a todas as partes não podemos acudir. Por isso, os que não são para a Companhia [de Jesus][5], e virdes que são para andar de lugar em lugar baptizando e ensinando as orações, mandá-los-eis, porque aqui servirão muito a Deus Nosso Senhor.

Digo que sejam para muitos trabalhos corporais, porque estas partes são muito trabalhosas, por causa dos grandes calores e, em muitas partes, faltosas de boas águas. Os mantimentos corporais são poucos e são só estes, sem haver outros: arroz, pescado e galinhas, sem haver pão, nem vinho, nem outras coisas de que nessas terras há muita abundância. Hão-de ser [mancebos] sãos, e não enfermos [nem velhos], para poderem levar os contínuos trabalhos de baptizar, ensinar, andar de lugar em lugar baptizando os meninos que nascem e favorecendo os cristãos nas suas perseguições [e insultos] dos infiéis.

---

[3] No Xavier-doc. 16.

[4] Já em 1539, Inácio e os seus companheiros tinham determinado: «Os que hão-de ser admitidos, devem, antes de ser provados com o ano de provação, empregar três meses em fazer Exercícios Espirituais, em peregrinar e em serviço dos pobres nos hospitais ou em outros serviços» (MI *Const*. I 12).

[5] Só em 1546 Paulo III, pelo Breve *Expone nobis*, permitiu que, além dos jesuítas professos, se admitissem também na Ordem coadjutores espirituais clérigos e temporais leigos (*ib*. 170-171). Mas em 1547, ainda se duvidava: «Se, os que não são professos na Companhia, se devem chamar da Companhia de Jesus. E parece que não» (*ib*. 274).

E também Deus Nosso Senhor lhes fará mercê, aos que vierem a estas partes, de se verem em perigos de morte. Isto não se pode evitar senão pervertendo a ordem da caridade: e [mesmo] guardando-a, hão-de passar por eles, recordando-se que nasceram para morrer pelo seu Redentor e Senhor. É por esta causa e razão que hão-de participar de forças espirituais. Porque destas careço e ando em partes que tenho muita necessidade delas, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor vos rogo que tenhais especial memória de mim, encomendando-me a todos os da Companhia: dos perigos que Deus Nosso Senhor me tem guardado, creio, sem duvidar, que foi por vossas orações e dos da Companhia. Esta conta vos dou destas partes, para os que haveis de [nos] mandar.

E os que virdes que têm forças corporais para levar os trabalhos que tenho dito e não para mais, não deixeis de mandá-los, porque também há partes, nas quais não há perigos de morte, onde muito poderão servir a Deus. Já disse que para andar entre infiéis não têm necessidade de letras: [a] estes, andando nestas partes durante alguns anos, Deus Nosso Senhor lhes dará forças para o resto.

E os que tiverem talento, ou para confessar ou dar os Exercícios [Espirituais], mesmo que não tenham corpo para levar mais trabalhos, mandá-los-eis, porque esses ficarão em Goa ou Cochim, onde farão muito serviço a Deus. Nestas cidades há todas as coisas em abundância, como em Portugal, porque são povoadas de portugueses. Nas enfermidades corporais serão curados, pois há muitos médicos e medicinas, o que não há onde não habitam portugueses, como onde andamos Francisco Mansilhas e eu. Em dar Exercícios [Espirituais] em cada uma destas cidades se faria grande serviço a Deus Nosso Senhor.

3. Quatro anos há que parti de Portugal. [Em] todo este tempo só umas cartas vossas recebi de Roma e, de Portugal, duas de Mestre Simão[6]. Desejo cada ano saber novas vossas e de todos os da

---

[6] Cf. Xavier-doc. 20,1; 25,2. A carta que recebeu de Inácio foi escrita no dia 18 de Janeiro de 1542. Inácio escreveu outra em Março de 1543 (MI *Epp*. I 276), já

Companhia, particularmente. Bem sei que cada ano me escreveis. Eu também escrevo todos os anos. Mas temo que, assim como eu não recebo as vossas cartas, [também] não recebais as minhas. Dois da Companhia, que vinham este ano [para a Índia], não chegou a nau em que vinham: não sei se voltou para Portugal ou invernou em Moçambique, que é uma ilha nas partes da Índia, onde costumam invernar muitas naus que vêm de Portugal.

4. Desejo saber novas do Doutor Inigo López, se [já] anda de mula; porque se ainda agora anda a cavalo, como quando eu o deixei, grande enfermidade e fraqueza é a sua, pois com tantos médicos e medicinas não acaba de se curar e andar a pé.

Não há que mais fazer-vos saber destas partes, senão que mandeis todos os que puderdes, pois há tanta falta de operários nestas partes. Assim cesso, rogando a Deus Nosso Senhor que, se nesta vida não nos virmos, seja na outra, com maior descanso do que nesta temos.

De Cochim, a 27 de Janeiro, ano 1545
Vosso mínimo filho
MESTRE FRANCISCO

---

tarde para apanhar as naus que partiam para a Índia em 25 de Março daquele ano (FIGUEIREDO FALCÃO 160). A terceira começou a escrevê-la em 24 de Julho e só a terminou em 30 de Janeiro de 1544 (MI *Epp*. I 267); mas a nau *Burgaleza* que a levaria, a meio caminho teve de regressar a Lisboa (SCHURHAMMER, *Criminali* 262, n.125).

48
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM ROMA

Cochim, 27 de Janeiro 1545
Duma cópia em castelhano, feita em 1547

SUMÁRIO: 1. Amor mútuo que vence distâncias pela lembrança e oração. – 2. Dez mil baptismos no reino de Travancor só num mês. Método de preparação em massa. – 3. Martírio de cristãos na ilha de Manar. Vontade do Governador em matar o rei perseguidor e passar o reino ao príncipe, seu irmão, refugiado em Goa. – 4. Milagre no martírio dum príncipe doutro reino, que atraiu à fé seu irmão e muita outra gente. – 5. Três nobres convertidos em Macassar (Celebes), pedem missionários. Trabalho de Micer Paulo no colégio de Goa. O apoio e simpatia dos portugueses merecem mais missionários.

IHUS.

A graça e amor de Nosso Senhor
sejam sempre em nossa ajuda e favor

1. Deus Nosso Senhor sabe quanto mais a minha alma se consolaria em ver-vos, do que em escrever estas tão incertas cartas, pela muita distância que há destas partes a Roma. Mas, embora Deus Nosso Senhor nos tenha separado a tão distantes terras, sendo [nós] tão conformes em um amor e espírito, se não me engano, não causa desamor nem descuido, nos que no Senhor se amam, a distância corporal, pois quase sempre nos vemos, a meu parecer, ainda que familiarmente como costumávamos não nos conversemos. Mas esta virtude tem tanta memória das notícias passadas, quando são em Cristo fundadas: que quase suprem os efeitos das notícias intuitivas. Esta presença de ânimo tão contínua, que de todos os da Companhia tenho, mais

é vossa que minha, pois os vossos contínuos e aceites sacrifícios e orações que por mim, triste pecador, sempre fazeis, são os que causam em mim tanta lembrança. De maneira que vós, caríssimos em Cristo Irmãos meus, imprimis na minha alma contínua memória vossa; e se a que em mim causais é grande, confesso ser a vossa, que de mim tendes, maior. Deus Nosso Senhor vos queira dar por mim a paga que nisso mereceis, pois eu não posso pagar-vos com outra coisa senão puramente confessando a minha impotência para poder satisfazer a Vossas Caridades, ficando-me um conhecimento impresso na minha alma da grande obrigação que tenho a todos os da Companhia.

2. Novas destas partes da Índia vos faço saber: que Deus Nosso Senhor moveu, num reino onde ando[1], muita gente a fazer-se cristã. Foi de maneira que, num mês, baptizei mais de dez mil pessoas, guardando esta ordem: quando chegava a lugares de gentios, aonde eles me mandavam chamar para que os fizesse cristãos, fazia juntar todos os homens e rapazes do lugar numa parte e, começando pela confissão do Pai e do Filho e do Espírito Santo, fazia-os persignar três vezes e invocar as três pessoas [divinas] confessando um só Deus. Acabado isto, dizia a Confissão geral e, depois, o Credo, Mandamentos, Pai-nosso, Avè-Maria e a Salvè-Rainha. Todas estas orações traduzi, haverá dois anos, na sua língua[2] e sei-as de cor. Posta uma sobrepeliz, a altas vozes dizia as orações pela ordem que tenho dito e, assim como eu as ia dizendo, todos me iam respondendo, tanto grandes como pequenos, pela ordem com que as digo. Acabadas as orações, faço-lhes uma explanação sobre os artigos da fé e os Mandamentos da lei de Deus na sua própria língua. Depois, faço que todos peçam perdão publicamente a Deus Nosso Senhor da vida passada. Isto a altas vozes, em presença de outros infiéis que não querem ser cristãos, para confusão dos maus e consolação dos bons. Espantam-se todos os gentios em ouvir a Lei de Deus, e confundem-se em

[1] Em Travancor.

[2] Os macuas e paravas falavam a língua *tamul.*

ver como vivem sem saber nem conhecer que há Deus. Mostram os gentios muito contentamento em ouvir a nossa Lei, e me fazem honra, embora não queiram consentir na verdade conhecendo-a. Acabado o sermão que lhes faço, pergunto a todos, assim grandes como pequenos, se crêem verdadeiramente em cada artigo da fé: respondem-me todos que sim. E assim, em altas vozes, digo cada artigo, e a cada um lhes pergunto se crêem: e eles, postos os braços em cruz sobre o peito, respondem-me que sim. E assim os baptizo, dando a cada um o seu nome por escrito. Depois vão os homens para suas casas e mandam as suas mulheres e família, as quais, pela mesma ordem com que baptizei os homens, baptizo. Acabada a gente de baptizar, mando derrubar as casas onde tinham os seus ídolos, e faço, depois de serem cristãos, que quebrem as imagens dos ídolos em minutíssimas partes. Não poderia acabar de escrever-vos a muita consolação que a minha alma tem em ver destruir ídolos pelas mãos dos que foram idólatras. Em cada lugar deixo as orações escritas na sua língua, dando ordem de que em cada dia as ensinem uma vez pela manhã e outra a hora de vésperas. Acabado de fazer isto num lugar, vou a outro. Desta maneira ando de lugar em lugar fazendo cristãos. Isto com muitas consolações, maiores do que as que por cartas vos poderia escrever, nem por presença explicar.

3. Noutra terra[3], a cinquenta léguas desta onde ando, me mandaram dizer os moradores dela que queriam ser cristãos e me rogavam que fosse baptizá-los. Eu não pude ir, por estar ocupado em coisas de muito serviço do Senhor. Roguei a um clérigo[4] que fosse baptizá-los. Depois de ele ter ido e os ter baptizado, o rei da terra[5] fez, a muitos deles[6], grandes estragos e crueldades, [só] porque se fizeram cristãos.

---

[3] Patim, na ilha de Manar.

[4] Talvez fosse um dos diáconos indianos, Manuel ou Gaspar, o que passou por lá em Outubro, ao vir da Costa da Pescaria para a ordenação sacerdotal em Goa.

[5] Chekarâsa Sêkaran (Sankily), rei de Jaffna (SCHURHAMMER, *Ceylon* 136).

[6] Só parte dos cristãos foi martirizada; os restantes, protegidos pelos portugueses, regressaram a Manar em 1561 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 135, n.6).

Graças sejam dadas a Deus Nosso Senhor, que em nossos dias não faltam mártires! Já que, por piedades, tão devagar se vai povoando o céu, permite Deus Nosso Senhor, por sua grande providência, que, por crueldades que na terra se fazem, o glorioso número dos eleitos se vá completando.

O Governador da Índia, do qual vos tenho escrito muitas vezes quanto é nosso amigo e de toda a Companhia, sentiu de tal maneira a morte destes cristãos que, logo que lhe falei[7], mandou grande armada por mar a prender e destruir aquele rei, de maneira que me foi necessário aplacar a sua santa ira. O rei que matou estes cristãos tem um irmão, que é o verdadeiro herdeiro do reino, e está fora do reino pelo temor que tem do rei seu irmão que o mate[8]. Diz este irmão do rei que, se o Governador o puser na posse do reino, ele se fará cristão com os principais e os demais do reino. Por isso, manda o Governador aos seus capitães que, em fazendo-se cristão este irmão do rei com os seus, lhe entreguem o reino e, ao rei que matou os cristãos, o matem ou façam o que eu de parte do Governador lhes disser. Espero em Deus Nosso Senhor e em sua infinita misericórdia, e nas orações devotíssimas dos que martirizou, que ele virá a conhecimento do seu erro, pedindo a Deus misericórdia, fazendo salutar penitência.

4. Num reino destas partes[9], que fica a quarenta léguas de onde andamos Francisco Mansilhas e eu[10], o príncipe daquele reino[11] de-

---

[7] No dia 23 de Dezembro, o Governador já estava de novo em Goa, onde Xavier falou com ele SCHURHAMMER, Quellen 1323).

[8] Xavier teve estas notícias deste irmão do rei de Jaffna, velho brâmane, por Mansilhas. Já tinha filhos e netos. Sobre os vários nomes que se lhe atribuem, pode ver-se SCHURHAMMER, *Ceylon* 142.

[9] Cota (*Kotê*), junto a Colombo.

[10] No Cabo de Comorim.

[11] Iugo, filho do rei Bhuvaneka Bâhu e duma concubina (SCHURHAMMER, *Ceylon* 143 e índice). Como primogénito, era e chamava-se príncipe herdeiro. Mas o pai , em 1542, já tinha feito confirmar em Lisboa o neto Dharmapâla com sucessor do reino (*ib*. 3 110-111).

terminou fazer-se cristão. O rei[12], sendo sabedor, mandou-o matar. Dizem, os que se encontravam presentes, que viram no céu uma cruz de cor de fogo e [que], no lugar onde o mataram, se abriu a terra em cruz. Dizem que muitos infiéis que viram estes sinais estão muito movidos a fazer-se cristãos[13]. Um irmão[14] deste príncipe, quando viu estes sinais, pediu aos Padres[15] daquelas partes que o fizessem cristão, e assim o baptizaram[16]. Falei com este príncipe cristão[17], o qual vai pedir socorro ao Governador para defender-se do rei que matou o seu irmão[18]. Parece-me que daqui a não muitos dias aquele reino se converterá à nossa santa fé, porque a gente está muito movida a isso pelos sinais que viu na morte do príncipe, e também porque o herdeiro do reino é o príncipe que se fez cristão[19].

5. Noutra terra[20], muito longe, quase quinhentas léguas desta onde ando, fizeram-se cristãos, haverá oito meses, três grandes senhores com muita outra gente[21]. Mandaram aqueles senhores às

---

[12] Bhuvaneka Bâhu.

[13] Iugo foi morto em fins de 1544. Sobre a sua morte e acontecimentos extraordinários aqui referidos, pode ver-se SCHURHAMMER, *Ceylon* 4; 165; 186; 189-190; 203; 212; 216; 226-227; 291.

[14] Em regime de poligamia, como a que reinava entre os cingaleses, o parentesco é designado por palavras muito ambíguas. Aqui tratava-se do príncipe João, cuja mãe era irmã do rei Bhuvaneka (*ib.* 143; 190).

[15] Padres franciscanos, que então evangelizavam Ceilão. Em Cota havia dois (*ib.* 203).

[16] André de Sousa diz que fez cristãos os príncipes, porque foi ele que os animou a baptizar-se.

[17] Xavier encontrou este príncipe D. João e o seu padrinho André de Sousa em Cochim, onde ambos tinham chegado em 27 de Janeiro de 1545, vindos de Colombo (*ib.* 144; 202).

[18] Cf. ib. 185-187; 207-211; 216-220.

[19] No direito do Malabar (*Marumakkattayan*), o filho da irmã do rei era o herdeiro do reino.

[20] Macassar (Celebes ocidentais).

[21] Xavier encontrou-se em Cochim com António de Paiva que, chegado de Malaca a 26 de Janeiro, lhe contou como tinha ido à ilha das Celebes e lá tinha

fortalezas[22] do Rei de Portugal a pedir pessoas religiosas, para que os ensinassem e doutrinassem na lei de Deus, pois até agora tinham vivido como brutos animais e daqui em diante queriam viver como homens, conhecendo e servindo a Deus. E assim os capitães[23] das fortalezas do Rei os proveram de clérigos[24] para fazer aquele santo ministério. Por estas coisas que vos escrevo, podeis saber quão disposta está esta terra para dar muito fruto. *Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a sua vinha*[25]. Confio em Deus Nosso Senhor que este ano farei mais de cem mil cristãos, a julgar pela muita disposição que há nestas partes.

Micer Paulo está em Goa no colégio da Santa Fé. É confessor dos estudantes: ocupa-se nas enfermidades tanto espirituais como corporais deles continuamente. Faz tanto, o Rei de Portugal, por acrescentar esta santa casa, que é coisa para dar graças ao Senhor[26].

Os que a estas partes, só por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, vierem, para acrescentar o número dos fiéis e as fronteiras

---

convencido o rei de Supa e seu filho, assim como o rei do distrito de Sião, na parte ocidental da ilha, e muita outra gente a receberem o baptismo. Nestas notícias se funda o relatório de Miguel Vaz (*Serapeum* 19 (1859) 183 onde, em vez de 1544 se deve ler 1545 = SCHURHAMMER, *Quellen* 5055). O próprio Paiva escreveu sobre isso à rainha e fez-lhe um amplo relatório sobre os reis convertidos (ib. 1753-1754). Sobre as missões cristãs na parte sul da ilha, cf. C.WESSELS S.I., *Wat staat geschiedkundig vasto ver de oude missie in Zuid-Selébes of het land van Makassar? 1515-1669* in: *Studien* 103 (1925) 403-411.

[22] Pode referir-se apenas às fortalezas de Malaca e Ternate (Molucas).

[23] Os dois reis enviaram legados com Paiva ao capitão de Malaca, que então, depois da morte súbita de Rodrigo Vaz Pereira, era Simão Botelho (SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 82; *Serapeum* l.c. 185).

[24] Simão Botelho enviou-lhes o sacerdote diocesano Vicente Viegas (SCHURHAMMER, *Quellen* 1754; SIE 42; Xavier-doc. 55,2).

[25] Mt 9,38.

[26] Martim Afonso de Sousa, de acordo com o Rei, confirmou em 1542 a aplicação das rendas dos templos proibidos na ilha de Goa ao colégio de S. Paulo (SCHURAMMER, *Quellen* 982; cf. 816).

da santa Igreja, mãe nossa – pois há tanta disposição nesta terra – encontrarão todo o favor e ajuda necessária nos portugueses desta terra com muita abundância, e serão deles recebidos com muita caridade e amor, por ser a nação portuguesa tão amiga da sua lei, e desejosa de ver estas partes de infiéis convertidas à fé de Cristo nosso Redentor. Ainda que não fosse por mais que por satisfazer à caridade e ao amor que à nossa Companhia têm[27], deveríeis mandar a estas partes alguns da Companhia. Quanto mais havendo tanta disposição nestas partes para fazer cristãos! E assim cesso, rogando a Deus Nosso Senhor que nos dê a conhecer e sentir sua santíssima vontade e, sentida, muitas forças e graças para nesta vida a cumprir com caridade.

De Cochim, a 27 de Janeiro de 1545
Vosso filho mínimo em Cristo
FRANCISCO

---

[27] Quem queira formar-se um juízo justo sobre a colaboração dos portugueses com os missionários na Índia, deve ter em conta não só esta e outras cartas de Xavier e não apenas aquelas em que ele se queixa deles.

49
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES

Cochim, 27 de Janeiro 1545
Cópia em português, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Aconselha Simão a não ir para a Índia sem ter boa saúde. – 2. Diogo Fernandes está muito contente no colégio de S. Paulo. – 3. Ele e Mansilhas encomendam-se às orações de todos os da Companhia de Jesus. – 4. Insta que lhe escrevam. As cartas que escreve para Roam podem lê-las todos, menos a que escreve a Inácio. – 5. Indulgências a pedir ao Papa por intermédio do Rei. – 6. Mandem muitos companheiros para a Índia. Desejaria ver lá também Simão. – 7. Não lhe aconselha a mandar amigos para cargos reais na Índia. – 8. Elogia o Vigário Geral, que vai a Lisboa tratar de assuntos do Padroado missionário, e mostra a necessidade de que regresse à Índia.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor
seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. As cartas que escrevo para Roma mando-as abertas, para que as leais e saibais as novas de cá e provejais de mandar muita gente todos os anos[1], pois há nestas partes onde podem, por muitos que venham, servir muito a Deus Nosso Senhor. De virdes [para] cá não vos aconselho, se não vos achais muito de saúde, porque esta terra é muito trabalhosa e requer corpos sãos e de muita força. Se tantas fossem as vossas forças corporais como são as espirituais, rogar-vos-ia muito que viésseis. Isto digo, sendo o Padre Inácio a aconselhar-vos

---

[1] Recebida esta carta, Rodrigues quis mandar logo dez Padres e cinco Irmãos para a Índia (Epp. Mixtae I 231). Em 1556 embarcaram 9 jesuítas para o Oriente (CAMARA MANUEL, *Missões* 130; FRANCO, *Synopsis* 467; *Doc. Indica* I 30* 139).

e [a] mandar-vos, pois é nosso pai a quem devemos obedecer, e sem seu conselho e mandato não bulir connosco[2].

2. De Diogo Fernandes[3] vos faço saber que o vi em Goa haverá um mês, muito em paz, de saúde e muito consolado, no colégio da Santa Fé, em companhia de Mestre Diogo e *Micer* Paulo. Serve lá muito a Deus Nosso Senhor. Está muito contente de estar naquele colégio. Ele me disse que vos ia escrever largamente. Não deixeis de escrever-lhe, pois tanto vos ama e quer. Porque será muito consolado com as vossas cartas em vos parecer bem de ele estar no colégio como ao presente está.

3. Francisco Mansilhas e eu nos encomendamos nas devotas orações, vossas e de todos os da Companhia, pois nós, estando cá, somos feitura de todos vós. Em particular e em geral a todos nos encomendareis em seus devotos sacrifícios e orações, pois cá vivemos com muita necessidade das vossas ajudas espirituais e das de todos os vossos devotos.

4. Rogo-vos muito, por amor de Deus Nosso Senhor, que me escrevais ou encomendeis a alguém da Companhia que me escreva largamente, em particular e universal, de todos os Irmãos de Portugal, de Roma, pois que não temos maior consolação, quando vêm as naus do Reino, que ler as vossas cartas.

A carta que escrevo aos companheiros de Roma lereis a Pedro Carvalho[4], nosso grande amigo, e dir-lhe-eis da minha parte que, porque o tenho em conta dos Irmãos de Roma e Portugal, por isso não lhe escrevo mais do que escrevo a eles. E o mesmo direis a todos

---

[2] Sobre isso, cf. FRANCISCO RODRIGUES, *Hist.* I/1, 274-280; I/2, 43-44.

[3] Cf. Xavier-doc. 45,2.

[4] Pedro Carvalho, fiel criado de D. Manuel I e de D. João III, foi nomeado cavaleiro da Ordem de Cristo e camareiro e guarda-mor do príncipe D. Manuel em 1532, vedor da casa da princesa Joana em 1548, e provedor-mor das obras do Rei em 1551 (A.C. de SOUSA, *Provas da História Genealógica da Casa Real*, Lisboa 1739-1748: II 347 312; III 54-55).

esses Irmãos que estão convosco: que esta carta, ainda que é uma, quando a lerem muitos será muitas cartas.

A outra carta que escrevo ao Padre Inácio[5], lê-la-eis vós somente e os que a vós vos parecer. Lidas ambas as duas, cerrá-las-eis e seguramente as mandareis a Roma.

Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda, e nos dê graça para sentir sua santíssima vontade, e forças para cumprir e pôr em obra o que à hora da nossa morte folgaríamos ter feito.

De Cochim, a 27 de Janeiro de 1545

5. As graças e indulgências que mandei pedir a Roma – pelo muito que o Governador me encomendou, porquanto esta terra tem muita necessidade delas, sobre as quais escrevo ao Rei este ano para que as mande para consolação do fiel povo destas partes – por serviço de Deus Nosso Senhor vos rogo e encomendo muito que vos encarregueis de fazer lembrança ao Rei, para que as mande pedir a Sua Santidade.

E a graça que, nos anos passados e neste, mando pedir ao Padre Inácio para o santo colégio da Santa Fé – para satisfação das pessoas devotas que o fundaram, e para acrescentamento da devoção daquela casa – que ele faça com Sua Santidade que o altar maior de Santa Fé seja privilegiado: que todos os sacerdotes que disserem Missa nele tirem uma alma do purgatório, assim como nos altares privilegiados de Roma. Esta graça e indulgência, da maneira que a mandei pedir, como o Governador ordenou, acrescentará muito a devoção daquela santa casa.

6. Mandai muita gente para a Índia, porque acrescentarão muito as fronteiras da santa madre Igreja. Pela muita experiência que tenho da míngua que fazem os zelosos da fé de Cristo Nosso Redentor e Senhor, é que tantas vezes o encomendo. Deus sabe a verdade: quan-

---

[5] Xavier-doc. 47.

to desejaria ver-vos para muita consolação minha! Deveis à vossa virtude e dom que Deus vos deu, que tanto me fazeis desejar-vos a vista. Se estes meus desejos de virdes para cá se pudessem cumprir, sendo maior serviço de Deus ou igual, Deus sabe o gosto e contentamento que levaria em ver-vos e servir-vos.

7. Nenhum amigo vosso consintais vir para a Índia, com cargos e ofícios do Rei, porque deles propriamente se pode dizer: *«Sejam riscados do livro dos vivos e não sejam inscritos na lista dos justos»*[6]. Por muito que da sua virtude confieis, se não for confirmado em graça como o foram os apóstolos, doutra maneira não espereis que farão o que devem, porque está tanto em costume de cá fazer o que não se deve, que não vejo cura nenhuma: é que todos vão para o caminho de *rapio*, *rapis*. Estou espantado como, os que daí vêm, acham tantos modos, tempos e particípios a este verbo coitado de *rapio*, *rapis*. E são de tão boa presa, os que daí vêm despachados com estes cargos, que nunca largam nada do que tomam. Por isso, podeis ver quão mal despachadas vão, desta vida para a outra, as almas dos que com estes cargos vêm[7].

8. Aí vai Miguel Vaz, Vigário geral que foi destas partes da Índia, homem muito zeloso do serviço de Deus. Vê-lo-eis e, por sua santa conversação e zelo que da honra de Cristo tem, conhecereis a valia da pessoa. Ele vos informará muito largamente das coisas de cá. Ao Rei escrevo sobre ele. Por descarregar minha consciência e a de Sua Alteza, que o mande vir cedo, pela muita necessidade que a Índia tem dele, por ser ele homem que defende as ovelhas destas partes dos lobos, que nunca se fartam. Crede que é homem, Miguel Vaz, que nunca se cansa de ladrar contra os que destroem e perseguem os que

---

[6] Ps. 68,29.

[7] Cf. CORREA, *Lendas da Índia* IV 728-732; DIOGO COUTO*, Observações sobre as principais causas da decadência dos Portuguezes na Ásia*, Lisboa 1790: 8, 41, 57; GARCIA DA ORTA, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia,* Lisboa 1895: II 248.

novamente se convertem. E se outro mandar Sua Alteza, antes que tenha a experiência das coisas que Miguel Vaz destas partes tem, em doze anos que nestas partes esteve, e tão quisto dos bons e temido dos maus, não sei quanto Sua Alteza acertará. Falai ao Rei para que o torne a mandar.

Vosso em Cristo caríssimo Irmão verdadeiro
FRANCISCO

50
AO PADRE FRANCISCO MANSILHAS
(COSTA DA PESCARIA)

Negapatão, 7 de Abril 1545
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Desejaria mais falar que escrever a Mansilhas. – 2-3. Pendente da vontade de Deus se há-de ir ou não a Macassar (Celebes) onde desejam missionários. – 4. Exorta Mansilhas a percorrer continuamente os lugares de cristãos para administrar sacramentos e animar catequeses. – 5-7. Recomendações sobre administração de dinheiros da missão e responsabilidade sobre novos sacerdotes indianos a ela destinados. – 8. Admoestações e ameaças a fazer ao capitão Cosme de Paiva para que se emende do mal que tem feito na região. – 9. Desliga Arteaga do serviço à missão e recomenda um possível candidato à Companhia de Jesus.

Caríssimo Padre[1] e Irmão meu

1. Deus sabe quanto mais folgara de vos ver, que escrever-vos, para vos informar do modo que nesta Costa haveis de ter em servir a Deus Nosso Senhor, olhando por esses cristãos[2]. Isto vos digo, porque não sei até agora o que será de mim.

2. Deus Nosso Senhor, por tempo, nos dê a sentir sua santíssima vontade. Requer de nós que sempre estejamos prestes para a cumprir, todas as vezes que no-la manifestar e der a sentir dentro, em nossas almas. Para bem ser nesta vida havemos de ser peregri-

---

[1] Mansilhas, entretanto, tinha sido ordenado sacerdote em Goa (cf. *Selectae Indiarum Epistolae* 14).

[2] Xavier, ocupado em preparar a expedição contra os perseguidores de Jaffna, ainda se encontrara com Mansilhas depois da ordenação sacerdotal.

nos, para ir a todas as partes onde mais podemos servir a Deus Nosso Senhor[3].

3. Eu tenho por novas certas que, nas partes de Malaca, há muita disposição para servir a Deus. À míngua de quem nisso trabalhe, se deixam de fazer muitos cristãos, e de acrescentar-se a nossa santa fé. Não sei o que será disto de Jafanapatão[4]. Por isso, não me determino se irei a Malaca ou ficarei: por todo o mês de Maio determinarei [acerca] de me ir. Se for caso que Deus Nosso Senhor [se] queira servir de mim, indo eu às ilhas de Macassar[5] – onde agora novamente[6] se fizeram cristãos, e mandou o rei daquelas ilhas[7] a Malaca por Padres, e não sei os Padres que de lá foram[8], para que lhes ensinassem a nossa fé e lei – se for o caso que eu me determine a ir lá por todo o mês de Maio, mandarei *patamar*[9] a Goa, ao senhor Governador, fazendo-lhe saber que parto para aquelas partes, para que mande ao capitão de Malaca[10] que me dê [a] ajuda e favor que, para servir a Deus Nosso Senhor, se tem necessidade. Se for caso que me vá para as ilhas de Macassar, eu vos escreverei.

---

[3] Refere-se a uma das características básicas dos Jesuítas (cf. MI *Const.* I 10 17-18).

[4] Expedição contra Jaffna.

[5] Celebes, então considerada um arquipélago (BARBOSA, *The Book of Duarte Barbosa* II 204-205), umas vezes é chamada Macassar, outras vezes Celebes.

[6] Ultimamente.

[7] O rei do distrito de Supa enviou, por meio de Paiva, um anel de ouro a D. João III e o rei do distrito de Sião enviou um neófito como delegado seu a Malaca, em companhia do mesmo Paiva (*Selectae Indiarum Epistolae* 42; SCHURHAMMER, *Quellen* 1754). O senhor de ambos os reis, imperador de Sidenreng, era pagão (*Sel. Ind. Epp.* 42).

[8] Foi Vicente Viegas.

[9] Correio terrestre.

[10] O capitão de Malaca era então Simão Botelho, sucedendo-lhe em Maio desse ano Garcia de Sá, vindo da Índia (SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 82; CORREA, *Lendas da Índia* IV 423).

4. Rogo-vos muito que não [vos] canseis de trabalhar com essa gente, pregando continuamente por todos esses lugares, baptizando com muita diligência as crianças que nascem, e fazendo ensinar por todos os lugares as orações. De João da Cruz[11] cobrareis dois mil *fanões*[12], que nesta pescaria arrecadou[13], para ensino dos meninos; e os *fanões* que deixastes ao P. João de Liçano, também arrecadareis. Com muita diligência fareis ensinar por toda essa Costa as orações. Não estareis de assento em nenhum lugar, senão continuadamente andareis de lugar em lugar, visitando todos esses cristãos, como eu fazia quando lá estava[14], porque desta maneira servireis mais a Deus.

5. Tomai conta também, em Manapar, dos gastos que fizeram naquela igreja, porque a Diogo Rebelo[15] dei eu guarda dos dois mil

---

[11] D. João da Cruz, da casta Chetti, nascido na cidade de Calicute em 1498, em 1513 veio a Lisboa como legado do seu rei, Samorim de Calicute, onde foi baptizado e recebeu um título de nobreza. Regressando a Calicute em 1515, foi expulso por ser cristão. Em 1535, como negociante de cavalos, veio para o Cabo de Comorim, onde convenceu os paravas, oprimidos pelos maometanos, a receberem o baptismo e a passarem-se para a tutela dos portugueses (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 207-215).

[12] Daqueles 4.000 *fanões* que o Governador Martim Afonso de Sousa tinha concedido como tributo anual à missão (Xavier-doc. 20,8).

[13] Em 1537, João da Cruz tinha pedido a D. João III que lhe concedesse, por quatro ou cinco anos, a cobrança dos impostos da pesca de margaridas (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 209).

[14] João de Artiaga em 1556 deu este testemunho sobre Xavier: «Nunca estava um mês nem vinte dias num lugar; sempre andava num lugar, noutro, visitando sempre a pé e, às vezes, descalço» (MX II 378).

[15] Diogo Rebelo chegou à Índia em 1537. Em 1520 esteve com Albuquerque em Ormuz. Em 1532-1535 foi capitão da Pescaria. Nos anos 1535 e 1538 empreendeu viagens a Bengala como capitão naval. Regressou a Portugal em 1541, mas consta que esteve novamente na Índia em 1545 (SCHURHAMMER, *Quellen* 452, 456, 868, 1761; CORREA, *Lendas da Índia*, II 592; III 560, 649, 832; CASTANHEDA 5,31; 8,110; 127, 184, 198). Não confundir com um marinheiro que em 1545 e 1548 veio à Índia (FIGUEIREDO FALCÃO, *Livro em que se contém…* 161-162).

fanões que deu Iniquitriberim para fazer igrejas nas suas terras[16]. O P. Francisco Coelho sabe o que se gastou. O que sobejou dos dois mil *fanões* gastareis em ensinar os meninos. Visitareis os cristãos que se fizeram na praia de Travancor, repartindo por todas essas terras, como melhor vos parecer, estes Padres malabares. Olhareis [por que vivam] muito bem e castamente, trabalhando em serviço de Deus, dando bom exemplo de si[17].

6. Ao P. João de Liçano dareis cem *fanões*, que me emprestou, estando vós em Punicale, para coisas dos cristãos: estes, pagareis dos *fanões* do ensino dos meninos. Em nenhuma outra coisa gastareis os *fanões* dos ensinos dos meninos, senão em mestres que ensinam aos meninos as orações com muita diligência.

7. Duas coisas vos encomendo muito: a primeira, que andeis peregrinando continuadamente de lugar em lugar, baptizando as crianças que nascem, e fazendo com muita diligência ensinar as orações; a segunda, que olheis muito por esses Padres malabares[18] que não se danem [a si e aos outros]. E se virdes que fazem mal, repreendê-los-eis e castigá-los-eis, pois é muito grande pecado não dar castigo a quem o merece, principalmente aos que com seu viver escandalizam a muitos.

8. A Cosme de Paiva ajudareis a descarregar sua consciência dos muitos roubos que nessa Costa tem feito, e dos males e mortes de

---

[16] Em 1547, Iniquitriberim teve de ceder a parte sul do distrito de Tinnevelly ao imperador Vijayanagar (SCHURHAMMER, *Quellen* 5870; *Ceylon* 457 460). Aqueles dois mil *fanões* tinha-os dado Iniquitriberim a Xavier, em Novembro de 1544, como prenda por ter intercedido a seu favor junto do Governador.

[17] Numa memória, redigida por Pedro Fernandes Sardinha em 1549, lemos que os indianos não devem ser promovidos ao sacerdócio antes dos 25 ou 30 anos, «porquanto, por alguns serem ordenados moços, no Cabo de Comorim e em Cranganor se seguiram escândalos e desarranjos» (SCHURHAMMER, *Quellen* 4327; cf. Xavier-doc. 119,16).

[18] Naquela altura deviam ser Francisco Coelho, com Manuel, Gaspar e outro minorista, talvez chamado Ferrão (Xavier-doc. 119,16), que em 1542 tinham partido com Xavier para a Pescaria e que, entretanto, tinham recebido a ordenação sacerdotal.

homens que por muita sua cobiça se fizeram em Tutucorim. E mais: aconselhá-lo-eis, como amigo de sua honra, que torne o dinheiro que tomou dos que mataram os portugueses, pois é coisa tão feia vender por dinheiro o sangue dos portugueses[19]. Não escrevo, porque não espero emenda nenhuma nele. Mas lhe direis da minha parte que o aviso [de] que tenho de escrever ao Rei as suas malfeitorias, e ao senhor Governador para que o castigue, e ao infante D. Henrique que, por via da Inquisição, castigue os que perseguem aqueles que se convertem à nossa santa lei e fé. Por isso, que se emende[20].

9. Se aí for João de Artiaga, não consintais que esteja mais nessa Costa. Direis a Cosme de Paiva, que não lhe pague nenhuma coisa, porque não é para estar nessa terra. A Vasco Fernandes[21], que esta minha carta leva, agazalhareis, porque espero em Deus Nosso Senhor que será da nossa Companhia. Parece-me muito bom filho, e com grandes desejos de servir a Deus. É razão que o favoreçamos. Escrever-me-eis largamente de vós e desses cristãos, e de Cosme de Paiva se [se] emenda e se restitui o que leva desses cristãos.

Nosso Senhor seja sempre em vossa ajuda, como desejo que seja em minha.

De Negapatão[22], a 7 de Abril de 1545
Vosso em Cristo Irmão
FRANCISCO

---

[19] Paiva tinha vendido a Vettumperumâl os cavalos de guerra com que este invadiu Tuticorim e lutou contra Iniquitriberim, aliado dos portugueses.

[20] Cosme de Paiva veio a morrer em 10 de Novembro de 1546 na batalha da libertação de Diu, mortalmente atingido por um mouro ao escalar as muralhas da cidade (CORREA, *Lendas da Índia* IV 559; BAIÃO, *História Quinhentista (inédita) do segundo cerco de Diu…*, Coimbra,1925: 88).

[21] Vasco Fernandes não chegou a entrar na Companhia de Jesus. Não confundir com outro Vasco Fernandes, morto no cerco de Diu em 1546 (CORREA, *Lendas da Índia* IV 559).

[22] A expedição punitiva contra Jaffna, devia partir desta cidade.

51
A MESTRE DIOGO E AO PADRE *MICER* PAULO (GOA)

Meliapor, 8 de Maio 1545
Autógrafo de Xavier, escrito em português

SUMÁRIO: 1. A expedição contra Jaffna foi adiada até recuperar o carregamento duma nau aí aprisionada. Xavier, impedido de desembarcar na Costa da Pescaria, seguiu para o santuário de S. Tomé de Meliapor a pedir luz para possível missão em Malaca e Celebes. – 2. Mansilhas com os Padres indígenas fica no Cabo de Comorim, os novos jesuítas que vêm a caminho irão para Ceilão, Xavier espera embarcar para Malaca na primeira monção. – 3. Os novos jesuítas aprendam primeiro o português para se entenderem ao menos com os intérpretes. Voltará a escrever em Julho.

Caríssimos e em Cristo Jesus amantíssimos Irmãos:

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Não se tomou Jafanapatão, nem se pôs de posse aquele rei que havia de ser cristão[1]. Deixou-se de fazer, porque deu à costa uma nau do Rei, que vinha de Pegu,[2] e tomou-[lhe] a fazenda o rei de Jafanapatão[3] e, até se cobrar o que o rei de Jafanapatão tomou, não se fez

---

[1] Neste modo ex abrupto com que inicia a carta aparece toda a dor de Xavier decepcionado na sua esperança. Sobre este rei a entronizar, com a protecção dos portugueses, ver Xavier-doc. 48,4.

[2] Pegu é um reino situado no delta do rio Irawadi, cuja capital tem o mesmo nome. Foi completamente conquistado em 1539 pelos birmaneses, comandados por Tabinshwehti (G.E.HARVEY, *History of Burma*, London 1925: 153-154; BARBOSA, *The Book of Duarte Barbosa* II 152-157; YULE, *Hobsos-Jobson. A glossary of colloquial anglo-indian words and phrases*, 693). A feitoria dos portugueses era Cosmin (a actual Bassein?) e o porto dos turcos e gujarathes era Martavan (SCHURHAMMER, *Quellen* 1704 2606; YULE, *ib.* 259).

[3] Segundo o direito local.

o que o senhor Governador mandava. Prazerá a Deus que se fará, se for seu serviço[4].

Em Negapatão estive alguns dias, e os ventos não me deram lugar para poder tornar ao Cabo de Comorim. Então foi-me forçado vir a São Tomé[5]. Nesta santa casa[6], tomei por ofício ocupar-me em rogar a Deus Nosso Senhor [que] me desse a sentir dentro, na minha alma, a sua santíssima vontade, com firme propósito de a cumprir, e com firme esperança que *«dará realização quem deu o querer»*[7]. Quis Deus, por sua acostumada misericórdia, lembrar-se de mim e, com muita consolação interior, senti e conheci ser sua vontade eu ir àquelas partes de Malaca[8], onde novamente[9] se fizeram cristãos, para dar-lhes razão e doutrina da nossa santa e verdadeira fé, sacando os artigos e mandamentos da nossa lei e fé na sua língua deles[10], com alguma explicação. E pois voluntariamente vieram a fazer-se cristãos, em razão está, caríssimos Irmãos, serem muito favorecidos de nós. E para que saibam pedir a Deus acrescentamento de fé e graça para guardar sua lei, sacarei [também] na sua língua o Pai-nosso e a Avè-Maria e outras orações como é a Confissão geral para que confessem a Deus os seus pecados quotidianamente. Esta lhes servirá em lugar de confisssão sacramental, até que Deus proveja de sacerdotes que entendam sua língua[11].

---

[4] A expedição contra Jaffna acabou por se realizar em 1560 (S. GNANA PRAKASAR, *A History of the Catholic Church in Ceylon*, Colombo 1924: 140-152).

[5] O nome indígena é *Mailapur* (cidade dos pavões), actualmente reduzida a um bairro da cidade de Madras. Os portugueses chamavam-lhe *Meliapor* e também *S. Tomé* por aí se encontrar o sepulcro do apóstolo S. Tomé.

[6] Na igreja sepulcral do apóstolo.

[7] Fil. 1,6; 2,13.

[8] Macassar (Celebes), para além de Malaca.

[9] Ultimamente.

[10] Língua *malaia.*

[11] Xavier nunca chegou a saber suficientemente as línguas indígenas, nem da Pescaria nem das Molucas, para poder atender confissões dos cristãos (SCHURHAMMER, *Die Bekehrung* 232-233; *Goa 12*,516).

2. O Padre Francisco de Mansilhas com os outros Padres malabares, ficam com os cristãos do Cabo de Comorim: onde eles estão, não faço míngua. Os Padres que hibernaram em Moçambique[12], com outros que este ano espero[13], irão em companhia desses príncipes[14] de Ceilão, quando forem para as suas terras. Espero em Deus Nosso Senhor que, nesta viagem, me há-de fazer muita mercê, pois com tanta satisfação da minha alma e consolação espiritual [Ele] me fez mercê de dar-me a sentir ser sua santíssima vontade eu ir àquelas partes de Macassar[15] que novamente se fizeram cristãs. Estou tão determinado a cumprir o que Deus me deu a sentir na minha alma que, a não o fazer, me parece que iria contra a vontade de Deus e que [nem] nesta vida nem na outra me faria [mais] mercê. Se não forem navios de portugueses este ano para Malaca, irei nalgum navio de mouros ou de gentios. Tenho tanta fé em Deus Nosso Senhor, caríssimos Irmãos, por cujo amor somente faço esta viagem, que, ainda que desta Costa não fosse este ano navio nenhum, e partisse um *catamaran*[16], iria confiadamente nele, [com] toda a minha esperança posta em Deus. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor vos rogo, caríssimos em Cristo Irmãos, que em vossos sacrifícios e contínuas orações vos lembreis de mim pecador, encomendando-me a Deus. Ao fim do mês de Agosto espero partir para Malaca, porque estão as naus, que vão partir, aguardando por aquela monção. Ao senhor Governador escrevo, para que me mande uma provisão para o

---

[12] Refere-se a Pedro Lopes e Criminali, que tiveram de voltar a Portugal.

[13] Em 1545 chegaram à Índia Criminali, Nicolau Lancillotto e João da Beira (*Doc. Indica* I 30*).

[14] Na carta de 27 de Janeiro (Xavier-doc. 48,4) Xavier fala apenas de um príncipe de Ceilão (D. João). Mas, oito dias depois, chegou de Cota a Cochim outro príncipe, irmão do Yugo assassinado, que ali foi baptizado com o nome de D. Luís. Ambos, D. Luís com o sobrinho D. João, tinham entretanto partido para Goa com o seu protector André de Sousa (SCHURHAMMER, *Ceylon* 5; 212; 216).

[15] Em árabe, *Makasar*. No texto é tomado pela Celebes ocidental.

[16] Catamaran (*kattumaram*): «jangada de três ou quatro pranchas, usada na costa de Choromândel» (DALGADO, *Glossário* I 231).

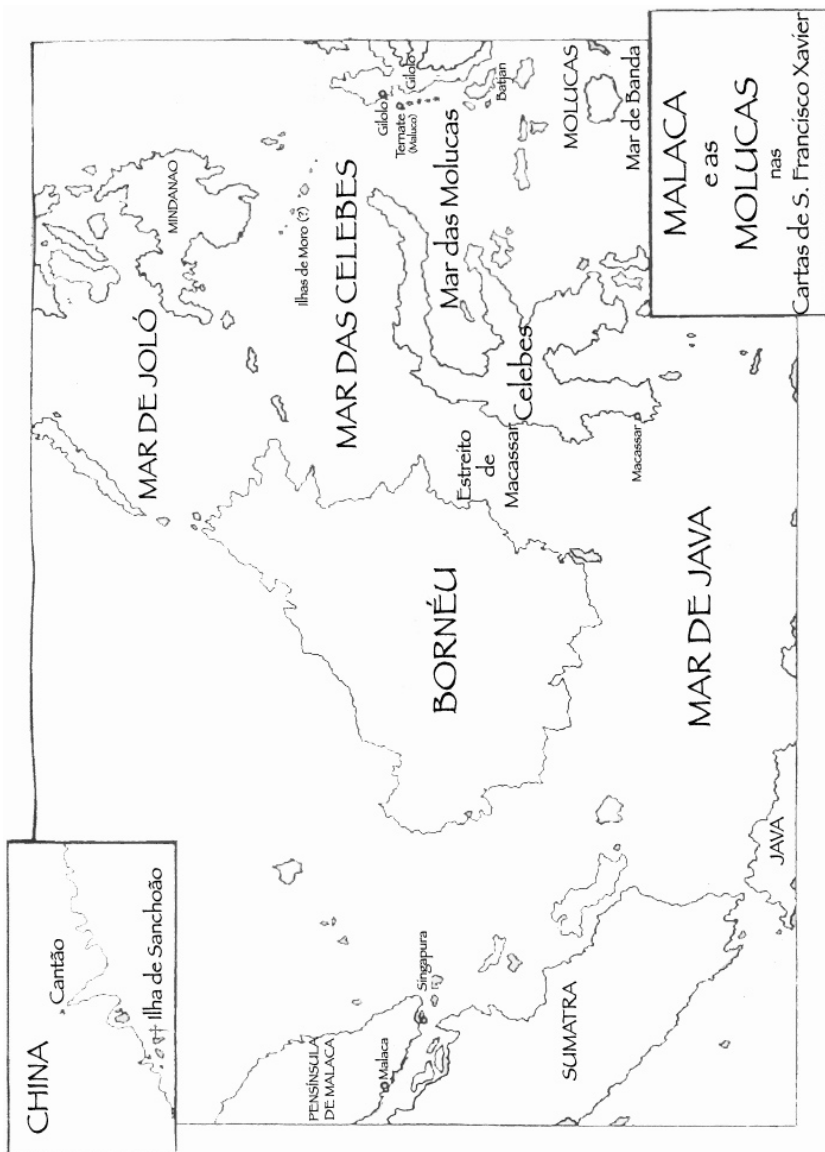
capitão de Malaca, [para] que me dê embarcação e tudo o necessário para ir às ilhas de Macassar. Por amor de Deus Nosso Senhor [vos rogo] que tenhais cargo de a arrecadar de Sua Senhoria e mandá-la por este *patamar*. Um breviário romano pequeno me mandareis por este *patamar*. Ao nosso grande amigo e verdadeiro, Cosme Anes, me encomendareis muito. Não lhe escrevo, pois esta é para todos três.

3. Se da nossa Companhia vierem alguns estrangeiros que não sabem falar português, é necessário que aprendam a falar, porque doutro jeito não haverá *topaz* que os entenda. De Malaca vos escreverei muito largo, dando-vos conta dos cristãos que se fizeram e da disposição que há para fazerem-se [mais], para que daí provejais de pessoas que acrescentem a nossa santa fé: pois essa casa se chama Santa Fé, é necessário que as obras correspondam ao nome. Pelos *patamares* que partirão por Julho, vos escreverei mais largo.

Nosso Senhor nos junte em sua santa glória, porque nesta [vida] não sei se nos veremos.

De São Tomé, a 8 de Maio do ano 1545
Vosso mínimo irmão
FRANCISCO

EXTREMO ORIENTE

MALACA
e as
MOLUCAS
nas
Cartas de S. Francisco Xavier
CHINA
Cantão
Ilha de Sanchoão
MAR DE JOLÓ
MINDANAO
Ilhas de Moro (?)
MAR DAS CELEBES
PENSÍNSULA
DE MALACA
Malaca
Singapura
BORNÉU
Estreito
de
Macassar
Celebes
Mar das Molucas
Gilolo
Ternate
(Maluco)
Gilolo
Batjan
MOLUCAS
Mar de Banda
SUMATRA
Macassar
MAR DE JAVA
JAVA

INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS 52-81

Comunicada, do santuário de S. TOMÉ Apóstolo (Meliapor), aos companheiros de Goa, a decisão aí tomada de ir explorar as esperanças que se abriam ao cristianismo em Macassar (Celebes), Xavier segue viagem para Malaca em fins de Agosto de 1545, para ali esperar nau que o leve ao Extremo Oriente.

Nos três meses de espera em MALACA, recebe a notícia de que D. João de Castro era o novo Governador da Índia e com ele tinham chegado mais 3 missionários jesuítas: Criminali, Lancillotto e Beira. Escreve aos companheiros da Europa a contar a viagem e projectos que o trouxeram a Malaca; envia aos companheiros de Goa uma *Instrução* que fez para os catequistas das Missões jesuítas; e escreve-lhes uma carta em que destina Criminali e Beira à Missão da Pescaria e Lancillotto ao colégio de Goa, informando-os de que, não lhe sendo possível ir a Macassar (Celebes), irá às Molucas *(Xavier-doc. 52-54).*

Em meados de Fevereiro de 1546 chega, finalmente, a Amboino nas MOLUCAS e logo começa a visitar as sete aldeias vizinhas já cristãs e a explorar as ilhas mais próximas. Entretanto chega àquele porto uma armada portuguesa de oito navios com os sobreviventes da expedição espanhola de Rodrigo López de Villalobos que se intrometera naquela zona, e Xavier dedica-se de alma e coração a atender tantos marinheiros. Quando a armada regressou a Goa, entregou-lhe três cartas: uma para os companheiros da Europa a dar impressões das Molucas e projectos de ir à perigosa ilha de Moro, onde os cristãos estavam sem missionário; outra para a Índia a chamar Beira e Mansilhas da Pescaria para as Molucas; outra finalmente para D. João III a pedir-lhe a Inquisição para as cristandades de europeus e a recomendar dois almirantes beneméritos *(Xavier-doc. 55-57).* Em Junho de 1546 parte de Amboino para Ternate, onde os portugueses tinham uma fortaleza e muitos ali tinham constituído família com mulheres indígenas. Para esta população cristã mais evoluída, escreveu Xavier uma ampla *Explicação do Credo*, que usava na sua catequese e recomendou depois aos outros missionários das Molucas e da Índia *(Xavier-doc. 58).* Passados três meses foi à temível ilha de Moro e lá se demorou outros três meses, prestando a ajuda que pôde aos cristãos sem missionário. Regressando a Ternate, passou ainda por Amboino e voltou a Malaca em Abril de 1547.

Em MALACA, enquanto esperava nau para a Índia, soube pelas cartas da Europa que Inácio tinha nomeado Simão Rodrigues Superior Provincial da nova Província de Portugal e suas colónias e que, portanto, também a Missão da Índia dependia agora de Simão. Já sabia que durante a sua ausência tinham chegado

a Goa mais 9 missionários jesuítas, e teve a alegria de encontrar três em Malaca que destinou às Molucas (Beira, Ribeiro e Nicolau Nunes). Ali lhe apresentou também o navegador Jorge Alvares três japoneses que trouxera do Japão, recentemente descoberto, dando-lhe informações tão esperançosas daquele país que logo seduziram o apóstolo.

Seguindo viagem para Goa, fez escala em COCHIM, em meados de Janeiro de 1548, onde estavam naus prestes a partir para Portugal. Aproveitando a ocasião escreveu 5 cartas: uma aos companheiros da Europa a contar a missão nas Molucas e os projectos que começara a sonhar de ir ao Japão; outra a Inácio lembrando-lhe o pedido de indulgências e de mais missionários; a terceira ao Rei a pedir protecção mais eficaz às Missões; outra aos mesmo Rei a interceder por problemas da Missão dos franciscanos em Ceilão e recomendando-lhe alguns amigos; finalmente outra a Simão Rodrigues a pedir que intercedesse como Provincial junto do Rei a favor das necessidades da Índia *(Xavier-doc. 59-63).*

De Cochim voltou atrás à Missão da Pescaria, onde despediu Mansilhas por desobediência e convocou para reunião, em Manapar, os novos missionários que ali trabalhavam (Criminali, Morais júnior, Cipriano e H. Henriques), deixando-lhes uma *Instrução (Xavier-doc. 64)*.

Prosseguindo a viagem interrompida, chegou a GOA em princípios de Março de 1548. Ali encontrou, além de *Micer* Paulo, dois novos missionários (Lancillotto e Pérez) e mais 4 candidatos a jesuítas que admitiu (Oliveira, Castro, Gaspar Rodrigues e Cosme de Torres que conhecera nas Molucas). Já tinham chegado também, antes dele, os três japoneses que encontrara em Malaca. Como o Governador D. João de Castro estava ausente em Baçaim, continuou viagem para tratar com ele assuntos da já vasta Missão em Goa, Cabo de Comorim, Malaca e Molucas e sobretudo os projectos da expedição missionária ao Japão. Quando se dispunha a embarcar para Cochim a combinar com o seu grande amigo e benfeitor Diogo Pereira esta expedição ao Japão, D. João de Castro, gravemente doente, pediu-lhe para o acompanhar a Goa e ficar com ele. De Goa, enviou Pérez e Oliveira a continuar Missão em Malaca e entregou-lhes uma carta para Diogo Pereira ao passarem em Cochim *(Xavier-doc. 65).* Enquanto se demorava em Goa, escreveu o pequeno devocionário popular *Modo de rezar e salvar a alma*, compôs a conhecida *Oração pela conversão dos infiéis* e assistiu à morte de D. João de Castro em 6 de Junho de 1548 *(Xavier-doc. 66-67).*

Depois de saudar novos missionários chegados de Portugal (Barzeu, B. Gonçalves, B. Gago, G. Barreto, L. Mendes e Juan Fernández), Xavier começou a arrumar as coisas das diversas Missões, antes de partir para o Japão. Voltou à Missão da PESCARIA, onde se reuniu mais uma vez com os missionários, entretanto aumentados com mais dois (B. Nunes e A. Francisco) e escreveu a Francisco Henriques que trabalhava na outra costa, Travancor *(Xavier-doc. 68).*

Voltando a Goa, fez escala em COCHIM, onde assinou, com as outras testemunhas, as *últimas vontades* que D. João de Castro moribundo lhes tinha confiado para comunicar ao Rei *(Xavier-doc. 69).*

Uma vez de novo em GOA, encontrou mais missionários entretanto chegados de Portugal, entre os quais o Dr. António Gomes que Simão Rodrigues imprudentemente designara para reitor do colégio de S. Paulo, que pertencia à Irmandade da Santa Fé e onde os jesuítas eram apenas colaboradores. Xavier, vendo que António Gomes vinha com ideias feitas e não era a pessoa indicada para colaborar pacificamente, pensou logo mandá-lo em vez de Barzeu para Ormuz e reter este em Goa, no colégio, para ficar também a Vice-superior de todas as Missões jesuítas durante a sua ausência. Entretanto lançou mais três estações missionárias confiadas a Lancillotto (Coulão), Belchior Gonçalves (Baçaim) e Cipriano (Socotorá) e voltou ainda uma vez a Cochim para tratar alguns assuntos e despachar correio para a Europa pelas sucessivas naus em monção de partida. Dali escreveu uma série de cartas: a Inácio, em três vias ou correios, para mais segurança, a pedir-lhe mais competente superior dos jesuítas que trabalhavam em Goa, a comunicar-lhe as novas estações missionárias fundadas e a expedição ao Japão *(Xavier-doc. 70-72)*; a Simão Rodrigues, primeiro em duas vias *(Xavier-doc. 73-74)* e depois, mais amplamente em terceira via, sobre semelhantes assuntos *(Xavier-doc. 79)*, além doutras duas a recomendar pessoas *(Xavier-doc. 76 e 78)*; além disso, entregou ao Vigário Geral Fernandez Sardinha uma *Memória* de coisas a tratar com o Rei em Portugal *(Xavier-doc. 75)*; finalmente uma carta a D. João III a interceder pela Missão de Fr. João de Vila do Conde e a pedir uma reforma monetária para o velhinho Mar Abuna, bispo resignatário dos cristãos maronitas de S. Tomé *(Xavier-doc. 77).*

Voltando uma última vez a Goa, achou melhor mandar Barzeu para Ormuz, entregando-lhe uma *Instrução* missionária, e deixar António Gomes no colégio, mas retirando-lhe algumas responsabilidades que preferiu confiar a *Micer* Paulo com uma *Instrução (Xavier-doc. 80-81).*

E depois foi a partida para o Japão…

52
AOS SEUS COMPANHEIROS JESUÍTAS DA EUROPA

Malaca, 10 de Novembro 1545
Duma cópia em castelhano, feita em 1546

SUMÁRIO: 1. Espera monção para ir a Macassar (Celebes). Actividades em Malaca. Recordações de S. Tomé e conversão alcançada aí dum mercador que traz consigo como companheiro de missão. – 2. Consolação pelas cartas de Roma e Portugal recebidas em Malaca. – 3. Distribuição dos três jesuítas que chegaram com D. João de Castro a Goa. – 4. Promete escrever mais longamente de Macassar e pede mais missionários.

IHUS

Caríssimos em Cristo Irmãos:

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja continuamente em nossa ajuda e favor.

1. Da Índia vos escrevi muito largamente de mim[1], antes de partir para os Macassares, onde se fizeram cristãos dois reis[2]. Há mês e meio que cheguei a Malaca, onde estou esperando monção para ir aos Macassares. Partirei, Deus sendo servido, daqui a um mês e meio. Estão estes Macassares muito longe de Goa: mais de mil léguas[3]. Dizem os que vieram daquelas partes[4], que é terra disposta

---

[1] Xavier-doc. 48.

[2] D. Luís, rei do distrito de Supa, e D. João, rei do distrito de Sião (cf. Xavier-doc. 48,5; 50,3). Não confundir com os príncipes de Ceilão do mesmo nome (cf. Xavier-doc. 51,2).

[3] No Xavier-doc. 48,5 tinha escrito, erradamente, apenas 500 léguas.

[4] O que Xavier já sabia por Paiva em Cochim, pôde completá-lo com o que soube em Malaca pelos companheiros que ele ali tinha deixado (cf. Xavier-doc. 48,5).

para se fazer muita gente cristã, porque não têm casas de ídolos, nem têm pessoas que os movam a gentilidade[5]. Adoram o sol[6] quando o vêem, e não há mais religião de gentilidade entre eles[7]. É gente que uns com os outros sempre andam em guerra.

Depois que cheguei a Malaca, que é um cidade de grande tráfego de mar, não faltam ocupações pias: todos os domingos prego na Sé[8], mas não estou tão contente de minhas pregações quanto estão os que têm paciência de me ouvir. Todos os dias ensino aos meninos as orações, uma hora ou mais. Pouso no hospital[9], confesso os pobres doentes, digo-lhes Missa e dou-lhes a comunhão. Sou tão importunado para confissões, que não é possível poder cumprir com todos. A maior ocupação que tenho é a de sacar as orações do latim para linguagem que nos Macassares se possa entender. É coisa muito trabalhosa não saber a língua.

Quando parti da Índia, foi de um lugar de São Tomé, onde dizem os gentios da terra que está o corpo de S. Tomé Apóstolo. Há, em São Tomé, mais de cem portugueses casados. Há uma igreja

---

[5] Não era bem assim, pois o próprio Paiva já em 1544 experimentara quanta oposição faziam os sacerdotes idólatras à nova lei, como refere em 1545 (SCHURHAMMER, *Quellen* 1754).

[6] Sobre o culto do sol na ilha Celebes escreve BASTIAN, *Borneo und Celebes*, Berlin 1889: 53. Desde o sec. XVII o reino de Supa e de Sião (este junto a Cowa), passaram para o maometanismo.

[7] Não é verdade (cf. P. e F. SARASIN, *Reisen in Celebes*, Wiesbaden 1905: I 222, 235; II 130).

[8] Igreja matriz, de Nossa Senhora da Assunção, situada perto do rio e da fortaleza, no extremo noroeste da cidade, junto às muralhas, onde actualmente está o *Hongkong and Schanghai Bank* (cf. mapa da cidade em EREDIA 46v e EREDIA-MILLS 18, 103).

[9] O Hospital da Irmandade da Misericórdia (Hospital Real) ficava do lado oposto da Sé, no extremo sudoeste da cidade, junto às muralhas. Aí ficava também o Hospital dos Pobres (cf. EREDIA 5v e 46v).

muito devota[10], e todos têm [por certo] que está ali o corpo do glorioso Apóstolo[11].

Estando em São Tomé, aguardando por tempo para vir a Malaca, achei um mercador que tinha um navio com as suas mercadorias, com o qual conversei sobre as coisas de Deus. Deu-lhe Deus a sentir que havia outras mercadorias das quais ele nunca tratou. De maneira que deixou navio e mercadorias e vamos os dois aos Macassares, determinado a viver toda a sua vida em pobreza, servindo a Deus Nosso Senhor. É homem de trinta e cinco anos. Foi soldado toda a sua vida do mundo, e agora é soldado de Cristo. Ele se encomenda muito nas vossas orações. Chama-se João de Eiró.

---

[10] A igreja sepulcral de S. Tomé, antiquíssima, estava em ruínas quando ali chegaram os portugueses em 1517, mas nos anos 1523-1532 foi restaurada (SCHURHAMMER, *Quellen* 69, 114, 150, 351, 1094). Desaparecida em 1673 com a destruição da cidade, foi pouco depois reconstruída pelos portugueses (SOUZA, *Oriente Conquistado* 1,2,1,36). Em seu lugar ergue-se hoje a catedral, construída em 1893-1896.

[11] O sepulcro do Apóstolo S. Tomé está em Meliapor, segundo tradição constante dos cristãos daquela região (cf. MEDLYCOTT, *Índia and Apostle Thomas*, London 1905; F.A.D'CRUZ, *St. Thomas, The Apostle, in Índia*, Madras 1929; A. VATH, *Der hl. Thomas, der Apostel Indiens*, Aachen 1925). Aberto o sepulcro em 1523, foram aí encontradas relíquias de ossos decompostos, um vaso cheio de terra ensanguentada e o ferro duma lança. Existe um amplo relatório de testemunhas de 1533 (SCHURHAMMER, *Quellen* 150; cf. 1094) e, além disso, uma carta original dos portugueses de S. Tomé, enviada ao Rei em 1538, assinada por 21 pessoas. Do assunto tratam também CORREA (*Lendas da Índia* II 725-726, 786-789; III 419-424) e BARROS (*Compilação* 3,7,11). As principais relíquias do sagrado corpo tinham sido enviadas para Edessa no sec. III e daí para Chio em 1544 e de lá para Ortona (Itália) em 1258 (MEDLYCOTT, *op.cit.* 101-114 297). Parte das relíquias encontradas em 1523 pelos portugueses, foram enviadas para Cochim, Goa e Baçaim; e um pedaço de costela e o ferro da lança ficaram em S. Tomé (MEDLYCOTT, *op.cit.* 132; SOUZA, *Oriente Conquistado* 1,2,1,37; *Esplendor da Religião* 2 (Rachol 1930) 150-152).

2. Depois, em Malaca, deram-me muitas cartas de Roma e de Portugal[12], com as quais tanta consolação recebi e recebo [todas as vezes que as leio], e são tantas as vezes que as leio, que me parece que estou eu aí, ou vós, caríssimos irmãos, cá onde eu estou. Se não corporalmente, ao menos em espírito.

3. Os Padres que daí vieram este ano[13], com D. João de Castro[14], escreveram-me de Goa para Malaca. Agora lhes escrevo que vão para o Cabo de Comorim fazer companhia, dois deles[15], ao nosso Irmão caríssimo Francisco de Mansilhas, o qual ficou lá com três Padres de Missa daquela terra, doutrinando os cristãos do Cabo de Comorim; o terceiro[16], que fique no colégio de Santa Fé ensinando gramática.

4. Por estar o navio com tanta pressa, não torno a escrever o que da Índia escrevi. Para o ano que vem, vos escreverei muito largamente da gentilidade dos Macassares. Sobretudo, caríssimos Irmãos, vos rogo, por amor de Deus, que todos os anos envieis muitos da nossa Companhia, porque fazem míngua. Para andar

---

[12] Entre outras, as de Inácio de Loyola (MI *Epp.* I 267-271), de Araoz (*Epp.Mixtae* I 197), Fabro (*Fabri Mon.* 413), Broet (*Epp. Broeti* 34).

[13] Criminali, Lancillotto, João da Beira. Sobre este último, ver Xavier-doc. 54.

[14] D. João de Castro, nascido em Lisboa em 1500, serviu na Índia em 1538--1542 e lá voltou em 1545 como Governador, notabilizando-se então com a célebre vitória da libertação de Diu do poder muçulmano em 1546. Morreu em Goa no dia 6 de Junho de 1548, assistido por Xavier (SCHURHAMMER, *Ceylon* 157; cf. Xavier-doc. 65,1).

[15] Revogou assim o plano anterior de estes missionários acompanharem os príncipes de Ceilão à sua pátria, visto que entretanto se adiou esse regresso e os príncipes acabaram por morrer em Goa em 15 de Janeiro de 1546. Naquela altura, já trabalhavam em Ceilão os franciscanos desde 1543 com dois outros clérigos (cf. Xavier-doc. 55,1; SCHURHAMMER, *Ceylon* 125, 174, 188, 407).

[16] Nicolau Lancillotto, S.I., nascido em Urbino (Itália), entrou na Companhia de Jesus em Roma (1541 ou 1542), estudou em Coimbra em 1542-1544, partiu para a Índia em 1545, morreu em Coulão a 7 de Abril de 1558 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 188; F. RODRIGUES, *Hist.* I/2,529; *Doc. Indica* I.II índices; *Ital.* *58*,277; *Ulyssip.* II 133v).

entre gentios, não são necessárias letras, mas que venham muito exercitados. Assim cesso, rogando a Nosso Senhor que nos dê a sentir dentro das nossas almas sua santíssima vontade, e forças para a cumprir e a pôr em obra.

De Malaca, a 10 de Novembro de 1545 anos.
Vosso mínimo irmão e servo
FRANCISCO

53
INSTRUÇÃO
PARA OS CATEQUISTAS DA COMPANHIA DE JESUS

Malaca, 10 de Novembro 1545
Duma cópia em latim, feita em 1667

Aos catequistas da Companhia de Jesus para as Índias

1. Propor-vos-ei aqui, caríssimos irmãos, a via e método para ensinar à gente rude destes povos, os rudimentos da doutrina cristã, cujos resultados favoráveis eu mesmo os tenho comprovado por experiência, e espero que, se o cumpris, obtereis frutos não desprezáveis para a glória de Deus Nosso Senhor e salvação das almas.

2. Reunido o povo que vem para a explicação do catecismo, feito o sinal da cruz, tendo a cabeça descoberta e levantadas as mãos, chame dois meninos previamente preparados em pronunciar com voz clara e bem inteligível a oração dominical. Primeiro, pronuncia o catequista cada uma das palavras e repetem-nas imediatamente os meninos.

3. Depois disto, diga a todos os reunidos: Agora, meus irmãos, façamos profissão da nossa santa fé e exercitemos os três actos principais das três virtudes mais excelentes que são a Fé, Esperança e Caridade.

4. A seguir, comece pela Fé, perguntando assim aos presentes: Creis todos em um Deus verdadeiro, omnipotente, eterno, imenso, infinitamente sábio? Respondam todos: Sim, Padre, cremos, pela graça de Deus. Diga o catequista: Agora, pois, dizei todos comigo: Jesus Cristo, Senhor, Filho de Deus vivo, dá-nos graça para que creamos firmíssimamente este artigo da nossa santa fé; acrescentemos, para o

suplicar, o Pai-nosso que todos rezarão completo e em silêncio. A seguir, levanta a voz o catequista dizendo: Eia, dizei comigo: Virgem Santa Maria, Mãe de Deus, alcança-nos de Deus graça para crer firmíssimamente este artigo da nossa santa fé; e, para pedir-lho mais insistentemente, rezemos-lhe todos em voz baixa a Avè-Maria. Quando a acabarem de rezar em silêncio, começa de novo o catequista: Creis, irmãos, que este Deus verdadeiro é uno e único, um só Deus em essência e trino em Pessoas, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo? Respondam todos: Sim, Padre, assim o cremos, pela graça de Deus. A seguir, rezam todos duas invocações, à maneira dita, com o Pai-nosso e a Avè-Maria em silêncio e estando de pé no seu lugar. A seguir faça-lhes esta pergunta: Creis, meus irmãos, que este mesmo Deus é criador de todas as coisas, nosso Salvador e Glorificador? Digam todos: assim é, Padre, e assim o cremos, pela graça de Deus. Far-se-ão a seguir duas petições, como antes, com o Pai-nosso e a Avè-Maria. Desta forma se percorrerão os restantes artigos, sobretudo os que se referem à humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, perguntando desta maneira: Creis, irmãos, que a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Filho Unigénito de Deus, foi concebido do Espírito Santo, encarnou nas entranhas da puríssima Virgem Maria e nasceu da mesma sempre virgem, nossa Senhora? Responderão: Sim, Padre, cremos isto, pela graça de Deus. Far-se-ão então duas petições, com o Pai-nosso e a Avè-Maria, na forma anteriormente indicada. Continuará o catequista: Creis, irmãos, que este mesmo Filho de Deus, feito homem, foi crucificado, morto e sepultado, e que desceu aos infernos, e libertou de lá as almas dos Santos Padres que lá estavam esperando a sua santa vinda? Respondam: Assim o cremos, pela graça de Deus; e acrescentem a seguir as petições costumadas. Seguirá o catequista: Creis que este mesmo Senhor nosso ressuscitou ao terceiro dia, e que depois subiu ao céu e que lá está sentado à direita de Deus Pai omnipotente, donde há-de vir a julgar os vivos e os mortos; examinando e recompensando ou castigando, conforme os méritos, o bem e o mal que fizeram? Responderão: As-

sim efectivamente o cremos, pela graça de Deus. Acrescentar-se-ão as petições costumadas com o Pai-nosso e a Avè-Maria. Prosseguirá o catequista: Creis que há inferno, quer dizer, fogo eterno com que serão eternamente atormentados os que tiverem morrido sem a graça de Deus; que há também paraíso e glória eterna, de que gozarão os bons que terminarem a vida em graça de Deus; que há finalmente purgatório, em que as almas satisfazem por algum tempo à justiça divina, pagando as penas pelos seus pecados; pois, ainda que nesta vida tenham sido perdoadas da culpa, não conseguiram plenamente a satisfação da pena devida pelos seus pecados?

Continuará o catequista: Creis nos sete sacramentos, em toda a doutrina dos santos Evangelhos, e em tudo o resto que crê e professa a santa Igreja romana? Dirão: Tudo isto o cremos, pela graça de Deus. A seguir farão as petições com outros tantos Pai-nossos e Avè-Marias. Nesta altura, dirá o catequista: estes sete Pai-nossos e Avè-Marias rezados ofereçamo-los ao Espírito Santo, para que se digne enriquecer as nossas almas com os sete dons, especialmente aqueles que podem ajudar-nos a crer firmíssimamente tudo o que a santa fé católica nos ensina.

5. Depois disto, diga o catequista: Até agora temos feito, irmãos meus, a profissão da nossa santa Fé. Resta que, a seguir, exercitemos os actos das outras duas virtudes, Esperança e Caridade, de que vos falámos ao princípio. Eia, pois, dizei comigo: Cristo Jesus, Deus e Senhor meu, confiado na tua divina misericórdia, espero, por teus méritos, que, movido e ajudado pela tua graça, cooperando eu com obras cristãs, observando os teus mandamentos, chegarei um dia à glória e felicidade para a qual me criaste. Amo-te, Deus meu, sobre todas as coisas, com todo o meu coração. Pesa-me de ter-te ofendido, sendo Tu quem és, digníssimo de todo o louvor, veneração e homenagem, pelo sumo amor que te devo, e porque te amo muito mais que tudo o maior que possa haver. Prometo firmíssimamente que nunca farei nada que possa ser ofensa à tua divina vontade, e me ponha em perigo de me apartar da tua santa graça. Amen.

6. Este como prelúdio façam-no sempre os catequistas escolares. A seguir, explique particularmente o catequista algum dogma da nossa santa fé, sacramento ou virtude, ou a oração, ou qualquer outra coisa que convenha saber o cristão. Em prática seguida, mas simples e acomodada à capacidade da gente rude, explicando o que ensina, e ao fim confirmando a doutrina com a narração de algum exemplo, relacionado com o assunto tratado. A seguir, diga a fórmula da Confissão geral e que os meninos repitam as palavras. Avise a todos que, entretanto, se esforcem por arrancar do íntimo do coração o acto de verdadeira Contrição ou dor dos pecados, fundado num sincero amor de Deus ofendido. Ao fim de tudo, mande a todos que rezem três Avè-Marias: a primeira pelos presentes, as outras duas por outros à escolha.

54
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM GOA

Malaca, 16 de Dezembro 1545.
Duma cópia em castelhano, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Más notícias recebidas, impedem-no de ir para Macassar e prefere ir para Amboino (Malucas). – 2. Beira e Criminali irão para o Cabo de Comorim, onde Mansilhas os instruirá. Lancillotto ficará em Goa, professor no colégio de S. Paulo. – 3. Recomendações a Micer Paulo sobre a sua colaboração no colégio. – 4. Pede cartas e orações. – 5. Recomenda Simão Botelho a quem deve muitos favores em Malaca.

Caríssimos Padres e Irmãos meus

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Pelo Padre Comendador[1] vos escrevi largamente[2], quando estava de partida para Macassar. Por serem as novas de lá não tão boas como pensávamos[3], não fui lá. Vou para Amboina[4], onde há

---

[1] Provavelmente um sacerdote secular, comendador de alguma Ordem Militar.

[2] Não se encontrou esta carta.

[3] Da expedição missionária de Vicente Viegas, sacerdote diocesano, a Macassar, escreveu o seu companheiro Manuel Pinto (SCHURHAMMER, *Quellen* 4075) e, menos fielmente, Godinho de Erédia, neto de D. João, rei de Supa (EREDIA 42-44; EREDIA-MILLS 53-57, 181-182). Este conta que a sua mãe, D. Helena Vesiva, então de 15 anos, filha do rei de Supa, com grande escândalo dos seus parentes, tinha fugido para Malaca com o seu amante português João de Eredia (pai de Godinho) num navio português em que vinha Vicente Viegas. Seriam essas as «notícias não tão boas»? Noutra carta (Xavier-doc. 55,3), Xavier nega ter recebido notícias de Viegas.

[4] Amboina, ilha do arquipélago das Malucas, a sul.

muitos cristãos[5], e muita disposição para se fazerem mais. De lá vos escreverei [sobre] a disposição da terra e o fruto que nela se pode fazer. Pela experiência que tenho do Cabo de Comorim e de Goa, e da que, prazendo a Deus, terei de Amboina e das partes de Maluco[6], conforme vir onde mais podeis servir a Deus e acrescentar a santíssima fé de Cristo Nosso Senhor, vos escreverei.

2. Por esta carta vos peço, caríssimos Padres e Irmãos João da Beira[7] e António Criminal, que, vista esta, vos façais prestes para irdes para o Cabo de Comorim, onde fareis mais serviço a Deus que estando em Goa. Lá achareis o P. Francisco Mansilhas, que sabe da terra e do modo que haveis de ter nela. Se o P. Francisco Mansilhas estiver em Goa, ireis todos três. Por amor de Deus vos rogo que não façais o contrário, e não deixeis por nenhuma coisa de ir para o Cabo de Comorim. O P. Nicolau Lanciloto ficará em S. Paulo a ensinar gramática, tal como de Portugal vinha mandado[8]. E, porque confio nas Vossas Caridades que não fareis o contrário do que escrevo, não digo mais.

3. *Micer* Paulo, rogo-vos muito, por amor de Jesus Cristo, que olheis muito por essa casa. Sobretudo vos encomendo que sejais obediente aos que têm cargo de governar essa casa. Nisto me fareis um grandíssimo prazer, porque se eu estivesse aí, nenhuma coisa faria contra vontade dos que têm cargo dessa santa casa, senão obedecer-

---

[5] Em 1538 já todos os habitantes de muitas aldeias eram baptizados: 7 aldeias já eram cristãs (CASTANHEDA 8,200; cf. Xavier-doc. 55,3).

[6] Maluco, naquela época, significava: 1) a cidade de Ternate; 2) a ilha de Ternate; 3) cinco ilhas das Malucas, a saber, Ternate, Tidore, Motir, Makian, Batjan; 4) como no texto, as Malucas em sentido amplo (as Malucas do norte e do sul, com Halmaeira, Seran, Amboina, etc.).

[7] João da Beira, nascido em Pontevedra (Galiza), sendo cónego em La Coruña, entrou na Companhia de Jesus em 1544 e em 1545 partiu para a Índia. Em 1547-1556 foi missionário nas Malucas, mas voltando doente a Goa aí morreu em 1564 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 226; SOUZA, *Oriente Conquistado* 1,3,2,6-10; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 381-386; *Doc. Indica* I II índices).

[8] Cf. Xavier-doc. 16,6.

-lhes em tudo o que me mandassem e [também] porque espero em Deus que vos tenha dado a sentir dentro em vossa alma, que em nenhuma coisa lhe podeis servir tanto quanto em negar, por seu amor, vossa própria vontade[9].

4. Escrever-me-eis novas de todos os Padres, nossos Irmãos, e do P. Francisco de Mansilhas, pela nau que partir para Maluco[10]. E seja [de maneira] que me escrevais muito longamente, porque muito folgarei com as vossas cartas. Rogo-vos, caríssimos Irmãos, que rogueis sempre a Deus por mim em vossas devotas orações e santos sacrifícios, que por terras ando onde tenho muita necessidade de vossas orações.

5. Aí vai Simão Botelho[11], amigo dessa santa casa. Ele vos dará novas, particularmente minhas. Eu sou muito seu amigo, por ser ele homem muito de bem e amigo de Deus e da verdade. Peço-vos que tenhais a sua amizade. Ele o fez muito bem comigo, mandando-me

---

[9] Refere-se aos Mordomos da Confraria da S. Fé, que tinham fundado o colégio e pedido a colaboração da Companhia de Jesus. Os responsáveis mais directos eram Cosme Anes e Mestre Diogo. Não asseguravam grande orientação pedagógica ao colégio, apesar da boa vontade. Lancillotto lamentaria a seu tempo: a falta de selecção nos alunos, as admissões em idades muito desiguais, o desconhecimento das línguas dos alunos, a dificuldade de expulsão dos que mostravam maus costumes (SIE 133-134; *Doc. Indica* 168-174). Só quando a Companhia de Jesus assumiu a plena responsabilidade pôde remediar estes inconvenientes.

[10] Esta nau, «nau de Maluco», partia de Goa a 15 de Abril (REBELLO 299; Xavier-doc. 56,3).

[11] Simão Botelho de Andrade, nascido pelo ano de 1509, partiu em 1532 para a Índia e em 1544 foi mandado por Martim Afonso de Sousa para Malaca para introduzir aí nova administração das alfândegas. Mas como o capitão da fortaleza, Rodrigo Vaz Pereira, morreu de repente em 1544, assumiu ele o lugar até à vinda de Garcia de Sá em 1545. Regressando à Índia, visitou como «Vedor da fazenda» as fortalezas de Ormuz, Diu, Baçaim e Chaul. Compôs aquela inestimável obra Tombo da Índia. Já era considerado um grande perito, quando aos 45 anos desejou entrar na Companhia de Jesus. Como o confessor o dissuadisse pela idade que tinha, entrou na Ordem dos Dominicanos em Goa e nela morreu piedosamente em 1560 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 269, n.1).

dar tudo o necessário para o meu embarque, com muito amor e caridade: Nosso Senhor lhe dê o galardão, que eu lhe fico com muita obrigação.

Deus Nosso Senhor, caríssimos Irmãos em Cristo, nos ajunte na sua santa glória, pois nesta vida andamos tão espalhados uns dos outros.

De Malaca, a 16 de Dezembro, ano de 1545
Vosso mínimo Irmão em Cristo
FRANCISCO

55
AOS SEUS COMPANHEIROS DA EUROPA

Amboino, 10 de Maio 1546
Duma cópia em castelhano, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Providas de missionários as missões da Pescaria e Ceilão, resolve partir para Macassar (Celebes). Converte um mercador a deixar tudo e acompanhá-lo. – 2. Em Malaca espera o regresso dos primeiros missionários que dali tinham ido a Macassar. Trabalho pastoral na cidade. 3. Como não chegam notícias de Macassar, resolve ir para Amboino (Molucas) onde encontra já 7 aldeias cristãs e uma armada portuguesa que tem de atender. – 4. Deseja ir a uma das ilhas mais perigosas, a que ninguém se atreve. – 5. Perigos em que se viu no mar até Amboino. – 6. Escreve a chamar para as Molucas dois companheiros entretanto chegados a Goa. – 7-9. Mouros e pagãos a converter e necessidade de mais missionários. 10. Pede orações aos companheiros. Traz sempre consigo as assinaturas das cartas deles juntamente com a fórmula da sua profissão religiosa. – 11. Costumes bárbaros das Molucas. – 12. Descrição da região: montes altíssimos, terramotos e maremotos, vulcões. – 13. Língua e escrita dos habitantes. Fez um catecismo em língua malaia. – 14. Cabrão raro que também dá leite. – 15. Notícias de possíveis cristãos ou judeus na China recebidas dos marinheiros portugueses.

Caríssimos em Cristo Irmãos
A graça e amor de Cristo Nosso Senhor
Seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. No ano de 1545 vos escrevi largo, fazendo-vos saber como, numa terra chamada Macassar, se fizeram cristãos dois reis com muita outra gente[1]. Pela muita disposição que naquela terra havia, para se acrescentar nossa santa fé – segundo a informação que me

[1] Xavier-doc. 48,5.

deram[2] – parti do Cabo de Comorim para Macassar por mar, porquanto não se pode ir por terra. Há, do Cabo de Comorim até às ilhas de Macassar, mais de 900 léguas. [Mas] primeiro que do Cabo de Comorim partisse, dei ordem para que os cristãos daquela terra fossem providos de coisas espirituais, deixando com eles cinco Padres: três naturais da terra e Francisco Mansilhas com outro Padre espanhol[3]. Com os cristãos da ilha de Ceilão, que está perto do Cabo de Comorim, ficaram cinco frades da Ordem de S. Francisco[4], com outros dois clérigos[5]. Vendo que [eu] não era necessário, nem menos fazia falta aos cristãos do Cabo de Comorim nem aos de Ceilão – porque não há outros cristãos novamente convertidos na Índia fora das fortalezas do Rei[6] e, aos que estão nas fortalezas, os vigários têm cargo de os ensinar e baptizar – determinei partir para Macassar.

Indo ao porto do qual me havia de embarcar para fazer a minha viagem[7], achei um mercador[8] com um navio seu, o qual me pediu que o confessasse. E ele que, com muita prudência humana não

---

[2] António Paiva tinha trazido quatro garotos da ilha Celebes para o colégio de S. Paulo em Goa. Por ele e seus companheiros tinha Xavier sido informado de todas estas coisas, como refere João da Beira em 1545: «Já estava bem informado… e isto de pessoas que tinham ajudado a fazer muitos deles cristãos» (*Doc. Indica* I 60).

[3] Juan de Lizano.

[4] Em 1543, embarcaram seis franciscanos, de Lisboa para Ceilão. Aparecem os nomes de cinco, na documentação de 1543-1545: Frei João de Vila do Conde (guardião), Fr. António Padrão, Fr. Francisco de Montepadrone, Fr. Simão de Coimbra, Fr. Gonçalo SCHURHAMMER, *Ceylon* 125).

[5] Um deles era o setubalense João Vaz Monteiro (+1586), vigário da cidade de Colombo e primeiro vigáro da ilha de Ceilão, como refere a lápide do seu sepulcro. O outro é-nos desconhecido. O vigário não tinha beneficiários (SCHURHAMMER, *Ceylon* 615).

[6] Esta afirmação de Xavier, não é rigorosamente exacta, como ele mesmo irá descobrindo e referindo noutras cartas.

[7] S. Tomé.

[8] João de Eiró. Já em Colombo tinha pedido a Xavier para se confessar. Mas só em S. Tomé acabou por ser atendido (MX II 378-380).

acabara de se determinar, com muita violência se venceu e escolheu o caminho do céu. Quis Deus, por sua misericórdia, dar-lhe tanto dentro da sua alma a sentir, que um dia se confessou e no outro, seguinte, se determinou [no mesmo lugar onde mataram S. Tomé[9]] a vender o navio e tudo o que tinha, dando tudo aos pobres, sem guardar nada para si, como liberal despenseiro. E assim nos embarcamos [ambos] a caminho de Macassar.

2. A metade do caminho, chegámos a uma cidade chamada por nome Malaca, na qual o Rei tem uma fortaleza[10]. O capitão dessa fortaleza[11] disse-me que tinha mandado um clérigo, pessoa muito

---

[9] *Monte Pequeno* (Chinna Malai, Little Mount, Calvário, N. Srª da Saúde), situado na margem sul do rio Adyar, distante três quartos de hora da igreja sepulcral no caminho para o *Monte Grande*, foi tido por todos até 1547 como o lugar do martírio de S. Tomé, como ainda agora pensam os que na Índia são chamados «cristãos de S. Tomé». Aí teria sido trespassado com uma lança S. Tomé, enquanto orava (CORREA, *Lendas da Índia* III 421-422; BARBOSA, *The Book of Duarte Barbosa* 128; *Orientalia Christiana,* Roma 1933: 177-178). No tempo de Xavier, além do matagal bravio, só se via naquele lugar sagrado uma rocha áspera, um vestígio do apóstolo e uma fonte, como testemunha Nuno Álvares de Faria, que ali vivia em 1546 e lá tinha edificado uma casa e uma igreja que em 1579 deixou à Companhia de Jesus. Em 1547, no *Monte Grande* (Peria Malai, Great Mount, St. Thomas' Mount, Madre de Deus, N. Srª do Monte, N. Srª da Conceição, Our Lady of the Expectation), foi encontrada uma lápide com uma cruz e caracteres em letras pehlevi inscritos. Isso levou autores europeus e até indianos, sem suficiente fundamento, a pensar que o martírio se deu no Monte Grande; não os cristãos de S. Tomé que conservam intacta a tradição que foi no Monte Pequeno (COUTO 7,10,5; LUCENA 3,3-5; SOUZA, *Oriente Conquistado* 1,2,1,35-39; D'CRUZ, *St. Thomas* 1929: 114). Seja como for, o encontro de Xavier com Eiró foi certamente no *Monte Pequeno.*

[10] A fortaleza de Malaca, construída nos anos 1511-1514 estava situada no extremo noroeste da cidade, entre a catedral, a ponte do rio e o forte marítimo de S. Pedro (EREDIA, *Malaca* 4v 5 7-8 46v; EREDIA-MILLS, *Eredia's Description of Malaca* 102; *Cartas de Albuquerque* I 53; III 358-360, 229-230).

[11] Quando Xavier chegou em fins de Setembro a Malaca, já era capitão da cidade, desde Junho, Garcia de Sá (CORREA, Lendas da Índia, IV 423) a quem sucederá em Outubro Simão de Melo (ib. 446; SCHURHAMMER, Quellen 1687). Mas aqui Xavier ainda fala do capitão antecessor Simão Botelho, que foi

religiosa[12], com muitos portugueses, num galeão bem fornecido de tudo o necessário, para favorecer aos que se fizeram cristãos e, até que tivéssemos novas suas, não lhe parecia que [eu] devia partir para aquela ilha. Assim, estive em Malaca três meses e meio, esperando novas dos Macassares.

Neste tempo, não me faltaram ocupações espirituais, assim em pregar nos domingos e festas, como em confessar muitas pessoas: tanto enfermos do hospital onde pousava[13], como outros sãos. Em todo este tempo ensinei, aos moços e cristãos novamente convertidos à fé, a doutrina cristã. Com a ajuda de Deus Nosso Senhor, fiz muitas pazes entre soldados e moradores da cidade. Às noites, ia pela cidade, com uma campainha pequena, encomendando as almas do purgatório, levando comigo muitos dos meninos a quem ensinava a doutrina cristã.

3. Passados os três meses e meio, acabaram por soprar os ventos com que vêm os navios de Macassar. Não sabendo nenhumas novas do Padre[14], determinei partir para outra fortaleza do Rei, chamada

---

quem no princípio de 1545 tinha enviado o sacerdote Viegas à ilha de Macassar (Celebes) (EREDIA, Malaca 42v-43; SIE 42).

[12] Vicente Viegas permaneceu pelo menos três anos na ilha das Celebes (Selectae Indiarum Epistolae 42). Foi a Vicente Viegas que Xavier deixou a igreja e residência dos jesuítas em Malaca, quando em 1552 mandou o P. Francisco Pérez cessar a missão naquela cidade (Xavier-doc. 131,9; 135,6-7.9).

[13] Em 1556, António Mendes testemunhou para a causa de Canonização de Xavier, em Malaca, que quando o apóstolo chegou à cidade em 1545 foi hospedar-se no hospital e aí permaneceu «alguns dias» (MX II 420). Mas Rodrigo de Siqueira, testemunhando para a mesma causa, diz que ele mesmo foi habitar com Xavier numa pequena casa junto ao mar (ib. 213). Como ambos são testemunhas oculares, é de crer que a casita pertencia ao hospital. Testemunhando para a mesma causa em 1616, João Soares de Albergaria diz que a primeira habitação do apóstolo em Malaca, segundo «fama antiga e certa», era junto ao forte de S. Tiago e às muralhas da cidade. Isso é também confirmado por outro testemunho *(Ajuda 49-6-9;* CROS II 399*)*. Mas, como o hospital ficava também junto às muralhas e não longe do forte, parece que Siqueira e Soares Albergaria se referem à mesma casa.

[14] Vicente Viegas.

Maluco[15]. É a última de todas. Cerca desta fortaleza, a 60 léguas dela, há duas ilhas[16]: uma, é de 30 léguas em redondo, muito povoada. Chama-se Amboino. Desta ilha fez mercê o Rei a um homem, muito de bem e bom cristão, o qual há-de vir viver nela, daqui a um ano e meio, com sua mulher e casa[17]. Nesta ilha encontrei sete lugares de cristãos[18]: as crianças que achei por baptizar, baptizei. Morreram muitos, depois de baptizados. Parece que Deus Nosso Senhor os guardou até que estivessem em caminho de salvação. Depois de ter

---

[15] A fortaleza de Ternate (Gam Lamo ou cidade grande, S. João de Ternate) foi construída nos anos 1522-1540 a sudoeste da ilha, junto à povoação do mesmo nome e destruída mais tarde pelos espanhóis em 1663 quando tiveram de a abandonar. Actualmente a cidade de Ternate estende-se pela parte oriental da ilha (VAN DEN WALL, *De Nederlandsche Outheden in de Molukken,* 's Gravenhage 1928: 257-260; SCHURHAMMER, *Quellen* 90, 91, 102, 6152).

[16] Amboina e Moro (Halmaheira).

[17] Jordão de Freitas, nascido na ilha da Madeira, «fidalgo da casa real», partiu para a Índia em 1528 e participou nas batalhas de Mombaça, Bahrein, Diu, Baçaim e Goa. Em 1534 levou preso a Goa o rei de Ternate, Tabarija, e ali o convenceu a receber o baptismo. Este fez-lhe doação das suas ilhas de Amboina e Selan em feudo hereditário, sendo-lhe depois confirmada pelo Rei D. João III em 1543. Como defensor de Tabarija, veio em 1538 a Portugal e conseguiu que o Rei o absolvesse. Em 1543 voltou à Índia e em 1544 partiu para as Molucas como capitão de Ternate. Injustamente acusado, porém, foi destituído do cargo em 1546 e trazido preso a Goa, onde se defendeu e conseguiu a libertação. Voltando a Ternate em 1549 para aí terminar o mandato, regressou novamente a Goa onde morreu em 1555 (SCHURHAMMER, *Quellen* 127, 139, 204-205, 384, 1078, 1084, 2110, 2299, 2938, 3596, 3599, 3986, 4051, 6102, 6152; CORREA, *Lendas da Índia* III 283, 312-313, 326, 391-393, 465-468, 568, 640).

[18] No tempo de Xavier, toda a península de Leitimor, na sua parte oriental, excepto a aldeia de Hutumuti que também acabou por se converter em 1570, era cristã. Também na península de Hitu, situada a oeste, a aldeia de Hatiwi e as vizinhas Tawira e Hukanalo eram cristãs (8.000-8.500 cristãos ao todo). Xavier, no pouco tempo que esteve em Amboino, não pôde fazer uma evangelização a fundo. Completaram-na so seus sucessores. Os sete lugares de cristãos mencionados pelo apóstolo, eram mais ou menos estes: Hatiwi (com Tawiri e Hukunalo), Soya (com Amantelo), Nussaniwi, Ema, Kilang, Halong, Urimesen (CASTANHEDA

visitado todos estes lugares, chegaram[19] a esta ilha oito navios de portugueses[20]. Foram muitas as ocupações que tive, em três meses que aqui estiveram, em pregar, confessar, visitar os enfermos e ajudá-los a bem morrer, o que é muito trabalhoso de fazer, com pessoas que não viveram muito conformes à lei de Deus. Estes morrem mais desconfiados da misericórdia de Deus do que confiados viviam em pecados contínuos, sem querer desacostumar-se deles. Fiz, com a ajuda de Deus, muitas amizades entre soldados, que jamais vivem em paz nesta ilha de Amboino[21]. Eles, partiram para a Índia em Maio[22] e, meu companheiro João de Eiró[23] e eu, partimos para Maluco[24], que está daqui a 60 léguas.

8,200; C. WESSELS, *Histoire de la Mission d'Amboine 1546-1605*, Louvain 1934: 27-35, 47-51). Polanco diz que em 1555 havia em Amboino e nas ilhas vizinhas cerca de 10.000 cristãos (POLANCO, *Chron*. VI 818).

[19] Chegou primeiro uma nau de exploradores espanhóis. Segundo Escalante, «chegamos ao porto de Amboino dia de *Carnestolendas*», ou seja, a 9 de Março (*Relación* 197).

[20] Era a armada de Fernando de Sousa de Távora, enviada pelo Governador Martim Afonso de Sousa para expulsar os espanhóis que, com Rodrigo López de Villalobos tinham entrado nas Molucas. Com seis navios e 150 soldados chegou a Ternate no dia 18 de Outubro. A 4 de Novembro foi assinado o pacto de rendição, sob condição de os portugueses os reconduzirem à Europa. No dia 18 de Fevereiro, a armada portuguesa com 130 espanhóis a bordo regressou a Goa. Constava de 1 *galeão* (comandado pelo próprio Távora), duas *naus* S. Spirito (por João Criado) e Santa Cruz (por António de Freitas), 3 *fustas* (por Manuel de Mesquita, Leonel de Lima, João Galvão), uma *nau* de passagem em Ternate (por Garcia de Sá) e a *nau* espanhola S. Juan (REBELLO, *Informação* 230-231, 236; REBELLO, *Hist.* f.13; COUTO, *Da Asia* 6,1,5; Xavier-doc. 57,3).

[21] Que as rivalidades entre espanhóis e portugueses chegaram a momentos perigosíssimos, mostra-o claramente o relatório de Escalante (ESCALANTE, *Relación,* 205-209). Devem ter morrido em Amboino uns 13 espanhóis.

[22] A armada partiu de Amboino para Malaca a 17 de Maio (ESCALANTE, *Relación* 198).

[23] De facto, só Xavier embarcou para Ternante, deixando Eiró em Amboino (MX II 381).

[24] Ternate.

4. Da outra costa de Maluco, está uma terra que se chama Moro[25], a sessenta léguas de Maluco[26]. Nessa ilha de Moro, haverá muitos anos, se fizeram cristãos, grande número[27]. Por morte dos clérigos que os baptizaram[28], ficaram desamparados e sem doutrina[29]. Por ser a terra de Moro muito perigosa – porquanto a gente dela é muito cheia de traição, pela muita peçonha que dão no comer e beber – deixaram de ir àquela terra de Moro pessoas que olhassem pelos cristãos. Eu, pela necessidade que estes cristãos da ilha de Moro têm de doutrina espiritual e de quem os baptize para salvação das suas almas, e também pela necessidade que tenho de perder a minha vida temporal por socorrer a vida espiritual do próximo, determino ir ao Moro: para socorrer nas coisas espirituais os cristãos, oferecido a todo o perigo de morte, posta toda a minha esperança e confiança em Deus Nosso

---

[25] Moro (depois mais exactamente chamada *ilhas de Moro*) incluía então o litoral nordeste da ilha Halmaheira (distrito Galela), chamado pelos indígenas Morotia (*Moro terrestre*) e duas ilhas em frente, Morotai e Rau, chamadas também por eles Morotai (*Moro marítimo*) (REBELLO, *Informação* 192; REPETTI, *Arch.Hist.S.I.* 5(1936)35-56).

[26] O litoral ocidental de Halmaheira dista de Ternate uns 15 km; daí para Tolo, capital das ilhas de Moro, eram 270 Km por mar.

[27] Em 1533-1534 os príncipes dos distritos de Mamoya e Sugala, nas ilhas de Moro, juntamente com 5.000 a 6.000 habitantes foram baptizados por Simão Vaz e Francisco Álvares, vigários de Ternate. Em 1538-1539 Fernando Vinagre baptizou mais alguns. Em 1539-1544, sendo capitão Jorge de Castro, passaram para o cristianismo as restantes aldeias (SCHURHAMMER, Quellen 163-164; REBELLO 193; CASTANHEDA 8,200). Em 1543 nas ilhas de Moro havia mais de 10.000 cristãos (SCHURHAMMER, ib. 1103) e em 1547 mais de 40.000 (ib. 2938). Mas N. Nunes em 1556, calcula-os com mais precisão em 20.000 (ib. 6117).

[28] O vigário Simão Vaz, numa rebelião do povo em 1535, foi morto em Tjawo (Morotai) e Francisco Álvares fugiu ferido para Ternate (SCHURHAMMER, Quellen 188; CASTANHEDA 8,115-116).

[29] Fernando Vinagre tinha feito baptismos em tempo de expedição militar; desaparecendo da região sacerdotes e catequistas, deixou de haver qualquer instrução religiosa (cf. REBELLO, 194).

Senhor, desejando conformar-me, segundo as minhas pequenas e fracas forças, com o dito de Cristo nosso Redentor e Senhor que diz: *«Quem quiser salvar a sua alma, perdê-la-á; mas quem a perder por minha causa, há-de encontrá-la»*[30]. Ainda que seja fácil entender o latim e a frase em geral, deste dito do Senhor, quando um homem vem a particularizá-lo, para se dispor a determinar[31] perder a vida por Deus para achá-la nele – oferecendo-se casos perigosos, nos quais provavelmente se presume perder a vida nisso a que se quiser determinar – faz-se [tudo] tão obscuro que o latim, sendo tão claro, vem a obscurecer-se. Em tal caso, me parece que só o vem a entender aquele, por mais douto que seja, a quem Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, o quer em casos particulares declarar. Em semelhantes casos se conhece a condição da nossa carne: quão fraca e enferma é! Muitos dos meus amigos e devotos procuraram comigo que não fosse a terra tão perigosa. Vendo que não podiam acabar comigo que não fosse, davam-me muitas coisas contra peçonha[32]. Eu, agradecendo--lhes muito o seu amor e boa vontade, por não carregar-me de medo sem tê-lo e, mais, por haver posta toda a minha esperança em Deus e por não perder nada dela, deixei de tomar os defensivos que com tanto amor e lágrimas me davam, rogando-lhes que, em suas orações, tivessem contínua memória de mim, que são os mais certos remédios contra peçonha que se podem achar.

5. Em muitos perigos me vi, nesta viagem do Cabo de Comorim para Malaca e Maluco, assim entre tormentas do mar como entre

---

[30] Mt 16,25.

[31] Refere-se ao momento de fazer opções decisivas, segundo o método proposto por Inácio de Loyola nos seus *Exercícios Espirituais* (cf. EE, nn.149-157 164--168 175-188).

[32] Da variedade de venenos usados pelos habitantes de Moro escreve REBELLO 164-165 195. Os antídotos mais em uso naquele tempo eram, segundo Garcia da Orta: «pedra bezar, triaga, pau da cobra, pau de Malaca de contra herva, esmeraldas, terra segillata, coco das Maldivas, corno de rinoceronte» (Colóquios I 240-241; II 75 233).

inimigos[33]. Em um, especialmente, me achei, numa nau de 400 toneladas em que vinha. Com vento fortíssimo, navegámos mais de uma légua, tocando sempre o leme em terra: se acertássemos, em todo este tempo, com algumas pedras, a nau ter-se-ia desfeito; se achássemos menos água em uma parte que em outra, ficaríamos em seco. Muitas lágrimas vi, então, na nau[34]. Quis Deus Nosso Senhor, nestes perigos, provar-nos e dar-nos a conhecer para quanto somos, se em nossas forças esperamos, ou em coisas criadas confiamos. Mas também para quanto [somos], quando destas falsas esperanças saímos, desconfiando delas, esperando no Criador de todas as coisas, em cuja mão está fazer-nos fortes quando os perigos por seu amor são recebidos. Tomando-os só por seu amor, crêem sem duvidar, os que se acham neles, que tudo o criado está à obediência do Criador, conhecendo claramente que são maiores as consolações em tal tempo, que os temores da morte, ainda que o homem acabasse os seus dias. Findados os trabalhos e acabados de passar os perigos, não sabe um homem contar nem escrever o que por ele passou, ao tempo em que estava neles, ficando [só] uma memória imprimida do passado, para não [se] cansar de servir a tão bom Senhor, assim no presente como no porvir, esperando no Senhor, cujas misericórdias não têm fim, que lhe dará forças para o servir.

6. Estando em Malaca, que fica a metade do caminho da Índia para Maluco, deram-me a notícia de que chegaram três companheiros nossos a Goa, no ano de 1545[35]. Já me escreveram e me mandaram as cartas que de Roma traziam, com as quais Deus Nosso Senhor sabe quanta consolação recebi e com saber tão boas novas

---

[33] Eram temíveis sobretudo as tempestades no Oceano Índico e os piratas achens (*atjeh*) junto à ilha de Sumatra.

[34] Xavier fez a viagem na nau régia da carreira de Coromandel (MX II 417, 201).

[35] Criminali, Lancillotto e Beira.

da nossa Companhia[36]. Um deles, vinha para ensinar gramática no colégio da Santa Fé[37] e, os outros dois, para andar pelas partes onde a mim me parecesse que teriam mais serviço a Deus Nosso Senhor. Eu lhes escrevi que ficasse, um deles, que vinha para ler gramática, em Santa Fé e, os [outros] dois, que fossem para o Cabo de Comorim a ter companhia a Francisco de Mansilhas. [Mas] agora lhes escrevo, neste ano de 1546, que venham para Maluco, para o ano que vem, pois há maior disposição para servir a Deus nestas partes que não onde estão.

7. Estas partes de Maluco, todas são ilhas, sem se ter descoberto, até agora, terra firme. São tantas, estas ilhas, que não têm número e quase todas são povoadas. [Os seus habitantes], por falta de quem lhes requeira que sejam cristãos, deixam de o ser. Se houvesse em Maluco uma casa da nossa Companhia, seria muito o número da gente que se faria cristã. A minha determinação é como neste cabo do mundo de Maluco se faria uma casa, pelo muito serviço que a Deus Nosso Senhor se faria.

8. Os gentios, nestas partes de Maluco, são mais que os mouros. Querem-se mal os gentios e os mouros. Os mouros querem que os gentios ou se façam mouros ou sejam seus cativos, e os gentios não querem nem ser mouros nem menos ser seus cativos. Se houvesse quem lhes pregasse a verdade, todos se fariam cristãos, porque mais querem os gentios ser cristãos que mouros. De 70 anos a esta parte se fizeram mouros[38], que primeiro todos eram gentios. Dois ou três

---

[36] A 2 de Setembro de 1545 chegaram a Goa (SIE 7). Mais ou menos por 15 de Setembro partia de Goa para Malaca a nau régia da carreira de Banda, que trazia as cartas.

[37] Lancillotto.

[38] O autor da obra, composta por alturas de 1543, *Tratado de las islas de los Malucos* (SCHURHAMMER, *Quellen* 1158), que até 1539 viveu em Ternate, observa, fundado na tradição dos cânticos da região, que o primeiro rei que ali se filiou no islamismo por 1470, foi Tidore Yongue, pai de Boleife, em cujo reinado chegaram os portugueses a Ternate (1513). REBELLO, referindo-se ao que afir-

cacizes[39], que vieram de Meca –que é uma casa onde dizem os mouros que está o corpo de Maomé – converteram grande número de gentios à seita de Maomé. Estes mouros, o melhor que têm é que não sabem coisa nenhuma da sua seita perversa. Por falta de quem lhes pregue a verdade, deixam estes mouros de ser cristãos.

9. Esta conta vos dou, tão particular, para que tenhais especial sentimento e memória de tanta perdição de almas, quantas se perdem por falta de espiritual socorro. Os que não tiverem letras e talento para ser da Companhia[40], sobrar-lhes-á o saber e talento para estas partes, se tiverem vontade de vir para viver e morrer com esta gente. Se, destes, viessem todos os anos uma dezena, em pouco tem-

---

mavam os indígenas, escreve que o islamismo se infiltrou no país pouco antes da chegada dos portugueses (*Informação* 155). VALENTYN, apoiado como o anterior na tradição indígena, escreve em 1724 que o rei Marhu já velho, falecido em 1486, foi o primeiro que em Ternate aderiu ao islamismo (*Oud en Nieuw Oost-Indien* I 2,140; 143) e acrescenta que sabe certamente que Djamilu, príncipe de Gilolo, foi o que em 1480 introduziu pela primeira vez o islamismo em Amboino (III 1,19).

[39] O autor da obra antes mencionada, *Tratado de las islas de los Malucos*, diz que os chineses foram os primeiros estrangeiros a chegar a Ternate, segundo a tradição dos próprios ternatenses. Posteriormente chegaram navios do sul com malaios, javaneses, persas e árabes e estes foram os que, havia uns oitenta ou noventa anos, tinham implantado o islamismo na região. Em 1540, um celebérrimo *caciz* árabe, da estirpe de Maomé, nascido em Ternate, abraçou a fé cristã (CASTANHEDA 9,9). Segundo REBELLO foi um caciz indígena, que tinha estado em Meca, que persuadiu em 1513 o rei de Ternate a chamar os portugueses (201). Os primeiros missionários islâmicos de Ternate mencionados por VALENTYN foram: na ilha de Ternate, o mercador javanês Hussain pelo ano de 1480 e o sacerdote javanês Tuhubahahul pelo ano de 1496 (I, 2,140, 143; na ilha de Amboino, Pati Puteh (Pati Tuban), habitante da ilha Goram (para oriente de Seran) no ano de 1510 (III, 1,19; II, 2,6) segundo a crónica malaia *Hikayat Tanah Hitu* composta pelo amboiano Ridjali em 1648).

[40] Só pelo Breve *Exponi nobis* de 5 de Junho de 1546 Paulo III concedeu que fossem admitidos como religiosos da Companhia de Jesus auxiliares leigos e sacerdotes não diplomados em teologia. Até essa altura, os que agregavam não eram considerados religiosos (MI *Const.* I 170).

po se destruiria esta má seita de Maoma e se fariam todos cristãos. Assim, Deus Nosso Senhor não se ofenderia tanto como se ofende, por não haver quem repreenda os vícios e pecados de infidelidade.

10. Por amor de Cristo Nosso Senhor e de sua Mãe santíssima e de todos os santos que estão na glória do paraíso, vos rogo, caríssimos Irmãos e Padres meus, que tenhais especial memória minha, para encomendar-me a Deus continuamente, pois vivo em tanta necessidade do seu favor e ajuda. Eu, pela muita necessidade que tenho do vosso favor espiritual contínuo, por muitas experiências tenho conhecido como, por vossa invocação, Deus Nosso Senhor me tem ajudado e favorecido em muitos trabalhos do corpo e espírito. Para que jamais me esqueça de vós, por contínua e especial memória, para muita consolação minha vos faço saber, caríssimos Irmãos, que tomei das cartas que me escrevestes, vossos nomes, escritos por vossas próprias mãos e, juntamente com o voto da profissão que fiz, os levo continuamente comigo[41], pelas consolações que deles recebo. A Deus Nosso Senhor dou graças primeiramente e, depois, a vós, Irmãos e Padres suavíssimos, pois vos fez Deus tais que tanto me consolais levando os vossos nomes. E pois depressa nos veremos na outra vida com mais descanso que nesta, não digo mais.

De Amboino, a 10 de Maio, ano de 1546
Vosso mínimo Irmão e filho
FRANCISCO

(Carta adjunta, no original escrita aparte):

11. A gente destas ilhas é muito bárbara e cheia de traição. É mais baça que negra, gente ingrata em grande extremo. Há ilhas, nestas partes, nas quais se comem uns aos outros. Isto, é quando uns com outros têm guerra e se matam em combate, e não de outra manei-

---

[41] Quando Xavier morreu, encontraram no relicário que trazia ao pescoço, uma relíquia do apóstolo S. Tomé, a fórmula da sua profissão religiosa e uma assinatura de S. Inácio de Loyola que recortara das suas cartas (*Epp. Xav.* app. VI).

ra[42]. Quando morrem por enfermidade, dão, em grande banquete, as mãos e calcanhares [do morto] a comer[43]. É tão bárbara esta gente, que há ilhas onde um vizinho pede a outro [quando quer fazer uma festa grande] o seu pai, se é muito velho, emprestado para o comerem, prometendo-lhe que lhe dará o seu, quando for velho, e quiser fazer algum banquete[44]. Dentro de um mês, espero ir a uma ilha, na qual se comem uns aos outros, quando se matam na guerra. Nessa ilha também se emprestam uns aos outros os pais, quando são velhos, para fazer banquetes. Os dessa ilha querem ser cristãos. Esta é a causa por que vou lá[45]. Há abomináveis pecados de luxúria entre eles, quais não poderíeis crer, nem eu me atrevo a escrever.

12. São estas ilhas temperadas e de grandes e espessos arvoredos. Chove muitas vezes. São tão altas, estas ilhas de Maluco, e trabalhosas de andar por elas que, em tempo de guerra, sobem a elas para sua defesa, de maneira que são as suas fortalezas[46]. Não há cavalos, nem se pode andar a cavalo por elas. Treme muitas vezes a terra[47]

---

[42] Sobre o antropofagismo destas regiões, cf. J.G.F. RIEDEL, *De sluik-en kroesharige rassen fusschen Selebes en Papua*, ‘s Gravenhage 1886: 52, 267, 279, 371, 349, 445; REBELLO, *Informação* 189; COUTO, *Da Asia* 9,29.

[43] «Dizem ser o calcanhar e o peito do pé o melhor bocado» (REBELLO, *Informação* 189; cf. COUTO, *Da Ásia* 9,29).

[44] Patranha inventada por marinheiros maometanos e difundida depois por vários autores (por ex. RAMUSIO 182v; YULE 74; REBELLO, *Hist.* 80v; *Informação* 190; RIBADENEIRA, *Vita P. Ignatii*, Roma 1572: 4,7). Mas missionários mais peritos na matéria negaram tudo isso, não só em relação a Moro, mas também às ilhas vizinhas de Amboino (por ex. TEIXEIRA, MX II 802; PEDRO NUNES, *Goa 13*,359; A. MARTA, *Goa 47*,446).

[45] Parece referir-se à sua ida à região de Moro (cf. Xavier-doc. 56,1).

[46] Missionários que escrevem em 1603, dizem que é necessário às vezes trepar com mãos e pés nos rochedos para chegar às aldeias situados nos altos (*Goa 55*,112). As povoações parecem ninhos nas rochas (K. MARTIN, *Reisen in den Molukken*, Leiden 1894: 9).

[47] Sobre os frequentes terramotos em Amboino cf. WESSELS, *Histoire d’Amboine* 44; VALENTYN, *Oud en Nieuw Oost-Indien* II 1,137; REBELLO, *Informação* 190).

e o mar[48]. Tanto, que os navios que navegam quando treme o mar, parece aos que vão neles que tocam em algumas pedras. É coisa para espantar, ver tremer a terra e, principalmente, o mar. Muitas destas ilhas deitam fogo de si, com um ruído tão grande que não há tiro de artilharia, por mais grande que seja, que faça tanto ruído. Pelas partes donde sai aquele fogo, com o ímpeto grande com que vem, traz consigo pedras muito grandes[49]. Por falta de quem pregue nestas ilhas os tormentos do inferno, permite Deus que se abram os infernos, para confusão destes infiéis e dos seus abomináveis pecados.

13. Cada uma destas ilhas tem língua para si[50]. Há ilha que, quase cada lugar dela, tem fala diferente. A língua malaia, que é a que se fala em Malaca, é muito geral por estas partes. Nesta língua malaia [no tempo que eu estive em Malaca] com muito trabalho traduzi o Credo com uma explicação sobre os artigos, a Confissão geral, Pai-nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha e os Mandamentos da lei, para que me entendam quando lhes falo em coisas de importância. Têm uma grande falta em todas estas ilhas: que não têm escrituras, nem sabem escrever, a não ser muito poucos. A língua em que escrevem é a malaia, e as letras são as arábicas, que os mouros *cacizes* ensinaram a escrever e ensinam no presente[51]. Antes de se fazerem mouros, não sabiam escrever.

---

[48] O primeiro maremoto experimentado por portugueses foi frente a Chaul (Índia) em 1524 (CORREA II 816-817; BARROS 3,9,1). Na região das Molucas é referido um pelos espanhóis nas Filipinas em 1544, de que Xavier também teria ouvido falar (AGANDURU MORIZ, *Historia General de las Índias occidentales…* In *Documentos inéditos para la História de España*, Madrid 1882: t.79,50).

[49] Ainda hoje há vulcões activos nas ilhas de Banda, Makian, Ternate, Halmaheira.

[50] Conta Rebello: «Cada ilha tem diferente língua, salvo a de Ternate e Tidore que diferem como a castelhana e portuguesa. Machiem tem três, e os mais dos lugares da Batochina (Halmaheira), cada um sua, tão diferentes que se não entendem senão por meio da ternata ou tidora» (REBELLO, *Informação* 158). Riedl, na ilha de Amboino e nas três ilhas Uliaser, classificou 14 dialectos (RIEDL, *De sluik- en kroesharige rassen* 32).

[51] Cf. SCHURHAMMER, *Quellen*, Tafel 28.

14. Nesta ilha de Amboino tenho vista uma coisa que jamais na minha vida vi e é que vi um bode, que continuadamente tem leite e gera muito: não tem mais de uma teta junto às partes genitais e dá, cada dia, mais de uma escudela de leite; os cabritos lhe bebem o leite. Por ser coisa nova, o leva um cavaleiro português para a Índia, para o enviar a Portugal[52]. Eu, por minhas próprias mãos, lhe ordenhei uma vez o leite, não crendo que era verdade, parecendo-me ser coisa impossível.

15. Encontrei em Malaca um mercador português, o qual vinha de uma terra de grande trato [comercial], a qual se chama China. Este mercador disse-me que lhe perguntou um homem chinês muito honrado, que vinha da corte do rei[53], muitas coisas, entre as quais lhe perguntou se os cristãos comiam carne de porco. Respondeu-lhe o mercador português que sim, e lhe disse por quê lhe perguntava aquilo. Respondeu o chinês que, na sua terra, há muita gente entre umas montanhas, apartada da outra gente, a qual não come carne de porco e guarda muitas festas[54]. Não sei que gente é esta: se são cristãos que guardam a lei velha e nova, como fazem os do Preste João, ou se são as tribus dos judeus, que não se sabe deles[55]. Porque eles não são mouros, como todos dizem[56].

---

[52] Cf. REBELLO 184; GALVÃO, *Hakluyt Society first series* t.30,120; NICOLAU NUNES, *Goa 47*, 118v). O mercador português referido, era Francisco Palha, que foi testemunha no processo de Goa para a causa de canonização de Xavier em 1556 (MX II 198-200; SCHURHAMMER, *Quellen* 775, 1191, 4051, 6032, 6118 e p.478).

[53] Pekim.

[54] Talvez se trate de cristãos nestorianos, que habitavam nos montes a oeste de Pequim, e distantes dessa cidade a um dia de caminho. Em 1919 foi ali descoberto um «templo da Cruz», com inscrições em língua siríaca do sec. X a XIV (cf. SCHURHAMMER, *Der «Tempel des Kreuzes»,* in *Ásia Major* 5(1928)247-255).

[55] Não parece falar dos judeus da cidade de Kaifungfu, que pouco distavam dos que habitavam nos montes.

[56] Os maometanos na China eram muitos. Tinham astrónomos na corte do Imperador, antes de serem ultrapassados pelos jesuítas.

16. De Malaca, vão todos os anos muitos navios de portugueses aos portos da China. Eu tenho encomendado a muitos, para que saibam dessa gente, pedindo-lhes que se informem muito das cerimónias e costumes que entre eles se guardam, para por elas se poder saber se são cristãos ou judeus. Muitos dizem que S. Tomé Apóstolo foi à China e que fez muitos cristãos; e que a Igreja da Grécia, antes de os portugueses senhorearem a Índia, mandava bispos para que ensinassem e baptizassem os cristãos que S. Tomé e seus discípulos nessas partes fizeram. Um destes bispos[57] disse, quando os portugueses chegaram à Índia, que, depois que veio da sua terra à Índia, ouviu dizer aos bispos que na Índia achou[58], que S. Tomé foi à China e que fez cristãos[59]. Se souber coisa certa, [eu vo-la escreverei para o ano que vem: escrever-vos-ei o que por experiência destas partes tiver visto e conhecido].

---

[57] Mar Jacob, grande amigo de Xavier (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 4100--4101).

[58] Mar Jacob veio para a Índia em 1503 e aí encontrou ainda em vida o bispo Mar João (cf. SCHURHAMMER, *The Malabar Church and Rome* 4).

[59] «No livro da Liturgia das Horas caldaica em uso na Igreja malabárica de S. Tomé, no ofício de S. Tomé Apóstolo, no segundo nocturno, lê-se o seguinte: 'Por S. Tomé… os Chinas e Etíopes foram convertidos à verdade… Por S. Tomé, o reino dos céus subiu e voou até aos Chinas'. Depois, numa antífona, lê-se: 'Os Índios, Chinas, Persas e restantes insulares… em comemoração de S. Tomé oferecem adoração ao Teu Nome Santo'. Quando os portugueses chegaram a Cochim, regia esta Igreja do Malabar e dos montes (da China) D. Jacob, que assim se designava: 'Metropolita da Índia e da China'. Assim consta do códice do seu manuscrito do Novo Tetamento» (Nic. TRIGAULTIUS, *De christiana expeditione apud Sinas*, Aug.Vind. 1615: 124-126; cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 70, 25; RODRIGUES TÇUZU, *História do Japão* 3,1 que acrescenta que, segundo anais chineses do ano 65 A. C. uma seita de bonzos indianos veio para a China; ATH. KIRCHER, *China Illustrata,* Amsterdão 1667: 9-10, 57-58 (contra Trigault).

56
AOS SEUS IRMÃOS RESIDENTES NA ÍNDIA

Amboino, 10 de Maio 1546
Original ditado por Xavier em português

SUMÁRIO: 1. Ordens que tinha dado na carta anterior, escrita de Malaca. Chegada a Maluco, trabalhos pastorais com duas armadas de espanhóis e portugueses que se encontram em negociações de paz na ilha, esperanças que se abrem entre indígenas. – 2-3. Mansilhas e Beira venham para as Molucas; os que vierem de Portugal vão para o Cabo de Comorim; tragam tudo o necessário para celebrar Missa. – 4. Micer Paulo obedeça em tudo aos responsáveis do colégio de S. Paulo, como ele faria. – 5. Recebam bem os frades Agostinhos que vão na armada espanhola aprisionada. – 6. Cada um dos que vêm para as Molucas traga um colaborador, sacerdote ou leigo.

IHUS

A graça e amor de Deus Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. No ano de mil e quinhentos e quarenta e cinco vos escrevi de Malaca por duas vias: por elas vos rogava, pelo amor de Deus, a vós Padre João da Beira e a vós Padre António Criminal, que fôsseis, vista a presente, para o Cabo de Comorim, a doutrinar e favorecer aqueles pobres cristãos, e a terdes companhia ao Padre Francisco de Mansilhas, o qual deixei com os cristãos no Cabo de Comorim, e com o Padre João de Liçano e três outros Padres naturais da terra. E, para maior merecimento vosso, em virtude da santa obediência vo-lo mandava.

Eu parti de Malaca para Maluco ao princípio de Janeiro e cheguei a esta ilha de Amboino a catorze dias do mês de Fevereiro. E, chegando, logo visitei os lugares de cristãos que nesta ilha há, baptizando muitas crianças que estavam por baptizar. Acabando de

as baptizar, chegou a esta ilha a armada de Fernão de Sousa[1] com os castelhanos que vieram da Nova Espanha[2] a Maluco. Eram oito navios. Foram tantas as ocupações espirituais com esta armada, assim [em] confissões contínuas como em pregar-lhes aos domingos e fazer pazes e visitar os enfermos confessando-os e ajudando-os a bem morrer, que me minguava tempo para cumprir com todos. De maneira que não me minguavam ocupações, assim em Quaresma[3] como fora dela. Eu tenho visto a disposição desta terra. Espero em Deus que, logo que vier o senhor desta ilha morar nela – que é Jordão de Freitas, capitão que ao presente é de Maluco, homem muito de bem e zeloso do acrescentamento da nossa santa fé[4] – toda esta ilha se fará cristã. Virá morar nela, deste Novembro que vem de 546 a um ano, que será no ano de 547[5]. Esta ilha de Amboino é de vinte

---

[1] Fernando de Sousa de Távora, desde 1534 colaborava na Índia com Martim Afonso de Sousa. Com ele navegou a Baçaim em 1534, a Diu em 1535 e obteve uma vitória junto a Vêdâlai em 1538. Em 1541com ele, Governador, embarcou para Suez e em 1542 contra a cidade de Bhatkal. Em 1545 foi enviado às Molucas, onde obrigou os castelhanos, em explorações coloniais na zona, a renderem-se e a regressar por Malaca e Índia à Espanha (1546-1547). A seguir foi durante três anos capitão da ilha de Moçambique (SCHURHAMMER, *Quellen* 1505, 1660, 2517, 2812, 3484, 3852, 4225 e p.478 ; CASTANHEDA 8, 335, 428, 435, 480-481; 9, 568-569, 575; CORREA, *Lendas da Índia* III 712, 774-776, 818-832; IV 285-286, 307, 422-423, 602, 605, 665.

[2] No dia 25 de Outubro de 1542 a frota de Rodrigo López de Villalobos zarpava do porto de Navidad (porto mexicano ao norte de Acapulco) e no dia 1 de Novembro do porto de Juan Gallego, último porto mexicano (ESCALANTE, Relación del Viaje 118). Da expedição tratam abundantemente, da parte espanhola, Escalante, Jerónimo de Santisteban, Aganduru Moriz; da parte portuguesa, Rebello e Couto. As fontes históricas daquela época recolheu-as SCHURHAMMER, *Quellen* (v. índice: Villalobos).

[3] A Quaresma, naquele ano 1546, foi de 10 de Março a 24 de Abril.

[4] Sobre o zelo missionário de Jordão de Freitas, ver SCHURHAMMER, *Quellen* 204, 384, 3596.

[5] Foi uma grande decepção para Xavier ver Jordão de Freitas ser deposto em Outubro de 1546, antes de terminar o mandato, e enviado preso para Goa.

e cinco até trinta léguas em redondo e é muito povoada. Nela há sete lugares de cristãos. Há outra terra, que está de Amboino a cento e trinta léguas, chamada Costa do Moro[6], onde há muitos cristãos sem nenhuma doutrina, ao que me dizem. Eu parto para lá o mais cedo que puder.

2. Dou-vos esta conta, para que saibais a necessidade que, de vossas pessoas, nestas partes há. Ainda que muito bem sei que aí éreis necessários, por serdes, porém, mais necessários nestas partes, vos rogo muito, pelo amor de Cristo Nosso Senhor, que vós, Padre Francisco de Mansilhas[7], e vós, João da Beira, venhais a estas partes. E, para que mais mereçais nesta vossa vinda, vos mando que, em virtude da santa obediência[8], venhais. Sendo caso que algum de vós for morto, outro Padre com o Padre António Criminal vireis; de maneira que, dos três, [só] um fique com os cristãos do Cabo de Comorim e com os Padres naturais da terra. Se este ano vierem alguns da nossa Companhia, [dizei-lhes] que lhes rogo muito, pelo amor de Deus Nosso Senhor, que vão todos para o Cabo de Comorim a doutrinar e favorecer aqueles cristãos. Escrever-me-eis para Maluco, largamente, novas dos que de Portugal este ano vierem, e me mandareis as cartas pelos Padres que hão-de vir a Maluco.

E, para mais merecerem os que este ano do Reino vierem, pela virtude da santa obediência irão para o Cabo de Comorim.

3. Estas cartas minhas me parece que vos não podem ser dadas senão por todo o mês de Fevereiro do ano de 1547[9]. No mesmo ano,

[6] Morotía (Galela).

[7] Mansilhas, por desobediência, acabou por ser despedido da Companhia de Jesus (SOUZA, *Oriente conquistado* 1,2,1, 45-46.

[8] Sobre mandatos «em virtude do voto de obediência» v. *Determinationes 1544-1549* (MI *Const.* I 216) e *Constituições*, P. VI, c. 5 (*ib.* II 558-559; III 195).

[9] As naus costumavam partir de Amboino a 15 de Novembro, chegar a Malaca em fins de Junho e daí sair a 15 de Novembro para aportar a Cochim no começo de Janeiro. Descarregando aí as mercadorias, só chegavam a Goa a 15 de Março (REBELLO, *Informação* 299-300).

ao princípio de Abril, parte de Goa uma nau do Rei para Maluco: naquela embarcação vireis. Vistas estas cartas minhas, logo partireis do Cabo de Comorim para Goa, e far-vos-eis prestes para [de lá] virdes para Maluco, como vos disse. Na mesma nau, esperam os de Maluco que há-de vir o rei de Maluco, o qual levaram preso[10]. Esperam também, os portugueses de Maluco, por outro capitão novo para entrar na fortaleza de Maluco[11]. Se o rei aí se fizer cristão, espe-

---

[10] Hairum (Aeiro), filho do rei Baiang Ullah (Boleife) e duma concubina javanesa, nasceu em 1521. Em 1534 foi nomeado rei de Ternate, embora sem grandes poderes, pelo capitão Tristão de Ataíde, em vez de rei Tabarija que mandou preso para Goa. Apesar dos seus perversos costumes, foi protegido pelos seguintes capitães (António Galvão e D. Jorge de Castro). Finalmente, o capitão Jordão de Freitas, que desejava repor como rei Tabarija, entretanto convertido ao cristianismo, depôs o rei Hairum por costumes depravados e de lesa majestade e em Fevereiro de 1545 remeteu-o preso para Goa. Quando Hairum chegou a Malaca, em companhia de D. Jorge de Castro, soube-se que o seu rival Tabarija tinha morrido em 30 de Junho e que, portanto, era ele agora o sucessor do reino de Ternate. Ao saber disto, o capitão de Malaca, Garcia de Sá, libertou-o logo, enquanto não prosseguia viagem para ser julgado em Goa. Xavier ainda coincidiu com ele em Malaca uns dois meses. Em Goa, foi julgado e absolvido pelo Governador D. João de Castro e reenviado em 1546 para Ternate, com grandes honras à despedida. Reinou de 1546 a 1570, até que um português o assassinou. Uns consideraram-no um fiel vassalo de Portugal, outros um terrível inimigo do Reino e do cristianismo (CASTANHEDA 8, 92, 114, 157, 180; 9, 8; REBELLO, *Informação* 215, 227-230, 239-242, 289-298; SOUZA, *Oriente Conquistado* 2,3,1,34-36; SCHURHAMMER, *Quellen* 1158, 1378, 1420, 1438, 1501, 1860, 2598, 2938, 3596, 3986, 4175, 4650, 4735, 6002-6003, 6005, 6032, 6117, 6152; Xavier-doc. 59,10-11; 82,4; 126,1-3).

[11] Tanto Hairum, como um novo capitão, Bernardino de Sousa, tomaram posse em Ternate em 1546, antes que Xavier isso esperasse. Bernardino de Sousa era filho de Henrique de Sousa e tinha ido para a Índia em 1537. Em 1545 conquistou a praça forte de Catifa, perto de Ormuz. Em 1546 acompanhou o rei Hairum no regresso a Ternate e aí foi capitão da fortaleza em 1546-1549 e 1550-1552. Foi ele que submeteu Gilolo. Veio a morrer como capitão de Ormuz em 1557 (J.C.F. CARDOSO, *Memórias Hist. Geneal. dos Duques Portugueses,* Lisboa 1883: 185; SCHURHAMMER, *Quellen* 1512, 1550, 1650, 1718, 2013, 2104, 2149, 2299, 2938, 3986, 4663-4664, 4680, 4746, 6032, 6117; REBELLO, *Informação* 244-287).

ro em Deus Nosso Senhor que, nestas partes de Maluco, se hão-de fazer muitos cristãos. Mas, ainda que ele se não faça cristão, crede que, com a vossa vinda, Deus Nosso Senhor há-de ser muito servido nestas partes.

Os dois, que para estas partes vierdes, trareis, cada um de vós, todo o guizamento necessário para dizerdes Missa. Os cálices sejam de cobre, porque é metal mais seguro que a prata, para os que andamos entre gente não santa. Porque confio em vós como em pessoas da Companhia, [e sei] que fareis o que tanto por amor de Deus Nosso Senhor vos rogo e [que] para maior merecimento por obediência vos mando, não digo mais senão que, com muito prazer, aguardo por vós. Prazerá a Deus que será para muito serviço seu e consolação das nossas almas.

4. *Micer* Paulo, Irmão, o que muitas vezes vos tenho rogado[12] pelo amor de Deus Nosso Senhor, assim em presença como por cartas, outra vez vos torno a rogar, tanto quanto posso: que procureis em tudo fazer a vontade aos que têm cargo da governação desse santo colégio; porque se eu aí me achasse em vosso lugar, em coisa nenhuma tanto trabalharia como em obedecer aos que regem essa santa casa. E crede-me, Irmão meu *Micer* Paulo, que é coisa muito segura, para continuadamente acertar, desejar sempre ser mandado, sem contradizer ao que [se] vos manda; e, pelo contrário, coisa muito perigosa é fazer homem a sua própria vontade, contra o que lhe mandam: ainda que acerteis fazendo o contrário do que vos mandam, crede-me, Irmão meu *Micer* Paulo, que é maior o erro que o acerto.

Ao Padre Mestre Diogo, em tudo lhe obedecereis e lhe fareis a vontade, por ser ele sempre conforme à vontade de Deus Nosso Senhor. Fazendo isto, que tanto vos rogo, crede que em coisa nenhuma me fareis tanto a vontade.

[12] Xavier-doc. 54,3.

5. Os frades castelhanos da Ordem de Santo Agostinho, que vão para Goa, vos darão novas de mim. Rogo-vos muito que, em tudo o que puderdes, os favoreçais, mostrando-lhes muito amor e caridade, porque eles são pessoas tão religiosas e santas que todo o bom gasalhado merecem[13]. Logo aos nossos Irmãos, que estão no Cabo de Comorim, mandareis esta carta, para que venham a Goa, para [daí] virem no mês de Abril para Maluco, na nau do Rei.

6. Rogo-vos muito, por serviço de Deus Nosso Senhor, Irmãos meus, que trabalheis por trazerdes em vossa companhia algumas pessoas de boa vida, que nos possam ajudar a ensinar a doutrina cristã pelos lugares destas ilhas: ao menos cada um de vós trabalhe por trazer um companheiro. Se não for Padre de Missa, seja algum leigo, que se sinta e tenha por injuriado do mundo, demónio e carne que o têm desonrado diante de Deus e seus santos, e deseje vingar-se deles.

Nosso Senhor nos ajunte em seu santo reino, pela sua infinita misericórdia, o que será com mais prazer e descanso do que nesta vida temos.

De Amboino, a dez de Maio de 1546 anos.
(*Por mão de Xavier*): Vosso mínimo irmão
FRANCISCO

---

[13] Eram quatro: Fr. Jerónimo de Santisteban (Prior) nascido em 1493 e falecido na cidade do México em 1570; Fr. Sebastian de Trasierra (de Reyna), falecido em 1588 em Xacona (México); Fr. Nicolau de Salamanca (de Perea) nascido em 1519 e falecido na cidade do México em 1598; Fr. Alfonso de Alvarado, falecido em Manilla em 1576 (cf. ESCALANTE 205; GASPAR DE SAN AGUSTIN, *Conquista de las islas Philipinas*, Madrid 1698: 39-63; 340-351).

57
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Amboino, 16 de Maio 1546
Original ditado por Xavier em português

SUMÁRIO: 1. A Índia necessita de pregadores que instruam o povo cristão. – 2. A influência dos judeus e mouros nos costumes e mentalidade dos portugueses, torna necessária a Inquisição na Índia. – 3. Recomenda dois capitães que se notabilizaram nas pazes com os espanhóis nas Molucas.

Senhor:

1. Por outra via, escrevi a Vossa Alteza[1] [acerca] da muita necessidade que a Índia tem de pregadores[2], porque, à míngua deles, a nossa santa fé entre os nossos portugueses vai perdendo-se muito. Isto digo, pela muita experiência que tenho, pelas fortalezas por onde ando. É tanta a contratação contínua que temos com os infiéis, é tão pouca a nossa devoção, que mais azinha se trata com eles [de] proveitos temporais, que [de] mistérios de Cristo Nosso Redentor e Salvador. As mulheres dos casados[3], naturais da terra, e os filhos

---

[1] Dia 10 de Novembro de 1545. Não se conserva esta carta.

[2] Mais vezes pede Xavier pregadores (cf. Xavier-doc. 61,10; 63, 1.3.6). E também outros os pedem: o cabido da Sé de Goa em 1547; Cosme Anes em 1548; Fr. Vicente de Lagos OFM em 1549; o Vigário geral Pedro Fernandes em 1549 e Fr. Vicente de Laguna OP em 1550 (SCHURHAMMER, *Quellen* 3440, 4105, 4123, 4327, 128).

[3] Os portugueses na Índia distinguiam-se entre *casados* e *soldados.* Não era permitido às mulheres portuguesas, a não ser em raríssimas excepções, emigrar para a Índia, como desde 1524 tinha sido rigorosamente proibido pelo Vice-rei sob severíssimas penas (CORREA, *Lendas da Índia* II 819-820). Já Albuquerque favorecia casamentos de portugueses com mulheres indígenas, a ponto de em 1512 haver já

e filhas mestiços, contentam-se com dizer que são portugueses de geração e não da lei: a causa é a míngua que há aqui de pregadores, que ensinem a lei de Cristo.

2. A segunda necessidade que a Índia tem, para serem bons cristãos os que nela vivem, é que mande Vossa Alteza a santa Inquisição[4], porque há muitos que vivem a lei moisaica e a seita mourisca, sem nenhum temor de Deus nem vergonha do mundo[5]. E, porque estes são muitos e espalhados por todas as fortalezas, é necessária a santa Inquisição e muitos pregadores: proveja Vossa Alteza seus leais e fiéis vassalos da Índia de coisas tão necessárias.

3. Com Fernão de Sousa, capitão-mor duma armada que veio da Índia a Maluco em socorro da fortaleza, por causa dos castelhanos que vieram da Nova Espanha, vieram três capitães, leais e fiéis vassalos de Vossa Alteza. Destes, mataram um os mouros de Yeilolo[6], duma bombarda, chamado por nome João Galvão[7]. Dois outros,

---

200 casados em Goa, 100 em Cochim, e 100 em Cananor. Em 1529, subiam já a 800 em Goa (*Cartas de Albuquerque* I 63; SCHURHAMMER, *Quellen* 124) e 60 em Malaca em 1537 (SCHURAMMER, *ib*. 208).

[4] Claramente Xavier acha necessária a *Inquisição* nos meios em que vivem portugueses, já de costumes e fé *cristãos*. Noutra carta (Xavier-doc. 50,8) pede-a também para proteger os *cristãos* recém-convertidos dos abusos de maus portugueses. De maneira nenhuma, portanto, a pede para forçar judeus ou mouros a converter-se à fé.

[5] Xavier refere-se aos «cristãos novos», isto é, aos descendentes daqueles judeus e mouros que forem baptizados em Portugal no tempo de D. Manuel I e na Índia abandonaram a fé e se tornaram estranhos perigosos não só para a religião mas também para o governo. Por isso mesmo, a Inquisição acabou por ser instituída na Índia em 1560, já depois da morte de Xavier (JORDÃO DE FREITAS, *A Inquisição de Goa. Subsídios para a sua história*, in: *Archivo Histórico Portuguez* 5(1907)216-227; A. BAIÃO, *A Inquisição de Goa*, Coimbra 1930).

[6] Gilolo (*Djailolo*), reino de maometanos no litoral noroeste da ilha Halmaheira, cuja capital, fortemente defendida, foi assediada pelos portugueses durante três meses e finalmente por eles conquistada a 20 de Março de 1551. Desfeito assim este reino, nunca mais pôde restabelecer-se.

[7] João Galvão, filho de Pedro Galvão, *escudeiro*, partiu para a Índia em 1531, onde se notabilizou como bravo cavaleiro. Em Agosto de 1545 partiu de Malaca

por nomes chamados Manuel de Mesquita[8] e Leonel de Lima[9], serviram muito a Vossa Alteza em ajudar a libertar a opressão em que estava a fortaleza de Vossa Alteza de Maluco, gastando o seu e o de seus amigos em dar de comer a pobres *lascarins*[10] e agasalhando os castelhanos que da Nova Espanha vieram, provendo-os de vestir e de comer, mais como a próximos que como inimigos. Estes capitães de Vossa Alteza, como são mais cavaleiros que *chatis*[11] ou mercadores, não se souberam aproveitar, para ajuda de seus gastos, do fruto do cravo que Deus nesta terra dá. Esperam o galardão dos seus serviços, de Deus primeiramente e, depois, de Vossa Alteza, pois têm tão bem servido nesta trabalhosa viagem de Maluco, com tanto perigo de suas almas e vidas.

Lembre-se, Vossa Alteza, de Manuel de Mesquita, que vai numa *nau* com muitos castelhanos e portugueses, a quem dá de comer à

---

para Ternate, na armada de Fernando de Sousa de Távora, à frente duma *fusta*, a *Nª Srª da Vitória*. De Ternate, seguiram a 23 de Novembro para Gilolo onde morreu, ao décimo terceiro dia de assédio, atingido por uma bombarda (REBELLO, *Informação* 231 235; ESCALANTE, *Relación* 195-196; COUTO, *Da Asia* 5,10,10; 6,1,4-5; EMMENTA *da Casa da Índia* 332; SCHURHAMMER, *Quellen* 1660).

[8] Manuel de Mesquita, morador da casa real, partiu para a Índia em 1540. Em 1544 esteve em Diu ao serviço do Rei e, em 1545, tomou parte na expedição de Sousa de Távora que foi desalojar os espanhóis das Molucas. Em 1547 foi nomeado capitão da guarnição de Goa e, em 1553, da de Chaul, cargo este último que parece não ter chegado a desempenhar (EMMENTA 372; COUTO, *Da Ásia* 5,10,9; SCHURHAMMER , *Quellen* 1322 1619 1660 3046 3065 3453 3484).

[9] Leonel de Lima, nascido em Alcochete em 1516, filho de Fernando Boto, partiu para a Índia em 1538, onde permaneceu por dez anos ao serviço do Rei: primeiro, três anos nas Molucas, onde libertou Banda de um cerco; depois como comandante de navio na armada de Sousa de Távora. Em 1548 regressou a Portugal, onde entrou na Companhia de Jesus em 1550. Promovido ao sacerdócio em 1564, veio a morrer em Bragança onde fundara e fora primeiro reitor do colégio dos jesuítas (F. RODRIGUES, *Hist*. I/1,450-451; EMMENTA 369; SCHURHAMMER, *Quellen* 1508, 1619, 1660, 2517, 2703, 3159, 3484, 4532).

[10] Lascarins: soldados indígenas, tropas auxiliares dos portugueses no Oriente.

[11] Chatim (*Chetti*): mercador (DALGADO, *Glossário* I 265-267).

sua custa e, assim, leva a sua *fusta,* em que veio, a carga para quem dá de comer. Leonel de Lima leva também muito gasto. Lembre-se Vossa Alteza deles, para lhes fazer mercê, pois bem lha merecem.

Deus Nosso Senhor acrescente o estado e vida de Vossa Alteza por muitos anos, para muito serviço de Deus e acrescentamento da nossa santa fé.

De Amboino, a dezasseis de Maio, ano de 1546
(*Por mão de Xavier*): Servo inútil de Vossa Alteza
FRANCISCO

58
EXPLICAÇÃO DO SÍMBOLO DA FÉ (CREDO)[1]

Ternate, Agosto-Setembro de 1546
Cópia em português, feita em 1553

Folgai, cristãos, de ouvir e saber como Deus, criando,
fez todas as coisas para serviço dos homens.

1. Primeiramente, criou os céus e a terra, os anjos, o sol, a lua, as estrelas, o dia com a noite, as ervas, os frutos, aves e alimárias que vivem na terra, o mar e os rios, os peixes que vivem nas águas; e, acabadas de criar todas as coisas, por derradeiro criou o homem à sua imagem e semelhança.

O primeiro homem que Deus criou foi Adão, e a primeira mulher Eva. Depois que Deus criou Adão e Eva, no paraíso terreal, os bendisse e casou e lhes mandou que fizessem filhos e povoassem a terra de gente. De Adão e Eva viemos, todas as gentes do mundo.

E pois Deus a Adão não deu mais de uma mulher, claro está que, contra Deus, os moiros e gentios e os maus cristãos têm muitas mulheres; e também é verdade que os que estão amancebados vivem contra Deus, pois casou Deus primeiro Adão e Eva que lhes mandasse que crescessem e [se] multiplicassem, fazendo filhos de bênção[2].

---

[1] Ensinava-se cantando, ao gosto das crianças. Cf. SCHURHAMMER, *Epp. Xav.* I 352-354, onde nos fala da catequese *ritmica* de S. Francisco Xavier, tão vulgar no seu tempo.

[2] No reino de Ternate, onde Xavier redigiu esta explicação do Credo, viviam portugueses em costumes morais muito influenciados por pagãos e maometanos. Deles escreve Valignano: «De Amboino foi o P. M. Francisco a Maluco… e achou

E assim, os que adoram em pagodes, como fazem os infiéis, e os que crêem em feitiços e sortes e adivinhadores[3] pecam, gravemente, contra Deus, porque adoram e crêem no diabo e o tomam por seu senhor, deixando a Deus que os criou e lhes deu alma e vida e corpo e quanto têm, perdendo, os tristes, por suas idolatrias, o céu, que é lugar das almas, e a glória do paraíso, para o qual foram criados. Mas, os cristãos verdadeiros e leais a seu Deus e Senhor crêem e adoram, de vontade e coração, um só Deus verdadeiro, Criador dos céus e da terra. Bem o mostram quando vão às igrejas e vêem suas imagens que são lembranças dos santos que estão com Deus, em a glória do paraíso: põem, então, os cristãos os joelhos no chão, quando estão nas igrejas, e alevantam as mãos para os céus, onde está o Senhor Deus que é todo o seu bem e consolo, confessando o que diz São Pedro:

Creio em Deus Padre todo-poderoso, criador do céu e da terra.

2. Criou Deus primeiro os anjos nos céus que os homens na terra. São Miguel, principal de todos, e a maior parte dos anjos adoraram logo ao seu Deus, dando-lhe graças e louvores que os criou. Lúcifer, pelo contrário, e com ele muitos anjos, não quiseram adorar ao seu Criador mas, com soberba, disseram: «Assubamos e sejamos semelhantes a Deus que está nos altos céus». E, pelo pecado da soberba, Deus lançou a Lúcifer e aos anjos que eram com ele, dos céus ao inferno.

Lúcifer, com inveja de Adão e de Eva, primeiros homens que em graça Deus criou, os atentou de pecado de soberba, no paraíso terreal, aconselhando-os que seriam como Deus, se comessem do

---

os portugueses vivendo em muito peor estado que os de Malaca, porque… se persuadiam ser-lhes lícito ter todas as mancebas que queriam, para não pecar com as casadas» (MX I 74; VALIGNANO, *História* 98).

[3] Isto podia-se dizer em primeiro lugar dos pagãos, mas também dos maometanos e das mulheres indígenas dos portugueses.

fruto que seu Criador lhes defendeu[4]. Adão e Eva, com desejos de serem como Deus, consentiram na tentação: comeram logo do fruto defeso, perdendo a graça na qual foram criados. E, por seus pecados, o Senhor Deus os lançou do paraíso terreal: viveram fora dele, em trabalhos, novecentos anos, fazendo penitência do pecado que fizeram. Foi tão grande o seu pecado, que nem Adão nem filhos dele o podiam satisfazer, nem tornar a ganhar a glória do paraíso, a qual perderam por sua soberba: por quererem ser como Deus. De maneira que as portas dos céus se fecharam, sem poderem lá entrar nem Adão nem filhos dele, pelo pecado que fizeram.

Ó cristãos, que será de nós, coitados?! Se os demónios, por um pecado de soberba, foram lançados dos céus ao inferno, e Adão e Eva, por outro pecado de soberba, do paraíso terreal, como [é que] nós, tristes pecadores, subiremos aos céus, com tantos pecados, sendo clara nossa perdição?[5]

3. São Miguel, nosso amigo verdadeiro, e os anjos que ficaram nos céus, havendo piedade e compaixão de nós outros, pecadores, todos os anjos juntos pediram ao Senhor Deus misericórdia do mal [em] que nos viram pelo pecado de Adão e Eva. Diziam os anjos nos céus: «Ó bom Deus e Senhor piedoso e Pai de todas as gentes! Já, Senhor, é chegado o tempo da salvação das gentes! Abri, Senhor, as portas dos céus aos vossos filhos, pois nasceu, de Santa Ana e Joaquim, aquela Virgem sem pecado de Adão, sobre todas as mulheres santíssima, por nome Maria! A sua virtude e santidade é sem par. De maneira que, em Virgem tão excelente, vós, Senhor, podeis formar, do seu sangue virginal, um corpo humano, assim como, Senhor, formastes o corpo de Adão, pela santa vossa vontade. Em tal corpo,

---

[4] Proibiu.

[5] Neste lugar expõe Xavier interpelações da meditação dos «três pecados», que faz parte dos Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola, que tanta impressão lhe fizeram na sua conversão (cf. S. INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, nn.45-53).

pois sois poderoso, podeis, Senhor, juntamente criar uma alma mais santíssima que todas quantas criastes. Então, no mesmo instante, a segunda Pessoa, Deus Filho, descenderá[6] dos céus, onde está, a encarnar no ventre da Virgem Maria. E, desta Virgem tão excelente, nascerá Jesus Cristo, vosso Filho, Salvador de todo o mundo. Assim, Senhor, se cumprirão as escrituras e promessas que fizestes aos profetas e patriarcas, amigos vossos, que estão no limbo, esperando o vosso Filho, Jesus Cristo, seu Senhor e Redentor»[7].

O alto Deus, soberano e poderoso, movido de piedade e compaixão, vendo nossa miséria grande, mandou ao anjo São Gabriel, dos céus à cidade de Nazaré, onde estava a Virgem Maria, com uma embaixada, que dizia: «Deus te salve, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo, benta és tu, entre as mulheres. O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do altíssimo Deus te alumiará, e o que de ti nascer se chamará Jesus Cristo, Filho de Deus». A Virgem Santa Maria respondeu ao anjo São Gabriel: «Eis aqui a serva do Senhor, seja feita em mim a sua santa vontade». No mesmo instante que a Virgem Santa Maria obedeceu à embaixada que, de parte de Deus Pai, São Gabriel lhe trouxe, Deus formou, no ventre desta Virgem, um corpo humano do seu sangue virginal e, juntamente, criou uma alma no mesmo corpo. A segunda Pessoa, Deus Filho, naquele instante, encarnou no ventre da Virgem Maria, unindo a alma e o corpo tão santíssimos! E do dia em que o Filho de Deus encarnou, até ao dia em que nasceu, nove meses se passaram. Acabado este tempo, Jesus Cristo, Salvador de todo mundo, sendo Deus e homem verdadeiro, nasceu da Virgem Santa Maria!

Santo André confessou isto, dizendo assim:

Creio em Jesus Cristo, Filho de Deus, um só Nosso Senhor.

---

[6] Descerá.

[7] Considerações inspiradas na «Contemplação da Encarnação» nos Exercícios Espirituais inacianos (S. INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, nn.101-109).

E, após ele, logo disse São João:

Creio que Jesus Cristo foi concebido do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria.

4. Em Belém, perto de Jerusalém, nasceu Cristo Nosso Senhor e Redentor! Então, os anjos e a Virgem sua Mãe, com seu esposo São José e os três reis e outros muitos, o adoraram por Senhor. Mas Herodes, como mau, sendo rei em Jerusalém, com cobiça de reinar desejou de o matar. Foi José pelo anjo avisado que fugisse de Belém para o Egipto e levasse a Jesus Cristo e a Virgem, sua Mãe, porque Herodes desejava de matar a Jesus Cristo. Foi para o Egipto São José com Jesus Cristo e sua Mãe, onde esteve até que Herodes de má morte morreu: é que foi tão cruel que, em Belém e por os lugares seus vizinhos, matou todos os meninos que de dois anos para baixo achou, cuidando que Jesus Cristo entre eles mataria. Depois que Herodes faleceu, tornaram à sua terra, à cidade de Nazaré, por mandado do anjo.

Sendo Cristo de doze anos, subiu de Nazaré ao templo de Jerusalém, aonde estavam os doutores da lei, e lhes declarou as escrituras dos profetas e patriarcas, que da vida do Filho de Deus falavam. Todos se espantavam, vendo sua sabedoria. Tornando a Nazaré, esteve ai até à idade de quase perto de trinta anos; e daí partiu para o rio Jordão, onde estava São João Baptista baptizando a muitas gentes. Em este rio baptizou, São João Baptista, a Jesus Cristo. Daí se foi Jesus Cristo ao monte, no qual quarenta dias e quarenta noites não comeu. O demónio, no monte, sem saber que Jesus Cristo era Filho de Deus, o atentou de três pecados: de gula e de cobiça e de vanglória. Em todas as tentações, venceu Cristo ao demónio. E do monte, com vitória, descendeu à Galileia: convertia muitas gentes e, aos demónios, lhes mandava que dos corpos das gentes se saíssem. Os demónios obedeciam ao mandado de Jesus Cristo, saindo dos corpos dos homens onde estavam e, as gentes que isto viam, se espantavam e diziam: «Que é isto a que os demónios lhe obedecem?». Era de ma-

neira que a fama de Jesus Cristo entre as gentes crescia muito, porque viam que os demónios lhe obedeciam. Os homens que ouviam as santas pregações de Jesus Cristo e viam o grande poder que tinha sobre os demónios, começaram logo a crer em Jesus Cristo e lhe traziam os doentes de qualquer enfermidade que tivessem: saravam todos, logo que Jesus Cristo os tocava com suas santas mãos.

Depois, chamou Jesus Cristo os doze apóstolos e os setenta e dois discípulos e os levava em sua companhia, pelas terras onde andava, ensinando os mistérios do reino dos céus: pregava Cristo às gentes, fazendo milagres que provavam ser verdade o que ele pregava, sendo presentes os apóstolos e os discípulos; dava Cristo vista aos cegos, fala aos mudos, ouvir aos surdos, vida aos mortos e sarava os coxos e os mancos. Os apóstolos e os discípulos que isto viam, cada vez mais e mais em Jesus Cristo criam. Deu-lhes Cristo tanta sabedoria e virtude que pregavam às gentes, sendo eles pescadores e não sabendo letras mais daquelas que o Filho de Deus lhes ensinou. Em nome e virtude de Jesus Cristo, faziam milagres os apóstolos: saravam muitas enfermidades e lançavam os demónios dos corpos dos homens em sinal de ser verdade o que pregavam da vinda do Filho de Deus. Era a fama de Jesus Cristo e seus discípulos entre as gentes tanta, que os judeus principais assentaram de o matar, com inveja que dele e de suas obras tinham, porque viam que todos a doutrina de Jesus Cristo seguiam e louvavam. Conhecendo os fariseus que perdiam a honra e crédito que primeiro tinham com os judeus, antes que Jesus Cristo se manifestasse ao mundo, movidos de inveja, foram a Pilatos que então era juiz e, com rogos e com medos e peitas [que tudo acabam], disseram a Pilatos que não era amigo de César, se deixava mais pregar nem fazer milagres a Jesus Cristo, porque se fazia rei dos judeus contra César, pois o povo o amava. Conhecendo Pilatos que os fariseus, com a inveja que de Jesus Cristo tinham, pelas obras e milagres que fazia e pelo amor que lhe o povo tinha, o acusavam e lhe alevantavam falsos testemunhos, consentiu que prendessem a Jesus Cristo, sem nunca saberem que era Filho de Deus, cuidando

que era homem como Isaías, Elias e Jeremias, ou São João Baptista, ou alguns santos homens dos passados.

Depois que os fariseus prenderam a Jesus Cristo, lhe faziam muitas desonras, levando-o de uma casa para a outra, e desprezando-o e fazendo escárnio dele. Com o ódio grande que os fariseus tinham a Cristo, o levaram a casa de Pilatos, onde o acusaram de falsos testemunhos. Por fazer Pilatos a vontade aos judeus, mandou açoitar a Jesus Cristo, [tão] cruelmente, que dos pés até à cabeça todo o seu santo corpo foi ferido; e, assim cruelmente açoitado, Pilatos entregou Jesus Cristo aos judeus para o crucificarem. Antes que o crucificassem, puseram a Cristo na cabeça uma coroa de espinhos e uma cana na mão direita. Os fariseus, por fazerem escárnio de Jesus Cristo, se punham de joelhos diante dele, dizendo: «Deus te salve, Rei dos judeus!». Cuspiam-lhe no rosto, dando-lhe muitas bofetadas e, com a cana que ele levava, o feriam na cabeça. Por derradeiro, no monte Calvário, junto a Jerusalém, os judeus crucificaram a Jesus Cristo! E assim morreu Jesus Cristo, na Cruz, por salvar aos pecadores! De maneira que, a santíssima alma de Jesus Cristo verdadeiramente se apartou do seu corpo precioso, quando na cruz expirou, unida sempre a divindade com a alma santíssima de Jesus Cristo[8], ficando a mesma divindade com o corpo preciosíssimo de Jesus Cristo, na cruz e no sepulcro. Na morte de Jesus Cristo, o sol se escureceu, deixando de dar o seu lume, a terra toda tremeu, as pedras se partiram, dando-se umas com as outras, os sepulcros dos mortos se abriram e muitos corpos dos homens santos ressurgiram e foram à cidade de Jerusalém, onde apareceram a muitos. Os que viram estes sinais, na morte de Jesus Cristo, disseram que, verdadeiramente, Jesus Cristo era Filho de Deus. E por isto ser assim, o apóstolo São Tiago disse:

Creio que Jesus Cristo padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado.

---

[8] Considerações que se fazem com devoção também nos Exercícios Espirituais inacianos (*ib*. nn. 208,7º; 219).

5. Jesus Cristo era Deus, pois era a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Filho eterno; e também era homem verdadeiro, pois era filho da Virgem Maria e tem alma racional e corpo humano. Enquanto era homem, verdadeiramente morreu na cruz, quando foi crucificado, porque a morte não é outra coisa senão apartamento da alma, deixando o corpo em que vive. A santíssima alma de Jesus Cristo foi apartada do corpo, quando na cruz expirou. Então, acabando de expirar, a santíssima alma de Jesus Cristo, sendo unida com a divindade de Deus Filho assim como sempre foi desde o instante que o Senhor Deus a criou, descendeu ao limbo, que é um lugar que está debaixo da terra, onde estavam os santos padres, profetas, patriarcas e outros muitos justos, esperando pelo Filho de Deus que os havia de tirar do limbo e levar ao paraíso. Em todo tempo, começando desde Adão e Eva, houve homens bons e, sendo amigos de Deus e por falarem verdade, repreendiam os maus de seus vícios e pecados, porque ofendiam a seu Deus e Criador. Os maus, sendo servos e cativos do demónio, perseguiam aos bons e amigos de Deus, prendendo-os e desterrando-os e fazendo-lhes muitos males. De maneira que, quando os bons morriam, suas almas iam ao limbo. O limbo se chama inferno, por estar debaixo do chão e não porque nele haja pena de fogos nem tormentos. Mais abaixo do limbo, está um lugar que se chama purgatório. A este purgatório vão as almas daquelas pessoas que, quando morrem, estão em graça, sem pecado mortal; mas, pelos pecados passados, que fizeram em sua vida, dos quais antes da sua morte não fizeram inteira penitência ou pendença, vão a este purgatório, onde há tormentos grandes, para pagarem os males e pecados que fizeram em sua vida. Acabando de pagar a pendença de seus pecados, saindo do purgatório, vão logo ao paraíso. O derradeiro lugar, que está debaixo da terra, se chama inferno infernal, onde há tão grandes tormentos de fogo e misérias que, se os homens cuidassem nele cada dia uma hora, não fariam tantos pecados como fazem: não folgariam de fazer a vontade ao diabo, como fazem, se soubessem os trabalhos do inferno. Lá, está Lúcifer

e todos os demónios que foram lançados do céu e todas as gentes que morreram em pecado mortal. Os que vão a este inferno não têm nenhum remédio de salvação: para sempre dos sempres, sem fim dos fins, hão-de estar nele! Ó irmãos, que é isto, que tão pouco medo temos de ir ao inferno! Se cada dia fazemos maiores pecados, sinal é que temos pouca fé, pois que vivemos como homens que não crêem que há inferno infernal. A Igreja e os santos, que estão no céu com Deus, nunca rogam pelos mortos que estão no inferno, porque estes não têm nenhum remédio para irem ao paraíso. Mas a Igreja e os santos rogam por os mortos que estão no purgatório e pelos vivos que não vão ao inferno.

Jesus Cristo em sexta-feira morreu e a santíssima alma sua, unida sempre com a divindade, descendeu ao limbo e tirou todas quantas almas lá estavam esperando pelo Filho de Deus, Jesus Cristo. Depois, ao terceiro dia, que é ao domingo, ressurgiu dentre os mortos, tornando sua alma santíssima a tomar o mesmo corpo que deixara, quando na cruz morreu. Depois que Jesus Cristo ressurgiu em corpo glorioso, apareceu à Virgem Santa Maria sua Mãe[9] e aos apóstolos e discípulos e aos seus amigos, os quais estavam tristes por sua morte. Com sua ressurreição gloriosa, consolou os tristes desconsolados, perdoando aos pecadores seus pecados; e muitos creram em Jesus Cristo, depois que dentre os mortos o viram ressurgir: que primeiro que morresse e ressurgisse, não quiseram crer. E ser isto assim verdade, São Tomé o afirmou, dizendo:

Creio que Jesus Cristo descendeu aos infernos e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos.

6. Depois que Jesus Cristo ressurgiu, quarenta dias esteve neste mundo, pregando às gentes o que haviam de crer e fazer para irem ao paraíso. Neste tempo, mostrou sua santa ressurreição ser verda-

---

[9] Meditação muito característica dos Exercícios Espirituais inacianos, embora sem fundamento explícito nos Evangelhos, como aí se nota (*ib*. nn. 218-225; 299).

deira aos que duvidavam, em sua morte, que não havia de ressurgir. Nestes quarenta dias, apareceu aos apóstolos e discípulos e a outros seus amigos que duvidavam que ressurgisse, quando o viram morrer no monte Calvário, na cruz. E, nestes quarenta dias, os que na morte e paixão de Jesus Cristo não creram que ao terceiro dia havia de ressurgir, acabaram de crer, sem mais duvidar, que Jesus era Filho de Deus verdadeiro, Salvador de todo o mundo, pois da morte à vida ressurgiu. Ao fim dos quarenta dias, foi Jesus Cristo ao Monte Olivete, donde aos altos céus havia de subir. Com ele ia a Virgem Santa Maria sua mãe e seus apóstolos e outros muitos. Deste monte Olivete subiu Jesus Cristo aos altos dos céus, em corpo e em alma, e levou em sua companhia, à glória do paraíso, todas as almas dos santos Padres que do limbo tirou. As portas dos céus se abriram, quando Jesus Cristo aos altos céus subiu, e os anjos do paraíso vieram acompanhar Jesus Cristo para, com grande glória, o levarem onde estava Deus Pai, donde, para salvar os pecadores, descendera ao ventre da gloriosa Virgem, tomando carne humana para nela pagar nossas dívidas. De maneira que, Jesus Cristo Filho de Deus, pelos pecadores se fez homem e nasceu, morreu, ressurgiu e assubiu aos céus, onde à parte direita de Deus Padre se assentou. Sendo isto assim verdade, São Tiago Menor é que o disse:

Creio que Jesus Cristo subiu aos céus e está assentado à dextra de Deus Pai todo-poderoso.

7. E pois este mundo teve princípio, há-de ter fim. De maneira que há-de acabar. E, assim como Jesus Cristo subiu aos céus, assim, quando o mundo se há-de acabar, dos céus descenderá e dará a cada um o que merece. É certo e é verdade que, todos os que creram em Jesus Cristo e guardaram seus santos mandamentos, serão julgados para irem à glória do paraíso, e os que em Jesus Cristo não quiseram crer, como são os moiros, judeus, gentios, irão ao inferno, sem nenhuma redenção; e [também] os maus cristãos, que não quiseram guardar os dez mandamentos, serão julgados por Jesus Cristo para irem

ao inferno. No fim do mundo, todos os que forem vivos morrerão, porque todo o homem com esta condição nasce: que há-de morrer. Pois Jesus Cristo nosso Redentor pelos pecadores morreu e ressurgiu, todos havemos de morrer e ressurgir; e mesmo os corpos dos homens bons, que no fim do mundo forem vivos, porque não são santos nem gloriosos para que, com eles, possam subir aos céus, por isso é necessário morrerem. Em sua ressurreição, tomarão os mesmos corpos, não sujeitos à paixão, como dantes eram. De maneira que, quando Jesus Cristo do céu descender, no dia do juízo, a julgar os bons e os maus, todos ressurgirão, começando do primeiro até ao derradeiro que morreu. E por ser assim verdade São Filipe disse:

Creio que Jesus Cristo do céu há-de vir julgar os vivos e os mortos.

8. Quando os cristãos nos benzemos, confessamos a verdade acerca da Santíssima Trindade: como é três pessoas, um só Deus trino e uno. Deus Pai, nem é feito, nem criado, nem gerado; o Filho é gerado de Deus Pai, nem é feito nem criado; o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, não criado nem gerado.

Quando nós fazemos o sinal da cruz, mostramos esta ordem de proceder, pondo a mão direita na cabeça, dizendo: «Em nome do Pai», em sinal que Deus Pai não é feito nem gerado; depois, pondo a mão no peito, dizendo: «e do Filho», em sinal que do Pai é gerado o Filho, e não feito nem criado; e depois, pondo a mão em o ombro esquerdo, dizendo: «e do Espírito», e passando depois a mão ao ombro direito, dizendo: «Santo», em sinal que o Espírito Santo procede do Filho e do Pai.

Obrigado é todo o bom cristão a crer firmemente, sem duvidar, em o Espírito Santo, e em suas santas inspirações, que nos defendem de mal fazer e nos movem os corações a guardar os dez mandamentos do Senhor Deus e os da santa madre Igreja universal, e a cumprir as obras da misericórdia corporais e espirituais. E por ser isto verdade, o apóstolo São Bartolomeu é que disse:

Creio no Espírito Santo.

9. Todos os fiéis cristãos somos obrigados a crer, sem duvidar, o que creram de Jesus Cristo os apóstolos e discípulos e mártires e todos os santos, crendo de Jesus Cristo tudo o que é necessário crer para nossa salvação, acerca de sua divindade e humanidade, depois que Jesus Cristo foi Deus e homem verdadeiro.
E também em geral somos obrigados a crer firmemente, sem duvidar, em tudo o que crêem os que regem e governam a Igreja universal de Jesus Cristo, pois pelo Espírito Santo são inspirados e regidos do que hão-de fazer, acerca da governação da Igreja universal e das cousas da nossa santa fé, nas quais não podem errar, porque são regidos pelo Espírito Santo. De maneira que, das escrituras, da nossa lei, de Jesus Cristo, [continuando] pelo demais que somos obrigados a crer, como são santos cânones e concílios[10], que são ordenados da Igreja, feitos pelo Papa e cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos e prelados da Igreja, quando em todas estas cousas crermos, sem duvidar, cremos tudo o que crêem os que regem e governam a Igreja universal de Jesus Cristo e o que nos encomendou o apóstolo e evangelista São Mateus, quando disse:

Creio na santa Igreja católica.

(O que se segue, foi acrescentado ao texto de Xavier, na edição de 1557):

10. E assim cremos, os verdadeiros cristãos, que as boas obras e merecimentos de Jesus Cristo se comunicam e aproveitam a todos os outros cristãos que estão em estado de graça. Da maneira que no corpo natural as obras de um membro aproveitam a todo o corpo, assim é no corpo espiritual [que é a Igreja]. E como da cabeça descende aos membros e se lhe comunica a sua sustentação principalmente, assim de Cristo Nosso Senhor, Unigénito Filho de Deus, que é cabeça de todos os fiéis verdadeiros, se lhes comunica

---

[10] Cf. Regras de *sentido cristão* prático para militantes na Igreja, sobretudo em tempos de contestação como o do protestantismo de então (*ib.* nn. 352-370).

a sustentação espiritual por meio dos sete sacramentos da Igreja, convém a saber: pelo baptismo, pela confirmação [a que chamamos crisma], pelo Santíssimo Sacramento do altar, pelo sacramento da penitência, pela extrema-unção, pelo sacramento das ordens, pelo matrimónio. Porque, a qualquer que toma devidamente cada um destes sacramentos, se concede graça pela qual sua alma vive vida espiritual, a qual lhe mereceu Cristo Nosso Senhor, Unigénito Filho de Deus, pelas santíssimas obras que neste mundo fez, trabalhando e sofrendo injúrias e morte de cruz, por livrar os pecadores do cativeiro do demónio e os tornar a verdadeiro conhecimento de seu Deus, comunicando-lhes seus próprios merecimentos. E não somente os merecimentos do Filho de Deus se comunicam, como da cabeça aos outros membros, mas ainda os dos outros santos são comunicados a todos os fiéis que estão em graça, como os bens de um membro do corpo se comunicam aos outros membros do mesmo corpo.

Mais confessam e crêem os cristãos: que Deus Nosso Senhor tem poder para perdoar os pecados, pelos quais os pecadores se apartam dele e perdem a graça que lhes tinha dantes comunicada; e que este poder deu e comunicou aos sacerdotes da Igreja católica, pela qual comunicação eles agora têm poder de absolver dos pecados aos que acham dignos de serem absoltos diante de Deus. E portanto lhes é necessário disporem-se de maneira – fazendo o que são obrigados para saúde de sua alma – que o sacerdote os julgue [conforme ao que Deus manda] por dignos de serem absoltos. Feita esta diligência, e confessando-se em os tempos que são obrigados, e sendo absoltos pelo sacerdote, tornam à graça de Deus e lhes são perdoados seus pecados. E isto é o que disse S. Mateus:

Creio o ajuntamento dos santos e a remissão dos pecados.

11. E porque é coisa justa crer da bondade de Nosso Senhor e de sua infinita misericórdia, que não deixará sem galardão aos que o servem nesta vida, nem sem castigo aos que o ofendem e quebrantam seus preceitos, cremos a ressurreição da carne, que quer dizer:

que havemos todos de ressurgir em corpo os mesmos que agora somos, depois de passarmos pela morte temporal, a que todos somos obrigados. [Isto] para que Nosso Senhor, conforme a sua justiça, então dê para sempre o galardão aos corpos que neste mundo por seu amor padeceram trabalhos e perseguições e foram afligidos por não consentirem em pecados; e pois eles foram participantes nos trabalhos com as almas, que também o sejam na glória e no repouso. Pelo contrário, para que os corpos dos maus, que nesta vida quiseram fazer mais a sua vontade e cumprir seus apetites que guardar a lei de Deus Nosso Senhor, sejam eternalmente castigados em os infernos, pois ofenderam ao Senhor Deus eterno. A qual ressurreição se há-de fazer no dia do Juízo final, quando todos os que nasceram nesta vida se hão-de alevantar em corpo e alma: os maus para serem lançados no inferno por seus pecados, e os bons para a glória do paraíso com Deus Nosso Senhor. E isto é o que disse S. Tadeu:

Creio a ressurreição da carne.

12. E como a nossa alma seja semelhante a Deus todo-poderoso e eterno, enquanto é espiritual, e em as potências que o mesmo Deus lhe deu, convém a saber: vontade, entendimento, memória; e [como] o desejo dos homens seja durarem sempre, é conveniente que a uma criatura tão excelente, como é o homem, se cumpra este apetite. E assim cremos todos os cristãos que se há-de cumprir. Portanto cremos a vida eterna, a qual confessamos que nunca há-de ter fim, nem antes nem depois da ressurreição da carne onde a alma, que nunca morre, há-de tornar a tomar seu corpo: viverá juntamente com ele, como agora estão unidos, e por muito melhor maneira, eternalmente com Deus; e se gozará nos céus, juntamente com os anjos, da presença de seu Criador e Senhor e de todos os bens celestiais; os quais são tão grandes que, por muito que neles nesta vida se cuide e imagine, não se pode alcançar nem entender sua grandeza. Ali estão os santos descansados sem contradição alguma; ali lhes não falta coisa das que se podem desejar; ali se não acha nem pode achar

nem desejar mal algum; nem faltou nem faltará nunca todo o bem, do qual gozarão os bem-aventurados eternalmente. E isto é o que disse S. Matias:

Creio a vida eterna.

59
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM ROMA

Cochim, 20 de Janeiro 1548
Duma cópia em castelhano de 1548

SUMÁRIO: 1. Visita à ilha de Amboino, onde encontrou sete lugares de cristãos. – 2. Trabalhos sacerdotais com marinheiros portugueses e espanhóis entretanto chegados e em negociações de paz na ilha. Partida para a ilha de Ternate. – 3. Actividades com portugueses e cristãos nativos em Ternate. – 4. Partida para as perigosas ilhas de Moro, onde os cristãos ficaram sem missionários. Descrição da região e das gentes. – 5. Barbaridades da tribo dos tavaros. Vulcões, terramotos e maremotos. – 6. Efeitos da cinza dos vulcões. – 7. Segunda demora em Ternate. – 8. Regresso a Malaca com despedidas muito sentidas. – 9. Organização pastoral que recomenda ao vigário que fica. – 10-11. Amizade do rei local e maus costumes que o impedem de se converter. – 12. Em Malaca, dá instruções missionárias a três jesuítas recém-chegados e envia-os para as Molucas. – 13-14. Intenso trabalho pastoral em Malaca antes de seguir para a Índia e desejo do povo que funde ali casa da Companhia de Jesus. – 15-16. Informações esperançosas sobre o Japão e encontro com o primeiro japonês que lhe apresentaram os marinheiros portugueses. – 18-19. Um mercador português prepara-lhe, por escrito, um relatório apurado sobre o Japão. – 20-21. A caminho da Índia, passa por uma das maiores tempestades da vida. Reacção espiritual que lhe provoca. – 22. Amor transbordante pela Companhia de Jesus. – 23. As grandes demoras do correio entre o Oriente e a Europa.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Caríssimos Padres e Irmãos em Cristo Jesus. No ano de 1546 vos escrevi largamente[1], das ilhas de Amboino, que estão a 60 léguas da cidade de Maluco[2]. Esta cidade de Maluco, onde o Rei de Por-

---

[1] Xavier-doc. 55.

[2] Ternate, fortaleza central dos portugueses na região.

tugal tem uma fortaleza, está povoada de portugueses[3]. Senhoreiam [lá] os portugueses todas as ilhas que dão cravo: não outras ilhas que dão cravo, senão estas de Maluco[4]. Três meses estive nas ilhas de Amboino[5], onde achei sete lugares de cristãos. O tempo que aí estive, ocupei-me em baptizar muitas crianças, que estavam por baptizar por falta de Padres[6]. É que um, que tinha cargo deles, morrera havia já muitos dias.

2. Em acabando de visitar estes lugares, e de baptizar os meninos que estavam por baptizar, chegaram a estas ilhas de Amboino sete navios de portugueses e, entre eles, alguns castelhanos que vieram das Índias do Imperador[7] a descobrir novas terras[8]. Estiveram em Amboino, toda esta gente, três meses[9]. Neste tempo, tive muitas ocupações espirituais: em pregar aos domingos e festas, em confissões contínuas, em [re]fazer amizades e visitar os doentes[10]. Eram

---

[3] Em 1543, na cidade e redondezas, havia 123 portugueses que, com suas mulheres, filhos, escravos e empregados perfaziam 1.600 pessoas (SCHURHAMMER, *Quellen* 1158). Em 1547, havia lá 60 *casados* e 60 *lascarins* (tropas indígenas auxiliares dos portugueses) (*ib*. 3484).

[4] «As ilhas do Cravo são cinco, o que se deve entender falando sumariamente, porque fazemos Bachão uma, sendo na verdade muitas… também não é de crer que só nestas cinco há cravo, por o haver em alguns lugares da Batochina, Irez, Meitara, Pulo Cavali e em muitas partes de Amboino» (REBELLO, *Informação* 173).

[5] Desde 14 de Fevereiro (Xavier-doc. 56,1) até ao mês de Junho (Xavier-doc. 55,3.11; 56,1; cf. VALIGNANO, *Hist*. 74).

[6] Se supomos que os cristãos estiveram cinco anos sem sacerdotes, deduz-se que Xavier deve ter encontrado por baptizar, em Amboino, cerca de 1.200 crianças abaixo dos 5 anos, pois havia ali então uns 8.000-8.500 cristãos.

[7] México, ou Nova Espanha.

[8] Na instrução de 8 de Outubro de 1542, o fim da expedição de Villalobos era descobrir e ocupar o Mar do Sul e as Ilhas do Ocidente e estabelecer colónias. Nada disto se fez (SCHURHAMMER, *Quellen* 1001).

[9] Desde 9 de Março até 17 de Maio (ESCALANTE, *Relación* 197).

[10] Do que fez Xavier nestes dias, deram testemunho Palha, Dias Pereira, Soveral da Fonseca (MX II 198-199; 385; 389-390) e Fausto Rodrigues (SCHURHAMMER, *Quellen* 6191). Na armada espanhola vinham quatro Padres agostinhos e

de maneira, as ocupações, que não esperava achar tantos frutos de paz, estando entre gente não santa e de guerra. É que, a poder estar em sete lugares, em todos eles acharia ocupações espirituais. Louvado seja Deus para sempre jamais, pois comunica tanto a sua paz às pessoas que fazem quase profissão de não querer paz com Deus nem menos com os próximos.

Passados estes três meses, partiram estes sete navios para a Índia do Rei de Portugal[11] e eu parti para a cidade de Maluco[12], onde estive três meses[13]. Neste tempo, ocupei-me nesta cidade em pregar aos domingos e festas todas e [em] confessar continuadamente; todos os dias ensinava, aos meninos e cristãos novamente convertidos à nossa fé, a doutrina cristã[14]; e todos os domingos e festas, depois de comer [almoço][15], pregava, aos novamente convertidos à nossa fé, o Credo: em cada dia de festa um artigo da fé. De maneira que, todos os dias de guarda, fazia duas pregações: uma, na Missa, aos portugueses e outra, aos novamente convertidos[16], depois de almoçar.

---

quatro sacerdotes diocesanos: Cosme de Torres, Juan Diaz, Martin e o comendador Laso (ESCALANTE, *Relación* 205). Cosme de Torres e Juan Diaz, impressionados com o exemplo de Xavier, entraram na Companhia de Jesus (*Doc. Indica* I 479-476).

[11] Os sete navios (em rigor, oito) partiram para Malaca a caminho de Cochim no dia 17 de Maio, dois meses e oito dias depois de terem chegado a Amboino, e três meses depois de Xavier ali ter chegado.

[12] Cerca de 13 de Junho partiu Xavier de Amboino para Ternate, aonde chegou em Julho, segundo Valignano (MX I 74; VALIGNANO, *Hist.* 98), numa *coracora* indígena, barco à vela e a remos (MX II 423).

[13] De pricípios de Julho até princípios ou meados de Setembro, «cerca de dois meses» segundo cálculos de Valignano (MX I 74), durante os quais compôs a Explicação do Credo (Xavier-doc. 58).

[14] O Catecismo breve (Xavier-doc. 14), ou antes, a sua tradução em *malaio.*

[15] O almoço: os espanhóis chamam «*la comida*», ao almoço.

[16] Os neo-cristãos que Xavier encontrou em Ternate, uns eram mesmo de Ternate (SCHURHAMMER, *Quellen* 1158), outros da ilha da Celebes, que viviam em Ternate (REBELLO, *Informação* 188), outros empregados dos portugueses, oriundos de várias regiões. Em 1538, Francisco de Castro trouxe muitas crianças

3. Era para dar graças a Nosso Senhor o fruto que Deus fazia em imprimir nos corações de suas criaturas, em gente novamente convertida à sua fé, cantares de seu louvor e glória. Era de maneira que, em Maluco, pelas praças, os meninos e, nas casas de dia e de noite, as meninas e mulheres e, nos campos, os lavradores e, no mar, os pescadores, em lugar de vãs canções, cantavam santos cantares, como o Credo, Pai-Nosso, Ave-Maria, Mandamentos, Obras de misericórdia e a Confissão geral e outras muitas orações. Todas em linguagem[17] [indígena]. De maneira que todos as entendiam, assim os novamente convertidos à nossa fé, como os que não o eram. Quis Deus Nosso Senhor que, nos portugueses desta cidade e na gente natural da terra, assim cristãos como infiéis, em pouco tempo [eu] *achasse graça diante de seus olhos*[18].

4. Passados os três meses, parti desta cidade de Maluco para umas ilhas, que estão a 60 léguas de Maluco, que se chamam as ilhas do Moro[19]. É que nelas havia muitos lugares de cristãos[20] e eram passados muitos dias que não eram visitados[21], assim por estarem muito

---

de Mindanau (Filipinas) para Ternate, as quais o capitão Galvão teve o cuidado de mandar educar na fé cristã (CASTANHEDA, 8,200). Também com mulheres de Mindanau estavam casados alguns portugueses (SCHURHAMMER, *ib*. 1103).

[17] A palavra linguagem, tanto pode significar a língua portuguesa como a indígena.

[18] Est. 7, 3.

[19] As *ilhas de Moro* compreendiam o litoral noroeste da ilha de Halmaheira, desde Tolo até Bissoam (Morotia, hoje distrito de Galela) e as ilhas Morotai e Rau (Morotai).

[20] Podem ver-se os nomes de 28 aldeias cristãs das ilhas de Moro em SCHURHAMMER, *Quellen* 6183 e em SOUSA, *Oriente conquistado* 2,3,1,31. Em 1553 calculava A. de Castro que havia uns 35.000 cristãos, dos que em 1550-51 tinham sido baptizados em massa em 29 aldeias daquelas ilhas: 8 em Morotia, 18 em Morotai e 3 em Rau (SCHURHAMMER, *Quellen* 6006).

[21] No tempo do capitão Jorge de Castro (1539-1544) foram baptizados os últimos cristãos morenses (REBELLO, *Informação* 193). O mesmo capitão, em 1543-44, para proteger os cristãos e os interesses de Portugal contra o rei de Gilolo e os espanhóis seus aliados, enviou tropas contra Moro (*ib*. 221-225; SCHURHAM-

apartados da Índia como por haverem morto, os naturais da terra, um Padre que lá foi[22]. Naquelas ilhas baptizei muitas crianças que achei por baptizar. Estive nelas três meses[23]. Visitei neste tempo todos os lugares de cristãos. Consolei-me muito com eles e comigo.

Estas ilhas são muito perigosas, por causa das muitas guerras [que há entre eles]. É gente bárbara, carecem de escrituras, não sabem ler nem escrever. É gente que dá muita peçonha aos que mal querem e, desta maneira, matam a muitos. É terra muito fragosa: todas [as ilhas] são serras e muito trabalhosas de andar. Carecem de mantimentos corporais. Trigo, vinho de uvas[24], não sabem que coisa são. Carnes nem gados nenhuns há, a não ser alguns porcos, por grande maravilha. Porcos monteses há muitos. Muitos lugares carecem de águas boas para beber. Há arroz em abundância, e muitas árvores, que se chamam sagueiros, que dão pão e vinho[25], e outras árvores de cuja casca [se] fazem vestidos com que todos se vestem[26]. Esta conta vos dou, para que saibais quão abundosas ilhas são estas de consolações espirituais. É que todos estes perigos e trabalhos, voluntariosamente tomados só por amor e serviço de Deus Nosso Senhor,

---

MER, *Quellen* 1170-71, 1175, 1177, 1181, 1191). O mesmo fez Freitas, com tanta infelicidade que, de 4.000 cristãos, 1.000 pereceram (SCHURHAMMER, *ib*. 2938; cf. 4051). «Careceram de doutrina até os visitar o Padre Mestre Francisco» (REBELLO, *ib*. 194). Os cristãos baptizados em Sugala em 1534, renegaram da fé em 1535 (CASTANHEDA 8,115; REBELLO 221, 224; Xavier-doc. 82,4).

[22] Simão Vaz, morto em 1535 na aldeia Tjawo, no litoral sudoeste da ilha Morotai (SCHURHAMMER, *Quellen* 188; CASTANHEDA 8,115).

[23] Desde 13 de Setembro a 13 de Dezembro de 1546. As aldeias cristãs ficavam todas no litoral e podia deslocar-se dumas para outras nos pequenos barcos à vela e a remos (*coracoras*).

[24] Lembra, sobretudo, o que faz falta para celebrar Missa.

[25] Cf. REBELLO, Informação 169-170. Os antigos missionários chamavam a estas ilhas o celeiro de Ternate.

[26] A única veste de homens e mulheres (como ainda hoje é frequente na ilha de Seran) era uma faixa à cintura feita de casca de árvores (*tjidako*) (cf. REBELLO, Informação 171, 176).

são tesouros abundosos de grandes consolações espirituais. Em tanta maneira, que são ilhas muito dispostas e aparelhadas para um homem, em poucos anos, perder a vista dos olhos corporais com a abundância de lágrimas consolativas. Nunca me recordo haver tido tantas e tão contínuas consolações espirituais, como nestas ilhas, com tão pouco sentimento de trabalhos corporais. Andar continuadamente em ilhas cercadas de inimigos e povoadas de amigos não muito fixes, e em terras que de todos os remédios para enfermidades corporais carecem e de quase todas as ajudas de causas segundas para conservação da vida, melhor é chamar-lhes ilhas de esperar em Deus, que não ilhas de Moro.

5. Há, nestas ilhas, uma gente que se chama os *tavaros*[27]. São gentios. Põem toda a sua felicidade em matar os que podem. Dizem que, muitas vezes, matam os seus filhos ou mulheres quando não acham quem matar. Estes matam muitos cristãos[28].

Uma ilha destas quase sempre treme[29]. A causa é porque nesta mesma ilha há uma serra que continuamente deita fogo de si e muita cinza[30]. Dizem, os da terra, que o grande fogo que debaixo está, queima as serras de pedra que estão debaixo de terra. Isto parece ser verdade, porque muitas vezes acontece sairem em fogos pedras tão grandes

---

[27] A tribu *Tabaru*, como eles se chamam, é gente pagã que vive na costa noroeste da ilha Halmaheira, nos distritos de Ibu e Sidangoli. Em 1891 era ainda de uns 7.000 habitantes. Dependia dos maometanos de Gilolo que a usavam nas guerras contra os cristãos (cf. REBELLO, Informação 253; CASTANHEDA 6,68; 8,113).

[28] Nos anos de 1539 a 1551, os maometanos de Gilolo aliaram-se aos *tabaru* para fazer guerra aos cristãos das ilhas de Moro (CASTANHEDA 9,23; 8,384; REBELLO 193-194; SCHURHAMMER, Quellen 6117).

[29] A ilha Morotia (Halmaheira), como se deduz do que se segue.

[30] Do monte Tolo, que deita fogo, diz Rebello: «No mais alto dele, meia légua de vista, está uma cova de que sai continuamente grande quantidade de fumo, e como o Tolo é mais longe e se lhe antepõe o seu outeiro, vê-se dele menos o fumo e fogo» (REBELLO, *Informação* 198) e o fumo «é sempre igual», «não tem as desordens do de Ternate» (id. *História*, 86r-v).

como grandíssimas árvores. Quando faz grande vento, deitam os ventos daquela serra tanta cinza para baixo, que os homens e mulheres que estão trabalhando nos campos, quando vêm a suas casas, vêm todos cheios de cinza: não lhes aparecem senão os olhos e narizes e boca. Parecem mais demónios que homens. Isto me disseram os naturais da terra, porque eu não o vi. No tempo que lá estive, não foram estas tormentas de vento. Mais me disseram: que quando aqueles ventos reinam, a muita cinza que os ventos consigo trazem, cega e mata muitos porcos monteses, porque passados os ventos os acham mortos.

6. Também me disseram os da terra que, quando estes tempos cursam, acham à beira mar muitos pescados mortos e que isto o causava a muita cinza que os ventos trazem daquela serra: que os pescados que bebiam água misturada com tal cinza morriam. Quando eles me perguntavam que era aquilo, lhes dizia que era um inferno, para onde iam todos os que adoravam ídolos. Era o tremor da terra tão grande, que um dia de S. Miguel[31], estando [eu] na igreja a dizer Missa, tremeu tanto a terra que tive medo que caísse o altar[32]. Talvez[33] S. Miguel, por virtude divina, aos demónios daquelas partes que impediam o serviço de Deus, os punia e mandava que se fossem para o inferno.

7. Depois de haver visitado todos os lugares de cristãos destas ilhas, tornei outra vez para Maluco[34], onde estive outros três meses[35]. Pregava duas vezes todos os domingos e festas: uma, pela manhã, aos portugueses; e outra, depois de almoçar, aos cristãos da terra.

---

[31] 29 de Setembro. Xavier estava provavelmente na cidade de Tolo ou na aldeia de Mamuja, ambas no sopé do monte Tolo. O chefe (*sengadji*) da aldeia de Mamuja, D. João de Mamuja, tinha sido um dos primeiros a receber o baptismo em 1533 e lutar pelos cristãos de Moro (SCHURHAMMER, *Quellen* 163, 207, 4051; cf. 2938; REBELLO, *Informação* 221; CASTANHEDA 8,91, 116).

[32] Os templos da região eram ordinariamente de madeira; muitas vezes os templos pagãos eram transformados em igrejas (CASTANHEDA 8,91).

[33] *Forte*, em latim, que significa «talvez».

[34] Regressou a Ternate em Dezembro (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 4380).

[35] De Dezembro até à Páscoa de 1547, 10 de Abril. Ao chegar a Ternate, Xavier encontrou o capitão Freitas e a procuradora do reino, Niachile Pokaraga,

Confessava continuadamente pela manhã e pela tarde e, ao meio--dia, ensinava todos os dias a doutrina cristã. Depois da doutrina cristã acabada, nos domingos e festas, pregava aos cristãos da terra os artigos da fé, guardando esta ordem: que em cada festa explicava um artigo da fé, repreendendo-os muito das idolatrias passadas. Nestes três meses, que estive em Maluco desta segunda vez, pregava às quartas e sextas às mulheres dos portugueses somente, as quais eram naturais da terra. Pregava-lhes sobre os artigos da fé e mandamentos e sacramentos da confissão e comunhão, porque neste tempo era Quaresma[36]. E assim, pela Páscoa[37], muitas comungavam que antes não comungavam.

Com a ajuda de Deus Nosso Senhor, nestes seis meses que estive em Maluco, se fez muito fruto, assim nos portugueses e suas mulheres, filhos e filhas, como nos cristãos da terra.

8. Acabada a Quaresma, com muito amor de todos, assim dos cristãos como dos infiéis, parti de Maluco para Malaca. Pelo mar não me faltaram ocupações. Numas ilhas[38] em que achei quatro navios[39], estive com eles [os marinheiros] em terra alguns 15 ou 20 dias, onde lhes preguei três vezes, confessei a muitos e fiz muitas pazes[40]. Quando parti de Maluco, para evitar choros e prantos dos meus devotos, amigos e amigas na despedida, embarquei quase à meia-noite. Isto não me bastou para os poder evitar, porque não me

---

depostos dos seus cargos e, em seu lugar, Bernardino de Sousa e o rei Hairun, que tinham chegado ali a 18 de Outubro de 1546, na nau *Bufara* (REBELLO, *Informação* 240-242).

[36] Desde 23 de Fevereiro até 9 de Abril.

[37] 10 de Abril.

[38] Nas de Amboino.

[39] A nau *Bufara*, que tinha saído de Ternate a 16 de Fevereiro de 1547 com Jordão de Freitas prisioneiro, uma embarcação de Bando (Kwanto) às odens de Garcia de Sousa e outras duas (SCHURHAMMER, *Quellen* 3576; MX II 176 193 191).

[40] Cf. MX II 176.

podia esconder deles. De maneira que a noite e o apartamento de meus amigos e filhas espirituais me ajudaram a sentir alguma falta que, porventura, a minha ausência lhes poderia fazer para a salvação das suas almas.

9. Deixei ordenado, antes que de Maluco partisse, que todos os dias se continuasse a doutrina cristã numa igreja, e uma Explicação breve que fiz sobre os artigos da fé[41] se continuasse e a aprendessem, em lugar das orações, os novamente convertidos à nossa fé. Um Padre clérigo, devoto e amigo meu[42], ficou que na minha ausência os ensinaria, todos os dias duas horas e, um dia na semana, pregaria às mulheres dos portugueses sobre os artigos da fé e sacramentos da confissão e comunhão.

Também no tempo em que estive em Maluco, ordenei que todas as noites, pelas praças, se encomendassem as almas do purgatório e, depois, todos aqueles que vivem em pecado mortal. Isto causava muita devoção e perseverança nos bons e temor e espanto nos maus. E assim, elegeram os da cidade um homem que, vestido em hábitos da Misericórdia[43], todas as noites, com uma lanterna numa das mãos e uma campainha na outra, andasse pelas praças e, de quando em quando, parasse encomendando com grandes vozes as almas dos fiéis cristãos que estão no purgatório e, depois, pela mesma ordem, as almas de todos aqueles que perseveram em pecados mortais sem querer sair deles[44], dos quais se pode dizer: *«Risquem-se do livro dos vivos e com os justos não se inscrevam»*[45].

---

[41] Xavier-doc. 58.

[42] Pela época a que se refere, o vigário de Ternate era Rodrigo Vaz (REBELLO, *Informação* 228-229; SCHURHAMMER, *Quellen* 3576) a quem assistia um beneficiado.

[43] Confraria da Misericórdia.

[44] Semelhante costume introduziu Inácio de Loyola em Azpeitia em 1535 (MI *Epp*. I 163; *Fontes narrativi* I 104). O hábito dos confrades da Misericórdia era azul celeste.

[45] Slm 68,29.

10. O rei de Maluco[46] é mouro e vassalo do Rei de Portugal. Honra-se muito de o ser. Quando nele fala chama-o «o Rei de Portugal meu senhor». Fala este rei muito bem o português. As principais ilhas de Maluco são de mouros. Maluco não é terra firme, são todas ilhas. Deixa este rei de ser cristão, por não querer deixar os vícios carnais e não por ser devoto de Mafoma. Não tem outra coisa de mouro senão ser, de pequeno, circuncidado e, depois de grande, ser cem vezes casado, porque tem cem mulheres principais e outras muitas menos principais[47]. Os mouros daquelas partes não têm doutrina da seita de Mafoma: carecem de *alfaquis*[48] e os que têm, sabem muito pouco e [são] quase todos estrangeiros.

11. Este rei mostrava-me muitas amizades. Em tanto, que os mouros principais do seu reino o tinham a mal. Desejava que eu fosse seu amigo, dando-me esperanças de que, em algum tempo, se faria cristão. Queria que o amasse com esta tacha de mouro, dizendo-me que cristãos e mouros tínhamos um Deus comum e que, em algum tempo, todos seríamos unos. Folgava muito quando o visitava. Nunca pude acabar com ele que fosse cristão. Prometeu-me que faria um dos seus filhos cristão, de muitos que tem, com esta condição: que depois de cristão fosse rei das ilhas de Moro[49]. Daqui a quatro meses, Deus Nosso Senhor querendo, lhe mandará o Governador da Índia

---

[46] Hairun.

[47] Sobre os costumes depravados de Hairun, pode ver-se SCHURHAMMER, *Quellen* 1378, 1438, 6117. Rebello, que era favorável ao rei, assegura que ele tinha cem mulheres contando as escravas. Escrevia isto em 1561, quando Hairun era já velho, acrescentando que não queria ser cristão para não renunciar aos seus vícios. Refere o mesmo autor que os reis da Molucas têm geralmente todas as mulheres que podem sustentar.

[48] *Alfaquis*: o mesmo que *caciz*, isto é, sacerdote maometano.

[49] Segundo Rebello, Hairun tinha em 1561 onze ou doze filhos. O mencionado no texto não era o primogénito.

todos os despachos que lhe manda pedir[50], para que seu filho, depois de cristão, seja rei das ilhas de Moro.

12. No ano de 1546, escrevi de Amboino, antes de partir para Maluco, aos da Companhia que naquele ano vieram de Portugal, para que no ano de 1547, nas naus que partissem da Índia para Malaca, viessem para aquelas partes alguns deles. E assim o fizeram. De maneira que partiram da Índia para Malaca três da Companhia: dois de Missa, João da Beira e o P. Ribeiro[51], e Nicolau[52], leigo. Achei-os em Malaca, quando de Maluco vim para Malaca. Com eles recebi muita consolação, um mês que estivemos juntos[53], em ver que eram servos de Deus e pessoas que, naquelas partes de Maluco, haviam de servir muito a Deus Nosso Senhor. Eles partiram de Malaca para Maluco no mês de Agosto de 1547. É navegação de dois meses. Dei-lhes – neste tempo que com eles estive em Malaca – larga informação da terra de Maluco, da maneira que se havia de fazer nela, conforme à experiência que dela tinha. Estão tão longe da Índia que não podemos saber novas deles senão uma vez ao ano. Muito lhes

---

[50] Hairun não cumpriu a promessa e, por isso, Xavier fez que fossem revogados os decretos obtidos a favor do pretendente (cf. Xavier-doc. 82,4; 126, 1.3; SCHURHAMMER, *Quellen* 4175).

[51] Nuno Ribeiro, S.I., entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1543. Em 1546, já sacerdote, partiu para a Índia e em 1547 saiu de Goa com João da Beira para Malaca, a caminho das Molucas, onde trabalhou incansavelmente durante dois anos. Morreu lá mesmo a 22 de Agosto de 1549, envenenado pelos maometanos (F. RODRIGUES, *Hist.* I/1 468; SOUSA, Oriente conquistado 1,3,1,48; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 155-156; *Doc. Indica* I II índices).

[52] Nicolau Nunes, S.I., nascido entre 1525 e 1528, entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1545. No ano seguinte partiu para a Índia, trabalhou desde 1547 nas ilhas de Moro e em 1557 foi ordenado sacerdote. Morreu em Goa em 1572 (FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 456-468; SOUZA, *Oriente conquistado* 2,3,2,8; *Doc. Indica* I II índices).

[53] Xavier partiu para Malaca em princípios de Junho (*Doc. Indica* I 364). Em princípios de Agosto saíram os três companheiros para Ternate (REBELLO, *Informação* 299).

encomendei que escrevessem muito largamente para Roma, dando conta, miudamente, de todo o serviço que a Deus Nosso Senhor fazem naquelas partes e da disposição que nelas há. Assim ficamos em que o haviam de fazer.

13. Em Malaca estive quatro meses[54], esperando tempo para navegar e vir para a Índia. Nestes quatro meses, tive muitas ocupações, espirituais todas. Pregava duas vezes, todos os domingos e festas: aos portugueses, pela manhã, na Missa e, depois de almoçar, aos cristãos da terra, explicando em cada festa, aos novamente cristãos, um artigo da fé. Acorria tanta gente que foi necessário ir para a igreja maior[55] da cidade. Em confissões contínuas estava muito ocupado. Tanto que, por não poder cumprir com todos, estavam muitos mal comigo. Mas, por serem estas umas inimizades fundadas num aborrecimento de pecados, não me escandalizava deles: antes me edificavam vendo os seus santos propósitos. Aos domingos e festas eram muitos os que comungavam.

Todos os dias, depois de almoçar, ensinava a doutrina cristã. A esta doutrina acorria muita gente. Vinham os filhos e filhas dos portugueses, mulheres e homens da terra novamente convertidos à nossa fé. A causa por que vinham muitos, parece-me que era porque sempre lhes explicava alguma parte do Credo. Neste tempo, estive muito ocupado em [re]fazer muitas amizades, por causa de os portugueses da Índia serem muito belicosos. Acabada de ensinar a doutrina cristã, ensinava aos meninos e à gente cristã da terra, uma Explicação que fiz sobre cada artigo da fé, em linguagem que todos entendem[56], conformando-me com as capacidades do que podem conseguir entender os naturais da terra, novamente convertidos à nossa santa fé. Esta Explicação, em lugar de orações lhes ensinava

---

[54] Mais de cinco meses, pois em Dezembro partiu para a Índia (*Doc. Indica* I 367).

[55] Nossa Senhora da Assunção.

[56] Xavier-doc. 58.

em Malaca como o fiz em Maluco, para fazer neles firme fundamento de crer bem e verdadeiramente em Jesus Cristo, deixando de crer em vãos ídolos. Esta Explicação pode-se ensinar num ano, ensinando cada dia um pouco, palavras, que podem bem decorar. Depois que vão entendendo a história da vinda de Jesus Cristo, e repetidas muitas vezes estas explicações sobre o Credo, ficam mais fixas na memória. Desta maneira vêm em conhecimento da verdade e aborrecimento das vãs ficções que os gentios, passados e presentes, escrevem dos seus ídolos e de suas feitiçarias.

14. Nesta cidade deixei muito encomendado a um Padre de Missa[57], que ensinasse aquela doutrina todos os dias, da maneira que eu ensinava. Assim mo prometeu de fazer. Espero em Deus Nosso Senhor que o levará adiante.

Fui muito requerido, à minha partida, de todos os principais de Malaca, para que fossem para lá dois da Companhia para pregar a eles e a suas mulheres e cristãos da terra, e para ensinar a doutrina cristã aos seus filhos e filhas e a todos os seus escravos e escravas, da maneira que eu o fazia. Fui tão importunado deles, e vejo que é tanto serviço de Deus Nosso Senhor, e uma dívida que lhes devemos todos pelo muito que amam a nossa Companhia, que me parece que tenho de fazer tudo o possível para que vão dois da Companhia este mês de Abril do ano de 1548: é que, neste tempo, partem os navios da Índia para Malaca e para Maluco[58].

15. Estando nesta cidade de Malaca me deram grandes novas, uns mercadores portugueses, homens de muito crédito, de umas ilhas muito grandes, de pouco tempo a esta parte descobertas, as quais se chamam as ilhas de Japão. Nelas, segundo parecer deles, se faria muito fruto em acrescentar a nossa santa fé: mais que em nenhumas

---

[57] Talvez Vicente Viegas, que já tinha regressado de Macassar (Celebes).

[58] REBELLO, Informação 299. No dia 20 de Maio de 1548 chegavam a Malaca os jesuítas Pérez e Oliveira (*Doc. Indica* I 370; cf. MI, *Epp*. II 292).

outras partes da Índia, por [a de lá] ser uma gente desejosa de saber em grande maneira, o que não têm estes gentios da Índia.

Veio com estes mercadores portugueses um japonês, chamado por nome Angirô[59], em busca de mim, porque os portugueses que lá foram de Malaca lhe falaram em mim. Este Angirô vinha com desejo de confessar-se comigo, porque deu parte, aos portugueses, de certos pecados que na sua juventude tinha feito, pedindo-lhes remédio para que Deus Nosso Senhor lhe perdoasse tão graves pecados. Deram-lhe por conselho, os portugueses, que viesse a Malaca com eles a ver-se comigo. Assim o fez, vindo a Malaca com eles. Mas quando ele chegou a Malaca tinha eu partido para Maluco. De maneira que se tornou a embarcar, para ir para a sua terra de Japão, quando soube que eu tinha ido para Maluco. Estando já à vista das ilhas do Japão, deu-lhes uma tormenta tão grande de ventos, que se houveram de perder. Tornou então outra vez o navio em que ia, caminho de Malaca, onde me achou. Folgou muito comigo. Veio-me procurar com muitos desejos de saber coisas da nossa lei[60]. Ele sabe falar português razoavelmente. De maneira que ele me entendia tudo o que eu lhe dizia e eu a ele o que me falava.

16. Se assim são todos os japoneses, tão curiosos de saber como Angirô, parece-me que é a gente mais curiosa de quantas terras são descobertas. Este Angirô escrevia os artigos da fé, quando vinha à doutrina cristã. Ia muitas vezes à igreja a rezar. Fazia-me muitas perguntas. É homem muito desejoso de saber, o que é sinal de um

---

[59] Anjirô, nascido em Kagoshima por 1512, de nobre família (samurai), perseguido por um homicídio, veio a Malaca em 1546 e de novo em 1547. Em 1548 é baptizado em Goa com o nome de Paulo de Santa Fé e, em 1549, acompanha Xavier ao Japão. Em Kagoshima, sua terra natal, entre parentes e outra gente converte ao cristianismo mais de 100 pessoas e aí fica à frente da comunidade cristã, enquanto o apóstolo percorre outras terras. Perseguido pelos bonzos, junta-se a um grupo de japoneses que vão para a China como salteadores e aí morre em combate (SCHURHAMMER, *Sprachproblem* 3-4 11-26).

[60] O próprio Anjirô fala da sua vida (*Doc. Indica* I 335 ss).

homem se aproveitar muito e de vir em pouco tempo em conhecimento da verdade. Daí a oito dias que Angirô chegou a Malaca, parti para a Índia[61]. Muito folgara que viesse este japonês na nau em que eu vinha! Mas, pelo conhecimento que tinha com outros portugueses que vinham para a Índia, não lhe pareceu bem deixar companhia da qual tinha recebido muitas honras e amizades. Espero em Cochim por ele, daqui a dez dias.

17. Perguntei a Angirô – se eu fosse com ele à sua terra – se se fariam cristãos os de Japão. Respondeu-me que os da sua terra[62] não se fariam cristãos logo, dizendo-me que primeiro me fariam muitas perguntas e veriam o que lhes responderia e o que eu sabia e, sobretudo, se vivia conforme ao que falava. Se fizesse duas coisas – falar bem e responder às suas perguntas, e viver sem que me achassem em que me repreender – que, em meio ano depois que tivessem experiência de mim, o rei[63] e a gente nobre e toda a outra gente de distinção se fariam cristãos, dizendo que eles não são gente que se regem sem razão.

18. A um mercador português amigo meu[64], que esteve muitos dias na terra de Angirô, roguei-lhe que me desse, por escrito, alguma informação daquela terra e da gente dela: do que havia visto e ouvido a pessoas que lhe parecia que falavam verdade. Ele me deu esta informação tão miúda, por escrito, que vos envio com esta carta minha[65]. Todos os mercadores portugueses, que vêm do Japão, me dizem que, se eu lá fosse, faria muito serviço a Deus Nosso Senhor. Mais que com os gentios da Índia, por ser gente de muita razão. Parece-me, pelo que vou sentindo dentro em minha alma, que eu ou

---

[61] Fins de Dezembro.

[62] Kagoshima, na província de Satsuma, ilha Kyûshû.

[63] O rei de Satsuma era Shimazu Takahisa.

[64] Jorge Álvares.

[65] Existem muitas cópias deste Relatório. Editou-a em castelhano CÂMARA MANUEL, *Missões* 112-125 e em português a revista *Instituto* (Coimbra 1907) 54-63.

algum da Companhia, antes de dois anos, iremos ao Japão. Mesmo que seja viagem de muitos perigos, assim de tormentas grandes e de ladrões chineses que andam por aquele mar a furtar, onde se perdem muitos navios.

19. Portanto, rogai a Deus Nosso Senhor, caríssimos Padres e Irmãos, pelos que lá forem, porque é uma navegação onde muitos navegantes se perdem. Neste tempo, Angirô aprenderá mais a linguagem portuguesa e verá a Índia e os portugueses que nela há, e a nossa arte e modo de viver. Neste tempo catequizá-lo-emos e traduziremos toda a doutrina cristã em língua de Japão, com uma Explicação sobre os artigos da fé, que trata a história da vinda de Jesus Cristo Nosso Senhor copiosamente, porque Angirô sabe muito bem escrever letra de Japão.

20. Oito dias há que cheguei à Índia[66]. Até agora não me vi com os Padres da Companhia[67]. Por esta razão não escrevo deles nem do fruto que nestas partes têm feito depois que chegaram. Parece-me que eles vos escrevem largamente.

Nesta viagem, de Malaca para a Índia, passámos muitos perigos de grandes tormentas, três dias com três noites. Maiores do que os que nunca me vi no mar. Muitos foram os que choraram em vida as suas mortes, com prometimentos grandes de jamais navegar se Deus Nosso Senhor desta os livrasse. Tudo o que pudemos deitar ao mar deitámos, para salvar as vidas.

21. Estando na maior força da tormenta, me encomendei a Deus Nosso Senhor, começando por tomar primeiro por valedores na terra

---

[66] Chegou a 13 de Janeiro (Xavier-doc. 61,13).

[67] Em Cochim ainda não havia então jesuítas. A 11 de Setembro de 1546 tinham chegado de Portugal a Goa Francisco Henriques, Francisco Pérez e Adão Francisco (*Doc. Indica* 363) e a 17 de Setembro Henrique Henriques, Nuno Ribeiro e Manuel de Moraes júnior (*Doc. Indica* 151); em 20 de Outubro, a Cochim, Cipriano, Baltasar e Nicolau Nunes (SCHURHAMMER, *Quellen* 2159, 2733; COUTO, *Da Ásia* 6,3,9; CORREA IV 550). Em 1547 nenhum jesuíta foi de Portugal para a Índia.

todos os da bendita Companhia de Jesus com todos os devotos dela. Com tanto favor e ajuda, entreguei-me todo nas devotíssimas orações da esposa de Jesus Cristo, que é a santa madre Igreja a qual, diante do seu esposo Jesus Cristo, estando na terra é continuadamente ouvida no céu. Não me descuidei de tomar por valedores todos os santos da glória do paraíso, começando primeiro por aqueles que nesta vida foram da santa Companhia de Jesus, tomando primeiramente por valedora a beata alma do Padre Fabro[68], com todas as demais que em vida foram da Companhia de Jesus[69]. Nunca poderia acabar de escrever as consolações que recebo quando, pelos da Companhia, assim dos que vivem como dos que reinam no céu, me encomendo a Deus Nosso Senhor. Entreguei-me, posto em todo o perigo, a todos os anjos, procedendo pelas nove ordens deles e, juntamente, a todos os patriarcas, profetas, apóstolos, evangelistas, mártires, confessores, virgens, com todos os santos do céu. Para mais firmeza de poder alcançar perdão dos meus infinitíssimos pecados, tomei por valedora a gloriosa Virgem Nossa Senhora, pois no céu, onde está, tudo o que a Deus Nosso Senhor pede lhe outorga. Finalmente, posta toda a minha esperança nos infinitíssimos merecimentos da morte e paixão de Jesus Cristo Nosso Redentor e Senhor, com todos este favores e ajudas, achei-me mais consolado nesta tormenta, do que talvez o fui depois de ser livre dela. Achar um grandíssimo pecador lágrimas de prazer e consolação em tanta tribulação, para mim, quando me recordo, é uma confusão muito grande. E assim, rogava a Deus Nosso Senhor, nesta tormenta, que se desta me livrasse, não fosse senão para entrar noutras tão grandes ou maiores, que fossem de maior serviço seu[70].

---

[68] Morreu em Roma a 1 de Agosto de 1546.

[69] Os da nova Ordem que tinham morrido até 1546 foram estes: em 1538, Hozes e Coduri; em 1541, Francisco de Torres e Marco Lainez; em 1543, Mart e Pezzano; em 1544, Lamberto Castrense; em 1546, Fabro, António Monis, H. Pijn, C. Wishaven júnior.

[70] Ver também o que testemunhou Francisco Pereira para a causa de canonização de Xavier (MX II 191).

Muitas vezes Deus Nosso Senhor me tem dado a sentir dentro em minha alma, de quantos perigos corporais e espirituais trabalhos me tem guardado, pelos devotos e contínuos sacrifícios e orações de todos aqueles que debaixo da bendita Companhia de Jesus militam e de todos os que estão agora na glória com muito triunfo e em vida militaram e foram da dita Companhia. Esta conta vos dou, caríssimos em Cristo Padres e Irmãos, do muito que vos devo, para que me ajudeis a pagar, todos, o que eu só, nem a Deus nem a vós posso.

22. Quando começo a falar desta santa Companhia de Jesus, não sei sair de tão deleitosa comunicação, nem sei acabar de escrever. Mas vejo que me é forçado acabar, sem ter vontade nem achar fim para isso, pela pressa que têm as naus[71]. Não sei com que melhor acabe de escrever que confessando a todos os da Companhia, que *se algum dia me esquecer da Companhia do nome de Jesus, ao esquecimento se dê a minha mão direita*[72], pois por tantas vias tenho conhecido o muito que devo a todos os da Companhia. Fez-me Deus Nosso Senhor tanta mercê por vossos merecimentos: a de dar-me, conforme a esta pobre capacidade minha, conhecimento da dívida que à santa Companhia devo. Não digo de toda, porque em mim não há virtude nem talento para igual conhecimento de dívida tão crescida. Mas, para evitar de alguma maneira pecado de ingratidão, há [em mim], pela misericórdia de Deus Nosso Senhor, algum conhecimento, ainda que pouco. Assim cesso, rogando a Deus Nosso Senhor que, pois nos juntou em sua santa Companhia nesta tão trabalhosa vida, por sua santa misericórdia nos junte na sua gloriosa companhia do céu, pois nesta vida tão apartados uns dos outros andamos por seu amor.

23. E para que saibais quão apartados corporalmente estamos uns dos outros, é que, quando em virtude da santa obediência nos man-

---

[71] A 22 de Janeiro deu à vela a última nau, *São Boaventura* (SCHURHAMMER, *Quellen* 3589, 3665, 3755), que devia ter partido entre 15 e 20 desse mês.

[72] Slm 136, 5.

dais de Roma aos que estamos em Maluco, ou aos que formos para o Japão, não podeis ter resposta do que nos mandais em menos de três anos e nove meses. Para que saibais que é assim como digo, vos dou a razão. Quando de Roma nos escreveis para a Índia, antes que recebamos as vossas cartas na Índia se passam oito meses. E depois que recebemos as vossas cartas, antes que da Índia partam os navios para Maluco, se passam oito meses esperando tempo. E a nau que parte da Índia para Maluco, em ir e tornar à Índia, põe vinte e um meses, e isto com muito bons tempos. E da Índia, antes que vá a resposta para Roma, se passam oito meses; e isto se entende quando navegam com muito bons tempos, porque, a acontecer algum contraste, alargam a viagem muitas vezes mais de um ano[73].

De Cochim, a 20 de Janeiro de 1548
Mínimo servo dos servos da Companhia do nome de Jesus
FRANCISCO

[73] Cf. Rebello: «Partem de Goa a 15 de Abril, chegam a Malaca no fim de Maio e (partem) daí a 15 de Agosto. E chegam a Maluco até ao fim de Outubro, donde partem a 15 de Fevereiro e, em seis, sete dias chegam a Amboino. Donde partem a 15 de Maio, ou segura a lua cheia do mesmo mês, e chegam a Malaca no fim de Junho e para bem trovarem (encontrarem) as naus do Reino, partem dali a 15 de Novembro e chegam a Cochim na entrada de Janeiro. E, descarregando aí, chegam a Goa até 15 de Março. E assim se gastam vinte e três meses de viagem e por via de Banda põem trinta meses» (REBELLO, *Informação* 299-300; WESSELS, *Histoire d'Amboine* 117-118).

60
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Cochim, 20 de Janeiro 1548
Duma cópia em latim, feita em 1596

SUMÁRIO: 1. Já que não pode tratar da sua vida espiritual com Inácio, pede que mande algum Padre espiritual que o ajude a ele e aos outros jesuítas. – 2. Para os portugueses, pede bons pregadores; para os gentios, missionários seguros. – 3. Urge as indulgências e faculdades já pedidas e desiste de mudanças da Quaresma. – 4. Irá ao Japão ele ou outros, e deixa superiores locais em todos os grupos de jesuítas.

A graça e caridade de Cristo Nosso Senhor, [seja sempre em nossa ajuda e favor. Ámen]

1. Deus me é testemunha, padre caríssimo, de quão intensamente lhe peço para vos ver ainda nesta vida, para convosco falar de muitas coisas que requerem a vossa ajuda e remédio, pois nenhuma distância se opõe à obediência[1]. Vejo que nestas paragens há muitos da Companhia[2], e vejo igualmente que necessitamos médico das nossas almas. Pelo Senhor Jesus vos rogo e suplico, pai boníssimo, que olheis também por estes vossos filhos que estamos na Índia, e envieis uma pessoa eminente em virtude e santidade, cuja firmeza e alento sacuda o meu torpor. Tenho grande esperança de que, pois vedes tão segura e sobrenaturalmente as afeições das nossas almas, poreis

---

[1] Cf. Xavier-doc. 97,3.

[2] Eram 17 ao todo: Xavier, *micer* Paulo, Mansilhas, Beira, Criminali, Lancillotto, e os que chegaram em 1547 (Francisco Henriques, Henrique Henriques, Pérez, Ribeiro, Cipriano, Moraes júnior, Adão Francisco, Baltasar Nunes, Nicolau Nunes), mais dois que foram admitidos na Companhia em 1547 (Alcáçova e António Vaz).

diligentemente mãos à obra, para que a virtude já lânguida de todos nós se anime com mais entusiasmo ao desejo de perfeição[3].

2. Nenhuma coisa mais deseja, esta terra, da nossa Companhia, que pregadores[4]. Entre os que Mestre Simão enviou a estas partes, não há, que eu saiba, nenhum pregador. Os portugueses que vivem na Índia, pelo seu grande amor e benevolência para connosco, desejam grandemente pregadores da nossa Companhia. Portanto, rogo-vos, por Deus e seu serviço, que, em vista de tão piedoso e justo pedido, envieis a estas terras alguns padres aptos para este ministério, que mostra aos que andam desviados o caminho recto da salvação. Além disso, os que enviardes da Companhia para percorrer os lugares dos gentios, para pregar-lhes o Evangelho, convém que sejam de tão assinalada virtude que possam ir com segurança, acompanhados ou sós[5], aonde quer que os reclame a causa cristã: seja a Maluco, à China ou ao Japão. Pela descrição da China e do Japão e das suas gentes, que vos envio dentro desta carta, entendereis facilmente que classe de pessoas requer este assunto[6].

3. Ainda estamos esperando, com incrível ânsia, as indulgências pontifícias e o privilégio do altar privilegiado para o nosso colégio, e a faculdade de os sacerdotes poderem confirmar os povos em vez do Bispo: de tudo isso vos escrevi em anos anteriores[7]. Pelo que toca à Quaresma, a experiência me ensinou que não é necessário mudar nada[8]. Uma vez que os portugueses da Índia vivem tão separados entre si, olhando ao bem comum, não há necessidade de mudança nenhuma. Porque nem o Inverno é ao mesmo tempo em todas as cidades e povoações onde há portugueses. Por isso, tendo em conta o

---

[3] Cf. Xavier-doc. 97, 2.

[4] Cf. Xavier-doc. 57.

[5] Em 1548 ainda não estavam feitas as Constituições da Ordem, que foram certamente enriquecidas com estas e outras sugestões da experiência dos missionários: cf *Const.*, P.VII, c. 2, declar. F (n.º 624).

[6] Alude ao relatório de Jorge Álvares: cf. Xavier-doc. 59, 18.

[7] Cf. Xavier-doc. 16, 4; 17; 47, 1.

bem comum, julgo preferível que nada de novo se decida sobre isto, embora veja que não falta quem pense o contrário.

4. Ainda não resolvi definitivamente se eu mesmo irei ao Japão, com um ou dois da Companhia, daqui a ano e meio, ou enviarei adiante dois dos nossos: o certo é que ou irei eu ou enviarei a outros. Actualmente estou inclinado a ir eu mesmo. Peço a Deus que me inspire, com toda a clareza, o que for mais do seu agrado. Dos três da Companhia que foram para Maluco, pareceu-me bem eleger um que fosse superior dos outros, e assim elegi João da Beira, a quem obedecessem os outros como a vós. A ordem agradou-lhes muito. O mesmo penso fazer no Cabo de Comorim e nos restantes lugares onde haja vários da Companhia. Desejo que vós e os vossos devotos nos obtenhais graças celestiais para os que andamos entre estas gentes bárbaras. Para que façais isto com mais fervor, rogo a Deus imortal que vos faça ver sobrenaturalmente quanto necessito do vosso favor e ajuda.

De Cochim, a 20 de Janeiro de 1548
FRANCISCO

[8] Cf. Xavier-doc. 17, 7.

61
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Cochim, 20 de Janeiro 1548
Cópia em português, feita em 1660

SUMÁRIO: 1-2. Cartas e informações mandadas ao Rei sobre o trabalho missionário em Malaca, Molucas e cristandades da Índia e Ceilão. – 3-4. Receio se há-de escrever ou não ao Rei sobre certas coisas. – 5. O que se deixa de fazer na Índia por ciúmes e rivalidades entre os vários responsáveis. – 6. Concentrem-se mais poderes no Governador e a ele só se peçam contas, com rigorosas ameaças se não zelar pelos interesses missionários e do Reino como deve. – 7. Se o Governador fosse zeloso, num ano se poderia trazer ao cristianismo Ceilão e vários reinos do Malabar. – 8. Mas não tem nenhumas esperanças de remédio. – 9. Quanto menos apoio encontra na Índia, mais vontade tem de ir para o Japão. – 10-12. Pede muitos pregadores para continuar nas fortalezas portuguesas a catequese que ele fez nas Molucas, Malaca e noutros núcleos cristãos. – 13-14. Elogio ao Bispo de Goa, a quem injustamente têm caluniado por ocasião da morte de Miguel Vaz. – 15. Agradece os favores concedidos pelo Rei ao vigário de Cochim e seu sobrinho e pede alvarás para a respectiva requisição na Índia.

Senhor

1. Das coisas espirituais e do serviço de Deus Nosso Senhor das partes de Malaca e Maluco, pelas cartas que escrevo aos da Companhia será Vossa Alteza informado, muito miudamente. Elas também são de respostas para Vossa Alteza, [porque] é Vossa Alteza o principal e verdadeiro protector de toda a Companhia de Jesus, assim em amor como em obras. Das coisas espirituais da cristandade da Índia, os santos Padres da Piedade[1], que aí vão[2], movidos da piedade lhas darão a Vossa Alteza[3].

---

[1] Franciscanos recolectos (*Capuchos*) da Província de *Santa Maria da Piedade*. À mesma Província Franciscana pertencia o Bispo de Goa, Fr. Vicente de

2. O Padre Frei João de Vila do Conde[4], como pessoa serva de Deus e que tem experiência do que passa em Ceilão, conforme a Deus e à sua consciência e a descargo da de Vossa Alteza, lhe escreve toda a verdade: assim por cartas como por apontamentos que me mostrou. Portanto, faça-se Vossa Alteza prestes, para descarregar a sua consciência. Os Irmãos da Companhia parece-me que escrevem a Vossa Alteza, dando-lhe também conta, muito miudamente, dos

---

Lagos missionário em Cranganor e os franciscanos que em 1546 vieram para Baçaim.

[2] Fr. Domingos, Fr. Peregrino e Fr. Diogo, os três da missão de Baçaim, voltaram a Portugal em 1548 (SHURHAMMER, *Ceylon* 295, 483, 505).

[3] Frei João de Vila do Conde, Superior da missão de Ceilão, da Província portuguesa de Observantes, tinha vindo de Lisboa para aquela ilha em 1543 com seis companheiros. Perdidas as suas esperanças, quer voltar a Portugal e assim acaba por o fazer em 1549. De 1555 a 1567 vemo-lo de novo naquela ilha, onde em 1566 converteu ao baptismo 70.000 pescadores da casta *carea* e, em 1557 baptizou o próprio rei de Cota, Dharmapâla, neto do rei Bhuvaneka (SCHURHAMMER, *Ceylon* 125).

[4] Para entender melhor o que se segue, convém recordar sumariamente alguns factos de importância, passados nas Missões da Índia. Aquela grande esperança que se tinha posto no regresso de Miguel Vaz da viagem a Portugal, ficou defraudada pela sua morte repentina, acontecida a 11 de Janeiro de 1547. Terrivelmente impressionado por esta triste notícia, também Mestre Diogo, outra das colunas da Igreja em Goa, morreu quinze dias depois. A expedição punitiva a Jaffna tinha sido adiada por motivos políticos. O rei Iniquitriberim, que tinha prometido baptizar-se, abandonado pelos portugueses, assim como o seu colega rei de Travancor, devido a oportunidades políticas, vê-se obrigado a ceder os seus territórios além do Cabo de Comorim, isto é, a Pescaria, aos *badagas* inimigos dos cristãos. Os dois príncipes de Ceilão, esperança daquela Missão franciscana, morrem em Goa em Janeiro de 1546 e o rei do distrito de Cota (Ceilão) persegue os cristãos. O rei da região de Kandy (Ceilão), confiado na ajuda portuguesa, vê frustradas as suas esperanças e o Superior daquela Missão, Fr. João de Vila do Conde, decepcionado, quer voltar para Portugal. É de todas estas coisas que este e o Bispo de Goa informam Xavier em Cochim, à sua chegada do Extremo Oriente. Posteriormente adquirirá novos dados deste ambiente político-religioso bastante complicado, que não deixa D. João de Castro mover-se livremente. Trata amplamente deste assunto SCHURHAMMER, *Quellen* p. XXIX-XXX; *Ceylon* 6-12.

cristãos do Cabo de Comorim e de Goa, assim como das outras partes da Índia.

3. Muitas vezes cuidei, comigo mesmo, se seria bem escrever a Vossa Alteza o que sinto, dentro na minha alma, ser bem para o acrescentamento da nossa santa fé. Por uma parte, me parecia ser serviço de Deus e, por outra, julgava que não havia de vir a lume[5], ainda que o escrevesse. Deixando de o escrever, parece-me encarregar minha consciência, pois Deus Nosso Senhor mo dava a entender para algum fim: não achava que podia ser para outro, senão para escrever a Vossa Alteza. Escrevendo-o – o que sinto de pena dentro na minha alma que não se há-de fazer o que escrevo – é ser Vossa Alteza acusado, porventura por minhas cartas, à hora da sua morte diante de Deus, sem ser recebidas desculpas que não o sabia.

4. Isto, creia Vossa Alteza que me dava pena, pois os meus desejos não são outros senão de trabalhar e morrer nestas partes para ajudar a descarregar a consciência de Vossa Alteza[6], pelo amor grande que tem à nossa Companhia. De maneira que, Senhor, em cuidar que havia de escrever a Vossa Alteza me achava em muita confusão. Por derradeiro, determinei descarregar a minha consciência, escrevendo o que sinto dentro dela, pela experiência que destas partes tenho alcançado, assim na Índia como em Malaca e Maluco.

5. Há-de saber Vossa Alteza que, nestas partes, assim como em muitas outras, muitas vezes se deixam de fazer muitos serviços a Deus Nosso Senhor, por santos ciúmes que uns têm dos outros, dizendo: «eu farei»; e outros: «não, senão eu»; e outros: «pois não faço eu, não folgo que vós o façais»; outros: «eu sou o que levo os trabalhos e outros os agradecimentos e proveitos». E sobre estas porfias e o escrever e trabalhar cada um por levar a sua adiante, desta maneira

---

[5] A *execução.*

[6] D. João III, em virtude do direito de Padroado, concedido pela Santa Sé, tinha obrigação de promover a propagação da fé em toda a sua esfera de influência no Oriente (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 41, 45).

se passa o tempo. De jeito que não fica lugar para levar adiante o serviço de Deus Nosso Senhor. E também por esta causa, muitas vezes coisas, assim de muita honra como de serviço de Vossa Alteza, se deixam de fazer na Índia.

6. Um remédio só acho para se fazerem muitos cristãos nestas partes, e serem muito favorecidos os que [já] o são, sem ninguém ousar agravá-los nem lhes tomar o seu, assim portugueses como infiéis[7]: mandar Vossa Alteza ao Governador que cá estiver, ou daí Vossa Alteza mandar, que em nenhuma pessoa religiosa, de quantas cá estão – nomeando-nos a todos os que cá estamos[8] – confia tanto como nele o acrescentamento da nossa santa fé na Índia: que nele somente confia, depois de Deus, que há-de descarregar [Vossa Alteza] do cargo da consciência em que vive, por se não fazerem muitos cristãos na Índia à míngua dos governadores. E que só o Governador escreva a Vossa Alteza os cristãos que se fazem, e a disposição que há para se fazerem muitos mais, porque às suas cartas dará crédito e às outras não. E, se o contrário fizer o seu Governador – de não acrescentar muito a nossa santa fé, pois em seu querer está – prometer-lhe com juramento solene, no regimento que manda ao seu Governador, de o castigar quando for a Portugal, tomando-lhe toda a sua fazenda por perdida, para as obras da Santa Misericórdia. E, por cima disto, de o ter em ferros por muitos anos, dando-lhe o desengano [de] que nenhumas desculpas lhe serão recebidas, por-

[7] Desejava Xavier que os governadores portugueses favorecessem publicamente os reis que aderissem ao cristianismo ou pelo menos o permitissem aos seus súbditos e que na prática protegessem localmente as cristandades entretanto formadas. A razão era a da mentalidade então corrente também na Europa: *cuius regio, eius religio*, «de quem for a região, será também a religião». E assim, convertido o rei, convertiam-se também os súbditos.

[8] Missionários, naquela altura, eram só os Padres seculares, franciscanos, jesuítas e leigos empenhados sobretudo nas Irmandades das Misericórdias. A estes leigos e Padres seculares se deve a fundação do colégio de S. Paulo para catequistas e clero indígena.

que as que eles dão por que se não fazem muitos cristãos não são de receber. Não posso falar nesta parte o que sei, por não magoar Vossa Alteza, nem cuidar nas minhas mágoas passadas e presentes sem ver remédio[9].

7. Se o Governador tiver para si por muito certo que Vossa Alteza fala de verdade, e que há-de cumprir o juramento, a ilha de Ceilão será toda cristã num ano[10], assim como muitos reis no Malabar[11] e pelo Cabo de Comorim[12] e outras muitas partes[13]. Em todo o tempo em que os Governadores não se virem com este medo de serem desonrados e castigados, não faça Vossa Alteza nenhuma conta do acrescentamento da nossa santa fé, nem dos cristãos que estão feitos, por muitas provisões que Vossa Alteza mande[14]. Não está em mais,

---

[9] De maneira parecida conclui a sua descrição dos males da Índia o contemporâneo de Xavier, Gaspar Correa: « O que tudo assim não seria, se a um Governador da Índia o Rei mandasse cortar a cabeça no cais de Goa, com pregão que o Rei o mandava degolar porque não guardara a sua obrigação como era obrigado» (CORREA, *Lendas da Índia* II 752). E noutro lugar: «O que já nunca haverá emenda senão quando Portugal tiver Rei que corte cabeças aos capitães e Governadores da Índia, pelos graves males que fazem contra Deus e contra o real serviço» (*Ibid*. IV 338-339).

[10] Também outros tinham a mesma esperança de que toda a ilha de Ceilão se havia de converter à fé, por ex. D. João de Cota, rei do distrito de Kandy, príncipe herdeiro do mesmo Kandy; André de Sousa, Miguel Vaz, Fr. Simão de Coimbra OFM; os portugueses da cidade de Colombo, Miguel Fernandes, Fr. Diogo Bermudes OP; o Vice-rei Noronha, Jorge Velho (cf. SCHURHAMMER, *Ceylon*, Índice p. 679).

[11] Por ex. os reis da cidades de Tanor e Chale tinham pedido o baptismo (SCHURHAMMER, *Quellen* 1771, 1883).

[12] Assim Iniquitriberim (Rama Varma), rei de Coulão e o irmão do rei de Jaffna (SCHURHAMMER, *Ceylon* 455-462 382).

[13] Macassar, Amboino (cf. *Doc. Indica* II 419-423).

[14] O próprio D. João de Castro escrevia de Goa ao infante D. Luís em 1540: « Em Portugal, mais meses tomam para pintarem e fazerem regimentos que horas para se escolherem oficiais» (*O Investigador Portuguez em Inglaterra*, Londres 16(1816)282).

para se fazerem todos cristãos na Índia, senão em castigar Vossa Alteza muito bem um Governador[15].

8. E porque não tenho esperança que isto se há-de fazer, pesa-me quase de o ter escrito. E também, Senhor, porque não sei se, quando estiver dando conta a Deus, sendo acusado porque isto não fez, pois foi avisado, não sei se lhe será recebida esta desculpa: que não era obrigado a dar crédito às minhas cartas. Certifico a Vossa Alteza que, se com boa consciência me parecera que podia cumprir com a minha alma em me calar, não lhe escrevera isto dos Governadores.

9. Eu, Senhor, não estou de todo determinado a ir ao Japão. Mas vai-me parecendo que sim, porque desconfio muito que não hei-de ter verdadeiro favor na Índia para acrescentar a nossa santa fé, nem para a conservação da cristandade que está feita.

10. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, peço a Vossa Alteza que, a seus leais vassalos da Índia e a mim com eles, faça esta mercê: de mandar, para o ano, muitos pregadores da nossa Companhia. Porque lhe faço saber que têm muita necessidade deles, nas fortalezas da Índia, assim os portugueses como os cristãos novamente convertidos. Isto me causa escrever: a experiência que tenho vista.

11. Pregava em Malaca e Maluco, ao tempo que lá estive, duas vezes todos os domingos e dias santos, pela muita necessidade que via: aos portugueses, pela manhã na Missa e, depois do jantar[16], aos filhos e filhas dos portugueses e escravos seus e aos cristãos *forros* da terra, declarando-lhes os artigos da fé. Um dia na semana, pregava numa igreja às mulheres dos portugueses, assim da terra como mestiças, sobre os artigos da fé e sacramentos da confissão e da comunhão. Em poucos anos se faria muito serviço a Deus Nosso Senhor, se se continuasse esta doutrina. Nas fortalezas, ensinava em

[15] Em 1552, escrevia Simão Botelho, de Cochim: «A muitos ouvi eu já cá dizer, que se V. A. não castigava nenhum culpado dos que de cá iam, que como o fariam eles? E já pode ser que descarrega V. A. neles» (*Cartas* 26).

[16] *Almoço*, na maneira de falar antiga.

todo este tempo a doutrina cristã, todos os dias depois do jantar, aos filhos e filhas dos portugueses, escravas e escravos seus e cristãos da terra, e com esta doutrina e ensino cessavam muito as idolatrias e feitiçarias.

12. Esta conta dou a Vossa Alteza, para que se lembre de mandar pregadores, pois à míngua deles nem os portugueses nem os convertidos à nossa fé são cristãos. Também, Senhor, eu desconfio de não vir tanto bem a estas partes, porque a Índia tem esta qualidade: que não sofre fazer-se nela tanto bem espiritual.

13. A treze de Janeiro deste ano, vindo de Malaca, cheguei aqui a Cochim, onde encontrei o Bispo[17]. Com ele fiquei muito consolado em ver que, com tanta caridade, toma tantos trabalhos corporais, visitando as fortalezas do seu bispado e os cristãos de São Tomé[18], fazendo seu ofício como verdadeiro pastor. Em paga de tão boas obras, algumas pessoas destas partes lhe dão o galardão que costuma dar o mundo. Fiquei muito edificado, em ver a sua paciência tão santa. Coisas falarão na Índia dele alguns devotos e servos do mundo, e parece-me que também as escreverão a Vossa Alteza, acerca da morte de Miguel Vaz[19]. Eu, por descargo da

---

[17] Frei João de Albuquerque.

[18] O Bispo dos cristãos de S. Tomé era Mar Jacob, residente em Cochim; mas também o Bispo de Goa se julgava pastor deles, pelo menos onde havia guarnições de portugueses e nas suas redondezas.

[19] Miguel Vaz, quando viajava de Goa para Diu, ao encontro do Governador, para lhe urgir o cumprimento das severas ordens que trazia de Portugal contra os brâmanes e idólatras, morreu repentinamente em Chaul a 11 de Janeiro de 1547. Como alguns falaram de veneno, o capitão da fortaleza mandou imediatamente fazer exame ao cadáver por um médico, que diagnosticou morte por cólera-morbo, e assim o comunicou o capitão ao Governador a 13 de Janeiro (SCHURHAMMER, *Quellen* 2735). Contudo o rumor de veneno continuava e Cosme Anes escreveu ao Rei em Novembro daquele ano: «Acerca da morte de Miguel Vaz houve, logo que se soube que faleceu, um tom que correu por muitos lugares, que o Bispo lhe mandara dar peçonha… O que eu tenho para mim que, se foi peçonha de que morreu Miguel Vaz, como muitos afirmaram, que lha mandaram

minha consciência, sem poder escrever nem poder dizer como, sei que em tal coisa não é culpado mais do que sou eu, que estava em Maluco quando isto aconteceu.

14. Por amor e serviço de Nosso Senhor, e por descargo da sua consciência, peço a Vossa Alteza, muito por mercê, que o não desconsole, porque Vossa Alteza, dando crédito a tão grande falsidade, poria em grande crédito aos praguejadores da Índia.

15. A mercê que Vossa Alteza fez a Pedro Gonçalves, vigário de Cochim[20], de tomá-lo por seu capelão e, a um sobrinho seu, por moço de câmara, fez-me a mim muita mercê. Eu estou no conhecimento disso, porque lhe faço saber que a casa do vigário de Cochim[21] é estalagem da Companhia de Jesus, e ele é muito nosso amigo. Tanto que, por nossa causa, gasta porventura o que não tem, tomando emprestado. Peço a Vossa Alteza, em nome da Companhia, que lhe faça, a ele e ao seu sobrinho, mercê de lhes mandar passar seus alvarás, para que vençam cá seus ordenados, pois o vigário, olhando pelas almas dos leais vassalos de Vossa Alteza, e seu sobrinho, servindo nas armadas, lho merecem.

---

dar brâmanes» (SCHURHAMMER, *Quellen* 3516). O próprio Bispo escreveu de Goa ao Governador a 1 de Fevereiro de 1547 que era muito grande a sua dor pela morte de Miguel Vaz e que só Deus sabia como e quando morreu. E acrescentava: «Falsos testemunhos cá se dizem muitos: disto lhe darei conta quando N. Senhor o trouxer a esta terra ou me mandar a mim ir aí» (FREIRE DE ANDRADE, *Vida de D. João de Castro* 455; SCHURHAMMER, *Quellen* 2784).

[20] Pedro Gonçalves, nascido em Montemor, nomeado já em 1534 coadjutor do vigário de Cochim, entre 1536 e 1537 tinha baptizado a maior parte dos *paravas* que em 1542 confiou ao cuidado de Xavier. Mais tarde vigário de Cochim e grande amigo de Xavier, este conseguiu-lhe do Rei o título de capelão régio e de Inácio de Loyola a concessão dos privilégios da Companhia de Jesus. Morreu em Cochim, em 1569 (SCHURHAMMER, *Quellen* 161, 4572, 4772, 6077, 6147; POLANCO, *Chron*. II 145; *O Chronista do Tissuary*, Nova Goa 1867: 98; Xavier-doc. 79,6; 99,11).

[21] A casa ainda existe e é de um brâmane.

Fico rogando a Deus Nosso Senhor que, a Vossa Alteza, dê a sentir dentro em sua alma e, juntamente, a fazer tudo aquilo que à hora da sua morte folgaria ter feito.

De Cochim, a vinte de Janeiro de mil e quinhentos e quarenta e oito anos.

Servo inútil de Vossa Alteza
FRANCISCO

62
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Cochim, 20 de Janeiro 1548
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-9. Recomenda várias pessoas lembrando os méritos de cada uma ao Rei. – 10. Pede o provedor da Misericórdia que se paguem em Lisboa três retábulos adquiridos pela igreja. – 11-12. Pede uma provisão para a casa dos órfãos; que nas heranças deixadas à Misericórdia não intervenham os procuradores régios; que sejam válidos os testamentos em favor da Misericórdia feitos sem notários em tantos lugares dispersos. 13. Obras no hospital de Cochim. – 14. Que aos Irmãos da Misericórdia, nas horas de serviço, não se obrigue a assistir ao conselho. – 15. Faça o bem que desejaria ter feito à hora da morte: juízo que o espera.

Senhor

1. Na armada que, em Malaca, se fez o ano passado[1], para irem destruir os *achéns*[2], lhe faço saber a Vossa Alteza como Diogo Soares[3] deu muito grande ajuda e pelejou como quem ele é e dele se esperava. Levou duas *fustas* muito formosas e equipadas à sua custa, assim

---

[1] Em 22 de Agosto de 1547, os piratas *achens* tentaram, em vão, conquistar Malaca. Animado por Xavier, o capitão da fortaleza preparou uma frota e foi atacá-los na sua própria terra, acabando por desbaratá-los, em fins de Outubro, junto ao rio Parles. Sobre este feito, muito célebre na vida de Xavier e notavelmente exagerado por F. Mendes Pinto, veja-se BROU, *Saint François Xavier* I 422; SCHURHAMMER, *Zweit ungedruckte Brief* 45.

[2] Achem (*Acheh*, em malaio) reino muçulmano na extremidade noroeste da ilha de Samatra. Os seus habitantes eram piratas muito temidos e irreconciliáveis inimigos de Malaca (cf. YULE, *Hobson-Jobson* 3-4).

[3] Diogo Soares de Mello, a pedido do capitão Simão de Mello, foi a Malaca e interveio na luta com duas galeotas suas e 70 portugueses (COUTO, *Da Ásia* 6,5,1-2).

de marinheiros como de *lascarins*[4], sem lhe darem da feitoria coisa nenhuma. Isto digo porque o vi, que ainda arroz para os marinheiros lhe não deram, e gastou o que não tinha, pedindo emprestado, para o gastar em serviço de Vossa Alteza. Pelo serviço que lhe tem feito em esta armada Diogo Soares, lhe deve Vossa Alteza fazer mercê grande. Esta conta dou a Vossa Alteza, porque neste tempo me achei em Malaca e sei os que o serviram, e não digo mais senão que, se não fora por ele, não morreram tantos *achéns*.

2. Item. Diogo Pereira[5], filho de Tristão Pereira[6], que serviu a Vossa Alteza na Índia vinte anos, sempre por capitão de galés e galeões, gastando o seu e o de seus filhos, sem nenhuma satisfação de seus serviços, e o mataram os mouros no cerco de Calecute. O dito Diogo Pereira pelejou na batalha muito bem e foi por capitão do maior navio que lá ia, e destruiu muitos navios dos *achéns*, com a artilharia grossa que levava, metendo-os no fundo, e os *lascarins* que iam com ele mataram muitos *achéns*, à espingarda, e gastou muito bem. Deve-lhe Vossa Alteza fazer mercê, assim pelos seus serviços, como de seu pai.

Um castelhano que veio da Nova Espanha, pela via de Maluco, o qual ia num navio de Diogo Pereira, me disse que folgou muito de ver tão bem pelejar os portugueses da Índia e serem para tanto.

---

[4] Soldados indígenas, tropas auxiliares dos portugueses, no Oriente.

[5] Diogo Pereira, grande amigo de Xavier, vivia em Goa. Em 1548 já levava muitos anos na Índia servindo o Rei. Era um mercador muito conhecido e rico. Nesse mesmo ano tinha ido a Sião e em 1551 à China. Em 1552 teria ido como embaixador à China acompanhando Xavier se o capitão Ataíde, em Malaca, não se tivesse oposto a isso. De 1562 a 1570 foi *capitão-mor do mar* em Macau (SCHURHAMMER, *Quellen* 2723, 3657, 4694; Xavier-doc. 65, 99, 109, 122, 131-132, 135-136; MX II 261-264, 899-900, 906; SEB. GONÇALVES 7, 2; COUTO, *Da Ásia* 6,7,9). Sobre a sua actuação na batalha de Parles, cf. COUTO, ib. 6,5,1.

[6] Tristão Pereira chegou à Índia em 1509 e em 1529 morreu na batalha com os maometanos em Calicute, como piloto duma caravela (CORREA, *Lendas da Índia* III 335).

3. Item. Afonso Gentil[7], irmão do doutor António Gentil, físico-mor que foi de Vossa Alteza, foi por capitão dum navio nesta armada. Levou muita gente, gastando muito do seu, como sempre o fez nas armadas, servindo Vossa Alteza. Anda, agora, tão maltratado, por cima de tantos serviços, sobre uma nau que se queimou no porto de Malaca, de Vossa Alteza, e dizem todos, em Malaca, que é contra razão e justiça, principalmente aqueles que, com fazer mal a outros, não alegam serviços a Vossa Alteza para que lhes faça mercê. Vossa Alteza, por descargo de sua consciência, lhe deve fazer mercê e livrá-lo de tantas opressões contra razão e justiça.

4. Item. A João Rodrigues Carvalho[8] achei em Malaca tão pobre que houve piedade dele. Perdeu-se na China e vejo que leva caminho para se acabar de perder na Índia, se Vossa Alteza o não favorecer, fazendo-lhe grande mercê. Viemos eu e ele, numa nau, de Malaca a Cochim. Vi tão miudamente suas pobrezas que houve piedade dele, recebendo paixão em mim, vendo que era afronta de Vossa Alteza andar tão lazarado[9], pois o tem tão bem servido. Peço a Vossa Alteza lhe faça mercê.

5. Item. A Henrique de Sousa[10] deve Vossa Alteza fazer grande mercê, assim pelos serviços que lhe tem feito, como por ser tão obe-

---

[7] Afonso Gentil, que em 1527 em Ternate e em 1534 em Malaca era *provedor-mor dos defuntos*, foi um rico e culto mercador de Malaca, onde morreu em 1556 (SCHURHAMMER, *Quellen* 1451, 3558, 3599; Xavier-doc. 123; CASTANHEDA 7,59-60). Dele escreveu de Cochim em 9 de Janeiro de 1548, o *Vedor da fazenda* ao Governador: «Afonso Gentil vem preso e embargado e traz sete ou oito mil pardaus de seu; tudo o mais perdeu na China» (SCHURHAMMER, *Ceylon* 502).

[8] João Rodrigues de Carvalho, em 1548 recebeu um estipêndio de três anos do Governador e foi enviado como capitão de uma nau ao Pegu, onde foi miseravelmente tratado pelo tirano Tabinshwehti da Birmânia e donde voltou mais desgraçado que do naufrágio sofrido na China (SCHURHAMMER, *Quellen* 3824, 3849, 4390).

[9] *Lasarado*, em rigor, quer dizer leproso, cheio de feridas. Aqui: desgraçado, posto na miséria.

[10] Henrique de Sousa Chichorro, foi para a Índia em 1521 como almirante de uma galera. Ao voltar lá de novo, interveio em 1528 na conquista de Mombaça.

diente a seu Governador[11], por obedecer a Vossa Alteza. Casou com uma órfã, filha de Francisco Mariz[12]. Anda tão atribulado e arrastado que é piedade de o ver. Maria Pinheira[13], sua sogra, está nesta cidade de Cochim tão desamparada e pobre que é para haver grande piedade dela. Vi, também, a orfandade de seus filhos e filhas. Pede a Vossa Alteza a triste viúva que, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, haja piedade do seu grande desamparo e de seus filhos e filhas e lhe faça mercê das viagens de Maluco, para casamento de suas filhas e seu sustentamento[14], e a seus filhos os tome por moços fidalgos, no foro de seus parentes.

6. Item. António Cardoso[15], secretário que foi, vai este ano para o reino. Faça-lhe Vossa Alteza gasalhado[16] e mercê, pois que nestas

---

Fez novas viagens a Moçambique (1537) e à Índia, onde de 1545 a 1547 e de 1550 a 1551 foi capitão em Cochim. Ali se encontrava ainda em 1547 (CORREA, *Lendas da Índia* II 662, 674; IV 96-99 113 710; COUTO, *Da Ásia* 5,2,7; 5,3,9; 5,6,6; 5,10,7-8; 6,8,8-9 11).

[11] O Governador D. João de Castro prendeu-o sem justo motivo, por causa de seu irmão Aleixo de Sousa Chichorro, e nomeou em seu lugar António Correa como capitão de Cochim. Arrependido disso D. João de Castro à hora da morte pediu que intercedessem por Henrique de Sousa junto do Rei (Xavier-doc. 69,6; CORREA, *Lendas da Índia* IV 605, 658).

[12] O Dr. Francisco Mariz Lobo, em 1545 partiu para a Índia com a mulher e filhos como Vedor da fazenda, mas morreu na viagem. Sua filha órfã, Isabel Pereira, casou com Henrique de Sousa (SCHURHAMMER, *Quellen* 1483, 1519, 2724, 2943; ANDRADE LEITÃO 12, 664).

[13] Maria Pinheira, viúva do Dr. Francisco Mariz Lobo. Seus filhos eram Manuel Lobo, F. Rodrigues de Mariz, outro cujo nome desconhecemos, Ângela de Mariz, Isabel Pereira e Ana Pereira (SCHURHAMMER, *Quellen* 2724, 2839; A. LEITÃO, *ib.*).

[14] Sobre semelhantes concessões feitas como dote, cf. SCHURHMMER, *Quellen* p. XXXVI-XXXVII.

[15] Licenciado António Cardoso, nascido em Armamar, foi com Xavier para a Índia em 1541 e aí foi *secretário* de Martim Afonso de Sousa e de D. João de Castro, de 1542 a 1547. Regressado a Portugal em 1548, foi nomeado *Desembargador da casa da suplicação* e, em 1556 *Ouvidor* (SCHURHAMMER, *Quellen* índice; ANDRADE LEITÃO 5,103).

[16] Gasalhado, agasalhado: bom acolhimento.

partes o tem tão bem servido. Não lho encomendo a Vossa Alteza por via da muita amizade que entre ele e mim há, senão pelos muitos serviços que lhe tem feito.

7. Item. António Rodrigues de Gamboa[17] vai para o reino este ano a pedir a Vossa Alteza satisfação de seus serviços, dos quais Martim Afonso de Sousa, como boa testemunha, dará a verdadeira informação a Vossa Alteza. Nas coisas espirituais, também tem feito o que pode, porquanto participa muito do santo zelo e doutrina de nosso bom pai Miguel Vaz, cuja alma com grande triunfo está no céu. Deve-lhe Vossa Alteza fazer mercê com brevidade, dando-lhe favor, para que a todos nos ajude.

8. Item. Manuel Lobo[18] vai ao reino este ano, a pedir satisfação a Vossa Alteza dos muitos serviços que, na Índia, lhe tem feito, de dez anos a esta parte, ao qual na batalha de Dio[19], em serviço de Vossa Alteza, o aleijaram de uma perna, que não é homem. O que mais sente de seu[20] aleijão, como leal vassalo, é, Senhor, que não pode mais servir nas armadas a Vossa Alteza. Por consciência, a vassalo tão leal e de tantos serviços, lhe deve fazer grande mercê.

9. Item. De Cosme Anes, protector verdadeiro da casa de S. Paulo, ouço muito boas novas, que serve muito bem Vossa Alteza,

---

[17] Licenciado António Rodrigues de Gambôa, casado em Goa e *Vedor da fazenda*, desde 1544 exercia os cargos de *Procurador dos feitos do Rei* e *Desembargador*. Muito recomendado por seus méritos, foi nomeado Juiz do porto de Goa em 1550 (SCHURHAMMER, *Quellen* 458, 763, 1220, 1322, 1734, 3390, 3468, 4366). Era um dos mordomos da Confraria que fundou o colégio de Goa (*ib*. 2263). O seu zelo cristão aparece nas suas cartas e respostas (*ib*. 1545, 2506).

[18] Manuel Lobo Teixeira foi para a Índia em 1537 como *fidalgo escudeiro* e recebeu como dote da sua esposa Beatriz Barbosa o cargo de feitor de Chaul. Foi no cerco de Diu que ficou gravemente ferido: «queimado nas pernas e nas mãos e muitas vezes ferido e uma espingardada numa perna de que é aleijado» (cf. BAIÃO 224; EMMENTA 339; TdT, *Chanc. D. João III Doações* 6,74).

[19] A batalha principal foi a 11 Nov. 1546.

[20] Na carta, vem *sua*.

no seu cargo[21]. Escreva-lhe Vossa Alteza, encomendando-lhe muito que não canse de servir e olhar por S. Paulo, pois de Deus haverá no outro mundo galardão e, neste, de Vossa Alteza.

10. Item. O provedor e irmãos da Santa Misericórdia de Cochim escrevem a Vossa Alteza, sobre certos apontamentos do serviço de Deus, os quais são estes:
Primeiramente, os três retábulos para casa, scilicet[22]: um para o altar-mor, da invocação da Misericórdia, e os dois, um de Santo Amaro e outro de S. Jorge, mais pequenos, e para isto tem mandado esta casa 500 cruzados de soldo, para Sua Alteza pagar para os ditos retábulos[23].

11. Item. Uma provisão em que mande pagar os nove mil réis, de que Vossa Alteza tem feito esmola à casa, para órfãs, pagos no seu tesouro desta cidade, mês entrado mês saído, e assim mande na dita provisão que, do soldo que derem de esmola à casa, lhe paguem cada um ano mil pardaus, para remédio e amparo das órfãs e pobres, porque a provisão que Sua Alteza mandou o ano passado – que lhe pagassem todo o soldo que a casa tivesse – não se cumpriu.

12. Item. Uma provisão, que os defuntos que em Bengala e Pegu e Coromandel e outras partes da Índia falecerem e deixarem a esta santa casa por sua herdeira, que o provedor-mor nem os pequenos não entendam[24] na tal fazenda e que a deixem arrecadar aos procuradores das Misericórdias, e os testamentos que os tais defuntos, nos ditos lugares onde não há tabeliães, fizerem, que sejam valiosos, por quanto as testemunhas que neles assinam se espalham para muitas partes, por onde se não podem aprovar os tais testamentos, e a Misericórdia perde a tal herança, e os pobres e órfãs, para quem se deixam, padecem muita necessidade e as vontades dos defuntos não se cumprem.

---

[21] Em 1547-48, Cosme Anes era secretário do Governador D. João de Castro.

[22] Isto é, a saber.

[23] Cf. cartas da Misericórdia (SCHURHAMMER, *Quellen* 2733 4359).

[24] Não se metam, nada tenham que ver.

13. Item. O hospital de Cochim[25] está muito danificado e pobre de edifícios. Mande Vossa Alteza a seus governadores e veadores da fazenda que olhem por o dito hospital, pelos muitos doentes que acodem, dos que andam nas armadas e contínuo serviço de Vossa Alteza.

14. Item. Mandam pedir a Vossa Alteza o provedor e irmãos da Misericórdia que, o tempo que servirem a casa, sejam escusos[26] dos ofícios do concelho, sem embargo de sua ordenação.

15. Item. A derradeira mercê, que peço a Vossa Alteza é que me faça mercê, em pago do amor verdadeiro que lhe tenho, que me faça mercê pelo amor e serviço de Deus Nosso Senhor que dê grande pressa a pôr por obra, com muita diligência, tudo aquilo que desejaria ter feito à hora da sua morte, para entrar com muita confiança em juízo com Deus Nosso Senhor, do qual, ainda que queira, não pode fugir, e não deixe para hora da morte, porque os trabalhos da morte são tão grandes que não dão lugar para cuidar o que agora para aquele tempo guardamos. Receba isto Vossa Alteza dum servo seu, com aquele amor desenganado que lhe tenho.

Nosso Senhor o tenha sempre em sua guarda, nesta vida e, na outra, o leve a reinar à glória, como todos os seus servos da Companhia de Jesus desejamos.

De Cochim, a 20 de Janeiro de 1548.
(Por mão de Xavier) Servo inútil de Vossa Alteza,
FRANCISCO

---

[25] Martim Afonso de Sousa tinha dado o hospital à Confraria da Misericórdia (SCHURHAMMER, *Quellen* 2334).

[26] Dispensados.

63
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Cochim, 20 de Janeiro 1548
Duma cópia em castelhano, feita em 1553

SUMÁRIO: 1-2. Pede pregadores e missionários de virtude comprovada. – 3. Trabalhe por consciencializar o Rei das suas responsabilidades missionárias. – 4. Conselhos espirituais para isso. – 5-6. Responsabilizar mais os Governadores pela obra missionária.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

Caríssimo em Cristo Irmão

1. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, Irmão Mestre Simão, vos encomendo que trabalheis por mandar alguns pregadores da nossa Companhia, porque há muita necessidade deles na Índia. De todos os que mandastes, não vi senão João da Beira, o Padre Ribeiro[1] e Nicolau[2], leigo, os quais estão em Maluco, e Adão Francisco[3] que achei em Cochim. Perguntei pelos outros e disseram-me que não há nenhum, entre eles, que pregue.

Mais vos encomendo muito, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor: que quando ordenardes de mandar alguns da Companhia,

---

[1] Nuno Ribeiro.

[2] Irmão Nicolau Nunes.

[3] Irmão Adão Francisco: em 1542 entrou na Companhia de Jesus em Coimbra, em 1546 partiu para a Índia e no Verão seguinte foi enviado para a missão do Cabo de Comorim. Em princípios de 1548 foi com Mansilhas para Cochim, onde converteu à fé um brâmane com toda a sua família. Regressando à Pescaria, trabalhou ali com incansável zelo vindo a morrer em 2 de Janeiro de 1549 (F. RODRIGUES, *Hist.* I/1,313; *Doc. Indica I* Índice).; Xavier-doc. 56,2).

que não sejam pregadores, para estas partes da Índia, para converter os infiéis, sejam pessoas de muita provação na Companhia e de muitas experiências, de maneira que tenham alcançado muitas vitórias por espaço de alguns anos; e que não sejam doentes, porque os trabalhos da Índia requerem também forças corporais, ainda que sejam mais necessárias as espirituais. Muito grande serviço a Deus Nosso Senhor faria o Rei, se mandasse muitos pregadores da nossa Companhia para a Índia, porque haveis de saber que a gente da Índia carece muito de doutrina. Isto vos faço saber, pela experiência que tenho.

2. Se as coisas do acrescentamento da nossa santa fé entre os infiéis têm muitos impedimentos nestas partes, não vos espanteis, porque em nós encontram a primeira e mais forte contrariedade. Portanto, parece-me que é necessário acudir a nós primeiro e, depois, aos gentios. Para o ano que vem, por serviço de Deus Nosso Senhor: que façais tudo o possível por mandar pregadores! Não vos escrevo as coisas da Índia, porque não há senão oito dias que cheguei de Malaca, e não sei nada delas; e, de algumas que sei, pesa-me de as saber[4]. Parece-me que os nossos companheiros vos escrevem largamente tudo o de cá.

As pessoas que da nossa Companhia mandardes, para converter infiéis, é necessário que, de cada um deles, se possa confiar enviá-lo, só ou acompanhado, a qualquer parte que se oferecer de mais serviço de Deus Nosso Senhor, como a Maluco, China, Japão, ou Pegu, etc. A qualquer destas partes podem ir pessoas que, ainda que não tenham muitas letras, se tiverem muita virtude que as acompanhe, podem fazer muito serviço a Deus Nosso Senhor.

3. Por descargo da consciência do Rei, a quem toda a Companhia deve muito, por ser tão amigo dela, cumpre-lhe muito favorecer primeiro nas coisas espirituais aos seus e, depois, aos infiéis. Desejo muito, para honra e serviço de Deus Nosso Senhor e descar-

---

[4] Por ex. a desobediência de Mansilhas, a quem, por tal motivo, Xavier demitiu da Companhia de Jesus (SOUZA, *Oriente conquistado* 1,2,1,46).

go da consciência do Rei, que proveja todas as fortalezas da Índia de pregadores da nossa Companhia, ou da religião de S. Francisco; e que não tivessem outra ocupação especial e principal, estes pregadores, senão pregar, nos domingos e festas, aos portugueses e, depois de comer, aos escravos e escravas e cristãos *forros* da terra, sobre os artigos da fé; e, um dia na semana, às mulheres e filhas dos portugueses, sobre os mesmos artigos da fé e sobre os sacramentos da confissão e comunhão. É que sei, por experiência, a muita necessidade que disto têm.

Trabalhareis com o Rei, por descargo da sua consciência. É que me parece, e praza a Deus que me engane, que o bom homem, à hora da sua morte, se há-de achar muito alcançado acerca da Índia. Porque no céu, temo que Deus Nosso Senhor com todos os seus santos digam dele: «O Rei mostra bons desejos por cartas, para que se acrescente a minha honra na Índia, pois que só a este título a possui em meu nome; mas nunca castiga os que as suas cartas e mandatos não cumprem e prende e castiga os que encarrega do seu proveito temporal, se, por qualquer via que seja, não acrescentam as suas rendas e fazendas».

4. Se tivesse para mim que o Rei está ao par de um amor desenganado que lhe tenho, pedir-lhe-ia uma mercê, para lhe fazer serviço com ela, e é esta: que todos os dias se ocupasse um quarto de hora em pedir a Deus Nosso Senhor que lhe dê a entender bem e a melhor sentir dentro na sua alma, aquilo que diz Cristo: *«Que importa ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois vem a perder a sua alma?»*[5]. E tomasse como devoção que, ao fim de todas as suas orações, acrescentasse: *«Que importa ao homem, etc»*. Tempo é, caríssimo irmão Mestre Simão, de dar um desengano ao Rei, pois está mais perto do que pensa a hora em que Deus Nosso Senhor o há-de chamar a dar

[5] Mt 16,26. Com estas palavras se converteu Xavier em Paris a uma vida de santidade.

conta, dizendo-lhe: *«Dá-me conta da tua administração»*[6]. Portanto, fazei que proveja a Índia de fundamentos espirituais.

5. Irmão meu dilectíssimo Mestre Simão, só uma via e caminho acho, para que as coisas do serviço de Deus Nosso Senhor, nestas partes da Índia, vão em muito crescimento, pela experiência que tenho e não outra nenhuma, e é esta: que mande o Rei um regulamento a qualquer que for Governador da Índia, no qual diga ao seu Governador que de nenhum religioso da Índia confia, tanto como dele [nomeando primeiro a nossa Companhia], que nestas partes da Índia acrescente a fé de Jesus Cristo; e, portanto, que lhe manda que faça cristã a ilha de Ceilão, e que acrescente os cristãos do Cabo de Comorim e que, para isso, busque nestas partes religiosos, dando-lhe todo o poder sobre a nossa Companhia para dispor e mandar nela, e fazer de nós e dos outros tudo o que o Governador quiser e bem lhe parecer para acrescentamento da nossa santa fé; e, se assim o não fizer – fazer cristã toda a ilha de Ceilão e acrescentar muito a nossa fé – que lhe promete – e, para mais temor, e crerem os governadores que o Rei fala a sério, fazer um juramento e cumpri-lo, porque merecerá muito em fazê-lo e mais em cumpri-lo – que, se não lhe descarregarem a sua consciência, fazendo nestas partes muitos cristãos, ao chegarem a Lisboa os há-de mandar prender em ferros, dando-lhes muitos anos de prisão, confiscando toda a sua fazenda. Se o Rei mandar, e os Governadores não cumprirem o tal mandamento, e por isto os castigar grandemente, desta maneira se farão todos cristãos nestas partes, e doutra maneira não.

6. Esta é a verdade, Irmão Mestre Simão; o resto calo-o. Desta maneira cessarão os agravos e roubos que fazem aos pobres cristãos; e, aos que estão para o ser, darão grande ânimo para que se façam. Porque, quando estas coisas de fazer cristãos encomenda o Rei a outra pessoa que ao seu Governador, não espereis nenhum fruto. Crede que digo a verdade e por experiência. O porquê eu o sei, não

---

[6] Lc 16,2.

é necessário dizê-lo. Duas coisas desejo ver na Índia: a 1ª, os Governadores com esta lei; a 2ª, ver em todas as fortalezas da Índia pregadores da nossa Companhia. Porque, crede que seria muito serviço de Deus, assim em Goa como em todas as outras partes da Índia[7].

Deus Nosso Senhor seja em nossa contínua guarda. Amen

De Cochim, a 20 de Janeiro, ano de 1548
Vosso caríssimo Irmão em Cristo
FRANCISCO

---

[7] Cf. Xavier-doc. 61.

64
INSTRUÇÃO PARA OS DA COMPANHIA DE JESUS QUE ESTÃO NA COSTA DA PESCARIA E TRAVANCOR

Manapar, Fevereiro de 1548
Cópia do texto primitivo em português, feita em 1746

A ordem que haveis de ter para servirdes a Deus é a seguinte, na qual vos ocupareis com muita diligência:

1. Primeiramente vos ocupareis, com muita diligência, nos lugares que visitardes ou tiverdes a cargo, de baptizar as crianças que nascem, por ser este o feito maior que nestas partes ao presente se pode: indo de casa em casa, pelos lugares que andardes visitando, perguntando se aí há alguma criança para baptizar, levando convosco alguns meninos do lugar, para vos ajudarem a perguntar[1].

2. E não confieis em meirinhos nem em outras pessoas, que vos venham [eles] dizer quando alguma criança nasce: pelo descuido que nestes cabe e perigo que correm as crianças de morrerem sem baptismo.

3. Ocupar-vos-eis muito, em os lugares onde estiverdes ou lugares que visitardes ou tiverdes cargo, de fazer ensinar aos meninos a doutrina cristã: fazendo com muita diligência ajuntá-los, e encomendando aos moradores que os ensinem com muita diligência e que façam seu ofício, tomando-lhes conta de quantos sabem as orações; para [que], quando outra vez os visitardes, acheis mais fruto, sabendo eles a conta que lhes haveis de pedir. Este fruto dos meninos é o principal.

---

[1] Os missionários, nos princípios de 1548, ainda não sabiam bem a língua tamul.

4. Aos domingos, no lugar ou lugares que tiverdes o cargo de visitar, fareis que vão os homens à igreja dizer as orações; e, nos lugares [em] que aos domingos não fordes, pedireis conta ao meirinho se os *patangatins* do lugar vão à igreja, e assim as outras pessoas do lugar.

No lugar em que vos achardes, depois de ditas as orações, lhas explicareis: repreendereis os vícios que entre eles há, com exemplos e comparações claras, procurando sempre de lhes falar tão claro que vos entendam, dizendo-lhes que, não se emendando, Deus os há-de castigar, nesta vida, por doenças e abreviando-lhes os dias da vida por tiranias de *adigares* e reis[2] e, depois da sua morte, indo ao inferno.

5. Informar-vos-eis dos que no lugar se querem mal e, ao domingo, trabalhareis por os fazer amigos, quando se ajuntarem na igreja; e outro tanto fareis, aos sábados, com as mulheres que se querem mal.

6. As esmolas que derem, assim homens como mulheres, aos domingos e sábados, ou esmolas que oferecem nas igrejas, ou promessas de doentes, distribuir-se-ão todas aos pobres, de modo que não tomemos nenhuma coisa para nós.

7. Aos que estiverem doentes, visitá-los-eis, dando-lhes lugar e ordem para que vos venham dizer quando alguém estiver doente. Nesta visitação, fá-los-eis dizer a Confissão geral e o Credo, perguntando se crêem em cada artigo verdadeiramente. Para isto, levareis um menino que saiba as orações, para que as diga[3], e rezareis um Evangelho. Admoestareis aos homens e mulheres, aos domingos e sábados, que vos façam saber quando alguma pessoa adoecer, avisando que, se vo-lo não fizerem saber, não os haveis de enterrar na igreja nem onde enterram os cristãos.

---

[2] Desde 1547, os cristãos que viviam na costa oriental do Cabo de Comorim (Pescaria) estavam sob a jurisdição do imperador Vijayanagar ou do seu procurador; e os que viviam na costa ocidental (Travancor), obedeciam aos reis de Travancor e Coulão.

[3] Cf. nota 1.

8. Aos sábados e domingos, quando se ajuntarem na igreja os homens e mulheres, explicar-lhes-eis os artigos da fé, pela ordem que deixo [por] escrito ao P. Francisco Coelho, para que do português os mude em malabar[4]: acabados de mudar, fareis como por eles o tenho escrito, para que, cada sábado e domingo, os façais ler[5] na igreja em que estiverdes e tiverdes cargo de visitar.

9. Quando morrer alguém, enterrá-lo-eis, indo a sua casa com uma cruz e meninos dizendo as orações pelo caminho e, em chegando a sua casa, direis um responso, levando-o depois a enterrar, e todos os meninos dizendo as orações[6]; quando o houverdes de enterrar, outro responso. Acabando de o enterrar, aos que estão presentes, em breves palavras, lhes fareis uma exortação, fazendo-lhes lembrar que hão-de morrer, e que para isso se encomendem com bem viver, se querem ir para o paraíso.

10. Exortá-los-eis, aos sábados e domingos, aos homens e mulheres, que, quando algum menino estiver doente, o tragam à igreja para lhe dizerem o Evangelho. Isto, para que os grandes tenham fé e amor à igreja e as crianças se achem melhor.

11. Fareis por os conciliar em suas causas e demandas. As que forem de importância, remetê-las-eis ao capitão ou ao P. António[7]: de maneira que, o menos que puderdes, vos ocupareis em averiguar as demandas e, as obras de misericórdia espirituais, não as deixareis de cumprir por vos ocupardes em ouvir demandas. Mas as demandas que houver no povo, as que não forem de muita importância, ao domingo, depois de acabadas as orações, dareis ordem para que se despachem com os *patangatins* do lugar.

12. Com o capitão vos havereis muito benignamente, de modo que por nenhuma coisa quebreis com ele. Com todos os portugue-

---

[4] Refere-se à Explicação do Credo (Xavier-doc. 58). Em Outubro já estava feita a tradução.

[5] Cf. nota 1.

[6] Cf. nota 1.

[7] Padre Criminali.

ses desta Costa, procurareis de viver em paz e amor com eles, e com nenhum estareis mal, ainda que eles queiram. Os agravos que eles fizerem aos cristãos, com amor os repreendereis. Quando neles não houver emenda, fá-lo-eis saber ao capitão. Outra vez vos torno a encomendar: que por nenhuma coisa estejais mal com o capitão!

13. A conversação que tiverdes com os portugueses será em coisa de Deus, falando-lhes na morte e no dia de juízo e nas penas do inferno e do purgatório. Isto, para admoestá-los a que se confessem e comunguem e vivam em guarda dos dez mandamentos de Deus. Falando-lhes nestas coisas, não vos impedirão as coisas do vosso ofício e, os que vos conversarem, serão em coisas espirituais ou vos deixarão.

14. Aos Padres da terra, os favorecereis nas coisas espirituais, dizendo-lhes que se confessem e digam Missa e que vivam dando bom exemplo de si. Deles não escrevais mal a ninguém, mas somente podereis dar conta disso ao P. António, que é o superior desta Costa[8].

Quando baptizardes crianças, rezai-lhes primeiro um Evangelho de S. Marcos ou o Credo e, depois, as baptizareis com intenção de as fazerdes cristãs, dizendo as palavras essenciais do baptismo, que são: «Eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo», lançando água quando disserdes estas palavras. Acabando de as baptizar, lhes direis um Evangelho ou uma oração, segundo for vossa devoção. Quando baptizardes grandes, far-lhes-eis primeiro dizer a Confissão geral e o Credo; e, dizendo o Credo, se crê em cada artigo dele; e, dizendo que sim, então o baptizareis[9].

---

[8] Já antes da chegada de Xavier a Manapar, António Criminali era superior dos missionários jesuítas do Cabo de Comorim (SCHURHAMMER, *Quellen* 3539); Xavier renovou-lhe o mandato (*ib.* 4067; *Doc. Indica* 273, 280-281, 368). À sua morte, ocorrida em Junho de 1549, sucedeu-lhe o P. Henrique Henriques.

[9] Em Dezembro de 1555, o P. Henrique Henriques, escrevia de Punicale a Inácio de Loyola: «Tenho algum escrúpulo acerca do baptismo, porque o fazemos cá *sempre sem cerimónias*, ao menos aos meninos e muitas vezes também aos gran-

15. Guardai-vos de dizer mal dos cristãos diante dos portugueses, mas sempre sereis da sua parte, e os defendereis em falar por eles: é que, se bem olharem os portugueses a pouca doutrina que esta gente tem, e o pouco tempo que há que são cristãos, é mais para espantar de não serem piores.

16. Procurareis com todas as vossas forças fazer-vos amar desta gente, porque, sendo deles amados, fareis muito mais fruto que sendo deles aborrecidos.

17. Nenhum castigo fareis entre eles sem primeiro o consultar com o P. António; e, estando no lugar onde estiver o capitão, não castigareis nem prendereis ninguém, sem dar primeiro disso parte ao capitão.

18. Quando algum fizer algum pagode[10], assim homens como mulheres, o castigo que nisto lhe dareis será desterrá-lo do lugar onde estiver para outro, com parecer do P. António.

19. Aos meninos que vêm às orações, mostrareis muito amor. Guardai-vos de escandalizar dissimulando com os castigos que merecem.

20. Quando escreverdes para a Índia[11], aos Padres e Irmãos de lá, será dando particularmente conta do fruto que fazeis. Também o escrevereis ao Senhor Bispo, com muito acatamento e reverência, como a superior nosso, de modo que nos conheça na obediência que lhe temos.

21. A nenhuma terra ireis, a chamado de nenhum rei nem outro senhor da terra, sem parecer do P. António, dando por escusa que não podemos lá ir.

---

des. O Padre Mestre Francisco no-lo encomendou assim. Veja V.P. agora se o podemos fazer assim, sem cerimónias, sem nisso haver escrúpulo» (SCHURHAMMER, *Quellen* 6105).

[10] Aqui é tomado no significado de *imagem de ídolo*.

[11] Goa. Naquela altura, em toda a Índia, fora da Missão do Cabo de Comorim, os jesuítas só tinham casa em Goa.

22. Muito vos torno a encomendar que trabalheis por vos fazer amar nos lugares onde andardes e estiverdes, assim fazendo boas obras como por palavras de amor, para que de todos sejamos amados antes que aborrecidos, porque desta maneira fareis mais fruto, com já disse. O Senhor no-lo conceda e fique com todos. Amen.

Em Fevereiro de 1548
Todo vosso
FRANCISCO

65
A DIOGO PEREIRA (COCHIM)

Goa, 2 de Abril 1548
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Não pode ir ter com Diogo Pereira, por ter de invernar em Goa. – 2. Envia dois jesuítas para Malaca. – 3. Que Diogo olhe pela sua consciência, que é a melhor riqueza. – 4. Recomenda-lhe um tal Ramirez.

[Senhor][1]

1. Deus Nosso Senhor sabe quanto eu folgara de o ver, antes que se partira, caminho da China[2]. Mas o Senhor Governador me mandou que invernasse cá em Goa, e não pude tal fazer, senão obedecer a Sua Senhoria[3], que os meus desejos eram de ir a Cochim[4] e dali ao Cabo Comorim, onde estão meus companheiros. Também levara muito gosto e contentamento de comunicar com

---

[1] Também na carta 122 *Mac*. omite *Senhor* no começo.

[2] No dia 19 de Março, o Governador tinha concedido a Diogo Pereira, por seus grandes méritos, licença de comércio na China com a sua nau (*Santa Cruz*). (SCHURHAMMER, *Quellen* 3857).

[3] Xavier, em Fevereiro de 1548, tinha partido da Pescaria para Baçaim, onde se encontrava o Governador, para lhe pedir ordens para Maluco e Malaca. D. João de Castro, então no auge da glória, pela famosa vitória da libertação de Diu (10 de Nov. 1546), além de já entrado em anos, encontrava-se doente, com uma febre maligna que o enfraquecia cada vez mais. Por isso, veio para Goa e pediu a Xavier que não se ausentasse dali durante a época das chuvas. A 6 de Junho, Xavier assistiu-o na agonia (SCHURHAMMER, *Der Heilige Franz Xaver* 171-173; *Quellen* 3833, 3838, 3859; CORREA, *Lendas da Índia* IV 636-638, 658-660).

[4] Diogo Pereira estava então em Cochim.

Vossa Mercê algumas cousas, como com um amigo meu verdadeiro e da alma, acerca de dar-lhe conta de uma viagem e peregrinação, que, daqui a um ano, espero de fazer para Japão[5], pela muita informação que tinha do fruto que lá se pode fazer, em acrescentar a nossa santa fé.

2. Lá mando, a Malaca, dois companheiros meus: um deles, para pregar[6], assim aos portugueses como às suas mulheres e escravos, e ensinar e doutrinar cada dia, como eu fazia, o tempo que lá estive; o outro companheiro, que não é de Missa[7], para ensinar a ler e escrever os filhos dos portugueses, e ensiná-los a rezar as Horas de Nossa Senhora, os sete Salmos, e as Horas de Finados pelas almas de seus pais. Por lá, como Vossa Mercê sabe, tudo é ler por feitos[8]. Os filhos dos portugueses, lendo por feitos e mais feitos de Malaca, ficam fei-

---

[5] Fala já da viagem com certeza; no dia 30 de Janeiro ainda a não tinha (Xavier-doc. 59,18-19; 60,4; 61,9).

[6] Padre Francisco Pérez (*Doc. Indica* I 369; Xavier-doc. 14).

[7] Roque de Oliveira, nascido em Aveiro em 1523, foi professor, em Goa, no colégio de S. Paulo, de 1544 a 1548. Tendo feito ali os Exercícios Espirituais, foi admitido por Xavier na Companhia de Jesus. De 1548 a 1550 foi professor em Malaca, donde veio a Goa em 1550 para receber a ordenação sacerdotal, que afinal não chegou a receber. Em 1552, continuava como simples professor em Coulão, acabando por sair da Companhia de Jesus em 1553 (cf. *Doc. Indica* I índice; Xavier-doc. 84,17-19; MX II 429).

[8] *Feitos* eram os processos, autos de demanda, etc., por onde os meninos aprendiam a ler, à falta de livros. Um costume também adoptado nalgumas partes de Espanha, até fins do séc. XIX. Já João de Barros vituperava tal costume em 1540: «De maneira que, quando um moço sai da escola, não fica com *nihil* (nada), mas pode fazer melhor uma demanda que um solicitador delas, porque mama estas doutrinas católicas no leite da primeira idade. E o pior é que, por letra tirada anda um ano aprendendo um feito» (BARROS, *Compilação* 232-233). Sebastião Gonçalves notava em 1614: «Na nossa escola de Goa, antigamente, mandava o mestre escrever muitos livros tirados da história eclesiástica, que os meninos lessem, para desterrar os feitos que nas audiências se formam, dos quais aprendiam burlas, mentiras e falsidades» (SEB. GONÇALVES 2,4).

tos malacazes[9]. Também encomendo, ao que há-de ensinar a ler e escrever aos filhos dos portugueses, que ensine gramática, andando o tempo, aos que forem para isso.

3. Muito folgara de ver-me com Vossa Mercê, antes que se partira para a China, para lhe encomendar uma veniaga[10] muito rica, de que pouca conta fazem os que tratam em Malaca e na China: esta veniaga se chama a consciência da alma. É tão pouco conhecida, por aquelas partes, que cuidam todos os mercadores que ficam perdidos, se usam bem dela! Espero em Deus Nosso Senhor que meu amigo Diogo Pereira se há-de ganhar em levar muita consciência, onde os outros se perdem à míngua dela. Eu continuadamente rogarei, em minhas pobres orações e sacrifícios, que Deus Nosso Senhor o leve e traga a salvamento, mais aproveitado em alma e consciência que em fazenda.

4. Lá vai Ramires a se entregar todo a Vossa Mercê, porquanto sabe a amizade verdadeira que entre nós há, parecendo-lhe que, em servir a Vossa Mercê, entregando-se todo a si[11], que o há-de favorecer e ajudar para poder alcançar alguma esmola para se ir a sua terra: é que tem pai e mãe, e deseja muito de os ir ver, e falta-lhe o necessário para se poder embarcar e fazer sua matalotagem[12]. Eu vou tão pobre que, ainda que queira, não tenho possibilidade para o ajudar a ir a sua terra. Portanto, peço a Vossa Mercê, pelo amor de Cristo Nosso Senhor e da[13] Virgem Nossa Senhora sua Mãe, pondo-lhe nossa amizade diante tanto quanto posso, que o leve em sua companhia e se sirva dele fazendo-lhe algum empréstimo, como Vossa Mercê o

---

[9] *Malacaz, malaquês*, «moeda de prata do valor mil réis, mandada cunhar por Afonso de Albuquerque em Malaca, da qual tirou o nome» (DALGADO, *Glossário* 16). Xavier fala ironicamente.

[10] Mercadoria.

[11] Na carta vem *a ele*.

[12] Provisão de mantimentos que fazem os matalotes (marinheiros, embarcadiços, etc.), para a viagem.

[13] Na carta vem *a*, mas julgamos que deve ser engano.

tem em costume de o fazer a todos os que se a si[14] se encomendam. [Ele], juntamente com sua fazenda, lhe deve dar empregada a que com seus empréstimos fará, para que, com os ganhos dela, se possa remediar para sua matalotagem. Nisto fará serviço a Deus Nosso Senhor e, a mim, muita mercê e esmola, e [lhe] ficarei obrigado a fazer o que Vossa Mercê me mandar.

Nosso Senhor lhe acrescente os dias da vida, para seu santo serviço, e o leve e traga a salvamento, como ele deseja. Amen.

De Goa, a 2 de Abril de 1548.
Servidor e amigo verdadeiro de Vossa Mercê,
FRANCISCO

[14] Na carta vem *a ele*.

66
MODO DE REZAR E SALVAR A ALMA

Goa, entre Junho e Agosto de 1548?
Cópia em português, feita em 1614

HISTÓRIA – Xavier menciona pela primeira vez este documento na Instrução que deu ao P. Barzeu em Abril de 1549, na qual escreve: «Levareis de casa a *Doutrina cristã* e a *Declaração* sobre os artigos da fé e a *Ordem e regimento* que um homem há-de ter todos os dias para se encomendar a Deus e salvar sua alma. Esta *Ordem e regimento* dareis aos que confessardes, em penitência de seus pecados por certo tempo, e depois lhes ficará em costume; porque é muito bom regimento e acham-se muito bem com ele os penitentes. E assim o praticareis a muitas pessoas, ainda que convosco não se confessem, e pô-lo-eis numa tábua na igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, para que daí o tomem os que se quiserem aproveitar» (Xavier-doc. 80,26). Os três documentos que Xavier aqui menciona são, pois: *Doutrina cristã* (Xavier-doc. 14), *Declaração* do Credo (Xavier-doc. 58) e *Ordem e regimento* (Xavier-doc. 66). Das palavras citadas, se deduz também que Xavier já tinha provado por experiência a utilidade e eficácia deste regulamento e que dele se teriam feito muitas cópias. É provável que o próprio autor tenha ido elaborando e completando o seu escrito, embora depois da sua morte outros lhe tenham feito modificações, como aparece pelas cópias escritas e impressas posteriormente. Conhecem-se pelo menos quatro formas distintas.

SUMÁRIO: 1. Benzer-se logo ao levantar. – 2-3. Recitar o Credo e fazer uma profissão de fé. – 4-8. Recitar os dez Mandamentos, pedindo depois graça para os guardar a um por um. – 9-11. Pedir também perdão, a um por um, pelos que não tem guardado, propondo emendar-se. – 12. Vantagens para a eternidade. – 13-14. Antes de deitar, exame de consciência e acto de contrição. –15-16. Dupla oração ao Anjo da guarda. – 17-19. Orações a Deus Pai, a Nossa Senhora e a S. Miguel arcanjo de prevenção para o Juízo final. – 20. Misericórdia de Jesus no dia de Juízo. – 21-22. Pecado venial e pecado mortal e como se perdoam. – 23. Oração à vera-cruz. – 24-27. Ensinar os meninos a estar à Missa e a rezar de manhã e à noite. – 28-30. Conselhos para a salvação. Rascunho de apontamentos dispersos para completar este regulamento.

[Ordem e regimento que o bom cristão deve ter todos os dias, para se encomendar a Deus e salvar sua alma[1]]

Ordem que se terá, ao alevantar da cama

1. Primeiramente, acordando logo pela manhã, todo o fiel cristão fará três coisas, as quais aprazem a Deus, sobre todas as coisas: a primeira é confessar a Santíssima Trindade, três pessoas e um só Deus, a qual somente os cristãos bem e verdadeiramente confessam, quando se benzem, dizendo: Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo[2].

2. A segunda coisa é confessar a Jesus Cristo, Filho de Deus verdadeiro, dizendo o Credo, e crendo-o bem e verdadeiramente sem duvidar, no qual se encerra toda nossa fé católica, o qual é o seguinte:

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador dos céus e da terra; creio em Jesus Cristo, seu Filho, um só Nosso Senhor; creio que foi concebido do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria; creio que padeceu sob poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; creio que descendeu aos infernos e, ao terceiro dia, ressurgiu dos mortos ; que subiu aos céus, está assentado à mão direita de Deus Pai todo-poderoso; creio que dos céus há-de vir a julgar os vivos e os mortos; creio em o Espírito Santo; creio a santa Igreja Católica; creio o ajuntamento dos santos e a remissão dos pecados; creio a ressurreição da carne; creio a vida eterna. Amen, Jesus[3].

Protestação da fé

3. Verdadeiro Deus, eu confesso, de vontade e coração, como bom e leal cristão, a Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito San-

---

[1] Xavier-doc. 80,26.

[2] Cf. Xavier-doc. 58,8.

[3] Xavier-doc. 14,2; BARROS, *Compilação* 16-17.

to, três pessoas e um só Deus. Eu creio firmemente, sem duvidar, tudo o que crê e tem a Santa Madre Igreja de Roma. Eu prometo, como fiel cristão, de viver e morrer em a santa fé católica de meu Senhor Jesus Cristo. E quando, à hora da minha morte, não puder falar, agora, para quando eu morrer, confesso a meu Senhor Jesus Cristo por Unigénito Filho de Deus, com todo meu coração[4].

4. A terceira coisa é pedir graça ao Senhor Deus, para guardar os dez Mandamentos de sua santíssima lei, pois nenhuma pessoa se pode salvar, sem os guardar – os quais se hão-de dizer pela manhã e, para cada um deles, pedir a graça ao Senhor Deus para, naquele dia e todos os outros de sua vida, os cumprir e guardar como ele manda, pela maneira seguinte[5]:

5. Os Mandamentos da lei do Senhor Deus são dez, *scilicet*[6]: O primeiro é amar a Deus sobre todas as coisas; o segundo, não jurarás o seu santo nome em vão; o terceiro, guardarás domingos e festas; o quarto, honrarás a teu pai e a tua mãe e viverás muitos anos; o quinto, não matarás; o sexto, não fornicarás; o sétimo, não furtarás; o oitavo, não levantarás falso testemunho; o nono, não desejarás a mulher do teu próximo; e o décimo, não cobiçarás as coisas alheias[7].

6. Diz Deus: os que guardarem estes dez Mandamentos irão ao paraíso. Diz Deus: os que não guardarem estes dez Mandamentos irão ao inferno[8].

7. *Oração:* Rogo-vos, meu Senhor Jesus Cristo, que me deis graça, hoje neste dia e em todo o tempo da minha vida, para guardar estes dez Mandamentos.

8. *Oração:* Rogo-vos, minha Senhora Santa Maria, que queirais por mim rogar ao vosso bento Filho, Jesus Cristo, que me dê graça,

---

[4] Xavier-doc. 14,3.

[5] Cf. Xavier-doc. 20,4.

[6] A saber.

[7] Xavier-doc. 14,6; BARROS, *Comp.* 20.

[8] Xavier-doc. 14,7.

hoje neste dia e em todo o tempo de minha vida, para guardar estes dez Mandamentos.

9. *Oração:* Rogo-vos, meu Senhor Jesus Cristo, que me perdoeis os pecados, que eu fiz hoje neste dia e em todo o tempo de minha vida, em não guardar estes dez Mandamentos.

10. *Oração:* Rogo-vos, minha Senhora Santa Maria, Rainha dos Anjos, que me alcanceis perdão, do vosso bento Filho Jesus Cristo, dos pecados que eu fiz, hoje neste dia e em todo tempo de minha vida, em não guardar estes dez Mandamentos[9].

11. Acabada esta oração, dirá o Pai-nosso e a Ave-maria. E o mesmo fará em cada um dos dez Mandamentos por si: para que melhor se lembre; e para propor e procurar de guardar os Mandamentos e se desacostumar de pecar nos Mandamentos que não guarda; e para que, pecando contra algum deles, conheça mais depressa o mal que faz e se arrependa mais cedo dos pecados que por costume comete.

E naquele Mandamento em que mais compreendido[10] se achar, pecando por mau costume, pedirá, com grande dor e arrependimento de seus pecados, graça ao Senhor Deus para, naquele dia e em todos os de sua vida, o guardar[11]. E trabalhará muito pela salvação de sua alma, guardando os dez Mandamentos, e porá todas as suas forças em se desacostumar de pecar neles, dizendo assim:

12. Eu creio, verdadeiramente, que se a morte me tomar nalgum pecado, contra algum destes dez Mandamentos, que minha alma será condenada às penas do inferno, sem nenhuma redenção. E também creio, verdadeiramente, que se a morte me tomar fora de pecado mortal e depois de me desacostumar de pecar contra os dez Mandamentos, contra os quais por mau costume peco, que o Senhor Deus haverá misericórdia da minha alma, por muito pecador

---

[9] Xavier-doc. 14,8-11; cf. 20,4; MI *Exerc.* 434-437.

[10] Culpado.

[11] MI *Exerc.* 436-440.

que eu fosse, e me dará a salvação perpétua, que é a glória do paraíso, fazendo primeiro penitência de meus pecados, ou nesta vida ou no purgatório.

Ordem que se terá, à noite, para pedir perdão dos pecados a Deus Nosso Senhor

13. Guardará o fiel cristão, quando quiser dormir, tudo o que acima está dito, examinando sua consciência dos pecados que naquele dia cometeu; propondo, com a graça do Senhor, emenda deles; tendo propósito de se confessar a seu tempo. E, porquanto o sono é imagem da morte e muitos, que se deitaram a dormir bem dispostos, amanhecem mortos, direi, com grande arrependimento de meus pecados, a Confissão geral e me encomendarei ao santo Anjo da guarda. Direi desta maneira:

14. Eu, pecador muito errado, me confesso ao Senhor Deus e à Santa Maria e a São Miguel, o anjo, e a São João Baptista, e a São Pedro e a São Paulo e a São Tomé[12], e a todos os santos e santas da corte do céu; e a vós, Padre, digo minha culpa, que pequei grandemente, por pensamento e por fala e por obra, do muito bem que pudera fazer e não no fiz, e do muito mal de que me pudera apartar e não me apartei. De tudo me arrependo. Digo a Deus minha culpa, Senhor, minha culpa, minha grande culpa. Peço e rogo, à minha Senhora Santa Maria e todos os santos e santas, que queiram por mim rogar ao meu Senhor Jesus Cristo que me queira perdoar os meus pecados presentes, passados, confessados, esquecidos e que, daqui por diante, me dê a sua graça, me guarde de pecar e me leve a gozar da glória do paraíso. Amen, Jesus[13].

---

[12] S. Francisco Xavier meteu S. Tomé, expressamente, na confissão, por a tradição dizer que foi ele quem, primeiro, levou o cristianismo à Índia.

[13] Xavier-doc. 14,14.

Oração ao Anjo da Guarda

15. Ó Anjo de Deus que és minha guarda, pela piedade superna[14] a mim, a ti cometido[15], salva, defende e governa. Amen, Jesus[16].

16. Rogo-te, Anjo bento, a cuja providência eu sou encomendado, que sempre sejas presente, em minha ajuda. Ante Deus Nosso Senhor, apresenta os meus rogos a suas mui piedosas orelhas, para que[17], por sua misericórdia e tuas preces, me dê perdão de meus pecados passados e verdadeiro conhecimento e contrição dos presentes, e aviso para evitar os pecados vindouros, e me dê graça para bem obrar e até ao fim perseverar. Afasta de mim, pela virtude de Deus todo-poderoso, toda a tentação de Satanás. E, o que não mereço por minhas obras, tu alcança por teus rogos por mim, ante Nosso Senhor, que em mim não haja lugar e mistura de alguma maldade. E se, algumas vezes, me vires errar o bom caminho e seguir os errores dos pecados, tu procura de me volver a meu Salvador, pelas carreiras da justiça. E quando me vires em alguma tribulação e angústia, faz que me venha adjutório de Deus, por teus doces socorros.

Rogo-te que nunca me desampares, mas sempre me cubras e visites e ajudes e defendas de toda a fadiga e guerra dos demónios, vigiando de dia e de noite, em todas as horas e momentos. Onde quer que andar, guarda-me e acompanha-me. Isso mesmo te peço, meu guardador, que quando desta vida partir, não deixes que me espantem os demónios, nem me deixes cair em desesperação, nem me desampares, até me levar à bem-aventurada vista de Deus Nosso Senhor, onde eu, contigo e com a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e com todos os santos, para sempre folguemos em a glória do paraíso, que nos dará Jesus Cristo Nosso Senhor, o

[14] Altíssima, celeste.
[15] Entregue.
[16] BARROS, *Comp.* 64.
[17] Para que.

qual, com o Pai e com o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amen[18].

Oração a Deus Nosso Senhor, à Virgem Senhora Nossa e a S. Miguel

17. Ó meu Deus poderoso e Pai piedoso da minha alma, Criador de todas as coisas do mundo, em vós, meu Deus e Senhor, pois sois todo meu bem, creio firmemente, sem poder duvidar, que me hei-de salvar, pelos méritos infinitos da morte e Paixão de meu Senhor Jesus Cristo, ainda que os pecados de quando era pequeno sejam muito grandes, com todos os demais que tenho feitos. Vós, Senhor, me criastes e destes alma e corpo e quanto tenho. E vós, meu Deus, me fizestes à vossa semelhança, e não os falsos pagodes, que são deuses dos gentios, em figuras de bestas e alimárias do diabo. Eu arrenego de todos os pagodes e feiticeiros e adivinhadores, pois são cativos e amigos do diabo. Ó gentios, que cegueira e pecado é o vosso tão grande, que fazeis a Deus besta e alimária, pois o adorais em suas figuras! Ó cristãos, dêmos graças e louvores a Deus trino e uno, que nos deu a conhecer a fé e lei verdadeira de seu Filho Jesus Cristo[19].

18. Ó Senhora Santa Maria, esperança dos cristãos, rainha dos anjos e de todos os santos e santas que estão com Deus Nosso Senhor no céu, a vós, Senhora, e a todos os santos, me encomendo agora para a hora da minha morte, que me guardeis do mundo e carne e diabo, que são meus inimigos, desejosos de levar a minha alma ao inferno[20].

---

[18] Ib. 64-65.

[19] Xavier-doc. 14,26.

[20] Xavier-doc. 14,27.

19. Ó Senhor São Miguel, defendei-me do diabo, à hora da minha morte, quando estiver dando conta a Deus de toda minha vida passada[21].

20. Pesai, Senhor, os meus pecados com os méritos da morte e Paixão de meu Senhor Jesus Cristo e não com os meus poucos merecimentos: assim serei livre do poder do inimigo e irei gozar, para sempre, da glória do paraíso. Amen, Jesus[22].

Que coisa é pecado venial e por quantas coisas se perdoa
Que coisa é pecado mortal e como se perdoa

21. Pecado venial não é outra coisa senão uma disposição de pecado mortal, e chama-se pecado venial porque levemente se há perdão dele. Perdoa-se por nove coisas: a primeira é por ouvir Missa; a segunda, por comungar; a terceira, por bênção episcopal; a quarta, por Confissão geral; a quinta, por água benta; a sexta, por pão-bento; a sétima, por bater no peito; a oitava, por dizer a oração do *pater noster*[23], devotamente; a nona, por ouvir a pregação. Tudo isto com arrependimento[24].

22. Pecado mortal é querer, ou dizer, ou fazer alguma coisa contra a lei de Deus ou deixar de fazer o que manda. E chama-se mortal, porque mata o corpo e alma eternamente daquele que, sem dele [sendo mortal] fazer pendença[25], faleceu. Pelo pecado mortal, perde o homem a Deus, que o criou, e perde a glória que lhe prometeu, e perde o corpo e a alma que lhe remiu, e perde os merecimentos e benefícios da Santa Madre Igreja, e perde mais os bens que faz em pecado mortal, porque não prestam para sua salvação, posto que

[21] Xavier-doc. 14,28.
[22] Idem.
[23] *Pater noster*: padre-nosso.
[24] Cf. MI *Epp.* XII 667-668.
[25] Penitência.

aproveitem para o acrescentamento da saúde e bens temporais e para diminuir nas penas e para vir em conhecimento do pecado em que está, para sair dele. Porque, se o pecador se arrepende do pecado, com propósito de não pecar, e se confessar ao tempo que manda a Igreja, este já está em verdadeira penitência e é capaz dos merecimentos e indulgências da Igreja, e os bens que fizer lhe aproveitam para tudo.

O pecado mortal se perdoa por quatro coisas: a primeira é por contrição; a segunda, por confissão de boca, com contrição, ao próprio sacerdote; a terceira, por satisfação de obra com contrição; a quarta, por propósito de não tornar mais a pecar, com contrição.

Oração da vera-cruz

23. Ó cruz bem-aventurada, que foste consagrada com o corpo de meu Senhor Jesus Cristo, e foste esmaltada de seu precioso sangue, peço-te, Senhor Jesus Cristo misericordioso, por virtude da tua morte e Paixão, que naquela sacratíssima cruz padeceste, me queiras perdoar meus pecados, assim como perdoaste ao ladrão, estando tu, benigno Senhor, crucificado nela, e me dês vencimento contra meus contrários, e os meus inimigos queiras trazer a verdadeiro conhecimento que se arrependam. Amen, Jesus.

Como hão-de estar os meninos e meninas ao ouvir da Missa

24. Sejam os meninos e as meninas ensinados como hão-de estar calados, na igreja. À confissão, estejam de joelhos; e à *gloria in excelsis,* estejam em pé; e logo à oração, em joelhos, tirando[26] entre Páscoa e Natal; à epístola, estejam sentados; e ao evangelho, em pé, com grande reverência; e ao Credo, e dizendo *Homo factus est,* ponham os

[26] Excepto, afora.

joelhos no chão. Ao prefácio, estejam em pé; e, depois do *sanctus,* em joelhos, até ao cabo da Missa e tomar a bênção do sacerdote[27].

25. Também lhes ensinem pela manhã, antes que outra coisa façam, alguma devoção de algumas ave-marias e *pater noster* e Credo. Ao menos, três ave-marias em joelhos: a primeira, à fé com que Nossa Senhora concebeu o Filho de Deus; a segunda, à dor quando o viu expirar na cruz; a terceira, ao prazer da ressurreição. Outro tanto à noite, antes que se deitem. E também ao meio-dia rezem alguma coisa, em memória da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

26. *Oração à hóstia:* Adoro-te, meu Senhor Jesus Cristo, e bendigo a ti, que pela tua santa cruz remiste o mundo e a mim. Amen, Jesus[28].

27. *Oração ao cálix:* Adoro-te, sangue de meu Senhor Jesus Cristo, o qual foi derramado na cruz, para salvar os pecadores e a mim. Amen, Jesus[29].

Lembranças do B. P. Francisco feitas aos que se desejam salvar

28. Lembre-se todo o pecador que há muito grande diferença de pecar mortalmente, por costume, e pecar acidentalmente e não por costume. Saiba certo que é necessário deixarem os homens os pecados de costume, na vida, e não aguardarem para os deixarem à hora da morte, porque, aguardando a tal tempo, os pecados deixam aos pecadores e não os pecadores aos pecados; e, nestes tais pecadores, a justiça de Deus se manifesta, quando morrem, ficando condenados para as penas do inferno. Mas em os que acidentalmente e não por costume pecam, trabalhando de guardar os mandamentos, usa Deus de sua misericórdia com eles, à hora de sua morte.

---

[27] BARROS, *Comp.* 46-49.

[28] Ibid. 60.

[29] Ibid. 61.

29. Todas as orações, esmolas e benfeitorias, e trabalhos ordenados, e enfermidades sofridas com paciência, e as obras de misericórdia que cumprir, e todos os outros bens que fizer, serão ordenados a este fim, rogando ao Senhor Deus lhe dê graça: para se desacostumar de pecar contra os dez Mandamentos, nos quais por mau costume peca, pois para salvação da minha alma me é tão necessário desacostumar-me de pecar, porquanto os pecados de costume são os que levam os homens ao inferno.

30. Lembre-se todo o cristão da contínua memória da morte e da brevidade dela, e da conta tão estreita que a Deus há-de dar de toda sua vida passada, quando morrer; e a lembrança do dia do juízo universal, quando todos, em corpo e alma, ressurgirmos; e das penas perpétuas do inferno, que nunca têm fim; e a lembrança da glória do paraíso, para a qual fomos criados. Todas estas coisas cuidadas, cada dia, me ajudarão muito para me dispor a fazer agora o que à hora da minha morte queria ter feito, para ir à glória do paraíso.

Todo o fiel cristão, que este regimento guardar, ganhará nesta vida, com a graça do Senhor, a glória do paraíso.

ACRESCENTOS FEITOS TALVEZ POR XAVIER

1) Cópia de um fragmento

3a. Acto de esperança

Cristo Jesus, Deus e Senhor meu, confiado em vossa divina misericórdia espero, por vossos merecimentos, que movido e ajudado com vossa graça, cooperando com obras cristãs e guardando vossos mandamentos, hei-de alcançar a glória e bem-aventurança para a qual me criastes. Amen[30].

---

[30] Xavier-doc. 53,5.

3b. Acto de caridade

Amo-vos, meu Deus, sobre todas as coisas. De todo o coração me pesa de vos ter ofendido, por serdes quem sois, e pelo amor que vos devo, e porque sobre tudo vos estimo. Proponho firmemente de nunca mais fazer coisa com que ofenda a vossa divina bondade e me arrisque a perder a vossa santa graça. Amen[31].

6a. Meditação dos dez Mandamentos[32],
que se pode fazer cada dia pela manhã,
depois de ter feito e rezado as devoções acima ditas,
na qual se gastará algum tempo na forma seguinte:

Em primeiro lugar se lembrará do primeiro Mandamento e dirá: o primeiro Mandamento da lei de Deus é: honrarás a um só Deus. Depois de ter dito isto, considere consigo mesmo, e lembre-se brevemente dos pecados que tem feito contra este Mandamento em toda a vida; peça deles perdão de todo o coração a Deus Nosso Senhor; faça propósito de se emendar deles; e, depois, reze as duas orações acima postas, com alguma diversidade em pôr cada Mandamento no cabo delas, nesta forma:

Rogo-vos, meu Senhor Jesus Cristo, que me deis graça, neste dia e em todo o tempo da minha vida, para guardar este primeiro vosso Mandamento. Amen.

Rogo-vos, minha Senhora Santa Maria, que me queirais rogar por mim ao vosso bendito Filho Jesus Cristo que me dê graça, neste dia e em todo o tempo da minha vida, para guardar este seu primeiro Mandamento. Amen.

Acabadas estas orações, dirá um Pai-nosso e uma Ave-Maria.

Tudo isto fará em cada um dos Mandamentos por si. Esta devoção serve ao cristão para que melhor se lembre de sua obrigação para com Deus Nosso Senhor e das faltas que nisto tem feito; e para pro-

---

[31] Ib.

[32] Cf. MI *Exerc.* 434-437.

por e procurar de guardar os Mandamentos, e se desacostumar de pecar contra aqueles que não guarda; e para que, pecando contra algum deles, conheça mais depressa o mal que faz e se arrependa mais cedo dos pecados que por costume comete. Naquele Mandamento em que mais compreendido se achar, pecando por mau costume, pedirá, com grande dor e arrependimento de seus pecados, graça a Deus Nosso Senhor para naquele dia e em todos os de sua vida o guardar; e trabalhará muito pela salvação de sua alma guardando os dez Mandamentos e porá todas as suas forças em se desacostumar de pecar neles.

23a. Ordem que se terá à noite antes de se deitar

Porquanto o sono é imagem da morte, e muitos que se deitaram a dormir bem dispostos amanheceram mortos, examinarei a minha consciência, correndo brevemente os cinco pontos seguintes, que são estes:

1º Dar graças a Deus Nosso Senhor dos benefícios recebidos, em comum e em particular.

2º Pedir graça de conhecer os seus pecados daquele dia.

3º Examinar todos os seus pensamentos, desejos, palavras, obras e omissões, correndo as acções que tem feito, os lugares em que esteve, as pessoas com quem tratou; e advertir as faltas que em tudo isto tem feito.

4º Ter dor e arrependimento dos seus pecados, por ser ofensa da infinita bondade de Deus.

5º Fazer propósito muito firme de nunca mais cair neles[33].

2) Cópia doutro fragmento

13a. Primeiramente confessará a Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas um só Deus – a qual confessará

[33] Ib. 270-272.

benzendo-se, dizendo: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A 2ª é confessar a Jesus Cristo Filho de Deus verdadeiro, Nosso Redentor e Senhor, dizendo o Credo: crendo-o todo, firmemente, sem duvidar, pois nele se encerra toda a nossa santa fé. Dito ele, se fará a protestação que se segue: 'Verdadeiro Deus, etc.'

A 3ª coisa será pedir ao Senhor Deus perdão de meus pecados, pela ordem que se segue: nomeando primeiro o primeiro Mandamento, pedirei perdão dos pecados que contra ele fiz, assim hoje neste dia como todos os de minha vida, e direi a rogativa a Nosso Senhor e a nossa Senhora, segundo que arriba se disse, com um Pai-nosso e uma Ave-Maria. E assim procedendo por cada um. No Mandamento em que se achar mais culpado, ofendendo nele a Deus pelo mau costume que nele tem, com grande dor e pesar, arrependimento, contrição verdadeira, pedirá perdão ao Senhor Deus dos pecados que naquele dia e todos os da sua vida fez em quebrantar aquele santo Mandamento. E isto, com propósito de se confessar dos pecados que aquele dia fez, prometendo ao Senhor de se desacostumar de pecar naquele Mandamento e de se emendar. Este pedir perdão todas as noites, pelos Mandamentos, é como uma confissão que cada dia faz, a qual é necessária, segundo são muitos e contínuos os perigos e pecados em que estamos vivendo tão descuidados da morte[34].

[34] Ib. 434-437.

67
ORAÇÃO PELA CONVERSÃO DOS GENTIOS

Goa, 1548?
Duma cópia em latim, feita em 1660[1]

Eterno Deus, Criador de todas as coisas, lembrai-vos que as almas dos infiéis são unicamente obra das vossas mãos e criadas à vossa imagem e semelhança. Vede, porém, Senhor, como, com afronta vossa, delas se enche o inferno!

Lembrai-vos, Senhor, que Jesus Cristo, vosso Filho, derramando tão generosamente o seu sangue, por elas sofreu. Não permitais, Senhor, que o vosso próprio Filho e Senhor nosso seja, por mais tempo, desprezado dos infiéis; mas, antes, aplacado pelas orações dos escolhidos e da Igreja, bem-aventurada esposa do vosso Filho, recordai-vos da vossa misericórdia e, esquecendo a sua idolatria e infidelidade, fazei que também eles conheçam a Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Senhor, por vós enviado, que é nossa saúde, vida e ressurreição, pelo qual fomos salvos e livres e a quem seja dada a glória por todos os séculos dos séculos. Ámen.

---

[1] É de Lucena, a cópia latina mais fidedigna que se conserva. Assim a introduz: «Em dois passos o viram sempre banhado em santas e suaves lágrimas, quando consagrava e quando consumia (comungava). E neste, tendo já o Senhor nas mãos para o receber, depois de ditas as orações do ritual, ajuntava uma, que ele mesmo compusera, pela conversão dos infiéis: a qual deu, depois de muita importunação, a uma pessoa devota, que com grande instância quis saber dele, em que se detinha naquele tempo. Eram estas palavras em latim, que por serem suas folgaram, porventura, de as saber e dizer os que o entendem» (J. LUCENA, *Vida do Padre Francisco Xavier,* L.V, c.5).

68
AO PADRE FRANCISCO HENRIQUES (TRAVANCOR)

Punicale-Cochim, 22 de Outubro 1548
Original ditado por Xavier em português

SUMÁRIO: 1. Felicita-o pelos trabalhos suportados por Cristo. – 2. Envia Baltasar Nunes para o ajudar. Ele vai a Goa tratar de assuntos dos cristãos. Se o Superior da missão achar necessário, também pode ir a Goa tratar-se da saúde. – 3. Previne-o contra desânimos enganadores do demónio. – 4. Vai mandar Cipriano e Manuel de Morais para Socotorá. – 5. Espera de dia para dia os que vêm da Europa. Não sabe se já chegou a nau em que vem António Gomes.

IHUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Deus Nosso Senhor sabe quanto eu mais folgara de vos ver que escrever, e de me consolar com vossos trabalhos, todos tomados por amor e serviço de Deus Nosso Senhor: que com as consolações dos que levam vida descansada por se lograrem dos deleites do mundo, destes é para haver grande compaixão; e dos outros, de quem S. Paulo dizia que *«o mundo não era digno»*[1], é para haver grande inveja.

2. Lá mando Baltasar Nunes[2] para que esteja nesse reino de Travancor para vos ajudar em vossos trabalhos e consolar-vos neles, es-

---

[1] Hebr 11,38.

[2] Baltasar Nunes, S.I., nascido por 1523, entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1544 e em 1546 partiu para a Índia. Em 1547 esteve em Chaul e em 1548-1552 foi missionário no Cabo de Comorim. Obrigado por doença a viver

perando de Deus Nosso Senhor o prémio verdadeiro. Eu parto para Goa, para favorecer estes cristãos sobre um negócio, o qual espero que virá a lume e será causa [de] que muitos se façam cristãos[3]: encomendai-o a Deus, rogando-lhe que, ainda que nossos pecados sejam grandes e não sejamos merecedores de ser instrumentos de tanto serviço seu, Ele, por sua bondade infinda e amor sem fim, se queira servir de nós para acrescentamento de sua santa fé. O P. António[4] vos irá ver em breve. Se vos achardes doente do corpo e que, lá onde estais, não podeis trabalhar, fareis o que o Padre vos disser acerca da vossa estada nessas partes ou de ir para a Índia a vos fazer curar em Goa. De Duarte[5], se não tiverdes necessidade dele, mandai-o ao Padre António.

3. Não vos desconsoleis em ver que não fazeis tanto fruto com esses cristãos como desejais, por serem eles dados a idolatrias e o rei ser contra os que se fazem cristãos[6]. Olhai que mais fruto fazeis do que cuidais, em dar vida espiritual às crianças que nascem, baptizando-as com muita diligência e cuidado, como fazeis: é que, se bem olhais, achareis que poucos vão da Índia ao paraíso, assim brancos como pretos, senão os que morrem em estado de inocência, como são os que morrem de 14 anos para baixo. Olhai, Irmão meu Francisco Henriques, que fazeis nesse reino de Travancor mais fruto do que cuidais! E olhai: depois que vós estais nesse reino, quantas crianças baptizadas

---

em Goa, ali morreu na ilha de Chorão em 1569 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 656; *Doc. Indica* I II Índices).

[3] Xavier visitou a Pescaria em Outubro e de lá trouxe alguns pedidos dos cristãos para o Governador Garcia de Sá que lhos concedeu (*Epp. Xav., epp.* 75 *a* e *b*).

[4] Criminali.

[5] Ajudante indígena, de quem não temos mais dados.

[6] Os reis de Coulão e Travancor, abandonados pelos portugueses, tiveram de ceder a parte meridional da região de Tinnevelly ao imperador de Vijayanagar e até, muito a seu pesar, ficar seus vassalos (SCHURHAMMER, *Ceylon* 453-462). Irritado, o rei de Travancor, instigado pelos muçulmanos, proibiu aos seus súbditos fazerem-se cristãos. Francisco Henriques protestou em Coulão e Goa, mas sem resultado (*Doc. Indica* I 228-231; 362-366).

morreram[7] e estão agora na glória do paraíso, as quais não gozariam de Deus se vós aí não estivésseis! O inimigo da humana natureza vos tem muito aborrecimento e vos deseja ver fora daí, para que[8] desse reino de Travancor não vá ninguém para o paraíso. Costume é, do diabo, representar maiores serviços de Deus aos que servem a Jesus Cristo, e isto, com má intenção: para inquietar[9] e desassossegar uma alma que está em parte onde faz serviço a Deus, para a tirar e lançar [fora] da terra na qual faz serviço a Deus. Temo-me que o inimigo nesta parte vos combata, dando-vos muitos trabalhos e desconsolações, para vos botar fora daí. Olhai que, depois que estais nesta Costa – que podem ser oito meses – [já] salvastes mais almas, baptizando crianças que depois de baptizadas morrem, do que salvastes em Portugal ou de Coulão para lá. Se, em tão pouco tempo, mais almas salvastes nesta Costa, do que salvastes antes que a ela viésseis, não vos espanteis [de] o inimigo vos dar muitas turbações para vos lançar fora dessa terra, para onde não façais tanto fruto como aí.

4. O Padre Cipriano[10] e Morais[11] mandei-os para a ilha de Socotorá, onde há muitos cristãos [e] onde não há Padre nem ninguém que os baptize[12].

---

[7] Lit.: estão mortas.

[8] Lit.: porque.

[9] Lit. desinquietar.

[10] O P. Afonso Cipriano, S. I., espanhol, nascido entre 1483 e 1488, entrou na Companhia de Jesus em Roma em 1540. Desde 1541 trabalhava em Lisboa. Foi missionário em S. Tomé de Meliapor e ali morreu em 1550 (SOUZA, *Oriente conquistado* 1,2,2,21-24; F. RODRIGUES, *Hist.* I/1 294-295; *Doc. Indica* I II Índices).

[11] Manuel de Moraes, S.I. júnior, entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1543 e partiu para a Índia em 1546; de 1547 a 1548 foi missionário na Pescaria e Travancor; ordenado sacerdote, em 1549 foi enviado para as Molucas, que abandonou no ano seguinte sem licença dos superiores; despedido da Companhia de Jesus por desobediência em 1552, acabou por entrar na Ordem dominicana, onde morreu (SCHURHAMMER, *Quellen* 2150 4020 6178; *Doc. Indica* I II Índices).

[12] Em 1543 foram para Socotorá dois missionários franciscanos, dos quais um voltou logo para Goa; o outro, ao que parece, ainda se manteve até 1545

5. Os Padres que este ano vieram do Reino[13], espero cada dia por eles, que hão-de vir para estas partes[14], porque assim lhes mandei que viessem, quando de Goa parti para estas partes. Eles trarão novas de António Gomes[15]: se já é chegada a nau em que ele vinha com seus companheiros[16], porque à minha partida de Goa ainda não era chegada[17].

Nosso Senhor vos dê muita saúde e vida para seu santo serviço e, depois desta vida acabada, vos leve à glória do paraíso.

De Punicale, a 22 de Outubro de 1548 anos.

Depois que viemos de lá.

(Por mão de Xavier): Vosso Irmão em Cristo
FRANCISCO

(SCHURHAMMER, *Ceylon* 125 242; *Quellen* 1768 1322). Xavier enviou Cipriano e Moraes, da Pescaria a Goa, para aí prepararem a viagem para Socotorá; mas não se chegou a realizar, para não melindrar os turcos nem o sultão de Caixem, então em boas relações com os portugueses (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 1322, 2018, 4243).

[13] A 3 de Setembro chegaram de Portugal a Goa Gaspar Barzeu, Melchior Gonçalves, Baltasar Gago, Gil Barreto, Luís Mendes e João Fernandes na nau *São Pedro* (*Doc. Indica* I 382-383).

[14] Em 12 de Setembro, Xavier ainda estava em Goa; mas entretanto tinha vindo para Cochim.

[15] O P. António Gomes, da ilha da Madeira, era doutor em direito. Em 1544 entrou na Companhia de Jesus em Coimbra. Ordenado sacerdote em 1546, pregou com grande fruto em Portugal. Em 1548 partiu para a Índia, nomeado reitor do colégio de S. Paulo; mas depressa se mostrou que não tinha dotes para superior. Xavier, contudo, embora não muito satisfeito com a sua maneira de ser, deixou-o a superior do colégio quando partiu para o Japão. Ao regressar de lá, viu-se obrigado a despedi-lo da Companhia de Jesus. Gomes, quis defender-se perante o Superior Geral, Inácio de Loyola; mas na viagem, a nau *São Bento* em que vinha pereceu num naufrágio, morrendo ele também, em 1554 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 579-580; F. RODRIGUES, *Hist.* I/1 647-650; *Doc. Indica* I II Índices).

[16] Com António Gomes, chegaram Paulo do Vale, Luís Frois, Manuel Vaz e Francisco Gonçalves (*Doc. Indica* I 382-383). Destes, só Paulo do Vale seguiu para Cochim.

[17] A nau em que vinham, a *Gallega*, chegou finalmente a Goa e 9 de Outubro de 1548 (*Doc. Indica* I 394).

69
OS PADRES FERNANDES, XAVIER, ANTÓNIO DO CASAL, JOÃO DE VILA DO CONDE A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Cochim, 22 de Outubro 1548
Original ditado em português
Segunda via

SUMÁRIO: 1-6. Em nome do Vice-rei D. João de Castro, moribundo, recomendam ao Rei a Manuel de Sousa Sepúlveda, Francisco da Cunha, D. Francisco de Lima, Vasco da Cunha, D. Diogo d' Almeida, António Pessoa e Henrique de Sousa Chichorro.

Senhor

1. Estando o vice-rei D. João de Castro para falecer[1], nos disse a nós todos quatro, Mestre Pedro[2] vigário geral, Frei António[3] custódio, Mestre Francisco da Companhia de Jesus, Frei João de Vila do Conde, de palavra, que fizéssemos esta carta a Vossa Alteza em que lhe fizéssemos as lembranças seguintes em seu nome, por ele já estar em tempo para o não poder fazer:

---

[1] Conta Correa: «O Governador… pediu perdão a Manuel de Sousa de Sepúlveda, e a Francisco da Cunha, dizendo que deles se queixara ao Rei por não aceitarem a capitania de Diu. E assim mandou a seu confessor que por ele pedisse perdão a Belchior (ler: Henrique) de Sousa Chichorro, que por ódio que tinha a seu irmão Aleixo de Sousa lhe tirara a capitania de Cochim… e ficou só com Mestre Francisco, de S. Paulo, e dois frades de São Francisco, e assim esteve até seis de Junho, que faleceu» (CORREA, *Lendas da Índia* IV 658).

[2] Pedro Fernandes Sardinha.

[3] Fr. António do Casal, OFM.

Primeiramente lembrava os muitos e grandes serviços que fez Manuel de Sousa de Sepúlveda[4] a Vossa Alteza na batalha de Diu e no fazer da fortaleza, onde deu mesa a muitos homens e teve cargo de fazer o baluarte de São Tomé, onde levou muito trabalho; e assim em todas as outras armadas o ajudou muito e acompanhou; pelo que, pedia a Vossa Alteza que haja por seu serviço de lhe fazer muita mercê. E, se Vossa Alteza tomou algum desprazer dele, por não aceitar a fortaleza de Diu, que lhe pedia[5], pela hora em que estava, lhe perdoasse.

2. E assim nos encomendou Francisco da Cunha[6], que o lembrássemos a Vossa Alteza, o qual também serviu muito bem em Diu, assim na batalha como no fazer das obras da fortaleza, e deu de comer a muitos homens, e proveu muitos doentes; e, depois de Deus, ele foi grande meio por onde muitos homens convalesceram de graves enfermidades[7]. E lhe pedia, por aquela hora em que estava, que lhe perdoasse, se dele tomara algum desprazer por não tomar a fortaleza de Diu[8].

---

[4] Manuel de Sousa de Sepúlveda, partiu para a Índia em 1533, onde militou às ordens de Martim Afonso de Sousa. De 1543 a 1545 foi capitão de Diu e, quando em 1546 esta fortaleza foi assediada, distinguiu-se pela sua valentia (BAIÃO 291; 312). Em 1548 casou com a filha do Governador Sá. De 1550-1551 lutou no Malabar (cf. CORREA, *Lendas da Índia* IV 557, 579; SCHURHAMMER, *Quellen* 3382, 3805). Em 1552, na viagem de regresso a Portugal, morreu junto à costa de Natal, no naufrágio da nau *São João* (SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 50; *Ceylon* 609).

[5] Cf. CORREA, *Lendas da Índia* IV 586-587; SCHURHAMMER, *Quellen* 2769.

[6] Francisco da Cunha, combatente na Índia desde 1519 (SCHURHAMMER, *Quellen* 173), capitão de Chaul de 1542 a 1545; comandou a armada que foi às Molucas em 1550 (Ib. 4148 4396; CORREA, *Lendas da Índia* IV 560, 447, 586).

[7] Cf. CORREA, *Lendas da Índia* IV 560, 567, 572, 579; SCHURHAMMER, *Quellen* 2387, 2924).

[8] Cf. CORREA, *ib*. IV 586-587; SCHURHAMMER, *ib*. 2769.

3. E assim nos disse que encomendássemos a Vossa Alteza D. Francisco de Lima[9] e Vasco da Cunha[10], que também o ajudaram muito e acompanharam em seus trabalhos, e D. Francisco o acompanhou sempre com muito amor e esteve sempre com ele até à hora da morte.

4. Também nos disse que encomendássemos a Vossa Alteza Dom Diogo d'Almeida[11], capitão de Goa, o qual o ajudou sempre com muita diligência nestas guerras das terras firmes[12], e sempre nelas foi dos dianteiros.

5. E também nos disse que lembrássemos a Vossa Alteza em como António Pessoa[13] o ajudara muito nesta armada que se fez para Diu, e em todas as outras, com muita diligência; e que, por esta razão, lhe

---

[9] D. Francisco de Lima, participou em 1535-38 na batalha de Malaca. Regressado a Portugal em 1542, à Índia voltou em 1547, onde participou com D. João de Castro nas batalhas de Baroche e contra os muçulmanos de Pondá; em 1548-51 foi capitão de Goa e regressou a Portugal em 1552 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 609; *Quellen* 875, 2976, 3647, 3806, 4592, 4732; BOTELHO, *Cartas* 40).

[10] Vasco da Cunha (Cunha de Antanhal) , «*fidalgo da casa del-Rey*», um dos generais de D. João de Castro, nasceu em 1502 e partiu aos vinte anos para a Índia, onde durante 15 anos enriqueceu e se distingiu militarmente em Ormuz, Malabar, Baçaim, Diu e Malaca até regressar a Portugal. Em 1538 voltou à Índia e teve um papel notável na batalha do cerco de Diu (SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 51).

[11] D. Diogo d'Almeida Freire, filho de D. Bernardino d'Almeida, foi para a Índia em 1533; em 1534-38 combateu às ordens de Martim Afonso de Sousa e em 1545-48 foi capitão de Goa. Durante a sua capitania, por três vezes repeliu da cidade ataques de muçulmanos e muito ajudou também D. João de Castro na defesa de Diu. (SCHURHAMMER, *Quellen* 510, 602, 1650, 2391, 2488, 2645, 2738, 3448, 3486, 3543, 3611, 3985; EMMENTA 335; CASTANHEDA 8,81 142, 146, 174; ANDRADE LEITÃO 1,366). Não confundir com D. Diogo de Almeida, filho de António de Almeida (*Contador-mor*) que em 1538 partiu para a Índia (EMMENTA 370; SCHURHAMMER, *Quellen* 473, 2865, 4537).

[12] Bardez e Salsete.

[13] António Pessoa, *cavaleiro fidalgo*, filho de Henrique de Góis, nasceu em 1498 e partiu para a Índia em 1515. Em 1524 estava nas Molucas, em 1525 no Malabar, em 1530-31 em Diu, em 1539 em Baçaim como feitor e em 1541 em Ceilão. Du-

tinha feito mercê, em nome de Vossa Alteza, de umas aldeias nas terras de Baçaim[14], de que paga o foro ordinário, pedindo-lhe que haja por seu serviço de lhas confirmar.

6. Item nos disse e encomendou muito, com grande eficácia, no mesmo dia em que faleceu[15], que de sua parte pedíssemos a Vossa Alteza que, por amor de Deus e pela hora em que estava, perdoasse a Henrique de Sousa Chichorro[16], havendo respeito a ele estar pobre e casar com mulher órfã e muito pobre.

E por todas estas coisas nos dizer e passar na verdade, e por descarrego de nossas consciências, e consolação d'alma do defunto, assinamos aqui todos quatro.

Hoje, 22 dias de Outubro de 1548
(Assinaturas autógrafas):
PEDRO FERNANDES. – FREI ANTÓNIO DO CASAL, Custos. – FRANCISCO. – FREI JOÃO DE VILA DO CONDE.

---

rante o governo de D. João de Castro era muito conhecido em Goa e estimado pelos goanos. Em 1551 foi com o vice-rei Noronha a Ceilão e em 1556 aparece entre os que escreviam ao rei e à rainha daquela ilha (SCHURHAMMER, *Ceylon* 589).

[14] Em 19 de Janeiro de 1548, D. João de Castro doou, em nome do chefe supremo dos soldados do rei de Cambaia, Malik Ayaz, a António Pessoa e à sua mulher Isabel Botelho, sete aldeias de Baçaim, anteriormente propriedade sua. No distrito de Kanan: Vallamdaa, Covaa Damanaa, Demalem; na ilha de Salsete: Bandora e Kurla; na ilha de Mahim (Bombaim): Mazagão. Os favorecidos tinham de pagar anualmente um censo de 975 pardaus e meio (SCHURHAMMER, *Quellen* 3622; BOTELHO, *Tombo* 159-160 179) Em Dezembro do mesmo ano, ele mesmo escreveu ao Rei: « O Vizo-Rey… antes que morresse, mandou aos Padres que o confessaram e que com ele estavam, que de sua parte escrevessem a V. A. sobre mim, e como me fizera em nome de V. A. mercê de umas aldeias nas terras de Baçaim, que em tempo do rei de Cambaia possuía um mouro por nome Melique Acém,… beijarei as mãos a V. A. haver por bem mas confirmar» (SCHURHAMMER, *Quellen* 4086). A 4 de Fevereiro de 1550, D. João III confirmou-lhas (*ib*. 4372).

[15] A 6 de Junho de 1548.

[16] Cf. Xavier-doc. 62.

70
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Cochim, 12 de Janeiro 1549
Duma cópia em castelhano, feita em 1585
Primeira via

SUMÁRIO: 1. Necessidade que os missionários têm de orações, por viverem entre gente tão bárbara. – 2. Dificuldades de clima, de alimentos, de perigos físicos e morais, em que não tem faltado a ajuda de Deus e a boa aceitação da gente. – 3. Virtudes requeridas nos missionários que se mandem para o Oriente. – 4. Necessidade de um reitor amável e competente para o colégio de Goa. – 5. A Companhia de Jesus é Companhia de amor e não temor. – 6-7. Não vê que entre os indianos possa recrutar gente que dê continuidade ao cristianismo e à Companhia de Jesus sem os missionários estrangeiros. Dificuldades para isso – 8-10. Mas muitas esperanças no Japão, para onde está determinado a partir. – 11. Utilidade dos colégios na Índia e esperanças que põe na possível ida de Simão Rodrigues para a Índia, com muitos missionários. – 12. Pede uma instrução espiritual de Inácio que ajude a todos e elogia a acção inculturada do P. Henrique Henriques na sua Missão. – 13-14. Méritos de Fr. Vicente OFM na formação dos «cristãos de S. Tomé». Ajudas e indulgências que pede. – 15-16. Pede que celebrem por ele uma Missa onde foi crucificado S. Pedro e outras orações. Escreve de joelhos.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

Pai meu nas entranhas de Cristo único[1]

1. Pelas cartas principais que escrevemos, pela via de Mestre Simão, todos os vossos mínimos servos da Índia, será informada, vossa santa Caridade, do fruto e serviço que a Deus Nosso Senhor se faz nestas partes da Índia – com a ajuda de Deus e de seus devotos

---

[1] Conserva-se a resposta de Inácio a esta carta, a 11 de Outubro de 1549 (MI, *Epp*. II 569-570).

e santos sacrifícios e orações – e se fará no futuro. Por esta, lhe faço saber, particularmente, algumas coisas destas partes tão remotas de Roma. Primeiramente, da gente India natural destas partes: é gente, de quanta tenho visto, falando em geral, muito bárbara. Os da Companhia levamos muito trabalho com os que já são cristãos e se fazem cada dia. É necessário que especial cuidado tenha vossa Caridade, de todos os seus filhos da Índia, em encomendá-los a Deus Nosso Senhor continuadamente, pois sabe quão grande trabalho é ter de entender-se com gente que não conhece a Deus, nem obedece à razão, pelo muito grande costume de viver em pecados.

2. As terras destas partes são muito trabalhosas, por causa dos grandes calores no Verão, e de ventos e águas no Inverno, [embora] sem haver frio. Os mantimentos corporais em Maluco, Socotorá e Cabo de Comorim são poucos, e os trabalhos do espírito e do corpo são grandes a maravilha, em tratar com gente de tal qualidade e nas línguas destas partes [que] são más de tomar. E mais: os perigos de uma e outra vida, muitos e trabalhosos de evitar. Mas, para que todos os da Companhia bendita de Jesus dêem graças a Deus Nosso Senhor incessantes, vos faço saber que Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, tem especial cuidado de todos estes vossos mínimos filhos da Índia em guardá-los de cair em pecados. Somos tão bem quistos e aceites a todos os portugueses, assim eclesiásticos como seculares, e também aos infiéis, que é coisa da qual todos vivem espantados. Somos muitos: passamos de trinta[2].

---

[2] Os jesuítas que estavam na Índia, eram então: desde 1542, Xavier, *Micer* Paulo; desde 1545, Beira, Criminali, Lancillotto; desde 1546, F. Henriques, H. Henriques, Pérez, Ribeiro, Cipriano, Adão Francisco, Moraes júnior, Baltasar Nunes, N. Nunes; desde 1548, Torres, Barzeu, Gago, M. Gonçalves, G. Rodrigues, Oliveira, D. Carvalho, J. Fernandes, Barreto, Mendes, A. Gomes, P. do Vale, Frois, F. Gonçalves, M. Vaz. Em 25 de Outubro, entraram três na Companhia de Jesus: D. Diogo Lobo, André de Carvalho, Cristóvão Ferreira. Eram ao todo 33. A estes há que acrescentar mais oito, admitidos ao que parece por A. Gomes em 13 de Setembro de 1548, depois de Xavier ter partido de Goa (*Doc.*

3. Os índios desta terra, assim mouros como gentios, são muito ignorantes, todos os que até agora tenho visto. Para os que hão--de andar entre estes infiéis convertendo-os, são necessárias muitas virtudes: obediência, humildade, perseverança, paciência, amor ao próximo e muita castidade pelas muitas ocasiões que há para pecar; e que sejam de bons juízos e corpos para levar os trabalhos. Esta conta dou a vossa Caridade, pela necessidade que me parece que há para que prove os espíritos dos que daqui em diante há-de mandar a estas partes da Índia. Se não forem provados por vossa Caridade, sejam por pessoas de quem muito confieis, porque há necessidade disto: requerem-se pessoas de muita castidade e humildade, de maneira que não sejam notados de soberba.

4. Quem tiverdes de mandar, Pai meu, para que tenha cargo do colégio da Santa Fé de Goa, e dos naturais da terra [aí] estudantes, e de todos os da Companhia[3], é necessário que tenha estas duas qualidades, deixando aparte todas as outras, que há-de ter quem há-de reger e mandar a outros. A primeira, muita obediência para se fazer amar, primeiramente, de todos os nossos maiores eclesiásticos e, depois, dos seculares que mandam na terra, de maneira que não sintam nele soberba mas antes muita humildade. Isto digo, Pai meu, porque a gente desta terra, assim eclesiástica superior nossa, como secular que manda na terra, quer ser muito obedecida. Quando sentem em nós esta obediência, fazem tudo o que lhe pedimos e nos amam; mas quando vêem ou sentem o contrário, desedificam-se muito. A segunda é que seja afável e aprazível, com os que trata, e não rigoroso, usando de todos os modos que puder, para se fazer amar, principal-

---

Indica II 151): R. Pereira, Araújo, F. Lopes, F. do Souro, A. Vaz, Alcáçova, M. Rodrigues, A. Nunes.

[3] Alude a António Gomes, que Simão Rodrigues, provincial de Portugal e seus domínios desde 1546, tinha nomeado reitor do colégio de Goa. As dificuldades que podia haver solucionou-as Inácio, nomeando Xavier provincial da Índia, de maneira que podia depor do seu posto a António Gomes (MI, *Epp*. II 557; 570). Sobre o governo de António Gomes, pode ver-se *Doc. Indica* II 170-172.

mente dos que há-de mandar, assim [dos] naturais índios como dos da Companhia que cá estão e hão-de vir; de maneira que não sintam nele que, por rigor ou por temor servil, se quer fazer obedecer: é que sentindo nele rigor ou temor servil sairão da Companhia muitos e entrarão nela poucos, assim índios como outros que não o são. Isto vos digo, Pai meu da minha alma, porque cá pouco se edificaram os da Companhia de um mandato que trouxe N[4]. para prender e mandar presos em ferros para Portugal aos que a ele lhe parecesse que cá não edificam[5].

5. Até agora, a nenhum me pareceu ter na Companhia por força, contra sua vontade, a não ser por força de amor e caridade. Pelo contrário, aos que não eram para a nossa Companhia, os despedia desejando eles não sair dela[6]; e, aos que me parecia que eram para a Companhia, trato-os com amor e caridade para mais os confirmar nela – pois tantos trabalhos levam nestas partes para servir a Deus Nosso Senhor – e também por me parecer que Companhia de Jesus quer dizer Companhia de amor e conformidade de ânimos, e não de rigor nem temor servil. Esta conta dou, a vossa santa Caridade, destas partes, para que proveja de pessoa suficiente a este cargo para o ano, de maneira que saiba mandar sem que se enxergue nele desejo de querer mandar ou de ser obedecido, mas antes de ser mandado.

6. Pela experiência que tenho destas partes, vejo claramente, Pai meu único, que pelos índios, naturais da terra, não se abre caminho

---

[4] António Gomes.

[5] Já vimos anteriormente que os reis Tabarija e Hairun e o capitão Freitas foram enviados para Goa atados com cadeias. De maneira semelhante, o mansíssimo Bispo de Goa ordenou que remetessem para Goa, onde tinha os seus cárceres, alguns clérigos encadeados (SCHURHAMMER, *Ceylon* 541). Inácio e Lainez, seu sucessor no generalato, foram adversos a estabelecer cárceres na Companhia de Jesus.

[6] No sumário de resposta de Inácio diz-se a isto: «Que faz bem em despedir os admitidos à Companhia, que não dêem boas provas» (MI, *Epp*. II 570).

de que por eles se perpetue a nossa Companhia[7]. Tanto durará neles a cristandade, quanto durarmos e vivermos os que cá estamos ou daí mandardes. A causa disto, são as muitas perseguições que padecem os que se fazem cristãos, as quais seriam longas de contar. Por não saber a cujas mãos estas cartas poderão chegar, as deixo de escrever.

Em todas as partes desta Índia, onde há cristãos, há Padres da Companhia: em Maluco há quatro[8]; em Malaca, dois[9]; no Cabo de Comorim, seis[10]; em Coulão, dois[11]; em Baçaim, dois[12]; em Socotorá, quatro[13]. Por estarem estes lugares tão remotos uns dos outros – Maluco mais de mil léguas de Goa, Malaca quinhentas, o Cabo de Comorim duzentas, Coulão cento e vinte e cinco, Baçaim sessenta, Socotorá trezentas – em todos estes lugares estão Padres da Companhia a quem dão obediência os outros da mesma Companhia que estão com eles, pois são pessoas de muita edificação. Por isso, onde estão estas pessoas da Companhia, a quem dão obediência os que estão com eles, não faço nenhuma falta.

7. Também faço saber a vossa Caridade que os portugueses, nestas partes, não senhoreiam senão o mar e os lugares que estão à beira-mar; de maneira que na terra firme não são senhores, senão nos lugares em que eles vivem.

---

[7] Inácio, na sua resposta, propõe cinco maneiras de promover as vocações indígenas (MI, *Epp*. II 570; *Doc. Indica* I 512-514).

[8] Beira, Ribeiro, Nunes; o quarto era talvez Afonso de Castro, destinado às Molucas (cf. Xavier-doc. 82, 3).

[9] Pérez e Oliveira.

[10] Criminali, F. e H. Henriques, Adão Francisco, B. Nunes, P. do Vale (*Doc. Indica* I 441-442).

[11] Lancillotto e L. Mendes (Xavier-doc. 78,16; *Selectae Indiarum Epistolae* 168). Foram para Coulão a 12 de Janeiro (Xavier-doc. 71,6).

[12] Belchior Gonçalves e Luís Frois.

[13] Estavam destinados a Socotorá quatro: Cipriano, G. Rodrigues (*Doc. Indica* I 442), Moraes júnior e talvez Juan Fernandez. Mas não se pôde abrir a missão. De maneira que os dois primeiros foram destinados a S. Tomé, o terceiro para as Molucas e o último para o Japão, onde foi superior de 1551 a 1570.

Os índios, naturais destas partes, são desta qualidade: por seus grandes pecados, não são nada inclinados às coisas da nossa santa fé, mas antes lhes aborrecem muito e lhes pesa mortalmente quando lhes falamos e rogamos que se façam cristãos. De maneira que, ao presente, conservam-se os cristãos que estão feitos. Contudo, se os fiéis destas partes fossem muito favorecidos pelos portugueses, muitos se fariam cristãos. Mas vêem os gentios que são tão desfavorecidos e perseguidos os que são cristãos, que por esta causa não se querem fazer.

8. Por estas causas e outras muitas, que seriam longas de contar, e pela muita informação que tenho do Japão, que é uma ilha[14] que está perto da China, e porque são todos no Japão gentios e não há mouros nem judeus e [são] gente muito curiosa e desejosa de saber coisas novas, assim de Deus como de outras coisas naturais, determinei ir a essa terra com muita satisfação interior, parecendo-me que entre tal gente se pode perpetuar, por eles mesmos, o fruto que em vida os da Companhia fizermos[15]. Estão três mancebos dessa terra de Japão no colégio de Santa Fé de Goa, que vieram no ano de 1548 de Malaca quando eu [de lá] vim[16], os quais dão grande informação daquelas partes do Japão. São pessoas de bons costumes e grandes ingénios, principalmente Paulo, o qual escreve muito largamente a vossa Caridade pela via de Mestre Simão. Paulo, em oito meses, aprendeu a ler e escrever e falar português. Agora faz os Exercícios [Espirtuais][17],

---

[14] Agora diz Xavier que é uma ilha; seis meses depois, distingue a ilha em que está o rei e o resto do Japão (Xavier-doc. 85,9); no regresso de lá escreverá que «são ilhas» (Xavier-doc. 96, 2).

[15] Os superiores gerais dos jesuítas desde esta época não quiseram estender aos japoneses a proibição de admitir indígenas à Companhia de Jesus.

[16] Um era Anjirô, que no baptismo tomou o nome de Paulo de Santa Fé; o outro era João de Torres, criado de Paulo e por ele trazido do Japão (CÂMARA MANUEL, *Missões* 80; SCHURHAMMER, *Ceylon* 658); o terceiro, António, oriundo de Kagoshima, que tinham entregado a Xavier (SCHURHAMMER, *Quellen* 4060).

[17] Orientados por Cosme de Torres, durante quase um mês (*Doc. Indica* I 480; Xavier-doc. 84, 2).

e há-de aproveitar muito: está muito introduzido nas coisas da fé. Tenho grande esperança, e esta toda em Deus Nosso Senhor, que se hão-de fazer muitos cristãos no Japão. Eu vou determinado a ir primeiramente onde está o rei[18] e, depois, às universidades onde têm os seus estudos[19], com grande esperança em Jesus Cristo Nosso Senhor que me há-de ajudar. A lei que eles têm, diz Paulo que foi trazida duma terra que se chama Chengico[20], que está passada a China e depois Tartao[21]. E, segundo diz Paulo, em ir do Japão a Chengico e voltar ao Japão, gastam no caminho três anos. Do Japão escreverei a vossa santa Caridade muito longa informação, assim dos seus costumes, como das suas escrituras e do que ensinam naquela grande universidade de Chengico[22].

9. Porque em toda a China e em Tartao, que é uma terra muitíssimo grande entre a China e Chengico, segundo diz Paulo, não têm outra doutrina senão a que ensinam em Chengico. Quando vir as escrituras do Japão e tratar com os daquelas universidades, escreverei muito longamente de tudo. Não deixarei de escrever à universidade de Paris, e por ela serão avisadas todas as universidades da Europa. Levo comigo um Padre de Missa, valenciano, chamado Cosme de Torres[23], que cá entrou na Companhia, o qual

---

[18] O rei do Japão, Voo (O) , tinha a sua sede na cidade de Miyako.

[19] Alude Xavier principalmente às universidades de bonzos, perto de Miyako (cf. Xavier-doc. 85, 9).

[20] Tenjiku, região da Índia.

[21] Tartária.

[22] As universidades aludidas por Xavier são as famosas escolas dos mosteiros budistas doutros tempos, onde estudavam também os bonzos chineses. Mas no tempo em que ele escreve, não havia semelhantes escolas na Índia. Por isso, Xavier depois da sua viagem ao Japão já não as menciona. O budismo foi da Índia para o Japão, passando pela China.

[23] Cosme de Torres, S.I., nasceu em Valência por volta de 1510 e, sendo já sacerdote, ensinou gramática em Mallorca, Valência e Ulldecona (Valdecona). Em 1538 embarcou para o México, onde se juntou em 1542 a Rodrigo López de Villalobos nas suas expedições às Filipinas e às Molucas. Em Amboino (Molucas)

vos escreve muito longamente[24], e também os três mancebos do Japão[25]. Partiremos, com a ajuda de Deus, este mês de Abril do ano 1549.

10. Havemos de passar primeiro por Malaca e pela China, e depois [chegar] ao Japão: haverá, de Goa ao Japão, mil e trezentas léguas ou mais. Nunca poderia acabar de escrever quanta consolação interior sinto em fazer esta viagem, por ser de muitos e grandes perigos de morte, de grandes tempestades, de ventos, de baixios e de muitos ladrões: quando de quatro navios se salvam dois, é grande acerto. Eu não deixaria de ir ao Japão, pelo muito que tenho sentido dentro da minha alma, ainda que tivesse por certo que me havia de ver nos maiores perigos em que jamais me vi, porquanto tenho muito grande esperança em Deus Nosso Senhor de que naquelas partes se há-de acrescentar muito a nossa santa fé. Pela informação que nos deu Paulo daquela terra do Japão, vereis a disposição que há naquelas partes, para servir a Deus Nosso Senhor: a informação vo-la mando com estas cartas[26].

11. Nestas partes da Índia há catorze ou quinze fortalezas[27], nas quais vivem de assento portugueses, e não vivem senão em fortale-

---

conheceu Xavier em 1546, em 1548 entrou na Companhia de Jesus em Goa e em 1549 foi com o apóstolo para o Japão. Quando Xavier regressou, ficou Torres naquele país, como superior da Missão, cargo que exerceu de 1552 a 1570. Durante o seu governo, o número de cristãos subiu a uns 30.000. Morreu em 1570 em Shiki (na ilha Kami Shima) (SCHURHAMMER, *Die Disputationen* 11-14).

[24] *Doc. Indica* I 468-481; cf. MI, *Epp*. II 569.

[25] Só escreveu Anjirô (*Doc. Indica* I 335-341; cf. MI, *Epp*. II 569.

[26] A informação de Anjirô sobre o Japão, escrita por Lacillotto, foi enviada por seis vias (três dirigidas a Inácio e três a S. Rodrigues) em várias línguas (italiano, espanhol e português). A esta carta vinha anexa a a informação em italiano, com este título: *Informatione de una isola che novamente si è scoperta nella parte de septentrione chiamata Giapan* (SCHURHAMMER, *Quellen* 4101).

[27] Sofala, ilha de Moçambique, Ormuz, Diu, Bassaim, Chaul, Goa, Cananor, Chalé, Cranganor, Cochim, Coulão, Malaca, Ternate. A fortaleza de Colombo estava já destruída.

zas[28]. Nestas partes se fariam muitos colégios, se o Rei favorecesse os princípios, dando alguma renda. Eu escrevo muito longamente a Sua Alteza sobre estes colégios. E também a Mestre Simão, dando-lhe muita informação destas partes, dizendo que acertaria muito se, com o vosso parecer, obediência e mandato, viesse a estas partes com muitos da Companhia, entre os quais viessem pregadores: é que facilmente se fariam colégios com a sua vinda, contanto que viesse muito favorecido do Rei. A mim me parece, Pai meu observantíssimo, que acertaria Mestre Simão se a estas partes viesse. Uma vez que é tão aceite ao Rei, viria muito favorecido de Sua Alteza, assim para acrescentar colégios, como para favorecer aos que são já cristãos e aos que o seriam se tivessem favor. Verá vossa Caridade o que nisto lhe parece, para prover nisso, escrevendo a Mestre Simão: é que me disse António Gomes que está Mestre Simão determinado a vir a estas partes, com muitos do colégio de Coimbra.

12. Algumas pessoas da Companhia, que não tivessem habilidade para letras nem para pregar, que aí não fazem falta, tanto em Roma como noutras partes, parece-me que aqui serviriam mais a Deus, se fossem muito mortificados e de muitas experiências, com as demais virtudes que se requerem para ajudar entre estes infiéis: sobretudo que fossem muito castos, e tivessem idade e forças corporais para levar os grandes trabalhos destas partes. Proveja nisto vossa Caridade, como melhor lhe parecer.

Faria muito serviço a Deus Nosso Senhor vossa Caridade, se a todos os seus mínimos filhos da Índia nos escrevesse uma carta de doutrina e avisos espirituais, como testamento, em que repartisse com estes desterrados filhos seus, quanto o são da vista corporal, as riquezas que Deus Nosso Senhor lhe tem comunicado. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor: se pudesse ser, que nos escreva!

---

[28] Também havia comunidades portuguesas fora das fortalezas, por ex., em Thana, Galle, Negapatão, São Tomé.

Um Padre de Missa, da Companhia, está no Cabo de Comorim, o qual veio de Portugal, por nome Henrique Henriques[29]: é muito virtuosa pessoa e de muita edificação, sabe falar e escrever malabar[30], e faz mais fruto que dois outros, por saber a língua. Os cristãos da terra amam-no coisa de espanto e lhe dão grande crédito, pelas pregações e práticas que na sua língua lhes faz. Por amor de Deus Nosso Senhor: que lhe escrevais e consoleis, pois é tão boa pessoa e faz tanto fruto[31]!

13. A cinco léguas desta cidade de Cochim[32], está um colégio muito gracioso, que fez um Padre da Ordem de S. Francisco: é capuchinho[33], por nome Frei Vicente[34], companheiro do Bispo[35], que é também frade da Ordem de S. Francisco, capuchinho. Não há em toda a Índia senão um Bispo, e este é mui grande amigo da nossa Companhia. Deseja o senhor Bispo conhecer vossa Caridade por cartas. Por serviço de Deus Nosso Senhor: se puder ser, que lhe escrevais[36]! No colégio que fez o Padre Frei Vicente há cem estudantes, naturais da terra. Este colégio está numa fortaleza do Rei. Eu sou muito amigo deste Padre e ele de mim, e pede um Padre da

---

[29] Henrique Henriques, S.I., nascido em Vila Viçosa por 1520, entrou na Companhia de Jesus em 1545 e no ano seguinte partiu para a Índia. Trabalhou incansavelmente na Costa da Pescaria, onde morreu (em Punicale) em 1600 (F. RODRIGUES, *Hist*. I/1 468-469; J. CASTETS, *Fr. Enrique Enriques,* Trichinopoly 1926; *Doc. Indica* I-II Índices).

[30] Língua tamul.

[31] No sumário da resposta lê-se: « Quanto a Henrique Henriques e aos outros que têm impedimentos, uma folhazita aparte, mostrável a eles, onde se lhes diz que N.P. procurará consolá-los» (MI, *Epp*. II 569).

[32] Cranganor.

[33] Isto é: recoleto, da província franciscana da Piedade, em português *capucho*. Então, ainda não havia capuchinhos em Portugal.

[34] Fr. Vicente de Lagos (cf. Xavier-doc. 46).

[35] Fr. João de Albuquerque: era também da província franciscana da Piedade.

[36] Inácio escreveu, de facto, ao Bispo em 15 de Dezembro de 1549 (MI, *Epp*. II 611-612; cf. 570, 612, 653).

nossa Companhia, sacerdote que leia, no colégio, gramática aos de casa e, também que, nos domingos e festas, pregasse aos moradores que vivem na fortaleza e aos do colégio. Ao redor deste colégio há muitos cristãos do tempo de S. Tomé: há mais de sessenta lugares[37], e os estudantes deste colégio são filhos dos principais cristãos.

14. Nesta fortaleza, onde está este colégio, há duas igrejas: uma, da invocação de S. Tomé[38] e, a outra, que está dentro do colégio e se chama de S. Tiago. Deseja muito o Padre Frei Vicente que, no dia de S. Tomé e no dia de S. Tiago com suas oitavas, houvesse nestas igrejas indulgência plenária para maior devoção dos cristãos da terra, os quais descendem dos que fez S. Tomé e são mui devotos seus: chamam-nos cristãos de S. Tomé. O Padre Frei Vicente roga-vos muito que lhe mandeis algum Padre da Companhia para o colégio de S. Tiago de Cranganor, para pregar e ensinar gramática, e também as indulgências e graças que pede para estas igrejas da fortaleza de Cranganor. Com isto o consolareis muito e obrigareis a que em vida e na morte seja nosso. Encomendou-me muito estas indulgências: nem poderíeis crer quanto as deseja! E também seria consolado com uma carta vossa[39].

15. Desejo muito, Pai meu, que por espaço de um ano todos os meses encomendasse a algum Padre da Companhia que me dissesse

---

[37] Dias, malabar, calculava em 1550 em mais de 40.000 os moradores (SCHURHAMMER, *Quellen* 4349); Fr. Vicente refere em 1549 ter ouvido dizer que, além destes, havia nos montes ao longo de umas 50 léguas, uns 40.000 a 50.000 homens que traziam uma cruz ao pescoço (*ib.* 4123).

[38] A igreja de S. Tomé era a antiga igreja dos cristãos de S. Tomé (SCHURHAMMER, *Quellen* 25-26; 121). Destruída em 1524 pelos muçulmanos e em 1536 pelo Samorim, foi restaurada pelos portugueses (ib. 121; CORREA, *Lendas da Índia* II 785-786; CASTANHEDA 8,141).

[39] Em 15 de Dezembro escreveu Polanco, por encargo de Inácio, a Fr. Vicente MI, *Epp.* II 614-616; cf. 570, 633). Em 24 de Outubro de 1551 foi redigido o Breve de indulgências concedidas à igreja de S. Tomé.

uma Missa em S. Pedro de Montoro[40], naquela capela onde dizem que S. Pedro foi crucificado[41].

Por amor de Nosso Senhor, peço a vossa Caridade que dê cargo a alguma pessoa da casa que me escreva novas de todos os professos da Companhia, assim do número[42] como onde estão[43], e de quantos colégios há[44], e as obrigações a que são obrigados os professos[45], e assim muitas outras coisas do fruto que fazem os da Companhia. Eu deixo ordem em Goa para que me mandem as cartas para Malaca e, em Malaca, para que mas transcrevam por muitas vias para mas mandarem para o Japão.

16. Assim cesso, rogando a vossa santa Caridade, Pai meu da minha alma[46] observantíssimo, de joelhos postos no chão enquan-

---

[40] No sumário da resposta, lê-se: «concede-se-lhe cada mês, durante um ano, esta Missa» (MI, *Epp*. II 570).

[41] Sobre isto, pode ler-se: J.B. LUGARI, *Le lieu du crucifiement de Saint Pierre*, Tours 1898 ; GIOVANNI DA CAPRISTANO, OFM, *Il Martirio del Principe degli Apostoli rivendicato alla sua sede in sul Gianicolo*, Roma 1903; *L'iscrizione sulla Piazza del circo Neroniano relativa al martírio di San Pietro apostolo fatta distruggere da Pio X s.m. nel 1904 e quella sostituita nel 1923. Riflessioni critico-storiche*, Roma 1924.

[42] Os professos, exceptuados os dez primeiros companheiros, eram então os seguintes: Araoz (1542), Borja (1548) (POLANCO, *Chron*. VI 40). Sobre esta e as seguintes perguntas ver a resposta de Polanco de 30 de Julho de 1553 (MI, *Epp*. V 267-269).

[43] Os professos estavam, em 1549: Inácio e Bobadilla, em Roma; Laínez, em Nápoles; Salmeron, em Verona; Rodrigues, em Almeirim; Jayo, em Ferrara; Broet, em Bolonha; Araoz, em Barcelona; Borja, em Gandia.

[44] Os colégios, na Europa, eram em princípios de 1549, por ordem de fundação: Paris (1541); Pádua, Coimbra e Lovaina (1542); Colónia, Valência e Alcalá (1544); Valladolid, Gandia e Barcelona (1545); Bolonha (1546); Zaragoza (1547); Messina e Salamanca (1548).

[45] Em 1549, poucas obrigações particulares dos professas estavam já bem definidas (cf. MI, *Const*. I 448); posteriormente o foram nas Constituições (MI, *Const*. III 344-345).

[46] Assim vivíssima conserva Xavier a recordação daquele a quem devia a sua conversão e vocação.

to esta escrevo como se presente vos tivesse, que me encomendeis muito a Deus Nosso Senhor nos vossos santos e devotos sacrifícios e orações, para que me dê a sentir a sua santíssima vontade nesta vida presente e graça para a cumprir perfeitamente. Amen. E o mesmo encomendo a todos os da Companhia.

De Cochim, a 12 de Janeiro ano 1549
Vosso mínimo e mais inútil filho
FRANCISCO

71
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Cochim, 14 de Janeiro 1549
Duma cópia em italiano, feita entre1549 e 1550
Segunda via

SUMÁRIO: 1. Cartas que escreveu. Índole dos indianos. Trabalhos com os cristãos. – 2. Clima, comida, língua e perigos de morte na Índia. – 3. Qualidades requeridas nos missionários que enviarem para a Índia. – 4. Missões jesuítas espalhadas pelo Oriente. O P. Criminali. – 5-6. Destino de Cipriano para Socotorá e de Lancillotto para Coulão. Esperanças na possível vinda de Simão Rodrigues para a Índia. – 7. Poucas esperanças na cristianização dos indianos, muitas na dos japoneses. – 8. Os três japoneses convertidos. – 9. A religião dos japoneses, segundo um deles. – 10. Próxima viagem ao Japão com Cosme de Torres e seus perigos. – 11. Frei Vicente e o seu colégio de Cranganor. – 12. Modo de escrever dos japoneses. Escreve de joelhos e pede orações.

IHS

Pai meu nas entranhas de Cristo único

1. Por outras cartas, que escrevemos por via de Mestre Simão todos os vossos mínimos filhos da Índia, será informada vossa santa Caridade do fruto e serviço que a Deus Nosso Senhor se faz nestas partes da Índia, com a ajuda de Deus e dos devotos e santos sacrifícios e orações vossas. Por esta, lhe farei particularmente saber, por aviso vosso, algumas coisas. Primeiramente da gente desta região que, pelo que tenho visto e falando em geral, é muito bárbara e não tem desejos de saber senão coisas conformes aos seus costumes pagãos. Não têm inclinação para ouvir coisas de Deus e da sua salvação. As forças naturais acham-se neles muito corrompidas para toda a classe de virtudes. São extraordinariamente inconstantes, pelos muitos

pecados em que têm vivido. Falam pouca ou nenhuma verdade. Os da Companhia que nos encontramos aqui, passamos muito trabalho com os que já são cristãos e se fazem cada dia. É necessário que vossa Caridade tenha especial cuidado de todos os seus filhos da Índia, em encomendá-los a Deus Nosso Senhor continuamente, pois sabe quão grande trabalho é ter que entender-se com gente que não conhece a Deus nem obedece à razão. Tanto que, pelo costume de viver em pecados, o tirar-lhes este costume lhes parece fora de razão.

2. Estas terras são trabalhosas, por causa dos grandes calores no Verão, e ventos e águas no Inverno sem fazer frio. Os alimentos corporais em Maluco, Socotorá e Cabo de Comorim, são poucos, e os trabalhos do espírito e do corpo são grandes por tratar com semelhante gente. As línguas são más de apanhar. Os perigos de uma e outra vida, muitos e difíceis de evitar. E, para que todos os da Companhia de Jesus dêem graças sem cessar a Deus Nosso Senhor, faço-vos saber que Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, tem especial cuidado de todos estes vossos mínimos filhos da Índia – passamos de trinta, sem contar os indígenas do colégio de Goa[1] – não só em livrá-los de cair em pecados e perigos, mas também em fazê-los aceites e estimados de todos os portugueses, assim eclesiásticos como seculares, e também dos infiéis, que é coisa da qual todos se espantam.

3. Os índios desta terra, assim mouros como gentios, todos os que até agora tenho visto, são muito ignorantes. Para os que hão-de andar entre os infiéis, trabalhando na sua conversão, não são necessárias muitas letras, mas sim muitas virtudes: obediência, humildade, perseverança, paciência, amor ao próximo assim como grande castidade pelas muitas ocasiões que há de pecar. E que tenham bom senso e corpos aptos para o trabalho. Esta conta dou a vossa Caridade, para ver que é necessário provar os espíritos dos que para cá se mandam.

---

[1] Os alunos eram 50, mas não jesuítas (*Doc. Indica* I 442).

4. Em todas as partes da Índia, onde há cristãos, há também alguns Padres da Companhia: em Maluco, quatro; em Malaca, dois; no Cabo de Comorim, seis; em Coulão, dois; em Baçaim, dois; em Socotorá, quatro; em Goa, muitos mais[2], sem contar os indígenas do colégio. Todos estes lugares estão muito longe de Goa: Maluco, a mais de mil léguas; Malaca, a quinhentas; o Cabo de Comorim, a duzentas; Coulão, a cento e vinte cinco; Baçaim, a sessenta; Socotorá, a trezentas. Em todos estes lugares há Padres, como está dito, a quem prestam obediência os outros da Companhia, como o Padre António Criminali no Cabo de Comorim. E este, crede-me, pai meu, que é grande servo de Deus e aptíssimo para esta região: é muito amado de cristãos, mouros e gentios; mas, especialmente, é de louvar a Deus o amor que lhe têm os que lhe estão em obediência.

5. O Padre Cipriano está em Socotorá, para onde teve de partir quase ao fim da sua vida. A ilha é de vinte e cinco léguas. É toda de cristãos que ficaram abandonados por muito tempo: têm só o nome de cristãos e nada mais. Descendem, segundo dizem eles mesmos, dos cristãos que fez S. Tomé apóstolo. Praza a Deus Nosso Senhor que, com a ida do Padre Cipriano, se façam bons cristãos. A terra não tem alimentos naturais[3] e é muito fragosa, áspera e trabalhosa; mas, nem por isso deixou de ir Mestre Cipriano muito consolado, parecendo-lhe que, mesmo com os seus sessenta anos, há-de fazer grande serviço a Deus[4].

6. O Padre Nicolau Lanciloto vai agora para Coulão[5], que está a vinte e cinco léguas de Cochim, e onde há ordem para fazer um

---

[2] Os jesuítas residentes em Goa eram: *Micer* Paulo, Torres, Barzeu, A. Gomes, e os Irmãos D. Carvalho, A. Carvalho, Ferreira, Lobo, Manuel Vaz, F. Gonçalves (*Doc. Indica* I 442), além dos destinados a Socotorá e Molucas e os admitidos por António Gomes depois de Xavier ter partido de Goa.

[3] Cf. Xavier-doc. 15,9; SCHURHAMMER, *Quellen* 28.

[4] Nem Cipriano nem os seus companheiros chegaram a ir para Socotorá.

[5] Coulão era uma povoação importante, por estar perto da Pescaria e porque o seu capitão tinha alguma jurisdição sobre os cristãos de Travancor (cf. MX I 54-55). Ali tinha também a sua sede Iniquitriberim (Rama Varma).

colégio. Far-se-iam muitos nestas partes, se Mestre Simão viesse para cá e, com ele, muitos da Companhia, para pregar e atender à conversão dos infiéis e outros para confessar e dar Exercícios Espirituais, sobretudo dando favor o Rei. Nos lugares onde estão estes Padres, eu sou pouco necessário.

7. Vendo eu a disposição dos indígenas destas partes, os quais pelos seus grandes pecados não são nada inclinados às coisas da nossa santa fé e, mais ainda, até lhe têm ódio e lhes dói sumamente que lhes falemos de se fazerem cristãos; pela muita informação que tenho do Japão, que é uma ilha junto à China, onde todos são gentios, não mouros nem judeus, e gente muito curiosa e desejosa de saber coisas novas de Deus e de outras naturais, resolvi-me, com muita satisfação interior, a ir àquela terra, parecendo-me que entre aquela gente poderão perpetuar, eles mesmos, o fruto que fizermos em vida os da Companhia.

8. Há no colégio da Santa Fé em Goa três jovens daquela ilha do Japão, que vieram de Malaca no ano 48, quando eu vim. Estes dão muitas informações daquelas partes do Japão. São pessoas de bons costumes e grandes ingénios, principalmente Paulo, o qual escreve a vossa Caridade. Este Paulo, em oito meses, aprendeu a ler e escrever e falar português. Agora faz os Exercícios Espirituais: tem-se ajudado muito deles e tem penetrado notavelmente nas coisas da fé. Tenho grande esperança, e esta unicamente em Deus Nosso Senhor, de que se hão-de fazer muitos cristãos no Japão. Estou resolvido a apresentar-me ao rei dos japoneses e, depois, à universidade onde têm os seus estudos, com grande esperança em Jesus Cristo que me há-de ajudar.

9. A lei que eles têm, diz Paulo, foi trazida e teve origem doutra terra que se chama Chengico e que está mais para lá da China e Tartao, segundo o testemunho de Paulo. No caminho do Japão a Chengico, em ir e voltar, levam-se três anos. Do Japão escreverei a vossa Caridade, dando longa informação, assim dos costumes e das suas escrituras como do que se ensina na grande universidade de Chen-

gico, porque em toda a China e Tartao não se tem outra doutrina, como afirma Paulo, senão a que se ensina em Chengico. Logo que vir as escrituras e tratar com aquelas universidades, poderei avisar de tudo longamente. Não deixarei de escrever à universidade de Paris. Por ela serão avisadas todas as universidades da Europa.

10. Levarei comigo um Padre valenciano, chamado Cosme de Torres, o qual entrou aqui na Companhia, e três jovens do Japão. Partiremos, com a ajuda de Deus, neste mês de Abril de 1549. Temos de passar por Malaca e pela China: haverá, de Goa ao Japão, mais de mil e trezentas léguas. Jamais poderia terminar de escrever quanta consolação interior sinto em fazer esta viagem, estando como está, cheia de grandes perigos de morte pelos ventos e tempestades e baixios e muitos ladrões: quando de quatro se salvam dois navios, parece grande ventura. Mas não deixaria de ir ao Japão, pelo que tenho sentido dentro da minha alma, ainda que tivesse por certo que me havia-de ver nos maiores perigos em que jamais me vi, pois temos grande esperança em Deus que há-de ser para grande acrescentamento da nossa santa fé. Pela informação que nos tem dado Paulo do Japão, vereis a disposição que há naquelas partes: essa informação vos mando com estas cartas.

11. A cinco léguas desta cidade de Cochim, há um colégio muito gracioso que fez um Padre da Ordem de S. Francisco, chamado Frei Vicente, companheiro do Bispo, que está sozinho nestas partes. Os dois são muito amigos da Companhia. Há cem estudantes naturais da terra neste colégio, que está numa fortaleza do Rei. Este Frei Vicente é muito meu amigo e disse-me que a sua intenção era deixar este colégio à nossa Companhia. Pelo que me rogou que escrevesse a vossa Caridade acerca do seu desejo e que lhe pedisse um sacerdote da Companhia para que lesse no colégio gramática aos de casa, e nos domingos e festas pregasse aos do povo daquela fortaleza e, juntamente, aos do colégio. Nos arredores dele há muitos cristãos do tempo de S. Tomé apóstolo, em mais de sessenta lugares: os estudantes daquele colégio são filhos dos primeiros cristãos.

Há nesta fortaleza duas igrejas: uma, de S. Tomé e, a outra, de S. Tiago. Para elas desejam grandemente que vossa Caridade lhes conseguisse indulgência plenária de Sua Santidade duas vezes ao ano.

12. Mando-vos o alfabeto do Japão. Escrevem muito diferentemente de nós, começando de cima para baixo. Perguntando eu a Paulo porque não escreviam ao nosso modo, ele me respondeu porque não escrevíamos nós ao modo deles. Dando-me esta razão: que, assim como o homem tem a cabeça em cima e os pés em baixo, assim também quando o homem escreve há-de escrever de cima para baixo. Esta informação que vos mando da ilha do Japão e dos costumes daquela gente, deu-no-la Paulo, homem de muita verdade. As escrituras não as entende o dito Paulo, porque são para eles como o latim para nós; mas o que contêm, quando lá chegar, vo-lo direi.

13. Assim cesso, rogando a vossa santa Caridade, pai meu da minha alma observantíssimo, de joelhos em terra quando esta escrevo como se presente vos tivesse, que me encomendeis a Deus Nosso Senhor nos vossos santos e devotos sacrifícios e orações, para que me dê a sentir a sua santíssima vontade nesta vida e graça para a cumprir perfeitamente, e terminada esta inquieta vida, nos junte na glória do paraíso. Amen.

De Cochim, 14 de Janeiro 1549
Vosso mínimo e inútil filho
FRANCISCO

72
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Cochim, 14 de Janeiro 1549
Dum resumo em latim, feito em 1596
Terceira via

SUMÁRIO: 1. António Criminali é superior da Missão do Cabo de Comorim, muito estimado pelos companheiros e pelos cristãos. – 2. Cipriano, apesar da idade, vai fundar Missão em Socotorá com três jesuítas. – 3. Lancillotto é superior da Missão de Coulão, e está a construir um colégio. Deseja que Simão Rodrigues venha para a Índia com mais companheiros e poderes especiais do rei a favor das missões. – 4. Maneira de escrever dos japoneses. Envia um relatório do japonês Anjirô. Parte em breve para o Japão.

A graça e caridade de Cristo Nosso Senhor seja sempre connosco. Amen.

Pai meu nas entranhas de Cristo único

1. Três cartas muito longas e quase idênticas[1] vos mandei por meio de Mestre Simão[2]. António Criminali está no Cabo de Comorim com mais seis da Companhia. É deveras um homem santo e como nascido para cultivar estas terras: varões como este, que tanto abundam aí, desejo que envieis muitos para cá. É superior dos que se acham em Comorim e muito querido dos cristãos indígenas, pagãos e maometanos. O amor que lhe têm os seus súbditos está acima de toda a ponderação.

2. O Padre Cipriano, entrado já em anos, parte para a ilha de Socotorá. Sairá a fins de Janeiro e levará consigo três da Companhia: um sacerdote e os restantes coadjutores. A ilha de Socotorá

---

[1] Xavier-doc. 70; 71; 72 (conservada só neste resumo).

[2] Xavier-doc. 73; 74; 79.

tem de redondeza cerca de vinte e cinco léguas. Toda ela é habitada de cristãos que, por carecer de sacerdotes católicos desde há muitos anos, não o são senão de nome. Dizem-se descendentes dos cristãos evangelizados por S. Tomé apóstolo. Espero que, com o trabalho de Cipriano e dos seus companheiros, reformarão as suas vidas.

Apesar de a ilha ser muito estéril e pobre de alimentos e bastante áspera e trabalhosa, Cipriano, já sexagenário, vai para lá muito contente, com esperanças de dar glória a Deus e expiar ao mesmo tempo os extravios da sua juventude. E ainda que ao princípio se escusava com a sua avançada idade, incapaz de suportar trabalhos, depois declarou que, em caso de necessidade, iria com gosto.

3. Nicolau Lancillotto, embora achacoso, encontra-se mais aliviado, e está em Coulão, cidade de clima são, distante de Cochim umas trinta léguas, e preside ao colégio da Companhia que lá se está a construir. Aliás, muitas casas da Companhia se levantariam nestas partes se, como vos escrevi anteriormente, viesse para cá Mestre Simão com grandes poderes do Rei e um bom número de companheiros, dos quais seis ou sete fossem pregadores e os restantes servissem para ouvir confissões, dar Exercícios Espirituais e atrair à fé de Cristo os gentios: mas todos eles, gente provada e experimentada. Escrevi também ao Rei para que mande Mestre Simão com poderes não só para abrir colégios, mas também para favorecer os naturais da terra, tanto cristãos como gentios, que se converteriam facilmente se fossem ajudados.

4. Mando-vos o alfabeto japonês. Os japoneses escrevem muito diferentemente dos outros povos, pois escrevem de cima para baixo da página [e não de lado a lado]. Perguntando eu a Paulo, japonês, porque não escreviam como nós, respondeu-me: Porque não escreveis antes vós ao nosso modo? Porque assim como o homem tem a cabeça em cima e os pés em baixo, assim também deveria escrever direito de cima para baixo. Envio-vos também o relatório que me deu Paulo, homem de grande religião e fé, sobre o Japão e os costumes daquelas gentes. Dentro de dois meses [se Deus quiser,] em-

barcarei para o Japão com o Padre Cosme de Torres, Paulo e outros dois japoneses. De lá vos escreverei sobre o que se contém nas suas escrituras, pois não consegui sabê-lo de Paulo, homem sem letras e que nada sabe de livros que, como entre nós os latinos, estão escritos em língua já não usada.

Jesus Cristo Nosso Senhor nos ensine a cumprir a sua vontade e, depois dos trabalhos desta vida, nos leve àquele bem-aventurado e eterno descanso. Amen.

De Cochim, a 14 de Janeiro
FRANCISCO

73
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Cochim, 20 de Janeiro 1549
Duma cópia em castelhano, feita em 1549
Primeira via

SUMÁRIO: 1. Louva os missionários jesuítas recém-chegados e começa a dispor deles. – 2. Pede que venha o próprio Simão Rodrigues com muitos mais, com as devidas qualidades. – 3-4. O Japão e a sua próxima partida com Cosme de Torres. Informações sobre esse país. – 5-6. Abertura de nova missão em Socotorá e maneira de libertar dos mouros a ilha. – 7. Jesuítas que não fazem muita falta na Europa fariam muito fruto nas missões. Na Índia não se formam jesuítas. – 8-9. Louva o colégio dos franciscanos em Cranganor e pede indulgências para as suas igrejas.

IHS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Não poderia acabar de escrever-vos, Irmão meu Mestre Simão, a consolação que recebi com a vinda de António Gomes e de todos os outros Padres. Haveis de saber que fazem muito fruto nas almas e grande serviço a Deus Nosso Senhor, assim na vida como em pregar, confessar, dar Exercícios Espirituais e tratar com as pessoas. Estão todos os que os conhecem muito edificados. São as necessidades de pessoas da nossa Companhia muito grandes nestas partes. Principalmente na cidade de Ormuz[1] e de Diu[2], mais que em Goa, porque

---

[1] Ormuz (*Hurmûz*), capital do reino do mesmo nome, conquistado por Albuquerque em 1515, na ilha Jerûn e num estreito apertadíssimo do golfo Pérsico, empório célebre e rico, onde os portugueses tinham levantado uma fortaleza. Em

por falta de pregadores e de pessoas espirituais andam muitos portugueses fora da nossa lei. Por ver esta necessidade tão grande, enviarei António Gomes para Diu ou para Ormuz, pois Deus Nosso Senhor lhe deu tanto talento e fervor em pregar, confessar e dar Exercícios Espirituais e tratar com os cristãos. E Mestre Gaspar[3] ficará no colégio de Santa Fé.

2. Muito grande serviço a Deus Nosso Senhor faríeis, Irmão meu caríssimo, se viésseis a estas partes da Índia com muitos da Companhia: entre eles, sete ou oito pregadores e, outros, ainda que não tivessem talento de pregar, sendo pessoas de muitas mortificações e experiência de muitos anos, ainda que não tivessem tantas letras, para a conversão dos infiéis fariam muito. É que, os infiéis destas partes, são gente muito bárbara e ignorante. Com ter medíocres letras e muitas virtudes e forças corporais para levar os trabalhos destas partes, fariam muito serviço a Deus Nosso Senhor pelas fortalezas destas partes. Onde houvesse um pregador da nossa Companhia e outro companheiro Padre que o ajudasse a confessar e dar Exercícios Espirituais, fariam facilmente um colégio, em que recolhessem os filhos dos portugueses, primeiramente e, depois, outros naturais da terra.

1622 foi conquistado pelo rei dos Persas que depois o abandonou. Actualmente a fortaleza está em ruínas (YULE, *Hobson Jobson* 645; BARBOSA 90-105).

[2] Diu, fortaleza portuguesa levantada em 1535 na ilha que está ao sul da península Kathjawar (*Gujarâth*), célebre pelos assédios que teve em 1538 e 1546 (YULE, *o.c.* 319; SCHURHAMMER, *Quellen* 179).

[3] Gaspar Barzeu (Berze), S.I, nasceu em 1515 na povoação de Goes, de Zuid Beveland (Zeeland); foi Mestre em Artes por Lovaina e soldado do exército de Carlos V em 1536; posteriormente anacoreta em Montserrat durante algum tempo, serviu depois o tesoureiro real Sebastião de Morais em Lisboa. Em 1546 entrou na Companhia de Jesus em Coimbra e dois anos depois partiu para a Índia. Em 1549-1551 trabalhou com admirável zelo em Ormuz e, em 1552 chamou-o Xavier para Goa, deixando-o como Vice-provincial ao partir para a China. Morreu em Goa em 1553 (N. TRIGAULT, *Vita Gasparii Barzaei,* Antuérpia 1610; SCHURHAMMER, *Die Trinitatspredgt* 280-281; *Doc. Indica* I II Índices).

3. Pela muita informação que tenho de uma ilha de Japão, que está além da China 200 léguas ou mais, sei[4] ser gente de muita arte e maneira, e curiosa de saber, assim das coisas de Deus como de outras coisas de ciência, segundo me dão informação os portugueses que daquelas partes vieram. Mas também por uns homens japoneses, que no ano passado vieram de Malaca comigo, que se fizeram cristãos no colégio de Santa Fé de Goa[5], me deram informação daquela ilha, como vereis por um caderno que lá vos envio, que foi sacado pela informação que nos deu [Paulo de] Santa Fé. Este é o que se fez cristão. Dantes se chamava Anjirô, de Japão, homem de muita verdade e virtude. Ele vos escreve largamente de si, e da maneira que veio, e das mercês que Deus lhe tem feito. Espero que lhe há-de fazer muitas mais. Estou determinado[6], este Abril que vem, do ano de 1549, a ir ao Japão com um Padre, por nome Cosme de Torres[7] – o qual vos escreve muito largamente – por me parecer que naquelas partes se há-de acrescentar muito a nossa santa fé. E, porque nestas partes não faço tanta míngua, com a vinda dos Padres deste ano e com me parecer que, para o ano que vem, vireis [vós), ou quando não, enviareis alguma pessoa em vosso lugar com muitos outros da Companhia, posso-me escusar nestas partes. Eu espero em Nosso Senhor que já então terei escrito à Índia novas do Japão, e da disposição daquelas partes para o acrescentamento da nossa santa fé. Praza a Deus que, depois de ter dado ordem na Índia em muitas coisas e em serviço de Deus, segundo a informação que do Japão vos escrever nos ajuntemos naquelas partes, se forem mais dispostas para o acrescentamento da nossa santa fé, como me parece será.

4. Por tempos, prazerá a Deus que muitos da Companhia irão à China e, da China, àqueles seus grandes Estudos que estão além

---

[4] Lit.: por.

[5] No dia de Pentecostes (20 de Maio) de 1548, baptizou o Bispo três japoneses na catedral de Goa (CAMARA MANUEL 80; *Iapsin.* 4,18).

[6] Lit.: determino.

da China e Tartao [numa terra] que se chama Chingico, segundo a informação de Paulo: diz que em todo Tartao, China e Japão têm a lei que ensinam em Chingico. Como ele não entende a língua em que têm escrita a lei, que têm os da sua terra escrita em livros, que é como latim entre nós, por isso não me sabe dar inteira informação da lei que têm escrita em seus livros de impressão. Quando chegar ao Japão, sendo Deus servido, vos escreverei muito particularmente as coisas que têm escritas em seus livros, que eles dizem ser de Deus: é que eu estou determinado[8] com a ajuda de Deus, chegando ao Japão, de ir onde está o rei. Depois de ter experiência do que lá há, vos escreverei muito miudamente, assim para a Índia como para o colégio de Coimbra e de Roma e para todas as universidades, principalmente a de Paris, para lhes recordar que não vivam em tanto descuido, fazendo tanto fundamento em letras, descuidando-se das ignorâncias dos gentios.

5. Para Socotorá vai este ano Cipriano, com um Padre de Missa e dois leigos. Está naquela ilha um mouro, o qual forçosamente senhoreia aquela ilha de Socotorá contra toda a razão e justiça, sem ter nenhum direito mais de forçosamente a ter. Agrava muito os cristãos, tomando-lhes o seu e suas filhas, tornando-as mouras, e outros muitos males. Devíeis fazer com Sua Alteza, por serviço de Deus e descargo de sua consciência, que mandasse deitar fora os mouros daquela ilha[9]. O que sem nenhum gasto pode fazer, mandando aos da armada que vão ao Estreito[10] que, à vinda, quando voltam do Estreito, lancem fora aqueles mouros, que estão em Socotorá junto à praia – que podem ser, por todos, uns trinta mouros, numa casita

---

[7] Ainda não menciona Juan Fernandez, designado depois para a Missão do Japão (cf. SIE 64).

[8] Lit.: determino.

[9] Não era essa a política portuguesa com os povos no Oriente (cf. Xavier-doc. 17,6).

[10] Refere-se ao estreito de *Bab-el-Mandeb*.

à maneira de fortaleza – e não consentem aos da terra terem nenhumas armas e os têm em muito grande cativeiro.

6. Por amor de Nosso Senhor, provede como estes cristãos, tristes e coitados, saiam de cativeiro, pois tiranicamente são senhoreados pelos mouros! Em oito dias, os podem deitar fora da terra, quando voltam do Estreito e vão tomar água naquela ilha. É piedade grande, ouvir as lástimas destes cristãos de Socotorá. Faz agora seis anos que passei por Socotorá, e tive piedade grandíssima de ver as perseguições que, dos mouros da costa da Arábia, padecem. Isto tudo está na vontade do Rei, sem se fazerem nenhuns gastos. Martim Afonso de Sousa, senhor que foi da Índia[11], pode dar verdadeira informação a Sua Alteza, de quão tiranicamente aqueles mouros senhoreiam aquela ilha e como, sem fazer nenhum gasto, pelas armadas que vão ao Estreito se podem destruir aqueles mouros, derrubando aquela casita que têm à maneira de fortaleza. – Porque todos os da Companhia vos escrevem do fruto que, com a ajuda de Nosso Senhor, nestas partes fazem, por isso me remeto a todos eles.

7. Dareis ordem de modo que, todos os anos, venham alguns da Companhia que sejam, os mais deles, sacerdotes de Missa. E assim, escrevereis a Roma e a outras partes, onde haja pessoas da Compa-

---

[11] Governador nos começos da vida missionária de Xavier. Já em 1544 expusera ao Rei o conselho de Xavier com este parecer: «Este Xeque de Socotorá é rei de Caixem. Nós em toda a costa da Arábia não temos outro nenhum porto de amigo senão aquele, nem onde se possa acolher um navio de portugueses com tempo… É muito acometido dos turcos e muito ameaçado deles que deixe a nossa amizade… Não está o tempo disposto para se poder fazer isto que V. A. manda… Se V. A. cá tivesse quinze ou vinte mil homens juntos, então poderia mandar estas coisas assim absolutamente» (SCHURHAMMER, *Quellen* 1322). O Vigário geral Miguel Vaz muitas vezes pediu o mesmo. O Rei mandou a D. João de Castro que ajudasse os cristãos de Socotorá, mas «de maneira que o Turco, cujos vassalos são, não infeste esses mares com suas armadas» (SCHURHAMMER, *Ceylon* 242-243; 328-331). Os turcos eram tão agressivos que em 1549 o Governador teve de enviar uma armada de oito naus para defender deles a estratégica fortaleza de Ormuz (CORREA IV 644-649; 673).

nhia, que enviem a Coimbra alguns sacerdotes de muita mortificação e muitas experiências, os quais não têm talento ou letras para pregar ou fazer lá colégios. De maneira que, naquelas partes, não fazem míngua e cá, nestas, se forem e tiverem virtudes de muita humildade e mansidão e outras virtudes, podem fazer muito serviço a Deus Nosso Senhor na conversão dos infiéis – assim como em Malaca, Maluco, Cabo de Comorim e Japão, ou ir ao Preste[12] – até que no colégio de Coimbra houvesse muitos que tivessem acabado seus estudos.

Portanto, deveis enviar a estas partes pessoas sacerdotes, que não fazem falta em Roma nem em outras partes onde estão colégios da Companhia, por não terem talento ou letras para pregar ou edificar colégios, porque estes tais farão muito [mais] serviço a Deus Nosso Senhor nestas partes que lá. Dai ordem de modo que todos ao anos envieis pessoas a estas partes: é que, os que cá entram na Companhia, não são para andar fora dos colégios, por não terem letras nem virtudes nem espírito para que possam logo andar fora, na conversão dos gentios. Para isto, se requerem muitos anos de mortificação e de experiência, como bem sabeis.

8. A cinco léguas de Cochim, numa fortaleza do Rei, que se chama Cranganor[13], está um colégio mui formoso, que fez Frei Vicente, companheiro do Bispo, no qual há cerca de cem estudantes, filhos dos que descendem dos cristãos que fez S. Tomé, que cá chamam cristãos de S. Tomé. Há sessenta lugares destes cristãos e, perto destes lugares, está este colégio, coisa muito formosa e para ver, assim o sítio do colégio como onde estão os cristãos. O Padre Frei Vicente tem feito muito serviço a Deus nestas partes. Ele é muito amigo meu e de todos os da Companhia. Deseja muito ter um Padre da nossa Companhia, que saiba gramática, para ensinar os estudantes do colégio e fazer alguma pregações, assim aos do colégio como aos

---

[12] Abissínia.

[13] Cranganor, *Kodangalûr* na língua regional (YULE, *Hobson Jobson* 272).

do lugar, aos domingos e festas. Por amor de Nosso Senhor: que o consoleis quanto puderdes, enviando-lhe este Padre para estar com ele no colégio à sua obediência!

9. Em Cranganor há duas igrejas: uma, da invocação de S. Tiago; outra, da invocação de S. Tomé. Os cristãos de S. Tomé têm muita devoção à igreja de S. Tomé. A outra, que é da invocação de S. Tiago, está dentro do colégio do Padre Frei Vicente. Deseja ele muito ter, nestas igrejas, algumas indulgências para consolação dos cristãos e acrescentamento da devoção. Para isto vos roga muito, por serviço de Deus, que, pela via de Roma ou pela via do Núncio que está em Portugal, lhe impetreis estas graças: que na vigília de S. Tiago com seu dia e oitavas, todos os que lá forem, confessados e comungados, ganhem indulgência plenária; e assim também, na vigília de S. Tomé com seu dia e todas as oitavas, os que visitarem a casa de S. Tomé de Cranganor ganhem indulgência plenária, confessados e comungados ou verdadeiramente contritos das suas culpas e pecados. Por amor de Nosso Senhor: que consoleis Frei Vicente com as indulgências para aquelas igrejas, e acerca do Padre da nossa Companhia que pede para o colégio! Não digo mais, senão que Nosso Senhor nos ajunte na sua glória. Amen.

De Cochim, a 20 de Janeiro ano de 1549
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

74
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Cochim, 20 de Janeiro 1549
Cópia resumida em português, feita em 1551
Segunda via

SUMÁRIO: 1. Alegria pela vinda de António Gomes e dos outros que estão já a trabalhar com muito fruto. – 2. Necessidade de missionários sobretudo em Ormuz e Diu. – 3. Motivos da próxima expedição missionária ao Japão e posteriormente à China. Esperanças de que venha Simão Rodrigues com muitos outros jesuítas para o Oriente. – 4. Destino de Cipriano a Socotorá e de Manuel Vaz a Goa. – 5. Espera que venha Simão Rodrigues e envia-lhe cartas dos companheiros.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossas almas. Amen

1. Não poderia acabar de vos escrever, Irmão meu Mestre Simão, a consolação que recebi com a vinda de António Gomes e de todos os outros Padres. Deveis saber que fazem muito fruto nas almas e grande serviço a Deus Nosso Senhor, assim na vida como em pregar, confessar, dar Exercícios Espirituais e em tratar com as pessoas. Estão, os que o conhecem, tão edificados dele[1], que não se pode mais dar.

2. É a necessidade, de pessoas desta nossa Companhia, muito grande nesta terra. Principalmente em Ormuz e em Diu, mais que em Goa, porque andam muitas pessoas fora da nossa santa fé, à míngua de quem lhes pregue. Por isso, mandei agora para lá António Gomes.

3. Eu, pela muita informação que tenho duma ilha de Japão, que está para além da China duzentas léguas ou mais, por ser gente de

[1] Fruto.

muita arte e maneira, e curiosa de saber, assim das coisas de Deus como doutras ciências – segundo me dão informação os portugueses que daquelas partes vieram; e também por uns homens japoneses, que no ano passado vieram comigo de Malaca e se fizeram cristãos no colégio de Santa Fé de Goa e me deram informação daquela ilha, como vereis por um caderno que aí vos mando e que foi sacado pela informação que nos deu Paulo da Santa Fé, homem de muita verdade, ele [que] também vos escreve longamente da maneira que veio e das grandes mercês que Deus lhe fez – determino, neste Abril que vem, do ano de 1549, ir lá com um Padre, por nome Cosme de Torres, o qual também vos escreve longamente. Espero em Nosso Senhor que se há-de lá acrescentar muito a nossa santa fé. Nesta terra, com a vinda destes Padres[2], não farei míngua tanto como isso, e mais porque espero que vós vireis, ou mandareis muitos em vosso nome; mas, espero em Deus Nosso Senhor que vireis [vós]. Para então, terei já escrito para a Índia coisas do Japão e da disposição dele. E praza a Deus que, depois de terdes dado ordem a muitas coisas na Índia, nos ajuntemos no Japão, se for terra mais disposta para o acrescentamento da nossa santa fé, como me parece que o há-de ser. Por tempos, prazerá a Deus que muitos da Companhia irão à China e, da China, àqueles grandes seus Estudos, que estão além da China e Tartao [numa terra] que se chama Chingico, segundo nos diz Paulo de Santa Fé; e diz que em todo Tartao, Japão e China têm a lei que ensinam em Chingico, mas ele não entende a língua em que está escrita, que dizem ser a modo de latim.

4. Cipriano vai este ano para Socotorá com outros, a saber: um Padre e dois leigos. Manuel Vaz[3] tornei-o a mandar para Goa, porque fará lá mais serviço a Deus que em Portugal.

---

[2] Os que vieram de Portugal em 1548.

[3] Manuel Vaz, outrora criado de Luís Gonçalves da Câmara, entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1545 e partiu para a Índia em 1548. Começou logo a ensinar gramática no colégio de Goa, mas pouco depois foi despedido da Companhia (*Epp Broeti* 586, 801-802; *Doc. Indica* I Índice).

5. Não me alargo mais, Irmão meu Mestre Simão, porque espero em Deus que haveis de vir. Pela primeira via, vos mando as cartas de todos os da Companhia. A paz de Cristo seja sempre connosco. Amen.

De Cochim, a vinte de Janeiro de 1549
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

75
MEMÓRIA
PARA O PADRE PEDRO FERNANDES SARDINHA

Cochim, por volta de 20 de Janeiro 1549
Cópia em português

SUMÁRIO: 1-3. Que o Rei envie pregadores para as fortalezas da Índia e o P. Simão Rodrigues munido de jurisdição superior às autoridades locais no que toca à defesa dos cristãos. Se não vier Simão Rodrigues, que o Bispo tenha esses poderes – 4. Que os tributos da Pescaria sejam cobrados pelo feitor real e não pela força naval.

Lembrança, para o Vigário geral, das coisas que há-de negociar com o Rei para bem dos cristãos da Índia[1]

1. Faça Vossa Mercê lembrança ao Rei que mande muitos pregadores da Companhia de Jesus a estas partes, pois as fortalezas da Índia têm tanta necessidade de pregadores como V. M. muito bem sabe.

2. Quanto serviço faria a Deus Sua Alteza, se mandasse a estas partes da Índia o Padre Mestre Simão, com muitos da Companhia de Jesus, pois com sua vinda se faria muito fruto nas almas dos portugueses da Índia e muitos cristãos na terra japã, que é dos infiéis. Contanto, [porém], que venha muito favorecido de Sua Alteza com jurisdição no cível sobre todos os cristãos da terra: que ninguém tivesse mando sobre eles, senão as pessoas que fossem postas pelo

---

[1] O Vigário geral, Pedro Fernandes Sardinha, partiu da Índia para Portugal, em princípios de 1549 (Xavier-doc. 76,2).

Padre Mestre Simão, por cima de serem providos homens por Sua Alteza para servirem os tais cargos[2]. É que[3] os capitães que têm esta jurisdição sobre os cristãos da terra, não se aproveitam dela para mais, que para fazer mal e tomarem o seu a seu dono, contra sua vontade, escandalizando os cristãos da terra e fazendo que os infiéis não se convertam, pelo mau tratamento que vêem fazer aos que já são cristãos.

3. Sendo caso que não venha[4] Mestre Simão, faça Vossa Mercê com o Rei que mande ao Bispo esta jurisdição no cível, sobre os cristãos da terra: que ninguém tenha jurisdição nem mando sobre eles, senão as pessoas que forem providas pelo Bispo; e, as que foram providas por Sua Alteza, tanto tempo servirão quanto fizerem o que devem, de maneira que ficará ao Bispo dispor deles, dando cargo a outro quando eles não fizerem o que devem.

4. Quão escusada coisa é, capitão e armada irem à Pescaria[5]: para o serviço de Sua Alteza e bem dos cristãos, o feitor de Cochim pode mandar arrecadar aquelas *pareas*[6].

---

[2] Parece querer dizer: por cima de homens que sejam providos por S. A. para servirem os tais cargos (cf. 5, abaixo).

[3] Lit.: pois.

[4] Lit.: vier.

[5] O Rei tinha mandado em 1546 que, enquanto se pudesse, se exigisse o tributo aos *paravas* com uma frota própria, não com uma enviada pelo capitão. De facto era costume que lá fosse o capitão com dois, três ou quatro navios e alguns portugueses, cujo número não era constante: R. Gonçalves informava em 1547 que o capitão tinha levado 70 homens, em vez de 10 ou 15, e o seu predecessor 40.

[6] Tributos.

76
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Cochim, 25 de Janeiro 1549
Duma cópia em castelhano, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Recomenda-lhe o soldado João Garro. – 2. Apesar de os portos da China estarem apostados contra os portugueses, irá ao Japão.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen

1. O portador da presente é homem que conheci nestas partes e vai agora a Portugal requerer seus serviços. Suplicou-me muito que lhe desse uma carta para vós, para que aí tivésseis conhecimento dele. Eu digo assim: que Jordão Garro acertaria mais em andar em requerimentos com Deus para alcançar perdão dos seus pecados, do que em andar requerendo os seus serviços com o Rei. Se aí o puderdes favorecer, aconselhando-o a ser frade mais que a que torne a ser *lascarím*[1] na Índia, fareis uma obra muito pia, que será ganhardes uma alma perdida. Todavia, em satisfação dos seus serviços, para poder viver aí em Portugal, por amor de Deus Nosso Senhor: vede se o ajudais!

2. Depois de ter escrito todas as cartas para Portugal – as quais leva Mestre Pedro Fernandes, Vigário geral que foi de todas as partes da Índia – chegaram as naus de Malaca, em que dão novas muito certas de que os portos da China estão todos levantados contra os

---

[1] *Lascarim* aqui é tomado no sentido de soldado português, embora esse nome se dê aos soldados indígenas aos serviço dos portugueses (DALGADO I 515).

portugueses[2]. Mas, nem por isso deixarei de ir ao Japão, como vos tenho escrito, pois não há outro maior descanso nesta vida sem sossego, do que viver em grandes perigos de morte, tomados todos imediatamente só por amor e serviço de Deus Nosso Senhor e acrescentamento da nossa santa fé: com estes trabalhos descansa um homem mais que vivendo fora deles.

Deus Nosso Senhor nos ajunte na sua santa glória.

De Cochim, hoje 25 de Janeiro de 1549
Vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

---

[2] Desde 1522 estava proibido aos portugueses, com público decreto, aproximar-se dos portos da China. Estes, contudo, com base nas ilhas que estão em frente de Cantão, continuavam a fazer comércio clandestino nas cidades de Chincheu (Fukien) e Ningpo (Chekiang). Em 1547, sendo vice-rei destas províncias Chu Huan, como se levantassem lutas entre os portugueses que invernavam nas ilhas e os chineses, o imperador mandou aprestar uma armada, no ano seguinte, para expulsar todos os piratas das costas da China e impedir todo o comércio com estrangeiros. Os portugueses tiveram de retirar-se e ficaram-lhes vedados todos os portos (GASPAR DA CRUZ , OP, *Tratado da China*, Évora 1569: c. 23; T'IEN-TSÉ CHANG*, Sino-Portuguese Trade from 1514 to 1644,* Leyden 1934: 81-82).

77
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Cochim, 26 de Janeiro 1549
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Elogio de Fr. João de Vila do Conde. Maus tratos dos cristãos pelos funcionários régios. – 2-3. O rei de Ceilão tão favorecido e tão inimigo da fé. – 4. Recomendação do Bispo dos cristãos de S. Tomé Jacob Abuna, já velhinho. – 5. Severa admonição ao Rei.

Senhor

1. Não escrevo a Vossa Alteza os desfavores e mau tratamento que se faz aos que são cristãos convertidos à nossa santa fé, pois o Padre Frei João de Vila do Conde aí vai[1] que os dirá a Vossa Alteza com toda a verdade. Deve-lhe Vossa Alteza dar muitos agradecimentos pelos muitos trabalhos que nestas partes da Índia tem tomado, por serviço de Deus e descargo de consciência de Vossa Alteza. É que os trabalhos corporais, que o Padre Frei João tem levado, nestas partes da Índia, ainda que sejam muitos e grandes e contínuos, em comparação dos trabalhos do espírito, em ver o mau tratamento que os capitães e feitores fazem aos que novamente se convertem,

---

[1] D. João de Castro prestou ajuda ao rei de Sitâvaka, Mâyâdunnê, contra o rei de Cota, Bhuvaneka Bâhu. Mas o seu sucessor, Garcia de Sá, favoreceu o segundo. Perante tão sério contra-tempo, Fr. João de Vila do Conde, superior da missão de Ceilão, resolveu ir a Portugal pedir remédio ao Rei (SCHURHAMMER, *Ceylon* 11-12). Para entender bem todo este assunto podem ler-se na citada obra as cartas que o superior dos dominicanos e o Bispo de Goa entregaram a Fr. João para o Rei (pp. 514-517; 519-520).

havendo-os eles de ajudar, são incomportáveis: é quase um género de martírio ter paciência em ver destruir o que com tanto trabalho tem ganhado.

2. Cá temos por nova certa que o rei de Ceilão[2] manda grandes abastanças a Vossa Alteza, dos serviços que Vossa Alteza lhe faz[3]. Saiba certo que Deus tem grande inimigo em Ceilão no rei. E este rei é favorecido[4] e faz todo o mal que pode só com o favor de Vossa Alteza. Esta é a verdade. Pesa-me de o escrever, porque por derradeiro receamos cá, pela experiência do passado, que há-de ser mais favorecido de Vossa Alteza que os frades que estão em Ceilão. E, por derradeiro, a experiência me tem ensinado, que Vossa Alteza não é poderoso na Índia para acrescentar a fé de Cristo, e é poderoso para levar e possuir todas as riquezas temporais da Índia[5].

3. Perdoe-me Vossa Alteza que tão claro lhe fale. É que isto me obriga o amor desenganado que lhe tenho, sentindo quase o juízo de Deus, que à hora da sua morte lhe há-de revelar, ao qual ninguém pode fugir por poderoso que seja. Eu, Senhor, porque sei o que cá se passa, nenhuma esperança tenho que se hão-de cumprir na Índia mandados nem provisões, que em favor da cristandade haja de mandar. Por isso, quase vou fugindo para o Japão, para não perder mais

---

[2] Bhuvaneka Bâhu.

[3] Cf. SCHURHAMMER, Ceylon 520-525.

[4] Em 1543 concedeu D. João III amplos privilégios a Bhuvaneka Bâhu, pois este prometia baptizar-se (*o.c.* 110-121). João Fernandes de Vasconcelos quando em 1548 foi a Ceilão para cobrar o tributo do cinamomo, demorou-se ali para ajudar Bhavaneka Bâhu contra seu irmão Mâyâdunnê (*o.c.* 522-523).

[5] O Rei deve ter informado posteriormente Xavier sobre os verdadeiros lucros que recebia da Índia, pois em carta posterior reconhece que «O Rei não os provê, polo pouco dinheiro que tem» (Xavier-doc. 101,3). As despesas com o império Oriental eram muitíssimo maiores que os lucros, como refere Schurhammer em nota a essa carta (sobre as contas em 1544 nas cortes de Almeirim, cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 1335, 578, 1257-1265, 1293, 1835; outros apuros em 1546, 1547, 1550, *ib.* 1969, 2901, 4498).

tempo que o passado. O Padre Frei João leva certos apontamentos dos desamparados cristãos do Cabo de Comorim: seja Vossa Alteza pai deles, pois morreu Miguel Vaz, pai verdadeiro deles.

4. Um Bispo da Arménia[6], por nome Jaime Abuna[7], há quarenta e cinco anos que serve a Deus e a Vossa Alteza, nestas partes: homem muito velho, virtuoso e santo e, juntamente, muito desfavorecido de Vossa Alteza e de quase todos os da Índia. Faz-lhe Deus mercê, pois Ele por si o quer favorecer, sem usar de nós como meios para consolar seus servos. Cá, somente é favorecido dos Padres de S. Francisco. E dos Padres é tão favorecido, que não pode ser mais. Se não fora por eles, já o bom e santo velho estivera descansando com Deus. Escreva-lhe Vossa Alteza uma carta de muito amor, mandando por ela encomendá-lo, em um capítulo, aos governadores e vedores da fazenda e capitães de Cochim, para que lhe façam a honra e gasalhado que merece, quando vier a requerer alguma coisa[8]. Isto não escrevo a Vossa Alteza por necessidade que o Bispo tenha, porque a caridade dos Padres da Ordem de S. Francisco acudirá largamente às suas necessidades, com o zelo de caridade que têm. Mas deve-lhe Vossa Alteza escrever, encomendando-lhe muito que tenha encargo de o encomendar a Deus, pois mais necessidade tem Vossa Alteza de ser favorecido do Bispo em orações, do que o Bispo tem necessidade de favor temporal de Vossa Alteza. Tem levado muito trabalho com os cristãos de S. Tomé e, agora, em sua velhice, é muito obediente

---

[6] Mais propriamente a Mesopotâmia.

[7] Jacob Mar Abuna, monge do mosteiro de S. Eugénio, junto a Nisibin, foi sagrado Bispo dos cristãos de S. Tomé em 1503 pelo patriarca Elias, e naquele mesmo ano partiu com outros três bispos para essa cristandade. Sobreviveu aos seus colegas e foi muito amigo dos portugueses e dos missionários católicos, especialmente dos franciscanos que trabalhavam entre os seus cristãos, e também de Xavier. Morreu por volta de 1550 (cf. SCHURHAMMER, *The Malabar Church and Rome, Quellen* 14, 25-26, 99, 130-131, 191).

[8] Os pedidos do bispo eram a favor dos cristãos de S. Tomé.

aos costumes da santa madre Igreja de Roma[9]. Nas cartas que Vossa Alteza escrever aos Padres da Ordem de S. Francisco, juntamente com elas pode escrever uma carta de muitos favores a este Bispo.

5. Nosso Senhor dê a sentir a Vossa Alteza, dentro na sua alma, sua santíssima vontade, e lhe dê graça para a cumprir perfeitamente, assim como folgaria tê-la cumprido à hora da morte, quando estiver dando conta a Deus de toda a sua vida passada. A qual hora será mais cedo do que Vossa Alteza cuida. Por isso esteja aparelhado, pois os reinos e senhorios se acabam e têm fim. Coisa nova será, e que nunca por Vossa Alteza passou, ver-se desapossado, à hora da morte, dos seus reinos e senhorios, e entrar em outros onde lhe há-de ser coisa nova ser mandado; e, o que Deus não queira, fora do paraíso.

De Cochim a 26 de Janeiro de 1549
(*por mão de Xavier*) Servo inútil de Vossa Alteza
FRANCISCO

---

[9] O bispo, com todos os seus, tinha-se unido à Igreja católica. Xavier afirma neste lugar que Abuna, já velho, era muito obediente aos costumes da Igreja de Roma. Efectivamente, vendo o bispo que os turcos lhe cerravam a comunicação com o patriarca caldeu, residente em Mossul, e nenhuma esperança havia de obter dos seus um sucessor, introduziu os missionários latinos na sua cristandade, para que, depois da sua morte, fizessem as suas vezes. Familiarizou os seus fiéis com os costumes do rito latino e conseguiu que educassem os seus filhos no colégio franciscano de Cranganor. Assim se suscitaram não poucas vocações sacerdotais do mesmo rito latino. Levou também muitos cristãos seus a reconciliarem-se com Roma (SCHURHAMMER, *The Malabar Church and Rome* 37-38; *Three letters of Mar Jacob*, in *Gregorianum* 14(1933) 78-84).

78
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Cochim, 1 de Fevereiro 1549
Cópia em português, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Recomenda os dois portadores da sua carta e da do P. Francisco Pérez. – 2. Com uma grande confiança em Deus não teme quaisquer perigos da viagem ao Japão. – 3. Pede informações pelos mesmos portadores e indica o modo de fazer chegar as cartas ao Japão.

JESUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor sejam sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. São tantas as pessoas que me pedem cartas para vós, e eu tão desejoso de vos escrever, por me parecer que a consolação que levo, em vos escrever, a mesma levais em as ler. Os portadores da presente são dois homens casados, de Malaca, homens muito de bem e bons cristãos. Eles vão cumprir certas obrigações a que são obrigados. Eles vos darão muitas novas de Malaca, do fruto que lá fazem os da nossa Companhia, como testemunhas de vista.

Também levam cartas do Padre Francisco Pérez em que, por elas, me parece, segundo escreve largo, dá conta miudamente do fruto que lá fazem[1]. Também vos informarão dalgumas coisas da China e de Japão, porque estiveram muito tempo em Malaca.

2. Espantam-se muito todos meus devotos e amigos de fazer uma viagem tão comprida e tão perigosa. Eu pasmo mais deles, em ver

[1] Doc. Indica I 352-380.

a pouca fé que têm, pois Deus Nosso Senhor tem mando e poder sobre as tempestades do mar da China e Japão, que são as maiores que, até agora, são vistas. É poderoso sobre todos os ventos e baixios, que há muitos, ao que dizem, onde se perdem muitos navios. Tem Deus Nosso Senhor poder e mando sobre todos os ladrões do mar, que há tantos que é coisa de espanto: são estes piratas muito cruéis em dar muitos géneros de tormentos e martírios aos que tomam, principalmente aos portugueses. Como Deus Nosso Senhor tenha poder sobre todos estes, de ninguém tenho medo, senão de Deus: que me dê algum castigo, por ser negligente em seu serviço, inábil e inútil para acrescentar o nome de Jesus Cristo, entre gente que não o conhece. Todos os outros medos, perigos e trabalhos, que me dizem meus amigos, tenho em nada. Somente me fica o temor de Deus, porque o temor das criaturas até tanto se estende até quanto lhe dá lugar o Criador delas.

3. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, vos rogo que a estes dois homens que aí vão, os poucos dias que lá estiverem em Lisboa, os favoreçais e agasalheis e ajudeis em tudo o que boamente puderdes fazer. Deles vos podereis informar de muitas coisas da Índia. Com eles me escrevereis muito largo, de todos os da Companhia que estão na Itália, França, Flandres, Alemanha, Espanha, Aragão, e do bendito colégio de Coimbra, porque de Malaca todos os anos partem [naus] para a China e de China a Japão. As cartas irão endereçadas aos padres da Companhia que estão em Malaca. Eles, por muitas vias, mandarão o traslado das cartas, ficando o original em Malaca. Por tantas vias as mandarão que, por alguma, as receberei.

Nosso Senhor nos ajunte na santa glória do paraíso. Amen.

De Cochim, hoje, primeiro de Fevereiro de 1549
Vosso todo, em Cristo, caríssimo irmão,
FRANCISCO

79
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Cochim, 2 de Fevereiro 1549
Duma cópia em latim, feita em 1596
Terceira via

SUMÁRIO: 1. Trabalho frutuoso de António Gomes e seus companheiros. – 2. Deseja que venha Simão Rodrigues com mais jesuítas para a Índia. Mais necessária a virtude que a ciência nos missionários. – 3. Pede que venha com suficientes poderes do Rei para defender das autoridades locais os cristãos. Traga também meios de criar orfanatos para crianças portuguesas sem família. – 4. Informações sobre o Japão aonde pensa ir com o P. Cosme de Torres. Com a vinda doutros missionários já não faz falta na Índia. – 5. Informações sobre a China, aonde pensa ir depois. – 6. Elogio e assunto do vigário de Cochim. – 7. Pede vinho de Missa para os missionários. – 8. A ilha de Socotorá para onde vai enviar o P. Cipriano com dois Irmãos. – 9. Distribuição de encargos a Manuel Vaz, António Gomes e Gaspar Barzeu em Goa. – 10. Situação religiosa de Baçaim e apostolado dos franciscanos. – 11. O Colégio de Goa é entregue à Companhia de Jesus. Pede ao Rei que confirme a entraga. – 12-13. Frei Vicente pede jesuítas para o colégio de Cranganor e indulgências do Papa para duas igrejas. – 14-15. Pede ao Rei certos favores para Estêvão Borralho e licença para Frei António do Casal regressar a Portugal. – 16. Bom trabalho de Lancillotto em Coulão onde se pensa fundar um colégio. – 17. Fruto que seguiria à vinda de Simão Rodrigues para a missão. – 18. Bom trabalho dos jersuítas em Malaca e nas Molucas. – 19. Próxima expedição ao Japão. – 20. Notícias do Cabo de Comorim e da morte do Irmão Adão Francisco. – 21. Vai a Baçaim encontrar-se com o Governador para tratar de um colégio para portugueses e indígenas nas Molucas e de outro para japoneses. – 22. Boa aceitação dos jesuítas na Índia. Anima Simão Rodrigues a vir com muitos mais.

A graça e caridade de Cristo Nosso Senhor seja sempre connosco. Ámen.

1. Nunca poderia acabar de vos escrever, caríssimo irmão Simão, quanta alegria tive com a vinda de António Gomes e seus companheiros. Haveis de saber que acrescentam a piedade e fazem muito

fruto nas almas, com geral aceitação, com o exemplo de vida, sermões, confissões, Exercícios Espirituais e conversas particulares. Aqui há necessidade de pessoas excelentes da Companhia, especialmente na cidade de Ormuz e na povoação de Diu onde, mais que Goa, precisam de zelosos pregadores, pois nestes lugares há portugueses que degeneram da disciplina e costumes cristãos. Por isso, para atender a essa necessidade, determinei enviar para Ormuz o Padre António Gomes, tão excelente em pregar como noutros ministérios da Companhia. Mestre Gaspar ficará no colégio de Goa.

2. Faríeis grande serviço a Deus Nosso Senhor, se viésseis para a Índia com muitos da Companhia e, entre eles, sete ou oito pregadores e outros de grande experiência e discrição. Não são necessárias muitas letras para a conversão dos gentios, pois a gente destas partes é muito bárbara e ignorante. Com ter medíocres letras e grande virtude e forças, podem prestar magnífico serviço a Deus Nosso Senhor. Em todas as povoações da Índia, onde houvesse um pregador da Companhia com outro sacerdote que o ajudasse nas confissões e nos outros ministérios da Companhia, poder-se-ia fazer um colégio para formar os filhos dos portugueses e dos naturais da terra.

3. Escrevi ao nosso Padre Inácio que vos desse licença para vir. E escrevi igualmente ao Rei para que vos enviasse, acompanhado de muitos da Companhia, e com grandes poderes. Se isto acontecer, crede que a vossa vinda aproveitará ao serviço de Deus Nosso Senhor muito mais do que pensais. Escrevi também ao Rei para que olhe pelos filhos dos portugueses a quem seus pais deixaram órfãos e pobres, depois de terem perdido a sua vida pelo Rei, pois ninguém lhes paga o salário e alimentação devidos aos seus pais. Por isso, não seria estranho que se fundassem na Índia alguns colégios para alimentar e instruir estes desgraçados. E, uma vez que o Rei tem de olhar pela salvação dos naturais da terra, seria útil ao serviço de Deus mandar que aos filhos dos indígenas se ensinasse o catecismo em determinados sítios. Assim escrevo a Sua Alteza: que, se lhe parecer, destine

uns 5.000 *pardaos* dos impostos de Baçaim[1] para abrir alguma casa destas[2]. Espero que, com a graça de Deus, o Rei venha a executar tudo isto aproveitando a vossa vinda.

4. Há pouco tive informação da terra do Japão, que está para além da China duzentas léguas ou mais. Os seus habitantes, segundo me dizem, são de agudo engenho e desejosos de saber, tanto das coisas de Deus como das outras ciências. Isto o referem os portugueses que de lá vieram e alguns japoneses que vieram comigo de Malaca para a Índia no ano passado e se fizeram cristãos no colégio de Santa Fé. Isto o podereis ver num relatório das coisas do Japão que vos enviamos e me deu Paulo, por sobrenome da Santa Fé, japonês, pessoa de excelente virtude e fé. Ele mesmo vos escreve de si e das suas coisas e dos benefícios que recebeu de Deus. Por isso, estou decidido a ir para o Japão no próximo mês de Abril, com Cosme de Torres, sacerdote da nossa Companhia. Estou convencido de que a religião cristã se propagará notavelmente naquelas partes. Acrescente-se a isto que aqui já estou sem ocupação, pois com os muitos da Companhia que vieram este ano, o meu trabalho na Índia não é necessário; e sobretudo porque, dentro de pouco, ou vireis vós mesmo ou enviareis outro acompanhado de muitos da Companhia. E creio, ao mesmo tempo, que com a vossa vinda e a minha experiência do Japão, depois de arrumardes todos os assuntos da Índia, pelo que vos indico nesta carta [se, com a graça de Deus, se proporcionar esperança de fruto no Japão] nos voltaremos a ver lá.

5. Com o tempo, prazerá a Deus que venham muitos da Companhia à China e da China àquela celebérrima universidade de Chengi-

[1] Baçaim (Bassein, em indiano Wasai), povoação situada na foz do rio Ulhas, era em 1534 a maior de todas as que os portugueses tinham para norte de Goa. A ela estavam anexas as ilhas de Salsete e Bombaim. De 1536 a 1537 foi ali construída uma fortaleza. Foi conquistada em 1739 pelos *maratis* e actualmente encontra-se em ruínas (SCHURHAMMER, *Quellen* 172 179).

[2] Cf. BOTELHO, *Tombo* 70.

co, situada mais para lá da China e do Catai[3]. Porque, segundo Paulo, os japoneses, chineses e tártaros seguem lei sagrada de Chengico. As crenças religiosas dos japoneses estão escritas em línguas recônditas e desconhecidas da gente vulgar, como entre nós o latim. Por isso, Paulo, homem inculto e desconhecedor daqueles livros, assegura-me que não me pode dizer nada das suas próprias crenças religiosas. Quando, se Deus quiser, chegar lá, vos escreverei sobre o que se contém nos seus muitos monumentos religiosos. Estou a pensar, logo que chegue ao Japão, em visitar o próprio Rei e os principais centros de ensino que haja nas cidades do reino; e, depois de informar-me de tudo, comunicar os resultados não só para a Índia, mas também para as universidades de Portugal, Itália, e principalmente a de Paris, e avisá-las ao mesmo tempo de que, ao darem-se com tanto ardor ao estudo, andem tão despreocupados e alheios, que não se preocupem absolutamente nada da ignorância e morte dos gentios.

6. Pedro Gonçalves, vigário de Cochim e muito amigo da Companhia, envia-vos por carta algum negócio seu. Rogo-vos e suplico que não deixeis de fazer por ele tudo o que puderdes, tanto no que se refere ao Rei[4] como na graça que se pediu para os seus paroquianos cristãos[5]. E estai certo que é um verdadeiro amigo e irmão da Companhia, pois a todos os da Companhia, que passam por Cochim, ele hospeda com a maior amabilidade.

7. Muito vos agradeceria que enviásseis para cá, para os Padres de Goa e para os outros que estão espalhados por todo o Oriente, oito ou dez barris de vinho de Missa; pois dada a grande necessidade que aqui há de vinho, é caro e escasso. Os da Companhia que estão

---

[3] Tartária.

[4] Cf. Xavier-doc. 61,15; 99,10.

[5] Em 1549 Inácio agradeceu-lhe o interesse pela Companhia de Jesus (SCHURHAMMER, *Quellen* 4264) e em 1552 fê-lo participante dos privilégios espirituais dos jesuítas na Índia (*Doc. Indica* II 323; 326), coisa que muito apreciou e agradeceu Pedro Gonçalves (*Quellen* 6077; MX II 141-142).

em Malaca, Comorim, Socotorá e Molucas não têm senão o que se traz da Índia. Assim como ao Bispo de Goa e aos franciscanos lhes fornece o vinho Portugal, à custa do público, convinha também que o proporcionasse ao colégio da Santa Fé de Goa, donde se envia às outras casas da Companhia[6].

8. O Padre Cipriano irá este ano, com um sacerdote e dois Irmãos, para a ilha de Socotorá. Está naquela ilha um mouro poderoso que, à força, senhoreia aquela ilha contra toda a razão e justiça. Oprime e agrava cruelmente os cristãos e, arrancando-lhes os seus filhos, inicia-os nos ritos mouros, e atormenta-os com infinitos males e calamidades. Muito desejo que urjais ao Rei para que, com o seu admirável zelo em proteger a religião, olhe algum dia pelos cristãos. Isto podê-lo-á fazer sem nenhum gasto nem qualquer complicação, mandando que a armada que vai da Índia para o estreito de Meca, reprima[7] a prepotência dos mouros; pois os habitantes daquela ilha, ao terem-lhes tirado todas as armas e sentindo-se oprimidos sob o jugo duma dura escravidão, aborrecem o nome dos mouros. Rogo-vos, pois, por Jesus Cristo Nosso Senhor, que devolvais a liberdade aos de Socotorá, vexados por tão injusta escravidão. O aspecto daquela ilha é verdadeiramente miserável. Quando em anos anteriores por lá passei, compadeci-me profundamente da sorte daquela gente, tão cruelmente a vexavam os mouros da costa. Todo este assunto, como disse, se pode resolver sem gasto nenhum, só com a aprovação do Rei. Afonso de Sousa, senhor que foi da Índia, é admirável testemunha, pois tudo isto o viu com os próprios olhos.

9. A Manuel Vaz enviei-o a Goa, pois não me pareceu conveniente deixar que voltasse para Portugal. Depois de estar com António

---

[6] A partir de 1554, o colégio de Goa começou a receber cada ano duas pipas de vinho de Missa (cf. *Selectae Indiarum Epistolae* 197).

[7] A política portuguesa no Oriente era apenas de domínio dos mares e não intervenção nos países da orla marítima que os não atacassem (cf. Xavier-doc. 17,6; 73,6).

Gomes em Goa, julguei oportuno fazer superior do colégio o Padre Gaspar, para que o Padre António, livre de todo o cuidado, se entregasse completamente à pregação, confissões e Exercícios Espirituais, pois para estes ministérios tem muito mais partes que para governar; além disso, porque o Padre Gaspar leva admiravelmente o peso da administração doméstica. Mandai, vos rogo, que todos os anos se enviem para cá alguns da Companhia e, destes, principalmente sacerdotes. Escrevereis também para Roma para que enviem para Coimbra alguns sacerdotes de grande experiência e singular virtude; os quais, não estando dotados de ciência nem de talento para pregar ou ensinar nos colégios, venham depois para cá, pois poderão fazer muito fruto na conversão dos gentios. Pois esses, embora nessas partes possam trabalhar com algum fruto, farão aqui fruto muito maior. Se alguns assim terminaram o curso de estudos em Coimbra, parece-me que os podeis mandar para cá pela mesma razão. Rogo-vos que todos os anos nos envieis gente da Companhia; porque os que estudam no colégio de Goa, não têm nem a suficiente experiência, nem doutrina, nem virtude para a conversão dos gentios.

10. Em Baçaim, a rogos de Miguel Vaz, que foi Vigário geral da Índia, concedeu o Rei três mil pardaus para construir uma casa onde se instruíssem os filhos dos cristãos naturais da terra. Por aqui se crê que o Rei tinha querido encomendar a administração daquela casa à nossa Companhia, porque vieram com Miguel Vaz de Portugal oito ou nove[8] da Companhia e seis franciscanos[9]. Mas o antigo Vigário entregou o dinheiro, que o Rei tinha dado por meio do Vice-rei João de Castro para a conversão dos gentios, aos franciscanos trazidos

---

[8] Tanto o Rei como os jesuítas afirmam que em 1546 foram dez missionários da Companhia de Jesus para a Índia; mas tendo ficado na Europa Cristóvão Ribeiro, eram de facto só nove (SCHURHAMMER, *Ceylon* 295; F.RODRIGUES, *Hist.* I/1 530; *Doc. Indica* I 30*).

[9] O guardião Fr. António do Porto, Fr. João de Goa, Fr. Domingos, Fr. Peregrino, Fr. Diogo e outro cujo nome desconhecemos (SCHURHAMMER, *Ceylon* 295).

para Baçaim, para que o repartissem e entregassem aos mesmos. E assim, quando fui a Baçaim, para tratar de alguns assuntos dos cristãos das Molucas[10], falei com os franciscanos e eles, reduzidos a muito poucos, pediram-me uma e outra vez que enviasse para ali algum da Companhia que proporcionasse aos neófitos as coisas necessárias do dinheiro entregado e administrasse aquele seminário[11]. Por isso deixei ali o Padre Melchior Gonçalves[12] com um Irmão[13].

11. Há pouco, com a morte de Miguel Vaz[14] e do Padre Diogo Borbano, a procuradoria e fazenda do colégio de Goa passou para Cosme Anes, o qual tomou a seu cargo o cuidado das rendas do colégio e sua fábrica; mas, vendo-se metido em negócios do Rei, logo que chegou António Gomes, cedeu inteiramente este cuidado à Companhia[15]. Agora, segundo o costume, esta cedência deve ser sancionada por autoridade real. Desejo que nos procureis este documento de legalização, e o tragais convosco para a Índia[16].

12. Há uma fortaleza do Rei, que se chama Cranganor, distante cinco léguas de Cochim. Tem um magnífico colégio feito por Frei

---

[10] Março de 1548.

[11] Eram somente dois os franciscanos, Fr. António do Porto e Fr. João de Goa, pois três, desanimados, tinham regressado a Portugal em princípios de 1548 e o sexto morreu em Chaul em princípios de 1547 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 295).

[12] Melchior Gonçalves, S.I., entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1546 e, dois anos depois, partiu para a Índia. Desde fins de 1548 até princípios de 1552 foi missionário em Baçaim, onde fundou a missão de Thana. Chamado dali em 1552, Xavier despediu-o da Companhia (*Doc. Indica* I II Índices; POLANCO, *Chron*. IV 551).

[13] Estudante Luís Frois.

[14] Miguel Vaz morreu em 11 de Janeiro de 1547 e Diogo de Borba em 26 do mesmo mês (SCHURHAMMER, *Ceylon* 137 146.

[15] Mas ainda em 1551 escrevia Lancillotto: «o colégio goano não é da Companhia, mas apenas a sua administração» (*Doc. Indica* II 173).

[16] Foi em 20 de Fevereiro de 1551 que o Rei doou para sempre o colégio de S. Paulo (Goa) e o de Baçaim à Companhia de Jesus (SCHURHAMMER, *Quellen* 4522).

Vicente, companheiro do Bispo, no qual há cerca de cem estudantes, filhos dos cristãos naturais da terra, que se chama de S. Tomé. Existem sessenta povoações dos mencionados cristãos nos arredores desta fortaleza e é nelas que se recrutam os alunos para o colégio. O edifício, pelo seu aspecto, situação e arquitectura é magnífico. Frei Vicente tem feito muito serviço a Deus nestas partes; é muito meu amigo e de toda a Companhia. Assegura que faz isto para deixar, à sua morte, toda a administração do colégio à Companhia. Pede insistentemente um sacerdote da Companhia, bom gramático, que ensine letras aos alunos e, aos domingos, faça um sermão ao povo. Temos de aceder aos seus desejos. Rogo-vos que envieis esse sacerdote para que fique inteiramente às suas ordens.

13. Em Cranganor há duas igrejas, uma de S. Tomé, à qual têm muita devoção os cristãos oriundos da evangelização do mesmo apóstolo; e outra de S. Tiago. Deseja muito Frei Vicente ter nessas duas igrejas indulgências pontifícias, para consolo destes cristãos e acrescentamento da devoção; para isso vos rogo de maneira particular que, ou por meio dos que vivem em Roma ou do Núncio apostólico que está em Portugal, lhe consigais uma indulgência plenária cada ano, desde as vigílias de S. Tomé e S. Tiago até às correspondentes oitavas inclusive; e estas indulgências as hão-de ganhar os que, tendo feito devidamente a confissão e comunhão, visitarem devota e castamente as duas igrejas de Cranganor. Se o que vos peço acerca de Frei Vicente, do sacerdote e das indulgências o executardes pontualmente e lhe enviardes ao mesmo tempo uma carta de cumprimentos, tê-lo-eis vinculado a vós e à Companhia para sempre. Uma e muitas vezes vos rogo que envieis a carta ao mesmo Bispo, apaixonadíssimo pela nossa Companhia.

14. Supliquei ao Rei, numa carta, que a certo clérigo chamado Estêvão Luís Borralho[17], o faça capelão de honra. Isto fiz, não tan-

---

[17] Estêvão Luís Borralho, diácono, partiu de Cochim para Goa em 1552 para entrar no convento; por isso Xavier o recomendou a Barzeu (Xavier-doc. 119,14).

to por ele, mas porque têm irmãs órfãs e pobres; e, se ele tiver esta honra de pertencer quase à corte real, facilmente casará as suas irmãs. Porque nestas partes, tratando-se de casamentos, é muito desejada a afinidade com pessoas honestas que estejam nas graças do Rei. Se fizerdes isto, poreis a salvo três jovens desamparadas. A mãe deste clérigo casou em segundas núpcias com Gonçalo Fernandes[18], que é de Cochim. Deseja o mencionado sacerdote, para ganhar a benevolência do padrasto para sua mãe, para si e para as suas irmãs, obter-lhe alguma graça. Por isso deseja que o Rei o nomeie, sem qualquer salário, como um dos seus ajudantes de honra[19]; pois crê que se o seu padrasto for quase da corte real, passará a estimá-lo a si e às suas irmãs como pai.

15. Todos os franciscanos são nossos amigos, assim como o seu custódio Frei António do Casal, o qual cessando o seu cargo dentro de dois anos, deseja grandemente voltar para Portugal. Suplico-vos que peçais licença ao Rei para o seu regresso ao reino, logo que termine o seu cargo, pois há mais de cinco anos que serve a Deus e ao Rei[20] nestas partes.

16. O Padre Nicolau Lanciloto, enviado por mim a Coulão por causa da sua saúde, vai-a recuperando de dia para dia. Parece feito para o gosto daqueles habitantes. Trata-se já de levantar ali um colégio, onde sejam instruídos, primeiro, os filhos dos portugueses e, depois, os dos cristãos de Comorim e de S. Tomé. Porque os do povo são poucos, e tão pobres de bens que não podem com os seus

---

[18] Gonçalo Fernandes partiu para a Índia em 1533 e, em 1547, trouxe de Malaca para Goa 20 meninos que Xavier lhe confiou. Em 1552 era *patrão-mor da Índia* e Xavier e Botelho pediram ao Rei que o confirmasse para sempre nesse cargo. Em 1556 foi uma das testemunhas para o processo goano de canonização de Xavier (SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 54).

[19] Parece que Xavier escreveu ao Rei para que o nomeasse *moço de câmara* (cf. Xavier-doc. 61,15; 99,11.13).

[20] Regressando a Portugal, morreu em Lisboa no convento de S. Francisco (SCHURHAMMER, *Ceylon* 670).

recursos nem começar o seminário. Escrevi sobre isto ao Rei, explicando-lhe de quanto proveito seria tudo isto para a religião cristã. Obtende do Rei que mande ao Vice-rei da Índia e ao Procurador que, com subsídios públicos, façam este edifício suficientemente grande para que se possam sustentar nele muitos filhos órfãos de portugueses e de naturais da terra[21]. Porque em Coulão há grande abundância de tudo e a preços baixos; e assim, com poucos gastos, podem viver muitos alunos.

17. Se vós mesmo viésseis para cá, caríssimo irmão Simão, seria para grande acrescentamento da religião e ficaríeis muito contente; mas teríeis de vir bem provido de poder dado pelo Rei para bem do serviço de Deus e alívio dos cristãos da terra. Novamente vos suplico que venhais bem apetrechado de faculdades que vos dêem o Rei e a rainha, para refrear no desempenho do seu cargo os governadores e procuradores. Desta maneira, segundo o parecer de todos, faríeis mais serviço à Índia e a Deus.

18. Tenho novas muito boas que me escrevem Francisco Pérez e Roque Oliveira sobre o acrescentamento da religião em Malaca. Pelas suas cartas sabereis tudo. Há também magníficas novas das Molucas: os Padres João da Beira e seus companheiros estão em grandíssimos e contínuos perigos de vida, com grande acrescentamento da religião. O rumor que se espalhou sobre a morte de Beira, a meu juízo carece de fundamento[22], pois ele mesmo me escreveu miudamente, pouco antes, de todas as suas coisas, trabalhos e perigos. Os seus companheiros, depois da partida das naus das Molucas, invernaram três meses em Amboino. Entretanto João da Beira foi lá, de Moro, visitar o governador[23] e rogar-lhe que enviasse um batalhão de portugueses para ajudar os cristãos de Moro. Aquilo de grave que dizem ter-lhe acontecido ao regressar das Molucas a Moro, nem

---

[21] Em 1554, o colégio de Coulão tinha um rendimento anual de 200 *pardaus*.

[22] Cf. Xavier-doc. 82, 8.

[23] Bernardino de Sousa, capitão de Ternate.

mo confirmou carta alguma nem testemunhas fidedignas. O que me atrevo a assegurar é que os que amam a Deus e ao próximo são provados como ouro no crisol. Não sei certamente se, nalguma parte do mundo cristão, os que se consagram a Deus e à salvação das almas têm sofrido alguma vez tantos trabalhos e tão grandes perigos de vida, como os que se sofrem na região de Moro. Desejo que peçais a Deus pelos que foram para lá e pelos que irão depois, pois dentro de pouco penso enviar para lá dois ou três da Companhia[24]. Creio que naquelas ilhas de Moro se hão-de gerar muitos mártires da Companhia, de maneira que no futuro se virão a chamar não ilhas de Moro mas dos mártires. Por isso, os da Companhia que desejam dar a sua vida por Jesus Cristo, animem-se e alegrem-se, pois já têm preparado o seminário dos martírios onde satisfazer os seus anseios.

19. A rota de navegação para o Japão e China, como todos me asseguram, está cheia de trabalhos e perigos. A minha experiência nessas partes é nula; quando para lá for, que será, segundo creio, dentro de dois meses e meio, vos informarei de tudo. E assim, quando, com o favor divino, no ano que vem, segundo julgo, vierdes para a Índia, recebereis cartas minhas do Japão.

Nuno Ribeiro está em Amboino, povo seguro e cheio de cristãos[25]; fiquei a saber pelas suas cartas que consegue muito fruto com o seu trabalho.

20. Os da Companhia que estão no Cabo de Comorim, prestam magnífico serviço à religião, como o podeis comprovar por essas cartas que vos remeto, onde vos escrevem de todas as suas coisas[26]. Aprouve a Deus levar desta vida para si o dulcíssimo Irmão nosso

---

[24] Afonso de Castro e outros dois que não estavam ainda designados.

[25] Provavelmente Hatiwe, actualmente *Hatiwi Besar* (Hatiwi maior), a oeste do golfo interior.

[26] Três dos seis que eram, escreveram cartas para Portugal: B. Nunes, P. do Vale, M. de Moraes júnior (*Doc. Indica* I 315-322; 426-434; 454-467). Francisco Henriques escreveu para Inácio e companheiros da Europa (*Doc. Indica* I 276-300).

Adão Francisco[27], para dar-lhe o galardão dos seus muitos e grandes méritos. A sua morte correspondeu à sua vida, a qual, pelo que ouvi de outros e vi eu mesmo, foi muito santa. Foi varão muito piedoso e de fervor muito grande pela conversão dos gentios. Antes me encomendo eu a ele do que o encomendo a ele a Deus, pois estou persuadido que já goza da bem-aventurança, para a qual tinha nascido.

21. Agora vou a Goa, onde prepararei tranquilamente a viagem para o Japão no próximo mês de Abril. De Goa, seguirei para Cambaia, onde me encontrarei com o Vice-rei da Índia[28], que agora está em Baçaim, para que se interesse pelos cristãos das Molucas e pelos da Companhia que em breve enviarei para lá. Entre eles irá um pregador que residirá na cidade do rei e será superior do colégio que se vai começar, para instruir os filhos dos cristãos das ilhas de Moro e dos portugueses. Vai começar-se também outra casa, onde se dará instrução religiosa não só aos filhos órfãos dos portugueses, mas também a japoneses que, se Deus quiser, enviarei.

22. E porque os nossos da Índia são tão queridos e benquistos não só do Bispo e do clero, mas também dos frades e de todos os cristãos e gentios, tenho grandes esperanças de que nestas partes se vai estender notavelmente a Companhia. Por isso, caríssimo irmão Simão, trabalhai por vir para cá com grande número dos da Companhia, pregadores e para outros ministérios. Tende cuidado em não trazer muitos que sejam demasiado jovens. Aqui desejamos gente de trinta e quarenta anos, e estes dotados de virtudes, especialmente de humildade, mansidão, paciência e castidade.

Tenho este vício de que ao escrever-vos a vós não encontro fim; donde podeis inferir o grande gozo que nisso tenho, sobretudo

---

[27] Morreu na Pescaria a 2 de Janeiro de 1549. Esgotou-o o trabalho de construção duma igreja para a casta dos *careas*. Nos seus últimos momentos foi assistido pelo P. Criminali (FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 395*; Doc. Indica* I 577; II 18).

[28] Afonso de Castro.

quando me ponho a escrever estimulado por carta vossa. Por isso ponho fim a este escrito, mesmo que não possa encontrá-lo; confio em que alguma vez, ou na China ou no Japão ou certamente no Céu, nos voltaremos a ver, onde, segundo espero, por singular benefício e dom de Deus, tendo sido chamados igualmente à Companhia do reino celestial, disfrutaremos por toda a eternidade de Deus, perene manancial de todos os bens. Amen.

Cochim, 2 de Fevereiro de 1549.
FRANCISCO

80
INSTRUÇÃO PARA O PADRE BARZEU ENVIADO EM MISSÃO A ORMUZ

Goa, princípios de Abril 1549
Cópia em português, feita em 1574

SUMÁRIO: 1. Olhe primeiro por si mesmo. – 2-4. Comece por trabalhos humildes: catequese, apostolado no hospital, visitas aos presos. – 5. Canalizar esmolas para a Misericórdia e reservar-se só a ajuda espiritual. – 6-7. Portar-se bem com todos, para que nada nos possam apontar quando forem nossos inimigos. – 8. Exame frequente de consciência. – 9. Pregações práticas e não teóricas. – 10. Repreensões em privado e não na pregação. – 11. Preparar as pessoas para a confissão e para a penitência, antes de as confessar. – 12-13. Na confissão ser bondoso, compreensivo e ajudar as pessoas a libertar-se da vergonha de confessar. – 14. Como remediar problemas de fé acerca da Eucaristia e sacramentos. – 15. Modo de tratar problemas de roubos e restituições. – 16-18. Maneiras de manter boas relações com o vigário local e outros sacerdotes, e com o capitão da cidade. – 19-20. Sem descuidar o apostolado com infiéis, dar preferência ao trabalho com os fiéis: pregação, catequese. – 21. Manter os de Goa informados do trabalho missionário. – 22. Estudar o ambiente e problemas da cidade com pessoas locais de confiança. – 23. Manter vivos certos costumes de piedade popular. – 24. Trato afável com as pessoas e atenção a candidatos à Companhia de Jesus. – 25. Convocar a gente para a pregação e catequese. – 26. Divulgar o manualzito de orações. – 27-28. Maneira de formar e dirigir espiritualmente os candidatos a jesuítas. – 29. Maneiras de preparar as pessoas contra as tentações. – 30. Como levar à razão ou ao temor os mais recalcitrantes. – 31. Diferença de trato espiritual com os que andam afastados e com os que já estão em bom caminho. – 32-33. Informar-se bem da corrupção que existe nos negócios e no exercício da justiça, para saber como combatê-la. – 34. Duração da missão em Ormuz e correspondência a manter com os de Goa e os do Oriente. – 35. Pregação de experiência da vida e da Escritura e não de teorias. – 36-37. Viver só do salário do Rei e manter desprendimento económico de outra gente para ser livre no apostolado. Ler esta instrução mais vezes.

Lembrança do que haveis de fazer, em Ormuz,
e a ordem que guardareis, o tempo que lá estiverdes

1. Primeiramente, lembrai-vos de vós mesmo, tendo conta com Deus, principalmente e, depois, com vossa consciência. Com estas duas coisas, podereis muito aproveitar aos próximos.

2. Em as coisas baixas e humildes, tereis grande prontidão às fazer, para adquirirdes humildade e para crescerdes nela. De maneira que tereis cuidado de ensinar, vós mesmo, as orações aos filhos dos portugueses e escravos e escravas e cristãos forros[1] da terra. Não confieis doutro este cargo, porquanto edificam-se muito as pessoas que vo-lo vêem fazer, e mais a gente acode a ouvir e aprender a doutrina cristã.

3. Os pobres do hospital, visitá-los-eis e, de quando em quando, os exortareis. Pregareis o que cumpre a suas consciências, movendo-os a que se confessem e comunguem, pois por pecados estão da maneira que estão. Confessá-los-eis quando puderdes. Depois, nas coisas necessárias, os favorecereis, falando aos que têm poder e mando, para os favorecer em coisas temporais.

4. Os presos visitareis e lhes pregareis, exortando-os que se confessem geralmente de toda a sua vida passada, porque entre essas pessoas há muitas, ou [as] mais delas, que nunca se confessaram. A estes tais recomendareis à Misericórdia[2]: que tenha especial cuidado em os favorecer, com sua justiça, e dando-lhes o necessário, aos pobres, que padecem.

5. Servireis, enquanto puderdes, a Misericórdia, e sereis muito amigo dos irmãos dela, ajudando-os em tudo. Os que confessardes, nessa cidade, e virdes que são obrigados a restituições, que não se podem dar aos donos – ou por serem mortos ou não se saber deles ou

[1] Livres, não escravos.

[2] A Confraria da Misericórdia de Ormuz recebia, todos os anos, do Estado, seiscentos *xerafins* (moeda de prata, da Índia), para dar aos pobres.

que não se pode restituir a seus donos verdadeiros – mandareis tudo entregar à Misericórdia. Ainda que se ofereçam pobres em quem parece que a esmola será bem empregada, pelos muitos enganos que há em os pobres, por serem eles pessoas metidas em vícios e pecados. Estes tais são muito conhecidos dos irmãos da Misericórdia. A esmola que a estes haveis de dar, dai-a à Misericórdia e ela a despenderá aos pobres mais necessitados e conhecidos. Isto por muitas causas, porquanto se vos achegarão muitas pessoas, mais requerendo coisas temporais que espirituais, se sentirem em vós que com esmolas os podereis favorecer. Tenham nisto os que vos conhecerem: que não os podeis ajudar, senão no espiritual. E também para evitar suspeitas e escândalos, dos homens, que recebeis esmolas e dinheiro e que dele vos podíeis aproveitar: é que, quando os homens estão tentados, interpretam as coisas, às vezes, à má parte. Para evitar este inconveniente, é bom remeter todas as esmolas à Misericórdia. Mas, se parecer o contrário, fareis segundo sentirdes ser mais serviço de Deus e do próximo.

6. Avisar-vos-eis[3] que, com todas as pessoas que conversardes espiritualmente – assim muito amigos como pouco, ou com outros – assim vos havereis com eles, em todas vossas práticas e conversações e amizades, como se eles, em algum tempo, houvessem de ser vossos inimigos; porque isto vos aproveitará, [a vós], para os edificardes muito em todas vossas coisas e, a eles, para se confundirem quando deixarem de ser vossos amigos.

7. Usai desta prudência, com este mau mundo, e vivei sempre sobre vós, e assim gozareis mais de Deus e vivereis em maior conhecimento vosso. Porque, do descuido que de nós temos, nascem muitas ocasiões por onde os que foram nossos amigos o deixam de ser, e os que são nossos inimigos e os que não nos conhecem se escandalizam.

---

[3] Acautelar-vos-eis, tomareis cuidado.

8. Os exames particulares, duas vezes ao dia ou ao menos uma vez, olhai que os não deixeis de fazer. Sobretudo, vivei tendo mais conta com vossa consciência que com as alheias, porque quem para si não é bom, como o será aos alheios?

9. Vossas pregações serão tão contínuas quanto puderem ser, porque isto é um bem universal, onde se faz muito fruto e serviço a Deus e proveito às almas. E nas pregações, avisai-vos que nunca pregueis coisas duvidosas ou dificuldades de doutores, senão coisas muito claras e doutrina moral, repreendendo os vícios desta maneira, *scilicet*[4]: doendo-vos da ofensa que a Deus se faz; da condenação dos pecadores perpétua; das penas do inferno; da morte muito arrebatada, a qual toma os homens muito desapercebidos; tocando algum ponto ou pontos da Paixão à maneira de colóquios de algum pecador com Deus; ou da ira de Deus contra um pecador; movendo os afectos, quanto puderdes, à contrição, dor e lágrimas dos ouvintes, incitando-os a confissões, a receber o Santo Sacramento. Desta maneira, fareis fruto em vossas pregações.

10. Avisai-vos que, particularmente em pregações, nunca repreendais pessoas ou pessoa que tem mando na terra. Sejam as repreensões particulares, em suas casas ou em confissões, porque estes homens são muito perigosos: em lugar de se emendarem, se fazem piores, quando os repreendem publicamente. E sejam estas repreensões, quando com eles tiverdes amizade: se for muita a amizade, repreendê-los-eis muito e, se pouca for, pouco os repreendereis. De maneira que as repreensões serão com o rosto alegre e palavras mansas e de amor, e não de rigor, de quando em quando abraçando-os, humilhando-vos diante deles. Isto, por que[5] recebam melhor a repreensão; porque, se com rigor os repreenderdes, temo-me que percam a paciência e os cobreis por inimigos. Isto entendo, principalmente, em pessoas poderosas, ou que têm mando ou riquezas.

---

[4] A saber.

[5] Para que.

11. Quando confessardes, principalmente nessas partes, primeiro que confesseis incitai o penitente a que cuide em sua vida passada, por alguns dois ou três dias, trazendo à memória seus pecados, escrevendo-os para mais cuidar neles e, depois, o ouvireis de confissão. Não o absolvais logo, mas antes diferi a absolvição por alguns dois ou três dias, dando a estas tais pessoas algumas meditações dos exercícios da primeira semana[6], para que meditem e chorem suas culpas, com alguma penitência e disciplina para chorarem, fazendo com estes que restituam o que devem, ou façam amizades[7], ou se apartem de pecado de carnalidade, ou de outros em que estão arreigados. Fazei que façam isto, antes que os absolvais, porque eles prometem muito nas confissões, e cumprem pouco. Será bem que façam, primeiro que os absolvais, o que prometem que farão depois que os tiverdes absoltos.

12. Notai isto: que, quando confessardes nessas partes, não entreis com algum rigor aos penitentes, nem medos, até que acabem de dizer seus pecados; mas antes lhes falareis na muita misericórdia de Deus, fazendo leve o que em si é muito grave; e isto até que acabem de confessar e disserem suas culpas.

13. Atentai bem quando confessardes, porque achareis pessoas que, com vergonha de alguns pecados feios e torpes, estão que os não ousam descobrir. Estes tais animai-os com grande maneira, para que digam suas culpas, dizendo-lhes que sabeis outras maiores das que eles têm, fazendo tudo leve. E ainda vos digo que, algumas vezes, com estas tais pessoas, ajuda a confessarem suas culpas – que por vergonha o demónio lhes impede que o não digam ou com medo – dizerdes vós em geral vossa triste vida passada. Isto vos ensinará a experiência.

---

[6] Refere-se à primeira parte dos *Exercícios Espirituais,* de S. Inácio de Loyola. Evidentemente, o confessor só poderia proceder deste modo quando o penitente tivesse um mínimo de tempo e de boa-vontade, para fazer esses três dias de Exercícios Espirituais, findos os quais, recebia a absolvição.

[7] Reconciliem-se, com quem andem desavindos.

14. Achareis algumas pessoas – e oxalá não fossem muitas – que duvidam em os sacramentos, principalmente da comunhão. A causa disto é pelo muito que se não comungaram e pela contratação[8] que têm com os infiéis, e por outras coisas – que deixo de dizer – vendo em nós quão diferentes somos em nossas vidas para, por nós pecadores, conceberem eles qualquer erro acerca da consagração. Com estes, procurareis que vos descubram todas as imaginações e infidelidades e dúvidas que têm – porque o maior remédio, aos princípios, é descobrir as tais dúvidas – e, depois, incitai-os para crerem, firmemente, sem duvidar, que está o corpo verdadeiro de Cristo Nosso Redentor e Senhor em aquele sacramento. Com isto se ajudarão a sair-se de tal error, comungando-se muitas vezes.

15. Quando confessardes, tereis muito tento em perguntar aos homens o modo que têm em ganhar sua vida, em seus tratos[9]. Se neles entenderdes alguma onzena, não confieis em palavras de muitos que dizem «não me acusa a consciência de coisa de restituição»: é que há muitos que não lhes remorde a consciência, porque não têm consciência, ou se a têm, é muito pouca.

Quando confessardes oficiais del-Rei – principalmente capitães, feitor, ou quaisquer outros que tiverem cargos del-Rei, ou feitores que feitorizaram fazendas alheias – perguntai com muita diligência que vos digam como ganhavam sua vida em os tais cargos, e que particularmente vos dêem conta. Porque, pela conta que vos derem, [vereis][10] como se aproveitam do dinheiro ou fazendas alheias, não deixando comprar a outros antes que os capitães comprem ou vendam ou, [sendo] feitores, ajudando-se do dinheiro del-Rei, não cumprindo os mandados das pessoas que têm servido a el-Rei para que ele lhes pague. De maneira que lhes perguntareis, particular-

[8] Convivência.

[9] Negócios.

[10] No texto está: e de.

mente, do modo e maneira que têm em tratar[11] para ganhar sua vida, porque, desta maneira, sabereis deles se são obrigados a restituição ou não, muito melhor que se lhe perguntais: «Tendes alheio?» É que, a esta pergunta, facilmente vos dirão que não, porque está em costume ganharem os homens por maus meios sua vida. E, o que maior mal é, está tanto em costume o mal fazer e por maus modos viver, que já não se estranha. Por aqui vereis quando são obrigados a restituição ou não.

16. Sereis muito obediente, em grande maneira, ao padre vigário. Quando chegardes, lhe beijareis a mão, posto de joelhos no chão e, com sua licença pregareis e confessareis e ensinareis as demais obras espirituais. Por nenhuma coisa quebrareis com ele. Trabalhai muito de ser seu amigo, a fim de lhe dardes os Exercícios[12], ao menos os da primeira semana, quando mais não puderdes. Com todos os outros padres, sereis muito amigo. Por nenhuma coisa quebrareis com nenhum deles, mas antes lhes fareis muita honra, fazendo-vos amar deles, a fim de lhes dar os Exercícios: quando não todos – aos que quiserem fazer os Exercícios por alguns dias, encerrados em suas casas – serão os da primeira semana.

17. Ao capitão obedecereis muito em grande maneira, humilhando-vos muito diante dele. Por nenhuma coisa quebrareis com ele, ainda que vejais que faz coisas muito mal feitas. E quando sentirdes que ele é vosso amigo, com muito amor, doendo-vos de sua alma e honra, com muita humildade e com rosto alegre, lhe direis o que, de fora, se diz dele. Isto, quando virdes que pode aproveitar e quando virdes que há jeito nele.

---

[11] Negociar.

[12] O Retiro de *Exercícios Espirituais* de S. Inácio de Loyola. Completo, dura mais ou menos quatro semanas, separadas por intervalos de descanso, correspondentes às principais etapas da vida espiritual. A primeira semana corresponde à etapa *purgativa* ou da *conversão* do pecado a uma vida em graça de Deus.

18. Muitos vos virão com queixumes dele, para que lhe vades falar. Escusai-vos quanto puderdes: que estais ocupado em coisas espirituais e também que não sabeis quanto aproveitará, dizendo-lhes que quem não tem conta com Deus e com suas consciências, menos a terá convosco.

19. Na conversão dalguns infiéis, quando tiverdes tempo, vos ocupareis. Sobretudo, o bem universal nunca o deixareis pelo particular, como: [de] pregar, por ouvir uma confissão; deixar de ensinar as orações cada dia em seu tempo, por outra coisa particular.

20. Uma hora antes de ensinar as orações, ireis vós ou vosso companheiro[13] pelas ruas, chamando que venham à doutrina cristã.

21. Escrevereis ao colégio[14], muito miudamente, o serviço todo quanto a Deus Nosso Senhor lá fazeis, e o fruto que Deus por vós faz, porque as cartas que escreverdes ao colégio servirão para irem ao reino. Nelas escrevereis coisas de edificação e de moverem os que as virem a servir a Deus. Ao senhor Bispo escrevereis também, e a Cosme Anes, o fruto que lá fazeis.

22. Ao princípio, logo trabalhai de saber, de homens de muita verdade, os tratos dos homens dessa cidade, e entendei-os muito bem, para repreenderdes, assim em público como em confissões, os maus tratos de onzenas que têm.

23. Todas as noites encomendareis as almas do purgatório, com algumas palavras breves que movam os ouvintes à piedade e devoção; e também as almas que estão em pecado mortal, que Deus Nosso Senhor lhes dê graça para virem a bom estado. Cada um destes com um *pater noster* e ave-maria[15].

---

[13] O companheiro de Barzeu era Reimão Pereira (SCHURHAMMER, *Quellen* 4304).

[14] Colégio de S. Paulo ou da Santa Fé (Goa).

[15] Neste ponto, como noutros, S. Francisco Xavier seguia os velhos costumes portugueses. Na segunda metade de quinhentos, em Goa, também saíam, à noite, pelas ruas, quatro irmãos da Confraria da Misericórdia, tocando uma campainha e clamando: «ó fiéis cristãos, servos de Jesus Cristo, lembrai-vos das almas que

24. Conversareis com todos com um rosto alegre, não pejado nem carrancudo, porque se vos virem carregado e triste, muitos, por medo, se deixarão de aproveitar convosco. Portanto, sede afável e benigno e, as repreensões em particular, sejam com amor e graça, sem que sintam em vós que vos aborrecem os que convosco falam e praticam.

Se virdes que alguma pessoa for apta para a nossa Companhia e fizer os Exercícios, ou padre ou leigo, o podereis mandar com uma carta ao colégio; ou, se virdes que vos ajuda, té-1o retido convosco para que vos ajude.

25. Aos domingos e festas, depois de jantar, da uma às duas ou das duas às três, como melhor parecer, pregareis, ou na Misericórdia ou na igreja, os artigos da fé aos escravos e escravas, e cristãos forros, e aos filhos dos portugueses, mandando primeiro por toda a cidade, ou indo vós e vosso companheiro, tangendo uma campainha para que venham todos a ouvir os artigos da fé.

26. Levareis de casa a *Doutrina Cristã*[16] e a *Declaração sobre os artigos da fé*[17], e a *Ordem e regimento que um homem há-de ter, todos os dias, para se encomendar a Deus e salvar sua alma*[18]. Esta *Ordem e regimento* dareis aos que confessardes, em penitência de seus pecados, por certo tempo, que depois lhes ficará em costume: é que é muito bom regimento e acham-se muito bem com ele os penitentes. E assim, o praticareis a muitas pessoas, ainda que convosco não se confessem: pô-lo-eis numa tábua, na igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, por que daí o tomem os que quiserem aproveitar.

27. Se alguns tomardes para a Companhia, que virdes que são para servir a Deus nela, as provações e mortificações – depois de

---

jazem no fogo do purgatório e das que estão em pecado mortal e ajudai-as com um padre-nosso e uma ave-maria, para que o Senhor Deus se lembre de vós e vos perdoe os vossos pecados!» (FERREIRA MARTINS, I 245).

[16] Xavier-doc. 14.

[17] Xavier-doc. 58.

[18] Xavier-doc. 66.

acabados os Exercícios – sejam servir o hospital e visitar os que estão na cadeia e servi-los, ou em alguma coisa da casa da Misericórdia. De maneira que não se façam novidades de que seja escárnio e zombaria; e, quando muito for, será pedir por Deus ou para os pobres do hospital ou presos da cadeia. De maneira que as mortificações serão edificações aos que as virem. E olhai que assim o façais. Quando estas mortificações houverdes de dar, olhai bem, primeiro, o sujeito daquele que as há-de fazer e, segundo a virtude que virdes nele, assim sejam as mortificações. De maneira que a virtude e perfeição que nele sentis exceda a tal mortificação, e não deis mortificações, nem pequenas nem grandes, que sejam maiores que a virtude e perfeição daquele que as há-de fazer. É que, fazendo o contrário, em lugar de os aproveitar, os lançareis a longe e se tentam e perdem depois o ânimo para qualquer outra mortificação.

28. Trabalhai, para ajudar os exercitantes em espírito, que vos descubram suas tentações, porque este é um grande remédio, para os imperfeitos virem à perfeição. Se vos sentem rigoroso em dar as mortificações, não vos descobrirão as tentações e irão crescendo nelas, até tanto que os desinquietem de todo; e então o inimigo facilmente acaba com eles que se desmanchem[19] e vos deixem[20].

29. Ao que virdes tentado – ou de vanglória, ou de sensualidade, ou de outra qualquer coisa – dai-lhe espaço para que cuide razões contra a tal tentação, abrindo-lhe vós o caminho para que, depois, ele vá buscando razões, quantas puder, para ir contra a tal tentação. Depois disto, fazei que aquelas razões, em maneira de exortações ou práticas, diga a algumas pessoas – como a presos e doentes do hospital, ou a outros que estão sãos – porque, em as comunicar, se aproveitará muito e vencerá as tais tentações, comunicando remé-

---

[19] Desviem.

[20] Cf. INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, A. O., Braga 1999: nn.7 e 326.

dios que ele sente de si mesmo, e se animará a fazer o que ele sente em si e aconselha a outros.

Esta regra também aproveitará para os seculares que se confessam e têm impedimentos, por onde os não podeis absolver: que cuidem eles, se a outros houvessem de aconselhar remédio para o tal mal espiritual, que modos e maneiras teriam para [os] persuadir a fazer o contrário, e que aquelas tomem para si. Porém, esta é uma doutrina e arte comunicada às almas, por virtude de aquele que as criou, para louvarem o Criador e salvarem-se nesta vida presente.

30. Quando confessardes algumas pessoas que estão muito embaraçadas em restituições, ou sensualidades carnais, ou ódios – e que não querem vir ao que é razão que venham, tomando meios para saírem de pecados, por estarem já tão acostumados a eles – o remédio para estes, se a razão tivesse valia ou força, seria o amor e reverência que deviam de ter a Deus, para sair de tais pecados; ou, quando disto carecem, [o] temor da morte, do inferno. Mas os mais carecem deste temor, assim como carecem do amor. Com estes tais, haver-vos-eis desta maneira: representando-lhes os castigos de Deus, nesta vida presente como, encurtando-lhes os dias de vida, doenças grandes, desonras desta vida presente, perdidas de fazenda, perseguições de capitães, perigos do mar, e outras coisas desta vida presente, que Deus permite, todas por seus pecados.

Por temor destes castigos, há muitos que fazem penitência, e por temor disto mais que por temor de Deus e das penas do inferno. A estas misérias vêm os pecadores, pelo muito esquecimento que de Deus e de suas consciências têm, e pouca fé, julgando o que vêem e duvidando o que na outra vida hão-de ver.

31. Quando houverdes de negociar[21] coisas espirituais, com alguma pessoa particular, e praticar nas coisas de Deus e salvação da alma, tende esta prudência, em o falar: que vejais se a tal pessoa

---

[21] Tratar.

está tentada, ou distraída, ou com propósitos contrários à salvação de sua alma ou, se a virdes que está fora das tais tentações, [está] em disposição para receber repreensão ou doutrina. Se a virdes que está agastada, turbada, tentada, irada, falai-lhe docemente e não asperamente e, de longe, trazei-o a que seja capaz do que lhe cumpre, para salvação de sua alma. Mas se virdes que está fora de paixões, em disposição de receber repreensões, começareis, ao princípio, por poucas; e se aquelas recebe bem, por outras maiores; e assim lhe falareis deveras, quando virdes que há disposição para que a verdade e razão se imprimam nele. Donde, como disse, trazei-o de longe ao que lhe cumpre para sua consciência. Quero dizer: se está agastado[22], que naquele agastamento que tem, desfareis[23] as coisas que tem e vos dá por que está agastado, atribuindo aquilo à ignorância do que o fez e não à malícia, como a ele julga quando está irado; ou, que aquilo é por seus pecados, e que em algum tempo fez aquilo a seu pai ou mãe ou a outro, com que tinha muita razão e, em castigo do que ele fez, permite Deus que outrem lho pague na mesma moeda; e assim outras palavras brandas desta qualidade, para o tirar daquela ira. E o que digo deste agastamento, digo de qualquer outra paixão, desfazendo sempre que não tem razão nem causa para, tanto a peito, tomar as coisas; e assim, desta maneira falareis aos agastados e apaixonados e tentados; e isto com um rosto alegre, até os trazerdes fora da paixão em que estão e, depois, doutra maneira conversareis com eles, com alguma dureza de repreensões, segundo virdes que vão obedecendo à razão.

32. Onde estiverdes, procurai muito de saberdes todos os tratos, modos e maneiras que os homens têm de viver e de se negociarem, assim na terra, como mandando fora[24]. Isto entendê-lo-eis muito

---

[22] Zangado.

[23] Isto é: refutareis as razões que vos dá, da sua zanga, dizendo que quem tal fez não o fez por mal, etc..

[24] Isto é, exportando.

bem, por pessoas que sabem aqueles tratos: estas pessoas vos hão-de ensinar como haveis de fazer fruto na terra onde estais, pois vos dão verdadeira informação dos males que nela passam. E assim, daqui até Ormuz[25], vos podeis informar, muito miudamente, dos tratos e onzenas que lá passam e, no caminho, cuidar o modo como os haveis de persuadir para que eles conheçam os erros em que vivem e as restituições que hão-de fazer, o modo que haveis de ter para pregar, e o modo que tereis na confissão com eles [acerca] dos remédios que lhes haveis de dar. Lembre-vos que os não achareis melhores que fazê-los confessar geralmente de seus pecados, fazendo algumas meditações da primeira semana[26], para que achem contrição, dor, lágrimas e pesar de ver sua perdição.

33. Também vos informai das muitas demandas, burlas que por via de justiça se fazem, e por falsas testemunhas, peitas, amizades, ou outras coisas, donde se sonega e encobre a verdade. De maneira que, em suma dizendo-vos, em nenhuma coisa aproveitareis tanto nas almas, aos homens dessa cidade, como sabendo-lhes suas vidas muito miudamente. Este é o principal estudo que ajuda a aproveitar às almas. Isto é ler por livros, que ensinam coisas que em livros mortos escritos não achareis, nem vos ajudarão tanto para frutificar nas almas quanto vos ajuda saber bem estas coisas por homens vivos que andam no mesmo trato, pois sempre me achei bem com esta regra.

34. Os domingos, ou festas, ou dias de semana, tomareis para vos ocupar em fazer amizades[27], atalhar demandas, concertando-os – pois gastam em demandas mais do que vale o sobre que se faz a demanda – ainda que os procuradores e escrivães lhes pese com isto. Procurai de dar Exercícios a estes procuradores e escrivães, porque estes são os que levantam todas as demandas.

---

[25] Quando o Padre Barzeu recebeu esta instrução de S. Francisco Xavier, ainda não tinha partido.

[26] Primeira etapa dos *Exercícios Espirituais* de S. Inácio de Loyola.

[27] Reconciliações de pessoas desavindas.

Estareis em Ormuz até que de mim tenhais resposta do que haveis de fazer. Escrever-me-eis, pela via de Ormuz a Malaca, a Francisco Pérez, muito miudamente, todo o fruto que lá fazeis, porque Francisco Pérez me mandará, de Malaca a Japão, vossas cartas, se Deus tiver por bem e seu serviço ir eu a Japão. Se de mim não tiverdes resposta, por espaço de três anos, este tempo de três anos estareis aí, porque assim é minha vontade, ainda que da Índia vos escrevam. Mas se, passados estes três anos, não tiverdes resposta minha, então ficareis em Ormuz até que, por o reitor do colégio de Santa Fé, vos seja mandado o contrário. E assim, escrevereis ao que nesta casa estiver por reitor, muito miudamente, o fruto que lá fazeis e também como vos disse que aguardásseis por recado meu três anos, ainda que o contrário vos mandasse o reitor desta casa. Passados os três anos, escrevendo-lhe vós o fruto que lá fazeis, e a míngua que fazeis lá se lá não estais, então o que vos mandar fareis. Por todas as naus que forem de Ormuz a Malaca, me escrevereis, e as cartas irão dirigidas a Francisco Pérez.

Na nau, fareis ensinar as orações e tereis muito cuidado de vosso matalote[28], para o fazer confessar: olhai muito por ele, que se não distraia na nau. E vós pregareis aos domingos e outros dias que vos bem parecer. Nisto me remeto a vós, segundo a disposição que virdes.

35. O menos que puderdes, em vossas pregações, falareis por autoridades. Falai das coisas interiores que pelos pecadores passam vivendo mal, e do fim que hão-de fazer, e dos enganos dos inimigos: coisas que o povo entende, e não coisas que não entendam. Se quereis fazer muito fruto, assim a vós como aos próximos, e viver consolado, conversai aos pecadores, fazendo que se descubram a vós. Estes são os vivos livros por que haveis de estudar, assim para pregar como para vossa consolação. Não digo que, alguma vez, não leais

---

[28] Reimão Pereira.

por livros escritos. Mas seja buscando autoridades para autorizar, pela Escritura, os remédios contra os vícios e pecados que ledes por livros vivos: autorizando, o que dizeis contra os vícios, com as autoridades da Sagrada Escritura e exemplo dos santos.

36. Pois que el-Rei vos manda dar todo o necessário[29], tomareis dele antes que doutrem alguém[30], porque grande coisa é não tomar de nenhuma pessoa o necessário: é que, quem toma, tomado está. Quero dizer que, quem toma de outro, as palavras não têm tanta eficácia acerca daquele, como tiveram se lhe não fora em obrigação; e assim, nos pejamos depois, quando os havemos de repreender, e não temos língua para falar contra ele.

37. Achareis muitas pessoas, que vivem em pecados, as quais procurarão muito de ter vossa amizade a fim que não digais mal delas, e não por se aproveitarem e quererem sair de pecados por vosso meio. Isto vos digo, para que estejais avisado. Quando vos convidarem ou mandarem alguma coisa, seja com tal condição que lhe haveis de exortar o que cumpre à salvação da alma. Se [alguém] vos convidar a comer, ide lá e, em pago, convidai-o a confessar-vos e, se não se quiser ajudar nas coisas espirituais, dai-o a entender. Quando digo que não tomeis nada, não entendo que não tomeis coisas poucas, como água[31], fruta e coisas desta qualidade, que, se as não recebeis, se escandalizam. Coisas grossas não tomeis. Se vos mandarem muitas coisas de comer, mandá-las-eis ou ao hospital ou aos presos ou a outras pessoas necessitadas. Saiba o mundo que estas coisas pequenas que tomais, as dais; porque desta maneira se edificarão mais

---

[29] Lemos em Simão Botelho: «Ao Padre Mestre Gaspar, da Companhia de Jesus, para ele e para um companheiro seu, cento e vinte *xerafins* por ano para sua despesa, que valem trinta e seis mil réis. E havendo mister mais para sua despesa, lha darão o que pedir» (*Tombo* 98).

[30] De qualquer outra pessoa.

[31] A água era muito importante em Ormuz, pois a que havia na ilha era insalubre e toda a potável vinha de fora.

que não nas tomando: é que tomam por afronta, quando são coisas pequenas, não tomar o que vos dão, porque os portugueses da Índia escandalizam-se não lhes tomando nada.

Quanto a vós pousardes, vede onde será mais conveniente: ou no hospital, ou na Misericórdia, ou em uma casinha perto da igreja.

Sendo caso que vos chame de Japão, em tal caso escrevereis ao reitor desta casa que proveja, de alguma pessoa suficiente, para consolar os moradores daquela cidade e fazer o que vós fazeis. E isto, por duas ou três vias, pelos navios que de lá vierem.

Em fim de tudo, vos encomendo, sobretudo, vós mesmo a vós mesmo: que vos lembre que sois membro da Companhia de Jesus. Para fazer o que de outras coisas, que lá se oferecerem muito de serviço de Deus, quando da terra tiverdes experiência, ela vos ensinará, pois é mãe de todas as coisas. Em vossas santas orações me encomendai sempre e nas de vossos devotos.

Em fim de tudo e por derradeiro, vos encomendo que todas as semanas leais esta lembrança, para que vos não esqueça o que tanto vos encomendo.

FRANCISCO

81
INSTRUÇÃO PARA O PADRE PAULO

Goa, entre 7 e 15 de Abril 1549
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Exorta-o a bom entendimento com todos e nomeia-o superior da Comunidade. – 2. António Gomes ficará a Director e administrador do colégio. – 3. Harmonia entre os dois. – 4-5. Provedor de todos os missionários. – 6-7. Modo de lhe fazer chegar ao Japão informações regulares. – 8-9. Não remova nenhum missionário dos lugares onde estão.

Lembrança do que haveis de fazer na minha ausência

1. Primeiramente, sobre todas as coisas vos encomendo, por amor de Deus Nosso Senhor, e pelo amor que tendes ao Padre Inácio e a todos os da Companhia de Jesus, que vós, com muita humildade e prudência e siso, vivais em amor e caridade com António Gomes e com todos os Padres que vierem de Portugal e com todos os que estão na Índia, espalhados por todas as partes. De todos os da Companhia de Jesus tanta confiança tenho, pelo que deles tenho conhecido, que não têm necessidade de superior; mas, para mais merecer, e para viver com ordem, é bem que haja alguém por superior, a quem tenham obediência; e assim, confiando eu muito em vossa humildade, prudência e saber, tenho por bem que fiqueis por maior de todos eles, a quem todos os de fora terão obediência, até que o contrário disto vos seja manifestado.

2. António Gomes terá cargo de todos os colegiais da terra e dos portugueses, e de arrecadar as rendas de casa, e de as despender e fazer os gastos de casa. Nisto não tereis que entender com ele: assim

em despedir portugueses como colegiais da terra, em tudo deixo que faça o que melhor lhe parecer. De maneira que vós, em nenhuma coisa destas entendereis com ele, nem lhe mandareis nenhuma coisa por obediência, senão como por amor e conselho. E assim [procedereis) nas mortificações e ordenações que der aos portugueses e aos da terra, desde que das portas adentro vivam, dando cargos e ofícios como bem lhe parecer, sem lhe irdes à mão em nenhuma coisa.

3. E outra vez vos torno a rogar: pela obediência que tendes dada ao Padre Inácio, por aquela, vos obrigo quanto posso, que não haja entre vós nem António Gomes discórdias nem desavenças, senão muito amor e caridade, sem dar ocasião de murmurar aos de dentro nem aos de fora.

4. Quando escreverem os Irmãos, que andam pelo Cabo de Comorim, dalgumas coisas que têm necessidade de favor com o senhor Governador ou com o Bispo para os cristãos – assim como o Padre Nicolau[1] que está em Coulão, como o Padre Cipriano que está em São Tomé[2] e o Padre Belchior Gonçalves que está em Baçaim, e o Padre Francisco Pérez que está em Malaca, e o Padre João da Beira com os outros Padres que estão em Maluco, com todos os outros companheiros – todas as coisas que os Irmãos que estão fora escreverem para essa casa, coisas de que têm necessidade assim temporais como espirituais – as temporais ordenadas para o espiritual – de todas estas coisas que mandarem pedir os Irmãos da Companhia que estão fora, tereis muito cuidado de as despachar, dando cargo disto a António Gomes para que o despache com muita diligência. E, quando escreverdes aos Irmãos, que andam fora levando muitos trabalhos, escrever-lhe-eis coisas de muito amor e caridade.

5. Guardai-vos de escrever coisas de desamor ou coisas de que se possam tentar. Provê-los-eis das coisas necessárias que mandarem

---

[1] Nicolau Lancillotto.

[2] Como a missão de Socotorá não se pôde realizar, em Março de 1549 Xavier destinou Cipriano e Gaspar Rodrigues a S. Tomé (*Doc. Indica* I 520).

pedir, pois tantos trabalhos levam em servir a Deus, principalmente os que estão em Maluco e no Cabo de Comorim: é que estes são os que levam a cruz deveras. Portanto, ajudai-os no espiritual, e no temporal ordenado para o espiritual. E assim vos encomendo muito, e da parte de Deus e do Padre Inácio vos mando, que tenhais muito cuidado de ajudar os que estão fora.

6. Rogo-vos muito, Irmão, que cresçais sempre em virtude, dando bom exemplo, como sempre fizestes. Escrevereis muito particularmente novas vossas e de toda essa casa, e da caridade e amor entre vós e António Gomes. Também de Nicolau e António[3], e de todos os que estão no Cabo de Comorim, de Cipriano que está em São Tomé, assim como dos Irmãos que vierem este ano do Reino – se são pregadores, ou Padres de Missa, ou leigos – de todos me fareis saber particularmente novas: quantos pregadores, quantos Padres, e quantos leigos. Na nau que for em Setembro para Malaca, a qual vai para Banda, me escrevereis todas as novas muito cumpridamente. Ao Padre Francisco Pérez mandareis as cartas, porque ele mas mandará de Malaca para o Japão. Todas as vezes que de Goa partirem naus para Malaca, me escrevereis novas muitas: de todos os Irmãos da Companhia e desse colégio. Partem duas vezes no ano navios de Goa para Malaca: uma vez em Abril e outra em Setembro. São naus do Rei: a que parte em Abril, parte para Maluco e toma Malaca; e a que parte em Setembro, vai para Banda e toma Malaca. Por estas duas vias me escrevereis todos os anos para Malaca. As cartas irão para Francisco Pérez, e ele mas mandará para o Japão.

Rogo-vos muito que esta minha lembrança [a] leiais cada semana uma vez, para que tenhais sempre lembrança de mim e de me encomendar a Deus, assim vós como todos os vossos devotos e devotas, e aos de casa fareis que me encomendem a Deus.

---

[3] Criminali.

7. A António Gomes tenho dito que, se vierem pregadores, mande alguns deles fora: como a Cochim, pois há [lá] tanta necessidade de pregadores, assim como nas partes de Cambaia, como Diu. E se este ano vierem alguns pregadores, tereis cuidado de lhe fazer esta lembrança para que mandeis, ambos os dois, as pessoas que forem para isso.

Dareis cargo, a Domingos[4] ou a algum outro português de casa, que tenha cargo de me escrever novas de toda a casa e dos Irmãos que estão espalhados por toda a Índia e do Padre Mestre Gaspar que está em Ormuz[5] e de todo o fruto que nestas partes se faz. Vós assinareis a carta e, se alguma coisa secreta me quereis escrever, escrever-ma-eis de vossa letra.

8. Porquanto careceis de experiência do que fora dessa cidade se faz – como no Cabo de Comorim, São Tomé, Coulão, Maluco, Malaca e Ormuz – não escrevereis a nenhumas pessoas, das que lá andam, que venham, porque não sabeis o fruto que lá fazem e a míngua que lá fariam se viessem. Portanto lhes escrevo aos que têm cargo no Cabo de Comorim, como é o Padre António, que a nenhuma pessoa de lá deixe vir, ainda que seja chamada, salvo se ao dito Padre António lhe parecer que lá não é necessário nem faz míngua; mas antes, a ele e a todos os outros, lhes escrevo que nenhuma pessoa, das que lá têm, mandem, se delas lá têm necessidade para maior serviço de Deus e acrescentamento da nossa santa fé.

9. Portanto, não mandeis chamar a ninguém por obediência para que a esse colégio venha. Mas, se alguns eles mandarem a esse colégio

---

[4] Domingos Carvalho, S.I., era mestre de gramática no colégio de S. Paulo de Goa. Em 1549 foi chamado por Xavier para o Japão; mas, tendo sido ordenado sacerdote em Outubro daquele mesmo ano, não pôde responder à chamada por ter adoecido gravemente de tísica, acabando por morrer ano e meio depois, em Abril de 1552, no colégio de S. Paulo (*Doc. Indica* I-II Índices; Xavier-doc. 91,11).

[5] Gaspar Barzeu chegou finalmente a Ormuz em Junho de 1549 (*Doc. Indica* I 655).

para que sejam favorecidos e ajudados em espírito, ajudá-los-eis para que não se percam, se virdes que têm emenda e correcção alguma.

(*Por mão de Xavier*): Rogo-vos muito, *micer* Paulo, Irmão, que trabalheis de guardar esta lembrança.

Todo vosso,
FRANCISCO

JAPÃO

ILHA DE KYÛSHÛ
- - - - Itinerários de Xavier (1549-1551)
Fukawa
Ôta
Akiyoshi
Yamaguchi
Miyajima
Iwanaga
Ozuki
Ogôri
Mitajiri
Tokuyama
Iwakuni
Shimonoseki
Kokura
Kurosaki
Akama
Aoyagi
Nakatsu
Hakata
CHIKUZEN
BUZEN
Usa
Hiji
Karatsu
Hirado
HIZEN
Imari
CHIKUGO
Funai (Ôita)
Saganoseki
Usuki
Tsukumi
BUNGO
Kuroshima
Gotô
Odate
Hirashima
Matsushima
HIGO
Nobeoka
Hososhima
Shiki
Kabashima
Amakusa
Mimitsugawa
HYÛGA
SATSUMA
Akune
ÔSUMI
Sendai-Kyôdomari
Ichiku
Kagoshima
Ijûin
Chino-no-Minato
Tanôura
Kôneshima
Akime
Ariake Wan
Tomari
Bônotsu
Yamagawa
Kaimondake
Tanegashima
0 10 20 30 40 50 60 70 80 km

INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS 82-100

Arrumadas todas as coisas das Missões da Índia , empreendeu Xavier, no dia 15 de Abril de 1549, a viagem para o Japão, levando consigo o P. Cosme de Torres e o Irmão Juan Fernández, além dos três japoneses convertidos, entretanto instruídos no colégio de S. Paulo, baptizados e a saber falar bem português.

Ao chegar a MALACA, mandou mais três missionários para as Molucas (Castro, Morais júnior e F. Gonçalves), aos quais entregou uma carta para João da Beira e companheiros que já lá trabalhavam *(Xavier-doc. 82).* Enquanto esperava navio que o levasse ao Japão, escreveu ainda uma série de cartas para a Europa e para Goa, com notícias, pedidos e recomendações: duas a D. João III, a dar conta desta expedição missionária e elogiando os serviços do capitão de Malaca, D. Pedro da Silva, e do feitor da fazenda, Eduardo Barreto *(Xavier-doc. 83-87);* outra aos companheiros da Europa, cheia de esperanças nesta expedição *(Xavier-doc. 85)*; outra a Simão Rodrigues a pedir melhor superior para os jesuítas de Goa *(Xavier-doc. 86)*; duas para *Micer* Paulo e António Gomes (Goa), a mais longa, a determinar-lhes melhor as respectivas responsabilidades e, a mais breve, a tratar do casamento dum amigo *(Xavier-doc. 84 e 88)*; finalmente uma *Instrução* para o noviço João Bravo, por ele admitido na Companhia de Jesus em Malaca *(Xavier-doc. 89).*

A 24 de Junho de 1549 seguiu viagem com os companheiros num *junco* chinês e chegou a KAGOSHIMA (Japão) a 15 de Agosto do mesmo ano. Pelo navio que em Novembro regressava a Malaca, escreveu aos companheiros de Goa uma longa carta a contar as primeiras impressões e actividades no Japão *(Xavier-doc. 90)*; um breve *mandato* a chamar para o Japão G. Barzeu, B. Gago e D. Carvalho *(Xavier-doc. 91)*; duas cartas, uma a *Micer* Paulo e outra a António Gomes, com vários encargos a tratar em Goa e a recomendar dois bonzos japoneses que iam conhecer a Índia *(Xavier-doc. 92-93)*; finalmente outra ao capitão de Malaca, D. Pedro da Silva, a agradecer as ajudas que lhe deu e a propor estáveis relações comerciais com o Japão (*Xavier-doc. 94).*

Passados mais de dois anos no Japão, fundando núcleos cristãos em Kagoshima, Hirado, Yamaguchi e sobretudo Bungo, onde ganhou para a Igreja as simpatias do poderoso Duque da região, já que em Miyako ficara desiludido da influência do Imperador, Xavier partiu de regresso à Índia em meados de Novembro de 1551. Fazendo escala em Sanchão (China), os mercadores, ali em negócios, deram-lhe a ler uma carta clandestina dos prisioneiros portugueses, que sugeriam o envio duma embaixada ao Imperador da China que conseguisse melhores relações com Portugal e os libertasse. Foi uma luz no novo sonho de Xavier. Prosseguindo

viagem, enviou de Singapura um recado a Malaca para que lhe conseguissem embarque nas primeiras naus da Índia *(Xavier-doc. 95).*

Chegado a MALACA, entregam-lhe todo o correio destes dois anos de ausência, que foi lendo enquanto esperava e durante a viagem para Goa. Entre as cartas, vinha uma de Inácio, em que instituía a Província da Índia Oriental e o nomeava *Superior Provincial* de todas as Missões dos jesuítas desde o Cabo da Boa Esperança até à China e Japão excepto a Abissínia.

Foi já nesta condição de Superior Provincial, desligado da jurisdição do de Portugal, que chegando a COCHIM a 24 de Janeiro de 1552, começou a agir. Aproveitando as naus que estavam de partida, escreveu dali 4 cartas: a primeira, para os companheiros da Europa, a contar a entusiasmante experiência do Japão *(Xavier-doc. 96)*; a segunda, para o seu dilectíssimo P. Inácio, a expor-lhe as qualidades e virtudes necessárias aos missionários que enviasse ao Japão e a dar-lhe conta do novo projecto da China *(Xavier-doc. 97)*; a terceira, a Simão Rodrigues, retomando o que diz a Inácio *(Xavier-doc. 98);* e a quarta, a D. João III, recomendando-lhe grandes servidores do reino *(Xavier-doc. 99)*. E começando a pôr ordem nos problemas da Província, à medida que se ia informando, antes de prosseguir viagem de Cochim escreveu a *Micer* Paulo para que despedisse Morais júnior e F. Gonçalves por desobediência ao superior da Missão onde se encontravam *(Xavier-doc. 100).*

82
INSTRUÇÃO PARA O PADRE JOÃO DA BEIRA COM SEUS COMPANHEIROS (MOLUCAS)

Malaca, 20 de Junho 1549
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Os que envia às Molucas darão notícias. – 2. Ele, mais dois jesuítas e três japoneses, vão para o Japão. – 3-4. Para as Molucas, um vai para ficar em Ternate, os outros para se juntarem a João da Beira. – 5. Cartas a escrever para Portugal, Roma e Índia. – 6. Cartas para Goa e para o Japão, mandem-nas através dos de Malaca. – 7. Despedir da Companhia de Jesus quem se porte mal ou quem não obedeça. – 8. Se acontecer a morte de João da Beira, ficará a Superior da Missão o Padre Afonso.

IHS.

A graça e amor de Cristo e favor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Os Padres que aí vão vos darão novas de todos os Irmãos que estão na Índia, e dos que estão em Portugal, e do fruto que fazem, assim os Irmãos da Índia como os de Portugal. Por isso não me alargo em vos escrever nesta parte.

2. De mim, vos faço saber que vou ao Japão[1], por ter informação da muita disposição, que naquelas partes há, para acrescentar a nossa

[1] A 17 de Abril, partiu Xavier de Goa para Cochim com os jesuítas espanhóis Cosme de Torres e Juan Fernandez, com três japoneses e com Manuel China e Amador (SCHURHAMMER, *Quellen* 4270). E a 25 de Abril seguiu viagem de Cochim para Malaca, na nau real das Molucas, com os mesmos companheiros e mais três jesuítas destinados à Missão das Molucas: Afonso de Castro, Manuel de Morais e Francisco Gonçalves. Chegaram a Malaca a 31 de Maio (*Ib*. 4233; *Doc. Indica* I 519, 553-555; Xavier-doc. 84,1.11).

santa fé. Vamos três portugueses[2] e três japães, muito bons homens e bons cristãos: todos três se fizeram cristãos em Goa. Aprenderam a ler e escrever no colégio da Santa Fé. Fizeram todos três os Exercícios Espirituais: cada um deles esteve um mês nos Exercícios[3], e cada um deles se aproveitou muito. [Anjirô] vai com grandes desejos, para fazer cristãos os da sua terra. Os japães mandam uma embaixada ao Rei de Portugal, em que lhe mandam pedir Padres para ensinarem a fé dos cristãos. Todos vamos muito confiados em Deus Nosso Senhor que se há-de fazer muito fruto. Eu, pela experiência que tiver dessas partes, se vir que mais fruto se faz no Japão, hei-de-vos escrever para que venhais para onde eu estou. Portanto, estai prestes para todo o tempo que vos mandar chamar.

3. O Padre Afonso[4] vai, para estar na fortaleza de Maluco: para pregar, assim aos portugueses como aos escravos e escravas dos portugueses e aos cristãos forros da terra, e ensinar a doutrina cada dia, como eu lá fazia quando lá estava; e [para] pregar, um dia na semana, às mulheres dos portugueses sobre os artigos da fé e mandamentos da lei e [sobre] uma ordem como se hão-de confessar e dispor a tomar o Santo Sacramento.

Parece-me que será bem que esteja Afonso em Ternate um ano, e o mais tempo que a vós vos parecer: é que, estando em Ternate, poderá despachar todas as coisas de que tiverdes necessidade para favorecerdes os cristãos – assim com o rei[5], como com o capitão e

---

[2] Eram todos três espanhóis: Xavier, Cosme de Torres e Juan Fernandez.

[3] Frois, que residia então em Goa, diz que Paulo Anjirô fez Exercícios Espirituais por mais de vinte dias e que depois, ele mesmo, os deu a João (*Die Geschichte Japans* 3).

[4] Afonso de Castro, S.I., nascido em Lisboa de cristãos novos (judeus convertidos), conheceu Xavier em 1540 e em 1547 embarcou para a Índia para se encontrar com ele. Admitido na Companhia de Jesus em Goa pelo missionário e ordenado sacerdote em 1549, foi zeloso missionário em Ternate, Moro e Amboino de 1549 a 1558. Morreu mártir na ilha Hiri, perto da ilha de Ternate (*Doc. Indica* I-II Índices; BARTOLI, *L'Ásia* 6,12-16).

[5] Hairun.

feitor – mandando-vos o necessário, assim para as vossas necessidades corporais, como para o favor dos cristãos.

4. Manuel de Morais[6] e Francisco Gonçalves[7] vão, para irem para onde vós estais, debaixo da vossa obediência. Assim eles como Afonso são pessoas com quem haveis de ser muito consolado e vos hão-de ajudar muito.

Escrever-nos-eis, muito particularmente, o fruto que aí fazeis, e se o filho do rei se fez cristão[8], e se os cristãos de Moro se tornaram a vós[9], e de como estão aquelas ilhas, e que disposição há nelas para se converterem à nossa santa fé. Também se nalgumas partes – como em Macassar[10], ou em Totole[11], ou nos Celebes[12], ou por aquelas

---

[6] Manuel de Moraes júnior, S.I. (cf. Xavier-doc. 68), destinado primeiro a Socotorá, foi ordenado sacerdote em princípios de 1549 e enviado para a Missão de Moro (Molucas). Embarcou em 18 de Março desse ano para Cochim, com os outros dois companheiros, para dali continuarem viagem com Xavier até Malaca e de lá seguirem para as Molucas (*Doc. Indica* I-II Índices).

[7] Francisco Gonçalves (Casco), S.I., em 1546 entrou na Companhia de Jesus em Coimbra e dois anos depois partiu para a Índia. Xavier enviou-o para a Missão de Moro, mas de lá veio depois com Manuel de Moraes para Amboino a pretexto de visitar os cristãos que tinham ficado sem Padre com a morte do P. Ribeiro. Dali continuaram os dois viagem, sem licença dos superiores, primeiro para Malaca e depois para a Índia, onde Xavier os veio a despedir da Companhia de Jesus em 1552 (*Doc. Indica* I-II Índices; *Epp. Mixtae* I 527).

[8] Cf. Xavier- Doc. 59,11.

[9] Talvez se refira aos cristãos de Sugala, que em 1535 se tinham convertido às ordens do régulo Luís Correa e depois abandonaram a fé (CASTANHEDA 8,115; REBELLO, *Informação* 224). A povoação está três ou quatro léguas ao norte de Tolo, junto ao actual Cabo de Gogilopu.

[10] Sudoeste da ilha Celebes.

[11] Totole, hoje chama-se Tontoli (Toli Toli), ao noroeste da ilha Celebes e a oeste da aldeia Bohol. Esta povoação visitou-a a primeira vez o P. Diogo de Magalhães; em 1605 foi conquistada pelos muçulmanos de Macassar que lhe impuseram o islamismo à força. Em 1606 o chefe da povoação, Miguel Polibuta, ainda era cristão (SOUZA, *Oriente conquistado* 3,2,3,34; C: WESSELS, *De Cath. Missie in de Molukken Noord-Celebes en de Sangihe-Eilanden*, Tilburg, 1935: 18, 23, 32).

[12] Segundo Rebelo, «o arquipélago dos Celebes começa na grande Ilha chamada dos Celebes, em que há muitos reis… e acaba em Cebu e Matão junto de

partes – a disposição que há para acrescentar a nossa santa fé, e o rei[13] que favor e ajuda dá. Escrever-me-eis para Malaca tudo, miudamente, para que saiba o que de vós outros hei-de fazer, se aí não fazeis fruto; mas, se aí se fizer fruto, escrever-me-eis se será bem mandar mais Irmãos para Maluco.

5. Ao Padre Inácio e ao Padre Mestre Simão, escrevereis uma carta muito comprida, dando-lhe conta, muito miudamente, do fruto que aí fazeis todos os que aí estais. Mas seja de coisas de edificação; as coisas que não são de edificação, guardai-vos que as não escrevais.

A carta que escreverdes ao Padre Mestre Inácio e ao Padre Mestre Simão, fazei [de] conta que muitos a hão-de ler. Por isso, seja de maneira escrita que ninguém se desedifique. E assim a mandareis fechada e selada ao Padre Francisco Pérez para Malaca, mas o sobrescrito será: para o Padre Inácio e para o Padre Mestre Simão.

Outra carta escrevereis a todos os Irmãos da Índia, em que lhes fareis saber o fruto que aí se faz, para que dêem todos graças a Deus Nosso Senhor.

6. Das coisas que tiverdes necessidade – assim de favor do Senhor Governador, como de coisas necessárias para o corpo – escrevereis ao Padre António Gomes uma carta, particularmente a ele, porque ele vos proverá de tudo o necessário pela nau que for a Maluco. Todas as cartas mandareis dirigidas ao Padre Francisco Pérez, porque ele as mandará daqui para Portugal e para a Índia, por um regulamento que lhe dei. E a mim, me escrevereis longamente para o Japão: se não tiverdes tempo para o fazer, a carta que escrevereis aos Irmãos da Índia, em que lhes dais conta de todo o fruto que aí fazeis, mandareis aberta ao Padre Francisco Pérez, para que ele a treslade[14] e me mande o treslado dela para o Japão.

Mindanao» (REBELLO, *Informação* 188). Celebes chamava-se, naquela época, principalmente a parte sudoeste da ilha com as ilhas que estavam em frente (COUTO*, Da Ásia* 5,7,2; cf. YULE, *Hobson-Jobson* 180).

[13] Hairun.

[14] Copie.

7. De todos os Irmãos me escrevereis novas muito particularmente. Se algum deles fizer o que não deve, pela provisão do Senhor Bispo, que vos mandei no ano passado, o despedireis da Companhia e obrigareis em virtude de obediência, sob pena de excomunhão, que compareça diante do Senhor Bispo. Isto se entenderá, fazendo ele coisa por onde mereça ser despedido da Companhia. E se alguém for desobediente, que for contra a obediência e não vos quiser obedecer, a esse tal despedireis da Companhia; e assim lhes manifestareis minha vontade a todos; porque se o contrário fizerem, tenham para si que não hão-de ser da nossa Companhia. Deus Nosso Senhor nos ajunte em sua santa glória, pois nesta vida andamos tão espalhados que não vejo caminho por onde nos vejamos.

De Malaca, hoje, 20 de Junho de 1549.

8. Se vós não puderdes escrever para o Padre Mestre Inácio e Mestre Simão, da maneira que tenho dito, assim como para os Irmãos da Companhia, mandai uma minuta, a Afonso, do fruto que aí[15] fazeis e dos trabalhos que levais e da disposição da terra, porque Afonso escreverá as cartas estando em Ternate: mesmo das coisas necessárias – assim de vestir, como de calçado, como de favor do Governador – porque Afonso escreverá todas essas cartas, pois escreve boa letra e sabe o estilo da maneira como se hão-de fazer. Todos os outros Irmãos receberão esta por sua. Deles me escrevereis muito particularmente novas: de como estão, do fruto que fazem e de como se têm aproveitado.

Cá, na Índia, disseram-nos que vos tinham matado no Moro[16]: não o tivemos por nova certa. Prazerá a Deus que vivereis muitos

---

[15] Nas ilhas de Moro.

[16] João da Beira tinha ido em 1547 para Ternate e, pouco depois, para as ilhas de Moro; mas, antes de terminar o ano teve de voltar doente para Ternate (SCHURHAMMER, *Quellen* 4175). Passada a Páscoa de 1548, em princípios de Abril, regressou novamente com Nicolau Nunes às ilhas de Moro, onde o rei

anos, para seu santo serviço. Se Deus de vós fez em alguma coisa, mando que todos obedeçam ao Padre Afonso, assim os que aí estão, como os que com ele vão: o Padre Ribeiro[17] e Nicolau[18], se João da Beira for morto, obedecerão ao Padre Afonso; e a mesma obediência prestarão, ao Padre Afonso, Manuel de Morais e Francisco Gonçalves. Assim lhes mando, em virtude de obediência – sendo João da Beira morto – que obedeçam a Afonso de Castro. Mas, sendo João da Beira vivo, obedecerão todos ao dito João da Beira[19].

Se o Padre João da Beira for morto, abrirá esta carta o Padre Afonso e lê-la-á diante de todos.

(*Por mão de Xavier):* FRANCISCO

---

de Gilolo perseguia ferozmente os cristãos e procurava os missionários para os matar. Daqui parece ter nascido o rumor da morte de Beira, que Xavier ouviu em Cochim (Xavier-doc. 79,19).

[17] Nuno Ribeiro, morto na ilha de Amboino a 22 de Agosto de 1549.

[18] Nicolau Nunes.

[19] Xavier insiste tanto na obediência porque os missionários de Moro andavam em contínuo perigo de vida e, no caso de desistência de algum deles, os cristãos ficariam desamparados, sem que fosse possível enviar-lhes substituto da Índia em menos de dois ou três anos.

83
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Malaca, 20 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1660

SUMÁRIO: 1. O que Deus lhe fez sentir da sua viagem ao Japão. – 2. O grupo de companheiros que leva consigo. – 3. O bom acolhimento que lhes fez o capitão de Malaca e a generosidade com que os forneceu de tudo para esta expedição missionária. – 4. Pede ao Rei que o recompense. – 5. Recomenda-lhe que se prepare a tempo para a hora da morte.

Senhor

1. Pela muita informação que tenho da grande disposição que há, nas ilhas do Japão, para se acrescentar nossa santa fé, depois de me ter informado de muitas pessoas dignas de fé, que nestas ilhas de Japão estiveram, determinei de pedir a Deus Nosso Senhor que me fizesse tanta mercê que, sendo mais serviço seu de ir a estas partes, me desse a sentir, dentro de minha alma, sua santíssima vontade e forças para perfeitamente a cumprir. Aprouve a sua divina Majestade dar-me a sentir, dentro em minha alma, ser seu serviço ir a Japão. E assim, parti da Índia para cumprir o que Deus Nosso Senhor, muitas vezes, me deu a sentir acerca de o ir servir a Japão.

2. E assim, chegámos a esta cidade de Malaca, dois companheiros meus e eu e três homens japães[1], muito bons cristãos, os quais se baptizaram – depois de ensinados e doutrinados muito bem na fé de Jesus Cristo Nosso Senhor – no colégio de Santa Fé, de Goa.

[1] Japoneses.

Todos três sabem ler e escrever e rezam por Horas[2] suas devoções, principalmente a Paixão, da qual são todos muito devotos. Fizeram os Exercícios Espirituais, com muito recolhimento, em os quais vieram em muito conhecimento de Deus. Confessam-se e comungam muitas vezes. Vão com grandes desejos de fazerem cristãos os seus naturais.

3. Chegámos todos seis aqui a Malaca, o derradeiro de Maio de mil quinhentos quarenta e nove anos. O capitão desta fortaleza nos recebeu aqui a todos, com muito amor e caridade, oferecendo-se a nos favorecer e ajudar nesta viagem que íamos fazer, por ser muito serviço de Deus e de Vossa Alteza. E trabalhou tanto em nos dar boa embarcação[3], que bem cumpriu as promessas que nos fez, o dia que chegámos, pois nos deu tão bom despacho, que não podia ser melhor: com tanto amor e vontade tomou tantos trabalhos, por nos aviar, que jamais poderemos pagar o muito que lhe devemos; e a sermos nós irmãos seus, não pudera mais fazer por nós do que fez. Por amor de Nosso Senhor: que Vossa Alteza pague, por nós, o muito que devemos a D. Pedro da Silva[4]! Mandou-nos dar todo o

---

[2] Livros de Horas.

[3] O *junco* dum chinês, casado em Malaca, a quem D. Pedro exigiu uma caução para não faltar ao compromisso de levar Xavier ao Japão. Tinha a alcunha de *Ladrão*, por ser pirata (Frois 4; Xavier-doc. 84,2; 90,1; 94,1; 124,1).

[4] D. Pedro da Silva da Gama era irmão de D. Álvaro de Ataíde da Gama, aquele que levantou estorvos à viagem de S. Francisco Xavier à China. É significativo que certos escritores ponham em relevo a impertinência de D. Álvaro e deixem na sombra a bondade de D. Pedro, com S. Francisco Xavier. D. Pedro da Silva da Gama, era filho de Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo para a Índia. Estava casado com D. Inês de Castro. Embarcou a primeira vez para a Índia em 1532 e segunda vez em 1547 tendo participado então na batalha de Pondá (Goa), sendo depois elevado a capitão da cidade de Malaca de 1548 a 1552. Além de D. Pedro e D. Álvaro, eram também filhos de Vasco da Gama D. Francisco da Gama (conde da Vidigueira), D. Paulo da Gama (capitão de Malaca em 1533-1534 e morto em combate contra os maometanos), D. Estêvão da Gama (capitão de Malaca em 1534-1539 e depois Governador da Índia em 1540-1542),

necessário para nossa viagem, muito cumpridamente[5]. E, para quando chegarmos a Japão – assim para nosso mantimento para algum tempo, como para fazermos uma casa de oração para dizermos Missa – para isto, nos deu trinta bares[6] de pimenta, da melhor que havia em Malaca. E mais: manda a el-rei[7] de Japão muitas peças muito ricas[8], para que em mais amor e caridade nos receba em suas terras.

4. Esta conta vos dou, tão particularmente, a Vossa Alteza, para que saiba as muitas honras e mercês e caridades, que nos fazem os seus fiéis e leais vassalos da Índia. É certo, Senhor, que posso dizer, com verdade: que nunca homem veio à Índia que tantas honras e mercês recebesse dos portugueses da Índia, como eu. Isto tudo devo a Vossa Alteza, por me encomendar tanto aos que têm mando e cargos, por Vossa Alteza, nestas partes da Índia[9]. Especialmente, tenho recebido muitas mercês e honras do capitão de Malaca, D. Pedro da Silva. E pois não sou poderoso para pagar tanto como devo, peço a Vossa Alteza que pague por mim, fazendo muita mercê aos que a mim fizeram tantas boas obras e caridades.

D. Cristóvão da Gama (morto na expedição à Abissínia contra os maometanos em 1552) (cf. Xavier-doc. 94, 124, 129,2; ANDRADE LEITÃO 10,3-4, 25-28; BOTELHO, *Cartas* 29-30; COUTO, *Da Ásia* 6,10,8; SCHURHAMMER, *Quellen* 1489, 2946, 2960, 3332, 3586, 3670, 3755, 3961, 4540, 4700, 4703, 4747-48.

[5] Completamente, com abundância.

[6] Um *bar* (bahar), medida de peso, equivalente a 400 libras; 30 *bares* de pimenta na Índia valiam uns 366 cruzados de prata (1 cruzado=369 réis), mas na China e Japão valiam muito mais. Xavier diz que o Rei «quando fomos a Japão nos mandou dar passante de mil cruzados» e que, nos dois anos e meio que lá esteve, sempre se sustentou dessa esmola (Xavier-doc. 96,40).

[7] Refere-se ao imperador de todo o Japão.

[8] Eram ofertas no valor de quase 200 cruzados (Xavier-doc. 84,2; 124,1; que ofertas seriam, cf Frois 14; HAAS 183-184; SCHURHAMMER, *Die Disputationen* 46, 56).

[9] Xavier, assim como na carta 77 expunha ao Rei as dificuldades que os funcionários reais punham às missões, expõe aqui honradamente o outro lado da medalha.

5. Deus Nosso Senhor, por sua infinita piedade e misericórdia, dê a sentir a Vossa Alteza, dentro em sua alma, sua santíssima vontade e lhe dê graça para a cumprir perfeitamente, assim como folgaria de a ter cumprido à hora de sua morte, quando estiver dando conta a Deus de toda sua vida passada. Por amor de Nosso Senhor lhe peço, por mercê, que não deixe de fazer para a hora da morte, o que agora pode fazer: é que a morte traz consigo tantos trabalhos que não dá lugar para poder entender em outros negócios, senão em aqueles que a morte consigo traz, que são bem diferentes do que pode cuidar quem não passou por eles.

De Malaca, dia de Corpo de Deus[10], ano de mil e quinhentos quarenta e nove.

Servo inútil de Vossa Alteza,
FRANCISCO

---

[10] Dia 20 de Junho.

84
AOS PADRES PAULO CAMERTE, ANTÓNIO GOMES E BALTASAR GAGO (GOA)

Malaca, 20-22 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1746

INTRODUÇÃO: Nesta carta, escrita a vários, Xavier ora se dirige a um, ora a outro e, às vezes, a todos. Não foi redigida duma vez, mas por partes. Foi começada no dia de *Corpus Christi* (20 de Junho), prometendo escrever só umas linhas; mas, ao despedir-se no parágrafo 11, retoma no mesmo dia a redacção até a datar só no parágrafo 15 (20 de Junho). Dois dias depois, continuou-a até ao fim, acrescentando-lhe nova data (22 de Junho).

SUMÁRIO:1. Boa viagem de Cochim a Malaca. – 2. Disponibilidade do capitão de Malaca em preparar-lhes viagem para o Japão. – 3. Festa da Missa nova de Afonso de Castro. – 4-5. Pede notícias regulares de todos os jesuítas da Índia, para os do Japão e das Molucas e indica a maneira de as fazer chegar. Pede orações. – 6. Recados que venham para uma rainha das Molucas e para Baltasar Veloso. – 7. Instrução a António Gomes. – 8. Outras instruções. Estejam preparados para o Japão. – 9. Boas relações e colaboração com o Bispo. – 10-11. Destino dos pregadores que venham de Portugal e obrigações com os portugueses. – 12. Necessidade duma casa em Coulão para os missionários dispersos. – 13. Encargos a Baltasar Gago. – 14. Encargos a António Gomes. – 15. Mais notícias animadoras que chegam do Japão. – 16-18. Elogios ao trabalho de Francisco Pérez e de Roque Oliveira em Malaca. Afonso de Castro irá fazer o mesmo nas Molucas. – 19. Jesuítas que é preciso mandar para Malaca, a substituir dois que vão completar formação em Goa. – 20. Cargos confiados a Lancillotto, António Gomes e Micer Paulo.

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre em nossas almas. Amen.

1. Estas poucas regras vos escrevo, porque sei que não podeis deixar de folgar com saber de nossa viagem e chegada a Malaca. De

Cochim – onde os frades[1] nos fizeram muito agasalhado, mostrando-nos a todos um grande amor e caridade não fingida, por onde nos fazem ficar em muita obrigação – partimos a 25 de Abril. No caminho até Malaca, pusemos quarenta e tantos dias: todos viemos muito bons, assim eu como o Pe. Cosme de Torres e os mais, sem algum adoecer. Trouxemos muito bom tempo, sem alguma trovoada que nojo[2] nos fizesse, e sem os *achéns*[3] nos impedirem. Deus Nosso Senhor seja louvado para sempre.

2. Chegámos a esta cidade de Malaca, ao derradeiro dia de Maio. Fui recebido, assim do capitão como de toda a cidade, grandes e pequenos, com muito grande alegria e contentamento. Falei logo ao capitão, para nos aviar a ida para Japão. Ele se ofereceu logo a isso e a pôs logo por obra, não com pouca diligência e amor, ao qual nós todos muito devemos, por nos assim despachar e aviar com tanta caridade. A todos os da Companhia mostra tanto amor, que quisera armar um navio com alguns portugueses, para nos levarem a Japão. Mas não se achou navio que lá pudesse ir. Mandou aparelhar um *junco* de um china, por nome Ladrão, gentio, aqui casado, o qual se obrigou a levar-nos a Japão. E o capitão lhe fez deixar uma fiança, em que dizia que, se recado meu não trouxesse de Japão, que sua mulher e quanta fazenda tinha fosse perdida. De todo o necessário nos aviou muito cumpridamente. Manda a el-rei de Japão duzentos cruzados em peças de presentes. [Seremos] levados de rota batida a Japão, sem tomar a China. Aprouverá a Deus Nosso Senhor que nos dará boa viagem e levará a Japão, para que o seu santo nome seja exaltado e conhecido dessa gente.

---

[1] Franciscanos observantes, que tinham casa em Cochim desde 1518 (SCHURHAMMER, *Quellen* 68, 77).

[2] Mal.

[3] Habitantes do reino muçulmano de *Achin*, norte de Sumatra, cujas frotas atacavam frequentemente os navios portugueses que circulavam na zona.

3. Afonso[4] disse Missa cantada, com diácono e subdiácono, o dia da Trindade, com muita solenidade. Levaram-no da Misericórdia à Sé[5] em procissão e assim o tornaram a trazer. Foram seus padrinhos o Padre vigário e o P. Francisco Pérez. O diácono foi o P. Cosme de Torres. Eu lhes preguei esse mesmo dia. Ficou toda a gente muito consolada e contente, por não verem ainda aqui outra coisa semelhante a esta, que é Missa nova.

Para seguir o costume dos outros sacerdotes, pareceu bem aceitar--se o que o povo ofertasse. Porém, mandei entregar tudo o que ofertaram à Misericórdia, para que o repartisse com os pobres. Os nossos foram também em sobrepelizes, na procissão de *Corpus Christi*, pela grande falta que há de sacerdotes[6].

4. Muito largamente me escrevei novas de vós e de tudo o que lá fazeis. E, muito particularmente, novas do colégio e de todos os Padres e Irmãos que lá estão e o fruto que lá se faz, porque levarei disso muito contentamento. E assim, dos irmãos que vierem de Portugal me escrevereis: quantos são, e quantos Padres vêm e quantos leigos, e se vêm alguns pregadores e quem são. Tudo muito largamente me escrevereis, em duas ou três folhas de papel. E assim, todos os Padres e Irmãos me escreverão, cada um por si, da maneira que estão e como consolados: muito largamente lhes direis que o façam. Esta, recebam todos por sua. E assim, fareis que Diogo de Moçambique[7], em nome de todos os colegiais da terra, me escreva muito largamente: se andam contentes e quietos, como servem a Deus Nosso Senhor. E as cartas, assim vossas como dos Irmãos, mas mandareis a Malaca, dirigidas ao P. Francisco Pérez, como vos já tenho dito, porque ele mas mandará daí a Japão.

---

[4] Afonso de Castro foi ordenado sacerdote em Goa antes de partir para Malaca, mas adiou a primeira Missa a seguir à ordenação até esta data.

[5] A igreja da Misericórdia estava a sudoeste da cidade e a Sé a noroeste.

[6] Em 1548 contavam-se apenas seis sacerdotes diocesanos em Malaca.

[7] Era um aluno do colégio goês de S. Paulo, natural de Moçambique.

5. Em vossas orações me encomendo muito, assim como de todos outros Padres e Irmãos, aos quais encomendareis que o façam. Assim, ao capitão de Malaca, encomendareis a Deus Nosso Senhor: é que todos lhe somos em muita obrigação, pois o amor que nos tem, com o trabalho não podemos pagar, salvo com o mesmo amor, encomendando-o a Deus Nosso Senhor.

As cartas que vierem de Portugal para mim – assim do colégio de Coimbra como do P. Mestre Simão ou de Roma ou de outros irmãos da Companhia – todas mas mandareis a Malaca; e as cartas del-Rei também mas mandareis, juntamente com as outras, em a nau que parte de Goa para Banda[8], a qual primeiro vem a Malaca. Mas se, neste tempo, as naus não forem chegadas, que vêm do reino, mandar-me-eis as cartas em Abril, em a nau que parte para Maluco.

Escrevereis aos irmãos de Maluco todas as novas, muito largamente e, de tal maneira, mas escrevereis a mim. Em particular de todos os que estão no Cabo de Comorim, Coulão, S. Tomé, Ormuz, Baçaim, Goa: assim, serei sabedor por vossas cartas de tudo o que lá passa e do fruto que se faz, como se eu lá visse com olhos. Por isso me escrevereis muito largo. E olhai que vos mando, em virtude da santa obediência, que assim o façais! De maneira que, todos os portugueses que estão neste colégio de Santa Fé me escreverão cada um por si.

6. As cartas que vierem de Portugal, [em] primeira via, del-Rei, abri-las-eis e, depois de lidas, mas mandareis. E, se nelas falar da rainha Dona Isabel, mãe que foi del-rei de Maluco – sobre certo despacho que escrevi a Sua Alteza, sobre esta mãe del-rei de Maluco[9], a

---

[8] Em princípios de Setembro. Banda era uma série de ilhas a este de Amboino, produtoras de noz moscada. Todos os anos lá ia uma nau de Goa (a nau de Banda) carregar este produto para o comercializar por toda a parte.

[9] Niachile Pocaraga, de nome cristão Isabel, filha do rei de Tidor, Almansor, segunda mulher do rei de Ternate, Boleif, de quem aí por 1519 teve um filho, Tabarija, que em 1538 foi baptizado em Goa com o nome de Manuel e que D. João III reconheceu como rei de Ternate. Em 1544, Tabarija foi para Malaca e

qual foi cristã[10] o tempo que estive em Maluco – se algum despacho vier del-Rei para esta rainha D. Isabel, mandá-lo-eis a muito bom recado aos Irmãos que estão em Maluco, em Abril, na nau que for para Maluco. Mas, se em minha carta não falar nenhuma coisa desta rainha D. Isabel, falareis ao Senhor Governador, pedindo-lhe muito por mercê que olhe se el-Rei lhe manda algum despacho ou cartas a esta rainha D. Isabel, em que lhe faz mercê de alguma comedia[11] para seu sustentamento. Nisto, tereis mui especial cuidado vós e António Gomes.

---

aí permaneceu, enquanto Jordão de Freitas, novo capitão de Ternate, partiu para aquela cidade com a mãe e o padrasto de Tabarija e pôs esta senhora à frente do reino local. Tabarija acabou por morrer em Malaca em Outubro de 1545 e Freitas passou a administrar o reino, enquanto Isabel e marido ficaram a viver em casa de Baltasar Veloso. Ali a encontrou Xavier em Julho de 1546 e a convenceu a baptizar-se. Mas em Outubro daquele mesmo ano chega a Ternate com o rei Hairun o novo capitão, cuja primeira função foi depor Freitas e enviá-lo preso a Goa. Por seu lado, Hairun destronou Isabel, despojando-a de tudo por ser cristã. Entretanto, o marido de Isabel converteu-se também ao cristianismo e ambos viviam ainda em 1556 (SCHURHAMMER, *Quellen* 2938 3968 4067 6117; cf. REBELLO, *Informação* 153 215 227-230; CORREA, *Lendas da Índia* III 489-494, 633-635 710-711, 725-726, 450).

[10] Veloso escrevia em 1547 de Ternate: «agora a tenho feita cristã (SCHURHAMMER, *Quellen* 2938). O P. Pérez escreve de Malaca a 4 de Dezembro de 1548 que Xavier a baptizou (*Doc. Indica* I 364). E Frois, informado por missionários das Molucas, escrevia em 1556: «Da geração deste rei tornaram-se cristãs algumas pessoas, a saber, uma rainha chamada Isabel, mulher prudente, a qual se confessa e comunga quase sempre com os da Companhia. Foi esta mais entendida na seita que quantos mouros há nas Molucas. Converteu-a o Senhor pelo nosso bem-aventurado P. Mestre Francisco, e foi com pura disputa. Não fora muito que com ela todas as Molucas fossem cristãs. Mas, sucedeu no trono por morte de seu filho D. Manuel… um fidalgo que agora é rei. O qual a tem muito perseguida e lhe usurpou todas as terras» (SCHURHAMMER, *Quellen* 6117).

[11] Comedia ou comedoria: tudo o que, a título de pensão, foros, etc., é dado a alguém, para sua sustentação.

Se, na carta que el-Rei me escreve, falar de um homem que está em Maluco, por nome Baltazar Veloso[12], cunhado del-rei de Maluco, casado com uma irmã sua[13] – homem muito amigo de nossa Companhia e que muito ajuda aos Padres que lá andam a fazer cristãos – e se lhe manda certas coisas que, por mercê, lhe mandei pedir a Sua Alteza para o dito Baltazar Veloso, se algum despacho vier, mandá-lo-eis com as cartas que escreverdes aos Irmãos de Maluco. Mas, se não vier o tal despacho, falareis ao Senhor Governador, pedindo-lhe muito por mercê que olhe Sua Senhoria, nas cartas que el-Rei lhe manda, se lhe vem algum despacho para um homem de Maluco, chamado por nome Baltazar Veloso. E, se alguma mercê el-Rei lhe manda, recebê-la-eis do Senhor Governador para mandar a Maluco, com as cartas que aos Irmãos mandardes. E assim, escrevereis a Baltazar Veloso, dando-lhe muitas graças de quão amigo é da Companhia. Isto fareis, com muita diligência.

7. António Gomes, encomendo-vos muito a caridade, amizade e amor com todos os bem-aventurados frades da Ordem de S. Francisco e de S. Domingos. De todos eles sereis muito devoto. Guardai--vos de terdes com eles coisa de desedificação: isto sempre espero que cumprireis, habitando em vós outros muita humildade. De quando em quando os visitareis, de maneira que eles conheçam em vós outros que os amais e o povo, amador de discórdias, veja a caridade que entre vós outros há com todos.

8. Sobretudo vos encomendo que vos façais amar de todos, o que será bem fácil, vendo [eles], em vós outros, muita humildade e amor

---

[12] Baltasar Veloso nasceu por 1480. Partiu para a Índia em 1520 e desde 1524 combateu como apreciado militar na região de Ternate. Sua esposa, D. Catarina, era a filha predilecta do rei Boleif de Ternate. Baptizada entre 1537-1538 foi despojada de tudo pelo rei Hairun por ser cristã. Veloso era amicíssimo de Xavier e dos missionários e sabe-se que em 1556 continuava ainda a viver nas Molucas (SCHURHAMMER, *Quellen* 2938; REBELLO, *Informação* 255, 272, 279, 285, 163).

[13] Cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 2938.

entre vós outros mesmos. Isto vos encomendo tanto quanto posso. E o que tiver cargo dos de casa trabalhe por se fazer muito amar dos Irmãos, mais que de os querer mandar.

Estai prestes todos. Porque, se achar disposição em Japão, onde possais fazer mais fruto que na Índia, logo vos escreverei a todos: a muitos de vós outros escreverei, primeiro que venham aonde eu estou.

9. Do Senhor Bispo sereis sempre muito grandes amigos. Em tudo o que puderdes o descansareis, tomando parte de seus trabalhos. A ele tereis muito acatamento e reverência, pois é prelado de toda a Igreja, a quem todos obedeceremos em o que nossas forças abrangerem.

10. Se alguns pregadores e Irmãos nossos vierem este ano, trabalhareis de mandar um deles a Cochim. Se mais de um vier, mandareis a Baçaim, ainda que em casa não fique outro pregador senão António Gomes. E assim vos mando, António Gomes, em virtude da santa obediência, que o façais, porque assim escrevo ao Senhor Bispo.

11. As obrigações que el-Rei tem dos seus e a muita obrigação que nós temos a el-Rei e aos portugueses da Índia, pelo muito amor que nos têm, nos obrigam muito a olhar por suas almas, quanto que a caridade primeiramente nos há-de mover a isto. Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, nos dê a sentir dentro de nossas almas sua santíssima vontade, e nos dê forças espirituais para a cumprir perfeitamente, assim como nós folgáramos de a ter cumprida à hora de nossa morte.

12. De Cochim, vos escrevi quanta necessidade há, em Coulão, de uma casa para os Irmãos de nossa Companhia que andam no Cabo de Comorim, e para ensino dos filhos dos cristãos do Cabo de Comorim. Trabalhai muito vós, António Gomes, com o Senhor Governador e com o veador da fazenda, primeiro, que dê alguma ajuda ao P. Nicolau, em Coulão, para fazer aquela casa, pois é tão necessária nas partes do Cabo de Comorim [para] terem os Irmãos da nossa Companhia uma casa para se curarem quando adoecerem.

13. Baltazar Gago[14], vós tereis especial cuidado em me escrever novas dos Irmãos do colégio de Coimbra e dos Padres de Roma e dos Irmãos que este ano vieram e dos que para o ano hão-de vir: novas do Patriarca[15], se veio para ir ao Preste João[16] ou se escreve que virá e novas do P. Mestre Simão e de todos os Irmãos da Índia e vossas. E, para que mereçais mais e não descuideis do que tanto vos encomendo, em virtude da obediência vos mando que assim o façais. E olhai que estejais prestes para quando vos mandar chamar, porque será mais cedo do que vós cuidais! Fazei-me saber do fruto que fazem os reverendos padres da Ordem de S. Francisco e de S. Domingos, e se vieram alguns pregadores este ano, frades; e novas de nosso amigo Cosme Anes e de toda a sua casa.

14. Quando do Cabo de Comorim escreverem, os Padres, que têm necessidade de alguns favores para os cristãos, ou de agravos que lhes faz o capitão que lá está, vós, António Gomes, tereis especial cuidado de lhe fazer lembrança a Rui Gonçalves[17] – pois é pai e procurador deles – que os favoreça com sua justiça com o Senhor Governador.

Tende todos os da casa especial cuidado de nos encomendar a Deus – ao P. Cosme de Torres, a João Fernandes e a Paulo Japão com seus companheiros e a Manuel China[18] e a Amador[19] e a mim

---

[14] Baltasar Gago, S.I., nasceu em Lisboa por 1520 e entrou na Companhia de Jesus lá mesmo. Recém-ordenado sacerdote partiu para a Índia em 1548 e no ano seguinte encontramos magníficas cartas suas escritas para a Europa (*Doc. Indica* I 500-507, 548-575). De 1549 a 1551 foi missionário em Cochim; de 1552 a 1560, no Japão. Por doença teve de voltar para a Índia e morreu em Goa em 1583 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 575; *Doc. Indica* I-II Índices).

[15] Fala do Patriarca a enviar à Abissínia. Depois de várias vicissitudes, foi o Pe. João Nunes Barreto S. J..

[16] Abissínia. Preste João significava, propriamente, o imperador da Abissínia (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 666).

[17] Rodrigo Gonçalves de Caminha.

[18] O mesmo que, na viagem para o Japão, caiu na bomba do navio e foi tirado com a cabeça ferida (Xavier-doc. 90,5). Posteriormente não se fala dele. Talvez

– pois tanta necessidade temos, nesta viagem perigosa e trabalhosa como vamos.

15. Cá nos deram grandes novas de Japão, da muita disposição que na terra há para se fazerem cristãos. Mais nos escreveram, de Sião[20], homens que de Japão vieram: que desejam ver lá Padres que lhes declarem as coisas de Deus. Praza a Deus que nos dê boa viagem, que nós muito confiados vamos na misericórdia de Deus que nos há-de fazer muita mercê, se nossos pecados não forem em caso de impedir o muito fruto que, com ajuda de Deus Nosso Senhor, poderíamos fazer.

De Malaca, dia de *Corpus Christi*, de 1549 anos.

16. Muito maravilhado e espantado fiquei, depois que cheguei a Malaca, em ver o fruto grande que o P. Francisco Pérez nestas partes faz. Todos os domingos e dias santos prega na Sé aos portugueses; e, de tarde, aos escravos e escravas e gente da terra, forra[21] e cativa, prega os artigos da fé. Um dia na semana prega, em Nossa Senhora[22], às mulheres dos portugueses e casadas da terra. E todos os dias faz a doutrina, na Misericórdia, aos meninos. Além de fazer tudo isto, se exercita em confessar quanto pode. De maneira que, na vinha do Se-

---

tenha regressado de Kagoshima a Malaca em Novembro de 1549. A Xavier acompanhou-o um criado.

[19] Criado do Malabar, que Xavier deixou no Japão e lá continuava ainda em 1555 (cf. EGLAUER, *Briefe aus Japan* I 59; *Iapsin. 4*,49).

[20] Fala do reino de Sião, em cuja cidade de Ayuthia mantinham os portugueses então próspero comércio (cf. SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 85, 88-90). Quando os birmaneses atacaram aquela cidade em 1548, uns 50 portugueses às ordens de Diogo Pereira, grande amigo de Xavier, combateram pela sua defesa (COUTO, *Da Ásia*, 6,7,9).

[21] Livre.

[22] Capela de N. Senhora do Monte, que se ergue numa colina da cidade. Construída em 1521, foi entregue à Companhia de Jesus em 1549. As ruínas que se vêem hoje, são duma igreja mais recente (SCHURHAMMER, *The Church of St. Paul* 40-43).

nhor, não anda ocioso nem descuidado; mas trabalha que para dormir e comer tempo lhe não vaga. Parece-me que não achará quem lhe diga: *«Porque estais aqui, ociosos, todo o dia?»*[23] Pois sempre o acham cavando nas almas, para as tirar do pecado e servirem a Deus Nosso Senhor. É tanta a gente que acode a suas pregações que já não cabe na igreja. A todos é aprazível e a gente toda gosta muito dele e é de todos mui bem visto – assim do capitão como de toda a cidade – pelo verem tão zeloso das almas de Deus Nosso Senhor. Confuso me achei, quando vi tanto proveito na terra, que ele com a ajuda de Deus Nosso Senhor fazia, [mesmo] andando continuamente doente e mal disposto. A gente toda se edifica e se aproveita[24]. E tanto, que continuamente teriam que fazer seis Padres, segundo são muitas as confissões que acodem. Serve também à Misericórdia, em todas as coisas que servir costuma um capelão. Não sei que mais diga, senão que é confusão que todos hão-de ter, principalmente os sãos, vendo os doentes obrar e frutificar tanto nas almas.

17. Roque de Oliveira ensina os meninos a ler e escrever, e não menos proveito faz nesta terra, segundo é grande o trabalho que toma em os ensinar. Tem muita quantidade de moços: a uns, ensina a ler e escrever e, a outros, gramática. Parte deles se têm já ido, por estarem aproveitados e saberem o que desejavam. Lêem por cartilhas e Horas[25]. São de maneira que é para dar graças a Deus Nosso Senhor em ver a sua modéstia, como se fossem frades: não se ouve, na boca destes, jura nenhuma, por pequena que seja. Além de muitas outras coisas que se têm alcançado, por intercessão de Roque de Oliveira, [uma] é que, quando morre algum cristão se vai buscar, com todos os moços em procissão como frades, cantando as ladainhas muito devotamente pelo defunto, e o trazem às costas ao lugar onde

---

[23] Mt 20,6.

[24] Na carta, vem *aproveitem.*

[25] Cartilhas de Catecismo e Livro das *Horas de N. Senhora* (cf. Xavier-doc. 65,2).

há-de ser enterrado. Todos sabem as orações. Ouvem sua Missa pela manhã, vêm logo à escola. À tarde, depois da doutrina que faz o P. Francisco Pérez, se tornam à escola; e, acabada a lição, dizem todos a altas vozes as orações. O contentamento que disto tenho é incomparável. Rogai todos a Deus que isto conserve e leve adiante, para seu santo serviço.

18. Afonso vai para Maluco, a fazer o mesmo que Francisco Pérez e Roque de Oliveira.

19. Lembrança sobre dois companheiros que hão-de mandar o ano de 50, em o mês de Setembro, em a nau que parte de Goa para Banda.

Irá um sacerdote e um leigo que saiba muito bem ler e escrever. O Padre, que seja idóneo e suficiente para confessar, porquanto Francisco Pérez é muito ocupado em pregações: todos os domingos e festas, em pregar duas vezes, uma aos portugueses e outra, depois de jantar, aos escravos e cristãos forros e aos filhos e filhas dos portugueses, que é para dar graças a Deus pela gente que acode; e outra pregação faz, em um dia da semana, às mulheres dos portugueses; e todos os dias ensina a doutrina cristã, onde acode muita gente. Por causa destas muitas ocupações, não pode Francisco Pérez ocupar-se em confissões, porque há muita necessidade disso, por razão de muita gente que vem sempre a Malaca de todas as partes, mais que a nenhuma fortaleza da Índia. Se, este ano de 1549, vieram alguns Padres do reino, podeis mandar, este ano de 50, este Padre de Missa, confessor, em a monção de Abril, em a nau que vai a Malaca. Não aguardeis a monção de Setembro.

E se houver em casa o companheiro leigo, que saiba muito bem ler e escrever para ensinar e fazer o que faz Roque de Oliveira, muito folgaria que o mandásseis com o Padre, em a monção de Setembro. É que Roque de Oliveira e João Bravo[26] mando que vão à Índia, em

---

[26] João Bravo, S.I., nasceu em Braga em 1529. Em 1548 embarcou com Francisco Pérez para Malaca, onde Xavier o admitiu na Companhia de Jesus. Em fins

o ano de 50, em a monção de Novembro, quando as naus partem de Malaca para a Índia: Roque de Oliveira, para tomar ordens de Missa e tornar logo a Malaca, à monção de Abril[27]; e João Bravo ficar lá, para aprender gramática. Em uma monção ou outra – a saber, ou a de Abril ou de Setembro – mandareis o Padre e companheiro leigo, da maneira que tenho dito, e com as qualidades que disse. E, para que disto não descuideis, vos mando a vós, *Micer* Paulo e António Gomes, em virtude da obediência, que assim o cumprais.

20. Eu escrevo ao P. Nicolau[28] que tenha especial cuidado dos Irmãos que estão em S. Tomé e Cabo de Comorim ou Coulão; e, aos irmãos do Cabo de Comorim, escrevo para que dêem a obediência ao P. Nicolau[29]. E que de todas as coisas que tiverem necessidade, assim para suas pessoas como para favor dos cristãos, que escrevam ao P. Nicolau – a Coulão ou a Cochim, onde estiver – e, ao P. Nicolau, escrevo que de todas as coisas necessárias, assim para eles como para os cristãos, que as escreva ao colégio de Santa Fé de Goa. E vós, António Gomes, tereis especial cuidado de prover aos Irmãos, com muita diligência, caridade e amor. O Pe. Nicolau terá sempre obediência ao P. *Micer* Paulo, como eu deixei ordenado, quando de lá parti. De maneira que, os de casa como os que estão fora de casa, obedeçam às pessoas que eu deixei dito, quando de lá parti; e os colegiais da terra

---

de 1552 veio com Pérez para a Índia, estudou em Goa e foi ordenado sacerdote em 1558. Em 1560-1561 foi missionário em Baçaim; foi depois Mestre de noviços e Reitor em Goa, onde morreu em 1575 (*Doc. Indica* I-II Índices; Xavier-doc. 89; 128,3; 130,1).

[27] Estas ordens foram depois mudadas por Xavier, em carta de Kagoshima: Oliveira foi para Goa mas não se ordenou de sacerdote nem voltou para Malaca; Bravo ficou ainda algum tempo em Malaca.

[28] Lancillotto.

[29] Xavier que, em 1548 tinha confirmado Criminali como superior dos jesuítas da Pescaria, passa agora a responsabilidade daquela Missão a Lancillotto. Não é certo que soubesse já do martírio de Criminali. Fez a mudança por uma redistribuição de cargos mais geral.

e os colegiais portugueses obedecerão a António Gomes. E António Gomes terá obediência a *Micer* Paulo, pela maneira que eu deixei escrito. Os que estão em Baçaim e Ormuz terão obediência a *Micer* Paulo, da maneira que já tenho dito. E olhai que de tudo me escrevais muito miudamente!

De Malaca, a 22 de Junho de 1549.
Vosso ínfimo em Cristo irmão,
FRANCISCO

85
À COMPANHIA DE JESUS NA EUROPA

Malaca, 22 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1552

SUMÁRIO: 1. Cartas de todos enviadas em Janeiro. – 2-4. Partida da Índia para o Japão e elogio dos companheiros japoneses que leva consigo. – 5. Notícias dum príncipe japonês que deseja missionários. – 6. Como os portugueses difundiram entre os japoneses o costume de servir-se de cruzes para espantar demónios das casas. – 7-8. Disposição dos japoneses para receber a fé e firme determinação de lha ir anunciar. – 9. Falará ao Rei e aos letrados. – 10-12. Posta a sua esperança na graça e favor divinos. – 13-14. Motivações de confiança contra todos os perigos nas missões. – 15-18. Os bonzos: seus mosteiros, meditações, pregações e ditos.

Jesus. A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Este Janeiro passado, do ano de 1549, vos escrevi muito largamente[1] do fruto que nas almas se faz, nestas partes da Índia – assim nas fortalezas do Rei como nas terras dos infiéis – pelo qual se vai acrescentando a nossa santíssima fé. E assim, todos os Irmãos escreveram do fruto que, nas almas, Deus Nosso Senhor por eles fazia.

2. Eu parti da Índia para o Japão, no mês de Abril, com dois companheiros meus, um de Missa[2] e outro leigo[3], e com três japões cristãos[4], os quais se baptizaram depois de serem bem instruídos nos fundamentos da fé de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foram doutrina-

---

[1] Xavier-doc. 73 e 79.
[2] P. Cosme de Torres.
[3] Juan Fernandez.
[4] Paulo, António e João.

dos no nosso colégio da Santa Fé de Goa, onde aprenderam a ler e a escrever, e fizeram os Exercícios Espirituais com muito recolhimento e desejo de se aproveitarem neles. Fez-lhes Deus grande[5] mercê, dando-lhes a sentir em suas almas muitos conhecimentos das mercês e benefícios que, de seu Criador Redentor e Senhor, tinham recebido. Aproveitaram-se tanto nos Exercícios e fora deles que, com muita razão, todos os que cá andamos desejamos participar das virtudes que Deus neles pôs.

3. Sabem ler e escrever, e encomendam-se a Deus por livros de rezar. Perguntei-lhes muitas vezes em que orações achavam mais gosto e consolação espiritual. Disseram-me que em rezar a Paixão, da qual eles são muito devotos. Tiveram grandes sentimentos e consolações e lágrimas, no tempo em que se exercitaram.

4. Antes dos Exercícios, por muitos meses os ocupámos em lhes declarar os artigos da fé, e os mistérios da vida de Cristo, e a causa da Encarnação do Filho de Deus no ventre da Virgem Maria, e da Redenção de todo o género humano feita por Cristo. Perguntei-lhes, muitas vezes, que lhes parecia qual era o melhor que tínhamos em a nossa Lei. Responderam-me sempre que era a confissão e comunhão, e que nenhum homem de razão lhes parecia que poderia deixar de ser cristão. E depois de lhes ser declarada nossa santa fé, ouvi dizer a um deles, por nome Paulo da Santa Fé, com muitos suspiros: «Ó gentes do Japão, coitados de vós outros que adorais por deuses as criaturas que Deus fez para serviço dos homens!» Perguntei-lhe porque dizia isto. Respondeu-me que o dizia pela gente da sua terra, que adorava o sol e a lua, sendo o sol e a lua como moços e criados dos que conhecem a Jesus Cristo: que não servem para mais senão para alumiar o dia e a noite, para os homens com esta claridade servirem a Deus, glorificando na terra o seu Filho Jesus Cristo.

5. Chegámos a esta cidade de Malaca – os meus dois companheiros, os três japões e eu – no derradeiro de Maio do ano de 1549.

---

[5] Lit.: tanta.

Chegando a esta cidade de Malaca, nos deram muitas novas do Japão, por cartas de mercadores portugueses que de lá me escreviam, em que me faziam saber que um senhor grande[6] daquelas ilhas de Japão queria ser cristão e que, para isso, pedia, por uma embaixada que mandava ao Governador da Índia[7], Padres para lhe declararem a nossa Lei.

6. Mais me escreveram: que a certa parte do Japão chegaram uns mercadores portugueses e o senhor da terra os mandou agasalhar em umas casas desabitadas, porque os da terra não queriam morar nelas por razão que eram habitadas do demónio; e, depois de os portugueses serem aposentados nelas, sentiam puxar-lhes[8] pelas vestiduras; e, olhando a quem eram, não viam nenhuma coisa, de que estavam espantados que podia ser. E uma noite, apareceu uma visão a um moço dos portugueses e começou a dar grandes brados; acudiram os portugueses com suas armas, cuidando que era outra coisa; perguntando ao moço porque bradou, disse que vira uma visão que o assombrara muito e que por esta razão bradara; e o moço, assombrado da visão que vira, pôs muitas cruzes ao redor da casa. Perguntaram os da terra, aos portugueses, que brados eram os daquela noite. Responderam que era um moço que se espantara. Então lhes descobriu o senhor da terra que aquela casa era habitada do demónio. Perguntando os remédios para os botar fora, disseram-lhe que não havia outro melhor que o sinal da cruz. E depois que os portugueses puseram cruzes em casa e fora dela, vieram os da terra a fazer o mesmo: e assim por todas aquelas partes punham cruzes.

7. Escreveram-me daquela terra os portugueses, que há grande disposição para se acrescentar nossa santa fé, por ser a gente muito

---

[6] Só podia ser um dos dois senhores, cujos portos frequentavam os mercadores portugueses: ou Shimazu Takahisa, que era senhor de Satsuma, ou Otomo Yoshinori que era senhor de Bungo (SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 65-75 90-91; *Der hl. Franz Xaver* 158).

[7] Cf. Xavier-doc. 82,2. Não consta que tenha chegado à Índia.

[8] Lit.: tirar-lhes.

avisada e discreta, achegada à razão e desejosa de saber. Confio em Deus Nosso Senhor que se há-de fazer muito fruto em alguns. E em todos os japões – digo-o em suas almas – se nossos pecados não nos impedirem, para não querer Deus Nosso Senhor servir-se de nós.

8. Muito tempo estive, depois de ter informação do Japão, para me determinar se iria lá ou não. Mas, depois que Deus Nosso Senhor quis dar-me a sentir, dentro em minha alma, ser Ele servido de ir ao Japão para naquelas partes o servir, parece-me que, se o deixara de fazer, fora pior do que são os infiéis do Japão. Muito trabalhou o inimigo para me impedir esta ida: não sei o que ele receia de nós irmos ao Japão. Levamos todos os aparelhos para dizer Missa. Para o ano, Deus querendo, vos escreverei muito mais largamente de tudo o que lá passar.

9. Quando chegarmos ao Japão, vamos determinados a ir à ilha[9] onde está o Rei[10] e manifestar-lhe a embaixada que da parte de Jesus Cristo levamos. Dizem que há grandes Estudos perto de onde o Rei está[11]. Muito confiados vamos da misericórdia de Deus Nosso Senhor que nos há-de dar vitória contra seus inimigos. Não receamos de nos vermos com os letrados daquelas partes, porque quem não conhece a Deus nem a Jesus Cristo, que pode saber? E os que não desejam senão a glória de Deus e a manifestação de Jesus Cristo com a salvação das almas, que podem recear ou temer? Mesmo indo não somente ao meio de infiéis mas onde há multidão de demónios. Pois nem a gente bárbara, nem os ventos, nem os demónios nos podem fazer mais mal ou nojo senão quanto Deus lhes permite e dá licença.

10. Só um receio e medo levamos, que é temer de ofender a Deus Nosso Senhor: é que certa temos a vitória contra os nossos inimigos se nos guardarmos de ofender a Deus. E pois a todos Deus Nosso Se-

[9] Hondo, ilha principal do Japão.

[10] Vo (Ô), rei de todo o Japão.

[11] Por exemplo as Universidades dos mosteiros de Hiei-san, perto da cidade de Miyako.

nhor dá graça suficiente para o servirem e se guardarem de pecar, assim esperamos em sua divina Majestade que no-la dará. E porquanto todo o nosso bem ou mal está em usar bem ou mal de sua graça, confiamos muito nos merecimentos da santa Madre Igreja, esposa de Cristo Nosso Senhor – e, particularmente, nos merecimentos de todos os da Companhia do nome de Jesus e de todos os seus devotos e devotas – que nos abrangerão tanto seus merecimentos que viremos a gozar[12] bem da graça do Senhor Deus.

11. Grande é a consolação que levamos em ver que Deus Nosso Senhor vê as intenções, vontades e fins por que vamos ao Japão. E pois nossa ida é somente para que as imagens de Deus conheçam o seu Criador, e o Criador seja glorificado pelas criaturas que à sua imagem e semelhança criou, e para que os limites da santa Madre Igreja esposa de Jesus Cristo sejam acrescentados, vamos muito confiados que terá bom sucesso a nossa viagem. Duas coisas nos ajudam, aos que nesta viagem vamos, para vencer os muitos impedimentos que o demónio da sua parte põe: a primeira, é ver que Deus sabe as nossas intenções; a segunda, ver que todas as criaturas dependem da vontade de Deus e que não podem fazer coisa sem Deus o permitir. Até os demónios estão à obediência de Deus, porque o inimigo, quando queria fazer mal a Job, pedia licença a Deus[13].

12. Isto digo-o, pelos muitos trabalhos e perigos de morte corporal em que andamos arriscados nestas partes. Esta viagem do Japão é muito perigosa de grandes tempestades, de muitos baixios e de muitos ladrões. Principalmente de tempestades, porque quando de um porto destas partes partem três navios e chegam dois a salvamento, é grande acerto.

13. Muitas vezes cuidei que os muitos letrados da nossa Companhia que a estas partes vierem, hão-de sentir alguns trabalhos, e não pequenos, nestas perigosas viagens, parecendo-lhes que será tentar a

---

[12] Usufruir.

[13] Cf. *Job* 1,9-12; 2,3-6.

Deus acometer perigos tão evidentes, onde tantas naus se perdem. Porém, venho depois a cuidar que isto não é nada, porque confio em Deus Nosso Senhor que as letras dos da nossa Companhia hão-de ser senhoreadas de espírito de Deus que neles habitará, porque, doutra maneira, trabalho terão e não pequeno. Quase sempre levo diante dos meus olhos e entendimento o que muitas vezes ouvi dizer ao nosso bem-aventurado Padre Inácio: que os que da nossa Companhia haviam de ser, haviam de trabalhar muito para se vencerem e lançarem de si todos os temores que impedem aos homens fé e esperança e confiança em Deus, tomando meios para isso. Ainda que toda a fé, esperança, confiança seja dom de Deus, dá-a o Senhor a quem lhe apraz; porém, comummente, aos que se esforçam, vencendo-se a si mesmos tomando meios para isso.

14. Muita diferença há, do que confia em Deus tendo tudo o necessário ao que confia em Deus sem ter nenhuma coisa, privando-se do necessário podendo-o ter, para mais imitar a Cristo. E assim, por conseguinte, muita diferença há, dos que têm fé, esperança e confiança em Deus fora dos perigos de morte, aos que têm fé, esperança e confiança em Deus quando, por seu amor e serviço, de vontade se põem em perigos quase evidentes de morte podendo-os evitar se quisessem, pois fica em sua liberdade deixá-los ou tomá-los. Parece-me que, os que em contínuos perigos de morte viverem por somente servir a Deus sem outro respeito nem fim, em pouco tempo lhes virá a aborrecer a vida e a desejarem a morte para viver e reinar para sempre com Deus nos céus, pois esta não é vida, senão uma continuada morte e desterro da glória para a qual somos criados.

15. Dizem-me os japões, nossos irmãos[14] e companheiros que connosco vão ao Japão, que se escandalizarão de nós no Japão os Padres[15] dos japões, se nos virem comer carne ou peixe. Vamos determinados a comer continuamente dieta, antes que darmos escândalo

[14] Irmãos em sentido amplo, pois não eram companheiros jesuítas.

[15] Os bonzos.

a ninguém. Diz-nos quem de lá vem, que é grande o número dos Padres que no Japão há; e dizem-mo por nova muito certa que são muito obedecidos, estes Padres, do povo, assim dos grandes como dos pequenos. Esta conta vos dou, para que estejais ao cabo de quanta necessidade temos, os que vamos ao Japão, de sermos favorecidos e ajudados com as devotas orações e santos sacrifícios de todos os Irmãos da bendita Companhia do nome de Jesus.

16. No dia ou véspera de S. João[16], do ano de 1549, partimos de Malaca para o Japão, passámos à vista da China sem tomar terra nem porto nenhum: da China ao Japão há duzentas léguas. Dizem os pilotos que, a dez ou quinze de Agosto do mesmo ano, chegaremos ao Japão. De lá hei-de escrever tantas coisas como tantas particularidades da terra – das gentes, de seus costumes e vidas, e dos enganos em que vivem acerca das suas escrituras – o que têm os Estudos que na terra há, e os exercícios que na terra há e têm.

17. Uma coisa me disse Paulo da Santa Fé, japão, nosso companheiro, de que fico muito consolado: e é que – me disse – no mosteiro da sua terra[17], onde há muitos frades[18] e Estudo, entre eles têm um exercício de meditar, o qual é este: o que tem cargo da casa, superior deles, que é o mais letrado, chama-os a todos e faz-lhes uma prática à maneira de pregação; e, então, diz a cada um deles que medite pelo espaço de uma hora. Sobre este ponto: quando um homem está expirando e já não pode falar, quando a alma se despede do corpo, se então em a tal separação e apartamento da alma pudesse falar, que coisas diria a alma ao corpo? E assim por conseguinte, se os que estão no purgatório ou no inferno a esta vida tornassem, que diriam? Depois, passada a hora, pergunta o superior de casa a cada um deles o que, na tal hora que meditou, sentiu: se algumas coisas

[16] A festa de S. João é a 24 de Junho.

[17] Parece aludir ao mosteiro de Fuku-Shôji, ao sul da povoação, onde estão sepultados os príncipes de Satsuma (cf. FROIS, *Die Geschichte Japans* 6; 122).

[18] Bonzos da seita budista Zen.

boas diz, gaba-o; e, pelo contrário, repreende-o quando diz coisas que não são dignas de memória[19]. Dizem que estes Padres pregam ao povo, de quinze em quinze dias, e acode muita gente às suas pregações, assim homens como mulheres; e que choram nas pregações, principalmente as mulheres; e que, o que prega, tem pintado o inferno e seus tormentos e mostra aquelas figuras ao povo. Isto me contou Paulo da Santa Fé.

18. Perguntei-lhe se se lembrava de alguma sentença que ouvisse a algum pregador. Disse-me que se lembrava de ter ouvido uma vez, a um Padre daqueles, pregando que um mau homem ou uma má mulher é pior que o diabo, dizendo que os males que por si não podia fazer, com a ajuda de um mau homem ou de uma má mulher os fazia, como furtar ou levantar testemunhos e outros pecados desta qualidade. Dizem-me que é gente muito desejosa de saber. Quando dela tiver experiência, vos escreverei muito largo.

Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, nos ajunte na sua santa glória, porque nesta vida não sei quando nos veremos; porém a santa obediência o pode fazer, e o que parece difícil é fácil quando a obediência quer[20].

Desde Malaca, a 22 de Junho, ano de 1549
Servo inútil de todos os Irmãos da Companhia do nome de Jesus
FRANCISCO

---

[19] Sobre as meditações da seita Zen (cf. SCHÛEJ OHASAMA, *Zen, der lebendige Buddhismus in Japan,* Gotha, 1925; FROIS, o.c. 6-7).

[20] No Xavier-doc. 97, Xavier repete as mesmas palavras. Este Xavier-doc. 85 chegou a Roma em Maio de 1552 e o Xavier-doc. 97 em Abril de 1553; em Junho deste último ano, Inácio chamou Xavier a Roma (SCHURHAMMER, *Quellen* 6013).

86
AO P. SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Malaca, 23 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Deseja um Superior experimentado e capaz para governar o colégio de Goa e todos os jesuítas dispersos pelas missões. – 2. Pede pregadores para os portugueses e missionários que sejam virtuosos embora não letrados. – 3-4. Elogia Francisco Pérez e pede notícias dos jesuítas da Europa. – 5. Escreverá quando chegar ao Japão para o tentar a ir também para lá.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Este Janeiro de 1549, vos escrevi de Cochim muito largamente, assim eu como todos os Irmãos da Companhia. Por esta, vos faço saber que seria muito serviço de Deus Nosso Senhor mandardes alguma pessoa, que tenha servido no colégio de Coimbra como reitor, ou que fosse para isso: que fosse pessoa que nem o cargo lhe fizesse nojo em sua consciência – por ser o ofício de mandar cargo muito perigoso em os que não são perfeitos e de muita perfeição, como muito bem sabeis – e que fosse pessoa que soubesse olhar por todos os Irmãos, que na Índia estão, com muita prudência e saber, sabendo compadecer-se, levar e tratar os Irmãos da Companhia. Por isso, é necessário que mandeis pessoa que aí vísseis experimentada em cargos. António Gomes tem muito talento para pregar, e faz muito fruto nas suas pregações; não tem tantas partes, quantas eu lhe desejo, para ter cargo dos Irmãos da Índia e do colégio. Faria muito serviço a Deus, António Gomes, indo pregar pelas fortalezas da Índia.

2. Por amor de Nosso Senhor, mandai-me alguns Padres pregadores, pois as fortalezas da Índia têm muita necessidade de doutrina. Devemos muito ao Rei e aos portugueses destas partes, e com nenhuma coisa podemos pagar o muito que lhes devemos, senão olhando por suas consciências e olhando pelas muitas obrigações que o Rei tem, descarregando nestas partes a sua consciência. As pessoas que a estas partes mandardes, assim pregadores como os que o não são, por amor de Nosso Senhor que sejam pessoas muito provadas em sua vida e virtudes: é que os azos e ocasiões para o mal são muitas nestas partes. Ainda que os pregadores que mandardes para cá não tenham muitas letras, sejam, por amor de Nosso Senhor, homens de grande vida, porque nestas partes pouco olham às letras e muito à vida.

3. Achei em Malaca que tinha feito muito fruto o P. Francisco Pérez, e faz cada dia, de que fiquei muito consolado. Os pregadores que a estas partes mandardes, folgara que fossem assim como Francisco Pérez em vida e em letras. Nosso Senhor proveja, por sua misericórdia, estas partes da Índia, de obreiros necessários para trabalhar nesta vinha, que por não ser lavrada dá uvas azedas.

4. Escrever-me-eis, meu Irmão Mestre caríssimo, muitas novas, assim vossas como de toda a Companhia e, muito miudamente, me escrevereis novas do vosso colégio de Coimbra.

5. No dia de S. João, me embarco a caminho do Japão. De lá vos escreverei, também largo, da disposição da terra e do fruto que se pode fazer a ela; [tanto], que não será muito desejardes mais achar-vos no Japão do que no tumulto da corte, da qual verdadeiramente creio que estais enfadado[1].

---

[1] Simão Rodrigues, na carta que escreveu a Xavier em Março de 1547, dizia-lhe que o queria ver na Índia; e nas que escreveu aos PP. Santa Cruz e Inácio de Loyola (1547-1549), manifestava também desejos de ir para a Índia (F.RODRIGUES, *Hist*. I/1 276-280).

Deus Nosso Senhor nos ajunte onde ele mais for servido; e se não for nesta vida, seja na glória do paraíso. Amen.

De Malaca, a 23 de Junho de 1549
Todo vosso em Cristo caríssimo Irmão
FRANCISCO

87
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Malaca, 23 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1660

SUMÁRIO: Recomenda encarecidamente Eduardo Barreto, feitor de Malaca.

Senhor

Por me Vossa Alteza mandar, por suas cartas, que lhe escreva dos que nestas partes o servem, com muita verdade e fidelidade faço saber a Vossa Alteza que Duarte Barreto[1] o tem muito bem servido em Malaca, servindo-o de feitor. Por experiência do tempo que estive em Malaca, vi servir a Vossa Alteza Duarte Barreto na feitoria com muita diligência, olhando pela fazenda de Vossa Alteza, favorecendo os mercadores, guardando justiça às partes, e mostrando ser oficial como pertence ao estado de Vossa Alteza. Pois é honra dos reis e poderosos senhores terem oficiais e vassalos leais, que saibam mostrar – aos que não vêem a Vossa Alteza nestas partes – sua virtude e poder, por criados leais que se prezam e honram de servir a seu Rei e, porquanto Duarte Barreto é um desses, deve-lhe Vossa Alteza fazer muita honra e mercê, pois o tem tão bem servido. Não lhe minguaram trabalhos nestas partes, servindo seu cargo; mas a mercê que

---

[1] Duarte Barreto, *cavaleiro fidalgo da casa real*, embarcou em 1536 para a Índia como capitão de uma nau. Desde essa data foi feitor de Malaca, durante três ou quatro anos. Em 1545 residia já em Goa, onde aparece como amigo do Vigário geral Miguel Vaz e de Mestre Diogo (SCHURHAMMER, *Quellen* 1692; 1740) e onde em 1547-1549 entra em litígio com o capitão da cidade (*Ibid*. 3599; 3660).

Vossa Alteza lhe fez da feitoria de Malaca, em satisfação de muitos anos de serviço, não lhe sucedeu bem. Por respeito de seus trabalhos não acabou seu tempo, e vai pobre. Faça-lhe Vossa Alteza mercê, pois por seus serviços a merece.

Nosso Senhor acrescente os dias de vida a Vossa Alteza por muitos anos e lhe dê a sentir, nesta vida presente, sua santíssima vontade e forças espirituais para a cumprir, fazendo e obrando o que à hora da sua morte queria ter feito.

De Malaca, vinte e três de Junho de mil e quinhentos quarenta e nove anos
Servo inútil de Vossa Alteza
FRANCISCO

88
AOS PADRES PAULO CAMERINO E ANTÓNIO GOMES (GOA)

Malaca, 23 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1-3. Casamento de um amigo com uma órfã benfeitora, planeado por Xavier, para o qual pede diligências em Goa. – 4-6. Coisas concretas a resolver e motivos para se empenharem nisso.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Depois de vos ter escrito muito largamente de tudo[1], pareceu-me bem fazer-vos estas regras, para nelas vos dar conta como aqui em Malaca achei um grande amigo meu, por nome Cristóvão Carvalho[2], homem solteiro, chegado muito à virtude, rico, honrado e de muito boas partes. Eu, pelo zelo que tenho da salvação de todos, lhe roguei, pela grande amizade que entre nós havia, que quisesse, por amor de Nosso Senhor, tomar e escolher algum modo de viver em serviço de Deus; e [também] para descansar, pois bem sabia em quantos perigos andavam os que não tinham modo em seu viver. Ele me disse que muito desejava já descansar nalgum bom estado

---

[1] Xavier-doc. 84.

[2] Cristóvão Carvalho, «*fidalgo da casa do Rei*… conheceu o Padre Mestre Francisco de cá da Índia, em Malaca e por todas as outras partes por onde andou» (MX II 304). Pelos anos 1547-1549 vivia em Malaca; em 1554 em Goa; em 1557 interveio como testemunha no processo canónico em Cochim para a canonização de Xavier e deu para a construção do colégio daquela cidade cem pardaus e outras esmolas (MX II 304-309).

de vida, e que fosse serviço de Deus Nosso Senhor, e para lograr as mercês e esmolas que Nosso Senhor, por sua misericórdia, lhe tinha feito.

2. E estando assim de prática em prática, lembrando-me eu das grandes caridades e esmolas que da nossa mãe[3] todos temos recebido, lhe falei em casar com uma filha, e lhe dei informação de seus costumes e virtudes. Ele ficou muito satisfeito da verdadeira informação e virtude dela, e ficou muito penhorado, e me deu palavra de sim: a qual eu creio que cumprirá como verdadeiro amigo meu, e por ser coisa de tanta honra, proveito e descanso seu. Sobre isto escrevi à nossa mãe.

3. Por me parecer que as vossas ajudas serão muito necessárias, vos peço e rogo que vos lembre o muito gasalhado que da nossa mãe todos temos sempre recebido, e metais a mão nisso, vós e o vedor da fazenda[4], e façais de maneira que fique essa honrada viúva descansada e a sua filha agasalhada e amparada.

4. Cristóvão Carvalho, meu amigo, vai aí. Informar-vos-eis dele e sabereis bem a sua vontade e a palavra que me tem dada. Ao vedor da fazenda falareis, pondo-lhe diante o grande serviço que a Deus Nosso Senhor nisso faz, e a muita honra e descanso que daí lhe resulta por amparar essa órfã e consolar essa viúva; e eu confio em Deus Nosso Senhor que se fará, porque é ele pessoa de bem e honrada.

5. Mas, porque bem sabeis que o Rei nosso senhor tem feito mercê, por um alvará seu, à nossa mãe, do ofício que ficou de Diogo Frois[5] – que santa glória haja – para quem com sua filha casar o ser-

---

[3] «Na Índia, às mulheres de idade chamam mães» (Filippucci). Xavier refere-se aqui a Violante Ferreira, viúva de Diogo Frois. Também ela em 1556, foi testemunha no processo canónico de Goa, onde residia, para a canonização de Xavier (MX II 202-203).

[4] Cosme Anes.

[5] Diogo Frois, *cavaleiro da casa real*, em 1505 é já mencionado na Índia: em 1507-1509 era escrivão do armazém de mercadorias de Cochim e, em 1532, excepcionalmente e por seus méritos, foi-lhe confiado o mesmo cargo em Goa por

vir; e porque Cristóvão Carvalho é pessoa honrada e rica e abastada, e não há-de servir ofícios; vos encomendo e peço muito, pelo amor de Deus Nosso Senhor e pelas grandes e muitas obrigações em que todos estamos a nossa mãe, que, vós ambos com o vedor da fazenda, obtenhais licença do Senhor Governador para Cristóvão Carvalho poder vender o dito ofício, por ser, como digo, abastado da mercê do Senhor Deus. E isto não vo-lo encarrego nem encomendo mais, porque sei o especial cuidado que disso haveis de ter, por cada dia verdes coisas que a isso vos obrigam. Rogo-vos que façais de maneira que se leve a cabo este casamento, porque receberei eu nisso muito gosto e contentamento em ver esta órfã, tão boa filha, amparada, e nossa mãe descansada: é que sei eu e conheço de meu amigo Cristóvão Carvalho ser pessoa que há-de amparar e descansar muito a nossa mãe.

6. E por isso vo-lo encomendo tanto, porque eu já tenho a palavra de sim e ele me prometeu que o faria, conhecendo ser grande mercê que o Senhor lhe fazia em lhe lembrar eu tão boa empresa; e assim escrevi à nossa mãe. Mas, como me parece que isto não terá efeito se aí não houver quem o despache e tenha especial cuidado disso, por isso vos rogo que tenhais muito cuidado disso.

Nosso Senhor nos ajunte na santa glória, que nesta vida não sei quando nos veremos.

De Malaca, vésperas de S. João de 1549
Vosso em Cristo Irmão
FRANCISCO

---

seis anos, com um rendimento anual de 50.000 réis. Era um dos mordomos da Confraria da Santa Fé e, como tal, assinou em 1546 o regulamento do colégio da Santa Fé de Goa (*Cartas de Afonso de Albuquerque* II 400; III 178; IV 209, 218, 220; SCHURHAMMER, *Quellen* 2263).

89
INSTRUÇÃO PARA O NOVIÇO JOÃO BRAVO (MALACA)

Malaca, 23 de Junho 1549
Cópia em português, feita em 1746

INTRODUÇÃO: Anexo a este documento, escreve o próprio Bravo: «Estes apontamentos, escritos desta mesma maneira, me deu o bendito Padre Mestre Francisco, véspera de S. João, de noite, na ermida de Nossa Senhora do Monte, onde ele dormia, quando ia para o Japão. Malaca 1549»

SUMÁRIO: 1-4. Tempo e método de meditar a Vida de Cristo com renovação dos votos. – 5-6. Exames de consciência e meios de emenda. – 7. Abnegação de si mesmo. – 8. Obediência. – 9. Modo de haver-se nas tentações.

1. Primeiramente, pela manhã, acordando, logo tereis esta ordem que se segue. Por espaço de meia hora, ao menos, meditareis alguns pontos da vida de Cristo, começando do seu santo nascimento até à sua gloriosa ascensão, desta maneira: que, começando pela manhã, meditareis e contemplareis no nascimento de Jesus Cristo, na segunda-feira; na terça, na meditação seguinte; na quarta, quinta, sexta e sábado – pelas meditações dos *Exercícios*[1] – fazendo cada dia pela manhã uma meditação, pela mesma ordem e maneira com que as fazíeis quando vos exercitáveis[2].

---

[1] INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*. Este célebre manualzito de Retiros de exercícios espirituais só foi impresso a primeira vez em 1548 em Roma e esta edição ainda não tinha chegado à Índia. Bravo só podia ter à mão uma das muitas cópias *manuscritas* que antes corriam entre os jesuítas.

[2] Bravo tinha feito o Retiro de exercícios espirituais em Malaca sob a orientação do P. Francisco Pérez, antes de Xavier ter chegado. Depois foi admitido na Companhia de Jesus pelo próprio Xavier e era agora noviço (*Doc. Indica* I 377-378).

2. Na outra semana seguinte, fareis os exercícios da terceira semana[3]: segunda-feira, começando por uma meditação; na terça, por outra; quarta, quinta, sexta e sábado, pelas outras meditações da terceira semana, pela ordem que estão nos *Exercícios* da terceira semana. Fareis na outra semana seguinte os exercícios da quarta semana[4]: meditando pela manhã, meia ou uma hora, cada contemplação da quarta semana, com a ordem que está nos *Exercícios*. De maneira que, cada mês, meditareis toda a vida de Cristo Nosso Senhor. Acabada de meditar uma vez, em um mês, tornareis a meditá-la outra vez, pela mesma ordem que fizestes no mês passado.

3. No fim de qualquer destes exercícios, tornareis a renovar e fazer novamente os votos que tendes feito: principalmente o voto de castidade e o da obediência e pobreza. De maneira que, todos os dias, renovareis e fareis de novo os votos que tendes feito; é que, fazendo-os cada dia, não sereis tão combatido do inimigo e da carne em ir contra eles, como seríeis se não os renovásseis e os fizésseis de novo. Por isso, tereis especial cuidado para renovar e fazer de novo os ditos votos da castidade e da obediência, etc.

4. Depois de almoçar[5] e de repousar, tornareis, por espaço de meia hora ou uma, a meditar e repetir[6] a mesma contemplação que contemplastes pela manhã, fazendo os votos de castidade, obediên-

---

[3] A terceira etapa («semana») do Retiro de exercícios espirituais é sobre a Paixão de Jesus. Sobre a maneira inaciana de a meditar cf. INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, A. O., Braga 1999: nn. 190-209; 289-298.

[4] A quarta etapa («semana») é sobre os mistérios da Ressurreição até à Ascensão (*Ibid*., nn. 218-237; 299-312).

[5] Lit.: jantar (como se chamava antigamente esta refeição).

[6] É próprio do método inaciano de oração meditativa, começar a reflexão sobre um tema de maneira *discursiva* («meditação» ou contemplação de cenas evangélicas), depois voltar a ela de maneira *afectiva* («repetição» do que mais impressionou) e finalmente de maneira mais *intuitiva* («aplicação de sentidos»). Sobre estes três passos de interiorização da oração cf. INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, nn. 45-54; 101-109; 62; 118; 227; 121-126.

cia e pobreza, como os fizestes pela manhã. De maneira que, todos os dias, meditareis uma hora na vida de Cristo Nosso Senhor: meia pela manhã em vos erguendo, e meia depois de repousar, enquanto o Padre Francisco Pérez faz a doutrina.

5. À noite, antes que vos deiteis a dormir depois de cear, recolhendo-vos em alguma parte, examinareis a vossa consciência das coisas que naquele dia por vós passaram acerca dos pensamentos, falas e obras que no presente dia tendes errado contra nosso Deus e Senhor: examinando a vossa consciência com muita diligência, como se vos houvésseis de confessar das culpas que naquele dia fizestes, e de todas elas pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo perdão, prometendo a emenda da vossa vida[7]. No fim, direis um Pai-Nosso e uma Avè-Maria. Depois disto acabado, vos deitareis, ocupando o pensamento[8] como vos haveis de emendar no dia seguinte.

6. Quando pela manhã acordardes, no tempo em que vos vestirdes e lavardes, trareis à memória as culpas, faltas e pecados em que caístes no dia passado, pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo graça para não cair, no presente dia, naquelas culpas e pecados em que caístes no dia passado[9]. Depois disto feito, começareis a fazer as meditações da maneira e ordem que tenho dito. Isto fareis todos os dias. Quando o deixardes de fazer, tendo saúde, sem impedimento, fareis exame de consciência e direis vossa culpa por não fazer o que vos é tão mandado e encomendado pelo Padre.

7. Trabalhai por vos vencerdes a vós mesmo em tudo, negando sempre, ao próprio apetite, aquilo a que ele se inclina, e sofrendo e abraçando o que ele mais aborrece e foge. Em todas as coisas, pretendei ser abatido e humilhado[10]: é que, sem a verdadeira humildade, nem vós podeis crescer em espírito, nem aproveitar nele aos

---

[7] Cf. *Ibid.*, nn. 32-43.

[8] Cf. *Ibid.*, n. 73.

[9] Cf. *Ibid.*, nn. 24-31.

[10] Cf. *Ibid.*, nn. 135-147; 164-168.

próximos; nem sereis aceite aos Santos nem agradável a Deus; nem finalmente perseverareis nesta mínima Companhia, que só não sofre homens soberbos, arrogantes e amigos do seu juízo e honra própria, porque são gente que nunca acompanhou bem com ninguém.

8. Trabalhareis muito em obedecer ao Padre com quem estiverdes, em tudo o que vos mandar, sem lhe contrariar nenhuma coisa de nenhuma qualidade que seja, senão em tudo lhe obedecer, como se o Padre Inácio vos mandasse.

9. Todas as tentações, de qualquer qualidade que sejam, as descobrireis ao Padre com quem estais, para que nelas vos ajude e dê remédio para vos livrar das tais tentações. Em descobrir as tentações do inimigo a pessoas que vos podem dar remédio, merece homem muito e fica vencido o inimigo: perde as forças para vos tentar, quando vê que suas tentações se vão descobrindo e que não se cumpre a sua danada intenção nem o que pretende[11].

Vosso amigo de alma
FRANCISCO

[11] Cf. *Ibid.*, nn. 325-326.

90
AOS SEUS COMPANHEIROS RESIDENTES EM GOA

Kagoshima, 5 de Novembro 1549
Duma cópia em castelhano, feita em Malaca em 1550

SUMÁRIO: 1-4. Navegando para o Japão. – 5. Um que se salva e outro que se afoga. – 6-10. As do Diabo; desconfiança e pusilanimidade; esperança. – 11. Última etapa da navegação. – 12-18. Costumes, virtudes e vícios dos japoneses e dos bonzos e bonzas. – Conversa com o bonzo Ninjitsu. – 20-37. Conselhos espirituais; tentações e fervor na vida espiritual; confiança em Deus. – 38-41. Recepção no Japão. Fervor de Paulo de Santa Fé. Dificuldade da língua. – 42-44. Necessidade de conhecer a língua. Misericórdia de Deus e consagração a Ele. – 45. Os japoneses. – 46-47. Os bonzos. – 48. Motivo de ir ao Japão. 49-52. Confiança em Deus e nos Santos no meio dos perigos. Pede orações. – 53-57. Miyako e as universidades do Japão. Perspectivas e planos. – 58. O duque de Kagoshima, protector da lei cristã. – 59-60. Mútuo amor fraterno.

Jesus

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. De Malaca, vos escrevi muito longamente acerca de toda a nossa viagem, desde que partimos da Índia até chegar a Malaca, e o que fizemos no tempo em que estivemos nela[1]. Agora, faço-vos saber como Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, nos trouxe ao Japão. Dia de S. João[2], à tarde, do ano de 1549, embarcámos em Malaca, para vir a estas partes, num navio dum mercador gentio chinês[3], o qual se ofereceu ao capitão de Malaca

---

[1] Xavier-doc. 84.

[2] 24 de Junho.

[3] Avan «o ladrão».

para nos trazer ao Japão. Mas, partidos, fazendo-nos Deus muita mercê dando-nos muito bom tempo e vento, como nos gentios reina muito a inconstância, começou o capitão a mudar de parecer em não querer vir ao Japão, detendo-se sem necessidade nas ilhas em que nos encontrávamos.

2. O que mais sentíamos, na nossa viagem, eram duas coisas. A primeira, ver que não nos aproveitávamos do bom tempo e vento que Deus Nosso Senhor nos dava, e que se nos acabava a monção para vir ao Japão: e assim nos era forçado esperar um ano, invernando na China, aguardando por outra monção[4]. A segunda, eram as contínuas e muitas idolatrias e sacrifícios que faziam, o capitão e os gentios, ao ídolo que levavam no navio[5], sem as podermos impedir: deitando muitas vezes sortes, fazendo perguntas se podíamos ir ao Japão ou não, e se nos durariam os ventos necessários para a nossa navegação. Às vezes saíam as sortes boas, às vezes as más, segundo o que eles nos diziam e criam[6].

3. A cem léguas de Malaca, a caminho da China, chegámos a uma ilha[7], na qual nos abastecemos de lemes e de outra madeira necessária para as grandes tempestades e mares da China[8]. Depois disto feito, deitaram sortes, fazendo primeiro muitos sacrifícios e festas ao ídolo, adorando-o muitas vezes, e perguntando-lhe se teríamos bom vento ou não. Saiu a sorte que havíamos de ter bom tempo e que não aguardássemos mais. E assim, levantámos âncoras e demos à vela, todos com muita alegria: os gentios, confiando no ídolo que levavam com muita veneração na popa do navio com candeias acesas, per-

---

[4] Cf. Xavier-doc. 93,8.10.

[5] Sobre as idolatrias usadas nos navios chineses, cf. BERNARD, *Aux Portes de la Chine*, Tientsin 1933: 41; H: DORÉ, *Manuel des Superstitions Chinoises,* Chang-hai 1928: 98.

[6] Sobre os sortilégios chineses, cf. H. DORÉ, *Manuel des Superstitions* 99; *Recherches sur les superstitions en Chine*, Chang-hai 1912: 243-244.

[7] Talvez Pulo Timon.

[8] Cf. Xavier-doc. 78,2; 85,12-13.

fumando-o com odores de pau de águia[9]; nós, confiando em Deus Criador do céu e da terra e em Jesus Cristo seu Filho, por cujo amor e serviço íamos a essas partes para acrescentar a sua santíssima fé.

4. Seguindo o nosso caminho, começaram os gentios a deitar sortes e a fazer perguntas ao ídolo: se o navio em que íamos havia de tornar do Japão a Malaca ou não. Saiu a sorte de que iria ao Japão, mas que não tornaria a Malaca. Daqui, acabou por entrar neles a desconfiança para não ir ao Japão senão para invernar na China e aguardar outro ano. Vede o trabalho que podíamos levar nesta navegação – estando ao parecer do demónio e dos seus servos se havíamos de vir ou não ao Japão – pois os que regiam e comandavam o navio não faziam senão o que o demónio pelas suas sortes lhes dizia!

5. Seguindo devagar o nosso caminho, antes de chegar à China, estando juntos com uma terra que se chama Cochinchina[10], a qual é já perto da China, aconteceram-nos dois desastres num dia, véspera da Madalena[11], Estando os mares grandes e de muita tormenta, estando surtos, aconteceu, por descuido, a bomba do navio estar aberta e Manuel China, nosso companheiro, a passar por ela. A um balanço grande que deu o navio, por causa dos mares serem grandes, não se podendo ter, caiu pela bomba abaixo. Todos pensávamos que estava morto, pela queda grande que deu e também pela muita água que havia na bomba. Quis Deus Nosso Senhor que não morresse. Esteve grande espaço, a cabeça e mais de metade do corpo, debaixo de água; e muitos dias doente da cabeça, de uma ferida grande que se fez. De maneira que o tirámos com muito trabalho da bomba, sem dar acordo de si por um bom espaço. Quis Deus Nosso Senhor dar-lhe saúde.

---

[9] Aguila (ágil=agillaria agallocha), madeira odorífera proveniente da Cochinchina, usada como incenso (DALGADO, *Glossário* I 17).

[10] Os portugueses davam o nome de Cochinchina ao reino de Annam, região situada entre Champa (a actual Cochinchina) e Tonking (*Bulletin de l'Ecole française d'Extrême-Orient* 24(1924)563-568; YULE, *Hobson-Jobson* 226).

[11] 21 de Julho.

Acabando de o curar, continuando a tormenta grande que fazia, meneando-se muito o navio, aconteceu uma filha do capitão cair ao mar. Por estarem os mares tão bravos, não lhe pudemos valer. E assim, em presença do seu pai e de todos, se afogou junto do navio. Foram tantos os choros e vozes naquele dia e noite, que era uma piedade muito grande ver tanta miséria nas almas dos gentios, e perigo nas vidas de todos os que estávamos naquele navio. Passado isto, sem repousar todo aquele dia e noite, fizeram os gentios grandes sacrifícios e festas ao ídolo, matando muitas aves, dando-lhe de comer e beber. Nas sortes que deitaram, perguntaram a causa por que morreu a sua filha. Saiu a sorte que não teria morrido nem caído ao mar, se o nosso Manuel, que caiu na bomba, tivesse morrido.

6. Vede em que estavam as nossas vidas: em sortes de demónios e em poder dos seus servos e ministros! Que teria sido de nós, se Deus permitisse ao demónio fazer-nos todo o mal que nos desejava?

Vendo tão manifestas e grandes ofensas, que a Deus Nosso Senhor se faziam, por respeito das muitas idolatrias, não tendo possibilidade de as impedir, muitas vezes pedi a Deus Nosso Senhor, antes de nos vermos naquela tormenta, que nos fizesse tão assinalada mercê que não permitisse tantos erros nas criaturas que à sua imagem e semelhança criou. Ou então que, se o permitia, acrescentasse ao inimigo, causador destas feitiçarias e gentilidades, grandes penas e tormentos, maiores do que os que já tinha, todas as vezes que movesse e persuadisse o capitão a deitar sortes acreditando nelas, fazendo-se adorar como Deus.

7. No dia em que nos aconteceram estes desastres e em toda aquela noite, quis Deus Nosso Senhor fazer-me tanta mercê de querer dar-me a sentir e conhecer, por experiência, muitas coisas acerca dos ferozes e espantosos temores que o inimigo põe – quando Deus o permite e ele acha muita oportunidade de os pôr – e dos remédios que o homem há-de usar quando em semelhantes trabalhos se acha contra as tentações do inimigo. Por ser longos de contar, os deixo de escrever, e não por eles não serem para notar. Em suma de todos

os remédios em tais tempos: é mostrar muito grande ânimo contra o inimigo, desconfiando o homem totalmente de si e confiando grandemente em Deus, postas todas as forças e esperanças nele e, com tão grande defensor e valedor, guardar-se homem de mostrar cobardia, não duvidando de ser vencedor[12]. Muitas vezes pensei que, se Deus Nosso Senhor ao demónio acrescentou algumas penas maiores do que as que tinha, bem se quis vingar naquele dia e noite: é que muitas vezes me punha aquilo diante, dizendo que em tempos estávamos que se vingaria.

8. E como o demónio não possa mais mal fazer do que quanto Deus lhe dá lugar em semelhantes tempos, mais se há-de temer a desconfiança em Deus que o medo do inimigo. Permite Deus ao demónio desconsolar e vexar aquelas criaturas que, pusilânimes, deixam de confiar no seu Criador, não tomando forças esperando nele. Por este mal tão grande de pusilanimidade, vivem desconsolados muitos dos que começaram a servir a Deus, para não irem adiante, levando a suave cruz[13] de Cristo com perseverança. Esta miséria, tão perigosa e danosa, tem a pusilanimidade: que, como o homem se dispõe a pouco, por confiar em si sendo uma coisa tão pequena, quando se vê em necessidade de maiores forças do que as que tem e lhe é forçoso confiar totalmente em Deus, carece de ânimo nas coisas grandes para usar bem da graça que Deus Nosso Senhor lhe dá para esperar nele. E os que se têm em alguma opinião, fazendo fundamento em si para mais do que são, desprezando as coisas baixas sem haver-se muito exercitado e aproveitado, vencendo-se nelas, são mais fracos nos grandes perigos e trabalhos que os pusilânimes: porque não levando a cabo o que começaram, perdem o ânimo para coisas pequenas, assim como o perderam nas grandes.

9. Além disso, sentem tanta repugnância em si e vergonha de se exercitar nelas, que correm muito perigo de perder-se ou de viver

---

[12] INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais,* n. 325.

[13] Cf. Mt 11,30.

desconsolados, não conhecendo em si suas fraquezas, atribuindo-as à cruz de Cristo, dizendo que é trabalhosa de levar adiante.

Ó Irmãos, que será de nós à hora da morte, se em vida não nos aparelhamos e dispomos a saber esperar e confiar em Deus, pois naquela hora nos havemos de ver em maiores tentações e trabalhos e perigos em que jamais nos vimos, assim do espírito, como do corpo? Portanto, nas coisas pequenas, os que vivem com desejos de servir a Deus, devem trabalhar por humilhar-se muito, desfazendo sempre em si e fazendo grandes e muitos fundamentos em Deus, para que nos grandes perigos e trabalhos, assim na vida como na morte, saibam esperar na suma bondade e misericórdia do seu Criador – pelo que aprenderam vencendo as tentações, por pequenas que fossem, onde achavam repugnância, e desconfiando de si com muita humildade, fortificando os seus ânimos confiando muito em Deus – pois ninguém é fraco quando usa bem a graça que Deus Nosso Senhor lhe dá.

10. Por muitos impedimentos que o inimigo lhe ponha na perseverança da virtude e perfeição, mais perigo corre manifestando-se ao mundo – vendo-se em grandes tribulações, desconfiando de Deus nelas – que em passar pelos trabalhos que o inimigo lhe representa. Se os homens, o temor que têm do demónio nas tentações, medos e ferocidades que lhes põe diante para estorvar-lhes o serviço de Deus, o convertessem em temor do seu Criador deixando-o de fazer – tendo para si por certo que mais mal lhes há-de vir deixando de cumprir com Deus do que o que lhes pode vir da parte do demónio – quão consolados viveriam e quanto se aproveitariam, conhecendo de si, por experiência, para quão pouco são! E vendo claramente, por outra parte, como abraçando-se todos com Deus são para muito! E o demónio quão confuso e fraco ficaria, em ver-se vencido dos que em outro tempo foi vencedor!

11. Tornando agora à nossa viagem, amansando os mares, levantámos âncoras e demos à vela. Todos com muita tristeza, começámos a ir nosso caminho e, em poucos dias chegámos à China,

ao porto de Cantão[14]. Todos foram de parecer de invernar no dito porto, assim os marinheiros como o capitão. Só nós os contradizíamos, com rogos e com alguns temores e medos que lhes púnhamos diante: dizendo-lhes que escreveríamos ao capitão de Malaca e que diríamos aos portugueses que nos traziam enganados e que não cumpriam connosco o que tinham prometido. Quis Deus Nosso Senhor pôr-lhes na vontade de não ficarem nas ilhas de Cantão[15]. E assim levantámos âncoras e pusemo-nos a caminho de Chincheu[16]. Em poucos dias, com bom vento que Deus sempre nos deu, chegámos a Chincheu, que é outro porto da China. Estando a ponto de entrar, com intenção de nele invernar, pois já se ia acabando a monção de continuar para o Japão, veio ter connosco um veleiro que nos deu novas de haver muitos ladrões naquele porto e que estaríamos perdidos se entrássemos nele. Com estas novas que nos deram, e ao vermos que os navios chincheus estavam a uma légua de nós, vendo o capitão o grande perigo de se perder, determinou não entrar em Chincheu. O vento, pela proa, era para voltarmos outra vez para Cantão e, pela popa, servia para continuar para o Japão. Assim, contra vontade do capitão do navio e dos marinheiros, foi-lhes forçoso vir para o Japão. De maneira que, nem o demónio nem os seus ministros puderam impedir a nossa vinda. Assim nos trouxe Deus a estas terras a que tanto desejávamos chegar, no dia de Nossa Senhora de Agosto[17] do ano de 1549. Sem poder tomar outro porto do Japão, chegamos a Cangoxima[18], que é a terra de Paulo da Santa Fé, onde

---

[14] Mais exactamente, às ilhas que estão em frente de Cantão.

[15] Sanchão e ilhas vizinhas.

[16] Chincheu (Changchow), povoação da província de Fukien, situada a oeste da povoação de Amoy.

[17] 15 de Agosto. Assim o escreveram novamente Xavier (Xavier-doc. 94,1) e Cosme de Torres (SCHURHAMMER, *Disputationen* 44); Xavier, noutra carta (Xavier-doc. 96,1), diz menos exactamente «a vinte de Agosto».

[18] Kagoshima, capital da província de Satsuma (Kyûshû).

todos nos receberam com muito amor, assim seus parentes como os que o não eram.

12. Do Japão, pela experiência que da terra temos, faço-vos saber o que dela temos alcançado. Primeiramente, a gente que até agora temos conversado, é a melhor que até agora está descoberta: parece-me que, entre gente infiel, não se encontrará outra que ganhe aos japoneses. É gente de muito bom trato e, geralmente, boa e não maliciosa. Gente de honra muito de maravilhar: estimam mais a honra que nenhuma outra coisa. É gente pobre, em geral, e a pobreza, entre fidalgos e os que não o são, não a têm por afronta.

13. Têm uma coisa que cristãos de nenhuma parte me parece que tenham, e é esta: que aos fidalgos, por muito pobres que sejam, os que não são fidalgos, por muitas riquezas que tenham, lhes fazem tanta honra sendo o fidalgo muito pobre como lhe fariam se fosse rico. Por nenhum preço casaria um fidalgo muito pobre com outra casta que não seja fidalga, ainda que lhe dessem muitas riquezas. Isto fazem, por lhes parecer que perdem da sua honra casando com casta baixa. De maneira que mais estimam a honra que as riquezas. É gente de muitas cortesias uns com os outros. Apreciam muito as armas e confiam muito nelas: sempre trazem espadas e punhais; e isto todas as gentes, assim fidalgos como gente baixa[19]; com idade de catorze anos, já trazem espada e punhal[20].

14. É gente que não sofre injúrias nenhumas, nem palavras ditas com desprezo[21]. A gente que não é fidalga, tem muito acatamento

---

[19] Segundo nota Valignano em 1601, isto era antigamente; mas com a pena de morte imposta por Kwampakudono, no final do sec. XVI, aos que andassem com espada e punhal (excepto os militares), já só andavam armados os nobres, que eram todos militares, e seus criados. Não os mercadores, nem os artesãos, nem os lavradores, nem os populares.

[20] Desde os oito anos, segundo HAAS (*Geschichte* 272) e desde os treze, segundo SCURHAMMER (*Disputationen* 59).

[21] Cf. HAAS, o.c. 272; SCHURHAMMER, *o.c.* 59.

aos fidalgos. E todos os fidalgos se preciam muito de servir ao senhor da terra[22] e são muito sujeitos a ele: isto me parece que fazem, por lhes parecer que, fazendo o contrário, perdem da sua honra; mais que pelo castigo que do senhor receberiam se fizessem o contrário. É gente sóbria no comer[23], ainda que no beber são algum tanto largos: bebem vinho de arroz[24], porque não há vinhas nestas partes[25]. São homens que nunca jogam, porque lhes parece que é grande desonra: pois os que jogam desejam o que não é seu, e daí podem vir a ser ladrões[26]. Juram pouco e, quando juram, é pelo sol[27]. Grande parte da gente sabe ler e escrever[28], o que é um grande meio para, com brevidade, aprenderem as orações e as coisas de Deus. Não têm mais que uma mulher[29]. É terra em que há poucos ladrões, e isto pela muita justiça que fazem nos que acham que o são, porque a nenhum dão vida: aborrece-os muito e de grande maneira este vício de furtar[30]. É gente de muito boa vontade, muito conversável e desejosa de saber.

15. Folgam muito de ouvir coisas de Deus, principalmente quando as entendem. De quantas terras já vi na minha vida, assim dos que são cristãos como dos que não o são, nunca vi gente tão fiel em não furtar. Não adoram ídolos em figuras de alimárias: a maior

[22] Cf. HAAS, o.c. 273-274; SCHURHAMMER, o.c. 59-60.

[23] Cf. HAAS, o.c. 272.

[24] Sake; Cf. HAAS, o.c. 272 294.

[25] Por isso o vinho para celebrar a Eucaristia tinha de vir da Índia. No Japão só se cultivava uva silvestre que não servia para isso (SCHURHAMMER, *Der hl. Franz Xaver* 159).

[26] Cf. HAAS, o.c. 274.

[27] À deusa Sol, em japonês Amaterasu, presta-se-lhe culto como a senhora de estirpe imperial.

[28] Cf. HAAS, *Geschichte* 285.

[29] Cf. HAAS. o.c. 273; 285.

[30] Cf. HAAS, o.c. 272; SCHURHAMMER, *Disputationen* 59; SOUZA, *Oriente conquistado* 2,4,1,10.

parte deles crêem em homens antigos que, segundo o que tenho alcançado, eram homens que viviam como filósofos[31]. Muitos destes[32] adoram o sol e outros a lua[33]. Folgam de ouvir coisas conformes à razão: dado que haja vícios e pecados entre eles, quando lhes dão razões, mostrando que o que fazem é mal feito, parece-lhes bem o que a razão defende.

16. Menos pecados acho entre os seculares, e mais obedientes os vejo à razão, do que são os que eles cá têm por Padres e que eles chamam bonzos[34]. Estes são inclinados a pecados que a natureza aborrece e eles o confessam e não o negam: é tão público e manifesto a todos, assim homens como mulheres, pequenos e grandes, que por estar em muito costume, não o estranham nem lhe têm aborrecimento. Folgam muito, os que não são bonzos, em ouvir-nos repreender aquele abominável pecado, parecendo-lhes que temos muita razão em dizer quão maus são e quanto a Deus ofendem os que tal pecado fazem. Aos bonzos, muitas vezes dizemos que não façam pecados tão feios. Mas a eles, tudo o que lhes dizemos lhes cai em graça, porque disso se riem e não têm vergonha nenhuma de ouvir repreensões de pecado tão feio. Têm estes bonzos nos seus mosteiros muitos meninos, filhos de fidalgos, a quem ensinam a ler e escrever e com estes cometem as suas maldades. Está este pecado tanto em costume que, ainda que a todos pareça mal, não o estranham[35].

17. Há entre estes bonzos uns que andam à maneira de frades, vestidos de hábitos pardos, todos rapados, que parece que se rapam

---

[31] Xavier alude principalmente aos deuses dos budistas, por exemplo, Shaka (Buddha) e Amida (cf. Xavier-doc. 96,29-30; HAAS, o.c. 276; 287-291; 297--298).

[32] Os seguidores da religião nacional Shintô.

[33] Susano-o, irmão da deusa Amaterasu; é frequente a veneração do deus lunar (PAPINOT, *Dictionary of Japan* 609-610).

[34] Bonzos, em japonês bôzu. A palavra foi introduzida por Xavier na Europa (DALGADO, *Glossário* I 138).

[35] Cf. HAAS, o.c. 287.

cada três ou quatro dias, assim toda a cabeça como a barba. Estes vivem muito à larga: têm freiras da mesma ordem e vivem juntamente com elas. O povo tem-nos em muito ruim conta, parecendo-lhe mal tanto convívio com as monjas[36]. Dizem todos os leigos que, quando alguma destas monjas se sente prenhada, toma uma mezinha com que logo deita fora a criança. Isto é muito público, e a mim me parece, segundo o que tenho visto neste mosteiro de frades e monjas, que o povo tem muita razão no que deles tem concebido. Perguntei a certas pessoas se estes frades usavam algum outro pecado, e disseram-me que sim: com os moços que ensinam a ler e escrever. Estes que andam vestidos de frades e os outros bonzos que andam vestidos de clérigos[37], querem-se mal uns aos outros.

18. De duas coisas me espantei muito nesta terra. A primeira, ver que grandes e abomináveis pecados se têm em tão pouco; e a causa é porque os antepassados se acostumaram a viver neles, e deles os presentes tomaram exemplo. Vede como a continuação nos vícios, que são contra a natureza, corrompem os naturais! Assim também o contínuo descuido nas imperfeições destrói e desfaz a perfeição. A segunda, ver que os leigos vivem melhor no seu estado do que vivem os bonzos no seu. Com ser isto tão manifesto, é de maravilhar a estima em que os têm. Há muitos outros erros entre os bonzos; e os que mais sabem, maiores os têm.

19. Com alguns dos mais sábios falei muitas vezes. Principalmente com um, a quem todos nestas partes têm muito acatamento, assim

---

[36] Alude, como aparece por outras passagens onde fala dos bonzos de hábitos pardos, aos monges casados da seita budista Ikkô. Atendo-nos ao testemunho de Xavier e de Cosme de Torres, estes monges adoram só Amida (Xavier-doc. 96,29; SCHURHAMMER, *Disputationen* 58). Segundo Anjirô a sua seita tinha sido fundada há trezentos anos (HAAS, *Geschichte* 287).

[37] Refere-se aos bonzos que sobre uma túnica interior branca traziam outra negra, ajustada e mais curta (SCHURHAMMER, *Der hl. Franz Xaver* 161; HAAS, *o.c.* 277). Talvez se refira principalmente aos bonzos da seita Zen (Xavier-doc. 96,29).

por suas letras, vida e dignidade que tem, como pela muita idade, que é de oitenta anos. Chama-se Ninxit, que quer dizer na língua do Japão «coração de verdade»[38]. É entre eles como bispo[39] e, se o nome lhe quadrasse, seria bem-aventurado. Em muitas conversas que tivemos, achei-o duvidoso e sem saber-se determinar se a nossa alma é imortal ou se morre juntamente com o corpo. Algumas vezes disse-me que sim, outras que não. Temo que não sejam assim os outros letrados. Este Ninxit é tão meu amigo, que é maravilha. Todos, assim leigos como bonzos, gostam muito de nós e espantam-se de grande maneira em ver como viemos de terras tão longe, como é de Portugal ao Japão, que são mais de seis mil léguas, somente para falar das coisas de Deus e de como as gentes hão-de salvar as suas almas crendo em Jesus Cristo, dizendo que isto a que viemos a estas terras é coisa mandada por Deus.

20. Uma coisa vos faço saber para que deis muitas graças a Deus Nosso Senhor: que esta ilha do Japão está muito disposta para nela se acrescentar muito a nossa santa fé. Se nós soubéssemos falar a língua, não ponho dúvida nenhuma em crer que se fariam muitos cristãos. Provera a Deus Nosso Senhor que a aprendêssemos em breve, porque já começámos a gostar dela e declarámos os dez mandamentos em quarenta dias que nos demos a aprendê-la.

Esta conta vos dou, tão miúda, para que todos deis graças a Deus Nosso Senhor, pois se descobrem partes nas quais os vossos santos desejos se podem empregar e realizar. Mas também para que vos prepareis com muitas virtudes e desejos de padecer muitos trabalhos

---

[38] Ninjitsu, bonzo da seita Soto (antes de se fazer bonzo já se tinha distinguido nas ciências), superior do mosteiro de Fukushôji, conselheiro de príncipes. Morreu em 1556, arrependido de ter adiado tanto o baptismo (SCHURHAMMER, *Kagoshima* 44-46; cf. LAURES, *Monumenta Nipónica* VIII (1952) 407 sgs).

[39] Frois chama-o *Tôdô* (*Die Geschichte Japans* 6), título de grande distinção. *Chôrô*, a máxima dignidade honorífica entre os bonzos, algo assim como arcebispo ou abade primaz entre nós, dividia-se em duas categorias: Sheitô e Tôdô.

para servir a Cristo nosso Redentor e Senhor. Lembrai-vos sempre de que em mais tem Deus uma boa vontade cheia de humildade – com que os homens se oferecem a Ele, fazendo oblação das suas vidas só por seu amor e glória – do que aprecia e estima os serviços que lhe fazem, por muitos que sejam.

21. Estai preparados, porque não tardará muito que, antes de dois anos, vos escreva para que muitos de vós venham para o Japão. Portanto, disponde-vos a buscar muita humildade – perseguindo-vos a vós mesmos nas coisas onde sentis ou poderíeis sentir repugnância, trabalhando, com todas as forças que Deus vos dá, para conhecer-vos interiormente em para o que sois – e daqui crescereis em maior fé, esperança e confiança e amor em Deus e caridade com o próximo, pois da desconfiança própria nasce a confiança em Deus, que é verdadeira. Por esta via alcançareis humildade interior, da qual, em todas as partes e mais nestas, tereis maior necessidade do que pensais. Estai de aviso para que não lanceis mão da boa opinião em que o povo vos tem, a não ser para vossa confusão, porque deste descuido vêm algumas pessoas a perder a humildade interior, crescendo em alguma soberba; e, andando o tempo, não conhecendo quão prejudicial lhes é, vêm os que os louvam a perder-lhes a devoção, e eles a desinquietar-se, não achando consolação nem dentro nem fora.

22. Portanto vos rogo que totalmente vos fundeis em Deus, em todas as vossas coisas, sem confiar no vosso poder, ou saber, ou opinião humana. Desta maneira faço de conta que estais preparados para todas as grandes adversidades, assim espirituais como corporais, que vos possam vir, pois Deus levanta e esforça os humildes, principalmente aqueles que nas coisas pequenas e baixas viram as suas fraquezas como num claro espelho e se venceram nelas. Esses tais, vendo-se nas maiores tribulações em que jamais se viram, entrando nelas, nem o demónio com os seus ministros, nem as muitas tempestades do mar, nem as gentes más e bárbaras assim de mar como

[40] Cf. Rom 8,39.

de terra, nem outra criatura alguma, os pode enfraquecer[40], sabendo certo, pela muita confiança que em Deus têm, que sem permissão e licença sua não lhes podem fazer nada.

23. E como a Ele lhe sejam manifestas todas as suas intenções e desejos de o servir, e todas as criaturas estejam debaixo da sua obediência, não há coisa que temam, confiando nele, a não ser somente ofendê-lo. Sabem que, quando Deus permite que o demónio faça o seu ofício ou as criaturas o persigam, é para sua provação e maior conhecimento interior, ou em castigo dos seus pecados, ou para maior merecimento, ou para sua humilhação. Desta maneira dão muitas graças a Deus, pois tanta mercê lhes faz; e, aos próximos que os perseguem, amam, porque são instrumento por onde lhes vem tanto bem, e não tendo com que pagar tanta mercê, para não serem ingratos, rogam a Deus por eles com muita eficácia. Estes, espero em Deus que sereis vós.

24. Conheço uma pessoa[41], à qual Deus fez muita mercê, ocupando-se ela muitas vezes, assim nos perigos como fora deles, em pôr toda a sua esperança e confiança nele, cujo proveito que daí lhe veio seria muito longo escrever. Porque os maiores trabalhos, em que até agora vos tendes visto, são pequenos em comparação daqueles em que vos haveis de ver os que vierdes para o Japão, vos rogo e peço quanto posso, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, que vos disponhais para muito, desfazendo muito nas vossas próprias afeições, pois são impedimento de tanto bem. E olhai muito por vós, Irmãos meus em Jesus Cristo, porque muitos há no inferno que, quando nesta vida presente estavam, foram causa e instrumento para que outros por suas palavras se salvassem e fossem para a glória do paraíso, enquanto eles, por carecer de humildade interior, foram para o inferno por fazerem fundamento numa falsa e enganosa opinião de si mesmos! Mas não há nenhum no inferno dos que, quando nesta vida presente estavam, trabalharam tomando meios com que alcançaram esta interior humildade!

---

[41] Velada alusão a si mesmo.

25. Lembre-vos sempre aquele dito do Senhor que diz: *«Que importa ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois vem a perder a sua alma?*[42]» Não façais fundamento, qualquer de vós, em vos parecer que há muito tempo estais na Companhia, e que sois mais antigos uns que os outros, e que por esta causa sois para mais que os que não estiveram ainda tanto tempo. Folgaria eu e ficaria muito consolado em saber que os mais antigos ocupam muitas vezes o seu entendimento em pensar quão mal se aproveitaram do tempo em que na Companhia estiveram, e quanto perderam dele em não ir adiante, mas antes em voltar atrás, pois os que na via da perfeição não vão crescendo, perdem o que já ganharam. Os mais antigos, que nisto se ocupam, confundem-se muito e dispõem-se a buscar humildade interior mais que exterior, e de novo tomam forças e ânimo para recuperar o perdido. Desta maneira edificam muito, dando exemplo e bom odor de si aos noviços e aos outros com quem tratam. Exercitai-vos todos sempre neste contínuo exercício, pois vos desejais assinalar em servir a Cristo.

26. Crede-me que, os que as estas partes vierdes, sereis bem provados para quanto sois. Por muita diligência que ponhais em cobrar e adquirir muitas virtudes, fazei conta que não vos sobrarão. Não vos digo estas coisas para dar-vos a entender que é trabalhosa coisa servir a Deus, e que não é leve e suave o jugo do Senhor[43]. Porque, se os homens se dispusessem a buscar a Deus, tomando e abraçando os meios necessários para isso, achariam tanta suavidade e consolação em o servir, que toda a repugnância que sentem em vencer-se a si mesmos lhes seria muito fácil ir contra ela. [Sobretudo] se soubessem quantos gostos e contentamentos de espírito perdem, por não se esforçar nas tentações, as quais nos fracos costumam impedir tanto bem e conhecimento da suma bondade de Deus e descanso desta trabalhosa vida: pois viver nela sem gostar de Deus, não é vida mas contínua morte.

---

[42] Mt 16,26; cf. Xavier-doc. 63,4.

[43] Mt 11,30.

27. Temo que o inimigo desinquiete alguns de vós, propondo-vos coisas árduas e grandes de serviço a Deus, que faríeis se vos achásseis noutras partes daquelas em que agora estais. Tudo isto ordena o demónio a este fim de desconsolar-vos, desinquietando-vos para que não façais fruto nas vossas almas nem nas dos próximos, nas partes onde presentemente vos encontrais, dando-vos a entender que perdeis o tempo. Esta é uma clara, manifesta e comum tentação a muitos que desejam servir a Deus. A esta tentação vos rogo muito que resistais, pois é tão danosa ao espírito e à perfeição, que impede de ir adiante e faz voltar atrás com muita secura e desconsolação de espírito.

28. Portanto, cada um de vós, nas partes onde está, trabalhe muito em aproveitar a si primeiro e, depois, aos outros, tendo como certo, para si, que em nenhuma outra parte pode servir tanto a Deus como onde por obediência se encontra, confiando em Deus Nosso Senhor que Ele dará a sentir ao vosso superior, quando for tempo, que vos mande às partes onde Ele mais for servido. Desta maneira vos aproveitareis nas vossas almas, vivendo consolados e ajudando-vos muito do tempo, que é coisa tão rica de muitos desconhecida, pois sabeis quão estreita conta haveis de dar dele a Deus Nosso Senhor. Porque assim como, nas partes onde vos desejais achar, não fazeis nenhum fruto por não estar nelas, assim também, nas partes onde estais, nem a vós nem a outros aproveitais por ter os pensamentos e desejos ocupados noutras partes.

29. Os que estais nesse colégio da Santa Fé deveis experimentar-vos e exercitar-vos muito em conhecer as vossas fraquezas – manifestando-as às pessoas que vos podem ajudar e nelas vos dar remédio, como são os vossos confessores já experimentados ou outras pessoas espirituais da casa – para que, quando do colégio sairdes, saibais cuidar primeiramente de vós mesmos e, depois, dos outros, pelo que vos ensinou a experiência e as pessoas que em espírito vos ajudaram. Tende por certo que muitos géneros de tentações passarão por vós, quando andardes sozinhos, ou dois a dois, postos em muitas provas

em terras de infiéis e nas tempestades do mar, as quais não tivestes no tempo em que estáveis no colégio. Se não saís muito exercitados e experimentados em saber vencer os desordenados e próprios apegos com grandes conhecimentos dos enganos do inimigo, julgai vós, Irmãos, o perigo que correis quando vos manifestardes ao mundo, o qual está todo fundado em maldade! Como lhe resistireis, se não fordes muito humildes?

30. Vivo também com muito temor de que Lúcifer, usando dos seus muitos enganos, transfigurando-se em anjo de luz[44], dê turvação a alguns de vós, representando-vos as muitas mercês que Deus Nosso Senhor vos tem feito desde que entrastes nesse colégio – em livrar-vos de muitas misérias que por vós passaram quando estáveis no mundo – induzindo algumas falsas esperanças para vos tirar dele antes do tempo, argumentando convosco que, se até agora Deus Nosso Senhor, em tão pouco tempo, estando no colégio, vos fez tantas mercês, muitas mais vos fará, saindo dele para fazer fruto nas almas, dando-vos a entender que perdeis o tempo.

31. A esta tentação podeis resistir de duas maneiras. A primeira, considerando muito em vós mesmos que, se os grandes pecadores que estão no mundo estivessem onde vós estais, fora das ocasiões de pecar e postos em lugar para adquirir muita perfeição, quão mudados seriam do que são! Até a muitos de vós confundiriam! Isto vos digo, para que penseis que o carecer das ocasiões de ofender a Deus e os muitos meios e favores que nessa casa há para gostar de Deus, são causa de não pecar gravemente. Os que não são em conhecimento de onde lhes vem tanta misericórdia, atribuem a si o bem espiritual que do recolhimento da casa e dos espirituais dela lhes vem e, assim, se descuidam de aproveitar nas coisas que parecem pequenas, sendo elas em si grandes, e aos que passam por elas levemente pequenas. A segunda é: remeter todos os vossos desejos, juízos e pareceres ao

[44] Cf. INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 332.

vosso superior, tendo tanta fé, esperança e confiança em Deus Nosso Senhor que Ele, por sua misericórdia, lhe dará a sentir acerca do vosso bem espiritual o que mais vos cumpre.

32. Não sejais importunos com o vosso reitor, como fazem alguns, que importunam tanto os seus superiores e os forçam tanto, que lhes acabam por mandar o que lhes pedem, sendo-lhes muito danoso. Se não lho concedem, dizem que vivem muito desconsolados, não reparando os tristes que a desconsolação nasce deles, e se acrescenta e aumenta em querer fazer a sua própria vontade depois de a ter negado no voto de obediência em que dela fizeram oblação totalmente a Deus Nosso Senhor. Esses tais, quanto mais trabalham por usar a sua vontade, tanto mais desconsolados e desinquietos vivem nas suas consciências. E assim, há muitos súbditos que, por serem tão proprietários e amigos dos seus juízos e pareceres, não têm mais obediência voluntária aos seus superiores senão enquanto lhes mandam o que eles querem.

33. Guardai-vos, por amor de Deus Nosso Senhor, de vós serdes do número destes. Portanto, nos ofícios de casa, que por obediência vos são dados pelo vosso superior, trabalhai com todas as vossas forças, usando bem da graça que Deus Nosso Senhor vos dá para vencer todas as tentações que o inimigo vos traz para que não vos aproveiteis em tal ofício, dando-vos a entender que noutro, mais que naquele, vos podeis aproveitar. O mesmo costuma fazer o inimigo com os que estudam.

34. Por serviço de Deus Nosso Senhor, vos rogo muito que, nos ofícios baixos e humildes, trabalheis com todas as vossas forças, mais em confundir o demónio vencendo as tentações que vos traz contra o ofício, do que no trabalho corporal que pondes em fazer o que vos é mandado: é que há muitos que, embora sirvam bem os ofícios corporalmente, não se aproveitam interiormente, por não se esforçarem a vencer as tentações e turvações que o inimigo lhes traz contra o ofício que servem, para que nele não se aproveitem. Esses tais vivem quase sempre desconsolados e inquietos, sem se aproveitar em espí-

rito. Nenhum se engane pensando assinalar-se em coisas grandes, se primeiro nas coisas baixas não se assinala.

35. Crede-me que há muita maneira de fervores ou, por melhor dizer, tentações, entre os quais um é ocupar-se em imaginar modos e maneiras de como, sob cor de piedade e zelo das almas, possa fugir a uma pequena cruz, para não negar o seu querer em fazer o que por obediência lhe é mandado, desejando tomar outra maior, não reparando que quem não tem virtude para o pouco, menos terá para o muito: é que, entrando em coisas difíceis e grandes com pouca abnegação e fortaleza de espírito, vêm a reconhecer como foram tentações os seus fervores, ao acharem-se fracos neles. Receio que possa acontecer, a alguns que venham de Coimbra com esses fervores, que nos tumultos do mar se desejem porventura mais na santa companhia de Coimbra que na nau: de maneira que há certos fervores que se acabam antes de chegar à Índia.

36. E os que chegam a ela, ao entrar nas grandes adversidades, andando entre infiéis, se não têm muitas raízes, apagam-se-lhes os fervores: estando na Índia vivem com desejos de Portugal. Assim também, poderia ser que, alguns que gostaram da consolação dessa casa[45] e, com muitos fervores, saíram para outras partes a frutificar nas almas, depois de se acharem onde desejavam e sem fervores, vivam porventura com desejos desse colégio. Vede em que param os fervores que saem antes do tempo! Como são perigosos quando não são bem fundados! Não vos escrevo estas coisas para impedir-vos o ânimo para coisas muito árduas, assinalando-vos como grandes servos de Deus, deixando memória de vós para os que depois dos vossos dias virão. Mas digo-as somente para este fim: para que, nas coisas pequenas vos mostreis grandes, aproveitando-vos muito no conhecimento das tentações, em ver para quanto sois, fortificando-vos totalmente em Deus. Se nisto perseverardes, não duvido que

[45] Colégio de S. Paulo em Goa.

crescereis cada vez mais em humildade e espírito, e fareis muito fruto nas almas, indo quietos e seguros para onde quer que fordes.

37. Porque em razão está que, os que em si sentem muito as suas paixões e com grande diligência as curam bem, sentirão as dos seus próximos curando-as com caridade, acudindo a eles nas suas necessidades, arriscando a vida por eles. Assim como nas suas almas se aproveitaram, sentindo e curando primeiro as suas paixões, saberão curar e dar a sentir as alheias; e, por onde eles vieram a sentir a Paixão de Cristo, serão instrumento para que outros a sintam. Por outra via não vejo maneira como os que em si não as sentem as dêem a sentir aos outros.

38. Na povoação de Paulo da Santa Fé[46], nosso bom e verdadeiro amigo, fomos recebidos pelo capitão do lugar e pelo alcaide da terra[47] com muita benignidade e amor, assim como por todo o povo, maravilhando-se muito toda a gente de ver Padres de terras de portugueses. Não estranharam nada de Paulo se ter feito cristão, mas antes o têm em muito. Folgam todos com ele, assim os seus parentes como os que não o são, por ter estado na Índia e ter visto coisas que estes de cá não viram. O duque desta terra[48] folgou muito com ele, e fez-lhe muita honra. Perguntou-lhe muitas coisas acerca dos costumes e valia dos portugueses; e Paulo deu-lhe razão de tudo, de que o duque mostrou muito contentamento.

---

[46] Kagoshima.

[47] Parece referir-se ao capitão da fortaleza (*jodai*) e ao governador da cidade (*buyo*) (cf. BROU, *Saint François Xavier* II 134). Sobre a recepção cf. SCHURHAMMER, *Disputationen* 44.

[48] Shimazu Takahisa, daimyo (duque ou rei) de Satsuma, nasceu em 1514; depois de longas lutas reinou pacificamente. Quando os portugueses descobriram o Japão em 1543, a primeira terra que pisaram foi a do seu reino, na ilha de Tanegashima: ensinaram aos habitantes o uso das bombardas e desde então puderam comerciar nos seus portos. Em 1556 ocupou Shimazu a província vizinha de Osumi. Morreu em 1571 (PAPINOT, *Dictionary of Japan* 569; SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 66-67). Pertencia à seita Soto Zen.

39. Quando Paulo foi falar com o duque, o qual estava a cinco léguas de Cangoxima[49], levou consigo uma imagem de Nossa Senhora, muito devota, que trazíamos connosco. Folgou a maravilha o duque quando a viu. Pôs-se de joelhos diante da imagem de Cristo Nosso Senhor e de Nossa Senhora, e a adorou com muito acatamento e reverência, e mandou a todos os que com ele estavam que fizessem o mesmo. Depois, mostraram-na à mãe do duque, a qual se espantou ao vê-la, mostrando muito prazer. Depois que Paulo voltou a Cangoxima, onde nós estávamos, daí a poucos dias mandou a mãe do duque um fidalgo para dar ordem de como se poderia fazer outra imagem como aquela. Mas, por não haver materiais na terra, se deixou de fazer. Mandou pedir esta senhora que, por escrito, lhe mandássemos aquilo em que os cristãos crêem. E assim Paulo se ocupou alguns dias em fazê-lo, e escreveu muitas coisas da nossa fé na sua língua.

40. Crede uma coisa e dela dai graças a Deus: que se abre caminho para onde os vossos desejos se podem executar. Se nós soubéssemos falar, já teríamos feito muito fruto. Deu-se Paulo tanta pressa com muitos dos seus parentes e amigos, pregando-lhes de dia e de noite, que foi causa de sua mãe, mulher e filha e muitos dos seus parentes, assim homens como mulheres, e amigos, se fazerem cristãos. Cá não estranham, até agora, o fazer-se cristãos e, como grande parte deles sabem ler e escrever, depressa aprendem as orações.

41. Prouvera a Deus Nosso Senhor dar-nos línguas para podermos falar das coisas de Deus, porque então faríamos muito fruto com a sua ajuda e graça e favor. Agora estamos como estátuas entre eles, vendo-os falar e conversar de nós muitas coisas, e nós, por não entender a sua língua, calamo-nos. Agora, compete-nos ser como meninos, em aprender a língua: prouvera a Deus que os imitássemos na sim-

[49] Segundo MURDOCH (*A History of Japan,* 100) o rei Takahisa residia em Kokubu, a sudeste de Kagoshima.

plicidade e pureza de ânimo! Forçado nos é tomar meios e dispor-nos a ser como eles, assim acerca de aprender a língua como acerca de imitar a sua simplicidade de meninos que carecem de malícia.

42. Para isto, fez-nos Deus muito grandes e assinaladas mercês em trazer-nos a estas partes de infiéis, para que não nos descuidemos de nós, pois esta terra é toda de idolatrias e inimigos de Cristo, e não temos em que poder confiar nem esperar senão em Deus: cá não temos parentes, nem amigos, nem conhecidos; nem há nenhuma piedade cristã, senão todos inimigos d'Aquele que fez o céu e a terra. Por esta causa nos é forçado pôr toda a nossa fé, esperança e confiança em Cristo Nosso Senhor, e não em criatura viva, pois por sua infidelidade todos são inimigos de Deus. Noutras partes, onde o nosso Criador Redentor e Senhor é conhecido, as criaturas costumam ser causa e impedimento para se descuidar de Deus: como é o amor de pai, mãe, parentes, amigos e conhecidos e o amor da própria pátria; e o ter o necessário, assim para a saúde como para as doenças, tendo bens temporais ou amigos espirituais que suprem nas necessidades corporais. Sobretudo o que mais nos força a esperar em Deus é carecer de pessoas que em espírito nos ajudem. De maneira que cá em terras estranhas, onde Deus não é conhecido, faz-nos Ele tanta mercê que as criaturas nos forçam e ajudam a não nos descuidar de pôr toda a nossa fé, esperança e confiança na sua divina bondade, por carecer elas de todo o amor de Deus e piedade cristã.

43. Em considerar esta grande mercê que Nosso Senhor nos faz com outras muitas, estamos confundidos em ver a misericórdia tão manifesta que usa connosco. Pensávamos nós fazer-lhe algum serviço em vir a estas partes acrescentar a sua santa fé. Mas agora, por sua bondade, deu-nos claramente a conhecer e sentir a mercê que nos fez, tão imensa, de nos trazer ao Japão, livrando-nos do amor de muitas criaturas que nos impediam de ter maior fé, esperança e confiança n'Ele. Julgai vós agora se nós fôssemos o que deveríamos ser, quão descansada, consolada e toda cheia de prazer seria a nossa vida, esperando somente naquele de quem todo o bem procede e

não engana aqueles que nele confiam, mas antes é mais largo em dar, do que são os homens em pedir e esperar. Por amor de Deus Nosso Senhor vos rogo, que nos ajudeis a dar graças de tão grandes mercês, para que não caiamos no pecado de ingratidão; pois nos que desejam servir a Deus, este pecado é causa de Deus Nosso Senhor deixar de fazer maiores mercês do que as que faz, por não sermos reconhecidos a tanto bem ajudando-nos dele.

44. Também nos é necessário dar-vos parte de outras mercês que Deus nos faz, das quais nos dá conhecimento por sua misericórdia, para que nos ajudeis a dar graças a Deus sempre por elas. Uma, é que nas outras partes a abundância dos mantimentos corporais costumam ser causa e ocasião de os desordenados apetites saírem com a sua, ficando muitas vezes desfavorecida a virtude da abstinência, de que os homens, assim nas almas como nos corpos, padecem notável detrimento. Donde, na maior parte, nascem as enfermidades corporais e até espirituais, e vêm os homens a padecer muitos trabalhos em tomar um justo meio. E, antes de o adquirir, muitos abreviam os dias da vida, padecendo muitos géneros de tormento e dor nos seus corpos, tomando mezinhas para convalescer, que dão mais fastio em as tomar do que deram gosto os manjares no comer e beber. E, além destes trabalhos, entram noutros maiores que põem as suas vidas em poder dos médicos, os quais vêm a acertar nas curas depois de terem passado muitos erros por eles.

45. Fez-nos Deus tanta mercê em trazer-nos a estas partes, as quais carecem destas abundâncias, que ainda que quiséssemos dar estas superfluidades ao corpo, não o sofre a terra. Não matam nem comem coisa que criam[50]: algumas vezes comem pescado com arroz e trigo, embora pouco. Há muitas ervas de que se mantêm e algumas frutas, embora poucas[51]. Vive a gente desta terra muito sã à mara-

[50] Cf. HAAS, *Geschichte* 269, 271; SCHURHAMMER, *Der hl. Franz Xaver* 159. Dos portugueses aprenderam os japoneses a comer carne de galinha.

[51] Cf. HAAS, *o.c.* 269, 272; SCHURHAMMER, *o.c.* 159.

vilha, e há muitos velhos. Bem se vê, nos japoneses, como a nossa natureza com pouco se sustenta, embora não haja nada que a contente. Vivemos nesta terra muito sãos dos corpos. Prouvera a Deus que fosse assim nas almas!

46. Quase nos é forçoso fazer-vos saber de uma [outra] mercê que nos vai parecendo que Deus Nosso Senhor nos há-de fazer, para que com vossos sacrifícios e orações nos ajudeis a que não a desmereçamos: é que grande parte dos japoneses são bonzos, e estes são muito obedecidos na terra onde estão, embora os seus pecados sejam manifestos a todos; e a causa porque são tidos em muito, parece-me que é pela abstinência grande que fazem, pois nunca comem carne nem pescado, mas só ervas, fruta e arroz; e isto uma vez cada dia e com muita regra; e não lhes dão vinho.

47. São muitos bonzos e as casas são muito pobres de rendas. [Ora], por esta contínua abstinência que fazem, e porque não têm convívio com mulheres – principalmente os que andam vestidos de negro como clérigos – sob pena de perderem a vida, e por saberem contar algumas histórias ou, para melhor dizer, fábulas das coisas em que crêem, por esta causa me parece que os têm em muita veneração. [Portanto] não tardará muito, por serem eles e nós tão contrários nas opiniões de sentir de Deus e de como se hão-de salvar as pessoas, sermos deles muito perseguidos mais que de palavras.

48. Nós, nestas partes, o que pretendemos é trazer as gentes ao conhecimento do seu Criador Redentor e Salvador Jesus Cristo Nosso Senhor. Vivemos com muita confiança, esperando n'Ele que nos há-de dar forças, graça, ajuda e favor para levar isto adiante. A gente secular não me parece que nos há-de contradizer nem perseguir, quanto é a da sua parte, salvo se não for por muitas importunações dos bonzos. Nós não pretendemos diferenças com eles, nem por seu temor havemos de deixar de falar da glória de Deus e da salvação das almas. Eles não nos podem fazer mais mal do que Deus Nosso Senhor lhes permitir. O mal que da sua parte nos vier, é mercê que Nosso Senhor nos fará, se por seu amor e serviço e zelo das almas nos encurtarem os

dias da vida, sendo eles instrumentos para que esta contínua morte em que vivemos se acabe, e os nosso desejos em breve se cumpram, indo reinar para sempre com Cristo. As nossas intenções são explicar e manifestar a verdade, por muito que eles nos contradigam, pois Deus nos obriga a que mais amemos a salvação dos nossos próximos do que as nossas vidas corporais. Pretendemos, com a ajuda, favor e graça de Nosso Senhor, cumprir este preceito, dando-nos Ele forças interiores para o manifestar entre tantas idolatrias como há no Japão.

49. Vivemos com muita esperança de que nos fará esta mercê. Porque nós de todo desconfiamos das nossas forças, pondo toda a nossa esperança em Jesus Cristo Nosso Senhor e na Sacratíssima Virgem Santa Maria sua Mãe, e em todos os nove coros dos Anjos – tomando por particular valedor entre todos eles São Miguel arcanjo, príncipe e defensor de toda a Igreja militante, confiando muito naquele arcanjo, ao qual está confiada em particular a guarda deste grande reino do Japão, encomendando-nos todos os dias especialmente a ele e, juntamente com ele, a todos os outros anjos da guarda que têm especial cuidado de rogar a Deus Nosso Senhor pela conversão dos japoneses, dos quais são guarda – não deixando de invocar a todos aqueles santos beatos que, vendo tanta perdição das almas, sempre suspiram pela salvação de tantas imagens e semelhanças de Deus, confiando [finalmente] em grande maneira que todos os nossos descuidos e faltas de não nos encomendarmos como devemos a toda a corte celestial, suprirão os beatos da nossa santa Companhia que lá estão, apresentando sempre os nossos pobres desejos à Santíssima Trindade.

50. Pela suma bondade de Deus Nosso Senhor, são mais as nossas esperanças de alcançar vitória, com tanto favor e ajuda, do que são os impedimentos que o inimigo nos põe diante para voltarmos atrás, embora sejam muitos e grandes. Não duvido que fariam muita impressão em nós, se algum fundamento puséssemos em nosso poder ou saber. Permite Deus Nosso Senhor, pela sua grande misericórdia, que tantos medos, trabalhos e perigos os inimigos nos ponha diante, para nos humilhar e baixar, para que jamais confiemos nas nossas forças e poder,

mas unicamente n'Ele e nos que participam da sua bondade. Bem nos mostra, nesta parte, a sua infinita clemência e particular memória que de nós tem, dando-nos a conhecer e sentir, dentro em nossas almas, quão para pouco somos, pois permite que sejamos perseguidos de pequenos trabalhos e poucos perigos, para que não nos descuidemos d'Ele, fazendo fundamento em nós. É que fazendo ao contrário, as pequenas tentações e perseguições, nos que fazem algum fundamento em si, são mais trabalhosas de espírito e dificultosas de levar adiante, do que são os muitos e grandes perigos nos que, desconfiando totalmente de si, confiam grandemente em Deus.

51. Muito nos cumpre, para nossa consolação, dar-vos parte de um cuidado grande em que vivemos, para que com os vossos sacrifícios e orações nos ajudeis: é que, sendo a Deus Nosso Senhor manifestas todas as nossas contínuas maldades e grandes pecados, vivemos com o devido temor de que deixe de nos fazer mercês e dar graças para começar a servi-Lo com perseverança até ao fim, se não houver uma grande emenda em nós. Para isto, nos é necessário tomar por intercessores na terra a todos os da bendita Companhia do nome de Jesus com todos os devotos e amigos dela, para que por sua intercessão sejamos apresentados à santa madre Igreja universal, esposa de Cristo Nosso Senhor e Redentor, na qual firmemente e sem poder duvidar cremos e confiamos que repartirá connosco os seus muitos e infinitos merecimentos.

52. E também, por ela, sejamos apresentados e encomendados a todos os beatos do céu – mas especialmente a Jesus Cristo seu esposo, nosso Redentor e Senhor, e à Santíssima Virgem sua Mãe – para que continuamente nos encomendem a Deus Pai eterno, de quem todo o bem nasce e procede, rogando-lhe que sempre nos guarde de O ofender, não cessando de nos fazer contínuas mercês, não olhando às nossas maldades mas à sua bondade infinita. Unicamente por seu amor viemos a estas partes, como Ele bem sabe, pois lhe são manifestos todos os nossos corações, intenções e pobres desejos, que são: de livrar as almas que há mais de 1500 anos estão no cativeiro de

Lúcifer, que se faz delas adorar como deus na terra, já que no céu não foi poderoso para isso e, depois de posto fora dele, se vinga quanto pode de muitos e também dos tristes japoneses.

53. É bem que vos dêmos parte da nossa estadia em Cangoxima. Chegamos a ela no tempo em que os ventos eram contrários para ir a Meaco[52] – que é a principal cidade do Japão, onde está o rei[53] e os maiores senhores do reino – e não há vento que nos sirva para lá ir senão daqui a cinco meses. Então, com a ajuda de Deus, iremos. Há daqui a Meaco trezentas léguas[54]. Grandes coisas nos dizem daquela cidade, afirmando-nos que passa de 90.000 casas[55], e que há uma grande universidade de estudantes nela que tem dentro cinco colégios principais, e tem mais de 200 casas de bonzos[56] e de outros como frades que chamam Gixu[57], e de monjas a quem chamam Amacata[58].

54. Além desta universidade de Meaco, há outras cinco universidades principais, cujos nomes são estes: Coya[59], Negru[60], Fieson[61],

---

[52] Meaco (*Miyako*), actualmente Kyôto.

[53] Go-Nara-tennô, centésimo rei do Japão, nascido em 1497, reinou de 1527--1557; morreu em 1557 (PAPINOT, *Dictionary of Japan* 125; 816).

[54] A légua japonesa tem 4 km. Por via marítima são umas 220 léguas japonesas e por terra umas 250.

[55] Em Miyako havia umas 98.000 casas e em Shirakawa umas 108.000. O próprio Xavier no Xavier-doc. 94,4 atribui-lhe 96.000 casas.

[56] Sobre os vários mosteiros e colégios da cidade de Miyako (cf. SCHURHAMMER, *Das Stadtbid Kyotos* 147-152; 156-163; 166-169).

[57] *Jisha* (servo), ínfima categoria de bonzos (SCHURHAMMER, *Der «Grosse Brief»* 218).

[58] *Ama* (monja budista), *kata* (pessoa).

[59] Kôya-san, mosteiro principal da seita Shingon (SCHURHAMMER, *KôbôDaishi* 94-97).

[60] Negoro-dera, principal mosteiro dos bonzos guerreiros Negoro, da seita Shingon, fundado em 1130 do mosteiro Kôya-san e destruído em 1585 (PAPINOT, *Dctionary of Japan* 437; SCHURHAMMER, *Kôbô-Daishi* 94-95).

[61] Hiei-zan, a sudeste da cidade de Miyako (Kiôto), cidade monástica noutros tempos a principal do Japão e sede de colégios muito célebres. Dos seus

Omy[62] – estas quatro ao redor de Meaco, em cada uma das quais nos dizem que há mais de 3.500 estudantes[63] – e outra universidade muito longe de Meaco, a qual se chama Bandu[64]. Esta é a maior e mais importante do Japão, para a qual vão mais estudantes que para nenhuma outra. Bandu é uma senhoria muito grande, onde há seis duques[65], entre os quais há um principal a que todos obedecem. Mas este principal presta obediência ao rei do Japão. Dizem-nos tantas coisas das grandezas destas terras e universidades que, para as poder afirmar e escrever por verdadeiras, folgaríamos primeiro de as ver. Se assim é como nos dizem, depois de as conhecer por experiência vo--las descreveremos muito particularmente.

55. Afora estas universidades principais, nos dizem que há muitas outras pequenas pelo reino. Depois de vista a disposição do fruto que se pode fazer nas almas nestas partes, não será demais escrever a todas as principais universidades da cristandade, para descargo das nossas consciências carregando as suas, pois com as suas muitas virtudes e letras podem curar tanto mal, convertendo tanta infidelidade ao conhecimento do seu Criador Redentor e Salvador.

56. A eles escreveremos como a nossos maiores e pais, desejando que nos tenham por mínimos filhos, acerca do fruto que com seu

---

3.800 templos, quando Nobunaga a mandou destruir em 1571, só restam 400 (SCHRHAMMER, *Stadtbild Kyotos* 172-181).

[62] Talvez o mosteiro de Kinshô-ji, na povoação de Kibe, o principal de uma parte da seita Jôdo-shinshû, que se chama Kibe (PAPINOT, *Dictionary of Japan* 274).

[63] Número exagerado: tantos eram os habitantes de todas aquelas cidades sagradas.

[64] Ashikaga-gakkô universidade na província de Shimotsuke, muito conhecida nos séc. XVI e XVII pelos estudos sobre a época chinesa e o confucionismo, perdeu importância nos reinados de Tokugawa (cf. FROIS, *Die Geschichte Japans*, prol. 11; PAPINOT, *Dictionary of Japan* 39).

[65] A região denominada Kwantô (Bandû) compreendia oito províncias: Musashi, Awa, Kazusa, Shimôsa, Shimotsyke, Hitachi, Kôzuke, Sagami, sujeitas a seis príncipes.

favor e ajuda se pode fazer, para que os que não puderem vir para cá, favoreçam aos que se oferecerem, por glória de Deus e salvação das almas, a participar de maiores consolações e contentamentos espirituais do que os que lá porventura têm. Se a disposição destas partes for tão grande como nos vai parecendo, não deixaremos de dar parte a Sua Santidade – pois é Vigário de Cristo na terra e pastor dos que n'Ele crêem e também dos que estão dispostos a chegar ao conhecimento do seu Redentor e Salvador e a ser da sua jurisdição espiritual – não esquecendo de escrever a todos os devotos e benditos frades, que vivem com muito santos desejos de glorificar a Jesus Cristo nas almas que não O conhecem. Por muitos que venham, sobra lugar neste grande reino para cumprirem os seus desejos, e noutro maior que é o da China: a ele se pode ir sem receber maus tratos dos chineses, levando salvo-conduto do rei do Japão, o qual confiamos que há-de ser nosso amigo e facilmente se alcançará dele este seguro.

57. Porque vos faço saber que o rei do Japão é amigo do rei da China[66], e tem o seu selo, em sinal de amizade, para poder dar seguro a todos os que lá vão. Navegam muitos navios do Japão à China, a qual está para além dum estreito que em dez dias se pode atravessar. Vivemos com muita esperança de que, se Deus Nosso Senhor nos der dez anos de vida, veremos nestas partes grandes coisas [realizadas] pelos que daí vierem e pelos que Deus nestas partes mover a que cheguem ao seu verdadeiro conhecimento. Por todo o ano de 1551 esperamos escrever-vos muito por miúdo toda a disposição que há em Meaco e nas universidades, para ser Jesus Cristo Nosso Senhor nelas conhecido. Neste ano vão dois bonzos à Índia – os quais estiveram nas universidades de Bandu e Meaco – e com eles muitos japoneses[67] a investigar as coisas da nossa Lei.

---

[66] O imperador da China de 1552 a 1566 era Che tsong (Kia tsing).

[67] De facto chegaram a Malaca apenas quatro.

58. Dia de São Miguel[68], falamos com o duque desta terra. Fez--nos muita honra, dizendo que guardássemos muito bem os livros em que estava escrita a lei dos cristãos que se era, a lei de Jesus Cristo, verdadeira e boa, muito havia de pesar ao demónio com ela. Daí a poucos dias deu licença aos seus vassalos para que, todos os que quisessem ser cristãos o fossem. Esta tão boas novas vos escrevo no fim da carta, para vossa consolação e para que deis graças a Deus Nosso Senhor. Parece-me que neste Inverno nos ocuparemos em fazer uma explicação sobre os artigos da fé na língua do Japão, algum tanto copiosa para fazê-la imprimir[69], pois toda a gente principal sabe ler e escrever: para que se estenda a nossa fé por muitas partes, pois a todas não podemos acorrer.

59. Paulo, nosso caríssimo irmão, traduzirá na sua língua, fielmente, tudo o que é necessário para a salvação das suas almas.

Agora vos cumpre, pois tanta disposição se descobre, que todos os vossos desejos sejam primeiro de manifestar-vos por grandes servos de Deus no céu – o qual fareis sendo neste mundo interiormente humildes nas vossas almas e vidas, deixando todo o cuidado a Deus – que Ele vos acreditará com os próximos na terra. Se Ele o deixar de fazer, será por ver o perigo que correis atribuindo a vós o que é de Deus. Vivo muito consolado em me parecer que tantas coisas interiores de repreender vereis sempre em vós, que vireis em grande aborrecimento de todo o amor próprio e desordenado; e, juntamente, em tanta perfeição que o mundo não encontrará, com razão, que repreender em vós. Desta maneira os seus louvores serão para vós uma cruz trabalhosa em os ouvir, vendo claramente as vossas faltas neles.

60. Assim acabo, sem poder acabar de escrever o grande amor que vos tenho a todos, em geral e em particular. Se os corações dos que em Cristo se amam se pudessem ver nesta presente vida, crede,

---

[68] 29 de Setembro.

[69] Cf. SCHURHAMMER, *Sprachproblem* 22-23. Não chegou a imprimir-se.

Irmãos meus caríssimos, que no meu vos veríeis claramente. E se não vos conhecêsseis, olhando-vos nele, seria porque eu vos tenho em tanta estima e vós por vossas virtudes vos tendes em tanto desprezo, que por vossa humildade deixaríeis de vos ver e conhecer nele, e não porque as vossas imagens não estivessem impressas na minha alma e coração. Rogo-vos muito que entre vós haja um verdadeiro amor, não deixando nascer amargores de ânimo. Convertei parte dos vossos fervores, em amar-vos uns aos outros; e parte dos vossos desejos de padecer por Cristo, em padecer por seu amor o vencimento em vós de todas as repugnâncias, que não deixam crescer este amor. Pois sabeis que disse Cristo que nisto conhece os seus: se se amarem uns aos outros[70]. Deus Nosso Senhor nos dê a sentir, dentro das nossas almas, a sua santíssima vontade e graça para perfeitamente a cumprir.

De Cangoxima, a 5 de Novembro de 1549
(No original perdido) Vosso todo em Cristo Irmão caríssimo
FRANCISCO

[70] Jo 13,35.

91
AOS PADRES GASPAR BARZEU, BALTASAR GAGO E DOMINGOS CARVALHO (GOA)

Kagoshima, 5 de Novembro 1549
Original ditado em castelhano

SUMÁRIO: Ordem de os três partirem para o Japão. Durante a viagem, Barzeu será o superior do grupo.

JHS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

Pela muita disposição que há neste reino do Japão para acrescentar a nossa santa fé – confiando muito nos vossos santos desejos e zelo que tendes de salvar as almas dos vossos próximos, espero em Deus Nosso Senhor, pelo que de vós tenho conhecido, que tendes virtudes e humildade interior que vos ajudam a pôr por obra o que desejais – vos mando, em virtude de santa obediência para vosso maior merecimento, que, estando em disposição corporal para a poder cumprir, vós, Mestre Gaspar, Baltasar Gago e Domingos Carvalho, venhais para o Japão: para onde eu estiver, que será, prazendo a Deus, em Meaco. Vós, Baltasar Gago e Domingos Carvalho, durante a viagem, prestareis obediência a Mestre Gaspar, de cuja prudência e humildade espero que terá bom cuidado de cumprir o tal cargo. E porque não ponho dúvida na vossa vinda, por conhecer em vós tanta prontidão de ânimo para obedecer e fazer sacrifício das vossas vidas por amor d'Aquele que primeiro por nós deu a sua, não

acrescento mais do que quanto aguardo por vós, com muita esperança de que nos juntará Deus nestas partes.

Assinada por mão deste vosso em Cristo caríssimo Irmão

De Cangoxima, a cinco de Novembro de mil e quinhentos e quarenta e nove anos
FRANCISCO

92
AO PADRE PAULO CAMERINO (GOA)

Kagoshima, 5 de Novembro 1549
Duma cópia em castelhano, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Deseja notícias de todos os jesuítas que vão chegando da Europa e dos que já trabalham no colégio e nas missões da Índia. No colégio dêem formação mais esmerada aos alunos japoneses e chineses. – 2. Como distribuir os jesuítas que forem chegando, segundo as suas capacidades. Recomendações a vários benfeitores e amigos. – 3. Os que trabalham no colégio, catequizem também nas igrejas da cidade. – 4. Acolhimento a prestar aos bonzos japoneses que vão visitar a Índia.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em vosso favor e ajuda. Amen.

1. Se tanta lembrança tendes de mim, quanta eu tenho sempre de vós, continuamente nos estaremos a ver em espírito, não sentindo quase nada a ausência corporal. Escrever-me-eis, muito miudamente, novas dos Irmãos que estão em casa, e dos que estão fora nas fortalezas e no Cabo de Comorim, e do fruto que fazem. E quantos vieram de Portugal, e quantos pregadores entre eles: por todos, quantos estão na Índia com os que estão em casa? Também dos moços da terra: quantos são e como estão aproveitados. Trabalhai muito de ensinar e doutrinar nesse colégio moços chinas e japões sobre todos, olhando muito por eles em espírito. Que saibam ler e escrever e falar em português, para serem *topazes* dos Padres que, prazendo a Deus Nosso Senhor, antes de muitos anos, virão para o Japão e para a China. É que, em nenhuma outra parte das que estão descobertas, me parece que se pode fazer tanto fruto, nem vir a perpetuar-se a Companhia, como nestas: na China e Japão. Por isso vos encomendo muito os chinas e os japões.

2. As cartas que vierem de Portugal e de Roma para mim, mandá-las-eis para Malaca a Francisco Pérez, se os Padres não vierem este ano. Eu escrevo a Mestre Gaspar que venha, como vereis pelas obediências[1]. Se algum pregador houver em casa que possa ir para Ormuz, mandá-lo-eis a ficar lá em lugar de Mestre Gaspar. Se não houver ao presente, dos primeiros que vierem de Portugal provereis a fortaleza de Ormuz de pregador. Mas se não houver pregador, até que venha algum mandareis algum Padre que, com sua humildade e virtude, frutifique nas almas em confessar e dar Exercícios da primeira semana com confissões gerais, ensinar os meninos e outras coisas, muitas, que pode fazer um homem espiritual: é que os bons, entre os maus, com a sua vida e obras, sempre pregam mais que os que pregam nos púlpitos, pois mais é fazer que falar. À nossa mãe[2] e a todos os devotos e devotas dessa casa dareis as minhas recomendações. A João Álvares, o deão[3], e ao Padre Rui Lopes[4] dareis as minhas recomendações. Também ao Padre francês[5]: dir-lhe-eis, da minha parte,

---

[1] Cartas a dar ordens em nome da santa obediência (cf. Xavier-doc. 91, de que enviou três exemplares).

[2] Violante Ferreira (cf. Xavier-doc. 88).

[3] João Álvares, nasceu por volta de 1489. Quando em 1552 Xavier e Fr. João Noé, custódio dos franciscanos, o recomendaram ao Rei, já levava trinta anos de serviço à Igreja na Índia. Também António Gomes o recomendou em 1549. Frei Noé escreveu dele: «um Padre dos mais virtuosos que cá residem». Em 1552 regressou a Portugal (SCHURHAMMER, *Quellen* 1543, 1547, 4142, 4761; *Ceylon* 611; *Doc. Indica* I 531; Xavier-doc. 99,12).

[4] Rodrigo Lopes, nasceu em 1479. Já levava muitos anos de serviço ao Rei na Índia, quando António Gomes pediu a D. João III que o nomeasse capelão real sem estipêndio. De 1544 a 1549 foi tesoureiro da Sé de Goa (SCHURHAMMER, *Quellen* 1316, 1543, 2557, 2564; *Doc. Indica* I Índice).

[5] Gabriel Fermoso, francês, já em 1539 era capelão da igreja de Nossa Senhora da Luz em Goa (SCHURHAMMER, *Quellen* 408). Em 1546 exercia o cargo de capelão em casa do Governador Martim Afonso de Sousa, com quem naquele ano embarcou para Portugal, tendo voltado para Goa dois anos depois (*ibid.* 4056).

que pois é vigário de Nossa Senhora da Luz[6], tome muita luz para si, porque no tempo em que eu o conheci pouca tinha[7].

3. Se houver Padres em casa, muitos, que possam ensinar fora de casa as orações aos meninos e escravos e escravas, mandareis que vão ensinar pelas outras igrejas as orações, às horas costumadas: como na Misericórdia[8] e nas outras igrejas. Aos domingos, em lugar das orações, pregarão aos meninos e escravos a vida de um santo. A António Gomes, direis que ensine as orações na Sé ou noutra igreja. Eu mais folgaria que fosse na Sé. E tende muita vigilância em que se ocupem nisto todos os dias. Se alguns pregadores houver em casa, fareis que sejam eles os que as ensinem, para que preguem por exemplo e dêem aos que não são pregadores bom odor de si, falando o português como o falam os escravos[9], da maneira que eu o fazia quando aí estava. Quando me escreverdes, me escrevereis sobre isto.

4. Se aí forem dois bonzos, que este ano vão a Malaca, trabalhai muito com eles em os agasalhar com os portugueses, olhando mui-

---

[6] Esta igreja, hoje em ruínas, foi construída no tempo de D. Manuel e em 1543 foi elevada a paróquia. Estava situada ao sul da cidade, perto do colégio de S. Paulo. Nela se fundou em 1541 a Irmandade da Santa Fé (CORREA, *Lendas da Índia* IV 289; SCHURHAMMER, *Quellen* 821 849 2472).

[7] Em Novembro de 1548, escrevia dele o Bispo: «… dei-lhe a vigararia de Nossa Senhora da Luz, por amor do Governador, e foi com ele a Portugal e de lá tornou capelão de V. A. e protonotário feito por o Núncio que está em Lisboa. De maneira que está isento de mim e imediato ao Papa; come o benefício que eu lhe dei… Há-me requerido que quer trazer roquete nas procissões gerais. E este encetou a pipa primeiro que ninguém… é um grande dano para exemplo dos outros, porque a terra de seu natural é vã e não quer sujeição» (SCHURHAMMER, *Quellen* 4056; CROS, *Saint François Xavier* I 401).

[8] A igreja da Misericórdia, situada no meio da cidade, entre o palácio do Governador e a igreja de Nossa Senhora da Luz, construída em 1520 e reedificada em 1559, está actualmente em ruínas (SALDANHA II 145; FERREIRA MARTINS, *História da Misericórdia de Goa* I 150).

[9] Cf. A. COELHO, *Os dialectos românicos ou neo-latinos na Africa, Ásia e América* (Boletim da Soc. de Geographia de Lisboa 1880, 129-196; GIL VICENTE, *O Clérigo da Beira*).

to por eles, mostrando-lhes muito amor, como eu fazia a Paulo[10] quando aí estava. É que é gente que só por amor se quer levar: não entreis em nenhuns rigores com eles. Se eles ficarem em Malaca, fazei que os Padres que hão-de vir para o Japão, venham providos do necessário, assim para os próprios Padres como para eles, pois têm necessidade deles para *topazes*. Os Padres que vierem, venham bem providos de vestidos de panos de Portugal e de calçado, porque aqui morremos de frio.

Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.

De Cangoxima, a cinco de Novembro de 1549.
Vosso em Cristo caríssimo Irmão,
FRANCISCO

[10] Xavier, habituado aos calores tropicais do sul da Ásia, não ia prevenido para os frios do Japão.

93
AO PADRE ANTÓNIO GOMES (GOA)

Kagoshima, 5 de Novembro 1549
Duma cópia em castelhano, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Tenha especial cuidado de si mesmo. – 2. Cartas que deseja. Urja a partida dos novos missionários para o Japão. – 3-4. Para que não se alterem as suas ordens, manda em virtude de obediência que enviem os que designou e indica quem os substitua em caso de morte. – 5-7. Negócios que podem interessar os mercadores portugueses a trazerem os missionários ao Japão. – 8-10. Melhor época para a navegação. Inconvenientes de qualquer demora na China. – 11. Comunicar as notícias do Japão também aos missionários dispersos pela Índia. Recados diversos. – 12. Recomenda os bonzos japoneses que vão visitar a Índia. Amor ao senhor Bispo e Vigário geral. – 13. Procure ser amado. Dê catequese à gente simples. Conte-lhe alguma coisa da sua vida interior.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

1. Uma vez que tão longamente escrevo na outra carta[1], não há por que nesta vos escreva, a não ser uma coisa: é que continuamente vos tenho diante dos meus olhos, desejando-vos porventura mais bem espiritual do que vós vos desejais. Encomendo-vos muito, mais que a todos os Irmãos que estão na Índia, que tenhais especialmente cuidado de vós mesmo. Não vos descuideis em coisa que tanto importa; porque se desta vos descuidais, não espero encarregar-vos de nenhuma coisa. Mas se disto estiver certo que tendes contínua memória, muito espero de vós para, dentro de algum tempo, vos escrever que venhais para Meaco ou para Bandu cumprir os vossos santos desejos.

---

[1] Xavier-doc. 90.

2. De todos os Irmãos da Índia e de Portugal e de Roma me escrevereis, muito por miúdo, acerca do fruto que fazem, porque com as vossas cartas nos consolaremos muito. Assim como eu escrevo longamente, pagai-me na mesma moeda.

Dareis ordem para que os Irmãos que hão-de vir para o Japão, se despachem o mais breve que ser puder, e bem, como vós o sabeis fazer quando vos dispondes a isso.

3. O Padre Cosme de Torres, vosso amigo, vos escreve. Com suas piedades, muitas coisas vos deseja que não vos pertencem. Tudo se fará a seu tempo. Para maiores coisas vos guardo do que as que vós, ou o Padre convosco, desejais! Não tardará muito que, antes de três anos, vos escreva para que venhais a residir nalguma destas grandes universidades, onde porventura vivereis mais consolado e fareis mais fruto do que o que na Índia fazeis – e mais consolado que pensais. Para que não vos descuideis em coisa que tanto importa, como é a da vinda dos Irmãos, aos quais escrevo que por obediência venham[2]; e para que, com algum amor e afeição que lhes tendes, não ponhais outros em seu lugar; e para que mais mereçais em carecer deles, vos mando, em virtude de obediência, que o cumprais assim. Pelas naus que partem de Goa para Ormuz em Março, ou o mais depressa que puderdes, mandareis uma cópia da carta grande[3] e uma obediência destas[4] que aqui junto a Mestre Gaspar para que venha logo: para que no ano seguinte embarque com os outros, partindo daí em Abril como nós partimos.

4. Se algum destes tiver morrido, virá em seu lugar aquele que ao Padre *Micer* Paulo e a vós vos parecer bem: virá em virtude de obediência para que mais mereça. Os que vierem para cá, parece-me que seria bem que trouxessem dois leigos, ou pelo menos um: pessoas de quem muito se pudesse confiar, para serem activos e fazerem tudo

---

[2] Xavier-doc. 91.

[3] Xavier-doc. 90.

[4] Xavier-doc. 91.

aquilo que for necessário corporalmente em todas as coisas de humildade. Por isso vos torno outra vez a encarregar que sejam pessoas de muita confiança, porque a terra é muito perigosa a maravilha.

5. Fazei com que o Governador mande, pelos Padres, quando vierem, algumas peças e presentes para o rei do Japão com uma carta: é que confio em Deus que, se este se convertesse à nossa santa fé, se havia de suceder muito proveito temporal para o rei de Portugal, fazendo-se uma feitoria em Sakai, que é porto muito grande e uma cidade onde há muitos mercadores e muito ricos, e muita mais prata e ouro que em nenhuma outra parte do Japão[5]. Pela experiência que tenho da Índia, não confio assim tanto que, só por amor de Deus, mandem um navio com os Padres sem outra finalidade.

6. Bem poderá ser que me engane, do qual eu folgaria. Por isso tereis esta maneira de despachar os Padres: o Senhor Governador a algum parente seu ou amigo, a quem deseja fazer muita mercê, quererá dar muito ganho dando-lhe licença para mandar um navio ao Japão que traga os Padres. Por isso escrevo esse rol de coisas que muito valem no porto de Sakai, que está a duas jornadas de Meaco por terra.

7. Ganhará [aqui] muita prata e ouro, quem trouxer os Padres, se trouxer as mercadorias que vão nesse rol[6]. Desta maneira poderão vir os Padres muito bem e muito seguros, porque esse navio virá muito artilhado[7] e provido de tudo o necessário.

8. Dou-vos um aviso para que os Padres venham, em breve tempo, até ao Japão. O navio que daí vier, terá de partir de Goa em Abril

[5] Sakai (Isumi) era, em fins do séc. XVI, o principal empório do Japão. Xavier, em 1551, calculava em mais de 1.000 mercadores os que possuíam uma fortuna superior a 30.000 cruzados (SCHURHAMMER, *Quellen* 6063). Em 1615, quando Hiedeyoshi a incendiou, tinha uns 60.000 habitantes (PAPINOT, *Dictionary of Japan* 530).

[6] Perdeu-se este rol.

[7] Defendido contra os piratas chineses.

com toda a carga[8] e, em Junho, terá de partir de Malaca, carregando aí todos os mantimentos necessários. De nenhuma maneira há-de aportar na China à espera de fazer fazenda nela, ou de carregar mantimentos, a não ser água nalgumas ilhas: de rota batida há-de vir ao Japão. É que, se aportar na China para fazer fazenda nela, haveis de saber que terá de contar com dezasseis meses de Goa ao Japão; ao passo que, se não aportar à China, em quatro meses e meio chega ao Japão.

9. Por isso, é preciso que o navio que trouxer os Padres não traga muita pimenta, mas, quando muito, até oitenta bares[9]. É que, trazendo pouca, vendê-la-ão muito bem no Japão e ganharão muito dinheiro, como tenho dito, vindo ao porto de Sakai.

10. Olhai por serdes muito precavido em que a licença, que o Governador der a quem trouxer os Padres, seja com a condição de não aportar na China para fazer fazenda nela, porque gastarão muito tempo em chegar ao Japão: é que, se da China não partirem para o Japão no primeiro de Agosto, não há monção senão daí a um ano. Isto há-de prometer o capitão do navio ao Senhor Governador: de não fazer fazenda na China, à vinda.

11. Aos Irmãos do Cabo de Comorim, mandareis uma cópia da carta grande. Quando tivermos experiência de Meaco, então vos escreverei muito longamente, assim a vós como aos Irmãos de Coimbra e aos Padres de Roma. A Domingos Carvalho, se não é de Missa, pedireis ao Senhor Bispo que o ordene. Tereis muita amizade com Rui Gonçalves[10], porque é procurador dos cristãos do Cabo de Comorim, e os Padres da nossa Companhia que lá estão têm muita necessidade do favor de Rui Gonçalves. Do Padre Melchior Gonçalves, do colégio de Baçaim, e dos frades que estavam com

---

[8] Para negociar.

[9] Oitenta *bares* de pimenta equivaliam, na Índia, a 976 cruzados e, no Japão, ao triplo (cf. Xavier-doc. 83,3).

[10] Rodrigo Gonçalves de Caminha.

ele ou mais que tenham vindo de Portugal, e se aquele colégio fica para a Companhia[11], disso tudo me fareis saber muito por miúdo. Também do Padre Nicolau[12], do fruto que faz em Coulão, e se faz aquela casa tão necessária para a doutrina dos filhos dos cristãos do Cabo de Comorim e para os Padres que andam naquelas partes[13]. Em tudo o que puderdes ajudar os ajudareis, assim com o Senhor Governador como com o Vedor da fazenda e com alguma ajuda de casa. Também me fareis saber se vieram de Portugal alguns pregadores da nossa Companhia, e quantos e as qualidades deles. Se vieram pregadores, provede a cidade de Cochim e de Diu, pois têm tanta necessidade. Isto tudo que vos escrevo, será dando parte a *Micer* Paulo, e com o seu parecer e obediência irão.

12. Aí vão dois bonzos japoneses, os quais estiveram nas universidades de Meaco e Bandu: tratá-los-eis com muito amor, porque os japoneses assim se querem.

Sede muito grande amigo do Senhor Bispo e do Vigário geral[14], tendo-lhes muita obediência pois são nossos maiores. Por bem e com muita humildade, tudo acabareis com eles. Ponde muito grande diligência na vinda dos Padres. Eu esforçar-me-ei, para o ano, em vos escrever de Meaco. Nosso Senhor vos dê tanto bem espiritual e glória no outro mundo, quanto eu para mim desejo.

De Cangoxima, a 5 de Novembro de 1549 anos.

---

[11] Em fins de 1548, Xavier, a pedido dos franciscanos de Baçaim, tinha enviado para lá Belchior Gonçalves, para administrar o colégio a que o Rei dera uma fundação de 3.000 pardaus, visto os franciscanos recolectos terem reparo em tocar naquele dinheiro. Mas em 1549 foi dada metade aos jesuítas para fundarem eles um colégio, ficando a outra metade para a Missão dos franciscanos (SCHURHAMMER, *Quellen* 4276 4315; cf. Xavier-doc. 79,10).

[12] Lancillotto.

[13] Escrevia Lancillotto em 1550 que em Coulão se tinha começado o colégio com 50 alunos (*Doc. Indica* II 15).

[14] Doutor Ambrósio Ribeiro, que sucedeu no cargo a Pedro Fernandes Sardinha em 1548. Desde 1553, por morte do senhor Bispo, foi provisor diocesano e,

13. Por amor de Nosso Senhor vos rogo que vos façais amar muito de todos os Irmãos da Companhia, assim dos que estão em casa como, por cartas, [dos que estão] fora.

Também ensinareis orações em alguma igreja. Eu folgaria que fosse na Sé: pregando nos domingos e festas, depois de almoçar, aos escravos e cristãos os artigos da fé em língua que vos entendam, como eu fazia quando aí estava[15], e isto para que deis exemplo aos outros.

Rogo-vos muito que, particularmente, me escrevais coisas interiores vossas, pois sabeis quanto folgarei, tirando-me de um grande cuidado em que vivo. Entre outras muitas, folgaria de saber que todos os Irmãos da Companhia vos amam muito, assim os que estão em casa como fora: é que não estarei satisfeito em que vós os amais, senão em saber que deles sois amado.

FRANCISCO

---

de 1556 a 1557 dirigiu em Goa o processo de canonização de Xavier no qual foi também testemunha (MX II 173; 109-11; 218).

[15] Cf. Xavier-doc. 92,3.

94
A D. PEDRO DA SILVA (MALACA)

Kagoshima, 5 de Novembro 1549
Cópia em português, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Chegada ao Japão e bom acolhimento pelo povo. – 2-3. Primeiras conversões por apostolado de Paulo (Anjirô) e esperanças que se abrem. – 4. À espera de monção para ir à capital, cidade enorme como Lisboa. – 5. Esperanças missionárias que ficarão a dever-se à ajuda de D. Pedro. – 6. Perspectivas de boas relações comerciais entre o Japão e Portugal. – 7. Plano de uma igreja de Nossa Senhora em Meaco e «negócio» de cento por um para benfeitores. – 8-9. Morte do pirata que o trouxe ao Japão e recomendação de japoneses que vão conhecer Malaca.

Senhor

1. Com a muita ajuda e favor que Vossa Mercê nos deu, assim em nos dar tão abundantemente o necessário [para nós], como para dar presentes a estes senhores, e em nos dar tão bom navio para fazermos a nossa viagem, chegámos ao Japão, no dia de Nossa Senhora de Agosto. [Aportamos] em paz e saúde, ao lugar de Paulo da Santa Fé[1], no qual fomos recebidos pelo capitão, pelo alcaide e por todo o povo com muito amor.

2. Paulo, nosso bom companheiro, deu-se tão boa pressa em pregar, de noite e de dia, aos seus parentes, que tem convertido a sua mãe e mulher, parentes e parentas, e outros muitos conhecidos, os quais são já cristãos.

3. A terra está muito disposta para nela se fazer fruto nas almas: não estranharam, até agora, o fazer cristãos. É gente chegada à razão.

---

[1] Cf. Xavier-doc. 96,1.

Como, por suas ignorâncias, vivem em muitos erros, a razão, entre eles, tem valia, o que não teria se reinasse neles a malícia.

4. Por não ter monção, deixámos de ir a Meaco, onde o rei do Japão e os maiores senhores do reino estão. Daqui a cinco meses é a nossa monção para que possamos ir: com a ajuda de Nosso Senhor, servindo-nos os ventos, faremos [então] a nossa viagem. Tantas coisas nos dizem de Meaco, que por verdadeiras as terei [só] quando tiver experiência delas. Dizem que a cidade tem noventa e seis mil casas[2]. Dos portugueses que a viram, disse-me cá no Japão um deles, que era maior que Lisboa: casas todas de madeira e com sobrados como as nossas. O ano que vem, pela experiência que tiver, escreverei a Vossa Mercê. Espero em Jesus Cristo que em grande parte do Japão se hão-de fazer cristãos, porque são gente de razão.

5. O fruto que se fizer, será por Vossa Mercê ter dado ordem, assim nas suas cartas como na embarcação que nos deu, e [dado as] peças ricas que manda para o rei[3]. Espero em Deus que o que o Senhor Conde Almirante, seu pai[4], começou[5], Vossa Mercê há-de ser causa que venha a lume[6]. A maior parte do merecimento com Deus será o de Vossa Mercê, pois o da Índia todo é temporal[7]. Isto escrevo a Vossa Mercê para que seja em grande conhecimento da mercê que Deus lhe faz, pois é causa deste bem. E por ser a intenção de Vossa Mercê tão boa para acrescentar a nossa santa fé nestas partes, há-de vir muito proveito ao Rei.

6. Porque em Sakai, que é o principal porto do Japão, a duas jornadas de Meaco por terra, prazendo a Deus, se fará uma feitoria

---

[2] Cf. Xavier-doc. 90,53.

[3] Acabou por dá-las ao duque de Amanguche (cf. Xavier-doc. 96,16).

[4] D. Vasco da Gama, conde de Vidigueira.

[5] D. Vasco da Gama, descobrindo em 1497-1498 o caminho marítimo para a Índia, iniciou também a conversão do Oriente.

[6] A conversão do Japão.

[7] Comercial (cf. Xavier-doc. 93,5-7).

de muito proveito temporal: é que este porto de Sakai é o mais rico do Japão, aonde acode mais e a maior soma de prata e de ouro do reino. Eu terei bom cuidado de trabalhar com o rei do Japão para que mande um embaixador à Índia: para ver a grandeza dela e as coisas de lá de que eles carecem, para que por esta via se trate entre o Governador e o rei do Japão como fazer a dita feitoria.

7. Vivo muito confiado em que, antes de dois anos, possa escrever a Vossa Mercê que temos em Meaco uma igreja de Nossa Senhora[8], para que, os que vierem ao Japão, nas tempestades do mar se encomendem a Nossa Senhora de Meaco. Se Vossa Mercê confiar em mim, fazendo-me seu feitor nestas partes da fazenda que mandar[9], eu lhe asseguro uma coisa: que fará de um, mais de cento, por uma certa via que nenhum capitão de Malaca até agora fez, que será dando-o todo aos pobres cristãos que se farão. O ganho estará bem seguro, sem correr nenhum risco, pois é certo que quem dá um por Cristo, [Ele] lhe tem guardado cento na outra vida. [Mas] vivo com temor, parecendo-me que Vossa Mercê não esteja bem com tanto ganho. Este mal têm os capitães de Malaca: que não são amigos de tão grandes bens.

8. O *Ladrão*[10] morreu aqui em Cangoxima. Foi-nos bom em toda a viagem, e nós não lhe pudemos ser bons, pois morreu em sua infidelidade. Nem depois de morto lhe podemos ser bons, encomendando-o a Deus, por estar sua alma no inferno.

Aí vão muitos japoneses[11], pelas boas novas que Paulo cá semeia das muitas virtudes dos portugueses. A Vossa Mercê, pelo muito que

---

[8] A igreja de Nossa Senhora de Meaco foi, finalmente, edificada em 1575 (FROIS, *Die Geschichte Japans* 465-466).

[9] Para a Missão.

[10] Avân, capitão do junco chinês que levou Xavier e os primeiros missionários jesuítas ao Japão (Kagoshima) (cf. Xavier-doc. 84,2).

[11] Afinal só quatro chegaram a Malaca (cf. Xavier-doc. 90,57).

deve a Deus e à fidalguia deles, lhe peço muito que lhes faça honra, mandando-os agasalhar em casas de portugueses ricos e abastados: para que lhes façam honra e gasalhado e daí voltem cristãos, dizendo tanto bem dos portugueses como diz Paulo.

9. Domingos Dias[12], portador da presente, é muito meu amigo e eu seu, pela muito boa companhia que nos fez na viagem. Muita mercê me fará Vossa Mercê em lhe pagar por mim o muito que lhe devo.

Nosso Senhor lhe acrescente os dias da vida por muitos anos e o leve a Portugal como Vossa Mercê e a senhora sua mulher[13] desejam.å

De Cangoxima, a 5 de Novembro de 1549 anos
Seu verdadeiro servidor e amigo d'alma
FRANCISCO

Postscriptum: Aos bonzos que aí vão, peço muito a Vossa Mercê, por amor de Nosso Senhor, que lhes seja bom em mandá-los agasalhar e dar o necessário, pois vão com desejos de aprender a lei de Cristo[14] para depois fazer fruto nos japoneses.

---

[12] Regressou do Japão no *junco* de Avân e chegou a Malaca a 2 de Abril de 1550. Nada mais se sabe dele. Não confundir com outro Domingos Dias, armado cavaleiro por D. João de Castro em 11 de Agosto de 1547 e que, em Outubro de 1549, já tinha regressado a Portugal (SCHURHAMMER, *Quellen* 3239; 4277).

[13] D. Inês de Castro, filha de D. João de Castro, senhor de Roriz (ANDRADE LEITÃO 10,27).

[14] Os quatro japoneses chegados a Malaca receberam o baptismo no dia da Ascensão, 15 de Maio de 1550. Três deles voltaram logo ao Japão; o quarto ficou em Malaca (SCURHAMMER, *Quellen* 4540; *Doc. Indica* II 110; 182-183).

95
AO PADRE FRANCISCO PÉREZ (MALACA)

Estreito de Singapura, por 24 de Dezembro 1551
Duma cópia em castelhano, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Está a chegar do Japão, onde ficou o P. Torres e o Ir. Juan Fernández. – 2. Prepare-lhe tudo em Malaca para seguir na primeira nau para a Índia.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Há trinta e nove dias que parti do Japão[1], onde a fé de Jesus Cristo Nosso Senhor vai em grande crescimento. Numa cidade muito principal do Japão[2], fica Cosme de Torres e Juan Fernandez, com os que se fizeram cristãos e fazem cada dia.

2. Mandai logo António[3] nalgum *balão*[4], para me fazer saber se há algum navio que esteja de partida para a Índia. E, se estiver prestes algum navio, falai ao senhor capitão, rogando-lhe que aguarde

---

[1] A 16 de Novembro.

[2] Yamaguchi.

[3] Refere-se a António, japonês, baptizado em 1548 em Goa, juntamente com Paulo Anjirô e João. Oriundo de Kagoshima, entregue em 1548 pelos mercadores portugueses a Xavier, converteu-se ao cristianismo e no colégio de S. Paulo (Goa) aprendeu a ler e escrever português com os outros dois companheiros japoneses. No Japão, em tempo de guerra, foi a ele que Cosme de Torres enviou, de Yamaguchi, como delegado a Naitô, seu grande amigo, e depois a Bungo com uma carta para Xavier. Com esta carta o enviou Xavier de Singapura a Malaca à sua frente. Em 1552 regressou, como intérprete de Gago e Alcáçova, de Malaca a Yamaguchi (Xavier-doc. 70,8; 82,2; 127,1; SCHURHAMMER , *Disputationen* 64; 84).

[4] Balão: «pequena e ligeira embarcação de remos, de base monoxila» (DALGADO, *Glossário* I 85-86).

mais um dia, pois no domingo, por todo o dia, espero estar em Malaca. Daí me mandareis João Bravo somente, dos de casa: virá com António. Dareis ordem para me buscarem o necessário para a minha matalotagem até à Índia, se estiver o navio a querer partir: é que importa muito ao serviço de Deus ir cedo à Índia para logo tornar em Maio. E pois cedo nos veremos e nos consolaremos muito no Senhor, não digo mais.

Todo vosso no Senhor
FRANCISCO

96
AOS SEUS COMPANHEIROS DA EUROPA

Cochim, 29 de Janeiro 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Chega ao Japão. – 2-3. O Japão e seus habitantes. – 4-12. Bonzos e bonzas. Seitas religiosas e suas crenças. – 13. Em Kagoshima. Hostilidade dos bonzos. Redacção dum catecismo sumário em japonês. 14. A ilha de Hirado e a cidade de Yamaguchi. – 15. Na capital Miyako. Guerra civil. –16-22. De novo em Yamaguchi. Apresentação de credenciais e prendas ao duque e licença para evangelização. Disputas com os bonzos. – 23-25. A doutrina do inferno aterra os japoneses. – 26-34. Mosteiros budistas, vida e doutrina dos bonzos. – 35. Desconhecimento de quaisquer indícios cristãos anteriores no Japão. – 36. Chamado ao reino de Bungo. – 37-39. Guerra civil na região de Yamaguchi, suicídio do duque e sucessor vindo de Bungo. – 40-41. De Bungo resolve vir à Índia. – 42-45. Universidades do Japão e modo de as converter à fé. – 45-46. Cosme de Torres e Juan Fernández ficam no Japão enquanto ele vem à Índia. – 47-49. Espírito curioso dos japoneses. – 50-52. Influência cultural da China no Japão. Importância da sua evangelização. – 53-55. Ao chegar à Índia sente-se com saúde e forças para mais. Consolações missionárias. Tenta doutores e prebendados da Europa à missão do Japão e China. – 56 – Razão de escrever tão desordenadamente esta carta.

IHS

A graça do Espírito Santo seja sempre em nossas almas. Amen.

1. No ano de 1549, a vinte de Agosto[1], chegámos ao Japão, todos de paz e de saúde, desembarcando em Cangaxima, que é um lugar donde eram naturais os japoneses que nós levávamos[2]. Fomos recebidos da gente da terra muito benignamente. Principalmente dos

---

[1] Noutra carta diz que chegou a 15 de Agosto (cf. Xavier-doc. 90,11).

[2] Paulo (Anjirô), António e João.

parentes de Paulo, japonês, os quais quis Deus Nosso Senhor que viessem ao conhecimento da verdade. E assim, perto de um cento se fizeram cristãos, no tempo em que estivemos em Cangaxima. Folgaram os gentios em ouvir a lei de Deus, por ser coisa que nunca ouviram nem jamais tiveram conhecimento dela.

2. Esta terra do Japão é muito grande em extremo: são ilhas. Em toda esta terra não há mais que uma língua, e esta não é muito difícil de tomar. Há oito ou nove anos que estas ilhas do Japão foram descobertas pelos portugueses[3]. Os japoneses são gente de muita opinião, em lhes parecer que em armas e cavalarias não há outros como eles. Gente é que tem em pouco toda a outra gente estrangeira. Prezam muito as armas. Têm-nas em muito grande estima e de nenhuma coisa tanto se prezam como de ter boas armas, muito bem guarnecidas de ouro e prata. Continuamente trazem espadas e punhais, em casa e fora de casa: mesmo quando dormem as têm à cabeceira.

3. Confiam mais nas armas que quanta gente tenho visto em minha vida. São muito grandes flecheiros[4]. Pelejam a pé, ainda que haja cavalos na terra. É gente de grande cortesia entre eles, embora com estrangeiros não usem aquelas cortesias, porque os têm em pouco. Em vestidos, armas e criados, gastam tudo quanto têm, sem guardar tesouros. São muito belicosos e vivem sempre em guerras: quem mais pode é maior senhor. É gente que tem um só rei; porém há mais de cento e cinquenta anos que lhe não obedecem[5]; por esta causa continuam as guerras entre eles.

---

[3] As ilhas Ryûkyû descobriram-nas os portugueses em 1542 e o Japão em 1543 (cf. SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 65-74).

[4] Cf. SCHURHAMMER, *Der hl. Franz Xaver* 160.

[5] A época das guerras civis e do enfraquecimento do poder imperial começou no Japão em 1338, desde que começaram a dominar os príncipes chamados Shoguns Ashikagas.

4. Há na terra grande número de homens e mulheres que fazem profissão de religião. Os homens, chamam-se entre eles bonzos. Destes, há de muitas maneiras: uns de hábitos pardos[6] e outros de hábitos pretos[7]. Entre eles há pouca amizade, porque os bonzos dos hábitos pretos querem grande mal aos dos hábitos pardos, dizendo que os dos hábitos pardos sabem pouco e vivem mal. Entre as mulheres, há umas bonzas de hábitos pardos e outras de hábitos pretos. As dos hábitos pardos estão à obediência dos bonzos do mesmo hábito; e as do hábito preto, à obediência dos bonzos do mesmo hábito. Destes bonzos e bonzas, há grandíssimo número no Japão, coisa para não se poder crer senão vendo-o.

5. Afirmaram-me pessoas de muita verdade, que há um duque no Japão, em cujas terras há oitocentos mosteiros de frades e freiras e que, cada um destes, não tem menos de trinta pessoas; e que, afora estes oitocentos mosteiros, há outros de quatro, seis, oito pessoas. Eu, pelo muito que tenho visto de Japão, creio ser assim.

A *lenda* da seita que eles crêem, veio de uma terra firme, que está perto do Japão, a qual se chama China. Têm eles escrituras acerca de homens que fizeram grandes penitências – a saber, de mil, dois mil, três mil anos de penitência – cujos nomes são Xaca[8] e Ameda[9] e outros muitos; porém os mais principais são Xaca e Ameda.

---

[6] A maioria dos *bonzos pardos* pertencia à seita *Ikkô* (cf. Xavier-doc. 90,17); mas havia-os também da seita *Shingon.*

[7] Os *bonzos negros* vestem uma túnica interior branca e, por cima, outra negra ou violácea, ajustada e mais curta: pertenciam principalmente à seita *Zen* (cf. Xavier-doc. 89,17. Com a mesma indumentária se apresentavam outros bonzos de seitas diferentes, como da *Hokke* e da *Jôdo* (SCHURHAMMER, *Das Stadtbild* 150; 161).

[8] Shaka (Sâkyamuni), ou seja Buda, fundador do budismo.

[9] Amida (Amitâbha), Buda supremo do paraíso da terra pura de Ocidente. Não é pessoa histórica, mas uma abstracção filosófica: Buda sem princípio, do qual nasceram todos os Budas. Este é o Buda que veneram no Japão principalmente os da seita Jôdo: deus pessoal, único salvador, centro do seu culto.

6. Há nove maneiras de *lendas*[10], diferentes umas das outras. Assim homens como mulheres, cada um segundo a sua vontade, escolhe a lenda que quer. A ninguém constrangem que seja mais de uma seita que de outra. De maneira que há casas em que o marido é duma seita e a mulher de outra e os filhos de outra. Isto não se estranha entre eles, porque cada um escolhe à sua vontade. Há diferenças entre eles e porfias em parecer-lhes que umas são melhores que outras e sobre isto muitas vezes há guerras.

7. Nenhumas destas nove seitas falam na criação do mundo nem das almas[11]. Todos dizem que há inferno[12] e paraíso[13]; porém, ninguém explica que coisa é paraíso, nem menos por cuja ordenação e mandado vão as almas para o inferno[14]. Estas seitas somente tratam que os homens que as fizeram foram de grandes penitências – a saber, de mil e dois mil e três mil anos – e que, estas penitências que fizeram, era havendo respeito à perdição de muita gente que não fazia nenhuma penitência dos seus pecados; e que, por respeito destes, faziam eles tanta penitência para que lhes ficasse algum remédio[15].

8. O principal destas seitas é dizerem eles que, todos aqueles que não fizeram penitência pelos seus pecados, se chamarem por estes Fundadores destas seitas, eles os livrarão de todos os trabalhos, ainda que não façam penitência. Mas isto, se, com grande fé sem pôr

---

[10] Podem-se designar como as nove seitas principais: Tendai, Shingon, Yûdzû--Nembutsu, Jôdo, Rinzai-Zen, Sôtô-Zen, Ikkô Jokke, Ji.

[11] O budismo não admite alma pessoal e imortal.

[12] O inferno dos budistas não é eterno.

[13] Sobre o paraíso dos budistas pode ver-se SCHURHAMMER, *Sprachproblem* 34-36.

[14] Insinua aqui Xavier a principal dificuldade do budismo, a cujo panteísmo repugna que haja inferno e o mal como tal.

[15] Refere Frois em 1565 que, segundo os escritos japoneses, Amida fez milhões e milhões de penitências e meditou tantos milhares de anos que génio algum humano pode contar, e prometeu solenemente salvar os povos. Por conseguinte, quem invoca o seu nome, salva-se. Shaka, segundo os mesmos escritos, veio ao mundo oitenta mil vezes (cf. SCHURHAMMER, *Disputationen* 48-49; 58).

nenhuma dúvida, chamarem por eles, pondo toda a sua esperança e confiança. Prometem-lhes até que, ainda que estejam no inferno, se chamarem por eles, os livrarão[16]. Há nestas seitas muitas fábulas de milagres, que fizeram os Fundadores delas, as quais seria longo de contar. Por isso, as deixo de escrever.

9. Entre estas seitas há umas que põem trezentos mandamentos e quinhentos, e outras assim. Concordam todas em dizer que cinco mandamentos são necessários. O primeiro, é não matar nem comer coisa que padeça morte; o segundo, não furtar; o terceiro, é não fornicar; o quarto, não mentir; o quinto, não beber vinho. Todas as seitas têm estes mandamentos[17]. Os bonzos e as bonzas, explicando estas seitas ao povo, persuadiram-no que não podia guardar estes cinco mandamentos: é que eram homens que conversavam o mundo e que [por isso] os não podiam guardar.

10. E que, para isto, queriam eles tomar sobre si o mal que lhes viesse de não guardar estes cinco mandamentos, com esta condição: que o povo lhes desse casas e mosteiros e rendas e dinheiro para as suas necessidades e, sobretudo, que os acatassem e honrassem muito; e que, se isto fizessem, eles guardariam os mandamentos por eles[18]. E assim, os grandes e o povo, para usar da liberdade para pecar, concederam aos bonzos e às bonzas o que pediram. Assim [é que], no Japão, são muito acatados estes seus Padres e as bonzas. Tem para si, o povo, por muito certo que estes bonzos e freiras têm poder para tirar as almas que vão para o inferno, pois se obrigaram, por respeito deles[19], a guardar os mandamentos e a fazer outras orações.

11. Esta maneira de Padres, pregam ao povo certos dias. Em todas as suas pregações, o principal ponto que pregam é: que não

---

[16] Isto acreditavam principalmente os da seito Jôdo, invocando a Amida (SCHURHAMMER, *Disputationen* 49).

[17] Cf. HAAS, *Geschichte* 133; 290.

[18] Cf. HAAS, *o.c.* 133-134.

[19] Das pessoas do povo.

duvidem por nenhuma coisa, ainda que tenham feito e façam muitos pecados, de que aquele santo da lei que escolheram os livrará do inferno, ainda que [para] lá vão, se os bonzos rogarem por eles, pois guardam os cinco mandamentos. E estes bonzos pregam ao povo de si mesmos que são santos, porque guardam os cinco mandamentos. E mais pregam: que os pobres não têm nenhum remédio para sair do inferno, pois não têm esmola que dar aos bonzos.

12. Pregam mais: que as mulheres que não guardam estes cinco mandamentos, não têm nenhum remédio para sair do inferno. E dão como razão que cada mulher tem mais pecados do que têm todos os homens do mundo, por causa da purgação, dizendo que coisa tão suja como mulher dificilmente se pode salvar. Porém, vêm por derradeiro a dizer que, se as mulheres fizerem muitas esmolas, mais que os homens, sempre lhes fica remédio para sair do inferno. Mais pregam: que as pessoas que aos bonzos nesta vida derem muito dinheiro, lá no outro mundo por um lhes darão dez, e na mesma moeda de dinheiro, para as necessidades que lá tiverem no outro mundo. E há muitas pessoas, assim homens como mulheres, que têm dado aos bonzos muito dinheiro, para no outro mundo lhes ser pago. E os bonzos dão disto conhecimento aos homens e mulheres, de quem recebem o dinheiro, para lho pagar no outro mundo. Tem para si o povo, que dá este dinheiro aos bonzos à onzena, e recebem conhecimento; e, quando morrem, mandam-se enterrar com o conhecimento, dizendo que o diabo foge daquele conhecimento. Enganos pregam estes bonzos, que é piedade escrevê-los. Eles nunca fazem esmola, mas querem que todos lha façam a eles. Têm hábitos, modos e maneiras de tirar dinheiro das gentes, os quais deixo de escrever para evitar prolixidade. Grande piedade é ver quanto crédito o povo dá às coisas destes, e o grande acatamento que lhes tem.

13. Agora direi o que nos sucedeu no Japão. Primeiramente chegámos à terra de Paulo, como acima disse, que se chama Cangoxima, onde, pelas muitas pregações que Paulo pregou aos seus parentes, se fizeram perto de cem cristãos; e se fariam quase todos os da terra, se

os Padres da terra não lhes fossem à mão. No dito lugar estivemos mais de um ano. Disseram estes bonzos ao senhor da terra[20], que é um duque de muitas terras, que se ele consentisse que os seus vassalos tomassem a lei de Deus, se perderia a terra e ficariam os seus pagodes destruídos e desacatados da gente, porque a lei de Deus era contrária às suas leis, e as gentes que tomassem a lei de Deus perderiam a devoção que tinham primeiro aos santos que fizeram suas leis. Acabaram os bonzos com o duque da terra que mandasse, sob pena de morte, que nenhum se fizesse cristão. E assim o mandou o duque: que ninguém se fizesse da lei de Deus.

Neste ano que estivemos no lugar de Paulo, ocupámo-nos em doutrinar os cristãos, em aprender a língua, e em traduzir muitas coisas da lei de Deus em língua do Japão, a saber: acerca da criação do mundo, com toda a brevidade, explicando o que era necessário para eles saberem como há um Criador de todas as coisas, do qual eles não tinham nenhum conhecimento; além disso, outras coisas necessárias, até vir à encarnação de Cristo, tratando a vida de Cristo por todos os mistérios até à ascensão; e [por fim] uma explicação do dia de Juízo. Este livro, com muito trabalho, tirámos na língua do Japão e o escrevemos em letra nossa. Por ele líamos aos que se faziam cristãos, para que soubessem como haviam de adorar a Deus e a Jesus Cristo para se haverem de salvar.

Folgavam muito os cristãos e os que não eram cristãos de ouvir estas coisas, por lhes parecer que esta era a verdade, porque os japoneses são homens de muito singulares engenhos e muito obedientes à razão. Se se deixavam de fazer cristãos era por temor do senhor da terra e não porque não reconheciam que a lei de Deus era verdadeira e as suas leis falsas.

14. Passado o ano[21], visto que o senhor da terra não era contente que a lei de Deus fosse em crescimento, fomos para outra terra e

---

[20] Shimazu Takahisa.

[21] Em Agosto de 1550.

nos despedimos dos cristãos. Com muitas lágrimas se despediram de nós, pelo muito grande amor que nos tinham, dando-nos muitas graças do trabalho que levámos em ensinar-lhes de que maneira se haviam de salvar. Ficou com estes cristãos Paulo, natural da terra, muito bom cristão, para os doutrinar e ensinar.

Dali fomos a outra terra[22], onde o senhor dela nos recebeu com muito prazer[23]. Estando aí alguns dias[24], se fizeram cristãs perto de cem pessoas. A este tempo já um de nós sabia falar japonês[25] e, lendo pelo livro que traduzimos em língua do Japão, juntamente com outras práticas que fazíamos, se faziam muitos cristãos. Neste lugar ficou o Padre Cosme de Torres[26], com os cristãos que se faziam. João Fernandes e eu[27], fomos a uma terra de um grande senhor do Japão[28], a qual por nome se chama Amanguche[29]. É cidade de mais de dez mil vizinhos, as casas todas de madeira. Nesta cidade havia muitos fidalgos e outra gente muito desejosa de saber que lei era a que nós pregávamos. Assim, por muitos dias determinámos pregar pelas ruas: cada dia duas vezes, lendo pelo livro que levávamos, fazendo algumas práticas conforme ao que líamos pelo livro. Era muita a gente que acudia às pregações. Éramos chamados a casas de grandes fidalgos, para nos perguntarem que lei era aquela que pregávamos,

---

[22] Hirado (Hizen), capital da ilha Hirado-Jima, a noroeste da ilha Kyûshû.

[23] Matsura Takanobu (Doka), príncipe do reino de Hirado, nascido em 1522, reinou até 1568. Morreu em 1599 (ANESAKI, *A concordance to the History of the Kirishitan Missions* 135-136).

[24] Dois meses.

[25] Juan Fernández.

[26] Com João, António e Amador.

[27] Levaram consigo o japonês Bernardo que se tinha feito cristão em Kagoshima (MX II 877-878).

[28] Ouchi Yoshitaka, pertencente à seita Shingon, nasceu em 1507 e morreu em 1551. Era o mais poderoso de todos os príncipes japoneses (PAPINOT, *Dictionary of Japan* 505; FROIS, *Die Geschichte Japans* 9-10 14-15.

[29] Yamaguchi, sede do príncipe Ouchi Yoshitaka.

dizendo-nos que, se fosse melhor que a deles, a tomariam. Muitos mostravam contentamento em ouvir a lei de Deus, outros faziam zombaria dela, outros lhes pesava. Quando íamos pelas ruas, eram os meninos e outra gente que nos perseguia, fazendo escárneo de nós, dizendo: «Estes são os que dizem que havemos de adorar a Deus para nos salvar, e que nenhum outro nos pode salvar senão o Criador de todas as coisas». Outros diziam: «Estes são os que pregam que o homem não há-de ter mais que uma mulher». Outros diziam: «Estes são os que condenam[30] o pecado da sodomia». É pecado muito geral entre eles. E assim nomeavam os outros mandamentos da nossa lei, e isto para fazer escárneo de nós. Depois de ter passado muitos dias neste exercício de pregar, assim pelas casas como pelas ruas, mandou-nos chamar o duque de Amanguche, que estava na mesma cidade, e nos perguntou muitas coisas. Perguntando-nos donde éramos, e por que razão fomos ao Japão, nós respondemos-lhe que tínhamos sido mandados ao Japão pregar a lei de Deus, pois ninguém se pode salvar sem adorar a Deus e crer em Jesus Cristo Salvador de todas as gentes. Então nos mandou que lhe explicássemos a lei de Deus, e assim lhe lemos muita parte do livro. Esteve muito atento todo o tempo que lemos, que seria mais de uma hora, e assim nos despediu. Nesta cidade perseverámos muitos dias em pregar pelas ruas e casas. Muito folgavam em ouvir a vida de Cristo e choravam quando vínhamos ao passo da Paixão.

15. Poucos se faziam cristãos. Visto o pouco fruto que se fazia, determinámos ir a uma cidade, a mais principal de todo o Japão, a qual por nome se chama Miaco. Estivemos no caminho dois meses[31]. Passámos muitos perigos no caminho, por causa das muitas guerras

---

[30] Lit.: defendem = proíbem.

[31] Por altura de 13 de Janeiro chegou Xavier a Miyako. Na viagem de Yamaguchi a Miyako, ida e volta, demorou dois meses, e na de Hirado a Miyako, também ida e volta, quatro meses ou quatro e meio (SCHURHAMMER, *Disputationen* 46; 56).

que havia pelos lugares por onde íamos. Não falo no grande frio que naquelas partes de Miaco faz, nem dos muitos ladrões que há pelo caminho. Chegados a Miaco, estivemos alguns dias[32]. Trabalhámos por falar com o rei[33], para lhe pedir licença para em seu reino pregar a lei de Deus. Não pudemos falar com ele. E depois que tivemos informação de que não é obedecido dos seus, deixámos de insistir em pedir-lhe a licença de pregar em seu reino. Olhámos se havia disposição naquelas partes para manifestar a lei de Deus. Achámos que se esperava muita guerra e que a terra não estava em disposição. Esta cidade de Miaco foi muito grandíssima. Agora, por causa das guerras, está muito destruída. Dizem muitos que, antigamente, havia cento e oitenta mil casas[34] e parece-me [pois o sítio dela era muito grande] que seria verdade. Está agora muito destruída e queimada; porém, ainda me parece que terá mais de cem mil casas.

16. Visto que a terra não estava pacífica para se manifestar a lei de Deus, tornámos outra vez para Amanguche e demos ao duque de Amanguche umas cartas que levávamos do Governador[35] e do Bispo[36], com um presente que lhe mandavam em sinal de amizade. Folgou muito este duque, assim com o presente como com a carta. Ofereceu-nos muitas coisas, mas não quisemos aceitar nenhuma, ainda que nos dava muito ouro e prata. Nós, então, pedimos-lhe que, se alguma mercê nos queria fazer, nós não queríamos outra dele senão que desse licença para pregar em suas terras a lei de Deus e para que os que quisessem tomá-la a tomassem. Ele com muito amor nos deu esta licença. E assim mandou pelas ruas da cidade pôr escritos em seu nome que ele folgava que a lei de Deus se pregasse em suas terras e que dava licença que os que a quisessem tomar a

---

[32] Onze dias.

[33] Go-Nara-tenno, então pobre e impotente.

[34] Cf. Xavier-doc. 90,53.

[35] Garcia de Sá.

[36] Fr. João de Albuquerque.

tomassem. Juntamente com isto deu-nos um mosteiro à maneira de colégio para estarmos nele. Estando neste mosteiro, muitas pessoas vinham ouvir a pregação da lei de Deus, que ordinariamente pregávamos cada dia duas vezes. No cabo da pregação, sempre havia disputas que duravam muito. Estávamos continuamente ocupados em responder às perguntas ou em pregar. Vinham a estas pregações muitos Padres e freiras, fidalgos e muita outra gente. A casa estava quase sempre cheia, e muitas vezes não cabiam nela. Foram tantas as perguntas que nos fizeram que, pelas respostas que lhes dávamos, reconheciam serem falsas as leis dos santos em que criam e a de Deus verdadeira. Perseveraram muitos dias nestas perguntas e disputas. Depois de muitos dias passados, começaram-se a fazer cristãos. Os primeiros que se fizeram foram aqueles que mais nossos inimigos se mostraram, assim nas pregações como nas disputas.

17. Estes que se faziam cristãos, eram muitos deles fidalgos. Depois de feitos cristãos, eram tão nossos amigos que não o poderia acabar de escrever. E assim nos explicavam muito fielmente tudo aquilo que os gentios têm em suas leis. Como disse ao princípio, são nove leis, umas diferentes das outras. Depois de ter verdadeira notícia do que eles têm em suas leis, buscámos razões para provar serem falsas. De maneira que, cada dia, lhes fazíamos nós perguntas sobre suas leis e argumentos, a que eles não sabiam responder, assim os bonzos como as freiras, feiticeiros outra gente que não estava bem com a lei de Deus. Os cristãos, como viam que os bonzos não sabiam responder, folgavam muito e cresciam cada dia mais em ter maior fé em Deus; e os que eram gentios, que estavam presentes às disputas, perdiam o crédito nas seitas erróneas em que criam.

18. Disto lhes pesava muito aos bonzos, vendo que muitos se faziam cristãos. Por isso, os ditos bonzos repreendiam os que se faziam cristãos, dizendo-lhes como deixavam as leis que eles tinham e tomavam a de Deus. Respondiam-lhes os cristãos e outros que estavam para o ser que, se eles se faziam cristãos era por lhes parecer que a lei de Deus era mais chegada à razão que as suas leis e também porque

viam que nós respondíamos às perguntas que eles nos faziam e eles não sabiam responder às que nós lhes fazíamos contra a suas leis. Os japoneses, nas lendas das suas seitas, não têm nenhum conhecimento [como acima se disse] da criação do mundo, do sol, lua, estrelas, céu, terra e mar e assim de todas as outras coisas. Parece-lhes a eles que aquilo não teve princípio. O que mais sentiam era ouvir-nos dizer que as almas tinham um Criador que as criava.

19. Disto se espantavam muito todos em geral, parecendo-lhes que, pois na lenda de seus santos não faziam menção deste Criador, que não podia haver um Criador de todas as coisas. E mais: se todas as coisas do mundo tivessem princípio, que isto o saberia a gente da China, donde lhes vieram as leis que têm[37]. Têm eles para si que os chineses são muito sabedores, assim nas coisas do outro mundo como na governação da república.

Muitas coisas nos perguntaram acerca deste princípio que criou todas as coisas, a saber: se era bom ou mau, e se havia um princípio de todas as coisas boas e más[38]. Dissemos-lhes que um só princípio havia, e que este era bom, sem participar de nenhum mal.

20. Pareceu-lhes que isto não podia ser, porque eles têm que há demónios, e que estes são maus e inimigos da geração humana; e que se Deus fora bom, não criara coisas tão más. Ao que lhe respondemos que Deus os criara bons, e que eles se fizeram maus, e por isso os castigara Deus, e o seu castigo não tinha fim. Ao que diziam eles que Deus não era misericordioso, pois tão cruel era em castigar. Mais diziam: que se era verdade que Deus criara o género humano [como nós dizíamos], por que causa permitia que os demónios, sendo tão maus, nos tentassem, pois Deus criara os homens para que o servissem [assim como nós dizíamos]; e que, se Deus fora bom, não

[37] O budismo passou da China ao Japão, através da Coreia, principalmente durante o reinado de Shôtoku Taishi (593-621).

[38] Para um conhecimento exacto do que se segue, pode ver-se SCHURHAMMER, *Disputationen* 67-82.

criara os homens com tantas fraquezas e inclinações a pecados, mas os criara sem nenhum mal; e que este princípio não podia ser bom, pois ele fez o inferno, coisa tão má como é, e não tem piedade com os que para lá vão, pois para sempre lá hão-de estar [segundo nós dizíamos]; e que se Deus fora bom, não dera os dez mandamentos que deu, pois eram tão difíceis de guardar.

21. Como nas suas lendas têm que, ainda que estejam no inferno, se chamarem pelos Fundadores das seitas serão livres de lá, muito e muito mal lhes parecia de Deus, não terem os homens que vão para o inferno nenhuma redenção, dizendo que as suas leis eram mais fundadas em piedade do que era a lei de Deus. A todas estas perguntas, que foram as principais, só pela graça de Deus Nosso Senhor os satisfizemos. De maneira que ficaram satisfeitos e, para maior manifestação da misericórdia de Deus, sendo os japoneses mais sujeitos à razão que jamais vi gente infiel. São tão curiosos e importunos em perguntar, tão desejosos de saber, que nunca acabam de perguntar e de falar a outros as coisas que respondemos às suas perguntas. Não sabiam eles o mundo ser redondo[39], nem sabiam o percurso do sol. Perguntando eles por estas coisas e por outras, como dos cometas, relâmpagos, chuva e neve, e outras semelhantes, a que nós respondíamos explicando-as, ficavam muito contentes e satisfeitos, tendo-nos por homens doutos, o que ajudou não pouco para darem crédito às nossas palavras.

Eles sempre conversavam das suas leis, qual delas era a melhor. Depois que nós lá fomos, deixavam de conversar das próprias leis e conversavam da lei de Deus. Era coisa para não se poder crer: ver numa cidade tão grande, como por todas as casas se conversava da lei de Deus. Escrever o número de perguntas que nos faziam, seria nunca acabar.

---

[39] Sobre a cosmografia japonesa pode ver-se FROIS, *Die Geschichte Japans* 124.

22. Entre as nove seitas, há uma que diz serem as almas dos homens mortais, assim como o são as dos animais. A todos os outros que não são desta lei, lhes parece que é esta muito ruim seita. São os desta seita maus, não têm paciência para ouvir dizer que há inferno[40].

Nesta cidade de Amanguche, no espaço de dois meses, depois de muitas perguntas passadas, baptizaram-se quinhentas pessoas, pouco mais ou menos, e cada dia se baptizam mais pela graça de Deus. Muitos nos descobrem os enganos dos bonzos e das suas seitas; e se não fosse por eles, não estaríamos ao cabo [par] das idolatrias do Japão. Grande é o amor em extremo que nos têm os que se fazem cristãos, e crede que são cristãos de verdade.

23. Estes de Amanguche, antes que se baptizassem, tiveram uma grande dúvida contra a suma bondade de Deus, dizendo que não era misericordioso, pois não se manifestara a eles, primeiro que nós lá fôssemos. Se era verdade [como nós dizíamos] que os que não adoravam a Deus iam todos para o inferno, que Deus não teve piedade dos seus antepassados, pois os deixou ir para o inferno sem lhes dar conhecimento de Si.

24. Esta foi uma das grandes dúvidas que tiveram para não adorar a Deus. Aprouve a Nosso Senhor de os fazer capazes da verdade e livrar da dúvida em que estavam. Demos-lhes nós razão por onde lhes provámos ser a lei de Deus a primeira de todas, dizendo-lhes que antes que as leis da China viessem para o Japão, os japoneses sabiam que matar, furtar, levantar falso testemunho e obrar contra os outros dez mandamentos era mal, e tinham remorsos de consciência em sinal do mal que faziam, porque apartar-se do mal e fazer bem estava escrito no coração dos homens. E assim, os mandamentos de Deus os sabiam as gentes, sem outrem ninguém lho ensinar senão o Criador de todas as gentes.

---

[40] Os seguidores da seita Zen foram adversários perigosíssimos nas disputas (cf. SCHURHAMMER, *Disputationen* 49-50; 62).

25. E que, se nisto punham alguma dúvida, o experimentassem tomando um homem que foi criado num monte – sem ter notícia das leis que vieram da China, nem saber ler nem escrever – e perguntassem a esse homem, criado no mato, se matar, furtar e fazer coisas contra os dez mandamentos era pecado ou não, se guardá-los era bem ou não. Pela resposta que ele daria, sendo tão bárbaro, sem o ensinar outra gente, veriam claramente como esse tal sabia a lei de Deus. Ora, quem ensinou a esse homem o bem e o mal, senão Deus que o criou? E se nos bárbaros há este conhecimento, que será na gente discreta? Portanto, antes que houvesse lei escrita, estava a lei de Deus escrita nos corações dos homens. Quadrou-lhes tanto a todos esta razão, que ficaram muito satisfeitos. Tirá-los desta dúvida, foi grande ajuda para se fazerem cristãos.

26. Os bonzos estão mal connosco, por lhes descobrirmos as suas mentiras. Eles [como já acima disse], persuadiam os do povo que não podiam guardar os cinco mandamentos, e que eles se obrigavam a os guardar por eles, contanto que os honrassem e lhes dessem o necessário. E que se obrigavam [até] a tirá-los do inferno. Nós lhes provámos que os que vão para o inferno não podem ser tirados de lá pelos bonzos e pelas bonzas, com as quais razões lhes pareceu ser assim como nós dizíamos, dizendo que até agora os bonzos os enganaram. Quis Deus, por sua misericódia, que até os bonzos disseram que era verdade, que eles não podiam tirar do inferno as almas dos que iam para lá; porém, se aquilo não pregassem, que não teriam que comer nem que vestir. Andando o tempo, começaram a faltar as esmolas dos seus devotos, e eles a padecer necessidades e desonras. Sobre este inferno foram todas as discórdias entre os bonzos e nós. Parece-me que tarde seremos amigos. Há entre estes bonzos muitos que saem e se fazem leigos, os quais descobrem as maldades dos que vivem nos mosteiros, pelo que os bonzos e as bonzas de Amanguche em grande maneira vão perdendo o crédito. Disseram-me os cristãos que, os cem mosteiros de frades e freiras, que no lugar havia, antes de muitos anos se despovoariam por lhes faltarem as esmolas.

27. Antigamente, aos bonzos e bonzas, que não guardavam os cinco mandamentos – a saber, por fornicar, comer coisa que padeça morte, furtar, mentir e beber vinho – matavam-nos, cortavam-lhes as cabeças os senhores da terra. Agora, já a letra entre eles vai muito corrupta porque, publicamente, bonzos e bonzas bebem vinho, comem peixe escondidamente, verdade não sei quando a dizem, fornicam publicamente sem ter vergonha nenhuma, todos têm moços com quem pecam e assim o confessam dizendo que não é pecado. O povo assim o faz tomando deles exemplo, dizendo que, se os bonzos o fazem, também o farão eles que são homens do mundo.

28. Mulheres, há muitas dentro dos mosteiros. Dizem os bonzos que são mulheres de seus criados que lavram as terras dos mosteiros. Disto julga mal o povo, parecendo-lhe mal tanta conversação. As freiras são muito visitadas dos bonzos a todas as horas do dia; também as freiras visitam os mosteiros dos bonzos. Tudo isto parece muito mal ao povo. Dizem geralmente todos que há uma erva que as bonzas comem para não poder conceber, e outra para deitarem logo fora a criança se engravidarem. Eu não me espanto dos pecados que há entre os bonzos e bonzas, ainda que haja muitos em quantidade, porque gente que, deixando de adorar a Deus, adora o demónio, tendo-o por seu senhor, não pode deixar de fazer pecados enormes. Antes me espanto de não fazerem mais do que fazem.

29. Todos os japoneses, tanto os bonzos como o povo, rezam por contas: o número delas é mais de cento e oitenta[41]. Quando rezam continuadamente, nomeiam a cada conta o Fundador da seita que têm. Uns têm por devoção passar muitas vezes as contas e outros menos. Os principais de todos estes Fundadores são dois, como acima se disse, a saber: Xaca e Ameda[42]. As bonzas e bonzos

[41] Das várias classes de rosários budistas cf. *Transactions of the Asiatic Society of Japan* 9(1881)173-183. Quase sempre são de cento e oito contas (cf. HAAS, *Geschichte* 294-295.

[42] As seitas de Jôdo, Yûdzû-Nembutsu, Ikkô, Ji.

de hábitos pardos têm todos Ameda, e a maior parte do povo do Japão adora Ameda. As bonzas e bonzos de hábitos pretos, ainda que adorem Ameda, muitos deles adoram principalmente Xaca e a outros muitos[43].

30. Procurei saber se este Ameda e Xaca foram homens filósofos. Roguei aos cristãos que fielmente tirassem[44] as vidas destes. Achei, pelo que está nos livros escrito, que não são homens, porque escrevem que viveram mil e dois mil anos e que o Xaca nascera oito mil vezes[45], e outras muitas impossibilidades. De maneira que não foram homens, senão puras invenções de demónios.

31. Por amor e serviço de Nosso Senhor, rogo a todos aqueles que lerem estas cartas, que roguem a Deus nos dê vitória contra estes dois demónios, Xaca e Ameda, e todos os demais, porque pela bondade de Deus já vão perdendo na cidade de Amanguche o crédito que costumavam ter.

Nesta cidade, há um senhor muito principal[46], que muito nos tem favorecido, principalmente sua mulher, dando-nos todo o favor que podia para que a lei de Deus fosse em crescimento. Sempre lhes pareceu bem a lei de Deus; porém nunca a quiseram tomar. A causa era porque à sua custa fizeram muitos mosteiros, e deram rendas aos bonzos para se poderem sustentar, para que rogassem a Ameda, de quem o marido e mulher são muito devotos, para que nesta vida os guardassem do mal, e na outra os levassem a descansar onde ele está.

---

[43] Assim as seitas Tendai e Hokke.

[44] Se informassem sobre.

[45] Cf. SCHURHAMMER, *Disputationen* 82; 48; 58.

[46] Naitô (SCHURHAMMER, *Disputationen* 63-64 85). Em Janeiro de 1556 escrevia Frois de Malaca que, segundo o informavam do Japão, Naitondono, primeiro governador de Yamaguchi, ancião, mas tão poderoso que a qualquer momento podia pôr em pé de guerra dez mil soldados, se tinha feito cristão com dois filhos seus.

32. Davam muitas razões para não se fazerem cristãos, dizendo que se assinalaram muito em servir a Xaca e Ameda. Como perderam tantos anos de serviço e tantas esmolas como têm feito e tantas casas edificadas por seu amor, se agora se fizessem cristãos, tudo isto perderiam. Além disto têm para si por muito certo que, por um cruzado que neste mundo dão por seu amor, lá lhe darão dez, e que hão-de ter muito grande galardão dos serviços que fizerem a estes dois, Xaca e Ameda. Assim que, por não perder o que esperam obter, deixam de se fazer cristãos.

33. Têm para si que, lá no outro mundo, comem e bebem, vestem e calçam; e quem lá é mais rico, é mais honrado e mais favorecido de Xaca ou Ameda ou dos outros. Todos estes erros têm ensinados os bonzos. Esses os pregavam também, e acorria gente às suas pregações, nas quais diziam muito mal do nosso Deus: que era uma coisa não conhecida nem ouvida; que não podia deixar de ser um grande demónio; que nós éramos discípulos do demónio; que se guardassem de tomar a lei que pregávamos porque na hora em que o nosso Deus fosse adorado no Japão, o Japão estava perdido. Mais: quando pregavam, interpretavam o nome de Deus como eles queriam, dizendo que Deus e «*daiuzo*» eram nomes de uma mesma coisa. *Daiuzo*[47], em língua do Japão, quer dizer «grande mentira»; por isso, que se guardassem do nosso Deus.

34. E outras muitas blafêmias diziam contra Deus. Mas Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, convertia-as todas em bem; porque, quanto mais mal pregavam de Deus e de nós, tanto mais crédito nos dava a gente quando nós pregávamos e tantos mais se faziam cristãos. Dizia o povo que os bonzos com inveja diziam mal de nós.

---

[47] O nome *Deus,* à portuguesa, introduzido por Xavier em vez de Dainichi, os japoneses pronunciavam-no *deusu,* que soava algo assim como *Dai* (grande) *uso* (mentira).

35. Muito trabalhei no Japão para saber se em algum tempo tiveram notícia de Deus e de Cristo; mas, segundo as suas escrituras e dito do povo, achei que nunca tiveram notícia de Deus. Em Cangoxima, onde estivemos um ano, achamos que o duque da terra e os seus parentes tinham por armas uma cruz branca, mas não era por conhecimento que de Cristo Nosso Senhor tivessem.

36. Estando neste mesmo lugar de Amanguche, o Padre Cosme de Torres e Juan Fernández e eu[48], um senhor muito grande[49], que é o duque de Bungo[50], escreveu-me que fosse aonde ele estava[51], porque tinha chegado uma nau de portugueses ao seu porto e lhe interessava falar comigo de certas coisas. Eu, para ver se se queria fazer cristão, e para ver os portugueses, fui a Bungo[52], ficando em Amanguche o Padre Cosme de Torres e Juan Fernández com os cristãos que eram já feitos. O duque fez-me muito gasalhado e eu fiquei muito consolado com os portugueses que lá vieram.

37. Estando em Bungo, o demónio procurou que em Amanguche houvesse guerra. Foi de tal maneira que um senhor muito grande, vassalo do duque de Amanguche[53], se levantou contra ele e lhe fez tanta guerra, que o fez fugir para fora de Amanguche. Indo atrás dele com muita gente, parecendo ao duque que já não se podia

---

[48] Logo que soube da chegada duma nau portuguesa a Bungo, Xavier mandou chamar de Hirado o P. Cosme de Torres que chegou a Yamaguchi a 10 de Setembro.

[49] Otomo Yoshishige, nascido por volta de 1529, casado em 1547, desde 1550 príncipe de Bungo, filiado na seita Zen, desde a primeira hora favoreceu os cristãos. Em 1578 foi baptizado com o nome de Francisco e persuadiu a 70.000 dos seus súbditos a imitá-lo. Morreu em 1587 como cristão exemplar (SCHURHAMMER, in *Die Kath. Missionen* 47(1918)25-29).

[50] Bungo, a nordeste da ilha de Kyûshû.

[51] Residia na cidade de Funai (actualmente Oita).

[52] Em fins de Setembro de 1551.

[53] Sue Takafusa (HAAS, *Geschichte* 208) que se rebelou contra o príncipe Ouchi Yoshitaka.

livrar, para não se ver em poder do seu inimigo, vassalo seu, determinou matar-se por suas próprias mãos e a um filho seu pequeno que consigo levava. E assim, ele mesmo com um punhal se matou, mandando primeiro matar seu filho, deixando encomendado aos seus que queimassem os corpos de ambos para que, quando viessem os inimigos, não achassem nenhuma coisa deles. E assim o fizeram.

Os grandes perigos em que se viram o Padre Cosme de Torres e João Fernandez no tempo da guerra, pelas cartas que me escreveram para Bungo, as quais vão com esta, os sabereis.

38. Depois da morte do duque, acharam os senhores da terra que não podia ser governada nem regida sem ter duque. Pelo que, mandaram embaixadores ao duque de Bungo, pedindo-lhe que lhes desse um irmão seu para ser duque de Amanguche. E eles se combinaram de maneira que um irmão do duque de Bungo vai ser duque de Amanguche[54]. Este duque de Bungo é muito grande amigo dos portugueses. Tem gente muito belicosa e é senhor de muitas terras. Ao ser informado da grandeza do Rei de Portugal, escreve ao Rei oferecendo-se para seu servidor e amigo. Em sinal de amizade, manda-lhe um corpo de armas. Ao Vice-rei da Índia mandou um criado seu, oferecendo-lhe a sua amizade. Este veio comigo e foi muito bem recebido pelo Vice-rei[55] que lhe fez muitas honras.

39. Este duque de Bungo prometeu aos portugueses e a mim que faria com que seu irmão, o duque de Amanguche, fizesse muito gasalhado ao Padre Cosme de Torres e a Juan Fernández, e os favorecesse. O mesmo nos prometeu o seu irmão que faria, em chegando a Amanguche.

---

[54] Haruhide (Hachirô), príncipe de Yamaguchi com o nome de Ouchi Yoshinaga reinou até 1557, altura em que rodeado de inimigos se suicidou (FROIS, *Die Geschichte Japans* 26; HAAS, *Geschichte* 211; PAPINOT, *Dictionary of Japan* 501).

[55] D. Afonso de Noronha, vice-rei da Índia 1550-1554.

40. Em todo este tempo que estivemos no Japão, que seria mais de dois anos e meio, sempre nos mantivemos das esmolas que o cristianíssimo Rei de Portugal nos manda dar nestas partes. Quando fomos ao Japão, nos mandou dar passante de mil cruzados[56]. Não se pode crer quão favorecidos somos de Sua Alteza e o muito que connosco gasta em dar tão largas esmolas para colégios, casas e todas as outras necessidades.

De Bungo, sem ir a Amanguche, determinei vir à Índia numa nau de portugueses, para ver-me e consolar-me com os Irmãos da Índia e para levar Padres da Companhia para o Japão, tais quais a terra os requer, e também para levar algumas coisas necessárias da Índia, das quais carece a terra do Japão[57].

41. Cheguei a Cochim a vinte e quatro de Janeiro, onde fui recebido pelo Vice-rei com muito agasalhado. Neste mês de Abril do ano de 1552 irão Padres da Índia para o Japão e, em sua companhia, tornará a ir o criado do duque de Bungo. Espero em Deus Nosso Senhor que se há-de fazer muito fruto naquelas partes, porque gente tão discreta e de bons engenhos, desejosa de saber, obediente à razão, e de outras muitas partes boas, não pode ser senão para que entre ela se faça muito fruto. Os trabalhos venham a lume[58] e que durem sempre!

42. Nesta terra do Japão há uma universidade muito grande, a qual se chama Bandou, aonde acorre grande número de bonzos a aprender as suas seitas. Estas seitas, como acima disse, vieram da

---

[56] Cf. Xavier-doc. 83,3.

[57] Do texto parece deduzir-se que Xavier deixou o Japão com intenção de voltar para lá no ano seguinte. Mudou de parecer ao ler em Sanchão uma carta de portugueses cativos em Cantão, escrita aos seus compatriotas, em que suplicavam a Diogo Pereira que conseguisse do Governador da Índia uma embaixada à China para os libertar. A partir de então, Xavier, grande amigo de Diogo Pereira, começa a planear a ida à China (SCHURHAMMER, *Disputationen* 66; *Quellen* 4711).

[58] Mostrem frutos (cf. Xavier-doc. 94,5; 97,18; MX II 762-763).

China e estão escritas em letra da China, porque a letra do Japão e a da China são muito diferentes. Há no Japão duas maneiras de letras, uma que usam os homens e outra que usam as mulheres[59]. Muita parte da gente sabe ler e escrever, assim homens como mulheres, principalmente os fidalgos e fidalgas e os mercadores. As bonzas, nos seus mosteiros ensinam a escrever às meninas, e os bonzos aos moços. Os fidalgos, que têm maneira, têm mestres que lhes ensinam em suas casas a seus filhos.

43. Estes bonzos têm grandes engenhos e muito delgados[60]. Ocupam-se muito em contemplar, cuidando o que há-de ser deles e que fim hão-de ter, e outras contemplações assim. Há muitos destes que, em suas contemplações, acham que não se podem salvar nas seitas, dizendo que todas as coisas dependem dalgum princípio. Mas como não há livro que fale neste princípio, nem na criação das coisas, os que alcançam este princípio, como não têm livros nem autoridade, não o manifestam aos outros. Estes tais folgam muito de ouvir a lei de Deus.

44. Na cidade de Amanguche se fez cristão um homem que estudara muitos anos em Bandou e era tido por muito letrado. Este, antes de nós termos chegado ao Japão, deixou de ser bonzo, fez-se leigo e casou. Disse que, quando deixou de ser bonzo, era por lhe parecer que as leis do Japão não eram verdadeiras. Por isso, não cria nelas e sempre adorara aquele que criou o mundo. Muito folgaram os cristãos quando este homem se baptizou, porque era tido em Amanguche pelo maior sabedor que havia na cidade. Afora esta universidade de Bandou, há outras universidades; porém a de Bandou é a maior.

---

[59] Quer dizer que as mulheres, principalmente as nobres, além das palavras usadas pelo povo, usavam no trato com as da sua classe, palavras, nomes e expressões que não entendiam os homens (cf. RODRIGUES TÇUZU).

[60] Agudos ou argutos.

45. Agora, prazendo a Deus Nosso Senhor, irão cada ano Padres da Companhia para o Japão. Em Amanguche, far-se-á uma casa da Companhia[61], onde aprenderão a língua e mais saberão o que cada seita tem em sua lenda. De maneira que, quando daí vierem pessoas de grande confiança para ir a estas universidades, acharão Padres e Irmãos da Companhia em Amanguche que saibam muito bem falar a língua e estejam ao cabo dos erros das seitas, o que será grande ajuda para os Padres que da Europa forem escolhidos para ir para o Japão.

O Padre Cosme de Torres e Juan Fernández ocupam-se agora muito em explicar os mistérios da vida de Cristo, fazendo pregações sobre cada um deles. Gostam na terra muito de ouvir os mistérios da Paixão de Cristo e choram algumas pessoas de os ouvir.

46. O Padre Cosme de Torres ocupa-se em fazer as pregações em linguagem, e Juan Fernández as traduz para a língua do Japão, porque a sabe muito bem, e assim os cristãos se vão muito aproveitando. Eles, quando eram gentios, passavam suas certas contas, nomeando o santo em que criam. Agora, depois de terem ouvido como hão adorar a Deus e crer em Jesus Cristo, aprendem todos primeiro a benzer-se.

47. São tão curiosos que querem saber que quer dizer «Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo», e porque põem a mão direita na cabeça ao dizer «em nome do Pai», «e do Filho» no peito, «e do Espírito Santo» no ombro esquerdo e direito. Dando-lhes nós a explicação disto[62], ficam grandemente consolados. Depois disto dizem

---

[61] A 29 de Setembro de 1551 escrevia Cosme de Torres de Yamaguchi que o príncipe tinha dado um enorme terreno aos missionários da Companhia de Jesus para construir colégio (SCHURHAMMER, *Disputationen* 61). Para a construção emprestou Fernão Mendes Pinto 300 cruzados (Xavier-doc. 99,9; 124,2; AYRES 60).

[62] Xavier dava a explicação do sinal da cruz que Inácio usava também na sua catequese (cf. Xavier-doc. 58,8 e MI, *Epp*. XII 667).

«Kírie eleison, Christe eleison, Kírie eleison» e logo perguntam a significação destas palavras. Depois disto passam suas contas dizendo «Jesus, Maria». O Pai-nosso, Avè-Maria e Credo vão devagar aprendendo por escrito.

48. Uma desconsolação têm os cristãos do Japão, e é que sentem em grande maneira dizermos que os que vão para o inferno não têm nenhum remédio. Sentem isto por amor dos seus pais e mães, mulheres, filhos e os outros mortos passados, tendo deles piedade. Muitos choram os mortos e perguntam-me se podem ter algum remédio por via de esmolas e orações. Eu digo-lhes que não têm nenhum remédio.

49. Sentem eles esta desconsolação; mas a mim não me pesa, para que não se descuidem de si mesmos e para que não vão penar com os seus antepassados. Perguntam-me se Deus os pode tirar do inferno e a causa porque sempre hão-de estar no inferno. A tudo lhes respondo suficientemente. Eles não deixam de chorar de verem seus antepassados sem remédio. Eu também recebo algum sentimento por ver meus amigos, tão amados e queridos, chorar coisas que não têm cura.

50. Esta gente do Japão é gente branca. A terra da China está perto do Japão e, como acima está escrito, da China lhe foram levadas as seitas que tem. É a China terra muito grande, pacífica, sem haver guerras nenhumas. Terra de muita justiça, segundo escrevem os portugueses que nela estão[63]: é de mais justiça que nenhuma de toda a cristandade. A gente da China, a que até aqui tenho visto, assim no Japão como noutras partes, é muito aguda e de grandes engenhos, muito mais que os japoneses, e homens de muito estudo. A terra é muito abastada, em grandíssima maneira, de todas as coisas. Muito povoada de grandes cidades, casas de pedra muito lavrada e, o que todos dizem, terra muito rica de muitas sedas. Tenho por notícia

---

[63] Cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 174; 189; 4694; 6107; 6154.

dos chineses, que há muita gente na China de diversas leis: segundo a informação que deles tenho, parece que devem ser mouros ou judeus[64]. Não me sabem dizer se há cristãos.

51. Creio que este ano de 52 irei lá, aonde está o rei da China[65], porque é terra onde se pode muito acrescentar a lei de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se aí a recebessem, seria grande ajuda para no Japão desconfiarem das seitas em que crêem. De Liampo[66], que é uma cidade principal da China, ao Japão, não há senão uma travessia de mar de oitenta léguas.

52. Grandíssima esperança tenho em Deus Nosso Senhor que se há-de abrir caminho, não somente para os Irmãos da Companhia, mas para todas as Religiões[67], para poderem todos os santos bem--aventurados Padres delas cumprir seus santos desejos, convertendo muito número de gentes ao caminho da verdade. Por isso, rogo e peço, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, a todas aquelas pessoas que vivem com desejos de manifestar o nome de Deus em terras de infiéis, que se lembrem de me encomendar a Deus em suas devotas orações e santos sacrifícios, para que possa descobrir alguma terra onde eles possam vir a ela e cumprir seus santos desejos.

53. Da Índia não escrevo nenhuma coisa, porque os Irmãos da Companhia escrevem as novas de cá[68]. Eu cheguei do Japão, com muitas forças corporais e com nenhumas espirituais; porém, espero na misericórdia de Deus Nosso Senhor e nos merecimentos infinitíssimos da morte e paixão de Nosso Senhor Jesus, que me dará graça para fazer esta viagem da China tão trabalhosa. Eu estou já cheio de

---

[64] Maometanos havia muitos na China; apareciam também nos portos frequentados pelos portugueses (SCHURHAMMER, *Quellen* 4; 30; 31; 106; 4562; 5497). Os judeus tinham na cidade de Kai-fung-fu uma sinagoga (*Ibid.* 33; 5998).

[65] Peking.

[66] Ning-po (Chekiang).

[67] Institutos religiosos de missionários.

[68] Cf. *Doc. Indica* II, onde estão editadas as cartas desta época para a Europa.

cãs; porém, quanto às forças corporais, parece-me que nunca tive mais do que as que agora tenho.

Os trabalhos de trabalhar com gente discreta, desejosa de saber em que lei se há-de salvar, trazem consigo muito grande contentamento. Tanto, que em Amanguche, depois que o duque nos deu licença para pregar a lei de Deus, era tanto o número das pessoas que vinham para perguntar e disputar, que me parece que com verdade poderia dizer que, em minha vida, nunca tanto prazer nem contentamento espiritual recebi, como em ver que Deus Nosso Senhor por nós confundia os gentios e a vitória que continuamente tínhamos contra eles.

54. Por outra parte, ver o prazer dos que já eram cristãos em verem que os gentios ficavam vencidos, o prazer destas coisas me faziam não sentir os trabalhos corporais. Via também, por outra parte, quanto trabalhavam os cristãos em disputar, vencer e persuadir os gentios a que se fizessem cristãos. Vendo eu suas vitórias que contra os gentios alcançavam e o prazer com que cada um as contava, era sumamente consolado.

55. Prouvesse a Deus que, assim como estas particularidades dos gostos e contentamentos aqui se escrevem, assim também se pudessem mandar de cá estes prazeres e consolações às universidades da Europa, as quais consolações Deus, só por sua misericórdia, nos comunicava. Bem creio que muitas e doutas pessoas fariam outro fundamento do que fazem para empregarem seus grandes talentos na conversão das gentes. Sendo sentido o gosto e consolação espiritual que de semelhantes trabalhos se seguem, e conhecendo a grande disposição que há no Japão para se acrescentar a nossa santa fé, parece-me que muitos letrados dariam fim aos seus estudos, cónegos e outros prelados deixariam suas dignidades e rendas, por outra vida mais consolada do que a que têm, vindo-a buscar ao Japão.

56. Porque cheguei a Cochim no tempo em que as naus estavam para partir, e as visitações dos amigos eram tantas que me interrompiam o escrever, vai esta carta feita muito depressa, as coisas

não postas por ordem, e as razões faltas. Recebei-me a vontade. Do Japão há tanto que escrever que seria nunca acabar. Temo para mim que o que fica escrito seja enfadamento, por ser muita a leitura. Consola-me que, os que se enfadarem de ler, neles está deitar de si o enfadamento, deixando de ler. Com isto acabo, sem poder acabar, escrevendo a meus Padres e Irmãos tão queridos e amados, e escrevendo de amigos tão grandes como são os cristãos do Japão. E assim, acabo rogando a Deus Nosso Senhor que nos ajunte na glória do paraíso. Amen.

De Cochim, aos vinte e nove de Janeiro de 1552 anos.

Todo vosso em Cristo

FRANCISCO

97
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Cochim, 29 de Janeiro 1552
Autógrafo de Xavier, em castelhano

SUMÁRIO: 1. Consolação com a carta de Inácio. – 2. A experiência dura do Japão fez-lhe ver a necessidade de ser mais ajudado do que ajudar outros. – 3. Desejo de voltar a ver Inácio. – 4. Pede um reitor de mão de Inácio para o colégio de Goa. – 5-15. Pede Padres para as universidades do Japão: mestres, resistentes ao ambiente pagão, capazes de perseguições e dureza de clima, talvez nórdicos habituados ao frio. – 16-18. Ficam jesuítas em Yamaguchi, com esperança de enraizar bem a Igreja. Todo o esforço pelo Japão vale a pena. – 19-21. Importância da evangelização da China: a terra, cultura, escrita diferente do japonês mas entendida pelos intelectuais, já transcreveu para chinês o catecismo que usava no Japão. – 22-23. Encomenda-se às orações da Companhia e de toda a Igreja por intercessão de Inácio.

IHS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen

1. Verdadeiro pai meu: Uma carta de vossa santa Caridade recebi em Malaca, agora, quando vinha do Japão[1]. Em saber novas de tão desejada saúde e vida, Deus Nosso Senhor sabe quão consolada foi minha alma. Entre outras muitas santas palavras e consolações de sua carta, li as últimas que diziam: «Todo vosso, sem poder-me esquecer em tempo algum, Inácio». Assim como com lágrimas as li, com lágrimas as escrevo, recordando-me do tempo passado – do muito

[1] Desde 1548 que não recebia cartas da Europa. Chegado do Japão a Malaca, encontrou abundante correspondência atrasada para si.

amor que sempre me teve e tem – e também considerando como dos muitos trabalhos e perigos do Japão me livrou Deus Nosso Senhor pela intercessão das santas orações de vossa Caridade.

2. Jamais poderia escrever o muito que devo aos do Japão, pois Deus Nosso Senhor, por respeito deles, me deu muito conhecimento de minhas infinitas maldades: é que, andando fora de mim, não conheci muitos males que havia em mim, até que me vi nos trabalhos e perigos do Japão. Claramente me deu Deus Nosso Senhor a sentir, ter extrema necessidade de quem tivesse grande cuidado de mim. Agora, veja vossa santa Caridade o cargo que me dá, de tantas santas almas da Companhia que estão cá[2], conhecendo [eu] evidentemente em mim, só pela misericórdia de Deus, uma grande insuficiência. Aos da Companhia pensava que me havia de encomendar, e não eles a mim.

3. Escreve-me V.S.Caridade quantos desejos tem de me ver, antes de acabar esta vida. Deus Nosso Senhor sabe quanta impressão fizeram estas palavras de tão grande amor na minha alma. Quantas lágrimas me custam as vezes que delas me recordo e em me parecer que pode ser-me consolo, pois à santa obediência não há coisa impossível[3].

4. Por amor e serviço de nosso Deus lhe peço uma caridade. Se presente me achasse, posto de joelhos a seus santos pés, lha pediria. E é esta: que mandasse a estas partes alguma pessoa conhecida de vossa

---

[2] Entre a correspondência que esperava Xavier em Malaca, estava a *patente* de 10 de Outubro de 1549 em que Inácio desligava do Superior de Portugal os missionários jesuítas do Oriente e nomeava Xavier Provincial «de todos aqueles que na Índia e em outras regiões ultramarinas sujeitas ao sereníssimo Rei de Portugal viviam sob obediência da Companhia de Jesus» (*Doc. Indica* I 508-510).

[3] Recebida esta carta de Xavier em Abril de 1553, Inácio escreveu logo em Junho daquele ano chamando o seu súbdito a Roma para informar-se da Missão (SHURHAMMER, *Quellen* 6013; cf. POLANCO, *Chron*. III 38). Mas Xavier já tinha morrido em 3 de Dezembro de 1552!

santa Caridade, para ser reitor do colégio de Goa, porque de coisa de sua mão tem grandíssima necessidade o colégio de Goa[4].

5. A necessidade que há para mandar padres da Companhia às universidades do Japão é porque os seculares[5] se desculpam dos seus erros dizendo que também eles têm seus estudos e letrados.

6. Os que forem, hão-de ser muito perseguidos. Porque hão-de ir contra todas a suas seitas e hão-de-se manifestar ao mundo e declarar como são enganosos os modos e maneiras que têm os bonzos para sacar dinheiro dos seculares.

7. E nisto não hão-de ter paciência[6], principalmente quando [lhes] disserem que não podem sacar as almas do inferno – porque disto vivem – ou proibindo o pecado *contra natura,* tão geral entre eles. Hão-de passar trabalhos e, por estas e outras causas muitas, hão-de ser muito perseguidos em grande maneira. Eu escrevo ao Padre Mestre Simão e, em sua ausência, ao reitor do colégio de Coimbra, que não mandem de lá pessoas a estas universidades, senão pessoas aprovadas e vistas por vossa santa Caridade[7].

8. Hão-de ser mais perseguidos que muitos pensam. Hão-de ser muito importunados de visitas e perguntas a todas as horas do dia e parte das da noite, e chamados a casas de pessoas principais, que não se podem escusar. Não hão-de ter tempo para orar, meditar e contemplar, nem para nenhum recolhimento espiritual. Não poderão

---

[4] Por pedido semelhante a Simão Rodrigues (cf. Xavier-doc. 86,1) já este tinha enviado em 1550 para a Índia, de acordo com Inácio, como reitor do colégio de Goa, o P. Belchior Nunes Barreto. Mas como António Gomes opusesse dificuldades de direito a esta nomeação, combinaram que *Micer* Paulo administrasse o colégio enquanto Padres para isso congregados não escolhessem reitor (POLANCO, *Chron*. II 398-399; *Doc. Indica* II 449). Entretanto chega do Japão a Goa Xavier, já nomeado Superior Provincial dos jesuítas de todo o Oriente, que resolve a questão (*Doc. Indica* II 449).

[5] Japoneses.

[6] Os bonzos.

[7] Cf. Xavier-doc. 98.

dizer Missa, ao menos nos princípios. Continuadamente hão-de ser ocupados em responder a perguntas. Para rezar o seu Ofício lhes há--de faltar tempo, e até para comer e dormir. São muito importunos, principalmente com estrangeiros, que os têm em pouca conta, que sempre fazem burla deles.

9. Pois que será, dizendo mal de todas as suas seitas e vícios manifestos? E mais, dizendo que os que vão para o inferno não têm remédio? Muitos se hão-de zangar ao ouvir isto, do inferno, que não têm remédio. Outros dirão que não sabemos nada, pois não sabemos sacar as almas do inferno. Não sabem que coisa é purgatório.

10. Para responder a suas perguntas são necessárias letras. principalmente bons artistas[8]: os que forem sofistas[9] apanhá-los-ão logo em contradição manifesta. Correm-se muito, estes bonzos, quando os apanham em contradição ou que não sabem responder.

11. Hão-de passar grandes frios, porque Bandu, que é a mais principal universidade do Japão, está muito para o norte. E assim as outras universidades: os que vivem em terras frias são mais discretos e agudos. Mais: não há que comer senão arroz. Há também trigo e outras maneiras de ervas e outras coisas de pouca substância. Fazem vinho de arroz e não há outro, e este caro e pouco. Mas a maior provação de todas é a dos perigos contínuos e evidentes de morte.

12. Não é terra para homens velhos, por causa dos muitos trabalhos. Nem para muito moços, se não forem de grandes experiências; porque de outra maneira, em vez de aproveitarem a outros, se perdem. É terra muito aparelhada para toda a espécie de pecados; [mas] escandalizam-se de qualquer coisa pequena que vêem nos que os repreendem. Esta conta muito miúda escrevo a Mestre Simão, ou em sua ausência ao reitor de Coimbra.

---

[8] Filósofos: a formatura universitária em Filosofia chamava-se naquele tempo formatura em Artes.

[9] Aqui significa «bons dialéticos», sobretudo peritos em desmontar falsos argumentos (sofismas), como ensina Aristóteles no tratado «Dos sofismas».

13. Muito consolado seria, se V. S. Caridade mandasse a Coimbra que os que houvessem de mandar para o Japão, fossem primeiro a Roma. Eu tinha pensado que seriam bons para o Japão flamengos ou alemães, que soubessem castelhano ou português: porque são para muitos trabalhos corporais e também para sofrer os grandes frios de Bandu, parecendo-me que destas pessoas haveria muitas pelos colégios de Espanha e Itália; e também porque carecem da língua para pregar em Espanha e Itália e poderiam fazer muito fruto no Japão.

14. Também me parece dar parte, a vossa santa Caridade, que os que da Companhia hão-de vir, para estar na Índia, fossem pessoas escolhidas pelos colégios de Espanha e Coimbra, ainda que não fossem mais de dois cada ano. Mas estes fossem tais quais a Índia os requer: suficientes em perfeição e, depois, para pregar e confessar. Se lhe parecesse, que primeiro fossem em peregrinação a Roma, experimentando-se pelos caminhos para quanto são, para que não se achem novos nestas partes, pois os perigos de cá, de cair em fraquezas, são muito grandes.

15. Por isso, é necessário que sejam muito provados. E também para que os que cá estamos, em lugar de consolar-nos com eles, não recebamos desconsolação em despedi-los[10]. Sobre isto, veja vossa santa Caridade se será bem avisar Mestre Simão.

16. Dos da Companhia que estão em Amanguche, e dos que cá estão que hã-de ir, assim neste ano como nos outros, Deus Nosso Senhor querendo, não me parece que sejam para mandar a estas universidades[11], mais que para aprender a língua e o que eles têm em suas seitas para, quando vierem os Padres daí, serem intérpretes para comunicar fielmente tudo o que lhes disserem[12].

---

[10] Cf. Xavier-doc. 98,3; 100.

[11] Até então, para o Oriente, Xavier só tinha pedido da Europa bons pregadores e confessores e, para os colégios, bons professores de Gramática. Nunca pedira professores universitários, nem para o colégio de Goa (cf. Xavier-doc. 98,7).

[12] Cf. Xavier-doc. 98,2.

17. Parece-me que há-de ir em grande crescimento o de Amanguche, porque há muitos cristãos e entre eles muitas boas pessoas e outras que cada dia se fazem [cristãs]. Vivo com muita esperança que Deus Nosso Senhor há-de guardar ao Padre Cosme de Torres e Juan Fernández que não os matem. Porque os maiores perigos já são passados e também porque há muitos cristãos e pessoas principais entre eles que têm grande cuidado de guardá-los de dia e de noite. Juan Fernández é leigo e sabe muito bem falar japonês. Fala tudo aquilo que o Padre Cosme de Torres lhe diz. Ocupam-se agora em explicar, por contínuas pregações, todos os mistérios da vida de Cristo.

18. Porque a terra de Japão é muito disposta para se perpetuar a cristandade entre eles, todos os trabalhos que se tomam são bem empregados. E assim, vivo com muita esperança que vossa santa Caridade mandará daí santas pessoas para o Japão. É que, entre todas as terras descobertas destas partes, só a gente do Japão está para nela se perpetuar a cristandade, bem que isto há-de ser com grandíssimos trabalhos.

19. A China é uma terra muito grandíssima, pacífica e governada com grandes leis. Há um só rei, e é em grande maneira obedecido. É riquíssimo reino, e abundantíssimo de todos os mantimentos. Não há senão uma pequena travessia da China ao Japão. Estes chineses são muito engenhosos e dados a estudos, principalmente às leis humanas sobre a governação da república: são muito desejosos de saber. É gente branca, sem barba, os olhos muito pequenos. É gente liberal, sobretudo muito pacífica: não há guerra entre eles. Se cá, na Índia, não houver alguns impedimentos que me estorvem a partida, este ano de 52 espero ir à China, pelo grande serviço de nosso Deus que se pode seguir, assim na China como no Japão: é que, sabendo os japoneses que a lei de Deus a recebem os chineses, hão-de perder mais depressa a fé que têm nas suas seitas. Grande esperança tenho de que, assim os chineses como os japoneses, pela Companhia do nome de Jesus, hão-de sair das suas idolatrias e adorar a Deus e a Jesus Cristo Salvador de todas as gentes.

20. É coisa para muito notar que os chineses e os jáponeses não se entendem quando falam, porque são muito diversas as línguas[13]; mas os japoneses que sabem a letra da China, entendem-se por escritura, embora não quando falam. Esta letra da China ensina-se nas universidades do Japão. Os bonzos que a sabem tem-nos, a outra gente, por letrados. E é desta maneira: que cada letra da China significa uma coisa; e assim quando a aprendem os japoneses, quando fazem uma letra da China, em cima desta letra pintam o que quer dizer. Se a letra quer dizer «homem», pintam em cima desta letra uma figura de homem. E assim em todas as outras letras. É de maneira que as letras ficam em vocábulos e, quando é japonês quem lê estas letras, lê-as em sua língua de Japão e, quando é chinês, em sua língua da China. De maneira que, quando falam, não se entendem; mas quando escrevem, só pela letra entendem-se, porque sabem a significação das letras embora as linguagens sempre permaneçam diferentes.

21. Fizemos, em língua de Japão, um livro que tratava da criação do mundo e de todos os mistérios da vida de Cristo. Depois, este mesmo livro escrevemo-lo em letra da China para, quando for à China, dar-me a entender até saber falar chinês.

22. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor: que vossa santa Caridade, com toda a Companhia me encomendem continuadamente a Deus! Desejo muito ser encomendado por todos os Padres, especialmente pelos professos, e isto por intercessão de vossa santa Caridade.

23. E assim cesso, rogando a Deus Nosso Senhor – tomando na terra a vossa Caridade por intercessor com toda a Companhia, juntamente com toda a Igreja militante; e no céu, consequentemente, começando por todos os beatos que nesta vida foram da Companhia, com toda a Igreja triunfante, para que por seus rogos e méritos Deus

[13] O chinês pertence ao grupo de línguas mongóis meridionais, e a língua japonesa e coreana não é afim a nenhuma outra.

Nosso Senhor – me dê a sentir nesta vida sua santíssima vontade e, sentida, graça para bem e perfeitamente a cumprir.

De Cochim, a 29 de Janeiro, ano de 1552
Menor filho e em desterro maior,
FRANCISCO

No envelope, por mão de Xavier: + Jhus. A meu em Cristo santo Padre Ygnacio em Roma.

98
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES

Cochim, 30 de Janeiro 1552
Duma cópia em castelhano, feita em 1553

SUMÁRIO: 1-5 Qualidades dos que venham a ser enviados para o Japão e, sobretudo, para a universidade de Bandu. Trabalhos e perigos que os esperam. – 6-8. Enviem-se só selectos. Convida Rodrigues a vir para a China e pede-lhe que recomende ao Rei os cristãos da Pescaria.

IHS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor

1. Padre meu e Irmão em Cristo caríssimo: Parece-me ser necessário expor-vos algumas particularidades acerca do Japão, para que estejais a cabo dos Padres que haveis de mandar para lá. Primeiramente vos faço saber que, os que daí haveis de mandar para a universidade de Bandu[1] e para as outras, é necessário que sejam pessoas com muita experiência e que se tenham visto em alguns trabalhos ou grandes perigos, e neles sejam bem provados, porque hão-de ser muito grandemente perseguidos pelos bonzos quando forem para Bandu e também para as outras universidades. Assim que vos torno outra vez a dizer: que hão-de ser muito grandemente perseguidos e, em lugar de aproveitar a outros perder-se-ão a si, se não forem pessoas de grande confiança.

Hão-de passar grandes frios em extremo, porque Bandu está muito para a banda do norte, muito longe de Amanguche. Hão-de

[1] Kwantô.

ter muito pouco que comer: tudo há-de ser arroz e algumas ervas e outras coisas de pouca substância. Os que hão-de ir para lá, além de terem muito espírito, é necessário terem grandes disposições e robustas compleições.

2. Parece-me que, para aquelas partes, seria bom que enviásseis alguns flamengos ou alemães, porque são criados em frios e trabalhos. Os que não tiverem talento para pregar fora das suas terras por não saberem a língua, como há muitos por Itália, França e Espanha, ajudar-lhes-á muito serem ao menos bem exercitados em artes e sofística filosófica[2], para nas disputas saberem confundir os bonzos que mantêm as universidades e apanhá-los em contradição. As pessoas que daqui se podem mandar para Amanguche, são para aprender a língua e pôr-se ao par dos erros das seitas para, quando vierem da Europa Padres de muita confiança, poderem levar consigo para as universidades um Irmão de Amanguche que já saiba bem a língua. Desta maneira poderão fazer muito fruto até que, com o tempo, venham a aprender a língua.

Parece-me, caríssimo Irmão meu Mestre Simão, que deveis escrever ao nosso bem-aventurado Padre Inácio acerca dos que hão-de vir para o Japão com destino a estas universidades.

3. Quase de todo o Japão vão bonzos aprender a Bandu. O que lá aprendem é que ensinam nas suas terras quando voltam de Bandu. Segundo me dizem, Bandu é cidade grande em extremo e de muita gente nobre. Tem fama de que é gente muito forte, visto que entre eles dizem que há alguns bons homens. Esta é a informação que tenho de Bandu; assim será das outras universidades.

Irmão meu caríssimo Mestre Simão, por serviço de Deus: que os que mandardes para cá, para ficar nestas partes da Índia ou para andar entre portugueses que se estabelecem na terra, tanto nas fortalezas como no Cabo de Comorim, sejam pessoas que não

[2] Maneira de chamar antigamente a filosofia e a dialética.

tenhamos cá trabalho com elas! Nosso Senhor sabe quanto sinto ver-me forçado a despedir alguns da Companhia. O que sobretudo sinto é que aqueles que tinha por pilares muito seguros[3], os acho muito diferentes do que pensava. Deus Nosso Senhor sabe se mais sinto algumas coisas que encontro cá, do que sinto os trabalhos que tenho passado neste caminho.

4. Irmão meu Mestre Simão, parece-me que será bem particularizar alguns trabalhos que terão de passar os Irmãos que forem para o Japão. Quando eles forem a alguma universidade, hão-de ter continuamente disputas com uns e outros. Hão-de ser muito desprezados. Não hão-de ter lugar para meditar e contemplar. Não hão-de poder dizer Missa, porque ao princípio não poderá haver disposição para isso, principalmente em Bandu e Miaco[4]. Não hão-de ter quase tempo nenhum para dizer o Ofício, pois tenho experiência de que hão-de ser muito importunados de gentes que os hão-de vir visitar e conversar, e hão-de ser chamados a casas de cavalheiros que levam a mal quando se lhes dão algumas escusas, pois nenhumas recebem a bem.

5. Há-de ser de maneira que nem para comer ou dormir hão-de ter tempo. O demónio tem altos modos de tentar em semelhantes casos. E quando um homem carece de se exercitar, meditar, contemplar mentalmente, rezar e, o que é mais, não comungar o Senhor nem dizer Missa, o ser muito perseguidos, tanto dos bonzos como dos grandes frios e do pouco mantimento e fora de todos os favores e ajudas humanas, crede que hão-de ser bem provados.

6. Portanto tereis de olhar muito às pessoas que haveis de mandar para o Japão. Porque não é para velhos, pois carecem das forças cor-

---

[3] De Manuel de Morais júnior e de Francisco Gonçalves, que Xavier agora despediu da Companhia de Jesus, escrevia ele mesmo a João da Beira em 1549: «São pessoas com que haveis-de ser muito consolado, e vos hão-de ajudar muito» (Xavier-doc. 82,4).

[4] Miyako.

porais; nem para muito moços, pois carecem de experiência, embora tenham forças corporais. Crede-me, Irmão meu Mestre Simão, que os fervores de muitos que se hão-de oferecer para vir para o Japão, serão no Japão bem provados. Mas também digo que em grandíssima maneira consolados, se nos trabalhos alcançarem vitória, usando bem de muito grande graça que o Senhor dá em semelhantes trabalhos para alcançar vitória contra o inimigo.

7. Peço-vos muito, por amor de Deus, Irmão meu Mestre Simão, que quando tiverdes de mandar a estas partes da Índia Irmãos da Companhia para ficar nela, sejam tais que aí façam falta, mesmo que sejam poucos. Como há tantas casas da Companhia na Europa, de todas elas cada ano se podem dispensar dois Padres que tenham talento para pregar e dar grande exemplo: mais em vida que em doutrina, porque destes tem a India muita necessidade. Aos Padres que daí vierem, dai-lhes um regulamento de que nas naus não admitam Irmãos. Porque se tivermos de admitir na Índia alguns, para cá estudarem, de parecer seria que fossem os que aí já têm alguns anos de estudo e de espírito e aqui viessem acabar seus estudos: é que muitos despedem aí nos colégios que seriam melhores, para povoar os daqui, do que seria admitir aqui na Índia pessoas que não sabem mais que ler e escrever.

8. [Mas] melhor seria não virem daí pessoas sem terem acabado os seus estudos. E aqui, não admitir senão pessoas de que a casa tem necessidade para seu serviço, porque os estudos daqui vão muito devagar. Hão-de passar primeiro muitos anos, antes de terem letras suficientes para pregar e confessar e ajudar os próximos e a Companhia.

9. Irmão meu Mestre Simão, Deus Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso, pois tão espalhados andamos. Que seria, Irmão meu Mestre Simão, se ainda nos juntássemos na China? Rogai a Deus Nosso Senhor que me dê graça de abrir caminho a outros, já que eu não faço nada.

O assunto da Pescaria, acerca do capitão[5], sobre o qual escrevia o P. Henrique Henriques, tereis cargo de o despachar com o Rei, no que pertence à cristandade.

De Cochim, aos 3 de Janeiro de 1552
FRANCISCO

[5] A 12 Janeiro de 1551, escrevia Henriques a Simão Rodrigues: «Temos ao presente um capitão na Pescaria, por nome Manuel Rodrigues Coutinho, que haverá oito meses que ali reside, o qual é muito bom homem… Os cristãos estão muito bem com ele, e desejam que toda a sua vida esteja na Costa por capitão» (*Doc. Indica* II 161). Esta petição, repetida posteriormente pelos missionários (*l.c.* 306) e recomendada ao Rei por Xavier (Xavier-doc. 99,6), foi atendida pela corte (*l.c.* 611).

99
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Cochim, 31 de Janeiro 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-2. Recomenda os habitantes de Malaca que com pessoas e bens se distinguiram na defesa da cidade cercada. – 3-24. Apresenta várias pessoas que por seus méritos e serviços merecem gratidão e recompensa do Rei. – 25. Pede desculpa de tantos pedidos e deixa-os à liberdade do Rei.

Senhor

1. Havendo respeito ao serviço de Deus e de Vossa Alteza, lhe farei lembrança de certas pessoas que é necessário saber V. A. os serviços que lhe têm feito, para que dê os agradecimentos e para que continuamente o sirvam. Porque os homens de cá, que o seu gastam em serviço de Vossa Alteza, nenhuma coisa tanto desejam como saberem que V. A. está ao cabo dos seus serviços, para que os honre escrevendo-lhes e dando-lhes os seus agradecimentos.

2. Todos os moradores de Malaca, neste cerco[1] [à cidade], serviram muito a Vossa Alteza, com suas pessoas e fazenda. Escreva-lhes Vossa Alteza, dando-lhes os agradecimentos com algumas liberdades para que tornem a enobrecer a destruída e perdida cidade de Malaca.

---

[1] De 5 de Junho a 16 de Setembro de 1551, em que Malaca foi cercada pelos reis de Malaia e Java aliados, sucumbiram no cerco cem portugueses. A parte dos indígenas foi incendiada, as redondezas foram devastadas e a própria Malaca muito destruída (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 4700, 4703, 4746, 4748, 4761; COUTO, *Da Ásia* 6,9,5-9).

3. Francisco Borges[2] e Gaspar Mendes[3] e Mateus de Brito[4], homens solteiros, gastaram muito neste cerco. São abastados e, o que lhes fica, guardam-no para servir Vossa Alteza. Vossa Alteza deve-lhes escrever, dando os agradecimentos a cada um deles, porque serviram muito. E, porque o Padre Francisco Pérez escreve longamente as coisas de Malaca[5], as deixo de escrever.

4. D. Álvaro[6] escreve a Vossa Alteza, pedindo-lhe certa mercê e, para mais o obrigar a servir e restaurar aquela terra, deve-lha fazer.

5. Vossa Alteza, quanto ao que cumpre muito a seu serviço acerca das coisas da Índia, informar-se-á de Manuel de Sousa[7], que é homem que as entende e de quem Vossa Alteza deve fazer muita conta, porque nestas partes muito bem o tem servido.

6. Grandes novas acho dos cristãos do Cabo de Comorim, que são para dar muitos louvores a Deus. Do fruto que se faz, grande parte é [graças a] Manuel Rodrigues Coutinho[8]. Os cristãos e o Pa-

---

[2] Nada mais se sabe dele.

[3] Gaspar Mendes, já em 1539 tinha combatido em Malaca. No cerco de 1551, saiu ao ataque da marinha do inimigo e foi ferido por uma seta (SCHURHAMMER, *Quellen* 437; 4703). Foi na sua nau que em 1552 Xavier enviou de Sanchão as suas cartas para Malaca (cf. Xavier-doc. 135,1).

[4] De Mateus de Brito, sabemos apenas que em 1541 navegou com o Governador ao Suez (CORREA, *Lendas da Índia* IV 163).

[5] Na carta de 24 de Novembro de 1551 (*Doc. Indica* II 204-220).

[6] D. Álvaro Ataíde da Gama, filho de Vasco da Gama, em 1541 embarcou com Xavier para a Índia e de novo em 1550, para suceder a seu irmão D. Pedro da Silva na capitania de Malaca. Desde 1551 era ali *capitão-mor do mar*. Com essas atribuições, sem ser ainda capitão da cidade, impediu Diogo Pereira de realizar a embaixada à China, deixando apenas seguir a nau com Xavier, retendo o embaixador em Malaca. Por isso foi deposto dos cargos em 1554 e enviado sob prisão para Portugal (SCHURHAMMER, *Quellen* 764, 1258, 2026, 6075; COUTO, *Da Ásia* 6,9,1, 19; 6,10,7, 18; MX II 893).

[7] Sobre Manuel de Sousa de Sepúlveda, cf. Xavier-doc. 69,1.

[8] Manuel Rodrigues Coutinho servira já na Índia em 1529-1539, tendo sido em 1537 capitão da Pescaria. Em 1541 embarcou novamente com Xavier para Índia e 1548 uma terceira vez. Em 1552-1561, ainda que com algum intervalo em

dre Henrique Henriques escrevem a Vossa Alteza sobre ele e sobre algumas coisas que convêm para o serviço de Deus e de Vossa Alteza. Por amor de Deus, despache-as e, se quer cristandade naquelas partes, mande a Manuel Rodrigues Coutinho que esteja aí em sua vida. Em tempo está agora a Índia, em que Vossa Alteza tem necessidade de se assinalar nas coisas do serviço de Deus mais que nunca.

7. Lopo Vaz Coutinho[9], homem fidalgo, tem muito servido e gastado em serviço de Vossa Alteza. É pobre e bom, como seu irmão Manuel Rodrigues Coutinho. D. João de Castro, por saber dos seus muitos serviços e também [de] se achar em Diu, mandou[-o] pedir a capitania de Maluco. Faça-lhe Vossa Alteza a mercê que lhe parecer, porque muito bem a merece.

8. D. Jorge de Castro[10], Vasco da Cunha[11], Francisco Barreto[12], são homens que servem muito Vossa Alteza. Têm boa fama na Índia. Deve Vossa Alteza fazer muita conta deles.

1554, foi novamente capitão da Pescaria (SCHURHAMMER, *Ceylon* 154; *Quellen* 662 927 3831 4583 4761 4946). Obteve o título de «*fidalgo da casa real*».

[9] Lopo Vaz Coutinho, filho de Vasco Rodrigues Castellobranco, fidalgo, viajou para a Índia em 1537 e 1541; em 1546 comandou uma nau na batalha de Diu e em 1548 acompanhou o Governador a Cambaia; em 1549, Fr. António do Casal recomendou-o ao Rei (SCHURHAMMER, *Quellen* 437, 2305, 2677, 3587, 3636, 4148).

[10] D. Jorge de Castro, nascido por 1494, partiu em 1507 para a Índia, onde participou em batalhas no Malabar, Molucas, Diu, Baçaim e Ormuz. Em 1539--1544 foi capitão de Ternate (Molucas); exilado para Malaca em 1546 por D. João de Castro, à morte deste, abalou para Ceilão, donde foi obrigado a sair por se meter em guerras locais. Regressado à Índia, foi capitão de Cochim e depois de Chale, cuja fortaleza, assediada em 1571 pelo rei de Calicut, entregou ao inimigo; traição que pagou em Goa com a pena capital em 1574 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 375).

[11] Sobre Vasco da Cunha cf. Xavier-doc. 69,3.

[12] Francisco Barreto, partiu para a Índia em 1548; em 1549-1552 foi capitão de Baçaim, onde prestou ajuda eficaz aos missionários. Em 1545-1558, sendo Governador da Índia, por mandato do Rei começou a tratar da causa de canonização de Xavier. Morreu em 1573 na invasão do reino do Monomotapa (SCHURHAMMER, *Ceylon* 586; COUTO, *Da Ásia* 6,6,7; 6,10,6; 7,5,8).

9. Fernão Mendes[13] tem servido a Vossa Alteza nestas partes e emprestou-me no Japão trezentos cruzados para fazer uma casa em Amanguche. Ele é homem rico. Tem dois irmãos, Álvaro Mendes[14] e António Mendes[15]. Para os obrigar a gastar o que têm e [a] morrer em serviço de Vossa Alteza, me fará mercê de os receber por moços da câmara. Álvaro Mendes esteve no cerco de Malaca.

10. Guilherme Pereira[16] e Diogo Pereira[17] são dois irmãos, homens muito ricos e abastados. Servem muito a Vossa Alteza com suas fazendas e suas pessoas. Escreva-lhes Vossa Alteza os agradecimentos e honre-os, para mais os obrigar a servi-lo. Eles são muito meus amigos. Eu, porém, não os encomendo por via da amizade, mas pelo que respeita ao serviço de Vossa Alteza. Diogo Pereira, no tempo de Simão de Melo[18], muito gastou e pelejou em destruir os achens[19].

---

[13] Fernão Mendes Pinto, autor do célebre livro *Peregrinação*, nasceu por 1514 em Montemor-o-Velho (Coimbra). Partiu para a Índia em 1537 e, em 1539, para Malaca onde exerceu comércio com vários países do Extremo Oriente. Encontrou-se com Xavier em Bungo (Japão) em 1551. Em 1554, sendo já um dos mercadores mais ricos de Malaca, ao ver como o cadáver de Xavier era triunfalmente levado de cidade em cidade para Goa, resolveu entrar na Companhia de Jesus. Como noviço jesuíta foi enviado com o P. Melchior Nunes Barreto a Bungo como legado do vice-rei da Índia. Lá mesmo, deixou a Companhia de Jesus, regressou a Portugal, casou e veio a morrer em Almada em 1583 (SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 101-102).

[14] Morreu mártir em Bintang, perto de Malaca, por 1553 (SCHURHAMMER, *Quellen* 6051, 6052; *Zwei ungedruckte Briefe* 52).

[15] Em 1557 foi testemunha em Malaca no processo para a canonização de Xavier (MX II 419-422).

[16] Guilherme Pereira, estabeleceu-se primeiro em Malaca, depois mudou para Cochim em 1547, mais tarde exerceu comércio no Japão (1559) e finalmente instalou-se em Macau (1562) onde se mostrou amicíssimo da Companhia de Jesus (SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 52).

[17] Sobre Diogo Pereira, cf. Xavier-doc. 62,2.

[18] Simão de Mello foi capitão de Malaca em 1545-1548.

[19] Cf. Xavier-doc. 62,1; SCHURHAMMER, *Quellen* 1523, 1687, 2492 3502.

11. Pero Gonçalves[20], vigário de Cochim, serve muito a Vossa Alteza. Em tempos passados fez-lhe mercê de o tomar por capelão. Pede agora a Vossa Alteza que, tendo em consideração os serviços e gastos que faz pelos cristãos, lhe faça mercê de lhe mandar pagar moradia de capelão ou acrescentar o ordenado. Ele tem cá um sobrinho, por nome Pero Gonçalves, a quem Vossa alteza, há dias, por minha intercessão, fez mercê de um alvará de lembrança de moço de câmara, para quando voltasse a Portugal. Ele não vai de cá, pois é casado e serve cá a Vossa Alteza nas armadas. Faça-me a mercê de lhe mandar alvará de moço de câmara. E mais: atendendo aos seus serviços, faça-lhe mercê de escrivão da escrivaninha da pescaria do aljôfar, ou da escrivaninha de Coulão.

12. João Álvares[21], deão da Sé de Goa, homem com trinta anos de serviço, vai aí. Que Vossa Alteza o envie [de novo] para cá, para o servir. Sirva-se aí dele, favoreça-o e faça-lhe mercê, porque o merece.

13. Pero Velho[22], sobrinho de António Correa[23], encontrei-o no Japão. É homem rico e abastado e de muito serviço. Não é de Vossa Alteza. Peço-lhe muito, por mercê, que o tome por seu moço de câmara, para mais o obrigar a servi-lo e a gastar o que tem em seu serviço.

14. António Correa[24] e João Pereira[25] servem muito a Vossa Alteza nestas partes, assim nas guerras como em carga da pimenta.

---

[20] Sobre Pero Gonçalves cf. Xavier-doc. 61,15.

[21] Sobre ele cf. Xavier-doc. 92,2.

[22] Pero Velho partiu para a Índia em 1524. Foi um dos que esteve com Xavier em Sanchão em 1552; veio a morrer em Macau mais tarde (MX II 474-475; 477--478).

[23] Naquela época eram conhecidos seis com este nome na Índia.

[24] António Correia, nasceu por 1498. Em 1528 partiu para a Índia onde combateu ao longo de dez anos na marinha portuguesa. Ferido em Diu, entrou noutras batalhas a expensas próprias em 1546. Em 1540-1542 foi feitor de Baçaim e desde 1547 feitor de Cochim onde lhe competia velar pelos carregamentos de pimenta para Portugal (SCHURHAMMER, *Quellen* 2791; 2830; 3092-93, 3595…).

[25] João Pereira, filho de Diogo Pereira, foi nomeado capitão da fortaleza de Cranganor em 1545. Favoreceu notavelmente os missionários, os cristãos e o

Console-os Vossa Alteza, escrevendo-lhes os agradecimentos de seus serviços.

15. Diogo Borges[26] trabalhou e gastou de tal maneira com o rei das ilhas Maldivas que o fez cristão[27]. Tem servido a Vossa Alteza nas armadas e está pronto para o servir. Escreva-lhe Vossa Alteza os agradecimentos do que gastou em fazer cristão o rei das ilhas.

16. Gregório Cunha[28] morreu aqui, na guerra de Cochim[29], com Francisco da Silva[30]. Ficou-lhe uma mulher e uma filha pequena desamparadas. Faça-lhes mercê de algumas viagens para o casamento da filha.

17. Pero de Mesquita[31] há muitos anos que serve Vossa Alteza na Índia: lembre-se dele.

---

comércio de pimenta que exerciam os cristãos de S. Tomé. Morreu em 1564 (SCHURHAMMER, *Quellen* 1401, 3373, 3398, 3593, 4123…; COUTO, *Da Ásia* 6,8,9; 7,8,14; 7,4,10).

[26] Diogo Borges partiu em 1548 para o Oriente com o cargo de *alcaide-mor* das Molucas (SCHURHAMMER, *Quellen* 3771).

[27] Hasan, rei das Maldivas, cercado por insurrectos, em fins de 1549-50 veio a Cochim pedir auxílio ao vice-rei da Índia. Instruído na fé por António de Herédia, recebeu o baptismo com o nome de Manuel em Dez. de 1551 aos 25 anos de idade. No ano seguinte, casou ali mesmo com Eleonora de Ataíde e já não voltou ao reino, vindo a morrer pobre em Cochim em 1583 (SCHURHAMMER, *Quellen* 3145, 4390, 4719, 4740-41, 6043, 6076, 6078, 6128).

[28] Gregório da Cunha tinha partido em 1549 (*Emmenta* 431).

[29] Guerra que o rei Tekkumkuren, chamado rei da pimenta, e seus aliados fizeram contra o rei de Cochim aliado dos portugueses (1550-1551) pela ilha de Bardela (Varutala) (CORREA, *Lendas da Índia* IV 723-724; SCHURHAMMER, *Quellen*, índice na palavra *Pfefferkrieg*).

[30] Francisco da Silva de Menezes, capitão de Cochim desde 1547 (cf. CORREA, *ib*. 723-724; SCHURHAMMER, *Quellen* 4530, 4592, 3900, 3925).

[31] Pero de Mesquita esteve em Goa em 1527 e em Chaul em 1528. Em 1547, embarcou de novo para a Índia como capitão duma nau e lá foram-lhe concedidas, como favor, três viagens de negócios às Molucas (CORREA, *Lendas da Índia* III 135, 230, 292; IV 666; *Emmenta* 428; SCHURHAMMER, *Quellen* 4063, 4250, 4778).

18. Gonçalo Fernandes[32], patrão-mor da Índia, há muitos anos que serve Vossa Alteza. Em satisfação dos seus serviços pede-lhe, por mercê, que lhe confirme o seu ofício de ser patrão-mor em [toda a] sua vida.

19. Luís Álvares[33], homem velho, grande piloto, de 27 anos de serviço, em sua velhice, em satisfação dos seus serviços, pede a Vossa Alteza que lhe faça mercê de piloto-mor em [toda a sua] vida; no que a mim me fará muita mercê, porque tenho recebido dele muitas amizades e honras.

20. Álvaro Fernandes[34], que é pai dos cristãos[35] de Coulão, pede a Vossa Alteza que lho confirme. Os Padres da Companhia estão contentes com ele, porque é bom homem. Faça-lhe Vossa Alteza mercê dalgum ordenado.

21. Álvaro Fogaça[36] pede a Vossa Alteza que, tendo em consideração os seus serviços, lhe faça mercê de três anos de capitania das viagens às ilhas de Maldiva.

22. Mateus Gonçalves[37], morador em Cochim, pede a Vossa Alteza que lhe faça mercê da confirmação de meirinho do monte em [toda a] sua vida, ofício que, por ser aceite à cidade, o Vice-rei lhe confirmou. Há muito tempo que serve. Todos os Padres da Companhia que estão em Cochim lhe devem muito. A ele e a nós fará Vossa Alteza mercê em lhe confirmar o ofício.

---

[32] Sobre Gonçalo Fernandes, cf. Xavier-doc. 79,14.

[33] Naquela época eram conhecidas na Índia várias pessoas com o mesmo nome (cf. SCHURHAMMER, *Zwei ungedruckte Briefe* 54).

[34] Eram conhecidas várias pessoas com o mesmo nome (cf. SCHURHAMMER, *ib.* 54-55).

[35] Sobre o cargo «*pai dos cristãos*» recentemente instituído, cf. DALGADO, *Glossário* II 139-140.

[36] Sobre Álvaro Fogaça, cf. Xavier-doc. 22,4.

[37] Nada mais se conhece dele. *Meirinho do monte* é o mesmo que *meirinho do campo* (cf. MX II 374).

23. António Pereira[38], casado e morador em Coulão, pede a Vossa Alteza que lhe faça mercê da escrivaninha de Coulão. Dom Leão[39] informará Vossa Alteza dos seus serviços.

24. Grande desconsolação recebi em achar Cosme Anes tão vexado[40]. Sempre o conheci grande amigo do serviço de Vossa Alteza e esteio da nossa Companhia nestas partes da Índia. O que me consola é que Vossa Alteza saberá a verdade e, por derradeiro, lhe fará mercê [a ele] e, a nós todos, nos consolará em o prover com justiça e dar-lhe satisfação conforme a seus serviços.

25. Por serviço de Deus, peço a Vossa Alteza que me perdoe por ser tão importuno com encomendas de tantas pessoas. Em tudo fará o que for maior serviço seu, porque eu não desejo senão servi-lo. Nosso Senhor guarde o estado da Índia e, a Vossa Alteza, muitos anos para o acrescentar.

De Cochim, a 31 de Janeiro de 1552 anos
(*Por mão de Xavier*): Servo inútil de Vossa Alteza
FRANCISCO

---

[38] António Pereira, pelos vistos, obteve o cargo pedido, pois em 1562 assinou a carta que os habitantes de Coulão escreveram ao Rei. Não confundir com outros do mesmo nome.

[39] Não se conhece o apelido.

[40] Sobre as vexações sofridas por Cosme Anes cf. CORREA, *Lendas da Índia* IV 698-699, 711, 720. O Governador Cabral, irreconciliável adversário dele, desterrou-o para Cochim.

100
AO PADRE PAULO CAMERINO (GOA)

Cochim, 4 de Fevereiro 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Morais e Gonçalves são despedidos da Companhia de Jesus. Teme que outros se sigam. – 2. Outros desgostos. – 3. Recados sobre alguns jesuítas. Cumprimentos ao Bispo.

IHS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. *Micer* Paulo. Aí vão Manuel de Morais[1] e Francisco Gonçalves[2]. Logo que chegarem, vista esta carta minha, ireis a casa do Senhor Bispo e direis a Sua Senhoria que Manuel de Morais, uma vez que é Padre, o entregais em suas mãos, porque eu vos escrevi que a Companhia o entrega a Sua Senhoria: que dele se sirva, porque é pessoa que se pode servir dele. E assim, vós direis a Manuel de Morais que eu vos escrevi para que o despedísseis.

Também despedireis a Francisco Gonçalves; e isto vos mando que façais em virtude de obediência. Não os deixareis entrar no colégio; e assim, mandareis a todos os que estão no colégio que não tenham prática com eles. A mim me pesa muito de haver causas para os despedir[3]. O que mais sinto ainda, é que tenho medo de

---

[1] Sobre ele cf. Xavier-doc. 68,4.

[2] Sobre ele cf. Xavier-doc. 82,4.

[3] Ambos foram despedidos da Companhia por desobedecerem a João da Beira, superior da Missão em que trabalhavam (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 4380;

que não hão de ser [eles] sós[4]. Deus sabe com quanta mágoa escrevo esta carta!

2. Cuidava [vir] achar cá alguma consolação, depois dos muitos trabalhos que tenho levado e, em lugar de consolação, acho trabalhos que assaz me atribulam, como são demandas e desavenças com o povo, que causam pouca edificação[5].

Obediência, parece-me [pelo que tenho alcançado depois que cheguei], que há pouca ou nenhuma. Louvado seja Deus por tudo.

3. A Belchior Gonçalves[6] mandareis e escrevereis para Baçaim que, em virtude de obediência, venha a Goa, que assim o mando.

Baltasar Nunes[7] recebê-lo-eis em casa até que eu aí vá. Um mancebo que aí vai, que se chama Tomé Fernandes[8], não o recebereis em casa até que eu aí vá. Dizei-lhe que, se quiser servir a Deus na Companhia, o sirva em espírito até que eu aí vá. Espero em Deus Nosso Senhor depressa estar aí.

Ao Senhor Bispo, de minha parte, lhe beijareis a mão e lhe direis que em grandíssima maneira desejo ver Sua Senhoria para consolar-me com ele; pois é tão grande a obrigação que lhe tenho, que me acho indigno para lhe pagar o muito que devo a Sua Senhoria.

4540; 6002). Tinham sido enviados para as Molucas em 1549 com Afonso de Castro, onde já se encontravam Nicolau Nunes e Nuno Ribeiro com João da Beira (Xavier-doc. 82).

[4] Além destes, Xavier despediu em Goa António Gomes e Melchior Gonçalves; outros três (Manuel da Nóbrega, André Monteiro e João Rodrigues) despediram-se eles mesmos de própria vontade.

[5] Sobre estas desavenças com o povo, cf. POLANCO, *Chron* V 670-671; LUCENA 9,20.

[6] Sobre ele, cf. Xavier-doc. 79,10; e a razão por que o chamou cf. Xavier-doc. 104,1: «pois está esse povo de nós tão escandalizado».

[7] Sobre ele cf. Xavier-doc. 68,2. Consta que era ainda estudante, muito doente e hesitante na vocação. Mas em 1566 ainda continuava jesuíta.

[8] Talvez um Tomé Fernandes que em 1581 era sacerdote diocesano em Diu.

A todos os Irmãos desejo muito de ver, principalmente aos Padres, para me consolar com eles.

De Cochim, a 4 de Fevereiro de 1552
(*Por mão de Xavier*): Todo vosso em Cristo
FRANCISCO

CHINA

VIAGEM DE XAVIER AO JAPÃO
- - - Itinerário de Xavier
0
500
1000
1500
2000km
N
JAPÃO
Ashikaga
Yedo
Miyako
Pequim
Coreia
Kagoshima
Tanegashima
Nanquim
ILHAS RIUKYU
Amami Oshima
CHINA
Okinawa
Miyakoshima
Fuchow
Kanchoufu
Formosa
Chincheo
Kweilin (Kwangsi)
Cantão
Tsoumachi
Wuchou
Sanchoão
COCHINCHINA
HAINAN
Tinhosa
CHAMPA
SIÃO
Cabo Padaran
CAMBOJA
Patane
Ilhas Redang
Malaca
Estreito de Singapura
SUMATRA
N
Túmulo
de Xavier
Baía
dos Portugueses
Samtong
Baía
de Chauwan
Baía
de Sanki
Baía
de Sandy
Satie
Liuchiu
Baía
de Shito
Waikaup
0
10
20 km
SANCHOÃO (1928)

INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS 101-137

Chegado a GOA em meados de Fevereiro de 1552, começou a preparar tudo para que o Governador mandasse o seu amigo Diogo Pereira como embaixador de relações comerciais a Pekim e ele o pudesse acompanhar como Núncio para abrir caminho aos missionários na China. Para isso, queria deixar resolvidos os principais problemas de Província e assegurar um bom governo dela na sua ausência. Começou por enviar, em Fevereiro, Mestre Belchior Nunes Barreto como superior para Baçaim, munido duma *Instrução* sua *(Xavier-doc. 101)* e, ao enviar-lhe mais um missionário em Março, destinado à cidade vizinha Thana, mandou-lhe segunda *Instrução (Xavier-doc. 104)*. Ao P. Gonçalo Rodrigues que tinha substituído Barzeu em Ormuz e ao P. Cipriano que mandara para S. Tomé de Meliapor chama-os severamente à ordem nas relações com o clero local *(Xavier-doc. 102 e 113)*. A André de Carvalho, devolve-o a Portugal por motivos de saúde e recomenda-o com elogios, numa carta a Simão Rodrigues *(Xavier-doc. 103)*. Afasta António Gomes para Diu e nomeia Barzeu superior dos jesuítas de Goa, para ficar também Vice-provincial de todas as outras Missões, durante a sua ausência, deixando-lhe para isso uma primeira *Instrução (Xavier-doc. 105)*, juntando-lhe, em envelope cerrado, o nome do sucessor, caso morra antes de ele regressar da China (*Xavier-doc. 106*). Envia, como procurador a Lisboa e Roma, André Fernandes, acompanhado dos japoneses Mateus e Bernardo que trouxera do Japão, entregando-lhe duas cartas para Simão Rodrigues sobre os problemas de que vai informar os Superiores da Companhia de Jesus (*Xavier-doc. 107-108*); outra para D. João III a comunicar a próxima expedição à China (*Xavier-doc. 109*); uma outra para Inácio, a comunicar as medidas que tomou no governo da Província (*Xavier-doc. 110*). Em Goa, ainda quis deixar oficialmente nomeado um procurador jurista que zelasse pela cobrança das dívidas ao colégio (*Xavier-doc. 111*) e, depois de dar mandato a Barzeu para despedir António Gomes pelas primeiras naus que partissem para Portugal (*Xavier-doc. 112*), deixou-lhe mais 5 amplas Instruções (*Xavier-doc. 114-118*).

Arrumadas assim as coisas em Goa, empreendeu a viagem para a China, acompanhado de 4 jesuítas (Gago, Alcáçova, Ferreira e E. da Silva), o intérprete António China e 3 japoneses. De COCHIM, onde fez escala, escreveu ainda a Barzeu expondo-lhe as necessidades dos missionários daquela zona e lembrando-lhe outros recados (*Xavier-doc. 119*) e deixou uma *Instrução* a Herédia superior local (*Xavier-doc. 120*).

Em MALACA, onde chegou em Maio de 1552, começou o calvário que o levaria à morte às portas da China. De facto, inesperadamente, o *capitão-mor do*

mar D. Álvaro de Ataíde, que estava para suceder a seu irmão D. Pedro da Silva como *capitão da fortaleza* e cidade de Malaca, não gostou da embaixada de Diogo Pereira à China, cativou o leme à sua nau *Santa Cruz* e não a deixou sair do porto. Seu irmão D. Pedro da Silva, que ainda era o capitão legítimo da cidade, não o conseguindo demover, apresentou a demissão do cargo nas mãos do desembargador Francisco Alvares, para que pressionasse pela justiça o rebelde. Mas em vão. A nau só partiu, tripulada por marinheiros estranhos, ficando o embaixador Diogo Pereira em terra, levando apenas Xavier e alguns mercadores do seu proprietário. O empenho com que lutou Xavier mostra-o a excomunhão que se viu obrigado a pedir ao Bispo que a publicasse oficialmente (*Xavier-doc. 121*). E o sofrimento com que partiu, mostram-no as cartas seguintes. A primeira, ainda em Malaca, ao seu amigo Diogo Pereira culpando-se de o ter prejudicado tanto nesta aventura (*Xavier-doc. 122*) e duas a Barzeu em que o volta a interessar pelo casamento dum amigo e lhe desabafa um pouco do que se passou entre os dois irmãos D. Álvaro adversário e D. Pedro amigo a quem tanto deve (*Xavier-doc. 123-124*).

Em meados de Julho de 1552, partiu de Malaca e fazendo escala em SINGAPURA escreveu dali 5 cartas: a primeira a Barzeu em que se abre mais sobre o que passou em Malaca (*Xavier-doc. 125*); a segunda a João da Beira para que se apresse em Goa para regressar quanto antes às Molucas (*Xavier-doc. 126*); a terceira ainda a Barzeu para tratar assuntos do Japão (*Xavier-doc. 127*); a quarta a João Japão interessando-se por lhe arranjar melhor situação económica antes de regressar ao seu país (*Xavier-doc. 128*); a quinta ao amigo Diogo Pereira a dizer que vai escrever ao Rei a seu favor (*Xavier-doc. 129*).

Ao chegar, em fins de Agosto de 1552, a SANCHÃO, porto clandestino dos mercadores na China, a primeira carta é a dar ordens a Francisco Pérez para fechar a Missão de Malaca, sem condições para se desenvolver em paz (*Xavier-doc. 130*) e uma outra a comunicar-lhe os trâmites que está a tentar para entrar na China (*Xavier-doc. 131*); outra ao amigo Diogo Pereira a contar também os seus planos (*Xavier-doc. 132*); outra a Barzeu sobre o governo que lhe encarregou (Xavier-doc. 133); mais duas a Francisco Pérez nomeando-o superior de Cochim quando deixar Malaca e comunicando-lhe o despedimento do companheiro e a desistência dum intérprete (*Xavier-doc. 134-135*); nova carta ao amigo Diogo Pereira devolvendo-lhe as credenciais já inúteis que lhes dera o Governador da Índia (*Xavier-doc. 136*); e a última de todas a Pérez e Barzeu interessando-os pela publicação oficial da excomunhão a D. Álvaro, dando as razões disso para a futura liberdade das Missões (*Xavier-doc. 137*). Gasto de tanto esperar e de tanto sofrimento, morreu em Sanchão a 3 de Dezembro de 1552, acompanhado apenas do intérprete António China e do criado malabar Cristóvão.

101
PATENTE E INSTRUÇÃO AO PADRE BELCHIOR NUNES BARRETO, DESTINADO A BAÇAIM

Goa, 29 de Fevereiro 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Patente de nomeação de Belchior Barreto para reitor do colégio de Baçaim. – 2. Peça ao antecessor o estado das contas da casa. – 3-4. Na administração futura poupe o possível para ajudar as outras Missões. – 5. Na cobrança de rendas, sirva-se de intermediários leigos que o saibam fazer sem extorsões. – 6-8. Modo de proceder com o povo, autoridades eclesiais e seculares do lugar, e na correspondência com o Rei.

(PATENTE DE NOMEAÇÃO)

Jesus

1. Digo eu, Francisco, que, confiando na vossa virtude e prudência, Belchior Nunes[1], tenho por bem e vos mando, em virtude de obediência, que tenhais cargo desta casa de Baçaim e das rendas da casa. Os que estiverem em Baçaim, que são Irmãos da Companhia, estarão todos à vossa obediência. Logo que tomardes entrega da casa, vos obedecerão todos os Irmãos e Padres da Companhia: não somente os que estiverem de assento em Baçaim mas, os que passa-

---

[1] Belchior Nunes Barreto, S.I., nasceu no Porto por 1522 e entrou na Companhia de Jesus em 1543. Partiu para a Índia em 1551, foi Vice-provincial da Índia (1553-1556), visitou como superior o Japão (1554-1557, morreu em Goa em 1571 (FRANCO, *Imagem de Coimbra* I 361; SCHURHAMMER, *Quellen* 6051--6052; 6059-6061 6146; *Doc. Indica* I II Índices).

rem para Diu e outras partes que chegarem a Baçaim, estarão todos à vossa obediência. Isto entendo, quando não virdes o contrário ou de minha mão ou do reitor que ficar nesta casa da Santa Fé, ao qual na minha ausência obedecereis como ao Padre Inácio. E por ser esta minha vontade me assinarei aqui.

Feito neste colégio de S. Paulo, aos 29 de Fevereiro de 1552
FRANCISCO

(INSTRUÇÃO)

Jesus

2. Primeiramente, das rendas de Baçaim – do tempo que Belchior Gonçalves tem cargo das rendas da casa, das quais fez mercê o Rei ou os Governadores em seu nome à Companhia – sabereis de Belchior Gonçalves o que tem arrecadado e o que está por arrecadar. Informando-vos bem de Belchior Gonçalves acerca destas rendas, muito miudamente me escrevereis; e assim também me escrevereis do dinheiro que vos entregou Belchior Gonçalves.

3. Olhai bem as muitas necessidades que os Irmãos da Companhia têm, e quão endividada esta casa[2] está, e as necessidades que têm os que estão em Cochim[3], Coulão[4], e os do Cabo de Comorim[5], que todos dependem desta casa e sempre pedem. O que mais sinto é saber as muitas necessidades que eles lá passam, porque o Rei não os provê,

---

[2] Colégio de S. Paulo (Goa).

[3] O P. António Herédia, Francisco Durão e um órfão chamado Tomé: os três tinham vindo de Portugal em 1551 (*Doc. Indica* II 289-293; 554-572). Frequentavam o colégio 150 alunos externos (*Doc. Indica* II 229-241).

[4] Em Coulão residiam o P. Lancillotto, Luís Mendes e Pedro Luís, jovem candidato brâmane. Frequentavam o colégio 40 alunos (*Doc. Indica* II 245-26; 274-275; 554-572).

[5] No Cabo de Comorim estavam os PP. H. Henriques e Paulo do Valle com Ambrósio Nunes (*Doc. Indica* II 387-393; 393-401).

pelo pouco dinheiro que tem[6]. Dessas rendas, o que tiverdes necessidade, muito por sua ordem tomareis, assim para vós como para os que estiverem convosco. E olhai que vos torno outra vez a encomendar: por serviço e amor de Deus Nosso Senhor, que em tudo quanto puderdes favorecer daí esta casa, a favoreçais, para que possa ao menos manter os que estão no Cabo de Comorim, Coulão e Cochim!

4. Escusai aí quantas obras materiais puderdes e, nos vossos gastos como no dos meninos, seja por regra. Não quero dizer que aí passeis necessidades, assim vós como os outros que comem dessas rendas; mas digo que tudo quanto se puder escusar, se escuse. Tende sempre diante dos vossos olhos o muito que padecem os do Cabo de Comorim, e quantas crianças morrem sem baptismo à míngua de não haver quem as baptize, por se não poderem sustentar lá os Padres.

5. Quando se arrecadarem as rendas, o arrecadamento[7] não se faça por vossa pessoa, nem por algum da Companhia: isto digo, fazendo-se com escândalo. Faça isto algum amigo ou amigos espirituais leigos, à maneira de síndicos. Para isto, seria melhor que fossem pessoas de espírito, que se confessassem e tomassem o Senhor amiúde; e tereis maneira de que estes tais façam Exercícios da primeira semana. Se pudesse ser que estas pessoas que arrecadam as rendas fossem ricas e abastadas e, sobretudo, boas, seria melhor desta maneira. É que, sendo estas pessoas tais – ricas e boas – quando arrecadam as rendas dos mesquinhos e pobres, não os vexam tanto como se [elas] fossem pobres; ao passo que, sendo pobres, não aguardam tempo e, assim, por força, prendendo-os e fazendo-lhes vexação, arrecadam as rendas.

6. Sobretudo vos encomendo, por amor e serviço de Deus Nosso Senhor, que vos guardeis de escândalos, o que evitareis se o povo enxergar em vós muita humildade. Nos princípios, haveis de trabalhar

---

[6] Xavier, agora melhor informado, reconhece que o Rei não tinha tantos lucros na Índia como lhe escrevera antes (Xavier-doc. 77,2).

[7] A cobrança ou requisição aos devedores.

muito em todas as obras baixas e humildes, porque desta maneira estará bem o povo convosco. Ganhada a vontade ao povo, as coisas que fizerdes, sempre as irão interpretando à boa parte, principalmente quando vos virem perseverar de bem em melhor. E olhai que não descuideis, que quem não vai adiante, atrás torna!

7. Muito folgaria que na cristandade nova que se fizesse, tomásseis por valedores o Padre vigário[8] e os irmãos da Misericórdia, e que a eles se atribuísse o serviço que a Deus Nosso Senhor nisto fazeis. Isto digo, para que em vossas perseguições tivésseis muitos valedores, e o povo não praguejasse tanto de vós, vendo que o Padre vigário e os irmãos da Misericórdia põem mão nisso. Se vos parecer bem, do vigário e irmãos, na carta que vós escreverdes ao Rei, fazer especial lembrança deles a Sua Alteza de quanto favorecem a cristandade e mostrar-lhes a carta, fá-lo-eis.

8. Na carta que vós escreverdes ao Rei, dando conta das coisas de Baçaim, pedireis por mercê a Sua Alteza que escreva à Misericórdia e ao Padre vigário os agradecimentos, vendo que tanto ajudam a cristandade. E olhai que façais sempre muita conta do Padre vigário! E também dos irmãos da Misericórdia! Tomai muitos valedores para estas coisas da cristandade – e também, se se puder, o capitão[9] – dando a entender a todos eles que, se algum fruto se fizer nas conversões dos infiéis, depois de Deus, tudo se há-de atribuir a eles. Se puderdes armar isto ao capitão, grande bem será. Tudo isto remeto à vossa prudência e ao muito que Deus Nosso Senhor vos der a sentir. Quando escreverdes ao Rei, sejam coisas de muita edificação. Quando houverdes de escrever sobre algumas pessoas, seja ao Padre Mestre Simão e não ao Rei: isto entendo das coisas temporais, que das espirituais ao Rei.

---

[8] Em 1546 ordenou o Rei que se erigisse em Baçaim igreja paroquial (S. José). O Pároco era Henrique Botelho (SCHURHAMMER, *Ceylon* 324; 451).

[9] Em 1549-1552 era capitão da fortaleza Francisco Barreto (CORREA, *Lendas da Índia* IV 688).

102
AO PADRE GONÇALO RODRIGUES (ORMUZ)

Goa, 22 de Março 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Gostaria mais de falar pessoalmente. Adverte-o seriamente de alguns defeitos. – 2. Seja obediente ao vigário local e peça-lhe as licenças devidas. Mantenha boas relações com os outros sacerdotes e dê bom exemplo ao povo. – 3. Evite a presunção; por ela já despediu da Companhia de Jesus alguns. – 4. Siga o que Barzeu lhe escreve de sua experiência e o regulamento que Xavier tinha escrito para ele. – 5. Peça perdão ao vigário. – 6-7. Na pregação, evite escândalos. – 8. Escreva-lhe. – 9. Louva os jesuítas que ficaram no Japão. – 10. Escreve-lhe como a um homem de virtude. Mostre a carta ao vigário.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Deus Nosso Senhor sabe quanto mais folgaria de vos conhecer que de vos escrever[1], porque há muitas coisas que por palavras e presença se fazem muito melhor que por carta.

Folguei de ouvir novas de vós, pelos que daí vêm. Ainda que muito mais folgaria [de] ver carta vossa, em que me désseis conta do fruto que aí fazeis ou, por melhor dizer, o que Deus por vós faz; assim como do que deixa de fazer e confiar de vós, pelos impedimentos e

---

[1] Gonçalo Rodrigues, S.I., a quem vai dirigida a carta, nasceu por 1523, entrou na Companhia de Jesus em 1545 e, sendo já sacerdote, partiu para a Índia em 1551. Nesse mesmo ano foi enviado para Ormuz, donde regressou doente em 1553. Enviado a Socotorá e Abissínia em 1555, teve de abandonar aquele país em 1556. Missionou depois em Baçaim e Thana e morreu em Goa em 1564 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 637; *Quellen* 4699, 4870, 4917; *Doc. Indica* II Índice; F. RODRIGUES, *Hist*. I/2, 533).

culpas que vós, por vossa parte, pondes, por cuja causa Deus deixa de se manifestar por vós. Destes impedimentos vos haveis de acusar continuamente – por não serdes tal instrumento qual deveis ser, por onde Deus deixa de ser mais glorificado e as almas por vós mais aproveitadas, o que seriam mais favorecidas se vós fôsseis o que deveis ser – lembrando-vos da conta que haveis de dar a Deus do bem que se deixa de fazer pelo impedimento que da vossa parte pondes.

2. O que vos mando que façais, em virtude da obediência, é que ao Padre vigário[2] sejais muito obediente. Com sua licença e vontade pregareis e confessareis e direis missa. E olhai que vos mando, em virtude da obediência, que por nenhuma coisa quebreis com o Padre vigário! O que boamente puderdes acabar com ele, isso fareis. Porque eu confio tanto da sua virtude e caridade que, se ele vos vir humilde e obediente, será mais liberal em dar-vos o que lhe requererdes do que vós sereis em lhe pedir.

Aos outros Padres[3] tereis muito acatamento. E olhai que a ninguém desprezeis! Sereis amigo de todos. Tomem eles exemplo, em vós, de quão obediente sois ao Padre vigário; e [também] o povo, por conseguinte, tome exemplo em vós para obedecer inteiramente ao Padre vigário. Olhai que o fruto que haveis de fazer, mais há-de ser em dardes exemplo de obediência e humildade, que não em pregar.

3. Guardai-vos de ser singular e de lançar mão do mundo, aborrecendo-vos muito toda a opinião vã. A muitos da nossa Companhia fez mal esta presunção de quererem ser singulares. A muitos despedi, depois de chegar do Japão[4], por os achar compreendidos neste vício

---

[2] Em 1545 era Pároco de Ormuz Roque Domingues, que naquele mesmo ano tinha chegado à India (SCHURHAMMER, *Quellen* 1525). Em 1549, já era António de Moura.

[3] Além do Pároco, devia haver então em Ormuz quatro beneficiados.

[4] Dos cerca de 30 candidatos portugueses que António Gomes terá admitido na Companhia na ausência de Xavier (cf. POLANCO, *Chron* II 399; SOUZA, *Oriente conquistado*, 1,1,1,69).

e em outros [dignos] de que os despida da Companhia do nome de Jesus. Olhai muito por vós: que nada façais por onde sejais despedido! Para viver com humildade na nossa Companhia, lembre-vos quanta mais necessidade tendes vós da Companhia, do que tem a Companhia de vós. Por isso, vigiai sempre. Nunca vos esqueçais de vós mesmo: porque quem de si se esquece, que lembrança terá dos outros? Estas regras vos escrevo, pelo amor que vos tenho e bem que vos desejo; e também por algumas coisas que daí chegaram a esta cidade, que não são de muita humildade e obediência e edificação.

4. A Mestre Gaspar, tenho mandado que vos escreva, como quem tem experiência dessa terra, para que vos dê os avisos em que mais podereis servir a Deus Nosso Senhor. E assim, podereis fazer de conta que as suas cartas são minhas, para que as cumprais.

Avisai-vos que não entendais em casamentos, nem em absolver os que se casam a furto, sem expresso mandato ou licença do Padre vigário. Isto vos mando que assim o cumprais, em virtude da obediência.

Quando Mestre Gaspar foi para Ormuz, eu dei-lhe certas regras para se reger por elas[5]. A cópia parece-me que vos ficou. Lê-las-eis cada semana uma vez, para que mais vos fiquem na memória e vos ajudeis delas nas coisas do serviço de Deus.

5. Pelo muito que cumpre ao serviço de Deus, terdes muita obediência e humildade ao Padre vigário, vos mando, em virtude da obediência, por esta presente carta, que lhe peçais perdão com muita humildade, postos os joelhos no chão, de todas as desobediências e culpas passadas, e lhe beijareis a mão dizendo-lhe que isto é por obediência. Então vos dará ordem para que cumprais a obediência.

E para maior conformidade e humildade, todas as semanas uma vez, lhe beijareis a mão, assim em sinal e prova da obediência como da humildade. E olhai que assim o cumprais, ainda que sintais re-

---

[5] Xavier-doc. 80.

pugnância! Porque tudo é necessário para confundir o demónio, amigo de discórdias e desobediências.

6. Olhai que em vossas pregações não escandalizeis a ninguém! Não procureis pregar coisas subtis de letras, senão morais todas. Com muita modéstia e piedade repreendereis os pecados do povo. Os públicos pecadores fraternalmente os repreendereis em segredo.

7. Olhai que folgarei mais de fazerdes tanto fruto como o que se contém neste espaço de linha --- --- sem escândalo nenhum, do que folgaria se fizésseis tanto fruto como o que se contém nesta linha comprida ------------------------ -- com alguns escândalos, ou escândalo! Porque sei quanto importa isto – de se fazerem as coisas com caridade e amor, sem escândalo, para maior glória de Deus e fruto das almas – por isso vos encomendo que guardeis muito bem esta lembrança.

8. Escrever-me-eis, muito miudamente, do que Deus por vós faz nessa cidade, e da amizade que há entre vós e o vigário e os outros Padres e todo o povo, porque deste colégio me mandarão [as cartas] à China, aonde agora vou. Lá folgarei muito de ver as vossas cartas. Eu parto de Goa, daqui a vinte dias.

9. As coisas do Japão vão em muita prosperidade. Lá ficou o P. Cosme de Torres e Juan Fernández, com os muitos cristãos que já se têm feito e cada dia se fazem. Eles sabem bem a língua e, por isso, fazem grandíssimo fruto. Neste ano vão para lá Irmãos para os ajudar. Os trabalhos que lá passam são muito maiores do que eu poderia descrever. Sem comparação maiores do que os que vós aí passais e os que [passam] os Irmãos que nestas partes estão, ainda que sejam muito grandes. Isto vos escrevo, para que continuamente os encomendeis em vossos sacrifícios e orações a Deus Nosso Senhor.

Quando escreverdes para o colégio[6], também com muita brevidade e obediência e acatamento escrevereis ao Senhor Bispo, dando-

[6] Colégio de S. Paulo (Goa).

-lhe conta do que aí fazeis, pois é nosso prelado e tanto amor nos tem e nos favorece em tudo o que pode.

10. Esta carta vos escrevo, como a homem que tem virtude e perfeição para entender e gostar, e não como a homem fraco de quem eu pouco confiasse. Por isso haveis de dar graças a Deus, que vos fez tal e deu virtude e perfeição, para folgardes mais de serdes admoestado com repreensões, que [de] serdes enganado condescendendo com fraqueza com fraquezas humanas, como fraco. Por serdes forte no serviço de Deus, me deu Ele a sentir que vos escrevesse como a perfeito e não como a imperfeito. E porque, pela misericórdia de Deus, cedo nos veremos na glória do paraíso, não digo mais, senão que vos lembre com quanto amor vos escrevo esta carta: isto, para que a recebais com aquela sã intenção, amor e vontade com que vos escrevo.

Deste colégio da Santa Fé de Goa, a 22 de Março de 1552.

Esta carta mostrareis ao Padre vigário

Vosso em Cristo Irmão
FRANCISCO

103
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL) OU AO REITOR DO COLÉGIO DE COIMBRA

Goa, 27 de Março 1552
Cópia em português, feita em 1664

SUMÁRIO: 1. Recomenda André de Carvalho, que regressa a Portugal. – 2. Dará notícias da Índia, antes de partir para a China. Profunda afeição que conserva a Simão Rodrigues.

IHS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor
seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.
Caríssimo em Cristo Irmão meu, Mestre Simão

1. Pela presente, serei breve em vos escrever, porque por muitas outras cartas tenho de ser longo em vos fazer saber as novas da nossa Companhia destas partes da Índia.

André Carvalho[1], portador da presente, pareceu-me ser coisa conveniente mandá-lo a Portugal, por causa de nestas partes se achar doente e aí, sua naturalidade, poder ser que se ache melhor. Ele é

[1] André de Carvalho, S.I., nasceu em Alcácer (África) em 1529, onde seu pai era capitão da fortaleza. Em 1548 embarcou para a Índia, onde entrou na Companhia de Jesus, nesse mesmo ano. Em 1553 regressa doente a Portugal, faz os seus estudos em Coimbra e, ali mesmo, recebe a ordenação sacerdotal em 1559. Enviado à Africa, morre na guerra, a 3 de Maio de 1563, na tentativa de resgatar portugueses caídos em mãos dos mouros (F. RODRIGUES, *Hist.* I/2 466-467; *Epp. Nadal* I 689; *Doc. Indica* II índice).

pessoa principal nesse reino – ao que me dizem todos – e pessoa de quem muito se espera, pelas muitas virtudes que Deus Nosso Senhor nele pôs e que por sua misericórdia acrescentará. Eu dele não posso escrever senão muita virtude. Espero em Deus Nosso Senhor que, depois que tiver letras e virtudes em maior acrescentamento, há-de fazer muito fruto na Companhia. Rogo-vos muito, por amor do serviço de Deus Nosso Senhor, Irmão meu Mestre Simão, que o recebais com aquele amor e caridade que André Carvalho e eu esperamos que seja recebido e consolado.

2. As novas destas partes da Índia eu vo-las escreverei, muito particularmente, antes de partir para a China, que será daqui a quinze dias. Deus Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso, pois nesta vida não sei quando corporalmente nos veremos. Sabei certo, Irmão meu Mestre Simão, que vos tenho imprimido na minha alma; e porque continuamente vos vejo em espírito, a vista corporal, em que tanto vos desejei ver, já não me dá tanto em que cuidar como costumava. Isto o causa ver-vos sempre presente em minha alma.

Escrita em Goa, hoje, a 27 de Março de 1552 anos
MESTRE FRANCISCO

104
AO PADRE BELCHIOR NUNES BARRETO (BAÇAIM)

Goa, 3 de Abril 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Procure restabelecer a boa fama da Companhia de Jesus em Baçaim. – 2. Envia alguns à Missão. – 3. Aprova o método seguido por ele na pregação. Seja humilde. – 4. Leia com frequência os avisos que lhe deu. Aos escandalosos demita-os da Companhia de Jesus. – 5. Construa mais obra espiritual que obras materiais. – 6. Envia Paulo Guzarate como intérprete. – 7-8. Administre as rendas da casa segundo a intenção do benfeitor; mande alguns tecidos para os de Goa, se puder. – 9-10. Zelo em variedade de trabalhos pastorais e boas relações com autoridades e povo.

IHS

A graça e amor de Jesus Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Vossa carta recebi por Belchior Gonçalves[1]: muito folguei com ela. Praza a Deus que vos dê graça, para dar *bom odor*[2] à nossa Companhia, pois está esse povo de nós tão escandalizado. Por serviço de Deus, vos encomendo, tanto quanto posso, que edifiqueis essa gente, quanto em vós for. Se fordes humilde e prudente, espero em Deus que fareis muito fruto.

---

[1] Em princípios de Fevereiro de 1552 Xavier tinha escrito de Cochim a *Micer* Paulo que chamasse Belchior Gonçalves de Baçaim a Goa (Xavier-doc. 100,3).

[2] Expressão bíblica: 2Cor 2,15-16.

2. Aí vos mando Francisco Henriques[3], para que fique em Thana[4] com Manuel[5]. Jório[6] poderá ficar convosco, olhando pelas coisas da casa e Barreto[7], ensinando; vós, edificando, doutrinando, pregando e ensinando.

3. Muito folguei com aquilo que escrevestes acerca da ordem que tendes consertado para pregar. Exercitai-vos, quanto puderdes, em vosso pregar, porque espero em Deus Nosso Senhor que, se fordes humilde, sereis grande pregador.

---

[3] Sobre ele, cf. Xavier-doc. 68.

[4] Thana, na ilha de Salsette, a sudeste de Baçaim, cidade muito populosa, habitada por índios pagãos, parsis, judeus e principalmente maometanos, estava desde 1534 sob domínio dos portugueses. Em 1550 a autoridade civil ordenou a destruição de templos pagãos e mesquitas e, entretanto, Belchior Gonçalves construiu uma grande igreja e um colégio e converteu quatrocentos infiéis (SCHURHAMMER, *Quellen* 172, 4230, 4495, 4591, 4594, 4714, 4740, 4929; BARBOSA I 152-153; YULE 895; EGLAUER, *Briefe aus Ostindien* II 41-43).

[5] Manuel Teixeira, S.I., (1536-1590) nasceu em Bragança e entrou com 15 anos na Companhia de Jesus em Lisboa em Fevereiro de 1551. Poucas semanas depois, partiu para a Índia e logo em 1552 foi enviado a Thana, embora a sua residência habitual fosse Goa. Em 1553-1560 fez os seus estudos em Goa, chegando a ser director escolar do colégio de S. Paulo em 1559, antes ainda de receber a ordenação sacerdotal em 1560. Em 1563-1566 esteve em Macau, integrado numa embaixada portuguesa com o propósito de abrir a Missão da China, que não conseguiu efectuar. Regressando à Índia, foi reitor do colégio de Cochim (1569-1573) e Vice-provincial dos missionários jesuítas de todo o Oriente (1573-1574) e reitor do colégio de Baçaim (1574-1579). Passou os últimos anos em Goa, e aí escreveu a primeira biografia de Xavier, antes de morrer em 1590 (*Doc. Indica* I, II Índices; Xavier-doc. 119,19; SOUZA, *Oriente conquistado* 1,1,1,70; 2,1,1,59; MX II 798-808, 904, 942).

[6] Fernando do Souro Osório, S.I. (1531-1565), entrou na Companhia de Jesus na Índia em 1548. Enviado por Xavier a Baçaim em 1552, foi depois enviado para as Molucas onde morreu em 1565 (*Doc. Indica* II Índice: *Osório*).

[7] Egídio Barreto, nasceu em 1530 e foi para a Índia em 1548 apenas como candidato à Companhia de Jesus, nela sendo admitido em Goa. Fez estágio missionário em Baçaim (1552-1555), Diu (1556), Coulão (1557) e estudou posteriormente em Goa. Chamado à Europa em 1560, saiu da Companhia de Jesus em 1567 (*Doc. Indica* I, II Índices).

4. A Francisco Lopes[8] mandareis a este colégio, logo na primeira embarcação que daí vier para cá. Em nenhuma maneira fique aí.

Os itens que vos encomendei[9], lede-os muitas vezes. A experiência vos ensinará muitas coisas, se fordes humilde e prudente. Neste comenos, reger-vos-eis pelos avisos que daqui levastes. Francisco Henriques vai, para ficar debaixo da vossa obediência. Olhai que lhe mandeis, em virtude de obediência, que se guarde de escandalizar ninguém! Que seja muito sofrido e paciente. Tereis muito aviso, se as pessoas se escandalizarem, assim dele como dos outros, acudindo logo com remédios! Olhai por terdes grande vigilância sobre vós e, depois, sobre os outros! Olhai que os que achardes compreendidos em pecados públicos e escândalos grandes no povo, os despeçais logo da Companhia! Porque os que vós despedirdes da Companhia, eu os terei por despedidos: é que confio muito, da vossa prudência, que os haveis de despedir por justa razão e causa.

5. Acerca das rendas desse colégio, fareis que se gastem mais em templos espirituais que em materiais. Os templos materiais que se não podem escusar, mas que são necessários, esses somente fareis. Tudo o mais serão templos espirituais: por isso vos mandei que tomásseis meninos da terra e os ensinásseis em pequenos, para que, quando forem grandes, façam fruto.

6. Nos dias passados mandei para aí Paulo Gozarate[10], o qual foi ensinado neste colégio muitos anos. Ele é muito boa língua, para ensinar os cristãos da terra e lhes pregar tudo aquilo que o Padre lhe disser.

---

[8] Francisco Lopes, S.I. (1529-1568), entrou na Companhia de Jesus em Goa em 1548, trabalhou em Baçaim, foi capelão da frota com que o Vice-rei socorreu Ormuz em 1552, terminou depois os seus estudos em Goa e, desde 1558 foi missionário em Cochim e Coulão. Foi martirizado pelos muçulmanos em 1568 em Chale (*Doc. Indica* I II Índices; SOUZA, *Oriente conquistado* 2,1,1,25).

[9] Xavier-doc. 101.

[10] Assim se chama por ser da região Gujarath. Nada mais se sabe dele.

7. Acerca das rendas dessa casa, parece-me que será bem que se gastem conforme a intenção do Rei, assim como vós me escrevestes e, também, para que o povo não se escandalize.

8. Se puderdes boamente fazer que alguns tecidos[11] se mandem para esta casa, para se vestirem os que nela estão, fá-lo-eis; mas se isto não se puder fazer sem faltar aos daí, em tal caso gastar-se-á aí tudo, em serviço de Deus.

9. Trabalhai muito por vos exercitardes nas pregações e confissões, visitando o hospital e os presos e a Misericórdia. Fazendo estas coisas com humildade e caridade, Deus vos acreditará com o povo: ainda que não tenhais graça em pregar, fareis muito fruto.

10. Olhai que vos encomendo que sejais muito amigo do vigário e de todos os Padres e do capitão e dos oficiais do Rei e de todo o povo! Porque em saberdes ganhar a vontade aos homens, fazendo-vos amar deles, nisso está o fazerdes fruto nas pregações. Escrever-me-eis para Malaca, em Setembro, muito miudamente, o fruto que fazeis; e, a seguir[12], a este colégio muitas vezes escrevereis.

Deus Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.
Ámen.
Feita em Goa, hoje, 3 de Abril de 1552
(*Outrora por mão de Xavier):* FRANCISCO

---

[11] A cidade de Thana era conhecida pelo tecido da seda. Em época florescente chegou a ter 5.000 teares. Baçaim vivia em grande parte dessa indústria e comércio. Xavier não pedia sedas mas simples pano de algodão.

[12] Lit.: por conseguinte.

105
PATENTE E INSTRUÇÃO
PARA O PADRE GASPAR BARZEU

Goa, 6 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1662

SUMÁRIO: 1-2. Nomeia o P. Barzeu reitor do colégio de S. Paulo (Goa) e Vice-provincial na sua ausência para a China. O que fará se o Superior Geral mandar outro reitor. – 3-4. Aos desobedientes, despeça-os da Companhia de Jesus e não readmita os que já foram despedidos. – 5. Rendas e seu emprego. – 6-7. Antes de três anos não se ausente de Goa a não ser que de Roma venha reitor substituto. Obediência de todos ao Superior provincial e local nomeados. – 8. Privilégios que lhe comunica com poder de os comunicar a outros.

Em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen.

1. Confiando eu, Francisco, indigno Prepósito da Companhia do nome de Jesus, nestas partes da Índia, de vós, Mestre Gaspar, assim da vossa humildade, virtude e prudência, como da vossa suficiência, vos mando, em virtude de santa obediência, que sejais reitor deste colégio da Santa Fé. E assim dos Padres e Irmãos portugueses da Companhia do nome de Jesus que estiverem do Cabo da Boa Esperança para cá; assim dos que estão em Malaca, Malucas, Japão e em todas as outras partes; assim dos que vierem de Portugal, como de outra qualquer parte da Europa a estas partes para estar à minha obediência[1]: aqueles todos estarão à vossa obediência. Salvo se mandar N. P. Inácio alguma pessoa particular a estas partes para ser reitor deste colégio, pois lhe[2] tenho escrito as necessidades que há

[1] A nomeação de Barzeu era, portanto, para Vice-provincial.
[2] Lit.: a quem.

nestas partes da Índia, de mandar uma pessoa de grande experiência e muita confiança para ser reitor deste colégio e ter cargo dos que estão nestas partes[3].

E assim vos mando por esta, em virtude de santa obediência, que a pessoa que o N. P. Inácio, ou outro qualquer Prepósito Geral da Companhia do nome de Jesus, mandar a estas partes para ser reitor do colégio e ter cargo dos que nestas partes estão, a esta tal pessoa entregareis logo o cargo, mostrando-vos provisão assinada por o N. P. Inácio, ou outro qualquer Prepósito Geral da Companhia do nome de Jesus. Sem provisão assinada por nosso P. Inácio ou por outro qualquer Prepósito Geral, não entregareis o cargo que vos deixo.

2. Porém, se alguma pessoa for mandada de Portugal para ter cargo deste colégio, se a pessoa que de lá vier for de confiança, vós por vossa mão, estando ele sempre à vossa obediência, lhe mandareis, em virtude de santa obediência, que tome o cargo que vós, por vossa mão, lhe derdes: o qual, como disse, sempre estará à vossa obediência, assim como estão todos os outros Padres e Irmãos. Mas se outra pessoa houver nestas partes, que mais vos possa descansar e ajudar que o que vier de Portugal, a esta tal entregareis e mandareis que tome o cargo que vós lhe derdes: e este estará sempre à vossa obediência, para o tirar ou pôr noutro. De maneira que, todas aquelas pessoas que, nestas partes, haviam de estar à minha obediência, mando a todas elas, em virtude de santa obediência, que obedeçam a Mestre Gaspar, reitor deste colégio de Santa Fé. Esta é minha intenção, para evitar inconvenientes que se poderiam seguir, como seguiram no tempo passado.

3. Se algum não obedecer a esta provisão que vos deixo, quando lhe der outra inteligência, ou para querer ser reitor, ou não vos querer obedecer, em tal caso vos mando, em virtude da obediência, que

[3] Xavier-doc. 97,4.

o despeçais logo da Companhia. Ainda que tenha muitas partes boas e qualidades, pois lhe minguam as melhores, que são humildade e obediência.

Isto que disse, de pordes outro em vosso lugar, é para este fim: para que possais visitar os colégios de Cochim, Baçaim, Coulão, o Cabo de Comorim. Porque, tomando experiência, indo vós visitar estes colégios e os Padres e Irmãos da Companhia, se pode seguir muito fruto e serviço grande de Deus Nosso Senhor. Isto entendo, não fazendo vós míngua, que seja notável, neste colégio.

4. E para que não haja descuido nos Padres e Irmãos da Companhia de vos obedecerem, assim a vós como a mim, vos mando, em virtude de santa obediência, que aqueles que não vos obedecerem, nem quiserem estar à vossa obediência, os despeçais logo da Companhia. Não olheis à míngua que possam fazer, ou ao que o povo de vós dirá, despedindo semelhantes pessoas que não estão à obediência, porque estas semelhantes pessoas desobedientes mais dano que proveito fazem na Companhia, ainda que tenham muito boas partes e qualidades. Por isto vos digo que as despeçais.

Os que eu despedi antes de partir para a China, vos mando, em virtude da obediência, que de nenhuma maneira os torneis a receber. E assim o mandareis dizer a todas as partes, onde houver Padres e Irmãos da Companhia: que os não recebam.

5 As rendas deste colégio, os presentes e as mercês que o Rei faz, e tudo o que toca aos bens deste colégio – que lhe pertencem por mercês que o Rei nosso senhor lhe tem feito e seus Governadores e Vice-reis em nome de Sua Alteza – de todas essas, tereis especial cuidado. Por vós ou por aqueles que vós ordenardes, serão arrecadadas com muita diligência. Gastar-se-ão em serviço de Deus Nosso Senhor com os Padres e Irmãos desta casa e com os que andam fora dela, que à míngua de serem ajudados no temporal deixam de cumprir no espiritual.

Das rendas e bens da casa, pagar-se-ão as dívidas e prover-se-ão as necessidades necessárias de casa. Fora destas necessidades, olhai que

vos mando que não desmembreis, nem apliqueis, nem distribuais as rendas desta casa, fora das necessidades dos Padres e Irmãos desta casa e fora dela, nos meninos da terra e órfãos!

Escrita neste colégio de Santa Fé, 6 de Abril de 1552
Assinada por mim em testemunho de verdade.

6. Em virtude de santa obediência, vos encomendo e mando que não saiais desta ilha de Goa[4], por espaço de três anos. Isto entendo, sendo caso que dentro destes três anos N. Prepósito Geral de toda a Companhia do nome de Jesus não proveja de reitor a estas partes. Porque, sendo caso que venha reitor de lá, estareis à sua obediência e o tempo de três anos da vossa estadia nesta ilha não vos obrigará.

Outra vez torno a encomendar e mandar, em virtude de santa obediência, que todos aqueles que nestas partes estariam à minha obediência, todos eles estarão à de Mestre Gaspar. Se alguém se quiser escusar de obedecer, a esse tal despedireis da Companhia, declarando-lhe primeiro esta minha determinação que é: que todos obedeçam a Mestre Gaspar, como a mim se presente estivesse.

7. Assim também encomendo e mando, em virtude de obediência, a todos em geral e em particular que, ao reitor que N. Padre Inácio ou qualquer outro Prepósito Geral da Companhia do nome de Jesus mandar por reitor deste colégio, lhe obedeçam todos os que estariam à minha obediência se presente estivesse. Fazendo o contrário disto, rogo e encomendo, ao reitor que for mandado pelo nosso Prepósito Geral da Companhia do nome de Jesus, que despeça a todos aqueles que lhe forem desobedientes e não lhe quiserem obedecer. Para que ninguém ponha dúvida a isto, que aqui digo, me assinei aqui.

Escrita a 6 de Abril de 1552
FRANCISCO

---

[4] A ilha de Goa, separada do continente num apertado estuário entre os rios Mandovy e Zuary, tem um âmbito de 40 Km. Havia nela trinta aldeias, donde recebeu o nome indú de Tissuary (trinta aldeias). Foi conquistada por Albuquerque em 1510.

8. Para que possais fazer mais fruto nas almas, usando das graças concedidas pelos Sumos Pontífices à Companhia, e a mim confiadas pelo N. P. Inácio[5], assim como a comunicação delas aos Padres idóneos e suficientes da Companhia que, confiando-lhes estas graças, possam mais frutificar nas almas, em tudo isto entrego as minhas vezes a vós, Mestre Gaspar, reitor deste colégio. E também para que possais, aos outros Padres em meu lugar, entregar em meu lugar os mesmos casos e privilégios e poderes nas ditas bulas[6] contidos, como eu em própria pessoa, segundo virdes ser mais serviço de Deus. Em tudo isto me remeto à vossa prudência,

FRANCISCO

---

[5] Inácio enviou a Xavier, em 23 de Dezembro de 1549, o documento em que lhe comunicava os privilégios apostólicos e faculdades concedidos à Companhia de Jesus (MX II 991-992).

[6] Os documentos com que tinham sido concedidos privilégios apostólicos à Companhia de Jesus eram estes: os Breves *Cum inter cunctas* (3.Junho.1545), *Exponi nobis* (5.Junho 1546) e, principalmente, a Bula *Licet debitum* (18.Out.1549) – todos três por Paulo III – e a Bula *Exposcit debitum* (21.Jul.1550) por Júlio III. Outras graças em favor de Xavier se preparavam em 1549, com o Breve *Dudum pro parte*, que não chegou a ser publicado (SCHURHAMMER, *Quellen* 4227).

106
CÉDULA DE SUCESSÃO
EM CASO DE MORTE DO PADRE BARZEU

Goa, 6 de Abril 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-3. Quem há-de substituir como reitor do colégio de S.Paulo (Goa) em caso de morte

IHS

Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

1. Considerando a brevidade da nossa vida e a certeza da nossa morte, temendo alguma perturbação que poderia vir em eleger reitor nesta casa, por falecimento de Mestre Gaspar, antes que o nosso Prepósito Geral proveja de reitor este colégio, pareceu-me deixar umas regras, antes de partir para a China, sobre a eleição daquele que há-de ser reitor, por falecimento de Mestre Gaspar. No caso de Deus Nosso Senhor levar desta vida presente a Mestre Gaspar, antes que o nosso Prepósito Geral proveja de reitor a este colégio e, aos que nestas partes estão do Cabo da Boa Esperança para cá, de superior e maior, para que os reja e os da Companhia lhe obedeçam, pareceu-me ser coisa conveniente e serviço de Deus Nosso Senhor deixar pessoa determinada, que tenha cargo e seja reitor desta casa a quem todos os Padres e Irmãos obedeçam.

2. Portanto, no caso de Mestre Gaspar falecer, será reitor desta casa Manuel de Morais[1]. Se não estiver neste colégio, mandá-lo-ão

---

[1] Manuel de Moraes sénior, S.I. (1511-1553) nasceu em Bragança, entrou já sacerdote na Companhia de Jesus em Coimbra a 29 de Abril de 1545 depois de

chamar para ser reitor da casa. Todos os Padres e Irmãos lhe obedecerão, assim os do colégio como os de fora do colégio. Até que venha para o colégio, será reitor da casa o Padre *Micer* Paulo; mas, logo que chegar o Padre Manuel de Morais, lhe entregará o cargo e, assim o Padre *Micer* Paulo como todos os outros, lhe darão logo obediência. Se o Padre Manuel de Morais tiver falecido, em tal caso será reitor Mestre Belchior Nunes[2]. Tudo isto entendo, no caso de Deus ordenar, os que deixo vivos – a saber, Mestre Gaspar e Manuel de Morais – levá-los desta vida presente para a glória do paraíso, antes que o nosso Prepósito Geral proveja de reitor este colégio.

3. Para evitar ajuntamentos de Padres, que estão tão espalhados pela Índia, e para evitar alguns outros inconvenientes que se poderiam seguir, me pareceu ser serviço de Deus deixar estas regras escritas. Portanto, em virtude de santa obediência, encomendo e mando aos Padres e Irmãos da Companhia do nome de Jesus, que cumpram e guardem o contido nesta cédula. E por ser esta a minha determinação, conforme à maior glória e serviço de Deus Nosso Senhor, para maior fé dos que virem esta cédula, assinei aqui.

Escrita a 6 de Abril, era de 1552
(Por mão de Xavier): FRANCISCO

---

ter estudado três anos de direito canónico, embarcou para a Índia em 1551 e em Outubro do ano seguinte foi enviado a Ceilão onde trabalhou infatigavelmente na cidade de Colombo. Em 1553 regressou doente a Goa, onde acabou por morrer (*Doc. Indica* I II Índices; SOUZA, *Oriente conquistado* 1,2,2,6-9; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 551-552; VALIGNANO, *Hist.* II 15; SCHURHAMMER, *Ceylon* 622; *Quellen* 1504, 2260, 3632, 4306, 4610, 4641, 4699, 4710, 4825, 4917, 4919, 4920, 4923, 6059, 6067).

[2] Tendo morrido Moraes entre Abril e Julho de 1553 e Barzeu em 18 de Outubro do mesmo ano (MX II 920, 923), sucedeu a ambos o P. Belchior Nunes Barreto, antes de ter chegado a Goa a notícia da morte do próprio Xavier em 3.Dez.1552 (VALIGNANO, *História* 295).

107
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES
OU AO REITOR DO COLÉGIO DE S. ANTÃO (LISBOA)

Goa, 7 de Abril 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Chegou do Japão e parte em breve para a China com três companheiros. – 2. Para o Japão partem mais dois para aprenderem língua e crenças. – 3-4. Missionários jesuítas que despediu e outros que elogia. – 5. Envia André Fernandes à Europa para dar a conhecer melhor as necessidades missionárias do Oriente. – 6-8. Qualidades requeridas nos missionários. Quer começar a organizar a formação para não ter de despedir mais. – 9-10. Dificuldades que terão de enfrentar sobretudo no Japão. – 11-12. Necessidade de empenhar o Padre Inácio em mandar missionários e formadores competentes. – 13. Pessimismo sobre candidatos recebidos na Índia. – 14-15. Deseja que venha Mestre Simão e traga bons missionários consigo. – 16-17. Pede notícias abundantes de Mestre Simão e do colégio de Coimbra. – 18. Despache quanto antes para Roma o portador da carta, para que volte depressa à Índia.

IHUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

Caríssimo Irmão meu Mestre Simão

1. Este ano de 52 cheguei do Japão à Índia. De Cochim, vos escrevi muito longamente do sucesso de Japão[1]. Agora vos faço saber que, daqui a oito dias, parto para a China. Vamos três companhei-

---

[1] Xavier-doc. 96.

ros[2]: dois Padres e um leigo. Vamos com muita esperança [de] que Deus Nosso Senhor, por sua só misericórdia, se quererá servir de nós. De Malaca, vos escreverei muito longamente da nossa viagem para a China.

2. Para o Japão vão este ano dois Irmãos[3], para estarem em Yamaguchi com o Padre Cosme de Torres para aprenderem a língua. Para que, quando daí vierem Padres – pessoas de grande confiança e de muita experiência, para irem para a Japão – achem Irmãos da Companhia que já saibam a língua para poderem fielmente explicar as coisas de Deus que os Padres que daí vierem lhes disserem que falem. Esta será uma grande ajuda para os Padres que daí vierem, quando forem às Universidades do Japão, manifestarem a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo.

3. Nestas partes da Índia, depois que cheguei do Japão, achei muitas coisas de pouca edificação em certos Padres e Irmãos da Companhia que me forçaram a despedi-los da Companhia para não mais os receberem. Deus sabe quanto me pesou achar coisas sobejas para os despedir. Os nomes dos que despedi[4], o portador da presente[5] vo-los dirá.

---

[2] Contava levar para a China o P. Gago, o Irmão Álvaro Ferreira e, como intérprete, António China, aluno do colégio de S. Paulo.

[3] Pedro de Alcáçova e Eduardo da Silva. Com eles, ia também o legado do rei de Bungo, Lourenço Pereira, e o japonês António como intérprete. Domingos Carvalho, que Xavier tinha chamado para o Japão em 1549, morrera em Goa a 3 de Abril de 1552 (*Doc. Indica* II 452; cf. Xavier-doc. 91; 81,7).

[4] Indicou-os a Inácio o P. Mirón, novo Provincial de Portugal, depois de informado em Lisboa por André Fernandes, acabado de chegar da Índia: «Os que despediu da Companhia Mestre Francisco são: António Gomes e Belchior Gonçalves, Manuel de Moraes (júnior) que foi primeiro, e Francisco Gonçalves, e Miguel de Nóbrega, e Monteiro, e João Rodrigues, e Álvaro Ferreira. Três destes saíram (por si), a saber: Miguel de Nóbrega, Monteiro e João Rodrigues» (Carta de 14.Fev.1554). Cf. Xavier-doc. 110,3.

[5] André Fernandes, S.I. (1518-1598), nasceu em Campo Maior (Alentejo). Sendo militar em Ormuz, foi admitido na Companhia de Jesus em 1550 pelo

4. Também vos faço saber, para que deis graças a Deus Nosso Senhor, que achei Padres e Irmãos da Companhia que tinham feito e faziam e fazem, hoje em dia, grande fruto nas almas, assim em pregar, confessar, fazer amizades, como em outras muitas obras pias, de que eu fiquei muito consolado.

A Mestre Gaspar deixei por reitor deste colégio da Santa Fé de Goa, pessoa de quem eu muito confio: pessoa humilde, obediente, a quem Deus tem comunicado grande graça de pregar. Move tanto o povo a lágrimas quando prega, que é coisa muito para dar graças a Deus Nosso Senhor.

5. O Irmão portador da presente vai aí para fazer lembrança das muitas necessidades que há nestas partes – assim no Japão, como na China, abrindo-se caminho como confio em Deus que se abrirá, como também nestas partes da Índia – de Padres da Companhia, que sejam pessoas de muita experiência e grande confiança e para muitos e grandes trabalhos. Principalmente os que hão-de ir para o Japão, China, Ormuz e Malucas.

6. As pessoas que para estas partes hão-de vir, para fazerem fruto nas almas, é necessário que tenham duas coisas: a primeira, que tenham muita experiência de trabalhos, nos quais não só tenham sido provados, mas também tenham ficado muito aproveitados; a segunda, que tenham letras, tanto para pregar como para confessar e responderem no Japão e na China às muitas perguntas que os padres gentios lhes farão, pois nunca acabam de perguntar. Os Padres que aí não fazem míngua, aqui não nos são muito necessários. À míngua de não serem aí muito exercitados os que para cá mandastes, faz

---

P. Barzeu. Enviado por Xavier a Portugal e Roma em 1553, para tratar de assuntos da Missão, regressou a Goa em 1558, onde foi ordenado sacerdote em 1559, para acompanhar Gonçalo da Silveira à Africa em 1560. Morto este a 15 de Março de 1561, voltou para a Índia, onde veio a morrer em 1598 (F.RODRIGUES, *Hist.* I/2,537-538; L. KILGER, *Die erste Mission unter den Bantustammen Ostafrikas*, Munster i W. 1917: 71-72 200).

agora três anos, os despedi[6]. Porque, como saem desse santo colégio de Coimbra com muitos fervores, sem terem experiência em andar muito tempo fora, dando grande exemplo de si e edificação no povo, acham-se cá novos e seguem-se coisas que fazem, andando no meio do povo, que é necessário despedi-los.

7. Por este respeito das qualidades que hão-de ter os Padres que para cá hão-de vir, me pareceu ser bem ir aí o portador da presente para fazer as diligências seguintes, com vosso parecer. A primeira, que fosse a Roma, onde está o nosso Padre Inácio, para que ele de lá mandasse alguma pessoa de muita experiência, que tenha estado e conversado com ele que tem experiência das coisas da Companhia, que fosse pessoa de muita confiança para ser reitor deste colégio e a quem obedecessem os que nestas partes andam; e que essa pessoa soubesse as ordenações e Constituições da Companhia e o modo de proceder dela, para formar e instruir os destas partes, assim Padres como Irmãos da Companhia. A segunda, para mandar Padres que tenham muita experiência, ainda que não tenham muitas letras nem dom de pregar como nessas partes se requer, [mas] que soubessem responder às perguntas que os padres gentios no Japão e na China lhes poderiam fazer.

8. Seria grande bem, para o ano, mandar o nosso Padre Inácio alguma pessoa para ser reitor desta casa, a quem todos obedecessem. E, juntamente com ela, alguns quatro ou cinco Padres que tivessem muita experiência, ainda que não tivessem talento para pregar, que fossem para muitos trabalhos: dessas pessoas que, ou por Itália ou por Espanha, há já muito que acabaram seus estudos e se exercitaram em edificar o povo. [São] semelhantes pessoas [que] para estas partes são necessárias. Porque os que saem dos estudos sem serem exercitados e bem provados no mundo, vêm a estas partes [e], em vez de aproveitar aos outros, como não têm experiência, perdem-se.

---

[6] Os chegados há três anos (1548), agora despedidos, eram António Gomes, Belchior Gonçalves e Francisco Gonçalves.

9. Os trabalhos em que se hão-de ver, os que forem para o Japão, hão-de ser muito grandes, por causa dos grandes frios e dos poucos remédios para se defender deles. Não há camas onde dormir, [há] grande esterilidade de mantimentos, grandes perseguições dos padres dos gentios, e de todo o povo até que sejam conhecidos, muitas ocasiões para pecar, [sendo] muito em grande maneira desprezados de todos. E o que mais hão-de sentir é que, naquelas Universidades, por estarem muito longe de onde se pode levar o necessário para dizer Missa, ao carecerem deste tão grandíssimo benefício do sacramento da comunhão, hão-de sentir isto muito. Porque em Yamaguchi, onde está o Padre, dizem Missa; mas, para as Universidades aonde forem os Padres que daí vierem, não me parece que se poderá levar o necessário para dizer Missa, por causa dos muitos ladrões que há no caminho. Se os que daí vierem, para ir para o Japão, não tiverem muito grande número de virtudes para resistirem a tantos males e trabalhos, temo que se venham a perder.

10. Olhando aos grandes frios que por lá vão, parece-me que, se [houvesse] alguns Padres flamengos e alemães da Companhia, que há muitos anos estivessem já exercitados e experimentados por Itália e por outras partes, esses tais [é] que seriam bons para o Japão e para a China. Eu estou muito confiado que Deus Nosso Senhor vos dará a sentir, Irmão meu Mestre Simão, o que será mais glória sua e fruto das almas em mandar pessoas para estas partes. Sobretudo vos rogo, caríssimo Irmão meu, que mandeis pessoas provadas no mundo, que [já] passaram perseguições nele e que, pela misericórdia de Deus, saíram com vitória; porque de pessoas sem experiência de perseguições, não se pode confiar coisa grande.

11. Olhai, caríssimo Irmão Mestre Simão, se vos parece que seria bem que o Rei escrevesse ao Padre Inácio sobre mandar algumas pessoas muito experimentadas para o Japão e para a China, e um reitor para esta casa de quem o P. Inácio muito confiasse. Pois há necessidade de uma pessoa que seja para muito, porque tem cá muitas coisas a que acudir, por estar cá, nestas partes, muito espa-

lhada a nossa Companhia: porque se estende à Pérsia[7], Cambaia[8], Malabar[9], Cabo de Comorim, Malaca, Malucas, além de Malucas na terra que se chama Moro, e Japão. Estão estas terras longe do colégio de Goa e, para acudir às necessidades dos Padres e Irmãos que estão em partes tão remotas, é necessário que a pessoa que há-de vir, para ser reitor desta casa, seja pessoa de grande experiência e muita confiança.

12. O Irmão portador da presente, que fosse a Roma com cartas vossas ao Padre Inácio e alguma do Rei em que lhe encomendasse muito isto dos Padres e do reitor para este colégio, porque o Japão e a China requerem pessoas de experiência. Eu também escrevo ao nosso Padre Inácio sobre isto. Parece-me que comodamente se poderiam achar estas pessoas, sem fazerem aí muita míngua. Porque os que não têm aí talento para pregar e são experimentados, não farão tanta míngua como se fossem pregadores.

13. Irmão meu Mestre Simão, também vos faço saber que os que cá, nestas partes, se recebem, não me parece que possam para mais abranger que para ter ofícios em casas, em que estejam Padres que daí venham, ou fazer-lhes companhia andando dum lado para o outro. Isto digo-o porque não são para se poderem ordenar de Missa, por não poderem ter as partes necessárias para isso. Salvo se houvesse algum que tivesse tantas letras, antes de entrar na Companhia, que depois se pudesse ordenar. Porém, há muito poucos destes na Índia. Isto digo-o para que estejais ao cabo de quão necessário é mandarem daí Padres cada ano, porque alguns que cá fizeram na minha ausência, prouvera a Deus que nunca os tivessem feito[10].

---

[7] Ormuz.

[8] Diu, Baçaim e Thana.

[9] Cochim e Coulão.

[10] Miguel de Nóbrega e Francisco Lopes, foram ordenados sacerdotes, estando ausente Xavier. (POLANCO, *Chron*. II 746).

14. Irmão meu Mestre Simão, se Deus Nosso Senhor for servido de se manifestar entre gente tão discreta e engenhosa, parece-me que não deveríeis deixar de vir para a China cumprir vossos santos desejos. Se Deus lá me levar, eu vos escreverei muito miudamente sobre a disposição da terra. Tanto desejo ver-vos, Irmão meu Mestre Simão, antes de acabar esta vida, que sempre ando cuidando como poderia cumprir os meus desejos. Se na China se abrir caminho, parece-me que se hão-de cumprir.

15. Por amor de Nosso Senhor vos rogo, tanto quanto posso, Mestre Simão caríssimo Irmão meu, que para o ano venham Padres com as qualidades que tenho dito, porque muita mais necessidade há deles do que cuidais. Isto digo, pela experiência que de cá tenho. Porque vejo claramente quanta míngua fazem. Por isso encomendo tanto a vinda dos Padres.

Ao Padre Mestre Gaspar deixo encomendado que vos escreva, muito miudamente, todas as novas do fruto que nestas partes se faz[11].

16. E porque de Malaca vos hei-de escrever longamente, nesta não digo mais por esta, senão que desejo ver uma carta vossa tão comprida que estivesse três dias a lê-la: da viagem que fizestes a Roma, e do que lá passastes naquele santo ajuntamento, e das coisas que se determinaram nele, porque é coisa que nesta vida mais desejo saber, já que por meus pecados não mereci estar presente[12]. Mas porque temo que vossas ocupações vos não dêem lugar para me poderdes es-

---

[11] Por ordem de Barzeu, redigiu a carta Luís Fróis (*Doc. Indica* II 445-491).

[12] Para o jubileu de 1552, convocou Inácio a Roma os padres mais veteranos e considerados, para lhes propor, a aprovação, as Constituições já redigidas, e tratar alguns assuntos de maior importância para a nova Ordem. Rodrigues, retido em Lisboa pelo Rei, acabou por chegar a Roma em princípios de 1551 e ali permaneceu desde 8 de Fevereiro até 30 de Abril. Sobre a sua viagem e permanência em Roma pode ver-se F. RODRIGUES, *Hist.* I/2 55-65; *Epp. Mixtae* II 514-519; POLANCO, *Chron.* II 10 14-15 162-163 169. Inácio tinha pensado em chamar também Xavier a esta assembleia geral (SCHURHAMMER, *Quellen* 4116-4118).

crever tão longamente, muita caridade receberia se encomendásseis a algum Irmão, que foi convosco, que me escrevesse tudo o sucedido que lá passou, porque com essa carta seria muito consolado.

17. Também seria consolado se o reitor do colégio de Coimbra me quisesse escrever uma carta, em nome de todos os Padres e Irmãos desse colégio santo de Coimbra, em que me desse conta do número dos Padres e Irmãos de casa, e das virtudes e desejos e letras que Deus neles pôs. Mas porque temo que as suas ocupações sejam grandes e que não terá lugar para isso, lhe peço e rogo, por amor de Deus Nosso Senhor, que dê cargo a algum Irmão para que me escreva, muito miudamente, novas dos Padres e Irmãos, e dos seus exercícios e santos desejos para padecer por Cristo. Porque dalguma maneira se devem lembrar de mim pois, lembrando-me a mim nos seus santos desejos fui, nos anos passados, ao Japão. Agora [vou] à China, para abrir caminho para eles cumprirem seus santos desejos e fazerem sacrifício de suas pessoas. Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia, Irmão meu caríssimo Mestre Simão, nos ajunte na glória do paraíso, e também nesta vida presente, se for seu serviço.

Escrita no colégio de Santa Fé de Goa, a 7 de Abril de 1552

18. O Irmão que a presente leva, vos encomendo muito que o despacheis para Roma, de maneira que venha para o ano com muitos Padres. Porque se na China se abrir caminho para se manifestar a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e a mim Deus me der vida por alguns anos, poderá ser que, daqui a três ou quatro, torne à Índia a buscar Padres e Irmãos para com eles tornar, a acabar os dias da vida ou na China ou no Japão.

(Por mão de Xavier): FRANCISCO

108
AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (PORTUGAL)

Goa, 8 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1553

SUMÁRIO: 1. Recomenda dois japoneses que vão à Europa. – 2-4. Inconvenientes de que as armadas espanholas tentem atingir o Japão. – 5-7. Recomenda novamente os dois japoneses. Outros que convidou mas não quiseram vir do Japão. Que estes voltem bem impressionados e tragam muitos missionários jesuítas.

IHUS
A graça de Cristo Nosso Senhor
seja sempre em nossa ajuda e favor Amen.

Caríssimo Irmão meu, Mestre Simão

1. Lá vão Mateus[1] e Bernardo[2], japoneses[3] de nação, os quais vieram comigo do Japão à Índia, com intenção de ir a Portugal e a Roma, a ver a Cristandade, para depois, tornando a suas terras, dar

---

[1] Mateus, oriundo de Yamaguchi (Japão), ali mesmo se fez cristão em 1551 e foi com Xavier para Bungo e de lá para a Índia. No colégio de S. Paulo (Goa), edificou a todos com a sua humildade e espírito de oração. Poucos meses depois morreu (FROIS, *Die Geschichte Japans* 17-18; *Doc. Indica* II 452; Xavier-doc. 114,11.

[2] Bernardo nasceu em Kagoshima (Japão) e aí foi baptizado em 1549. Foi companheiro de Xavier no Japão e com ele veio para Goa, donde embarcou para Lisboa em 1553, seguiu para Roma e de lá voltou para Coimbra onde fez os seus estudos e veio a morrer em 1557 (F. RODRIGUES, *Hist.* I/1,518; CROS II 168-174).

[3] Xavier escreve sempre *japões.*

fé do que viram aos japoneses. Por amor e serviço de Deus Nosso Senhor vos rogo, irmão meu Mestre Simão, que olheis muito por eles e façais como tornem contentes, porque, com a fé que derem a seus naturais, muito crédito nos darão. Porque os japoneses têm para si que não há outros homens em o mundo, senão eles. Isto é porque nunca conversaram com outra gente, até que os portugueses novamente descobriram aquelas ilhas, que faz agora oito ou nove anos[4].

2. A estas ilhas, chamam os castelhanos Ilhas Platáreas[5]. Disseram-me os portugueses, que achei em Japão, que os castelhanos, que partem da Nova Espanha[6] para Maluco, passam mui perto destas ilhas. E que, se alguns dos castelhanos, que partem da Nova Espanha para descobrir estas ilhas, se perdem em a viagem, é porque dizem os japoneses que, por aquela parte, por onde os castelhanos podem ir a Japão, há muitas restingas ao mar, e que ali se perdem.

3. Esta conta vos dou, irmão meu Mestre Simão, para que digais a el-Rei Nosso Senhor e à Rainha, que, por descargo de suas consciências, deviam dar aviso ao Imperador[7] ou reis de Castela[8], que não mandasse mais armadas[9] por via da Nova Espanha, a descobrir Ilhas Platáreas, porque tantos quantos forem, todos se hão-de perder. Porque, ainda que em o mar se não perdessem, se tomassem as

---

[4] Os portugueses descobriram o Japão em 1543 (cf. Xavier-doc. 96,2).

[5] Valignano, falando em 1601 dos vários nomes do Japão, observa: «os castelhanos até agora chamaram-lhes ilhas Platarias, ainda que geralmente também corre entre eles o nome comum de Japão». Chamavam-nas assim pela muita prata que se cria haver na região.

[6] México.

[7] Carlos V.

[8] Filipe e Isabel.

[9] As armadas enviadas a fazer descobertas naquela zona até ali foram: em 1519 (Fernão de Magalhães), 1521 (Egídio González de Ávila), 1525 (Sebastian Cabot), 1525 (Loyasa), 1527 (Saavedra), 1529 (Alcazaba), 1533 (Alvarado), 1542 (López de Villalobos), esta quando Xavier estava nas Molucas (TORRES Y LANZAS, *Catálogo* I p. CXCVIII-CXCIX).

ilhas de Japão, é a gente de Japão tão belicosa que, por muitos navios que viessem da Nova Espanha, a todos os tomariam; e por outra via é tão estéril a terra de Japão de mantimentos que morreriam de fome[10]. Além disto, são tão grandes as tempestades, em tão grande maneira, que os navios não teriam nenhuma salvação, se não estivessem em algum porto amigo seu.

4. Mas, como arriba disse, são tão cobiçosos os japoneses que, por lhes tomar as armas e roupas que levam, os matariam a todos. Isto já o tenho escrito a el-Rei Nosso Senhor[11]. Porém, com suas ocupações, porventura não será lembrado. Eu, por descargo de minha consciência, vos escrevo isto, para que o façais alembrar a Suas Altezas, porque tenho piedade de ouvir dizer que partem muitas armadas da Nova Espanha, em busca das Ilhas Platáreas, e que se perdem em o caminho; e afora estas ilhas de Japão, não há outras ilhas descobertas em que haja prata[12].

---

[10] Também Valignano escrevia de Macau em 1582 ao governador das Filipinas acerca do Japão que a sua gente «era muito nobre, capaz, e sujeita à razão, *ainda que não é para se tratar lá alguma coisa de conquista*», pois lá não havia nada a cobiçar por ser a terra mais estéril e pobre que tinha visto; nem se podia conquistar a terra pelas armas, pois os habitantes eram fortíssimos e treinados continuamente nas armas (Sevilha, *Archivo de Indias, Patronato 1-1-2/24,* n.57).

[11] Carta perdida.

[12] Xavier temia também, talvez, que se repetissem na Missão do Japão as dissenções que tinham acontecido nas Molucas entre portugueses e castelhanos, desde Fernão de Magalhães até Villalobos (1521-1542). Que o receio de Xavier fosse fundado, prova-o, com evidência, a posterior história japonesa, quando Portugal estava já sob domínio da coroa de Espanha e a instrução que em 1564 se deu a Legazpi: «e porque poderia ser que acertássedes a chegar até às ilhas dos japoneses pela navegação que está declarada… aonde se tem notícia que os portugueses vêm negociar, estareis advertido para não vos encontrardes com eles se o puderdes excusar; no caso de os encontrardes, excusareis vir em rompimento com eles… procurareis ver as cartas de marear que eles trazem para sua navegação e se puderdes haver algumas delas, mesmo que seja comprando-as, as havereis… e se porventura os portugueses vos atacarem e quiserem combater convosco, defender-vos-eis deles procurando a vitória… e se por acaso os portugueses tivessem

5. Encomendo-vos muito, irmão meu Mestre Simão, que façais com esses japoneses como daí tornem tão contentes para suas terras, que tenham muitas coisas que contar de admiração: de ver colégios e disputas, me parece que se hão muito de espantar. Bernardo nos ajudou muito em Japão e também Mateus. Eles eram homens pobres e tomaram-nos amor, e por isso vieram comigo de Japão à Índia, com propósitos de ir a Portugal. A gente honrada de Japão não folga nada de sair de sua terra. Alguns cristãos honrados, que se faziam, desejavam ir a Jerusalém, para ver a terra onde Cristo nasceu e padeceu. Não sei a Mateus e a Bernardo, depois que estiverem aí, se lhes tomará este desejo de ir a Jerusalém.

6. Eu desejei trazer de Japão algum par de bonzos, letrados em suas seitas, para vo-los mandar a Portugal, para que vísseis quão engenhosos, discretos e subtis são os japoneses. Mas, como tinham de comer e eram honrados, não quiseram vir. Outros desejei trazer comigo, cristãos, mas, com receio dos trabalhos do mar, não quiseram vir.

7. Esses, Mateus e Bernardo, folgo que vão aí, para virem em companhia de alguns Padres para ir a Japão, e também para dar fé aos de sua terra quanta diferença há deles a nós.

Assim, acabo rogando a Deus Nosso Senhor que, se for mais seu serviço, algum dia nos ajuntemos em a China. Se não for lá, será em a glória do paraíso, que será com maior descanso que o desta vida.

De Goa, a 8 de Abril de 1552
FRANCISCO

---

ultrapassado os limites do compromisso (empeño) e tivessem seus comércios na demarcação de S.M. em tal caso… provereis ao que mais convenha ao serviço de S.M.» (TORRES Y LANZAS, *Catálogo* I p.CCLIX-CCLX).

109
A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL

Goa, 8 de Abril 1552
Cópia em castelhano, feita no sec. XVIII

SUMÁRIO: 1. Carta que lhe escreveu. – 2. Mais dois jesuítas que partem para o Japão. – 3-5. Expedição e embaixada à China. Diogo Pereira como legado. Esperança em Deus. – 6. Pede intercessão junto de Inácio para que mande missionários preparados e um reitor competente para Goa. – 7. O reitor de Goa lhe escreverá. – 8. Conselhos espirituais.

Senhor

1. Este ano de 52, escrevi a V. A., de Cochim, nas naus que foram ao Reino, [acerca] da cristandade do Japão, e da disposição que há naquela terra, assim como do rei de Bungo: quão amigo era de V. A. e que em sinal da sua amizade escreveu a V. A. e lhe enviou suas armas[1].

2. Este ano, vão dois Irmãos da Companhia[2] para o Japão, para a cidade de Yamaguchi[3], onde há uma casa da Companhia com um Padre e um Irmão[4], pessoas de muita confiança: estão com os cristãos de Yamaguchi. Será Deus Nosso Senhor servido que, com o muito favor de V. A., vão continuamente em aumento as coisas da cristandade do Japão.

---

[1] Não se encontrou esta carta.
[2] Alcáçova e Silva.
[3] Xavier escreve sempre *Amanguchi.*
[4] P. Cosme de Torres e Irmão Juan Fernández.

3. Também escrevi a V. A. que estava determinado a ir à China, pela muita disposição, que me dizem todos, que há naquelas partes para acrescentar-se nossa santa fé.

4. Parto de Goa, daqui a cinco dias, para Malaca, que está a caminho da China, para dali ir, em companhia de Diogo Pereira, à corte do rei da China. Levamos um presente muito rico ao rei da China, de muitas e ricas peças que comprou à sua custa Diogo Pereira[5]. Mas da parte de V. A. lhe levo uma peça, a qual nunca foi enviada de nenhum rei nem senhor àquele rei, que é a lei verdadeira de Jesus Cristo nosso Redentor e Senhor. Este presente, que V. A. lhe envia, é tão grande que, se ele o conhecesse, o estimaria mais que ser rei tão grande e poderoso como é. Confio em Deus Nosso Senhor que terá piedade de um reino tão grande como este da China, pois só por sua misericórdia se abrirá caminho para que as suas criaturas e semelhanças adorem o seu Criador e creiam em Jesus Cristo, Filho de Deus, seu Salvador.

5. Vamos à China dois Padres e um Irmão leigo[6], com Diogo Pereira por embaixador, para pedir os portugueses que lá estão cativos[7], e também para assentar pazes e amizades entre V. A. e o rei da China[8]. Nós, os Padres da Companhia do nome de Jesus, servos

---

[5] Pereira tinha gastado 4.000 a 5.000 pardaus em presentes para o rei da China (Xavier-doc. 122; MX II 273).

[6] Xavier, Gago e Ferreira.

[7] Em 14 de Outubro de 1551, Gaspar Lopes, português, detido nos cárceres de Cantão, tinha escrito a seu irmão e a outros portugueses mercadores em Sanchão, que Diogo Pereira o poderia tirar, a ele e a outros seus parentes e amigos, daquele cativeiro, se pudesse entrar como legado na China. Em 1549 os chineses tinham capturado duas embarcações com trinta portugueses e seus criados e em 1555 capturariam ainda outros sessenta, antes que este sonho se realizasse (SCHURHAMMER, *Quellen* 4694; 6107).

[8] Em 1514, 1515 e 1516 os portugueses tinham enviado legados à China sem qualquer resultado. Mais ainda: em 1519, pela imprudência de Simão de Andrade, provocaram a inimizade dos chineses e estes, em 1521 proibiram todo

de V. A., vamos pôr guerra e discórdia entre os demónios e as pessoas que os adoram, com grandes requerimentos da parte de Deus, primeiramente ao rei, e depois a todos os do seu reino, que não adorem mais o demónio, senão ao Criador do céu e da terra, que os criou, e a Jesus Cristo Salvador do mundo, que os redimiu. Grande atrevimento parece este: ir a terra alheia e a um rei tão poderoso a repreender e falar verdade, que são duas coisas muito perigosas no nosso tempo. Se entre os cristãos é tão perigoso o repreender e falar verdade, quanto mais será entre gentios! Mas uma só coisa nos dá muito ânimo: que Deus Nosso Senhor sabe as intenções que em nós, por sua misericórdia, quis pôr e, com isto, a muita confiança e esperança que quis, por sua bondade, que tivéssemos nele: não duvidando de o seu poder ser maior, sem comparação, que o do rei da China. E pois todas as coisas criadas dependem de Deus, e tanto realizam quanto Deus lhes permite e não mais, não há de que temer, senão de ofender ao Criador e dos castigos que Deus permite que se dêem aos que o ofendem. De maneira que, maior atrevimento parece, terem ousadia para manifestar a lei de Deus pessoas que vêem claramente as suas culpas e faltas tão manifestas, que ter ousadia de ir a terra alheia e de um rei tão poderoso, a repreender e a falar verdade. Mas nisto vamos confiados na infinita misericórdia de Deus Nosso Senhor: que, conhecendo claramente ser indignos instrumentos, Deus quis dar-nos estes seus desejos, sendo pecadores como somos; e a que parecia ousadia em nós, de não temer manifestar o seu nome em terra alheia, é necessário que se converta em obediência, pois Deus é assim servido.

---

o comércio com estrangeiros. Os navios de ambas as nações olhavam-se como inimigos. Comissionado Martim Afonso de Mello em 1522 para fazer as pazes, a tensão de relações impediu qualquer esforço pacífico. Desde então, portugueses e chineses mantiveram-se em guerra e só clandestinamente se fazia comércio; mas mesmo este foi perseguido desde 1548 (T'IEN-TSE CHANG, *Sino-Portuguese Trade* 35-84).

6. Muitas mercês tenho pedido a V. A. para os que nestas partes o têm servido. V. A., por me fazer mercê, sempre mas tem concedido, do que eu fico obrigado a servi-lo e por estas mercês humildemente lhe beijo as mãos. Agora, peço-lhe uma mercê, em nome da cristandade destas partes, assim dos portugueses como dos da terra, e também em nome de toda a gentilidade, principalmente dos japoneses e dos chineses, e é: que V. A., atendendo à glória de Deus e à conversão das almas e à obrigação que V. A. tem a estas partes – lhe peço tão encarecidamente quanto posso – dê ordem e maneira V. A. como, para o ano que vem, venham muitos Padres da Companhia do nome de Jesus e não leigos. E, estas pessoas, que sejam de muitos anos de provação, não somente nos colégios mas no mundo, confessando e fazendo fruto nas almas, onde tenham sido experimentados e provados, porque destes tem necessidade a Índia. Porque de letrados, sem experiências e prova do que é mundo, não se faz muito fruto nesta terra. Portanto peço muito a V. A., em nome de Deus e de suas imagens e semelhanças, que escreva ao Padre Inácio, para Roma, para que dê ordem que alguns Padres da Companhia – muito provados no mundo, que sejam para muitos trabalhos, ainda que não sejam pregadores – sejam enviados a estas partes, porque destes tem necessidade o Japão e a China e também a Índia. E que, juntamente com estes, enviasse um Padre a estas partes para ser reitor desta casa, pessoa de quem confie muito o Padre Inácio pelas muitas provas da sua vida, e que, esse Padre estivesse muito informado nas coisas da Companhia. Não duvide V. A. que, com a vinda destes Padres de Missa, se faria muito fruto na Índia, principalmente no Japão e na China: é que estas duas partes requerem pessoas que passaram muitas perseguições e foram muito provadas nelas e também, juntamente com isto, que tenham letras para responder às muitas perguntas que fazem os gentios discretos e avisados, como são os chineses e japoneses. Para encarecer a necessidade que há destes Padres para estas partes, me pareceu que fosse um Irmão desta casa a Portugal para fazer presente a necessidade que há destes Padres na

Índia[9]. Sobre esta necessidade escrevo ao Padre Mestre Simão[10] e ao Padre Inácio agora[11]. A V. A. – por serviço de Deus Nosso Senhor, pois aqui não se trata senão da glória de Deus e fruto das almas e descargo de consciência de V. A. – lhe peço encarecidamente, por mercê, em nome de Jesus Cristo, que faça este serviço tão assinalado a Deus, pois está na mão de V. A. escrever ao Padre Inácio para que, por toda a religião do nome de Jesus, busque abundância de Padres para estas partes, para o Japão e para a China. Porque me parece que se achariam facilmente, pois não é necessário serem pregadores.

7. Do fruto que fazem os Padres e Irmãos da Companhia, que estão espalhados por tantas partes da Índia, o Padre que fica a reitor do colégio de Goa escreverá a V. A., muito por extenso, dando conta de tudo.

8. Agora, por final desta carta, peço outra mercê a V. A.: que tenha especial atenção e cuidado de sua consciência, mais agora que nunca, recordando-se da conta tão estreita que há-de dar a Deus Nosso Senhor. Porque, quem em vida vive com este cuidado, à hora da morte está muito confiado e descansado; a quem se descuida em vida da conta que há-de dar a Deus, acha-se tão embaraçado na hora da morte, e tão novo em dar esta conta, que não acerta. E assim, agora, por final, encomendo a V. A. que tenha muito especial cuidado de si mesmo, e não deixe este negócio nem se confie de ninguém senão de si mesmo.

Nosso Senhor acrescente os dias de vida a V. A. por muitos anos, e lhe dê a sentir em vida o que quereria ter feito na hora de sua morte.

Escrita em Goa, aos 8 de Abril de 1552 anos
Servo inútil de V. A.
FRANCISCO

---

[9] André Fernandes.
[10] Xavier-doc. 107.
[11] Xavier-doc. 110.

110
AO PADRE INÁCIO DE LOYOLA (ROMA)

Goa, 9 de Abril 1552
Do original em castelhano

SUMÁRIO: 1. Da Missão do Japão. – 2. Em breve parte para a China. – 3. Despediu alguns da Companhia de Jesus, deixa Barzeu como reitor do colégio de Goa e Vice-provincial, e provê à sua sucessão no caso de morte. – 4-7. Envia um Irmão a Roma para informar melhor sobre as necessidades da Missão no Oriente. Aponta tipo de missionários que precisa. – 8-10. Pede sobretudo um Padre bem preparado pelo próprio Inácio para a formação e governo de jesuítas. – 11. Formação requerida para os missionários. – 12. Deseja sobretudo notícias da Companhia de Jesus e encontrar-se se pudesse com Inácio.

IHUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen

1. No ano de 1552, no mês de Fevereiro, escrevi[1] a Vossa Santa Caridade como tinha chegado do Japão à Índia e o fruto que lá se fazia na conversão dos gentios à nossa santa fé. E como o Padre Cosme de Torres e João Fernandez tinham ficado em Yamaguchi, cidade principal no Japão, com os que já se tinham feito cristãos e cada dia se continuavam a fazer. Neste ano em que estamos, vão dois da Companhia para Yamaguchi ajudar o Padre Cosme de Torres e aprender a língua para que, quando daí vierem Padres de muita confiança para irem às Universidades do Japão, encontrem pessoas da Companhia que saibam transmitir fielmente [aos ouvintes] o que os Padres lhes disserem. Em Yamaguchi, pela misericórdia de Deus,

---

[1] A 29 de Janeiro: Xavier-doc. 97.

já está feita uma casa da Companhia. Tão longe de Roma que, de Goa a Yamaguchi há mais de mil e quatrocentas léguas, e de Roma há mais de seis mil.

2. Daqui a seis dias, com a ajuda e favor de Deus Nosso Senhor, vamos três da Companhia – dois Padres e um leigo – à corte do rei da China[2], que está perto do Japão: terra muito grandíssima e povoada de gente muito engenhosa e de muitos letrados. Pelas notícias que tenho, dão-se muito às letras. Quem mais letrado é, mais fidalgo é, e mais valia tem. Toda a gentilidade das seitas, que há no Japão, foi da China[3]. Muito confiados vamos em Deus Nosso Senhor, que se há-de manifestar o seu nome na China. Vossa Santa Caridade tenha especial cuidado em nos encomendar a Deus: aos que estão no Japão e aos que vamos à China. O sucedido na China, se Deus quiser, muito particularmente o escreveremos: assim de como formos recebidos, como da disposição que houver para se acrescentar a nossa fé.

3. Depois de ter chegado ao colégio de Goa, foi-me necessário despedir algumas pessoas da Companhia. Muito me pesou achar causas sobejas para o fazer; mas, por outra parte, folguei muito de as despedir. Fiz reitor do colégio o Padre Mestre Gaspar, flamengo de nação, pessoa de muita confiança, em quem Deus pôs muitas virtudes. É muito grande pregador, de grande maneira aceite ao povo, muito bem quisto dos da Companhia. Move tanto a lágrimas o povo, quando prega, que é coisa para dar muitas graças a Nosso Senhor. Todos os destas partes, assim Padres como Irmãos, deixo à sua obediência. Os que podiam causar alguma desedificação na minha ausência, por coisas já passadas, despedi-os[4]. Todos ficam

---

[2] Peking.

[3] Só as seitas budistas, porque as sintoistas nasceram no Japão.

[4] Cf. Xavier-doc. 107,3. Sobre estas despedidas, escreve Polanco a Barzeu em 24 de Dezembro de 1553: «Do P. António Gomes soube o N. P. a despedida que ordenou o P. Mestre Francisco. As causas não se sabem cá; poderá ser que as

agora de maneira que vou à China muito satisfeito. Se Deus Nosso Senhor levar desta vida Mestre Gaspar, deixo uma cédula, escrita e firmada por minha mão[5], em que digo quem será, depois dele, reitor deste colégio: para evitar alguma inquietação que se poderia seguir na eleição dum reitor, até que Vossa Santa Caridade provesse estas partes de [novo] reitor. Isto fiz, pela muita distância que há daqui a Roma, para evitar os inconvenientes que se poderiam seguir, assim na eleição do reitor, como no muito tempo que se gasta em ir daqui a Roma e tornar [de lá] a resposta.

4. Pareceu-me ser muito serviço de nosso Senhor Deus, antes de partir para a China, deixar ordenado que um Irmão da Companhia fosse, no ano que vem, a Portugal, e de Portugal a Roma, com cartas para Vossa Santa Caridade, fazendo-lhe saber as necessidades que há, nestas partes, de Padres muito exercitados e provados no mundo, porque estes são os que nestas partes fazem muito fruto. Porque os que têm letras, mas não têm experiência, nem são exercitados nas perseguições do mundo, esses fazem pouco fruto nestas partes. Os que despedi, foram destes.

5. Pela experiência que tenho do Japão, aos Padres que hão-de ir para lá frutificar nas almas, principalmente os que hão-de ir às Universidades, são-lhes necessárias duas coisas: a primeira, que tenham sido muito provados e perseguidos no mundo e [tenham] muitas experiências e grande conhecimento interior de si mesmos, porque hão-de ser mais perseguidos no Japão do que nunca porventura o foram na Europa. É terra fria e de pouca roupa. Não dormem em camas, porque não as há. É estéril de mantimentos. Desprezam os

---

tenham entregado ao Irmão que daí enviaram, mas este ainda não chegou a Roma nem escreveu. Entendendo que é bom pregador, se tivesse sujeito, no demais, bom para a Companhia, parece a N. P. que se lhe permita vir a Roma dar razão de si, se ele quiser vir. Dos outros despedidos, cujos nomes não sabemos… seria a mesma razão que de António Gomes». (SCHURHAMMER, Xavier-doc. 112b; MI *Epp*. VI 89-90).

[5] Xavier-doc. 106, escrito por Gago e assinado por Xavier.

estrangeiros, principalmente os que vão pregar a lei de Deus: isto, até que vêm a gostar de Deus. Os padres[6] do Japão sempre os hão-de perseguir. Os que forem para as Universidades, não me parece que possam levar as coisas necessárias para dizer Missa, por causa dos muitos ladrões que há pelas terras por onde terão de passar. Em tantos trabalhos e perseguições, carecer da consolação da Missa e das forças espirituais que recebem as pessoas que comungam o Senhor, veja Vossa Santa Caridade a virtude que se requer nos Padres que hão-de ir para as Universidades do Japão!

6. Também é necessário que tenham letras, para responder às muitas perguntas que fazem os japoneses. Seria bom que fossem bons artistas[7]; e não perderiam nada que fossem sofistas[8] para, nas disputas, apanhar os japoneses em contradição; que soubessem alguma coisa da esfera, porque folgam em grande maneira os japoneses em saber os movimentos do céu, os eclipses do sol, [o] minguar e crescer a lua, como se gera a água da chuva, a neve e o granizo, os trovões e relâmpagos, os cometas e outras coisas assim naturais. Muito aproveita a explicação destas coisas para ganhar a vontade do povo. Esta informação sobre a gente do Japão me pareceu ser coisa conveniente a escrever a Vossa Santa Caridade, para que esteja ao cabo das virtudes que hão-de ter os Padres que para lá hão-de ir.

7. Muitas vezes pensei que seriam bons para aquelas partes alguns Padres da Companhia flamengos e alemães, porque estes são para muitos trabalhos e sofrem bem o frio. Aí, assim na Itália como na Espanha, não farão tanta míngua, por não saberem a língua para pregar. Para que aqui os entendam os Irmãos que estão no Japão, será necessário que saibam falar ou castelhano ou português. Ainda que não saibam muito, no caminho aprenderão, porque antes que daí cheguem a Yamaguchi passarão ao menos dois anos.

---

[6] Bonzos budistas e sintoistas.

[7] Filósofos.

[8] Peritos em Dialética filosófica (cf. Xavier-doc. 97,10; 98,2).

8. Pareceu-me ser necessário dar parte a Sua Santa Caridade da necessidade, que nestas partes há, de uma pessoa que estivesse ao cabo das coisas da Companhia e tivesse gostado delas e Vossa Santa Caridade a tivesse conversado algum tempo. Desta tal pessoa tem muita necessidade este colégio e todas as pessoas da Companhia que estão nestas partes da Índia, para serem bem instruídas segundo as ordenações santas e Constituições da Companhia[9]. Ainda que esta pessoa não tivesse talento para pregar, nem por isso deixaria de ser boa e necessária para estas partes. Por serviço de Deus Nosso Senhor, envie-nos alguma pessoa de sua mão, para ser reitor deste colégio. Qualquer que for, ainda que não tenha muitas letras, mandando-a de sua mão, será tal como esta casa tem necessidade. Porque os Padres e Irmãos destas partes desejam ver alguma pessoa de Roma, que a Vossa Santa Paternidade tenha conversado muito.

9. E se essa pessoa, que vier para reitor, trouxer de Roma algumas graças espirituais, como alguma indulgência plenária para algumas festas principais do ano e suas oitavas, para a gente se poder comodamente confessar, seria muito grande serviço de Deus e seria muito aceite ao povo.

10. Nunca poderia acabar de escrever a Sua Santa Caridade quanto fruto fez nas almas o jubileu que nos enviou[10]. As indulgências que a estas partes enviarem, venham por alguma Bula autêntica e com seus selos pendentes, porque aqui já não minguam pessoas que põem contradição e dúvida nestas coisas pias. Até no jubileu que

---

[9] As Constituições da Companhia de Jesus só em 1555 chegaram à India, levadas pelo P. Quadros (POLANCO, *Chron*. VI 779).

[10] Júlio III, a pedido de Inácio, estendeu a indulgência do Jubileu a todos os da Companhia de Jesus «onde quer que estivessem, mesmo em Portugal e na Índia, Brasil e grande Congo e Africa, e aos neófitos habitantes dessas regiões ultramarinas e, finalmente, a todos os cristãos residentes nessas partes» (POLANCO, *Chron*. II 8; MI, *Epp*. III 99). Enviaram-se à Índia quatro exemplares da patente do Jubileu (MI, *Epp*. III 106-107).

nos enviou o quiseram caluniar, dizendo que não era coisa autêntica, nem vinha com selos, nem era autorizada. Mas quis Deus Nosso Senhor que fosse adiante.

11. Grande serviço de Deus Nosso Senhor se faria, se os Padres de Missa, que a estas partes hão-de vir, fossem muito provados, porque destes tem necessidade esta terra. Também escrevo ao Padre Mestre Simão, ou ao reitor do colégio de Coimbra na sua ausência, que não envie para cá Padres que lá não façam míngua, porque esses não são cá necessários[11]. Se Vossa Santa Caridade desse ordem para que nenhum Padre de Missa da Companhia viesse para estas partes, sem que primeiro fosse em peregrinação a Roma e [só] com licença do Prepósito Geral viesse para a Índia, seria grande bem. Principalmente me parece ser muito necessário que, nem de Portugal nem de nenhuma outra parte, viesse a estas partes da Índia, para reitor, alguma pessoa, sem que primeiro fosse a Roma e fosse provada a sua suficiência pelo Prepósito Geral, e com licença e provisão sua viesse a ser reitor para estas partes e não de outra maneira. Isto digo, pela experiência que tenho dos que de Portugal vieram para ser reitores deste colégio. E temendo-me de que, no ano que vem, seja como no passado, deixo ordenado que nenhum dos que de lá venham para ser reitores desta casa sejam recebidos, se para isso não vierem ordenados pelo nosso Prepósito Geral, com provisão sua. Isto, para evitar algumas coisas que deixo de escrever.

12. Grande consolação receberia, se Vossa Santa Caridade encomendasse, a alguma pessoa de casa, que me escrevesse muito longamente novas de todos os Padres que viemos de Paris e de todos os outros e da prosperidade em que vão as coisas da Companhia, assim dos colégios e das casas, como do número dos Padres professos e de algumas pessoas muito assinaladas que tivessem grandes qualidades antes de entrar na Companhia e de alguns letrados grandes que nela

---

[11] Cf. Xavier-doc. 107,6.

há, porque essa carta será recreação minha no meio dos muitos trabalhos, tanto de mar como de terra, na China e Japão.

Nosso Senhor nos junte na glória do paraíso e também, se for seu serviço, nesta vida presente. Isto facilmente se pode cumprir quando por obediência me for mandado. Todos me dizem que da China se pode ir a Jerusalém[12]. Se isto for assim como dizem, eu o escreverei a Vossa Santa Caridade, e as léguas que há, e em quanto tempo se pode ir.

De Goa, a 9 de Abril de 1552
(Por mão de Xavier): Seu menor filho e em desterro maior,
FRANCISCO

---

[12] A rota que frequentemente seguiram em 1550 os grupos de mercadores que iam da China a Ormuz, pode ver-se em SCHURHAMMER, *Quellen* 4562; Barzeu viu em Ormuz mercadores destes vindos da China (*Doc. Indica* II 249; 257).

111
ELEIÇÃO DO PROCURADOR MANUEL ÁLVARES BARRADAS

Goa, 12 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1553

Procuração
que o Padre Mestre Francisco e colégio de São Paulo deram
ao licenciado Manuel Álvares Barradas, procurador do dito colégio.

Saibam, quantos este instrumento de procuração e comissão virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e cinquenta e dois anos, aos doze dias do mês de Abril, nesta cidade de Goa, na rua da Carreira dos Cavalos, no colégio de São Paulo, sendo eles presentes e residentes a som de campainha tangida em cabido – os muito devotos e reverendos Padres do dito colégio juntos, a saber, o Padre Mestre Francisco o principal nestas partes, e o Padre Mestre Gaspar[1] reitor do dito colégio por mandado do dito Mestre Francisco, e o Padre *Micer* Paulo, e o Padre Manuel de Moraes[2], e o Padre António Vaz[3], e os Irmãos Reimão Pereira[4] e

---

[1] Barzeu.

[2] Manuel de Moraes, sénior.

[3] António Vaz, S.I. (1517-1600), nascido entre 1517/1523 ao que parece de cristãos novos, entrou na Companhia de Jesus em Goa em 1548. Foi enviado para Ternate (Molucas) em 1554, onde, por desobediência, foi despedido da Companhia, continuando contudo na Missão como vigário até 1558. Regressado a Goa, foi readmitido na Companhia de Jesus em 1559 e missionou em Goa, Damão,

Pedro d'Almeida[5] e Cristóvão da Costa[6] e o Irmão Simão da Beira[7] – logo pelo dito Padre Mestre Francisco foi dito a mim, dito tabelião[8], que a dita casa e colégio tinha necessidade de um homem letrado para olhar e administrar as coisas que cumpriam a bem e proveito dela, fora da dita casa, a saber, para ter cargo das rendas da dita casa, e as arrendar, e buscar rendeiros para as ditas rendas, e para as fazer arrematar e remover quando for necessário, e fazê-las pagar ao reitor e colégio, e para ter cuidado de demandar as terras sonegadas[9] que pertencem ao dito colégio, e dá-las de renda, e aforá-

---

Macau, Thana e S. Tomé até morrer em 1599/1600 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 655-656; *Doc. Indica* II Índice).

[4] Reimão Pereira, S.I. (+ 1554), filho de João Rodrigues Pereira, partiu para a Índia em 1548, entrou no ano seguinte na Companhia de Jesus em Goa e logo foi enviado com Barzeu para Ormuz. Regressado a Goa por doença, começou os seus estudos no colégio de S. Paulo, mas acabou por morrer em 1553 ou 1554 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 656; *Doc. Indica* I, II Índices).

[5] Pedro de Almeida, S.I. (1527-1576), entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1549, partiu para a Índia dois anos depois, foi ordenado sacerdote em 1558, trabalhou incansavelmente nas ilhas de Goa, Divar e Chorão e, depois, em Damão e Baçaim, onde morreu em 1576 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 657; *Doc. Indica* II Índice).

[6] Cristóvão da Costa, S.I. (1525-1581), entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1550, partiu para a Índia no ano seguinte, fez os seus estudos e foi ordenado sacerdote em Goa, foi missionário em Thana (1558), Baçaim (1559-1560), Malaca (1561-1572), Macau (1575-1581) onde morreu em 1581 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 565; *Doc. Indica* II Índice).

[7] Simão da Beira ou de Vera, S.I. (+ 1559), entrou na Companhia de Jesus em Goa, talvez em 1549, foi enviado para Ormuz em 1553, para as Molucas em 1557, onde veio a morrer na temida ilha de Moro em 1559 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 657; *Doc. Indica* I, II Índices).

[8] Notário. Sobre ele ver nota, mais adiante.

[9] As rendas do colégio de S. Paulo provinham principalmente dos templos pagãos de Goa, destruídos em 1541 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 297). Já nos anos 1549-1550 o Governador Cabral tinha ordenado que os campos dos templos ocultados se indicassem ao procurador do colégio (SCHURHAMMER, *Quellen* 4247; 4472) e a ordem repetiu-se em Junho de 1552. Até que, em 1553, se fez um registo desses templos, chamado *tombo* (*Ibid.* 4853, 5997; cf. nota, mais adiante).

-las[10] em perpétuo ou a tempo certo, e em enfiteusis, segundo for de mais proveito da dita casa e melhor parecer ao reitor dela, e fazer, e negociar, e demandar, e aproveitar todas as coisas que forem devidas e se deverem daqui em diante à dita casa. Para o qual ordenou o dito Padre Mestre Francisco e o dito Reitor e Padres que fosse o Licenciado Manuel Álvares Barradas[11], morador nesta cidade de Goa, ao qual disseram que davam, como de facto logo deram e outorgaram, todo o seu livre e cumprido poder e mandado especial, com livre, geral e particular administração, para que o dito Licenciado, em nome do dito colégio, possa fazer tudo o que fica dito, a saber, demandar todas as terras que pertencem e pertencerem ao dito colégio e sobre eles pleitear com todas as pessoas que as tiverem e as não quiserem restituir ao dito colégio, e haver sentenças contra eles, e apelar, e agravar, e consentir, e na alçada-mor[12] requerer tudo o que for necessário ao dito colégio, assim no caso de apelação e agravo, como em tudo o mais que cumprir aos ditos pleitos e demandas, até haver sentenças finais inclusive. E poderá pedir restituição em íntegro, em favor do dito colégio, quando necessário for; e poderá declinar o foro de qualquer juiz quando cumprir e nas coisas que quiser consentir; e poderá sobestabelecer quaisquer procuradores que quiser e por bem tiver [achar], e revogá-los quando quiser, ficando sempre nele todo o poder cumprido [que lhe cumpre]; e poderá arrendar e arrematar as rendas do dito colégio aos rendeiros que o Reitor da casa ordenar que sejam rendeiros, a um, e a muitos, e a quantos cumprir, e fazer seus contratos de arrematações, e tomar-lhes as fianças, e ordenar-lhes as pagas em tempos devidos à dita casa, e que virão pagar ao Padre Reitor ou à pessoa que ele ordenar que receba as ditas rendas;

[10] Alugá-las.

[11] Lic. Manuel Álvares Barradas, antes de 1540 era *Ouvidor* em Malaca e, em Dezembro de 1547, foi transferido com esse cargo para Cochim (*Ibid.* 614; 3396). De 1552 a 1553 residia em Goa.

[12] Tribunal supremo.

e poderá prender os ditos rendeiros não pagando aos tempos devidos, e remover-lhes as ditas rendas com o parecer do dito Reitor, e quando o dito Reitor e o dito Licenciado o ordenarem. E poderá ele, o dito seu procurador, arrendar as ditas terras, dá-las de foro[13] a tempo, ou *in perpetuum* e em enfiteusis, como melhor parecer ao dito reitor que será de mais proveito da dita casa, mandar-lhes fazer suas escrituras públicas com todas as cláusulas necessárias das suas quitações aos que pagarem o que deverem, assim em juízo como fora dele, assim públicos como rasos, e tudo o mais necessário ao ofício de procurador: com poder de tomar conta aos rendeiros e devedores da dita casa, e estar com eles à conta, fazer-lhes pagar o devido, e que o vão entregar ao recebedor do dito colégio que o dito Reitor para isso ordenar, como já fica dito. E quando pagarem, lhes dará suas quitações com poder de jurar quaisquer lícitos juramentos que lhe forem pedidos e ordenados, de qualquer sorte e qualidade que sejam, e poder pôr quaisquer excepções de suspeições e nulidade de incompetência, e todas as outras excepções que em direito são ordenadas que se podem pôr, assim às pessoas como aos juízes, e poder-se-á louvar em juízes árbitros arbitradores, e poderá fazer compromisso, e tudo o mais que for necessário em direito para proveito e justiça da dita casa e utilidade dela, e tudo fazer, e dizer, e alegar, e requerer em juízo e fora dele, e negociar as coisas ao dito colégio necessárias, assim e tão cumpridamente como o faria ele, Padre Mestre Francisco e Padres e Irmãos, em toda a parte sendo presentes, com toda a sua livre e geral administração, e mero e puro poder de reger e governar tudo o que dito é, e o mais que necessário for, prometendo e obrigando-se pelas rendas do dito colégio haver por bem feito, firme e valioso[14] tudo quanto pelo dito seu procurador, assim estabelecido, for feito, dito, outorgado, pela maneira que dito é, deste dia para todo o sempre; e prometeram de os relevar de todo o encargo da sa-

[13] Aluguer.
[14] Válido.

tisfação de todos os seus bens, rendas e fazendas do dito colégio, que para elo [isso] obrigaram, tanto quanto em direito os podem obrigar. E em testemunho de verdade assim o outorgaram, e mandaram disso ser feito este instrumento de procuração e comissão e, desta nota, outorgaram que desse ao dito procurador um, dois e muitos treslados, quantos cumprirem, para por eles requerer o direito, deles constituintes e colégio, e assinaram na nota com as testemunhas; e, bem assim, disseram mais eles, constituintes, que isso mesmo dão seu poder ao dito seu procurador para que possa visitar as terras pertencentes ao dito colégio e as fazer reparar e consertar, e para fazer o tombo[15] das ditas terras que ao dito colégio pertencem, e em tudo fazer o que cumprir, e requerer os pagamentos, como dito é.

Testemunhas que presentes estavam: Leonardo Nunes[16], escrivão do Provedor-mor, e João Dias[17], morador a São Paulo, e outros.

E eu, André de Moura[18], dito tabelião que isto escrevi nas minhas notas, que em meu poder são, onde as partes e as testemunhas assinaram, e delas o mandei tresladar por licença que para isso tenho, e o concertei e subscrevi e assinei de meu público sinal, que tal é.

---

[15] O registo ou *tombo* conservou-se: o seu preâmbulo foi editado por CUNHA RIVARA (*Archivo Portuguez Oriental*, Fasc.5, p. 1, n.134).

[16] Leonardo Nunes partiu para a Índia talvez em 1537 e no ano seguinte para a fortaleza de Diu, em cuja defesa foi ferido. Nomeado secretário do *Provedor-mor dos defuntos da Índia,* redigiu em fins de 1556 o célebre *Sumário* sobre o cerco de Diu e mais tarde, já em Portugal, compôs outra obra mais ampla e importante, a *Crónica*, terminada em Lisboa a 22 de Fevereiro de 1550. Nesse mesmo ano ou seguinte, voltou à Índia, onde o Governador Cabral lhe deu o cargo de Secretário (SCHURHAMMER, *Quellen* 2436, 2548, 2677, 4397; L. Nunes, *Crónica de Dom João de Castro*, ed. J. D. M. FORD, Cambridge, Mass. 1936: p. XIII-XXVI 44, 240-241).

[17] Não temos notícia dele.

[18] André de Moura, notário público, e Álvares Barradas acompanharam em 1553 António Ferrão, *Tanador-mor*, na realização do registo dos campos provenientes dos templos pagãos destruídos, que tinham sido aplicados ao colégio de S. Paulo (*Archivo Portuguez Oriental*, fasc.5, p.1, n. 134).

112
MANDATO DADO AO PADRE GASPAR BARZEU

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-2. O que tem a fazer com António Gomes. – 3. Severa intimação para André Carvalho.

IHUS

Mestre Gaspar

1. O que fareis, em virtude de obediência, é o seguinte. Primeiramente, se António Gomes, por todo este ano em que estamos, sair de Diu[1] para ir a outra parte, por qualquer caso que seja, abrireis essa cédula e o que nela se contém, mandando-lhe o treslado dela, e o original ficará em vosso poder. Também lhe escrevereis conforme ao conteúdo na cédula.

2. Depois que as naus forem idas ao Reino[2], ainda que António Gomes não haja feito nenhuma mudança de sair de Diu, abrireis a cédula[3] e lhe mandareis o treslado. O original mostrareis ao Senhor Bispo e, com a fé do Senhor Bispo, irá o treslado: e pedireis muito ao

---

[1] Valignano escreve que Xavier impôs a António Gomes, pelos seus defeitos, primeiro algumas penitências: «E não achando nele o arrependimento e conhecimento que desejava… enviou-o para Diu… no que teve muitos contrastes, por se opor a isso o próprio Vice-rei com toda a nobreza» (VALIGNANO, *História* 197-198).

[2] Em Janeiro ou Fevereiro de 1553 partiriam as naus para Portugal.

[3] Na cédula estava escrita a *demissão*.

Senhor Bispo que lhe escreva e lhe mande, como a seu súbdito, em virtude de obediência, o que há-de fazer. O melhor seria, segundo o meu parecer, que o deixasse estar em Diu.

3. Se André Carvalho não for este ano ao Reino, despedi-lo-eis da Companhia. Não consintais em nenhuma maneira, porque eu assim o defendo[4], que tome ordens, nem de Evangelho nem de Missa, na Índia, ainda que o Senhor Bispo vá este ano a Cochim[5]. Se André Carvalho vier a Goa, contra aquilo que lhe tenho mandado, não o recolhereis no colégio; mas, antes, eu o despeço da Companhia se ele cá vier este ano. E vós, pois esta é a minha intenção, o despedireis da Companhia; e ao Senhor Bispo direis da minha parte que lhe peço muito por mercê, que lhe não dê ordens de Evangelho nem de Missa.

(Por mão de Xavier): FRANCISCO

[4] Proíbo.

[5] Cf. Xavier-doc. 103,1.

113
AO PADRE ALFONSO CIPRIANO (MELIAPOR)

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO:1-2. Repreende-o severamente pelo seu proceder com o vigário local: escândalo que dá a todos, pense na morte que se aproxima. – 3. A mesma repreensão a Gonçalo Fernandes seu companheiro. – 4. Peçam perdão ao vigário. – 5-6. A humildade sem desculpas só nos prestigia e dá autoridade. – 7. Humildade e mansidão sobretudo com pessoas que têm mando. – 8. Despedida afectuosa.

JESUS

1. Bem mal cumpristes os apontamentos, que vos dei, do que havíeis de fazer em Santo Tomé[1]. Claramente se mostra que pouco vos ficou da conversação do nosso bem-aventurado Padre Inácio[2]. Muito mal me parece andardes com capítulos[3], em demandas com o vigário[4]. Sempre usais de vossa condição forte: tudo o que fazeis por uma parte, por outra o desmanchais. Sabei certo que estou descontente das desavenças que lá tendes. Se o vigário faz o que não deve, por vossas repreensões não se há-de emendar, principalmente quando se fazem com pouca prudência, como vós as fazeis. Estais já tão

---

[1] S. Tomé de Meliapor, onde estava um pequeno santuário dedicado ao Apóstolo, que ali teria sido martirizado. Sobre o P. Cipriano, cf. Xavier-doc. 68,4; desde 1549 estava em S. Tomé de Meliapor (Xavier-doc. 81,4).

[2] Cipriano entrou na Companhia de Jesus em Roma, donde foi enviado a Lisboa em 1541. Portanto conhecia Inácio (SCHURHAMMER, *Quellen* 804, 811, 835, 6095.

[3] Acusações.

[4] Gaspar Coelho (SCHURHAMMER, *Quellen* 1094; MX II 270, 946-948).

acostumado a fazer vossa vontade que, onde quer que estejais, com vossas maneiras escandalizais a todos e dais a entender aos outros que é condição vossa serdes assim forte[5]. Praza a Deus que, destas imprudências, algum dia façais penitência.

2. Por amor de Nosso Senhor, vos rogo que forceis vossa vontade e que, no porvir, emendeis o passado, porque não é condição ser assim agastado, senão descuido grande que tendes de Deus e de vossa consciência e do amor dos próximos. Sabei certo que, à hora da morte, achareis certo ser verdade isto que vos digo. Rogo-vos muito, em nome do nosso bem-aventurado Padre Inácio, que estes poucos dias que vos ficam[6] vos emendeis muito em ser sofrido, manso, paciente e humilde. Sabei certo que, por humildade, tudo se acaba. Se não podeis fazer tanto quanto desejais, fazei o que boamente podeis. Por força, nenhuma coisa se acaba nestas partes da Índia, e deixa-se de fazer o bem que se faria por humildade, quando por brados e impaciências quereis fazer as coisas.

O bem que, sem escândalo, se pode fazer, ainda que não seja mais que tanto ---------------- fazei-o; ainda que cuideis que, por outra via, com desavenças e escândalos, se pode fazer tanto ---------------------- -----------------------.

Bem sei que nenhuma destas coisas aproveitará. Porém, não deixo de saber que, à hora da vossa morte, vos há-de pesar.

3. Gonçalo Fernandes[7] parece-me que também é da vossa condição, mal sofrido e pouco paciente e, com achaque[8] do serviço de

---

[5] Alfonso Cipriano tinha, então, mais de 60 anos e dele escrevia o Pe. Simão Rodrigues a S. Inácio de Loiola: «Le devéis escribir que ubedesca y se humilie y quebre su juizio, porque es hecho tan gran sátrapa que diera consego al imperador» (*Epp. Broeti* 532; cf. SCHURHAMMER 972, 1046, 6095).

[6] Em Novembro de 1555 escrevia Cipriano que tinha sessenta e cinco anos (SCHURHAMMER, *Quellen* 6095).

[7] Só sabemos deste Fernandes que foi admitido na Companhia de Jesus na Índia por António Gomes e que em 1551 foi enviado como missionário para S. Tomé de Meliapor.

[8] Desculpa, pretexto.

Deus Nosso Senhor, encobrir vossas impaciências, dizendo que vos move a fazer o que fazeis o zelo de Deus e das almas. O que, com humildade, não acabardes com o vigário, não haveis de acabar com desavenças.

4. Pelo amor e obediência que teríeis ao Padre Inácio vos rogo que, vista esta carta, vades ao vigário e ponhais ambos os joelhos em terra e lhe peçais perdão de todo o passado e lhe beijeis a mão. Mais consolado seria se lhe beijásseis os pés e lhe prometesseis que, o tempo que lá haveis de estar, em nenhuma coisa lhe saireis da vontade. Crede-me que, à hora da vossa morte, haveis de folgar de ter feito isto. E confiai em Deus Nosso Senhor e não duvideis: que senão quando Deus vir vossa humildade e à gente for manifesta, tudo o que pedirdes, para o serviço de Deus e da salvação das almas, vos será outorgado.

5. Vós e outros nisto claramente errais: que, sem terdes muita humildade e dar grandes sinais dela às gentes com quem conversais, quereis que o povo faça o que pedis, como a irmãos da Companhia. Não vos lembrais nem fazeis fundamento nas virtudes do nosso Padre Inácio, pelas quais Deus lhe deu tanta autoridade com o povo. Assim que, quereis usar da autoridade do povo e esquecer-vos das virtudes que são necessárias para que o povo vos obedeça o que dizeis.

6. Bem sei certo que, se presentes estivéssemos, me diríeis que não tendes culpas no que tendes feito, senão que, por amor de Deus e da salvação das almas, o fazeis. Sabei certo e não duvideis que nenhuma desculpa vos receberia e com nenhuma coisa tanto me desconsolaríeis como com justificar-vos; e assim, também confesso que com nenhuma coisa tanto me consolaríeis que com acusar-vos.

7. Sobretudo vos rogo que com o vigário, padres[9], capitães[10] e pessoas que têm mando na terra, não tenhais desavenças mani-

---

[9] Beneficiados.

[10] O capitão daquela zona de Coromandel era, em 1546, Gabriel de Ataíde (SCHURHAMMER, *Ceylon* 383).

festas, ainda que vejais coisas mal feitas. Aquelas que boamente puderdes remediar, remediai, e não ponhais em perigo de perder tudo com desavenças, o que boamente poderíeis com humildade e mansidão acabar.

8. *(Por mão de Xavier):* Ó Cipriano, se soubésseis o amor com que vos escrevo estas coisas, dia e noite vos lembraríeis de mim e talvez chorásseis, ao recordar o grande amor que vos tenho. E se os corações dos homens se pudessem ver, nesta vida, acreditai-me, meu irmão Cipriano, que vos contemplaríeis claramente na minha alma[11].

Todo vosso, sem nunca poder esquecer-me de vós,
FRANCISCO

---

[11] Cipriano, com toda a sua aspereza, era de uma solidez a toda a prova. Morreu em S. Tomé em 1559, venerado por todos como santo. Dele escrevia Belchior Nunes: «Era homem inteiríssimo e zeloso, se bem algum tanto áspero; mas tanto excedeu nas virtudes e nas obras de caridade que, quando morreu, o prantearam cristãos e gentios» (SOUZA, *Oriente conquistado* 1,2,2,24).

114
INSTRUÇÃO PRIMEIRA AO PADRE BARZEU SOBRE A ADMINISTRAÇÃO TEMPORAL

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1-2. Documentos da casa a recolher e conservar; como cobrar as dívidas sem escândalo. – 3-5. Prioridades nas necessidades a atender. Pagar as dívidas. Primeiro os gastos com as pessoas, depois com os edifícios. – 6-7. Prudência em gastos com esmolas, contratos de arrendamento, e empréstimos à fiança doutros. – 8-9. Recados sobre correspondência epistolar, serviços domésticos, pagamentos por fazer, trabalhos sacerdotais. – 10-11. Recomendações de cuidado espiritual de alguns Jesuítas em formação. – 12. Envio de cartas para o Reino.

Quanto às rendas do colégio e da casa, fareis o seguinte.

1. Primeiramente, os alvarás e mercês que o Rei nosso senhor tem dado a esta casa, acerca das rendas dos pagodes como de outras mercês que tem feito – como consta pelos alvarás de Sua Alteza confirmados pelos Governadores passados – todos estes papéis[1] os recolhereis e tereis em vosso poder.

Com o procurador da casa[2] e com Cosme Anes, que está ao cabo destas coisas todas, praticareis o que cumpre ao bem e proveito da casa: que acerca das rendas dos pagodes – que há muitas sonegadas – o que se deve de fazer seria, bem, tirar carta de excomunhão; para que, os que têm sonegado os bens desta casa e os possuem com má

---

[1] Cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 815-816; 982; 1419; 1423; 2001; 2019; 2263; 4022; 4247; 4268; 4472; 4485; 4622.

[2] Lic. Manuel Álvares Barradas (cf. Xavier-doc. 111).

consciência, satisfaçam e cumpram com suas almas, dando a cada um o que é seu.

2. Estas coisas, de que se podem escandalizar, serão feitas por parte do procurador desta casa, como é: se for necessário prender os rendeiros porque não pagam, ou outras coisas semelhantes, de que o povo se pode escandalizar.

3. Todo o dinheiro tereis em vosso poder. Por vossas mãos será distribuído, nas necessidades da casa, assim dos Irmãos como dos moços da terra, e acudindo às necessidades dos Irmãos que estão fora do colégio, pois à míngua de não serem ajudados padecem muitas necessidades; e as almas de muitos padecem detrimento, por respeito de não haver Padres [suficientes], à míngua de não terem o necessário. Portanto encomendo-vos muito que tenhais grandíssimo cuidado de acudir primeiro às necessidades do colégio e, depois, às necessidades dos Padres e Irmãos que andam fora, os quais, à míngua de não terem o necessário, deixam de fazer fruto nas almas: como [os] do Cabo de Comorim, e do Moro, além de Maluco, e os de Japão. Os que vivem nas fortalezas onde há portugueses, à míngua de não terem o necessário para sustentar a vida, não deixarão de fazer fruto nas almas.

4. Sobretudo vos encomendo que as dívidas da casa se paguem. Porque é cargo da consciência ter o alheio, quando homem o pode pagar, e grande escândalo no povo não pagar homem o que deve. Por isso, vos torno outra vez a encomendar que tenhais grande cuidado em pagar as dívidas.

5. Deixai de fazer edifícios, porque bastam os feitos até que se paguem as dívidas. Depois de pagar, podereis ir acabando os edifícios[3]. Tende muito mais cuidado dos *edifícios espirituais* da casa,

---

[3] O colégio de Santa Fé ou de São Paulo (Goa), foi fundado pela Irmandade da Santa Fé em 1541 para formar catequistas, intérpretes e clero indígena de todas as línguas do Padroado. Em Janeiro de 1543 já tinha sido inaugurada a igreja com boa parte do edifício (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* 849; Xavier-doc. 16,1; CORREA IV 289-90). E em 1545 já podia albergar uns 500 alunos (Xavier-doc. 20,9). Mas em 1549 ainda não estava completo.

que dos materiais. Olhai muito pelo espiritual dos Irmãos e dos meninos da terra.

Os edifícios materiais que não se podem escusar – como fechar-se as paredes, assim da horta como de outras partes da casa, donde se podem seguir escândalos – a isto é necessário acudir.

6. Porquanto me temo que de muitos sereis importunado a que façais esmolas das rendas de casa, ou que alargueis alguma coisa aos que têm as rendas de casa, alegando algumas causas dizendo que são pobres, [e que] outras muitas pessoas vos irão, tanto em confissões como fora delas, a contar suas necessidades temporais mais que as espirituais, para evitar todas estas coisas vos mando, em virtude da santa obediência, que a todos estes que vos vierem com estes peditórios, lhes digais quão endividada está esta casa e as necessidades que passam os Irmãos e os [alunos] da terra, e as muitas obras que estão por fazer, e as muitas necessidades que padecem os Padres que estão fora da casa: que sois obrigado a acudir a estas necessidades e às outras que são fora da casa, contando as necessidades do hospital[4] e as outras coisas. E mais: que por obediência vos mandei que as rendas da casa não se distribuam senão para estas necessidades, porque para isto ainda não abrangem[5]. E olhai que cumprais esta lembrança! Guardai-vos de pessoas que vêm mais a manifestar suas necessidades corporais que espirituais. Com estes, tende muito pouca prática, porque os que vêm com estes peditórios não se aproveitam no espírito a si mesmos, e a vós é grande impedimento para o fruto das almas.

7. Há muitos casados portugueses que pedem terras do colégio em fatiota[6]. Porque, em dar as terras desta maneira, a casa pode

---

[4] Fundado pela mesma Irmandade da Santa Fé, existia junto ao colégio um Hospital para pobres indígenas, de cuja administração fazia parte o jesuíta *Micer* Paulo Camerino que orientava também o colégio de S. Paulo SCHURHAMMER, *Quellen* 2263; VALIGNANO, *Hist.* II 418*; Doc. Indica* I 35; 117).

[5] Não chegam.

[6] Enfiteusis.

padecer detrimento, olhai como se dão estas terras. Aconselhai-vos primeiro, com o procurador e com os que são amigos desta casa, [de] como a casa não perca o que é seu.

Olhai com muita diligência e informai-vos das dívidas que se devem a esta casa, tomando conta, pelo procurador, aos rendeiros passados e aos presentes, e ao que o Rei deve à casa[7]. Em um livro aparte assentareis o que a esta casa se deve e, nisto, tereis grande cuidado para saber o que à casa se deve.

Com muito maior diligência sabereis o que esta casa deve aos outros e tereis muito grande cuidado em pagar as dívidas. Quando fordes importuno a cobrar as rendas da casa, direis a todos que [o] fazeis para pagar o que a casa deve, e para sustentar os que estão nela e os Irmãos que estão fora, edifícios de casa e hospital e outras necessidades. Olhai que vos torno a lembrar que tenhais muito grande cuidado em pagar as dívidas!

8. As coisas que, por experiência, alcançardes ser proveito da casa, com diligência as fareis. Olhai como vos fiais em pessoas, porque não se acha fiel dispensador! De quem vos confiardes, trabalhai que seja vosso filho espiritual ou de algum Padre da casa, e que se confesse a miúde, ao menos cada mês, tomando o Senhor.

Quando em Setembro escreverdes para Malaca, para Francisco Pérez de lá me mandar para a China as cartas, escrever-me-eis largo acerca das dívidas que deve esta casa e o que a esta casa se deve. De todas as coisas que tocam a esta casa me escrevereis. Seja uma carta muito comprida, onde me escrevais as novas do Reino, e dos Irmãos, e do fruto que fazeis, e do fruto que se faz nesta cidade nas coisas do espírito, e do que sucedeu acerca da paz e da guerra, e dos Padres e Irmãos que estão fora da casa. A carta que me escreverdes seja de boa letra e legível.

---

[7] Sobre as rendas do colégio de S. Paulo cf. *Doc. Indica* I 418-419; SCHURHAMMER, *Quellen* 4091; 4946.

Na arrecadação da casa, fazei que a arrende algum homem abastado, rico e honrado mercador desta cidade, e não homem pobre, para evitar demandas.

Comprai um par de *mainatos*[8] que tenham cargo de lavar a roupa. Isto logo, se vos parecer que será mais barato comprando *mainatos* que dando a roupa a lavar aos *mainatos* de fora. Também tomai algum Irmão hortelão – porque, da maneira que agora vai, parece que se faz muito gasto, assim com os negros como com o hortelão – fazendo um Irmão hortelão e comprando dois escravos. Olhai muito pelo proveito desta casa, aconselhando-vos sempre com as pessoas devotas e amigas do proveito da casa.

9. A Álvaro Afonso[9] alargaram quinhentos pardaus. Fazei que pague os outros quinhentos que fica devendo. Não façais larguezas do que não é vosso. Lembrem-vos mais as necessidades dos Padres e Irmãos que estão fora desta casa: lembre-vos que no Japão e Maluco e no Cabo de Comorim padecem muitas necessidades.

Lembre-vos de mandar sempre o Padre Agostinho[10] a Chorão[11], aos domingos e festas; por isso lhe pagareis algum prémio. Não esteja em Chorão nenhum Irmão da casa; o que está, mandai-o vir[12].

---

[8] Mainato (*mannattan*), homem da casta dos lavandeiros (DALGADO, *Glossário* II 12).

[9] A Álvaro Afonso se mandou em 1549 cobrar as rendas dos campos confiscados aos templos pagãos destruídos (SCHURHAMMER, *Quellen* 4247; 4268). Xavier repetiu a ordem em 24 de Abril (Xavier-doc. 119,6).

[10] P. Agostinho, sacerdote indígena (cf. Xavier-doc. 18).

[11] Chorão, ilha ao norte de Goa, rodeada pelos rios Mapuça e Naroá, foi conquistada por Albuquerque em 1510 e reforçada por uma sólida fortaleza em 1513 (*Cartas de Affonso de Albuquerque* V 372). Em 1551 construiu ali António Gomes uma igreja a Nossa Senhora e enviou para lá o P. Miguel de Nóbrega que converteu 3.000 habitantes da ilha (POLANCO, *Chron*. II 399-400; *Doc. Indica* II 487).

[12] Talvez o Irmão André Monteiro que em 1552 saiu da Companhia de Jesus juntamente com Nóbrega (POLANCO, *Chron*. II 399-400; *Doc. Indica* II 487).

10. Os que fizeram os Exercícios, depois de os acabarem, antes que comam com os Irmãos, fareis que digam quem foram no mundo e os ofícios que tiveram, assim como fazem agora os Irmãos[13].

Mandareis ao Padre Manuel de Morais que pregue alguns domingos e festas na Sé, dizendo-lhe, alguns dias primeiro, como há-de pregar na Sé. E se vos parecer bem pregardes vós uma semana e Manuel de Morais outra, vede como será melhor.

Lembre-vos o que vos encomendei acerca de Baltasar Nunes[14], que o cumprais assim como vos disse. E para que não vos descuideis, vos mando em virtude da obediência que assim o façais, dando-lhe os Exercícios [Espirituais], [e] exercitando-o em ofícios humildes dentro de casa e não fora.

Os japoneses[15] vos encomendo muito, assim em olhar por eles como em aviá-los para Portugal.

Se a vós vos parecer, que façam por alguns dias os Exercícios [Espirituais] alguns destes Irmãos, para que os conheçais interiormente[16]: os que forem para a Companhia, agasalhai-os; e os que não forem para isso, despedi-os. E olhai que nunca tomeis pessoas, sem que tenham talento para a Companhia, ainda que sejais importunado de muitos!

11. Lembrai-vos da casa de Chorão e de que o Padre Agostinho vá sempre lá, aos domingos e festas. O que por vós não puderdes

---

[13] Refere uma Relação manuscrita do P. Francisco Durão: «Antes que o santo Padre (Xavier) se fosse para Japão a derradeira vez, ordenou que todos na mesa, em lugar de lição, dissessem toda a sua vida, sc. de que terra eram, quem eram seus pais, em que se exercitavam, e tudo o que não fosse pecado evidente… assim foram continuando cada dia… e indo (depois) o santo Padre à China, ordenou que os que não tinham feito este santo exercício o fizessem» (*Relação da vida do P. F. Durão* in *Lus. 58*,193v).

[14] Cf. Xavier-doc. 100,3; 68,2.

[15] Bernardo e Mateus.

[16] Barzeu executou esta recomendação logo após a partida de Xavier, pois em 1 Dez. 1552 escrevia Frois: «Passados oito dias depois da Páscoa, recolheram-se em Exercícios oito ou dez Irmãos e a todos os dava o P. Mestre Barzeu».

fazer, encomendá-lo-eis a pessoas que vos pareça que o farão, porque vós a todas as coisas não podeis acudir.

A Francisco Lopes[17], quando aqui vier fazer os Exercícios [Espirituais], confessá-lo-eis geralmente. Fazei-o servir na cozinha e em ofícios baixos. A Mateus [dareis] os 36 pardaus que emprestou no Japão, quando ele os pedir. A Álvaro Afonso [direis] que depois da Páscoa pague o que deve.

FRANCISCO

12. Os Padres e Irmãos não mandarão cartas para o Rei, nem menos para o Reino, sem primeiro as mandarem cá abertas a este colégio, para de cá as mandarem no masso das cartas para o Reino, com as[18] cartas que vão para o Padre Mestre Simão [ou] para o Reitor [de Santo Antão em Lisboa].

FRANCISCO

---

[17] Cf. Xavier-doc. 104,4.

[18] Lit.: nas (dentro das).

115
INSTRUÇÃO SEGUNDA AO PADRE BARZEU SOBRE GOVERNO

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Olhe principalmente pela sua alma. Modo de proceder como superior: amor e não aspereza, compreensão com os humildes, rigor com os soberbos. – 2-3. Critérios de admissão e de formação dos candidatos à Companhia de Jesus. Sobretudo de admissão ao sacerdócio. Prioridade desta responsabilidade sobre qualquer outra. – 4. Critérios de trabalho sacerdotal com as pessoas de fora.

Apontamentos para o Padre Mestre Gaspar
Reitor do colégio de Goa

1. Primeiramente, lembrai-vos de vós mesmo, pois, como sabeis, diz a Escritura: Quem para si não for bom, como o será para os outros?[1]

Em segundo lugar, com os Padres e Irmãos, havei-vos com muito amor, caridade e modéstia, e não com aspereza e rigor, a não ser se eles usarem mal da vossa benignidade; porque então, para seu proveito, é bom mostrardes-lhes alguma severidade, em especial se sentirdes neles alguma maneira de opinião e soberba. Porque, assim como é bem, aos que erram por ignorância e descuido, perdoar-lhes mais facilmente, assim é necessário, aos que procedem por via de opinião e soberba, reprimi-los e humilhá-los com mais cuidado e diligência: de nenhuma maneira devem sentir que a essa conta se lhes

---

[1] Eccli. 14,5.

passa por seus erros e defeitos. Porque sabei certo, e não duvideis, que uma das coisas que muito prejudica e deita a perder os súbditos imperfeitos e soberbos, é sentirem seus superiores frouxos, remissos e temerosos em reprimir e castigar suas coisas: porque daí tomam ocasião para crescerem mais em sua opinião e soberba.

2. Não vos fundeis em receber muita gente na Companhia, mas pouca e boa, porque de tal tem a Companhia necessidade: pois vemos que mais valem e fazem poucos e bons, que muitos que o não são.

Não recebais nunca na Companhia pessoas de poucas partes, fracos e para pouco, pois a Companhia não tem destes necessidade, mas de pessoas de ânimo para muito e muitas partes.

Os que receberdes, exercitai-os sempre mais na verdadeira abnegação e mortificação interior de suas paixões, que no exterior de novidades. E, se para ajuda da mortificação interior, derdes algumas mortificações exteriores, serão coisas que edifiquem – como servir no hospital, pedir para os pobres, e semelhantes – e não coisas que causem riso e zombaria nos outros, e vanglória e vaidade neles mesmos.

Ajuda às vezes muito dizerem em público, diante dos Irmãos, seus defeitos, quais foram no mundo, e os ofícios e ocupações que nele tiveram, que os humilhem e conservem na humildade. Mas isto de mortificações será segundo os sujeitos, disposição e virtude que neles sentirdes porque, quando esta não há, em vez de aproveitar dana.

3. Nunca ordeneis na Companhia pessoas sem ciências e virtudes aprovadas de muitos anos, pois tanta necessidade têm disso os sacerdotes da Companhia, por razão de seus institutos e ministérios, e tantos inconvenientes se têm visto do contrário[2].

---

[2] Lancillotto, em carta de 25 de Janeiro de 1550 a Inácio, falando de António Gomes, lamenta que se recebam candidatos com demasiada precipitação e se lhes dê tão depressa a ordenação sacerdotal (*Doc. Indica* II 10-11).

Anteponde sempre a obrigação do vosso cargo e dos que por ele tendes, ao proveito dos de fora, pois aos nossos somos primeiramente obrigados e deles nos há-de Nosso Senhor pedir conta. Sabei certo que, assim como anda errado aquele que, por aprazer aos homens, olha ao exterior que lhe agrada e se esquece do interior, de Deus e da sua consciência, assim também anda errado e fora do caminho o que, tendo cuidado de outros, olha mais o que convém aos de fora que aos de casa e às obrigações do seu ofício. Por onde, continuai com estes primeiro e, depois, com os de fora, quanto em o Senhor os puderdes ajudar.

4. O modo de os ajudar, quanto for mais universal, será melhor: como o pregar, doutrinar, confessar, etc. No qual deveis sempre atentar muito às pessoas que vos conversam, porque algumas vêm às vezes mais pelo temporal que pelo espiritual, e se chegam aos sacramentos e confissão mais por confessar e descobrir suas necessidades corporais que as espirituais, sentindo mais falta corporal que espiritual; e assim estes comummente não se aproveitam, os quais deveis de encaminhar e dirigir logo.

Não sintais muito que, os que não vêem com boas intenções, não sintam nem digam bem de vós. Nem enxerguem nunca, os do mundo, que os arreceais quando vós fazeis o que deveis e eles não; porque sabei que o temor do mundo, nesta parte, é participar alguma coisa dele e ter-lhe mais respeito que a Deus.

116
INSTRUÇÃO TERCEIRA AO PADRE BARZEU SOBRE HUMILDADE

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1574

SUMÁRIO: Razões para conservar-se e crescer em humildade, sobretudo como sacerdote pregador

Nos pontos seguintes me ocuparei cada dia uma hora ou meia e no tempo mais apto e conveniente

1. Primeiramente, buscar muita humildade acerca do pregar, atribuindo primeiramente tudo a Deus, muito perfeitamente.

2. Em segundo lugar, terei diante dos meus olhos o povo, olhando como Deus deu devoção ao povo para ouvir sua palavra e, por este respeito da devoção do povo, me deu [a mim] graça para pregar e ao povo devoção para me ouvir.

3. Trabalhar[ei] de muito amar ao povo, olhando a obrigação que lhe devo, pois Deus por sua intercessão me deu graça para pregar.

4. Também considerarei como me veio este bem pelas orações e méritos dos da Companhia, os quais, com muita caridade e amor e humildade, pedem a Deus graças e dons para os da Companhia, e isto para maior glória de Deus e salvação das almas.

5. Cuidar[ei] continuadamente como me tenho muito de humilhar, pois o que prego não é nada meu, senão liberalmente dado por Deus. Com amor e temor usar[ei] desta graça como quem há-de dar

estreita conta a Deus Nosso Senhor, guardando-me de atribuir alguma coisa a mim, se não forem muitas culpas e pecados e soberbas e negligências e ingratidões, assim contra Deus como contra o povo e os da Companhia, por cujo respeito me deu Deus esta graça.

6. Pedir[ei] a Deus com muita eficácia que me dê a sentir, dentro em minha alma, os impedimentos que de minha parte ponho, por respeito dos quais deixa de me fazer maiores mercês e servir-se de mim em coisas grandes.

7. Humilhando-me muito interiormente a Deus, que vê os corações dos homens, guardar-me-ei muito em grande maneira de dar escândalo ao povo – nem em pregar, nem em praticar, nem em obrar – humilhando-me muito ao povo; pois, como acima disse, tanto lhe deveis.

8. O que sobretudo haveis de fazer, meditando nestes pontos acima ditos, é notar muito grandemente as coisas que Deus Nosso Senhor vos dá a sentir dentro na vossa alma, escrevendo-as nalgum livrinho, imprimindo-as na vossa alma, porque nisto está o fruto. E, do que Deus Nosso Senhor vos comunicar, em eles [sentimentos] meditareis, e deles [sentimentos] nascerão outros de muito fruto[1]. E meditando sobre o que Deus vos comunica, irão crescendo por só a misericórdia de Deus, e vós vos ireis muito aproveitando, se perseverardes neste santo exercício de humildade e conhecimento interior de vossas culpas, porque aqui está todo o fruto. Por amor de Deus Nosso Senhor e pelo muito que deveis ao nosso Padre Inácio e a toda a Companhia do nome de Jesus, vos rogo uma e outra e mais vezes, tanto quanto posso, que vos exerciteis continuadamente nestes exercícios de humildade, porque, se o contrário fizerdes, temo-me que vos perdereis, como tereis experiência que muitos se perderam à míngua de humildade: guardai-vos que não sejais vós deles.

---

[1] Cf. INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, A. O. Braga 1999: n. 62 146-147. Conservam-se algumas Notas íntimas que Barzeu foi apontando destas reflexões (cf. em SCHURHAMMER, apêndice a Xavier-doc. 116).

9. Não vos esqueça, nenhum tempo, de cuidar como há muitos pregadores no inferno, que tiveram mais graça de pregar que vós, e que em suas pregações fizeram mais fruto do que vós fazeis. E mais: que foram instrumento para que muitos deixassem de pecar e, o que mais é para espantar, que foram causa instrumental para que muitos fossem para a glória, e eles, os tristes, foram para o inferno, atribuindo a si o que era de Deus, lançando mão do mundo, folgando de ser louvados dele, crescendo em uma vã opinião e grande soberba, por onde se perderam. Portanto, cada um olhe por isso, porque se bem olharmos, não temos de que nos gloriar se não for das nossas maldades, que só estas são nossas obras. Porque as boas obras Deus as faz, para mostrar sua bondade para nossa confusão, vendo que por instrumentos tão vis se quer manifestar aos outros.

10. Avisai-vos de não desprezar os Irmãos da Companhia, parecendo-vos que vós fazeis mais que eles, que eles não fazem nada. Tende para vós por mui certo que, por respeito dos Irmãos que servem em ofícios baixos e humildes, por seus méritos, Deus vos faz mais mercês e vos dá graça para bem obrar: de maneira que sois mais obrigados a eles do que eles são a vós. Este conhecimento interior vos aproveitará, para nunca os desprezar, mas antes [para] os amar e para vos sempre humilhar.

FRANCISCO

117
INSTRUÇÃO QUARTA AO PADRE BARZEU SOBRE O MODO DE PROCEDER NO GOVERNO E FORMAÇÃO DOS JESUÍTAS

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1662

SUMÁRIO: 1. Lembra-lhe a Instrução anterior. – 2-4. Como proceder com os súbditos, especialmente com os desobedientes e soberbos. – 5-6. Critérios de admissão de candidatos à Companhia de Jesus, sua formação, profissão religiosa. – 7-9. Organização de intensa correspondência e mútua informação com os jesuítas da Missão e os da Europa. – 10. Carta a Inácio sobre o Jubileu. – 11-13. De novo, normas sobre admissão à Companhia de Jesus e ao sacerdócio. – 14-16. Critérios de governo e de selecção de ministérios sacerdotais. – 17-18. De novo a correspondência epistolar. – 19-20. Boas relações com o Bispo e vigários paroquiais. Providências sobre o Jubileu. – 21-23. Distribuição dos novos missionários que cheguem da Europa. – 24-25. Em paz com os religiosos e vigários. – 26-28. Afastar-se de negócios seculares, ser prudente no trato com a gente, dedicar-se à juventude do colégio. – 29. Exponha ao Rei a actividade dos missionários e as ajudas que precisam.

Estas são as lembranças que haveis de fazer na minha ausência

1. Primeiramente, sobretudo, olhai por vós, humilhando-vos interiormente tudo quanto em vós for, regendo-vos pelas regras de humildade que vos dei[1], tirando fruto delas. Vossas meditações, boa parte delas, sejam em meditar e imprimir na vossa alma os pontos que vos deu Deus a sentir e vos dará, por sua misericórdia, ao meditar em os pontos que vos dei.

[1] Xavier-doc. 116.

2. Com os Padres, assim com os que estão no colégio como fora dele, vos havereis com muita modéstia e não com rigor. Salvo se eles usarem mal da vossa modéstia e humildade: então, para bem deles somente e não por outra via de domínio, usareis do vosso cargo com algum castigo, para emenda deles e exemplo nos Irmãos.

3. Todas as desobediências, assim por parte dos Padres como dos Irmãos, serão com algum castigo e penitência. Tereis esta maneira, assim com os Padres como com os Irmãos. Com as pessoas que sentis que procedem[2] convosco por via de opinião vã, ou soberba, ou desprezos de obediência, com essas tais haver-vos-eis mais por via de severidade que por via de afabilidade, [e] com alguma penitência. Olhai que estes tais não sintam em vós que passais levemente por suas desobediências! Porque nenhuma coisa deita tanto a longe aos inferiores rebeldes como verem seus superiores [frouxos ou] temerosos em dar castigo aos que desacatam ou desobedecem: é que daí tomam maior ocasião de crescer e perseverar em maiores opiniões. E olhai que cumprais isto, assim como digo! Não tenhais conta com o que dirão de vós, senão como cumprir o que deveis.

4. Com aquelas pessoas, assim Padres como Irmãos, que não cumprem a obediência, ou por descuido ou por esquecimento, de maneira que não é por desprezo, com essas vos havereis mais benignamente nas repreensões, repreendendo-as com um rosto alegre e alguma penitência leve.

Com os Irmãos leigos que [se] tocam de opinião, fazendo-se a si mais do que são, pô-los-eis em ofícios baixos e humildes, mostrando-lhes rosto muito severo e grave; mas, em tempo que se humilham, mostrai-vos conforme aos seus jeitos e conhecimentos exteriores, dando-lhes a todos a sentir, para sua humilhação, que vejam eles se têm necessidade da Companhia, pois a Companhia, dos que se têm em opinião, não tem necessidade.

---

[2] Lit.: são convosco.

5. Guardai-vos de alguma vez[3] admitir pessoas de pouca habilidade, juízo e razão, pessoas fracas e para pouco, ou que por necessidade temporal se metem, mais que por devoção.

Aos que admitirdes[4], vós ou o Padre Morais, dareis vós os Exercícios [Espirituais][5] e não outro Irmão, e tereis muita vigilância sobre eles. Acabados os Exercícios [Espirituais], metê-los-eis em ofícios baixos e humildes, como servindo nos hospitais ou em ofícios de casa. No tempo em que tomarem os Exercícios, tomar-lhes-eis a conta muito estreita da diligência que põem em fazer as meditações. Se, em as fazer, forem negligentes, os podereis despedir ou deixar de lhes dar, por algum par de dias, os Exercícios, para dar-lhes a sentir mais seus descuidos e [para que], o tempo que lhes fica para acabar os restantes Exercícios, o empreguem melhor.

6. Em o fazer dos Votos, tereis esta maneira: que nunca lhes permitais que façam voto algum[6], sem dar-vos parte primeiro. Assim, antes que entrem nos Exercícios [Espirituais], lhes direis isto: que se guardem de fazer algum voto, sem vos dar parte primeiro. Os votos serão desta maneira: que os da pobreza, obediência e castidade não os obrigarão senão no tempo que estiverem na Companhia; se por seus pecados os despedirem, o reitor ou pessoa debaixo de cuja obediência estão, os votos [já] não obrigarão. Quando fizerem estes votos, seja em vossa presença, dando-lhes vós, por escrito, a ordem e maneira como os hão-de fazer: tomarão o Santo Sacramento e, antes que o tomem, farão os votos da maneira que acima disse. Porque, nestas partes da Índia, não há tantos mosteiros para que possam ser

---

[3] Lit.: Guardai-vos *de nunca*.

[4] Lit.: receberdes.

[5] Retiro de Exercícios Espirituais de quatro semanas, segundo o método de Inácio de Loyola, no seu manualzito de *Exercícios Espirituais*. Tal Retiro faz parte da iniciação à espiritualidade inaciana logo no começo da formação dos jesuítas. Muitas recomendações feitas nesta Instrução são inspiradas nesse Manual.

[6] Lit.: nunca… *nenhum*.

recebidos os que a Companhia despede, por isso será bem, nestas partes, não ficarem obrigados, os que a Companhia despede, a entrarem na Religião [de tais mosteiros]. Por isso disse que, os que o reitor despede, não fiquem obrigados aos votos que fizerem.

7. Escrevereis a todas as partes, onde os Irmãos da Companhia estão, que nenhum possa receber a outro para a Companhia, sem primeiro dar-vos parte disso, escrevendo-vos as qualidades que tem para ser da Companhia. Com a vossa resposta e parecer, lhe poderão dar [então] esperança a serem da Companhia: ou escrevendo-lhes que venham ao colégio, ou que lhes dêem lá os Exercícios [Espirituais], ainda que melhor seria, se comodamente se pudesse, vi-los tomar ao colégio. Nisto fareis o que vos parecer bem e que será mais serviço de Deus.

8. A todas as partes, onde há Irmãos da Companhia que têm cargo doutros ou que estão fazendo fruto, escrevereis que todos os anos tenham especial cuidado de escrever a N. B. P. Inácio o fruto que Deus por eles faz, nas partes onde estão, muito miudamente. Mas que olhem bem que nunca escrevam coisas de que se possam desedificar os que virem as cartas: que não escrevam senão do fruto que se faz ou se espera de fazer.

9. E também que, cada um de todos os que estão espalhados, que têm cargo de outros, escreva outra carta geral para todos os Padres que estão na Europa, fazendo-lhes saber o fruto que fazem nas partes onde estão. Sejam as cartas bem notadas, e que não vão nelas coisas de escândalo, nem a dizer mal de ninguém. Os sobrescritos das cartas que escreverem dirão: Para os Padres e Irmãos de Coimbra e a todos os outros Padres da Companhia de Jesus que estão em Roma e Europa.

Escrevereis vós ao reitor de Coimbra o fruto que Deus cá faz pelos que estão nesta casa, muito miudamente e que seja de muita edificação. Olhai como escreveis, porque de muitos há-de ser vista e julgada [a carta]!

10. E assim mesmo, a que escreveis ao P. Inácio, seja escrita com muita edificação. Ao N. bem-aventurado P. Inácio, escrever-lhe-eis

quanto serviço a Deus Nosso Senhor se faria e fruto nas almas, se mandasse à Companhia, que está nestas partes da Índia, algumas graças espirituais, como indulgências plenárias, para que as pudessem ganhar todos aqueles que se confessassem e comungassem. E isto por alguns tempos do ano, porque, num tempo, à míngua de confessores, não sei se todos se poderão confessar. E que estas indulgências viessem por alguma Bula autêntica, com seus selos pendentes[7], porque cá não míngua já quem ponha dúvidas a estas indulgências, quando não vem a Bula com seus selos pendentes. E mais: que estas graças venham para todos os fiéis cristãos que estão do Cabo da Boa Esperança para cá.

11. Encarecereis muito, na carta, o fruto que se fez com o jubileu que mandou o N. P. Inácio, e quanto maior se fará se mandarem essas indulgências que duram por muitos anos. Muito encarecidamente escrevereis ao Padre Inácio sobre estas indulgências: por minha parte também assim o farei, pois tão evidente fruto se segue destas indulgências.

Isto mesmo escrevereis ao Padre Mestre Simão, ou ao reitor do colégio de Coimbra, sobre estas indulgências, para que falem ao Rei do muito fruto que se fará nas almas, nestas partes, se o Rei escrever ao Nosso Padre Inácio sobre o despacho destas indulgências para que a Bula viesse ordenada a este colégio de Goa: porque também estas indulgências ajudarão muito aos Padres da nossa Companhia, nestas partes, para que o povo lhes tenha mais devoção, vendo as graças espirituais que por seus meios lhes vêm.

12. Guardai-vos de alguma vez receberdes pessoas para a Companhia que sejam de pouca idade, nem outras que o P. Inácio proíbe[8] que se recebam, como são as que vêm da linhagem *hebreorum*[9].

---

[7] Cf. Xavier-doc. 110,10.

[8] Lit.: defende, no sentido antigo de proibir.

[9] Em Portugal e Espanha, a opinião pública e, particularmente, a dos reis, não era favorável a que se recebessem nas Ordens religiosas cristãos novos. Iná-

Olhai que não recebais pessoas que não tenham muitas partes e habilidade para a nossa Companhia, principalmente quando carecem de letras![10] E isto assim vos mando que façais.

Não recebais senão poucos: aqueles que forem necessários para os ofícios da casa e alguns outros que tiverem muito boas partes para suprir às necessidades dos que podem adoecer, e [se possam] mandar para as partes do Cabo de Comorim. Sobretudo vos encomendo que recebais poucos; e estes, que tenham boas partes e que sejam hábeis.

13. Avisar-vos-eis a que nunca façais, nenhum destes, sacerdote, pois que tanto o proíbe N. P. Inácio, sem ter letras suficientes e vida de muitos anos aprovada. Olhai quantos escândalos se seguiram dos imperfeitos e sem letras, que se fizeram sacerdotes! Por isso avisai-vos a que não façais sacerdotes, sem que tenham letras suficientes e a vida muito aprovada: não vos enganem devoções aparentes de ninguém, porque, por derradeiro, cada um dá sinal de quem é. Olhai mais o interior das pessoas que o exterior que mostram. Não façais muito fundamento em gemidos e suspiros, que são coisas exteriores: informai-vos, destes, da interior abnegação de si mesmos. Regei-vos mais pela vitória que contra os desordenados afectos têm as pessoas,

---

cio, contudo, não era deste parecer acerca da Companhia de Jesus, pois fez que o seu secretário Polanco escrevesse ao Provincial de Portugal, o P. Mirón, algo recalcitrante neste assunto: «Acerca do P. Henrique Henriques, as duas coisas que escreve dele V. R. sabiam-se cá; não obstante elas, o nosso Padre dispensou com ele para que estivesse na Companhia, antes que as Constituições se publicassem. E advirta V. R. que o ser de linhagem de cristãos novos não é impedimento que exclua da Companhia…; na Companhia não há distinção de nem de Judeu nem de hebreu» (MI, *Epp*. VI 569). Mas em Portugal e Espanha cresceu tanto a animosidade contra a admissão dos cristãos novos na Companhia, que na Congregação geral quinta se proibiu a sua admissão (CG V, decr. 52-53, can 3; cf. F. RODRIGUES, *Hist*. I/1 487-488).

[10] António Gomes, em 1549-1550, estando Xavier ausente, despediu do colégio de S. Paulo todos os alunos indígenas e admitiu em seu lugar vinte e oito portugueses, candidatos à Companhia de Jesus, que mal sabiam ler (*Doc. Indica* II 10). Aliás, contra a finalidade do colégio (cf. adiante, Xavier-doc. 117,28).

que pelas lágrimas exteriores. Olhai mais à mortificação interior que à exterior, e desta maneira andareis sobre o certo.

14. Sobre os Irmãos e Padres da casa, e [sobre os] meninos assim órfãos como da terra, [e] sobre o espiritual, e [sobre] o que toca ao governo da casa e às necessidades dela, sobre isso tereis principal cuidado e vigia. Sobretudo olhareis por isto, antes que pelas coisas fora da casa. Cumprindo com os de casa, trabalhareis depois com os de fora. Isto é o que vos mando e muito encomendo, assim da parte de Deus como da parte do N. P. Inácio e da minha, quanto posso, porque sei quanto releva isto. Sabei certo que, assim como um homem anda de todo errado, quando olha ao exterior por prazer aos homens esquecendo-lhe o interior de Deus e de si mesmo, assim também os que têm cargos de casa, quando olham pelo de fora não cumprindo com os que têm a cargo, andam errados, fora de todo o caminho. Por isso, todos os dias vos lembrará este capítulo.

15. Porquanto vós, a todas as coisas, vós por vós mesmo não podeis acudir, encomendareis às pessoas, que são para isso, que tenham cargo de fazer e olhar às coisas que lhes encomendais. Vós, tereis vigia muito grande sobre eles, tomando-lhes conta do que fazem, olhando se cumprem com o que vós lhes encomendais, emendando-os de suas faltas. De maneira que, sereis superintendente. Nisto de superintendência não descuideis, porque aqui vai tudo e se encerra todo o bem e, do descuido disto, se segue todo o mal. Por isto vos encomendo muito esta superintendência.

16. Cumprindo com o que homem é obrigado, tereis cargo de olhar pelo bem universal, como são pregações, pois delas se segue tanto fruto. Não faltando com o de casa, olhareis muito pelas pregações e, cumprindo com as pregações, depois, com as confissões e amizades e outras obras pias.

17. Tereis grande aviso em saber novas dos Irmãos, e do fruto que fazem, e das necessidades que têm, dando ordem que lhes escrevais amiúde; eles, por consequência, farão o mesmo. E isto, de escreverdes e receberdes cartas, fareis com muita diligência como se cumpra.

Informar-vos-eis, dos que vierem das partes onde estão Irmãos nossos, do fruto que fazem e do que o povo diz deles.

18. Escrever-me-eis para Malaca, muito particularmente, novas deste colégio e, de todas as outras partes onde há irmãos, o fruto que fazem. Seja a carta que vós me escreverdes muito comprida, em que me façais saber muitas coisas, assim das novas do estado da Índia como do fruto que os outros religiosos fazem à glória de Deus e fruto das almas.

[Escrever-me-eis] novas de Portugal, assim dos Irmãos de Coimbra como de Roma e de todas as partes da Europa onde há Irmãos.

As cartas que para mim vierem, se vierem mais que por uma via, mandareis uma das vias a Malaca, a Francisco Pérez: entendo de todas as cartas, assim do Rei como do P. Mestre Simão e de Roma. Se não vierem mais que por uma via, o treslado das cartas todas mandareis a Malaca ao P. Francisco Pérez, porque [ele as] mandará por muitas vias aonde eu estiver: as novas de Portugal e de Roma e deste colégio e de toda a Índia. Nisto, de me escrever para Malaca todos os anos, não faltareis.

Fareis, com os Padres que estão fora do colégio, que me escrevam todos os anos, muito largamente, o fruto que Deus por eles faz: isto entendo de Baçaim, Cochim, Coulão, Cabo de Comorim, S. Tomé e Ormuz. Fazei que se cumpra isto da maneira que o encomendo.

19. Olhai que vos encomendo e mando que ao Senhor Bispo sejais muito obediente, assim vós como todos os outros Padres, e que por nenhuma coisa lhe deis desgosto, mas antes todos os descanso e contentamentos que puderdes, pois tanto nos ama e quer, e tanta razão há para o servir e amar. Aos Padres que estão fora escrever-lhes-eis que escrevam ao Senhor Bispo o fruto que fazem em as partes onde estão: isto, em breve sem lhe escrever de outros negócios; quando houverem de escrever fora do que eles fazem, escrevam do fruto que faz o vigário da terra e os Padres que nela estão. Olhai que

os aviseis, de minha parte, que nunca escrevam males de vigários nem de Padres ao Senhor Bispo, senão os bens somente! Os males não minguará quem os escreva.

Escrevereis a todos os Padres, de minha parte, que tenham muita obediência aos PP. Vigários: [que por nenhuma coisa quebrem com eles, porque fazendo o contrário irão contra a obediência] e me pesará muito de saber que há diferenças entre eles e os vigários e Padres da terra. Quando me escreverem, que me façam saber da amizade que há entre os vigários, Padres e eles. Também folgaria que fizessem com que os vigários, onde estão os [nossos] Padres, me escrevessem do fruto que fazem os Padres da nossa Companhia que estão em suas vigararias. Olhai que vos torno outra vez a encomendar que, sobretudo, encomendeis aos Padres que estão nas fortalezas, que sejam muito amigos dos vigários! Que, por nenhuma via, haja diferenças entre eles! Para que melhor cuidado tenham de cumprir este mandado, dir-lhes-eis, em vossas cartas, que deixei ordenado neste colégio, antes que para a China me partisse, que os Padres da Companhia que andam em diferenças e desgostos com os Vigários, os despeçam da Companhia.

20. Fareis com que o Senhor Bispo, depois que eu for ido, escreva às partes onde estão Padres da Companhia acerca do jubileu, para que o mande publicar: para que as almas possam gozar do fruto espiritual do jubileu. O jubileu dura todo este ano de 1552, por causa de que não podem todos, em breve tempo, ganhá-lo por respeito das confissões; e também por estarem as fortalezas da Índia tão espalhadas que em todas, num tempo, não se pode cumprir. Por isso me pareceu mais serviço de Deus que durasse todo este ano de 52[11].

21. Se vierem este ano alguns Padres de Portugal e forem pregadores, se em Diu não houver pregador[12], mandareis para lá um pregador com um Irmão, dando-lhes os regimentos que eu dei aos

---

[11] Cf. Xavier-doc. 110,10.

[12] Caso António Gomes se ausentasse de lá (cf. Xavier-doc. 112,1).

que foram para Ormuz[13] e os que ficaram para vós, Mestre Gaspar, quando eu parti para a China[14].

Se vier algum Padre de Portugal, que não for pregador, e tiver boas partes e algumas letras e disposição para trabalhos, mandá-lo--eis para Malaca, na monção de Abril, para, de Malaca ir para o Japão onde está o P. Cosme de Torres. Alguma coisa buscareis para que leve de comer aos que estão no Japão. Irá com ele algum Irmão que a vós vos bem parecer, que tenha bom engenho para aprender a língua do Japão. Olhai que isto vos encomendo, tanto quanto posso: que tenhais especial cuidado dos do Japão, assim em mandá-los encomendar a Deus como em provê-los do necessário!

22. Se os Padres que vierem de Portugal forem todos letrados e pregadores bons, mandareis algum destes Padres pregadores, se eles forem muito bons pregadores, para Cochim. E se tiverem mais talento para pregar que António Herédia[15], então mandareis vir aqui António Herédia para ir para o Japão e o Padre que vier de Portugal, pregador, ficará em seu lugar. Isto entendo, quando fizerem mais fruto em pregar que o P. António Herédia, por terem maior dom de Deus [que ele]; porque, fazendo igual fruto, ficará o Padre António Herédia em Cochim e o Padre que vier de Portugal irá para o Japão.

23. Se, dos Padres que vierem de Portugal, [alguns] forem pregadores aceites ao povo e têm talento de pregar, mandareis a Baçaim um pregador que esteja em lugar de Mestre Belchior olhando pelas

---

[13] P. Gonçalo Rodrigues (cf. Xavier-doc. 102,4; 80).

[14] Em 1549 (cf. Xavier-doc. 80).

[15] António Herédia, S.I. nasceu em Bragança entre 1513/1519, entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1545 e em 1551, já sacerdote, partiu para a Índia. Foi missionário em Cochim (superior), Ormuz, Goa, Baçaim e Chaul. Em 1561 regressou a Portugal onde, passado um ano, foi despedido (SCHURHAMMER, *Ceylon* 637; *Quellen* 4699, 4710, 4744, 4917, 4933, 4944; F. RODRIGUES, *Hist*. I/2, 533).

rendas daquela casa, pregando e fazendo o fruto que faz Belchior Nunes; e Belchior Nunes virá a este colégio para daqui ir, nesta monção de Abril, a Malaca e, de Malaca para o Japão[16]. Eu folgaria mais que fosse Mestre Belchior por causa das suas letras, porque lá seriam melhor empregadas do que são cá. E António Herédia que ficasse em Cochim. Por uma via ou por outra, trabalhai muito para que, para o ano, vá um Padre para o Japão, para ter companhia ao P. Cosme de Torres.

24. Com os reverendos Padres e Frades da Ordem de S. Francisco e de S. Domingos[17], sereis muito amigos os deste colégio. Guardai-vos de desavenças. Principalmente no púlpito, nunca vos aconteça dizer coisa donde o povo possa julgar coisa de escândalo ou desedificação. Digam eles o que Suas Caridades lhes derem a sentir; vós outros, em calar e evitar escândalos no povo, fareis o que deveis. Porém, se virdes que se seguem ofensas contra Deus, das desavenças que se poderiam suceder de eles sentirem uma coisa e vós outros outra, em tal caso falareis com o Senhor Bispo, para que a sua casa mande chamar, assim a eles como a vós outros, para que ele ponha mão e faça que cessem as desavenças. Isto sem que o povo sinta coisa de escândalo, pois eles e nós pretendemos uma mesma coisa que é glorificar a Deus e fazer fruto nas almas. Fazei de jeito que Deus não seja ofendido nem as almas se desedifiquem. Visitai-os de vez em quando, conservando e acrescentando a caridade.

25. Com os vigários desta cidade, sereis muito amigos. As vezes que puderdes consolai-os, indo pregar em suas freguesias. Fá-lo-eis de maneira que, o que em vós for, façais por os ter amigos.

---

[16] Belchior Nunes Barreto alegou esta vontade de Xavier, quando em 1554 propôs ir para o Japão (MX II 763-764).

[17] Os franciscanos já trabalhavam há muito na Índia antes da chegada dos jesuítas; os dominicanos chegaram em 1548. Quando Xavier escreve, tinha já havido alguma desavença entre dominicanos e jesuítas por questões doutrinais (cf. *Doc. Indica* II 261-262; SCHURHAMMER, *Ceylon* 514-517, 569-574.

26. De todos os negócios seculares vos desocupareis, dando a entender às gentes que vos ocupam em semelhantes coisas, que estais ocupado em estudar as pregações e em confissões e coisas espirituais, e que não podeis deixar o espiritual pelo temporal, que é contra a obra da caridade. De maneira que, todos os negócios temporais deitareis fora de vós, porque estes são os que perturbam muito e daqui vêm os homens a desinquietar-se em religiões e meter-se no mundo.

27. Olhai muito, na conversação das gentes, como conversais com elas, porque muitos há que se chegam com diversos fins: uns com fim de se aproveitarem no espiritual, outros no temporal. Muitos há que se chegam às confissões para declarar suas necessidades temporais, mais que as espirituais. Destes vos guardareis muito e lhes dareis logo desengano, dizendo-lhes que nem com esmolas temporais nem com favores humanos os podeis ajudar. Não percais com estes o tempo, porque estes não sentem as necessidades do espiritual. Estas regras guardareis, assim com os homens como com as mulheres e, geralmente com todos, porque estes nunca se aproveitam no espírito e são instrumentos para vos meterem no mundo, para impedir o fruto espiritual. Olhai que cumprais muito bem isto, porque sei quanto vos é necessário. Não vos dê nada que, os que não vêm com boa intenções, murmurem de vós. Não enxerguem em vós, os mundanos, que lhes tendes medo, porque isto é participar muito do mundo e ter mais conta com ele que com Deus e com a perfeição.

28. Em o ensino dos meninos da terra e dos órfãos, olhando às suas necessidades espirituais e, depois, às temporais, tereis muito cuidado de os fazer confessar, ensinar, vestir, comer e calçar, e [de] curar os doentes, pois este colégio principalmente foi edificado para os da terra. O Rei assim o teve por bem. Bastam os escândalos passados[18]. Por isso, olhai muito por eles.

[18] Quando António Gomes expulsou do colégio de S. Paulo os alunos indígenas, para os quais tinha sido fundado, e o destinou a portugueses, causou grande

29. Vós escrevereis ao Rei com muita brevidade o fruto que em toda a Índia se faz – o que por cartas dos Padres que estão fora, espalhados, tiverdes por informação – e, em outra carta aparte, as necessidades do colégio, a que Sua Alteza há-de prover, assim como acerca dos presentes que manda dar e não sei como se dão[19], acerca das rendas[20] e da mercê que fez do dinheiro a esta casa[21], para que o mande pagar.

Particularmente escrevereis que, [em favor de] os que vão deste colégio a outras partes a frutificar, mande Sua Alteza um alvará em que mande que, nas fortalezas onde estiverem Padres da Companhia, lhes dêem na feitoria o necessário. E assim, para [ajuda de] os que estão no Japão, mande Sua Alteza uma provisão em que mande que, de Malaca, lhes levem o necessário, porquanto a terra do Japão

---

escândalo ao povo e ao próprio Vice-rei. Mal chegou do Japão, Xavier repôs as coisas no seu lugar, mandando readmitir os indígenas (*Doc. Indica* II 10-11, 14, 170-172; SCHURHAMMER, *Quellen* 4354, 4572, 4582, 4584, 4592).

[19] Sobre estas dádivas cf. *Doc. Indica* I 418, 565; II 606.

[20] Refere-se às rendas dos campos confiscados aos templos pagãos destruídos. Em 1542, Martim Afonso de Sousa aplicou-as todas ao colégio, que então se estava a construir. Segundo cálculos de António Gomes, em 1548 equivaliam a 60.000 réis, ou seja, 1.500 cruzados (*Doc. Indica* II 418). A pedido de Barzeu, o Rei confirmou-as como doação perpétua (*l.c.* 606).

[21] Em 1546, a pedido de Miguel Vaz, um dos fundadores da Irmandade da Santa Fé proprietária do colégio, o Rei concedeu ao colégio uma renda anual de 2.000 cruzados (*Doc. Indica* II 418-419). As autoridades locais incluíam nesta renda as dos campos confiscados aos templos pagãos, mistura que não aceitavam nem o administrador da Irmandade proprietária, Cosme Anes, nem a Companhia de Jesus responsável da direcção escolar. Em 1548, o Rei decidiu a questão em favor do colégio (*Doc. Indica* I 275-276). Mas o dinheiro não era pago. Entretanto a 20 de Fevereiro de 1551 o Rei fez doação do colégio com todos os seus rendimentos à Companhia de Jesus, que desde o princípio tinha apenas a direcção escolar (cf. Xavier-doc. 79,11). Por isso Barzeu apresentou queixa ao Rei em fins de 1552: «Pedem que os dois mil cruzados que V. A. mandou dar para sustento do dito colégio se paguem bem e especialmente o recomende aos Governadores (*Doc. Indica* II 606). João III acedeu ao pedido e interveio (*Ibid.*).

é muito pobre e não há [lá] quem nos dê o necessário[22]. Também escrevereis ao P. Mestre Simão ou ao reitor do colégio de Lisboa, que tenha cargo de despachar com o Rei isto que pedis para estas partes, [tanto] acerca das rendas do colégio como do demais. Olhai que vos torno outra vez a lembrar que, em vosso escrever, sejais muito precatado, porque de muitos hão-de ser vistas e julgadas as cartas.

FRANCISCO

[22] Barzeu atendeu o pedido em fins de 1552 (*Doc. Indica* II 603-612).

118
INSTRUÇÃO QUINTA AO PADRE BARZEU SOBRE EVITAR ESCÂNDALOS

Goa, entre 6 e 14 de Abril 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-3. Procedimento com mulheres. – 4-8. Reconciliação de casais desavindos. – 9-10. Prudência e bondade com o mundo. – 11-12. Boas relações com os religiosos e sacerdotes a todo o custo. – 13-14. Modo de proceder nas desavenças que possam surgir.

IHS

Maneira para conversar com o mundo para evitar escândalos

1. Com todas as mulheres, de qualquer estado e condição que sejam, conversar com elas em público, como na igreja, nunca indo a suas casas. Salvo se for em necessidade extrema, como quando estão doentes para se confessar.

Quando às suas casas em extrema necessidade fordes, será com seu marido, ou com aqueles que têm cargo da casa, ou com vizinhos que têm cargo da casa.

Quando for para alguma mulher que não é casada, ir com alguém a sua casa que seja conhecido por bom homem, ou na vizinhança ou na terra, para evitar todo o escândalo. Isto entendo, para necessidade grande que para isso suceder. Porque, estando de saúde, virá à igreja, como acima digo.

2. O menos que se puder, se farão estas visitas. Porque se aventura muito e se ganha pouco em acrescentar o serviço de Deus.

3. Por serem as mulheres geralmente inconstantes e perseverarem pouco e ocuparem muito tempo, com estas vos havereis desta maneira: se forem casadas, procurar muito em trabalhar com seus maridos que se cheguem a Deus. Gastar mais tempo em frutificar nos maridos que nas mulheres, porque daqui se segue mais fruto, por serem os homens mais constantes e depender deles o governo da casa. Desta maneira se evitam muitos escândalos e se faz muito fruto.

4. Quando houver discórdias entre a mulher e o marido, [e] que andam em demandas para se quitarem, sede sempre para os concertardes, conversando mais o marido que a mulher, trabalhando com eles para que se confessem geralmente, dando-lhes algumas meditações da primeira semana[1] antes de os absolver: será absolvição devagar, para mais se disporem [a] viverem em serviço de Deus.

5. Não confieis em devoções de mulheres, dizendo que servirão mais a Deus estando apartadas de seus maridos que com seus maridos, porque são umas devoções que pouco duram, que poucas vezes se fazem sem escândalo. Em público, guardai-vos de dar culpa ao marido, ainda que a tenha: em segredo, aconselhar-lhe-eis que se confesse geralmente e, em confissão, o repreendereis com muita modéstia. Olhai que não sinta em vós que favoreceis mais a sua mulher que a ele, ainda que ele seja culpado! Mas antes o provocareis a que se acuse ele a si mesmo e, por sua acusação, o condenareis com muito amor e caridade e mansidão. Porque, com estes homens da Índia, com rogos, muito se acaba e, por força, nenhuma coisa.

6. Olhai que vos torno outra vez a dizer que, em público, nunca deis culpa ao marido, ainda que a tenha! Porque as mulheres são tão indomáveis que buscam ocasiões para desprezar os seus maridos alegando, com pessoas religiosas, que os maridos são os culpados e não elas.

---

[1] Refere-se aos Retiros de «exercícios espirituais» de quatro semanas, propostos por Inácio de Loyola no seu célebre manualzito de *Exercícios Espirituais.* A «primeira semana» propõe «exercícios» para a libertação do pecado e conversão ao estado de graça (EE, n. 23-71).

Ainda que as mulheres não tenham culpa, não as escuseis como elas se escusam; mas antes lhes mostrareis a obrigação que têm de sofrer a seus maridos, que muitas vezes os desacataram por onde merecem algum castigo. Que tomem em paciência os presentes trabalhos que levam, provocando-as à humildade e paciência e obediência a seus maridos.

7. Não creiais tudo o que vos dizem, assim o marido como a mulher. Ouvireis ambos os dois, antes de dardes culpa a ninguém nem mostrar-vos mais por um que por outro, porque nestes casos sempre ambos são culpados, ainda que um seja mais que outro. Com muito tento recebereis as desculpas dos culpados. Isto digo, para vir mais azinha ao concerto e evitar escândalos.

8. Quando não os puderdes concertar, remetei-os ao Senhor Bispo ou ao Vigário Geral. Vós não vos desavireis com eles por nenhuma coisa, como dando a culpa a um e não a outro.

9. Olhai que useis de muita prudência com este mau mundo, olhando muito as coisas por vir, porque o diabo nunca dorme! Sabei certo que é grande imprudência não temer os inconvenientes que se podem seguir nas obras que fazemos, ainda que vão ordenadas com bom zelo. À míngua de prudência, não olhando os inconvenientes por vir, se seguem muitos males algumas vezes.

10. Olhai que nunca repreendais ninguém com ira! Porque destas repreensões nunca se segue fruto em pessoas do mundo, atribuindo tudo à imperfeição e não atribuindo nada ao zelo com que se diz, por serem eles muito imperfeitos.

11. Com Frades e Padres, sempre vos humilhareis e abaixareis, [não] dando lugar à ira e paixão[2]: isto entendo, não somente quando sois vós o culpado, mas antes quando estais sem culpa e eles são os culpados. Não queirais maior vingança que calar-vos com razão, quando a razão não é ouvida nem tem valia. Tende piedade deles quando fazem o que não devem porque, tarde ou cedo, de Deus lhes

[2] Rom 12,19.

há-de vir o castigo: muito maior do que vós ou eles cuidam. Por isso, rogai sempre a Deus por eles, havendo deles piedade. Não busqueis outras vinganças, nem de cuidos, nem de falas, nem de obras, porquanto são perigosos e danosos, que tudo o mais é carne e sangue.

12. Sabei certo e não duvideis: que muitas graças e mercês faz Deus às pessoas que são perseguidas por seu amor, havendo [elas] respeito aos que as perseguem. Se com paciência sofrerdes as perseguições, Deus terá especial cuidado em confundir os que vos perseguem, impedindo as obras pias; o que deixará Deus de fazer se vós, ou por cuidos, ou por obras, ou por falas, vos quereis vingar.

13. Se for caso, o que Deus não quererá, que algumas discórdias entre vós e Frades houver, guardai-vos de que, nem em presença do Governador, nem de seculares, tenhais com eles práticas de desamor, porque disto se desedificam os seculares. Mas em tal caso, se em pregações ou em práticas, algumas desavenças houver de sua parte, dos religiosos, contra vós, em tal caso falareis com o Senhor Bispo e, em sua presença, assim eles como vós, vos ajuntareis para que o Senhor Bispo dê fim a estas desavenças. E assim, direis da minha parte ao Senhor Bispo que ponha mão nisto, sem que nenhum secular entenda.

14. Avisai-vos que, no púlpito, ainda que eles falem coisas contra vós, não faleis vós coisas contra eles, senão como dito tenho: falar ao Senhor Bispo para que ele, a vós e a eles, vos mande chamar e fazer que não haja discórdias públicas, pois delas se seguem tanta desedificação e escândalo no povo. Olhai bem que a honra da Companhia não está em ter valia nem cumprimentos com o mundo, senão com Deus somente, que quer que não demos lugar a todo o escândalo e à ira e discórdias. Isto vos encomendo tanto que façais assim, como por obediência vo-lo mando. Olhai que em todas as desavenças recorrais ao Senhor Bispo, a cujo parecer e juízo estareis, pedindo-lhe muito, por mercê, que ponha paz onde o inimigo semeia discórdia.

(Por mão de Xavier): FRANCISCO

119
AO PADRE GASPAR BARZEU

Cochim, 24 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Pedidos chegados do Cabo de Comorim, morte do P. Paulo do Vale, necessidade de alguém que o substitua. – 2. Necessidades do P. Lancillottto. – 3. Ajuda a dar aos de Ormuz e Baçaim. – 4. Deve e haver do colégio de Goa – 5. Necessidades do colégio de Cochim. – 6. A dívida de Álvaro Afonso ao colégio de Goa. – 7-8. Quem há-de enviar para o Japão. Ele trata-lhes da viagem em Malaca. – 9-10. Rigor nas admissões à Companhia de Jesus, vigilância sobre os que andam fora de casa, formação dos candidatos. – 11. Cálice para o Cabo de Comorim e para o Japão. – 12-14. Cartas para ele, recado severo a Cipriano e recomendação dum bom sacerdote. – 15. Livro «Constantino» que leva para a China. – 16. Que o Bispo chame à ordem o sacerdote Ferrão. – 17-18. Provisão a favor do colégio e dos missionários. – 19. O menino Teixeira. – 20. Jubileu para Cochim.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Depois que cheguei a Cochim[1], recebi muitas cartas de Coulão e do Cabo de Comorim. Em todas elas me representam necessidades que padecem, assim espirituais como temporais. Escrevem-me do Cabo de Comorim que é morto o Padre Paulo[2], pessoa de muita perfeição e virtude. Fica o Padre Henriques[3] só, sem haver outro

---

[1] Partiu de Goa a 17 de Abril (MX II 146; 924).

[2] Paulo do Valle, S.I. (+ 1552) entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1547 e logo no ano seguinte, já sacerdote, embarcou para Goa. Foi desde o princípio missionário no Cabo de Comorim e lá morreu tísico em 4 de Março de 1552 (*Doc. Indica* I II Índices: *Valle*).

[3] Henrique Henriques (cf. Xavier-doc. 70,12).

Padre de Missa[4] na Costa[5]. Manda pedir ajuda. Vede lá se podeis escusar o Padre António Vaz[6] e o Irmão António Dias[7] para podê-los mandar, passado o Inverno[8], para o Cabo de Comorim, pois há tanta necessidade deles naquelas partes. Se António Vaz não vos parecer que é para isso, [mandai] a Francisco Lopes que veio de Baçaim[9]. Um destes, folgaria muito que o mandásseis com António Dias para o Cabo de Comorim, ou [então] outro Irmão que seja perfeito em companhia do Padre que mandardes. Por amor de Deus: que nisto ponhais muita diligência, porque é coisa que muito releva!

2. O Padre Nicolau[10] padece muitas necessidades em Coulão, porquanto tem cinquenta moços da terra e dois ou três portugueses e, [além disso], os que adoecem no Cabo de Comorim mandam-nos curar a Coulão, e o colégio tem pouca renda. De maneira que, o Padre Nicolau pede alguma ajuda das rendas que o Rei deve à casa, que tarde ou nunca se cobram todas[11]. Fareis com o Vice-rei[12] como,

---

[4] Estava com Henrique Henriques só o Irmão Ambrósio Nunes.

[5] Costa da Pescaria.

[6] Sobre Antóno Vaz cf. Xavier-doc. 111. Não chegou a ir para o Cabo de Comorim, mas para Ormuz (*Doc. Indica* II 518-519).

[7] António Dias, S.I. (1525-1581), era cristão novo. Entrou na Companhia de Jesus em Coimbra em 1550 e logo no ano seguinte embarcou para a Índia, onde foi destinado a Ceilão com Manuel de Moraes; dali, passado um ano, voltou a Goa. Ordenado sacerdote em 1566, trabalhou na Missão da Pescaria em 1571-1576 e depois em Bandora, onde por muitos anos foi superior. Morreu em Chaul em 1581 (*Doc. Indica* II Índice; SCHURHAMMER, *Ceylon* 636).

[8] Em Setembro.

[9] Cf. Xavier-doc. 104. Não chegou a ir para o Cabo de Comorim, mas com António Vaz para Ormuz.

[10] Lancillotto.

[11] Colégio de S. Salvador, fundado por Lancillotto em 1549. Era, como a igreja anexa, um edifício rudimentar feito de adobes e folhas de palmeira. Em 1552 foi determinado que se construísse em pedra a igreja e parte do colégio. Em 1551 tinham-lhe sido aplicados 200 pardaus de renda, que eram mal pagos e não chegavam para um colégio de 50 alunos internos (*Doc. Indica* II 379; 451; 608-609).

[12] D. Afonso de Noronha.

do que o Rei deve à casa, mande uma provisão ao capitão de Coulão [em] que lhe mande dar alguns cem pardaus, para sustentar os gastos de casa. Por amor de Nosso Senhor: que, passado o Inverno, essa provisão e um Padre e um Irmão, como acima disse, mandeis para o Cabo de Comorim! Quando passarem, tomarão Coulão e darão a provisão ao Padre Nicolau.

3. Do que o Rei deve à casa, vereis [a] quanto monta[13]. Trabalhai como, para Ormuz e para Baçaim, se passem algumas provisões, para que lá paguem o que se deve[14]: cobrando [lá] para qualquer destas partes. Porque se desta maneira não se cobrar o que o Rei deve, não sei quando em Goa se pagará.

4. Encomendo-vos muito que pagueis as dívidas dessa casa. Folgaria que me escrevêsseis o que a casa deve, quando as naus partirem em Setembro para Malaca. Sempre que me escreverdes, me fareis saber o que a casa deve e o que devem à casa. Olhai que, na arrecadação do que se deve a essa casa, não façais larguezas como [as] que se fizeram nos anos passados! Porque à míngua de não serem providos no Cabo de Comorim, Coulão e Cochim, se deixam de fazer muitas obras pias e fruto em muitas almas. Fazei que o procurador da casa ponha toda a diligência na arrecadação das dívidas dessa casa.

5. Ao Padre António de Herédia é necessário acudir, acabado o Inverno, na primeira *couza* [navio] que vier para Cochim, mandando alguma provisão, de duzentos e cinquenta pardaus ou trezentos, para cercar a casa e acabar as obras dela[15], porque está bem necessita-

---

[13] Barzeu anotou no exterior da carta a dívida do Rei ao colégio: «Dívidas, setecentos pardaus de ouro».

[14] Como as autoridades reais de Goa tinham pouco dinheiro, Barzeu teve que pedir às autoridades de Baçaim e Ormuz, onde os rendimentos eram muito grandes e as despesas menores, a quantia que o Rei devia.

[15] O colégio de Cochim foi começado por Francisco Henriques em 1549. O Governador Cabral comprou por 600 pardaus uns terrenos junto ao mar, perto da igreja da Madre de Deus. Quando Herédia lá chegou, o edifício era de madeira com capacidade para quatro ou cinco pessoas, uma vez que o Vice-rei só tinha

da esta casa. Não cuideis que não me lembro de quantas necessidades padece esse colégio. Por isso vos escrevo que, [o que] boamente puderdes fazer, façais, cumprindo primeiro com a casa, assim [com os] portugueses como [com os] da terra e, depois, com Coulão, Cochim e o Cabo de Comorim.

6. Álvaro Afonso vede o que deve a essa casa. Vede o que lhe alargaram nos anos passados[16], que não sei com que consciência o fizeram, pois tanto padecem, à míngua de serem favorecidos, assim no Cabo de Comorim, como Coulão, como Cochim. Fazei que, o que deve, o pague, e acudi às necessidades dessa casa e das que dela dependem. Que fora da nossa viagem, se vós não fôreis arrecadar aquela esmola de Ormuz?[17] Parece-nos que estaríamos bem aviados, se não fora por vós!

7. Se do Reino vierem este ano alguns Padres, lembro-vos de trabalhar muito para que, para o ano, algum Padre vá para o Japão a ter companhia do Padre Cosme de Torres, assim como eu o deixei em lembrança[18], indo com ele algum Irmão, guardando alguma esmola para lá comerem, porque a terra do Japão é muito pobre. Eu desejo muito que, para o ano, vá para lá algum Padre a ter companhia do Padre Cosme de Torres, que está só.

8. Por isso vos rogo e encomendo muito que trabalheis [por isso], se algum Padre vier do Reino, ou alguma outra pessoa de qualidade

---

dado licença para dez ou onze quartos. Herédia começou a construir uma casa de pedra e a cercar a propriedade com um muro também de pedra. Em Dezembro de 1552 já estava construída parte da casa e o colégio estava a funcionar com 150 alunos externos (*Doc. Indica* II 141; 182; 226-227).

[16] Cf. Xavier-doc. 114,9.11.

[17] Sobre o que Xavier levou nessa altura, escreve Frois em Dez. de 1552: «Levou muito ricos ornamentos de brocado, veludo e seda, docéis, alcatifas muito ricas e grandes retábulos muito excelentes, finalmente todo o aparelho de capela em pontifical, como quem se certificava na esperança e fé de conseguir o fim desejado, e muitas coisas as quais o P. Mestre Gaspar trazia de Ormuz para levar a Japão onde esperava de o achar» (*Doc. Indica* II 454).

[18] Xavier-doc. 117,21-23.

entrar na Companhia que possa ser Padre, porque agora em Malaca eu rogarei muito ao capitão que, se lá for[19] algum Padre na monção de Abril, lhe dê embarcação para ir para o Japão.

9. Olhai que não tomeis pessoa na Companhia que não tenha alguma qualidade para ajudar, assim no colégio como mandando-a fora. Os que estão dentro, já recebidos, se virdes que não têm partes e virtudes para ajudar a Companhia, esses tais despedi-los-eis.

Os que andam de fora de casa, como o comprador e os outros, tereis muita vigia sobre eles, assim acerca do seu viver como acerca de serem fiéis no que recebem e gastam. Olhai muito sobre isto! Porque se requer muita perfeição nos que hão-de tratar destas coisas com aquela fidelidade que se requer.

10. Baltasar Nunes[20] e o Irmão que veio com Belchior Gonçalves de Baçaim[21], fazei com que se exercitem muito em ofícios de dentro de casa, assim como a serem cozinheiros: não os deixeis sair fora e, se virdes que não são para ser da Companhia, despedi-los-eis.

Também Francisco Lopes, quando vier de Baçaim, fareis que faça Exercícios [Espirituais] e se exercite em ofícios baixos e humildes[22]. Olhai que tenhais especial cuidado, nestes três, de os aproveitar em espírito! Porque me temo que tenham necessidade. E assim também de todos os demais.

11. Quando mandardes o Padre e o Irmão para o Cabo de Comorim, dos dois cálices de prata que vos ficaram lhes dareis um, porque um cristão do Cabo de Comorim, nos tempos passados, mandou dinheiro para um cálice. Receberam este dinheiro em casa e o gastaram sem mandar o cálice. O outro cálice, que fica, podereis

---

[19] Chegar.

[20] Cf. Xavier-doc. 114,10.

[21] Em Outubro de 1549 havia ali dois Irmãos com um Padre (*Doc. Indica* I 561) e, em Novembro de 1551 Luís Frois fazia um ano que lá estava (*Doc. Indica* II 459-460).

[22] Cf. Xavier-doc. 114,11.

mandar com o Padre que for para o Japão, no ano que vem, porque no Japão não há mais que um cálice.

12. Quando me escreverdes para Malaca, escrevei-me muito largo, porque muito folgarei em ler as vossas cartas. Nelas me escrevereis novas de todos os Irmãos que estão no colégio e fora. A letra seja de alguém que escreva bem. As cartas irão para Francisco Pérez, para Malaca. Seja neste Setembro que me escrevais, em a nau que for para Banda, porque Francisco Pérez terá bom cuidado de as mandar para a China.

13. Escrevereis para São Tomé a Cipriano que se dê bem com todos, principalmente com o vigário e com todos os Padres, dando-lhe desengano em vossa carta, como vos deixei por regimento, que, os que não fossem obedientes ao reitor desse colégio, os despedísseis da Companhia. Escrevei-lhe isto assim e que, por isso, olhe por si, nisto.

14. Para aí irá Estêvão Luís Borralho[23], Padre de Evangelho[24], a quem eu muito amo, porque espero em Deus que será bom religioso[25]. O que de minha parte vos requerer, fá-lo-eis, falando ao Senhor Bispo por ele. Eu devo muito a Estêvão Luís, porque sempre me ajudou em tudo aquilo que lhe requeri que fizesse. Isso vos encomendo muito.

Nosso Senhor vos faça santo bem-aventurado
De Cochim, hoje, 24 de Abril de 1552 anos.

15. O Padre António de Herédia tinha cá um livro, que é muito necessário eu levá-lo para a China, o qual se chama *Constantino*[26].

[23] Cf. Xavier-doc. 79,14.

[24] Diácono.

[25] Vê-se que pretendia entrar nalguma Ordem religiosa.

[26] Refere-se à obra de Constantino Ponce de la Fuente: *Suma de doctrina christiana en que se contiene todo lo principal y necesario que el hombre christiano debe saber y obrar*. No fim: «*Acabose la presente obra, compuesta por el muy reverendo señor, el doctor Constantino. Fue impresa en la muy noble y leal ciudad de Sevilla, en las casas de Juan Cromberger que santa gloria aya. Año de mil y quinientos e cuarenta y tres, a siete dias del mes de diciembre*». O livro teve várias edições.

Francisco Lopes tem um e o Padre Manuel de Morais tem outro: um destes mandareis ao Padre António de Herédia, porque tem necessidade dele.

16. Trabalhai com o Senhor Bispo [para] que, um Padre malabar que se chama Ferrão[27], o mande chamar sob pena de excomunhão e em virtude da obediência, por ser prejudicial aos Padres que estão no Cabo de Comorim.

Vosso todo em Cristo
FRANCISCO

17. A provisão, para este colégio de Cochim, de trezentos pardaus, para acabar as obras do colégio, [seja] do que o Rei deve ao colégio, da tença que Sua Alteza nos manda dar. Esta provisão, com verba posta no livro das tenças, mandareis ao Padre[28] o mais cedo que puderdes.

18. Para seu gasto cá, mandai-lhe uma provisão, em que lhe paguem por quartéis o que for necessário para seu mantimento. Isto, ou à custa do Rei ou à custa da casa. A soma será cento e cinquenta pardaus de ouro[29], por causa de que aqui vêm muitos, assim do cabo de Comorim como de outras partes. Os gastos são muitos, porque os que adoecem, assim no Cabo de Comorim como Coulão, vêm aqui.

(Por mão de Xavier): FRANCISCO

(Continuação por mão do secretário):

19. Ao menino Teixeira[30], escrevei ao Mestre Belchior[31] para Baçaim que o tenha consigo e o aproveite e doutrine. Com o Padre Francisco Henriques[32] estará um moço da terra guzarate[33], que leva para vós uma carta minha.

---

[27] Não se sabe ao certo quem seja.

[28] Herédia.

[29] O pardau de ouro equivalia a 360 réis e o de prata a 300.

[30] Manuel Teixeira, que tinha então dezasseis anos (cf. Xavier-doc. 104,2).

[31] Belchior Nunes Barreto.

[32] Em Thana.

[33] Provavelmente outro, diferente de Paulo Guzarate referido por Xavier-doc. 104,6.

20. O jubileu[34], mandai-o para Cochim por pessoa certa. Traga do Senhor Bispo autoridade, com carta sua para o Padre vigário[35] e também uma carta do Vigário Geral[36] em que lhe encomende muito o jubileu. E [isso] venha para que no Inverno[37] se ponha.

(Por mão de Xavier): Vosso todo em Cristo
FRANCISCO

---

[34] Sobre este jubileu cf. Xavier-doc. 110,10.

[35] Pedro Gonçalves.

[36] Doutor Ambrósio Ribeiro.

[37] A época das chuvas (de Junho a Setembro) era a mais propícia para a publicação do Jubileu pois os pescadores não saíam para o mar, pouco navegável nessa altura.

120
INSTRUÇÃO AO PADRE ANTÓNIO DE HERÉDIA

Cochim, cerca de 24 de Abril 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Procure fazer-se amar. – 2. Esmolas só através da Misericórdia local. – 3. Dosear o rigor com a misericórdia no trato com os pecadores e ser humilde nas relações com o próximo. – 4. Honrar o nome da Companhia de Jesus. – 5. A autoridade com o povo ganha-se com virtudes. – 6-9. Oração sobre o trabalho sacerdotal: avaliação diante de Deus, sentimentos que lhe passam pela alma, tenha quem o avise de faltas. – 10-14. Pedagogia nas confissões, cautela nas conversas.

1. Primeiramente, quanto em vós for, trabalhai com todo o povo de vos fazer amar. Principalmente dos Frades[1] e mordomos da Madre de Deus[2], dando-lhes a entender, por todas as vias e maneiras, que não desejais senão fazer-lhes a vontade e acrescentar a devoção desta casa da Madre de Deus, aos quais visitareis e vos socorrereis em vossas necessidades a eles.

2. As vezes que [os pobres] tiverem necessidades corporais, recorrereis à Misericórdia e aos Irmãos da Confraria, por petições das pessoas pobres que vos requererem alguma esmola. Não sintam, em vós, que vós dais do vosso. Com estes necessitados, usareis desta maneira: que, se eles vos representarem as suas necessidades corporais, lhes representeis as necessidades espirituais, para que se cheguem a Deus e se confessem e comunguem. Depois os ajudareis, o que em vós for, nas necessidades corporais, por petições, como disse.

---

[1] Franciscanos.

[2] A *igreja da Madre de Deus*, junto ao colégio, pertencia a uma Irmandade ou Confraria.

3. No conversar com esta gente, não vos mostreis grave, nem pessoa que deseja ter autoridade com eles, nem que estão eles [dependentes] de vós: assim, deixai que vos tenham acatamento. Sereis afável, em visitas e práticas; e, no pregar, religioso e geral, desenganando-os dos erros em que vivem, falando da justiça de Deus contra os que não se querem emendar, e da misericórdia de Deus com os que deixam de perseverar nos pecados. De maneira que, sereis rigoroso contra os que perseveram em pecar; mas, para que não digam que os pondes em desesperação, falareis [também] da misericórdia, como acima disse.

No conversar com as gentes, no que vos haveis muito de exercitar, será em todo o género de humildade, fazendo conta de todos, assim eclesiásticos como de seculares. Se algum bem se fizer, o atribuireis a eles, dizendo que eles o fizeram: a eles tomareis por valedores nas obras pias.

4. Trabalhai de, por vós, se acrescentar o nome da Companhia, fazendo fundamento grande na humildade. Que, por vós, seja conhecida a Companhia, lembrando-vos de que, os que levaram os trabalhos por cujo respeito acrescentou Deus o nome da Companhia, foi fundando-se em grande virtude. Assim vós, com virtude, trabalhareis de participar do nome da Companhia e, sem isto, destruireis o que os outros fizeram.

5. Lembro-vos, sobretudo, que a autoridade com o povo é Deus que a há-de dar; e ele a dá àquelas pessoas que têm virtudes, para que ele confie delas a autoridade e crédito com o povo. Quando os homens querem este crédito por si com o povo, atribuindo a si o que não está neles, Deus deixa de o dar, para que os dons de Deus não venham a desprezo [e] para que sejam conhecidos os perfeitos dos imperfeitos. Pedi sempre a Deus que vos dê a sentir, dentro em vossa alma, os impedimentos que da vossa parte pondes, por cuja causa se deixa de manifestar por vós no povo, não vos dando o crédito necessário para que nele façais fruto.

6. Em vossos exames de consciência, não deixeis de examinar-vos particularmente das faltas que fazeis em pregar, confessar e conversar, emendando-vos delas porque, na emenda destas faltas, está acrescentar-vos Deus suas graças e dons.

7. Não fareis o que muitos fazem: buscar o artificial e o que ao povo apraz, para ser dele aceite. Porque esses tais tratam de estar o povo bem com eles, que não da honra de Deus e zelo das almas. Mui perigoso é este modo, pois acompanha uma certa vaidade de ter nome no povo e de ser acreditado nele.

8. Sobretudo, trabalhai [por] de tudo tirar sentimento interior das coisas acima ditas, notando e escrevendo as coisas que particularmente Deus Nosso Senhor vos dá a sentir, porque nisto se encerra o proveito espiritual[3]: é que muita diferença há de certas coisas que escreveram os santos com gosto e sentimento, que tinham quando as escreviam. Os homens, por carecerem deste interior sentimento, pouco se vêm a aproveitar do que os santos [assim] escreveram. Por isso vos encomendo que os sentimentos espirituais os escrevereis e tereis em grandíssima estima, mas humilhando-vos e abaixando-vos mais e mais, para que o Senhor vos acrescente[4].

9. Fazei muito por saber, de devotos amigos desenganados, as faltas e erros que cometeis em vossas pregações e confissões e outros exercícios, para delas vos emendardes.

10. As confissões sejam devagar, para fazer proveito nas almas, dando-lhes algumas meditações, ou da morte, ou do juízo ou do inferno, para acharem contrição, lágrimas e dor de seus pecados.

11. E isto, depois de ouvidos os seus pecados, antes de os absolverdes, principalmente com os que têm impedimentos, como de ódios e sensualidades, ou de restituições. Isto se entende, de pessoas

---

[3] INACIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, A. O., Braga, 1999: n. 62,2; 2,3-4.

[4] Ibid. , n. 322,3-4; 324,1.

que estão com vagar. E exortareis a estes penitentes que se confessem muitas vezes.

12. As restituições que achardes, aplicareis à Misericórdia ou, segundo a devoção das pessoas que hão-de fazer as restituições ou esmolas, a casas ou pessoas particulares. Estas restituições são das que não têm dono. Avisai-vos que, nem a vós nem a outra pessoa particular apliqueis estas restituições, porque daí vêm depois a suspeitar coisas de pouco serviço de Deus.

13. Com todos os que tratardes espiritualmente, usai desta prudência: que em vossas práticas e conversações vos hajais com eles como se nalgum tempo eles houvessem de ser vossos inimigos, para que, quando eles se apartarem da vossa amizade, não tenham de que vos acusar. Esta regra usareis com todos quantos conversardes, porque, assim para vós como para eles, vos aproveitará muito.

14. Nas confissões, se houver impedimento, antes que os absolvais fazei que cumpram primeiro o que prometem que farão, como são amizades e restituições e fraquezas de sensualidade e assim outras coisas, porque os homens destas partes são liberais em prometer mas vagarosos em cumprir. Por isso, o que haviam de fazer depois da absolvição, façam-no primeiro que os absolvais.

121
LIBELO SUPLICATÓRIO
A JOÃO SOARES, VIGÁRIO DE MALACA

Malaca, mês de Junho 1552
Cópia em português, feita em 1614

SUMÁRIO: Pede ao vigário de Malaca que, em nome do Senhor Bispo, manifeste a Álvaro de Ataíde a excomunhão em que incorre por impedir a livre circulação e actividade dum Núncio apostólico.

Senhor

1. Diz o Padre Mestre Francisco que o Papa Paulo III, a requerimento do Rei nosso senhor[1], o mandou a estas partes para converter os infiéis e para que a santa fé de Nosso Senhor Jesus Cristo seja acrescentada e o Criador do mundo seja conhecido e adorado das criaturas, que à sua imagem e semelhança criou. E [que], para fazer este ofício mais perfeitamente, o fez, o Santo Papa Paulo III, Núncio apostólico[2]. As quais provisões de Núncio apostólico mandou ao Rei nosso senhor para que, se Sua Alteza disso fosse contente de me dar seus poderes espirituais tão compridos nestas partes, fosse por seu aprazimento e contentamento, e doutra maneira não[3], pois a requerimento de Sua Alteza me mandou a estas partes da Índia. E assim, o Rei nosso senhor me mandou chamar, em Lisboa, e me entregou,

---

[1] SCHURHAMMER, *Quellen* 268, 396, 407, 487.

[2] MX II 119-125.

[3] O Rei tinha a responsabilidade de *Padroado* missionário em todo o Oriente. Xavier realça isto, pois Álvaro de Ataíde era funcionário real.

de sua mão à minha, as provisões de Núncio apostólico para estas partes da Índia.

2. Como cheguei à Índia, apresentei as provisões de Núncio apostólico ao Senhor Bispo Dom João de Albuquerque, as quais aprovou. E agora, parecendo ao Senhor Bispo, meu prelado e superior, que faria muito serviço a Nosso Senhor, me mandou ao Rei da China a lhe notificar a lei verdadeira de Jesus Cristo Nosso Senhor, como aparece pela carta que o Senhor Bispo escreve ao Rei da China, a qual mando a V. R. que a leia, para que veja como a vontade do Senhor Bispo é que vá ao Rei da China[4].

E o Senhor Vice-rei, vendo que era muito serviço de Deus ir à China, mandou a Diogo Pereira que fosse à corte do Rei da China, como aparece nas provisões que lhe mando com esta[5], as quais tem mandado o Capitão da fortaleza Francisco Alvares[6], do desembargo do Rei nosso senhor e Vedor de sua fazenda, que se cumpra como o Senhor Vice-rei manda.

---

[4] O supremo *delegado eclesiástico* para o *Padroado* real, desde o Cabo da Boa Esperança até ao Extremo Oriente, era o Bispo de Goa. Portanto D. Álvaro opunha-se à ordem dum superior eclesiástico.

[5] O supremo *delegado civil* para todo o apoio material e diplomático às missões do Padroado real, nessa mesma zona geográfica, era o Vice-rei da Índia. Por isso D. Álvaro opunha-se também à autoridade civil.

[6] O lic. Francisco Álvares era, naquela altura, Capitão interino da fortaleza de Malaca e D. Álvaro de Ataíde apenas *capitão-mor do mar*, embora já designado para sucessor do Capitão da fortaleza. Francisco Alvares já tinha sido secretário dos Governadores da Índia, Sá e Cabral (1548-1550), e era desde 1550 *Ouvidor geral do crime* em todas as fortalezas do Oriente desde Sofala e Ormuz até Malaca. Aqui residia quando foi nomeado Capitão interino (SCHURHAMMER, *Quellen* 3777, 3992, 4002, 4283, 4453; COUTO, *Da Ásia* 6,10,7; Xavier-doc. 137,1). O anterior *Capitão da fortaleza*, D. Pedro da Silva, ao ver que não conseguia demover o *capitão-mor do mar* de se intrometer no que ainda não lhe competia, entregou o cargo a este funcionário real. D. Pedro da Silva e D. Álvaro de Ataíde eram irmãos, filhos de D. Vasco da Gama. D. Pedro, um dos maiores amigos de Xavier (Xavier-doc. 83,3; 84,2.5; 94; 124; 129,2) e D. Álvaro o seu maior adversário nesta ocasião da ida à China, não se sabe porquê.

3. Agora, o senhor capitão [naval][7] impede a embarcação e viagem de tanto serviço de Deus e acrescentamento da nossa santa fé. Pelo qual, requeiro a V. R. , da parte de Deus e do Senhor Bispo nosso superior, pois V. R. está aqui em seu lugar, que manifeste ao senhor capitão a Extravagante *«Super gentes»*[8]. E pois que [ela] há por malditos e excomungados, a todos aqueles que impedem os Núncios apostólicos para que não façam o que lhes é mandado por seu superior, requeiro a V. R., da parte do Senhor Bispo nosso prelado, uma e duas vezes e tantas quanto posso, que declare ao senhor capitão [naval] a dita Extravagante. E lhe rogue, da parte de Deus e do Senhor Bispo, que não me impeça a viagem da mesma maneira que pelo senhor Vice-rei a trazia despachada, porque, fazendo o contrário fica excomungado: não por parte do Senhor Bispo, nem de V. R., nem da minha, senão pelos Santos Pontífices que fizeram os cânones. E lhe dirá V. R., da minha parte, ao dito senhor capitão, que lhe peço, pela morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não queira incorrer em tão grande excomunhão, porque não duvide senão que de Deus haverá o castigo, muito maior do que ele cuida.

4. E V. R. me dará o treslado desta petição, com a resposta do senhor capitão, para mostrar ao Senhor Bispo como não [se] ficou, por minha negligência, de ir à China cumprir seu mandado; e isto, com muita brevidade, porque se acaba a monção; no que, a Deus Nosso

---

[7] Álvaro de Ataíde, *capitão-mor do mar* (com jurisdição do porto e marinha). Com esta autoridade, aprisionou a nau *Santa Cruz* de Diogo Pereira no porto de Malaca e impediu a embaixada à China.

[8] Na Extravagante *Super gentes*, de João XXII lê-se, entre outras coisas: «Às gentes e reinos, o Romano Pontífice… tem necessidade… de enviar legados… E os que… presumirem estorvar os ditos legados e núncios que a Santa Sé envia a qualquer parte e por qualquer motivo, incorrem pelo próprio facto na sentença de excomunhão» (*Corpus Iuris Canonici,* Editio Lipsiensis secunda, instruxit Aem. Friedberg. Pars 2, Lipsiae 1881: p. 1236).

Senhor fará muito serviço e a mim esmola e caridade para cumprir a minha viagem, porque não é possível que o capitão, visto o cânone, logo a essas horas me não mande licença[9].

[9] Sobre o efeito que teve este documento, refere Sebastião Gonçalves: «Lida tão justificada petição, a qual levou o P. Francisco Pérez ao Vigário (de Malaca), ordenou ele que ambos com o Capitão Francisco Álvares fossem falar a Dom Álvaro… Assentados eles, fez o Padre Vigário bem seu ofício, mostrando-lhe o grave pecado que cometia e como… caía na maldição de Deus e dos bem-aventurados apóstolos S. Padro e S. Paulo… Vendo o Capitão Francisco Álvares que não acudia à Igreja nem às censuras dos sagrados cânones, desenrolou das provisões do Viso-Rei… e juntamente o admoestou que se não atrevesse a ir contra elas, sob pena do caso maior… Porém não lhe saiu Dom Álvaro como esperava, antes alevantando-se da cadeira (depois que foram as cartas e provisões lidas) disse, diante de muitas pessoas, o que não é bem que me caiba na pena como a ele coube na boca; somente direi o que refere o P. Pérez: cuspiu no chão e deu com o pé, dizendo que não tinha que ver com as provisões do Viso-Rei mais que aquilo» (SEBASTIÃO GONÇALVES, *História dos religiosos da Companhia de Jesus… nos reinos e províncias da Índia oriental*, Parte I, 5,1). Em 1557, Diogo Pereira, no processo de Cochim para a canonização de Xavier, testemunhou: «E sabe, por o ouvir ao Padre João Soares, vigário de Malaca, que fora muitas vezes com recados do dito Mestre Francisco (Xavier) a Dom Álvaro sobre lhe não impedir sua viagem, e assim notificando-lhe que era por todos os decretos excomungado se impedisse qualquer serviço de Deus…; a que respondeu que não obedecia a tais excomunhões enquanto não visse os poderes do Papa, e que obedecia se lhos mostrasse» (MX II 274).

122
A DIOGO PEREIRA

Malaca, 25 de Junho de 1552
Cópia em português, feita em 1560

SUMÁRIO: 1. Por seus pecados e os de Diogo Pereira seu amigo, foi impedida a embaixada portuguesa à China. – 2. A sua dor por ter arruinado o amigo. Refugia-se na nau para não ser visitado. – 3. Sente-se obrigado a escrever ao Rei para que indemnize o amigo de tantas perdas.

Senhor[1]

1. Pois os vossos pecados e os meus foram tão grandes, por respeito dos quais Deus Nosso Senhor não se quis servir de nós, não há a quem dêmos a culpa, senão a nossos pecados, E foram os meus tamanhos, que abrangeram[2] para minha perdição e vossa destruição[3]. Com muita razão, Senhor, vos podeis queixar de mim, que vos destruí a vós e a todos os que vinham em vosso navio. Destruí-vos, Senhor, em gastos de quatro ou cinco mil pardaus que, por meus rogos, gastastes em peças para el-rei da China e, agora, a nau[4] e toda a vossa fazenda. Peço-vos, Senhor, que vos lembre

---

[1] No envelope escreveu: «Ao meu especial senhor e amigo, o Senhor Diogo Pereira». A carta era toda escrita por mão de Xavier.

[2] Chegaram.

[3] Ruína.

[4] D. Álvaro de Ataíde confiou a nau de Diogo Pereira a 25 homens, escolhidos por ele, e pôs à frente deles como capitão Alfonso Rojas e como piloto Luís de Almeida. (COUTO, *Da Ásia* 6,10,7; LUCENA, *História* 10,15).

que a minha intenção foi sempre de vos servir, como Deus Nosso Senhor sabe e Vossa Mercê também. Se isto não fosse assim, de paixão morreria.

2. Peço-vos, Senhor, que não venhais aonde eu estiver, para não me acrescentardes a paixão que tenho, pois em ver-vos me acrescentais maiores mágoas, lembrando-me que eu vos destruí. Eu me vou à nau[5], para estar lá, para não me virem os homens a casa, com as lágrimas nos olhos, dizendo-me que vos destruí. Se minha intenção não me salvasse, como acima disse, de paixão morreria. Eu me despedi já do senhor Dom Álvaro, pois lhe aprouve e teve por bem de nos impedir a ida.

3. Não posso com outra coisa cumprir com Vossa Mercê, senão com escrever a el-rei nosso senhor que eu, Senhor, vos destruí e botei a longe[6], com vos rogar e pedir muito por mercê que, por serviço de Deus e de el-rei nosso senhor, fôsseis à China, com a embaixada do senhor vice-rei, a tratar pazes entre el-rei da China e el-rei nosso senhor, o que tanto el-rei encomenda, por honra e crescimento do seu estado, e por proveitos grandes que daí se lhe podem seguir. E pois, por servir a el-rei[7] nosso senhor, vos tiraram a embaixada que o senhor vice-rei vos encomendou, com tantos gastos feitos e perdas da vossa nau e fazenda, por descargo de minha consciência, por este assinado meu me obrigo a escrever a el-rei nosso senhor, que é obrigado de vos pagar todos os danos e perdas que vos vieram pelo servir. Mais não posso, porque Deus Nosso Senhor sabe quão magoado fico em me tanto agravar o senhor Dom Álvaro, em me impedir

---

[5] A nau de Diogo Pereira chamava-se *Santa Cruz.* Dom Álvaro deixou seguir a nau, mas reteve o dono (Diogo Pereira) para que não se realizasse a embaixada à China.

[6] Botar ou lançar a longe: deitar a perder com gastos, arruinar com despesas.

[7] D. Álvaro de Ataíde tinha respondido ao P. Pérez, ao vigário Soares e ao Capitão interino Francisco Álvares, quando lhe leram o Doc. 121 e as provisões do Vice-rei, «que era mais serviço do Rei que a embaixada não fosse à China» (SEBASTIÃO GONÇALVES, *História* 5,1).

uma coisa de tanto serviço de Deus Nosso Senhor. E pesa-me que de Deus lhe há-de vir o castigo, maior do que ele cuida[8].

Deste colégio[9] de Malaca, 25 de Junho de 1552.
Vosso triste e desconsolado amigo,
FRANCISCO

---

[8] Sobre o castigo dado a Dom Álvaro, escreve Couto: «No feito de D. Álvaro de Taíde da Gama, por lhe acharem culpas graves, pronunciaram (os desembargadores) que fosse preso para o Reino, com os autos de suas culpas» (COUTO, *Da Ásia* 6,10,18). Teixeira em 1579 referia: «Este castigo… vimos por nossos olhos… porque já nessa altura estava leproso; e assim como estava o prenderam e o levaram da fortaleza de Malaca para a Índia e dali para Portugal, onde morreu coberto de lepra» (MX II 893).

[9] Junto à igreja de *Nossa Senhora do Monte*, numa colina da cidade de Malaca.

123
AO PADRE GASPAR BARZEU (GOA)

Malaca, 13 de Julho 1552
Duma tradução em latim, feita por Possino em 1667

SUMÁRIO: Facilite em Goa quanto puder o casamento de Afonso Gentil, resolvendo os impedimentos que possa haver

A graça e amor de Jesus Cristo Nosso Senhor
seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

Mestre Gaspar

Escrevo ao Senhor Bispo sobre o grave assunto do meu queridíssimo amigo Afonso Gentil[1]. Pois, embora razões de obrigação e de salvação eterna exijam dele que não adie por mais tempo o legítimo matrimónio com a mulher de quem já teve filhos, fruto da sua união ilícita, contudo continua indeciso e necessita novo estímulo para tomar esta resolução necessária. Tenho verificado o influxo que exerce no seu ânimo a estima e reverência que tem pelo Senhor Bispo. Não duvido que, se às muitas razões que eu lhe tenho dado e às minhas repetidas súplicas para que faça isto,

---

[1] Sobre Afonso Gentil, cf. Xavier-doc. 62,3. Da sua morte escrevia o Governador Francisco Barreto de Baçaim ao Rei em 6 de Janeiro de 1557, que tinha enviado Afonso Gentil como Vedor da fazenda para Malaca, onde morreu pouco depois. E que o sacerdote não o quis absolver já moribundo, antes de restituir o que tinha ganhado (TdT., *Gavetas 15-9-28*).

se juntar a autoridade do prelado, por ele tão venerado, fará imediatamente o que Deus lhe exige, desistindo de qualquer demora. Assim, pois, vos rogo que trateis o assunto com o Senhor Bispo e obtenhais dele isto, que será fácil: que não leve a mal escrever a Afonso Gentil, exortando-o insistentemente e mandando-o executar sem demora o que antes devia ter feito por sua honra, obrigação e devido estado de seus filhos, isto é, receber com o sacramento da Igreja como esposa a mãe de seus filhos. Suspeito, aliás, que haverá algo oculto que torna ainda mais necessária essa exortação a Afonso Gentil que vos peço consigais do Senhor Bispo. Quero dizer que, pelas suas respostas equívocas, em coisa tão manifestamente útil para ele, cheguei a crer que, efectivamente, quer regularizar este matrimónio, mas que o vai retardando por remorsos que tenha dalgum impedimento canónico oculto, como sabemos que há tantos semelhantes em causas matrimoniais. Mas, posto que ele, mesmo sendo fundadas tais suspeitas, não o declara abertamente, as minhas conjecturas apoiam-se na experiência que tenho destas coisas. Manifestei as minhas suspeitas ao Senhor Bispo para que ele, valendo-se desta informação, possa com mais facilidade curar essa alma enferma e, em virtude da sua autoridade neste campo, absolvê-lo desse impedimento, removendo todos os obstáculos que se oponham a remédio tão necessário.

Recomendo-vos muito que, com a maior diligência, urjais este assunto com o Senhor Bispo. E assim, no próximo mês de Abril, quando for tempo de zarparem as naus de Goa para Malaca, não deixeis de escrever com elas ao meu amigo Afonso Gentil, notificando-lhe o que tiverdes conseguido com o Senhor Bispo acerca desse assunto – se conseguistes alguma informação sobre isso – ou o que esperais conseguir sobre o seu impedimento, se em realidade existe e ele, por sua parte, não tenha tido dificuldade em comunicar-vo-lo.

Desta maneira, segundo creio, havemos de sair ao encontro da lentidão deste homem, indeciso por alguma dificuldade oculta. Mas,

se lhe derdes esperança de se poder libertar desse ou de qualquer outro impedimento, mediante a potestade eclesiástica, talvez tenha menos reparo em manifestar-vo-lo. Tudo isto vos recomendo com a maior urgência e eficácia possível.

Deus nos junte na glória do paraíso. Adeus.

Malaca, 13 de Julho 155
Todo vosso em Cristo
FRANCISCO

124
AO PADRE GASPAR BARZEU (GOA)

Malaca, 16 de Julho 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. D. Pedro da Silva um dos seus maiores benfeitores na Índia. Bem diferente era seu irmão D. Álvaro de Ataíde a quem deseja que o Senhor perdoe. – 2-3. Pague quanto antes a D. Pedro trezentos cruzados que ele lhe emprestou para uma dívida no Japão.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor
Seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

Mestre Gaspar

1. Haveis de saber que jamais poderei pagar o muito que devo ao senhor D. Pedro da Silva, porquanto, no tempo em que ele era Capitão da fortaleza de Malaca, me favoreceu tanto nas coisas do serviço de Deus que nunca vi homem, depois que estou na Índia, que me favorecesse tanto. Quando fui ao Japão, em dois dias me deu embarcação muito à minha vontade e mais um presente de duzentos cruzados, para dar no Japão ao Senhor da terra, para que fôssemos melhor recebidos. Prouvera a Deus que fosse ele agora Capitão de Malaca, que doutra maneira seria embarcado para a China! Bem diferentemente se houve seu irmão D. Álvaro comigo, que me tirou a embarcação que o senhor Vice-rei me tinha dado. Deus Nosso Senhor lhe perdoe, porque me temo que Deus o castigue mais do que ele cuida.

2. Agora, o senhor D. Pedro da Silva me fez tamanha mercê que, de amor, em graça me emprestou trezentos cruzados para pagar os

trezentos cruzados que me foram dados no Japão para fazer igreja em Yamaguchi[1], onde estão os Padres da nossa Companhia. Vista esta, com muita brevidade pagareis ao senhor D. Pedro da Silva os trezentos cruzados que cá me emprestou com tanto amor e vontade. E estes trezentos cruzados serão pagos das rendas do colégio[2] ou dos dois mil cruzados que o Rei manda dar cada ano a esse colégio.

3. Olhai que os pagueis com muita brevidade e não aguardeis que o senhor D. Pedro vo-los mande pedir![3] Porque isso sentirei eu muito, parecendo-me que vos descuidais do que tanto vos encomendo.

Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.

Feita a 16 de Julho de 1552
Todo vosso em Cristo
FRANCISCO

---

[1] A 5 de Dezembro de 1554, escrevia Fernão Mendes Pinto de Malaca: «Com o dinheiro que eu tinha, em Japão, emprestado ao Padre Mestre Francisco se houve feito a primeira igreja e casa da Companhia (de Jesus)» (AYRES, *Fernão Mendes Pinto. Subsídios…*, Lisboa 1904: 60; Cf. Xavier-doc. 95,45). O empréstimo de D. Pedro da Silva a que se refere agora, deve ter sido para pagar a dívida a Mendes Pinto (SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 106).

[2] Cf. Xavier-doc. 117,29.

[3] D. Pedro da Silva já devia ter chegado a Goa, vindo de Malaca.

125
AO PADRE GASPAR BARZEU (GOA)

Estreito de Singapura, 21 de Julho 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-3. Perseguições em Malaca. Quer que se publique em Malaca a excomunhão em que incorreu D. Álvaro de Ataíde para que se arrependa. – 4. Espera encontrar alguém que o introduza na China. – Encargos a Barzeu. – 6-7. Esmola e missionários para o Japão. – 8. Tenha especial cuidado com a Missão das Molucas. – 9-10. Deseja notícias da Índia e Portugal, pede orações, companheiros que leva consigo.

IHUS
A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo
seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.
Mestre Gaspar

1. Não poderíeis crer quão perseguido fui em Malaca. Particularmente, não vos escrevo as perseguições; ao Padre Francisco Pérez tenho dado cargo que vos escreva particularmente[1]. [Em] tudo o que vos escreve o Padre Francisco Pérez acerca das excomunhões em que incorreu Dom Álvaro, em impedir a ida à China, de tanto serviço de Deus e acrescentamento da nossa santa fé – assim por ir contra as Bulas concedidas pelo Papa Paulo [III][2] e por este, que agora é[3], à

---

[1] Não se conserva esta carta. Mas Sebastião Gonçalves serviu-se para a sua História da principal fonte deste assunto (cf. SEBASTIÃO GONÇALVES, *História*… 5,1-4).

[2] Refere-se às Bulas *Regimini militantis Ecclesiae* (27.Set.1540), *Iniunctum nobis* (14.Mar.1544), *Licet debitum* (18.Out.1549) (MI, *Const.* I 24-32; 81-86; 356-371). Além da cláusula costumada – «a ninguém pois seja lícito contrariar… esta página.

Companhia do nome de Jesus, estorvando o serviço de Deus, como também pelo [por ir contra a] Extravagante[4], que excomunga todos aqueles que impedem aos Núncios apostólicos em seu ofício [para] que não façam o serviço de Deus em acrescentamento da nossa santa fé – nisto haveis de pôr muita diligência: em que, pela via do Senhor Bispo venham notificadas as excomunhões sobre os que impediram a ida de tanto serviço de Deus, para que, outra vez que os Padres da Companhia do nome de Jesus forem ao Japão ou à China, não sejam impedidos.

2. E fareis com que o Senhor Bispo, na provisão que mandar ao Vigário de Malaca, faça menção como o Papa Paulo [III] me fez Núncio, nestas partes da Índia[5], para ser mais favorecido no serviço de Deus. As Letras do Papa Paulo [III][6] amostrei ao Senhor Bispo e sua senhoria as aprovou. Também escrevo ao Senhor Bispo sobre

---

E se alguém o intentar presumidamente, saiba que incorre na indignação de Deus omnipotente e de seus bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo» – a Bula *Licet debitum* continha um parágrafo sobre os juízes conservadores, encarregando-os de ajudar os da Companhia de Jesus no uso dos privilégios apostólicos, na aplicação da excomunhão e doutras penas aos que os estorvassem em os exercer, na delacção pública dos assim excomungados, recorrendo em caso de necessidade à ajuda do braço secular (MI, *Const.* I 370).

[3] Refere-se à Bula de Júlio III *Exposcit debitum* (21.Jul.1550) (MI, *Const.* I 372-383).

[4] A decretal Extravagante *Super gentes* (cf. Xavier-doc. 121,3).

[5] As testemunhas do processo eclesiástico em Cochim (1556) para a canonização de Xavier afirmam que D. Álvaro o tratou como sedutor e hipócrita «e com outras palavras muito injuriosas» (MX II 337) e, segundo Lucena o chamou «falsário de letras apostólicas» (LUCENA, *História* 10,15).

[6] Os quatro Breves que foram entregues, em Lisboa, a Xavier como Núncio apostólico: *Cum sicut carissimus,* que o nomeava Núncio apostólico para todo o Oriente e lhe dava amplas faculdades para essa missão; *Hodie pro parte,* que acrescentava ainda outras faculdades; *Cum nos nuper* e *Cum nuper ad,* com que o recomendava como Núncio a todos os reis que visitasse (SCHURHAMMER, *Quellen* 569-560, 573-574; *Francisco Javier, su vida y su tiempo,* Mensajero, Bilbao 1991: I, 931-934).

isto, para que sua senhoria reverendíssima notifique, por uma provisão, a excomunhão em que incorreu Dom Álvaro. Também me parece que há, aí no colégio, uma Bula em que fala como sou Núncio apostólico[7]. Se houver necessidade, mostrá-la-eis ao Senhor Bispo. Isto faço para que, no tempo por vir, não ponham impedimento outra vez aos da nossa Companhia.

3. Eu nunca serei em requerer a nenhum prelado para que excomungue a ninguém. E assim também, nos que são excomungados pelos santos cânones e bulas concedidas à nossa Companhia, nunca serei em dissimular com eles, senão em lhes notificar [isso], para que saiam da excomunhão e façam penitência do mal que têm feito, e [para] impedir, no tempo por vir, a que não façam mais males que tanto impedem ao serviço de Deus Nosso Senhor. Por isto vos encomendo tanto que, com o Padre João da Beira[8], mandeis muito especificadamente a provisão do Senhor Bispo, em que manda especificadamente ao Vigário de Malaca que notifique publicamente[9] a excomunhão em que tem incorrido Dom Álvaro, que impediu a viagem de tanto serviço de Deus e acrescentamento da nossa santa fé.

4. Eu vou para as ilhas de Cantão, desamarrado de todo o favor humano, com esperança que algum mouro [ou] gentio me levará à terra firme da China. Porque a embarcação, que tinha para ir à terra firme, impediu-a Dom Álvaro forçosamente, não querendo guardar as provisões do senhor Vice-rei, em que mandava a Diogo Pereira que fosse por embaixador ao Rei da China e a mim em sua companhia. Não quis Dom Álvaro que se cumprissem estas provisões de

[7] Um dos quatro Breves mencionados na nota anterior.

[8] Em Junho tinha vindo João da Beira das Molucas por Malaca a Goa para falar com o Vice-rei e trazer de lá consigo alguns Irmãos da Companhia de Jesus (SCHURHAMMER, *Quellen* 6002-6003, 6005, 6007; Xavier-doc. 126).

[9] Cf. Xavier-doc. 121,4; 129,7.

tanto serviço de Deus e, assim, me tolheu a embarcação que tinha para poder ir à terra firme da China[10].

5. As lembranças que vos deixei, vos encomendo que vos não esqueçam. Principalmente as que tocam à vossa consciência e, depois, às dos outros da Companhia[11].

6. Para o Japão, trabalhai como para o ano vá alguém, assim como o deixei encomendado quando para cá vim[12]. Este ano foi para lá Baltasar Gago[13], e Duarte[14], e Pedro d'Alcáçova[15]. Foram em muito bom navio e muito bom tempo[16]. Prazerá a Deus que os levará a salvamento a Yamaguchi[17], onde está o Padre Cosme de Torres e o Irmão Juan Fernández.

7. As esmolas que puderdes haver, trabalhai como possais mandar alguma caridade e esmola, para o ano, na nau que partir em Abril

---

[10] Estava severamente proibido pelo Imperador às naus portuguesas aportarem à China; só clandestinamente continuava o comércio. Contudo a legações ou embaixadas não se estendia tal proibição.

[11] Xavier-doc. 114-119.

[12] Xavier-doc. 117,21-23; 119,7-8.

[13] A Gago, que ao princípio quis levar consigo para a China, enviou-o depois para o Japão (SCHURHAMMER, *Quellen* 6045; POLANCO, *Chron*. II 772-773; Xavier-doc. 84,13).

[14] Duarte da Silva, S.I. (1535-1564), entrou na Companhia de Jesus em Goa em 1550, partiu para o Japão em 1552 e ali se notabilizou por ter aprendido muito bem a língua e pregar muito à vontade em japonês. Começou também a aprender a escrever em chinês, mas quando estava a fundar a Missão de Kawzjiri adoeceu gravemente e acabou por morrer em Takase (Chikugo) em 1564 (FROIS, *Die Geschichte Japans* 29-30, 46, 71, 112, 155, 172, 199-200; SCHURHAMMER, *Quellen* 6045, 6087).

[15] Pedro de Alcáçova, S.I. (1525-1579), entrou primeiro na Companhia de Jesus em Coimbra em 1543 e saiu; voltou a ser readmitido já em Goa em 1548, foi para o Japão em 1552, regressou à Índia em 1554, trabalhou 24 anos no colégio de S. Paulo na formação do clero indígena e ali morreu em 1579 (*Doc. Indica* II 411; 454-455; 511; 581; 619).

[16] Partiram de Malaca a 6 de Janeiro de 1552 e chegaram a Kagoshima a 14 de Agosto (SCHURHAMMER, *Quellen* 6045).

[17] Alcáçova chegou a esta cidade em Outubro de 1552 (*ibid*).

para Malaca. Se caso for que, por nenhuma via puderdes mandar para o Japão algum Padre da Companhia, letrado, em tal caso mandareis algum leigo de bom engenho e muita confiança, para que [vá] com alguma esmola e [com] novas de que, para o ano seguinte, irá algum Padre da Companhia. Olhai bem que não mandeis nenhum Padre, que não seja letrado, para o Japão nem para a China! O Irmão que mandardes, quando não houver Padre, seja [alguém] que tenha engenho para aprender a língua. E por todas as vias que puderdes, assim pela via da Misericórdia como doutras pessoas devotas, ou pela via do Rei, ou por outra qualquer via, trabalhai como mandeis alguma esmola aos Irmãos do Japão. Ao Irmão que vier, o Padre Francisco Pérez, em Malaca, lhe buscará embarcação.

8. A João da Beira dareis toda a ajuda e favor que puderdes, assim favorecendo-o com o senhor Vice-rei como dando-lhe os Irmãos que puderdes para que o ajudem nas partes de Maluco a fazer cristãos[18]. Fareis como, em toda a maneira, o Padre João da Beira parta na nau que vai para Maluco em Abril, porque a sua ausência faz muita míngua em Maluco. Se houver algum Padre que possa ir com ele para Maluco – [algum] que veio este ano de Portugal, ainda que não tenha letras – [mandai-o] com algum outro Irmão de muita confiança e virtude para ir para Maluco, porque para lá não são necessárias letras, senão virtude e constância. Se não houver Padre que possa ir com João da Beira, em tal caso irão dois leigos de muita virtude e perfeição.

9. Muito miudamente me escrevereis, para o ano, para Malaca, com o Padre João da Beira, porque de lá me serão mandadas para a

---

[18] Tolo era a principal comunidade de cristãos nas ilhas de Moro (Molucas). Perseguidos pelo rei de Gilolo, abandonaram a fé arrastando na apostasia os cristãos doutras comunidades mais pequenas. Como depois da erupção do vulcão de Tolo fosse reconquistada a cidade e arrasada a cidade de Gilolo, muitos regressaram ao cristianismo, de tal maneira que João da Beira num só dia readmitiu na Igreja 5.000 apóstatas e pagãos e uns 15.000 numa só semana. Por isso agora a messe era grande e os operários poucos (SCHURHAMMER, *Quellen* 6002; 6005).

China as cartas. Se caso for, o que Deus não quererá, que eu não vá à China, tornarei à Índia por todo o mês de Dezembro ou Janeiro, Deus Nosso Senhor dando-me saúde e vida. Escrever-me-eis novas de toda a Índia e Portugal, do Senhor Bispo, dos Frades de S. Francisco e S. Domingos, aos quais dareis muito afincadamente minhas encomendas, rogando-lhes muito que, em seus santos sacrifícios e orações, me encomendem a Deus Nosso Senhor.

10. Em casa, especialmente, fareis lembrança a Deus de mim e dos Padres e Irmãos que estão no Japão. Porque sabei certo que temos muita necessidade da ajuda de Deus. Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso, que será com maior descanso do que nesta vida temos.

Do estreito de Singapura, a 21 de Julho de 1552.

Álvaro Ferreira[19] vai comigo e [também] António China[20] que estava em Cochim. Ambos os dois estão doentes de febres, que levo maior trabalho e cuidado com eles do que o poderia escrever. Prazerá a Deus Nosso Senhor que lhes dará saúde.

(Por mão de Xavier): Vosso amigo e Irmão em Cristo
FRANCISCO

---

[19] Álvaro Ferreira, jovem fidalgo, impressionado com o baptismo do brâmane Loku em 5 de Novembro de 1548, entrou na Companhia de Jesus em Goa e estudou no colégio de S. Paulo. Já sabia alguma coisa de japonês, quando Xavier o levou consigo para a China. Desanimou na ilha de Sanchão e Xavier demitiu-o da Ordem e reenviou-o a Goa (SCHURHAMMER, *Quellen* 4056, 4923; *Doc. Indica* I Índice; Xavier-doc. 135,4.8; 137,9).

[20] António China (António da Santa Fé) chamado China por ser chinês, entrou jovem no colégio de S. Paulo (Goa), onde esteve sete ou oito anos e estudou quatro de latim (1544-1551). Em 1552 foi para Cochim e dali o levou Xavier como companheiro para a China. Na ilha de Sanchão assistiu-o até à morte e ajudou-o a sepultar. Em 1553 acompanhou o cadáver até Malaca e dali foi com Beira para as Molucas onde trabalhou na ilha de Moro. Voltando a Goa, foi ali catequista (1557-1560). Em 1578, Valignano encontrou-o em Macau, «bom cristão, honrado e velho». A ele devemos óptimos relatórios sobre os últimos dias e morte de Xavier na ilha de Sanchão (*Doc. Indica* II 454-455; SCHURHAMMER, *Quellen* 6039, 6044, 6080, 6087, 6100, 6138, 6149; VALIGNANO, *História* 260; Xavier-doc. 131,7 135,9; MX I 190; II 787-98, 894-900.

126
AO PADRE JOÃO DA BEIRA (MALACA)

Estreito de Singapura, 21 de Julho 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Sentimentos interiores não são para comunicar a qualquer. Trate com o Bispo os assuntos da Missão. – 2-3. Ordena que regresse quanto antes às Molucas com os companheiros que possa levar. A Barzeu recomenda que ajude aquela Missão e consiga a revogação das provisões, antes dadas em favor do rei das Molucas.

IHUS
A graça e amor de Cristo Nosso Senhor
seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

João da Beira

1. Por serviço de Deus Nosso Senhor vos encomendo e rogo que, das coisas interiores que Deus vos tem dado a sentir, não deis parte a nenhuma pessoa[1]. Entendo daquelas coisas que não são pertencentes ao bem e proveito espiritual dos cristãos de Maluco e de Moro e assim doutras partes.

Todas as coisas que tocam ao bem e proveito dos cristãos trabalhareis de as despachar com o senhor Vice-rei, falando ao Senhor Bispo para que vos ajude, se for necessário, para haver algumas pro-

---

[1] Em 8 de Fevereiro de 1553, Beira escreverá a Inácio algumas extravagâncias apocalípticas que repetiu e ampliou nalguma outra carta (SCHURHAMMER, *Quellen* 6003, 6007). Disto deve ter falado antes com Xavier em Malaca; por isso o previne agora. Eram os primeiros sintomas da doença que em 1556 o obrigou a deixar o trabalho missionário e voltar para a Índia tratar-se (cf. Xavier-doc. 54,2).

visões do senhor Vice-rei para o rei de Maluco, pois como dizeis não é nosso amigo[2].

2. Com toda a brevidade vos despachareis para tornar, em Maio, na nau que for para Maluco. Se não puderdes trazer Padres, trareis Irmãos, porque, para aquelas partes, tanto fazem os que não são Padres como os que o são: para viver em mais humildade e paz, parece-me que são melhores Irmãos leigos. Ficará ordenado, com Mestre Gaspar, como cada ano vá alguém da Companhia: ou leigo ou Padre.

3. Olhai que por nenhuma coisa deixeis de tornar, para o ano, em Maio, para Maluco, porque a vossa ausência faz lá muita míngua! Guardareis esta carta para que, aí na Índia, ninguém vos ponha impedimento à vossa tornada para Maluco. Olhai que não comuniqueis as coisas que me dissestes na igreja de Malaca![3]

Eu escrevo ao Padre Mestre Gaspar que vos dê todo o favor e ajuda para tornardes asinha[4] a Maluco. Vireis de tal maneira acautelado, para com o rei de Maluco, de provisões do Vice-rei, que revoguem as que deu D. João de Castro em favor do rei de Maluco, pois tão mal cumpre o rei de Maluco sua palavra[5].

Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.

Do estreito de Singapura, a 21 de Julho de 1552 anos
(Por mão de Xavier): Vosso Irmão em Cristo
FRANCISCO

---

[2] Hairun, que fingindo-se amigo dos cristãos, era o seu mais feroz inimigo (SCHURHAMMER, *Quellen* 4380, 4650.

[3] Na igreja *de Nossa Senhora do Monte*.

[4] Depressa.

[5] Hairun tinha prometido em 1547 a Xavier que faria baptizar um de seus filhos se lhe obtivesse do Governador da Índia que esse filho fosse rei das ilhas de Moro (Xavier-doc. 59,11). Xavier conseguiu, de D. João de Castro, as provisões pedidas e enviou-as a Hairun, que foi adiando o cumprimento da sua promessa. Em 1553 escrevia dele Beira que, em vez de converter-se, perseguia os cristãos (Xavier-doc. 82,4; SCHURHAMMER, *Quellen* 4175, 4380, 6002-6005, 6007).

127
AO PADRE GASPAR BARZEU (GOA)

Estreito de Singapura, 22 de Julho 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Os que foram e irão para o Japão. Esmola a João Japão. – 2. O ouro a enviar para o Japão deve ser do melhor. O que devem levar os que forem para o Japão.

A graça e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo
seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.
Mestre Gaspar

1. Com o Padre Baltasar Gago e Pedro de Alcáçova, foi para o Japão António[1], por *jurobaça*[2] ou *topaz*[3], até que cheguem a Yamaguchi. João Japão[4], por meus rogos, se deixou ficar para ir, para o ano, com algum Padre ou Irmão da Companhia para o Japão, para

---

[1] Sobre o japonês António cf. Xavier-doc. 95. Tinha vindo com Xavier do Japão.

[2] Jurobaça (*jurubahâsa*) ou intérprete (DALGADO, *Glossário* I 499).

[3] Topaz (*tuppâsi*) ou intérprete (*ibid*. II 381-382).

[4] João Japão, assim chamado por ser japonês, era criado de Paulo Anjirô e com ele tinha vindo para a Índia em 1547 e regressado ao Japão com Xavier em 1549. Tinha recebido o Baptismo em Goa com o seu senhor. No Japão, esteve em Kagoshima, terra do seu senhor, e acompanhou depois Xavier a Hirado, onde ficou até 1551 com Cosme de Torres. Quando Xavier veio do Japão, trouxe-o consigo para Goa e acompanhou-o depois até Malaca. A pedido de Xavier voltou de novo a Goa e dali partiu em 1554 com Belchior Nunes Barreto para o Japão, onde chegou em 1556 (CÂMARA MANOEL, *Missões* 80; MX II 760; FROIS, *Die Geschichte Japans* 3-4; SCHURHAMMER, *Quellen* 4060, 4923; Xavier-doc. 91,1; 128).

que [lhes] sirva de *topaz* até chegarem a Yamaguchi. Por amor de Nosso Senhor vos encomendo que busqueis alguma esmola para João Japão, porquanto é pobre. Eu, quando lhe roguei que ficasse, para ir no ano de 53 para o Japão com algum Padre ou Irmão da Companhia, prometi-lhe que aí lhe buscaríeis alguma esmola, até 30 *pardaus*, e estes, empregados em mercadorias, que João Japão sabe terem valia na sua terra. Poderá [assim] viver lá, ainda que com trabalho. Rogo-vos muito – pois os da Companhia que hão-de ir para o Japão têm muita necessidade de João – que aí o agasalheis e lhe busqueis alguma esmola: ou por via da Misericórdia ou por via de pessoa espiritual. Porque disto sei que tereis muito bom cuidado aí, [não] vos encomendo mais a João.

Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.

Do estreito de Singapura, hoje, 22 de Julho de 1552 anos.

2. Mestre Gaspar. A esmola que houverdes de mandar aos Irmãos que estão no Japão, não seja senão em ouro somente. Este ouro [seja] o melhor que puderdes, como o de *venezianos*[5] ou de outro ouro tão bom [como esse], porque no Japão, para lavrarem suas armas e dourá-las, desejam o ouro melhor, porque para outra coisa não aproveitam o ouro no Japão.

Se algum for no ano de 53, não há necessidade igual – para quem for para o Japão – em ir aparelhado para muitos trabalhos no mar até chegar ao Japão, como lá quando chegar à terra. Para o frio [lá], vá bem apercebido, levando pano de Portugal[6], assim para ele como para os que lá estão.

Vosso Irmão em Cristo que muito vos ama,
FRANCISCO

---

[5] *Veneziano*, moeda usada em Goa, que lá chegava por via Ormuz. Em 1554 valia sete *tangas* ou 420 *réis* (DALGADO, *Glossário* II 411).

[6] O pano de Portugal, grosso, era melhor para proteger do frio que o da Índia, onde se fabricava pano mais fino, próprio para o calor do seu clima.

128
A JOÃO JAPÃO (MALACA)

Estreito de Singapura, 22 de Julho 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Recomenda-o ao Padre Barzeu. – 2. Conselhos espirituais. – 3. Recomenda-o também aos PP. Pérez e Herédia.

IHUS

Joane[1] Japão, meu filho

1. Eu escrevo ao Padre Mestre Gaspar que te busque alguma esmola, em Goa, para que lá a empregues em alguma fazenda, para poderes tornar a tua terra com alguma coisa. Irás a Goa, quando forem as naus de Malaca para a Índia, com o Padre João da Beira, e darás esta carta ao Padre Mestre Gaspar, em Goa, que te mando com esta tua. Os Padres que forem a Japão servirás muito bem, até os levares a Yamaguchi.

2. Confessa-te muitas vezes e toma o Senhor[2], para que Deus te ajude. Encomenda-te a Deus e guarda-te de fazer pecados, porque, se ofenderes a Deus, em este mundo ou no outro hás-de ser muito bem castigado. Por isso, guarda-te de fazer coisas por onde vás ao inferno. Encomendar-me-ás muito a Marcos[3] e a Paulo[4], quando fores a Japão.

---

[1] Joane, forma catalã de João, talvez originária dum *Joane o pobre*, eremita catalão muito popular que viveu perto de S. Paio de Midões em tempos de Afonso I (BLUTEAU IV 188).

[2] Tomar o Senhor, isto é, comungar.

[3] Não se sabe quem seja este Marcos.

[4] Paulo Anjirô ou Paulo de Santa Fé.

Deus te faça bem-aventurado e te leve à glória do paraíso.
Do estreito de Singapura, aos 22 de Julho de 552 anos.

3. Dirás ao Padre Francisco Pérez, mostrando-lhe esta minha carta, que, quando fores à India, escreva ao Padre António de Herédia, a Cochim, encomendando-lhe, de minha parte, que te busque lá alguma esmola: ou pela via da Misericórdia ou por outros devotos seus. E também se o Padre Francisco Pérez te puder dar alguma esmola, para quando tornares da Índia, mostra-lhe esta carta minha: o que ele puder, pouco ou muito, te ajudará. Não vás a Cochim sem uma carta de Francisco Pérez, para o Padre António de Herédia.

Esta minha carta guardá-la-ás muito bem. Mostrá-la-ás, em Cochim, ao Padre António de Herédia porque, se ele puder, ele te ajudará. Se tu fores bom e servires bem aos Padres que forem a Japão, eu confio que o Padre António de Herédia te busque alguma esmola.

Joane, filho, servirás muito bem aos Padres que forem a Japão, e irás com eles até Yamaguchi.

Teu amigo de alma,
FRANCISCO

Joane, filho, João Bravo te lerá esta carta.

129
A DIOGO PEREIRA (MALACA)

Estreito de Singapura, 22 de Julho 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Pena de que ele tenha ficado em Malaca. Agradecimento pelo bom trato que todos lhe dão na sua nau. – 2. Envia-lhe as cartas que escreve ao Rei e ao Vice-rei. – 3-4. Cuide da saúde, tenha cautela com a gente, procure aproximar-se de Deus nesta provação. – 5. Espera levar consigo à China mas devolver-lho-á se não conseguir entrar no país. – 6. Apresente ao Rei e ao Vice-rei as vantagens do comércio com a China e mande notícias. – 7. Recomenda ao Rei o vigário de Malaca, apesar de se ter passado para os partidários de Dom Álvaro nesta questão da China. – 8. Dirá aos prisioneiros portugueses em Cantão o que lhe devem. Visite com frequência os Padres do colégio.

[Senhor]

1. A saudade que de vós, Senhor, levo, e a lembrança que continuadamente tenho de ver que ficais em terra tão doentia, me faz maior lembrança de Vossa Mercê. Cá, todos, por seu respeito, nesta sua nau[1], me fazem muita honra e mercê, dando-me o necessário muito em abastança: assim para mim, que vou de saúde, como para os doentes que daí embarquei, os quais, pela misericórdia de Deus, se vão

---

[1] Xavier tinha viajado até Sanchão na nau de Diogo Pereira (*Santa Cruz*), que Dom Álvaro tinha deixado partir, retendo em Malaca apenas o dono, para lhe embargar a embaixada à China. Além dos seus 25 marinheiros que impôs à tripulação (Xavier-doc. 122,1), permitiu que seguissem também alguns da tripulação de Diogo Pereira, entre os quais o piloto, Francisco de Aguiar, e o seu feitor Tomé Escander. A este tinha recomendado Diogo Pereira que cuidasse muito de Xavier e dos seus companheiros (MX II 263-264, 497).

sempre achando melhor[2]. Deus sabe os cuidados e trabalhos que me dão. Louvado seja Deus para todo o sempre nos céus e na terra.

2. Aí, Senhor, mando a Vossa Mercê a carta do Rei e do Vice-rei[3] abertas. Lê-las-á Vossa Mercê e fechá-las-á. Eu, Senhor, muito folgaria, pelo muito amor que vos tenho, que a carta do Rei [a] levasse a Portugal, este ano, alguma pessoa de muita confiança, para que venha o despacho, que espero que virá[4]. Ao Senhor D. Pedro[5] poderá Vossa Mercê ler a carta, para que veja o que dele escrevo a Sua Alteza. Vai a carta por duas vias: a uma, vai fechada; a outra, vai aberta. Ambas as duas do mesmo. Mandá-las-eis, Senhor, a bom recado. A uma via, se vos perece, pela via de D. Pedro; a outra [via], por alguma pessoa muito vossa, que tenha muito cuidado de negociar as coisas de vossa honra. Nisto, Senhor, fareis o que vos bem parecer.

3. Peço-vos muito, Senhor, por mercê, que olheis muito por vossa saúde e vida e, com muito siso, cureis as coisas, andando com o tempo dissimulando com muitos que dizem ser vossos amigos sem o serem.

4. Sobretudo vos peço, Senhor, por mercê, que chegueis muito para Deus, para que dele sejais consolado em tempo tão atribulado. Por amor de Nosso Senhor vos peço uma mercê, que para mim será muito grande: que vos confesseis, e tomeis o Senhor, e vos conformeis com sua santa vontade, porque toda esta perseguição é para mais bem e honra vossa.

---

[2] Lit.: achando pior; mas parece engano. Trata-se de Ferreira e António China (Xavier-doc. 131,7), que iam cheios de febre (SEB. GONÇALVES, *História* 5,2).

[3] Cf. Xavier-doc. 122,3.

[4] Escreve Lucena: «Escrevendo o Padre a el-Rei, Dom Álvaro acusando-o a própria consciência… houve por força uma das vias que o Padre dera a um vizinho da mesma cidade. Abriu-as e, se não ficou emendado, ficou porém pasmado de tanta bondade, porque as cartas nada levavam contra ele» LUCENA, *História* 5,23).

[5] D. Pedro da Silva (cf. Xavier-doc. 121,2; 124; 84,2.5; 83,3).

5. A Francisco da Vila[6], por ter muita necessidade dele, o levo à China comigo. E também porque é necessário na China, ao fazer da fazenda da nau de Vossa Mercê, para ajudar a Tomé Escander[7]. No primeiro *vankan*[8] que vier da China, Deus querendo, voltará a Malaca[9]. E se Deus Nosso Senhor não abrir caminho na China, como [de maneira que] eu possa lá ir, na primeira *couza*[10] que vier da China voltarei a Malaca e, se [aí] puder tomar as naus que vão para o Reino, irei à Índia.

6. Ao Rei nosso senhor me parece que deve Vossa Mercê escrever muito miudamente, dando-lhe conta dos proveitos que teria Sua Alteza se na China estivesse alguma feitoria, e o mesmo ao senhor Vice-Rei, porque eu assim escrevo, como vereis pelas cartas que vão abertas. Vossas cartas para o Rei irão com as minhas. Fareis um maço delas e o sobrescrito dirá: «Para o Rei nosso senhor. Do Padre Mestre Francisco». A pessoa que for a Portugal, seja pessoa de muita confiança e que torne cedo à Índia com resposta das cartas.

Se Deus me levar à China, não deixe Vossa Mercê de me escrever novas suas, porque com elas folgarei muito em extremo. Nosso Senhor lhe dê tanta consolação nesta vida e glória na outra, quanto eu para mim desejo.

Do estreito de Singapura, a 22 de Julho de 1552 anos.

7. O Padre vigário[11] me rogou que escrevesse por ele ao Rei. Eu assim o faço, ainda que não faltou quem me dissesse que, nesta ida

---

[6] Nada mais se sabe dele, a não ser que era criado de Diogo Pereira (Xavier--doc. 132,6).

[7] Tomé Escander, provavelmente cristão de S. Tomé ou arménio.

[8] *Vankan*: «embarcação chinesa, menor que o *junco*» (DALGADO, *Glossário* II 402).

[9] Partiu de Sanchão para Malaca com Manuel de Chaves a 13 de Novembro (Xavier-doc. 132,6; 136,5).

[10] Embarcação.

[11] O vigário de Malaca, João Soares (MX II 274).

da China, deixou de favorecer o que cumpria ao serviço de Deus e acrescentamento da nossa santa fé, por se mostrar servidor de D. Álvaro, com lhe perecer que por essa via lhe viria algum proveito temporal. Bem enganado vive quem cuida que, faltando com Deus de quem todo o bem procede, pela via dos homens há-de ser remediado. Vingo-me dos que não são meus amigos, fazendo-lhes bem, porque o castigo, de Deus virá. Vós, Senhor, vereis por obras como Deus dará castigo aos que me desfavoreceram no serviço de Deus. É verdade que já tenho muita piedade deles, temendo-me que lhes há-de vir maior castigo do que eles cuidam. A carta para o Rei que fala no vigário, a dará Vossa Mercê por sua mão.

8. Se Deus me levar à China, como espero que me levará, eu direi aos portugueses[12] a obrigação em que eles estão a Vossa Mercê. De sua parte darei as encomendas a todos eles, dando-lhes conta dos muitos gastos que tinha feitos para os ir a remir e dando-lhes esperança de que para o outro ano será, se Deus for servido[13].

Peço-vos muito, Senhor, por mercê, que visiteis muitas vezes os Padres do colégio[14] e vos consoleis com eles.

Vosso muito grande amigo
FRANCISCO

---

[12] Portugueses cativos em Cantão, que a embaixada de Diogo Pereira e Xavier iriam libertar.

[13] Xavier não perde as esperanças de que a embaixada se realizará.

[14] O rudimentar colégio de Malaca de que fala em outras cartas (SCHURHAMMER, Xavier-doc. 94, Anexo; Xavier-doc. 122,6).

130
AO PADRE FRANCISCO PÉREZ (MALACA)

Sanchão, 22 de Outubro 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: Ordem de terminar a presença de jesuítas em Malaca e de ir para Cochim onde será superior do colégio; mas sob a obediência ao reitor de Goa que é o Vice-provincial para todo o Oriente. O superior de Cochim irá para o Japão.

IHUS

Francisco Pérez

1. Vista esta cédula minha, vos mando, em virtude da santa obediência, que não estejais mais em Malaca, senão que vades a caminho da Índia, nas naus que nesta monção forem. E se esta cédula minha vos for dada depois que tiverem partido as naus para a Índia[1], ireis na nau de Coromandel[2], vós e João Bravo e Bernardo[3] e, de Coromandel, ireis para Cochim. Em Cochim ficareis de assento, pregando e confessando e ensinando aquilo que costumais fazer em Malaca, pela ordem e maneira que vos deixei em Malaca quando parti a caminho

---

[1] Nos maiores atrasos, as naus partiam de Malaca para Cochim a 25 de Dezembro (Xavier-doc. 95).

[2] Esta nau costumava partir de Malaca para S. Tomé em fins de Janeiro.

[3] Bernardo Rodrigues, S.I., nascido de pai português e mãe indígena, foi em 1553 para Malaca trabalhar como P. Pérez e com ele veio para Cochim em 1553 ensinar no colégio. Tentou continuar os estudos em Goa, mas por falta de saúde não conseguiu; voltou ao colégio de Cochim como mestre em 1556, e ali fez os seus votos simples na Companhia de Jesus em 1558 (Xavier-doc. 131,9; *Doc. Indica* II 210, 619).

do Japão e por um regulamento que deixei a António d'Herédia[4], que ao presente está em Cochim. Vós ficareis em lugar de António d'Herédia em Cochim; e António d'Herédia, vista esta, ou outro qualquer que estiver em seu lugar, irá a caminho de Goa a fazer-se prestes para ir para o Japão. E assim, esta obediência que vos mando, servirá, assim para António d'Herédia ou outro qualquer que estiver em Cochim como para vós, para que, em virtude de obediência, cumprais o que mando. Desde o dia em que entrardes na casa em Cochim, sereis reitor daquela casa e desistirá de o ser o que nela estiver, seja António d'Herédia ou outro qualquer.

2. Em tudo o que for maior glória e serviço de Deus e perfeição da Companhia, vos exercitareis, segundo o talento que Deus Nosso Senhor vos deu. E porque de vós confio que isto e mais fareis, vos mando, em virtude de obediência, que sejais reitor daquela casa. Mas estareis à obediência do reitor da casa de São Paulo de Goa. Os que a Cochim vierem, que forem da Companhia, assim sacerdotes como leigos, de qualquer qualidade que sejam, estarão à vossa obediência. Salvo se o reitor de Goa o contrário mandar por algum caso fortuito. Isto mando, em virtude de obediência, a todos os que a essa casa de Cochim vierem: que vos obedeçam. E vós, em virtude de obediência, cumprireis o que nesta cédula vos mando, assim na partida de Malaca como em ser reitor da casa de Cochim.

Escrita nesta China, no porto de Sanchão[5], a 22 de Outubro de 552 anos

(Por mão de Xavier): FRANCISCO

---

[4] Xavier-doc. 120.

[5] Sanchão, nome chinês adaptado ao português, é uma ilha em frente do golfo de Cantão, com 38 km de comprimento e 22km de largura, a uma distância de 180 km da cidade de Cantão e 12 km do continente chinês. Perto do lugar onde aportou a nau *Santa Cruz* existe agora uma capela dedicada a S. Francisco Xavier (cf. D.J. FINN, *Where Xavier died*, in *The Rock*, Hongkong : 8(1935)131-133).

131
AO PADRE FRANCISCO PÉREZ (MALACA)

Sanchão, 22 de Outubro 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Feliz chegada a Sanchão. Ninguém o quer levar a Cantão. – 2. Um mercador chinês compromete-se a levá-lo por 200 cruzados. – 3-4. Perigos de morte a que se arrisca. Mas teme mais desconfiar de Deus. – 5-6. Motivos de confiança em Deus e determinação de ir à China. – 7. Notícias dos companheiros, oferecimento de novo intérprete. – 8. Actividades sacerdotais na ilha de Sanchão. – 9. Entrega da casa e colégio da Companhia de Jesus em Malaca e mudança para Cochim. – 10. O que pensa fazer se não puder entrar na China. Recomenda o amigo Diogo Pereira.

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Pela misericórdia e piedade de Deus Nosso Senhor, chegou a nau de Diogo Pereira, e todos os que vínhamos nela, a salvamento, a este porto de Sanchão, onde achámos outros navios, muitos, dos mercadores. Este porto de Sanchão está a trinta léguas de Cantão[1]. Acodem muitos mercadores da cidade de Cantão a este Sanchão, a fazer fazenda com os portugueses. [Trataram diligentemente com eles os portugueses] para ver se algum mercador de Cantão me queria levar. Todos se escusaram, dizendo que punham suas vidas e fazendas em grande risco, se o governador de Cantão soubesse que me levavam. Por esta causa, por nenhum preço me queriam levar em seus navios a Cantão.

2. Aprouve a Deus Nosso Senhor que se oferecesse um homem honrado, morador de Cantão, a me levar, por 200 cruzados, em uma

[1] Cantão, capital da província de Kwangtung.

embarcação pequena onde não houvesse outros marinheiros senão seus filhos e moços, para não vir a saber o governador de Cantão, pelos marinheiros, qual era o mercador que me levava. E [a] mais se ofereceu: de me meter em sua casa escondido três ou quatro dias e, daí, pôr-me um dia ante-manhã à porta da cidade, com meus livros e outro fatinho, para daí ir logo a casa do governador e dizer-lhe como vínhamos para irmos onde está o rei da China, mostrando a carta, que do Senhor Bispo levamos, para o rei da China, declarando-lhe como somos mandados de Sua Alteza para declarar a lei de Deus.

3. Os perigos que corremos são dois, segundo diz a gente da terra: o primeiro é que, o homem que nos leva, depois que for entregue dos 200 cruzados, nos deixe em alguma ilha deserta ou nos bote ao mar, para não ser sentido pelo governador de Cantão; o segundo é que, se nos levar a Cantão e formos diante do governador, [este] nos mandará dar tratos ou nos cativará. [Isto] por ser uma coisa tão nova como esta e haver tantas defesas na China para que não vá ninguém a ela sem chapa do rei, pois tanto proíbe[2] o rei que os estrangeiros entrem em sua terra sem sua chapa. Afora estes dois perigos, há outros muito maiores que não alcança a gente da terra, os quais contar seria uma grande prolixidade, ainda que alguns não deixarei de dizer.

4. O primeiro, é deixar de esperar e confiar na misericórdia de Deus, pois por seu amor e serviço vamos a manifestar a sua Lei e a Jesus Cristo seu Filho nosso Redentor e Senhor, como ele bem o sabe. Pois por sua santa misericórdia nos comunicou estes desejos, agora desconfiar da sua misericórdia e poder, pelos perigos em que nos podemos ver por seu serviço, é muito maior perigo – se ele for mais servido, nos guardará dos perigos desta vida – do que são os males que nos podem fazer todos os inimigos de Deus: sem licença e permissão de Deus, os demónios e seus ministros em nenhuma coisa nos podem empecer.

[2] Lit.: defende, no sentido antigo de *proibir*.

5. E também, confirmando-nos com o dito do Senhor que diz: *«Quem ama a sua vida neste mundo a perderá, e aquele que por Deus a perder, a achará»*[3]. O que é conforme ao que também Cristo Nosso Senhor diz: *«O que põe a mão ao arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus»*[4].

6. Nós, considerando estes perigos da alma, que são muito maiores que os do corpo, achamos que é mais seguro e mais certo passar pelos perigos corporais do que sermos compreendidos diante de Deus nos perigos espirituais. De maneira que, por qualquer via, estamos determinados a ir à China. O sucesso da nossa viagem espero em Deus Nosso Senhor que há-de ser para acrescentamento da nossa santa fé, por muito que os inimigos e seus ministros nos persigam. Porque *«se Deus for por nós, quem terá vitória contra nós?»*[5]

7. Quando a nau daqui for, deste porto de Sanchão para Malaca, espero em Deus Nosso Senhor que levará novas nossas de como fomos recebidos em Cantão, porque de Cantão a este porto sempre vêm navios, nos quais poderei escrever o que passámos daqui até Cantão e o que nos fez o governador de Cantão.

Álvaro Ferreira e António China vieram sempre doentes. Agora, pela misericórdia de Deus, acham-se melhor. Achei que António não presta para *jurobaça*[6], porque lhe esqueceu falar china. Ofereceu-se para ir comigo, por *jurobaça,* um Pero Lopez[7], que foi cativo de António de Lopez Bobadilha[8], morto no cerco de Malaca. Sabe

[3] Jo 12,25.

[4] Lc 9,26.

[5] Rom 8,31.

[6] *Jurobaça*, ou intérprete. Escreve Valignano: «António não sabia quase nada da língua mandarim e a língua usada do vulgo comum em Cantão falava-a piadosamente» (VALIGNANO, *História* 211).

[7] Não temos nenhuns dados sobre este Pero Lopez, diferente de outros com o mesmo nome na Índia.

[8] Bobadilha tinha ficado gravemente ferido na batalha naval contra os *achens* em Parles (Java) em1547 e foi morto pelos javaneses no cerco de 1551 a Malaca (SCHURHAMMER, *Quellen* 4703; SEB. GONÇALVES, *História* 3,13).

ler e escrever português e também lê e escreve algum tanto china. Ofereceu-se com muito ânimo e vontade de ir comigo. Deus lhe pagará nesta vida e na outra. Encomendai-o a Deus Nosso Senhor, para que lhe dê dom de perseverança.

8. Logo que chegámos a Sanchão, fizemos uma igreja, e disse Missa cada dia até que adoeci de febres. Estive doente quinze dias. Agora, pela misericórdia de Deus, acho-me de saúde. Cá não minguaram ocupações espirituais, como em confessar e visitar doentes, fazer amizades. Daqui não sei que mais vos faça saber, senão que estamos muito determinados a ir à China. Todos os chinas que nos vêem, digo homens honrados mercadores, mostram folgar e desejar que vamos à China, parecendo-lhes que levamos alguma lei, escrita nos livros, que será melhor do que aquela que eles têm, ou por serem amigos de novidades. Todos mostram grande prazer, ainda que ninguém nos quer levar, pelos perigos em que se podem ver.

Escrita em Sanchão

9. A igreja de Nossa Senhora[9] e o colégio, se for nosso[10], ficará [com] tudo aquilo que é da Companhia de Jesus, ao Padre Vicente Viegas[11], entregue tudo por vossa mão, ficando-lhe um treslado da doação, que fez o Senhor Bispo, da casa de Nossa Senhora à Companhia do nome de Jesus. De maneira que, [nem] o vigário, nem outrem ninguém, tenha que entender com a igreja de Nossa Senhora nem com o Padre Vicente Viegas. E assim, rogareis muito ao Padre Vicente Viegas, de vossa parte e minha, que queira aceitar este cargo

---

[9] Igreja de *Nossa Senhora do Monte*.

[10] Cf. SCHURHAMMER, Xavier-doc. 89, anexo, nota 12. O Governador Cabral (1549-1550) tinha doado à Companhia de Jesus o terreno e a casa (*Goa 11*,511r). Xavier talvez não recordasse o texto exacto do documento.

[11] Vicente Viegas, sacerdote diocesano, beneficiário de Malaca. Em princípios de 1545, o capitão de Malaca tinha-o enviado a Macassar (Celebes), onde se tinham convertido dois reis, e dali voltou provavelmente para Malaca em 1548 (cf. *Doc. Indica* I II Índices; SCHURMMER, *Quellen* 1754, 4075).

pelo amor de Deus, até que da Índia o reitor de São Paulo proveja de alguma pessoa que venha estar em Malaca[12]. E se a vós vos parecer bem que fique com ela Bernardo, ficará para ensinar os meninos.

10. Eu estou aguardando cada dia por um china, que há-de vir de Cantão, para me levar. Praza a Deus que venha, assim como eu desejo. Porque, se acaso for que Deus não queira, não sei o que farei eu: se irei para a Índia ou para Sião para, de Sião, ir na embaixada que o rei de Sião manda ao rei da China[13]. Isto vos escrevo, para que digais a Diogo Pereira que, se ele há-de ir à China e se por alguma via me puder escrever para Sião, me escreva, para que nos juntemos [lá], ou em algum outro porto da China. Com Diogo Pereira tereis muita amizade, assim em Malaca como na Índia, encomendando-o a Deus primeiramente e, depois, em tudo o demais que o puderdes favorecer, pois é tão amigo da nossa Companhia.

Cristo Nosso Senhor nos dê sua ajuda e favor. Amen.

De Sanchão, hoje, 22 de Outubro, ano de 1552.
Vosso todo em Cristo,
FRANCISCO

---

[12] Como Viegas estava muito ocupado, o P. Pérez antes de abandonar Malaca, confiou a igreja e a casa a Juan Diaz, sacerdote secular espanhol, que tinha vindo na frota espanhola aprisionada em Amboino (Molucas) pelos portugueses em 1546. Em 1557 entrou na Companhia de Jesus em Goa e no ano seguinte foi para Thana onde morreu (VALIGNANO, *História* 364; SEB: GONÇALVES, *História* 5,4).

[13] Belchior Nunes Barreto, em 1555, encontrou em Cantão o legado de Sião que regressava de Pequim (AYRES 86). Sobre semelhante legação anamita que de dois em dois anos ia a Pequim pagar tributo cf. G. DEVERIA, *Histoire des relations de la Chine avec l'Annam-Viêtnam du XVI au XIX siècle*, Paris 1880 (p.59-74). A legação de Sião a Pequim, segundo Teixeira, realizava-se todos os anos (MX II 789) ou, segundo Bernard, cada três anos (BERNARD, *Aux portes de la Chine*, Tientsin 1933 (p. 49).

132
A DIOGO PEREIRA (MALACA)

Sanchão, 22 de Outubro 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1. Chegou felizmente a Sanchão. Espera o mercador chinês que se comprometeu a levá-lo a Cantão. – 2. Gratidão a Diogo Pereira e ao seu feitor. – 3. Quanto prometeu ao chinês para o levar a Cantão. Espera escrever-lhe como tudo correr. – 4-5. Projectos, se não conseguir entrar por Cantão na China. – 6. Elogio a Francisco da Vila.

Senhor

1. Deus, por sua misericórdia e piedade, trouxe a nau a salvamento, a este porto de Sanchão. Porque muitos vos escrevem da fazenda que faz e eu entendo pouco dela, não lhe escrevo por isso.

Faço-lhe saber como estou aguardando, cada dia, por um mercador que me há-de levar a Cantão, com o qual estou já concertado e igualado que me há-de levar, por vinte *picos*[1]. Praza a Deus Nosso Senhor que, disto, ele seja muito servido, como espero que o será.

2. Se algum conhecimento houver, da parte dos homens, nesta ida para com Deus, parece-me que Vossa Mercê o tem todo, pois Vossa Mercê paga todos estes gastos. Tomé Escander, seu feitor, cumpre bem o que Vossa Mercê lhe encomendou e mandou, a sa-

---

[1] Pico (*pikul*): «peso do Extremo Oriente, equivalente a cem *cates* ou sessenta kilogramas» (DALGADO, *Glossário* II 208). Xavier fala de vinte picos de *pimenta* que, segundo ele próprio, custavam duzentos *cruzados* (Xavier-doc. 131,3; 133,6) ou, segundo Teixeira, 150 *pardaus* (MX II 789); veja-se também Xavier-doc. 83,3 nota.

ber, em me dar tudo aquilo que lhe peço. Deus Nosso Senhor lhe pague tantas esmolas, e tão grandes, quantas me faz.

3. O china que me leva é conhecido de Manuel de Chaves[2]. Teve--o muitos dias em Cantão em sua casa, quando fugiu da prisão. Por este espero, cada dia, que há-de vir por mim, porque neste porto de Sanchão nos concertamos que, por vinte *picos,* me levaria. Por Manuel de Chaves escreverei a Vossa Mercê o que passou acerca da minha ida e de como fui recebido em Cantão.

4. Se acaso acontecer – o que Deus não permita – que não venha por mim este mercador e eu não vá este ano à China, não sei o que farei: se irei para a Índia ou [irei] a Sião para [de lá] ir com a embaixada do rei de Sião para a China, para o ano. Se for para a Índia, não vou com esperança que, em tempo de D. Álvaro da Gama[3], se fará coisa na China de que fique memória, se Deus por outra via não prover. O que acerca disto sinto, não escrevo: temo-me que Deus lhe dê maior castigo do que ele cuida, se já lhe não tem dado.

5. [Do estreito de Singapura, escrevi a Vossa Mercê largamente[4]. As cartas, espero que Vossa Mercê as recebeu, porque as mandei por pessoa certa, Manuel da Fonseca, criado de António Pegado[5]]. Por Manuel de Chaves escreverei a Vossa Mercê muito largo, assim a Vossa Mercê como ao Rei nosso senhor. De cá não sei mais que fazer saber, senão [que] estou de saúde, ainda que estive quinze dias com febre.

---

[2] Manuel Chaves era um dos portugueses presos em Cantão, quando Gaspar Lopes de lá escreveu aquela carta aos seus compatriotas, mercadores em Sanchão, para que Diogo Pereira conseguisse, como legado do Governador da Índia, libertá-los daquelas masmorras. Xavier, na passagem por Sanchão quando vinha do Japão, leu também impressionado essa carta (SCHURHAMMER, *Quellen* 4694).

[3] D. Álvaro de Ataíde da Gama.

[4] Xavier-doc. 129.

[5] Tanto de Manuel da Fonseca como de António Pegado não temos dados seguros.

Se for caso que este ano não vá à China, não sei se irei a Sião com Diogo Vaz de Aragão[6], em um *junco*[7] seu, que aqui comprou, para de Sião ir com a embaixada ao rei da China. Se for a Sião, por Manuel de Chaves escreverei a Vossa Mercê, para que, se por alguma via me puder escrever para Sião, me escreva o que para o ano determina fazer: se irá com a embaixada ou não, para que em Comai[8] ou em algum outro porto de Cantão[9] nos encontremos. Praza a Deus que seja dentro da China, porque eu irei lá este ano a esperá-lo. Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia, se nesta vida não nos virmos mais, nos ajunte na glória do paraíso, onde para sempre nos veremos sem fim.

Escrita em Sanchão, a 22 de Outubro de 1552 anos.

6. Francisco da Vila cá trabalha o que pode na nau. Não é nada ingrato nem desconhecido do pão que em sua casa tem comido. Ele irá aí com Manuel de Chaves a pedir-lhe perdão do erro que fez em vir sem sua licença. Porque se nisso for culpado, eu tenho toda a culpa[10].

Seu amigo d'alma verdadeiro
FRANCISCO

---

[6] Diogo Vaz de Aragão, moço de câmara, entre 1544 e 1551 foi mercador em Bungo, muito conhecido do senhor da região, Otomo Yoshishige (SCHURHAMMER, *Mendes Pinto* 68). Em 1568 comerciava também em Macau. Quando Xavier caiu doente em Sanchão, foi este mercador que o acolheu na sua cabana provisória (MX II 804).

[7] Tipo de navio chinês para o mar alto. Num *junco* destes fez Xavier a viagem para o Japão.

[8] Comai (*Ke-moi*) é uma pequena ilha em frente de Amoy (*Fukien*).

[9] Outro porto na província de Kwangtung.

[10] Cf. Xavier-doc. 129,5.

133
A GASPAR BARZEU (GOA)

Sanchão, 25 de Outubro 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1. Não esqueça os encargos e orientações que lhe deu. – 2. Os que foram e irão para o Japão. – 3. Novos missionários para as Molucas. – 4-5. Despeça imediatamente da Companhia de Jesus quem cometa pecados públicos com escândalo. Não readmita quem já foi despedido, e seja exigente na selecção de novas admissões. A quem confiar os serviços da casa. – 6-7. Ainda não chegou o mercador chinês que prometeu introduzi-lo na China. Esperanças de ser bem acolhido pelo rei da China. – 8. Pede orações.

IHUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Amen.

1. Do estreito de Singapura, vos escrevi muito largamente[1]. Agora, o que muito vos encomendo é que, de vós mesmo, tenhais muito especial cuidado, porque, se o contrário fizerdes, nenhuma coisa de vós espero.

As lembranças que vos deixei, não vos esqueçais de as ler e cumprir[2]. Principalmente aquela em que vos encomendei que, todos os dias, vos exercitásseis[3]. Olhai bem que não vos descuideis de vós, ao olhar o que Deus, por vós e pelos da Companhia, faz!

E olhai bem que eu folgaria muito, pelo bem que vos quero, assim a vós como a todos, que olhásseis mais ao que Deus deixa de

---

[1] Xavier-doc. 125-127.

[2] Xavier-doc. 114-118.

[3] Xavier-doc. 116.

fazer por vós outros, que o que por [meio de] vós outros faz. Porque, com o primeiro, vos confundireis e humilhareis e conhecereis cada dia mais as vossas fraquezas e ofensas contra Deus; e com o segundo, correis risco muito grande de incorrer em uma enganosa e falsa opinião, fazendo fundamento no que não é vosso, nem feito por vós, senão somente por Deus. Olhai a quantos fez mal isto e quão danosa peste é esta na Companhia!

2. Para o Japão foram Baltasar Gago, Duarte[4] e Pedro d'Alcáçova. Foram em boa embarcação. Espero em Deus Nosso Senhor que os levará a salvamento a Yamaguchi, onde está o Padre Cosme de Torres e Juan Fernández. Para o ano, muito vos encomendo que alguma pessoa, de confiança grande e que tenha letras, a mandeis para lá. Se do Reino não vieram este ano pessoas que possam ir, em tal caso parece-me que será bem que vá António d'Herédia. Para isto vai Francisco Pérez a estar em Cochim em lugar de António d'Herédia ou de outro qualquer que lá estiver, porque não está agora Malaca em disposição que possa fazer tanto fruto como em Cochim. Não levará António d'Herédia senão algum leigo. E este, muito experimentado e provado e de engenho para tomar a língua.

3. Para Maluco[5], em companhia de João da Beira, mandareis algumas pessoas, que a vós bem parecer, que tenham virtude para lá poderem fazer fruto. Trabalhai de mandardes a João da Beira contente, pois nas partes de Maluco há agora tanta disposição para acrescentar a nossa santa fé. Em consequência, todos os anos tereis cuidado de prover as partes de Maluco do necessário. As pessoas que para lá mandardes, não sejam senão muito provadas e de muita experiência.

4. Em virtude da santa obediência, vos encomendo e mando que, se algum leigo ou sacerdote fez algum pecado público escandaloso, a esse tal logo o despeçais. E não o recebereis, por rogos de

[4] Duarte da Silva (cf. Xavier-doc. 125,6).

[5] Molucas.

ninguém. Salvo se for tanta a penitência e o conhecimento do erro, que por esta via se possa haver misericórdia: somente [por essa via] e não por nenhuma outra, ainda que vos rogue o Vice-rei e toda a Índia junta com ele.

Olhai que, os que eu despedi e vos mandei em virtude de obediência que os não recebêsseis, por nenhuma via os recebais! Se tanta emenda e penitência pública por muitos dias fizerem, em tal caso podereis dar-lhes uma carta para o reitor de Coimbra, porque para estas partes não são necessários e para lá poderão aproveitar.

5. Também vos encomendo muito que tomeis muito poucos na Companhia. E os que receberdes, sejam pessoas que a Companhia tenha necessidade delas. Para o serviço de casa, olhai bem se seria melhor tomar ou comprar alguns negros para o [tal] serviço da casa, do que servir-se de muitos que querem entrar na Companhia. Isto digo-o, pelo que aí vi e [pelo que] conheci dos que comigo vieram[6].

6. Eu cheguei a este porto de Sanchão, que está a trinta léguas da cidade de Cantão. Cada dia espero por um homem que me há-de levar, com o qual estou já concertado para que me leve por duzentos cruzados. Isto, pelas grandes defesas[7] e penas que há na China para quem levar pessoa estrangeira sem chapa do rei. Espero em Deus Nosso Senhor que tudo venha a ter muito bom sucesso.

7. Por nova certa tenho que este rei da China tem mandado fora do seu reino certas pessoas a uma terra, para saber como [lá] se regem e governam e que leis têm: donde me dizem, estes chinas, que o rei há-de folgar de ver uma lei nova em sua terra[8]. O que lá passar, eu vo-lo escreverei largamente.

---

[6] Alude a Álvaro Ferreira (cf. Xavier-doc. 125,10; 135,4.8; 137,9).

[7] Proibições.

[8] O imperador Che Tsong (1522-1566) era taoista, adverso ao budismo dos seus predecessores, a ponto de ter destruído todos os templos budistas da sua cidade e, fundindo os seus 196 ídolos de ouro e mais de 3.000 de prata, construiu com toda essa riqueza um luxuoso palácio a sua mãe (J.Mc GOWAN, *The Imperial History of China*, Shangai 1906: 495). Os Anais dos imperadores Ming descre-

Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.

Deste porto de Sanchão da China, a 25 de Outubro de 552 anos

(Por mão de Xavier): Todo vosso em Cristo,

FRANCISCO

8. *(De novo ditando):* A todos os Irmãos e Padres da Companhia me encomendareis muito. E a todos os devotos e devotas da casa.

Os frades de S. Francisco e de S. Domingos visitareis e me encomendareis muito a eles em suas santas orações e devotos sacrifícios.

Foi tão depressa escrita esta carta, que não sei como vai. Por outra via, antes que vá à China, vos escreverei mais largo.

---

vem-no como supersticioso e ao mesmo tempo curioso por instruir-se e corrigir os seus erros (BROU, *Saint François Xavier* II 342). O P. Belchior Nunes Barreto escrevia em 1555 que o Imperador há seis anos que andava à busca de âmbar e prometera um grande prémio a quem lho trouxesse, por ter lido nalgum livro que o âmbar preparado de certa maneira alongava a idade dos velhos. Diogo Pereira tinha ouvido também de mercadores chineses o apreço em que era tido no país o âmbar pelas suas propriedades maravilhosas (GARCIA DA ORTA, *Colóquios dos Simples* e *Drogas da Índia*, Lisboa 1891: I 52).

134
AO PADRE FRANCISCO PÉREZ (MALACA)
MANDATO

Sanchão, 12 de Novembro 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: Mandato de obediência para que deixe a Missão de Malaca e vá para a de Cochim, onde ficará a superior do colégio.

Francisco Pérez, Padre da Companhia do nome de Jesus

Em virtude da santa obediência vos mando que, vista esta obediência, vos vades caminho de Cochim, nas naus que este ano vão. Levareis convosco a João Bravo e a Bernardo, se a vós bem vos parecer. E em Cochim, desde o dia que chegardes, tomareis entrega da casa. Exercitai-vos em obras espirituais [em] que sempre vos exercitastes: em pregar e confessar e em outras obras pias, pela ordem que fazíeis em Malaca e por um regulamento que deixei a António de Herédia em Cochim. E assim, por este [escrito], mando, em virtude da obediência, ao Padre António de Herédia ou a outro qualquer que lá estiver por principal do colégio, que logo vos entregue toda a casa, para serdes vós o principal desse colégio e vos obedecerem todos os que nele estiverem e vierem a esse colégio. E o Padre António de Herédia partirá logo para Goa – ou outro qualquer que em seu lugar estiver nesse colégio – para se fazer prestes para ir para o Japão ou [para] onde o Padre Mestre Gaspar, reitor deste colégio [de Goa], o mandar. E para que nisto não haja dúvida de ser, esta, minha intenção – de vós, Francisco Pérez, irdes de Malaca para Cochim e

serdes [lá] principal daquele colégio e vós, António de Herédia ou outro qualquer que estiverdes nesse colégio, não pordes dúvida a isto ser mandado por obediência – me assinei aqui.

Escrita em Sanchão, a 12 de Novembro de 1552
FRANCISCO

135
AO PADRE FRANCISCO PÉREZ (MALACA)

Sanchão, 12 de Novembro 1552
Original ditado em português

SUMÁRIO: 1-3. Não descuide os recados que lhe confiou. Continua à espera do mercador chinês que prometeu introduzi-lo na China. Gratidão de todos os jesuítas a Diogo Pereira a que espera encontrar um dia na China. – 4. Despede da Companhia de Jesus Álvaro Ferreira e recomenda-o para outra Ordem religiosa. – 5-7. Espera escrever já da China. Manda entregar as casas da Companhia de Jesus em Malaca a Vicente Viegas e abandonar a Missão na cidade sem demoras. – 8-9. Volta a recomendar Ferreira para outra Ordem religiosa, deserção do intérprete, os companheiros que lhe restam, hipótese de entrar na China por Sião.

IHUS

A graça e amor de Cristo Nosso Senhor seja sempre em nossa ajuda e favor. Ámen.

1. Pelo *bancão*[1] de Gaspar Mendes[2] vos escrevi[3]: as cartas levou-as Francisco Sanches[4]. O que então vos escrevi e agora escrevo, olhai por terdes muito cuidado de o cumprir!

---

[1] Bancão (*Vankan*): «embarcação chinesa, menor que o *junco*» (DALGADO, *Glossário* II 402).

[2] Sobre Gaspar Mendes cf. Xavier-doc. 93,3. Não confundir com Gaspar Mendes de Vasconcelos que tinha sido primeiro designado por Diogo Pereira para acompanhar Xavier e que, a pedido de Xavier, foi substituído por Tomé Escander, acabando por morrer em Malaca três ou quatro dias depois da partida da nau *Santa Cruz* (MX II 263-264).

[3] Xavier-doc. 130-131.

[4] Francisco Sanches, segundo testemunhou mais tarde seu filho, em Cochim, no processo de canonização de Xavier, dizia muitas vezes que tinha levado aos ombros o cadáver do santo quando foi a sepultar em Sanchão. O testemunho do

Daqui a oito dias, aguardo pelo mercador que me há-de levar a Cantão. É muito certo, se não morreu, vir aqui, pelo interesse grande da pimenta que lhe dou, porque nela ganha passados de trezentos e cinquenta cruzados[5] se me levar a salvamento a Cantão. Isto devo ao meu bom amigo Diogo Pereira. Deus lhe pague por mim, pois eu não posso.

2. Em tudo o que o puderdes ajudar e favorecer na Índia, o favorecereis, porque não sei quando lhe poderemos pagar, todos juntos, o bom aviamento que nos dá, para se acrescentar a nossa santa fé nas partes da China: para que os da Companhia do nome de Jesus possam cumprir os seus desejos de acrescentar a nossa santa fé, pois ele foi meio tão grande de eu poder ir à China. Todos os gastos da minha viagem ele supriu!

3. Sabereis de Diogo Pereira se virá, para o ano, com a embaixada a Cantão: se disso tem alguma esperança que virá, porque eu bem desconfiado estou. Praza a Deus que seja o contrário do que eu espero. Deus perdoe a quem foi causa de tanto mal: temo-me que Deus lhe dará cedo o castigo; não será muito ter-lho já dado.

Eu escrevo a Diogo Pereira[6] que, se a estas partes houver de vir, eu escrevo a Mestre Gaspar para que em todo o caso mande um Padre que venha com ele, nas naus que da Índia partem em Maio[7] para Malaca. E se for caso que Diogo Pereira haja de ir a Sunda[8] nesta sua nau, [e] que irá embora sem tornar a Malaca, em tal caso não será necessário vir da Índia Padre para vir com Diogo Pereira, pois se não podem encontrar. Isto levareis determinado com Diogo Pereira, antes que vos partais para a Índia.

---

filho talvez se refira à trasladação para Malaca, pois em Sanchão não parece ser verdade (MX II 472-474; cf. 795-797).

[5] Parece que Xavier subiu o preço de 200 para 350 cruzados, para cativar o mercador.

[6] Xavier-doc. 136.

[7] As naus partiam de Goa quase sempre a meados de Abril.

[8] Sunda, nome de Java ocidental (Indonésia).

4. A Ferreira[9], despedi-o da Companhia porque não é para ela. E assim, em Cochim, vos mando, em virtude de obediência, que o não recebais em casa. Em tudo o que o puderdes ajudar para ser frade, o ajudareis com os frades de S. Francisco ou de S. Domingos. Isto mesmo escrevereis a Mestre Gaspar para Goa: que em nenhuma maneira, em virtude de obediência, o receba em casa e, no que [o] puder ajudar para ser frade de S. Francisco ou de S. Domingos o ajude.

5. Se, este ano, pela via de Coromandel[10] – [pois] que há nau que há-de partir daqui a um mês[11] – puder fazer saber novas de como fui recebido em Cantão, eu terei bom cuidado de vos escrever de Cantão. Prazerá a Deus que esta nau de Diogo Pereira tomará[12] em Malaca o navio que parte para Coromandel. Assim, por todo o Março, em Cochim podereis ter novas minhas de Cantão.

A Vicente Viegas deixareis uma lembrança que tenha cuidado, logo que a nau chegar aí, de arrecadar as minhas cartas e mandá-las pela via de Coromandel. Isto também podereis encomendar a Diogo Pereira: para que, por terra, mande aquelas cartas por algum *patamar*[13] a Cochim com as cartas.

6. A casa de Nossa Senhora e o colégio deixareis ao Padre Vicente Viegas, rogando-lhe que se queira encarregar dela. Deixar-lhe-eis a casa com o treslado da doação que fez o Senhor Bispo; e como por mão da Companhia, para que não tenha que entender ninguém com a casa; e o original da doação levá-lo-eis convosco e mandá-lo-eis a bom recado para São Paulo de Goa.

7. Olhai que por nenhuma coisa fiqueis em Malaca! Pesa-me de haverdes perdido tanto tempo nela, podendo melhor empregar

---

[9] Álvaro Ferreira.

[10] Na nau de Coromandel, que partia de Malaca em fins de Janeiro.

[11] A nau *Santa Cruz* saiu finalmente de Sanchão para Malaca em Fevereiro de 1553, levando o corpo de Xavier (MX II 898).

[12] Apanhará.

[13] *Patamar*, portador de correio por terra, que ia de S. Tomé a Cochim. Depois de Fevereiro não podia navegar nenhuma nau de Coromandel para Cochim.

vossos trabalhos noutra parte. Este capitulinho vos escrevo para que, nem por rogos nem promessas de ninguém – de que se emendarão se ficardes – por nenhuma via fiqueis.

Com o Padre Vicente Viegas podereis deixar, se vos bem parecer, o Bernardo: para ensinar a ler e escrever e as orações aos meninos. Isto fareis – ou levá-lo convosco – como vos, a vós, melhor parecer.

8. A Ferreira, se o puderdes mandar em outro navio onde vós não fordes, mandá-lo-eis; ou se não, faça o que ele quiser. Quando vos importunar para que o leveis, seja com a condição de que há-de ser frade. Dessa maneira o levareis convosco e usareis de caridade com ele: com a condição de ser frade sempre, e dando-vos disso palavra.

9. O *jurobaça,* que eu vos escrevia que queria ir comigo[14], de medo ficou. Vamos, com a ajuda de Deus, António[15] e Cristóvão[16] e eu. Rogai muito a Deus por nós outros, porque corremos muito grandíssimo risco de ser cativos. Porém, consolamo-nos em cuidar que muito melhor é ser cativo por só o amor de Deus, que ser livres[17] por fugir aos trabalhos da cruz.

Sendo caso que, pelos grandes perigos que corre, o que nos há-de levar se arrependa, ou que, por temor, deixe de nos levar a Cantão, em tal caso irei a Sião para de lá, para o ano, ir a Cantão nos navios que o rei de Sião manda a Cantão. Prazerá a Deus que iremos este ano a Cantão.

---

[14] *Jurobaça*, intérprete. Trata-se de Pero Lopes (cf. Xavier-doc. 131,7).

[15] António China.

[16] Cristóvão, criado indiano de Xavier. O santo, na véspera da sua morte, olhou-o cheio de compaixão, dizendo-lhe por três vezes: «Ai, triste de ti!» Seis meses depois morria Cristóvão em Malaca, onde levava uma vida desenfraeada, com um tiro de espingarda (LUCENA, *História* 10,27).

[17] Lit.: *forros*, que em português antigo quer dizer «livres».

A todos os nossos devotos e amigos me encomendareis muito, especialmente ao Padre Vicente Viegas.

Deus Nosso Senhor nos ajunte na glória do paraíso.

Deste porto de Sanchão, hoje, 12 de Novembro de 1552 anos.

(Por mão de Xavier): FRANCISCO

136
A DIOGO PEREIRA (MALACA)

Sanchão, 12 de Novembro 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1-3. Profundo agradecimento. Oferece-lhe as suas orações e as dos seus missionários jesuítas. – 4-5. Decidido a entrar na China nem que seja por Sião. – 6. Mais portugueses aprisionados pelos chineses. – 7. Devolve a carta para o rei da China, porque já não espera realizar a embaixada. Mas vai tentar entrar por Sião nem que vá parar ao cativeiro. – 8. Deseja ter notícia suas.

Senhor

1. Não sei que escreva a Vossa Mercê, senão muitas devidas obrigações em que lhe sou[1], pela muita amizade, esmola e caridade que de Vossa Mercê tenho recebido, e recebo [também], cada dia, do seu feitor Tomé Escander. O qual, com tanto amor e vontade me dá o que lhe peço, que bem parece sentir, em Vossa Mercê, ser sua vontade folgar muito de me dar mais do que é necessário.

2. Deus Nosso Senhor lhe pague, pois eu não posso, com obras, fazer coisa igual à que estamos tal por tal. Toda a minha vida fico obrigado a rogar a Deus Nosso Senhor por si[2], o guarde de todo o mal, dando-lhe, nesta vida, sua graça, saúde e vida para seu santo serviço e o paraíso para a alma, na outra.

3. E porque, nesta parte, não me acho por satisfeito poder-lhe pagar o muito que lhe devo, encomendo muito, aos padres do nome

---

[1] Estou.

[2] Lit.: por ele. Aparece três vezes esta construção gramatical em vez de *por si* (n. 2, 3, 7), como se vê pelo sentido da frase.

de Jesus de toda a Índia, que o conheçam e tenham por seu especial amigo, para o encomendarem continuadamente a Deus Nosso Senhor, em suas orações e sacrifícios. Porque, se na China a lei de Nosso Senhor Jesus Cristo se manifestar, é por meio de Vossa Mercê: a glória e contentamento desta tão santa obra, em esta vida e na outra a terá; e os que nela se fizerem cristãos e os Padres que lá forem a servir a Deus, ficarão sempre obrigados a rogar continuadamente a Deus por si.

4. Se for caso que Vossa Mercê, para o ano, vier a cumprir a embaixada que o senhor Vice-rei lhe manda, falará Vossa Mercê com o P. Francisco Pérez [porquanto ele vai à Índia este ano], para que de lá o P. Mestre Gaspar, que é reitor do colégio de Goa, mande um padre para vir com Vossa Mercê. As vestimentas ricas que eu deixei em Malaca a Francisco Pérez[3], trá-las-á Vossa Mercê. O cálice, na nau o mandarei, com Tomé Escander[4], e tudo trará Vossa Mercê, se o padre vier consigo[5]. Estas regras mostrará Vossa Mercê a Francisco Pérez, para que lhe entregue os ornamentos.

5. Se for caso, o que Deus não queira, que em este ano não vá à China, irei com Diogo Vaz de Aragão a Sião, para de lá, para o ano, poder ir em um *junco* de Sião a Cantão. Eu teria ido neste *junco*[6] a Malaca, se tivesse por certo que, para o ano, viria Vossa Mercê, com a embaixada. Se acaso for que venha com a embaixada, em Comai ou em Cantão nos ajuntaremos. E, se ser puder, escrever-me-á Vossa Mercê de Malaca a Sião sua determinação, porque muito folgarei com carta sua.

---

[3] Estas vestimentas ricas, destinadas ao princípio para a China, deixou-as Xavier em Malaca, uma vez que Álvaro de Ataíde embargou a embaixada de Diogo Pereira. Tendo agora de entrar na China às ocultas, era necessário reduzir a bagagem ao mínimo. Sobre essas vestimentas veja-se Xavier-doc. 119,6 nota.

[4] Suposta a entrada clandestina na China, Xavier não podia levar consigo vinho de Missa e, por isso, não necessitava do cálice.

[5] Lit.: com ele, no sentido de *consigo.*

[6] *Junco*, navio chinês de alto-mar comprado por Chaves, que já partira para Malaca.

Pelo senhor Manuel de Chaves saberá as novas de cá e da maneira que fico para ir a Cantão; por isso não escrevo.

6. Tudo o que Vossa Mercê quiser encomendar ao P. Francisco Pérez e ao P. Mestre Gaspar, em Goa, encomende. Escreva para que lá o despachem como for mais serviço de Deus e redenção dos pobres cativos que estão na China. Entre os quais, agora novamente cativaram a meu especial amigo Francisco Pereira de Miranda[7], com outros portugueses, por um grande desastre[8]: devo-lhe muito, pelas amizades e caridades que usou comigo em Japão, o tempo que estive em Firando em sua companhia[9].

7. A carta que o senhor Vice-rei escrevia a el-rei da China mando aí a Vossa Mercê, porquanto por descuido a trouxe[10].

Peço-lhe muito por mercê que trabalhe, quanto puder, por me escrever para Sião, porquanto, se não passar à China, não deixarei, por nenhuma coisa, de ir a Sião. Praza a Deus que tão bem me suceda esta viagem como espero, para que, na corte de el-rei da China, aguarde por si. Porque, se à China vou, em um dos dois lugares me parece que me há-de achar: ou é que estarei cativo no tronco de Cantão, ou é que estarei no Pequim, onde dizem que continuadamente está el-rei.

8. Não sei que mais escreva a Vossa Mercê, senão que, por saber novas de sua saúde e vida, daria, se fosse rico, muitas dádivas por saber novas suas. Espero em Jesus Cristo que serão tais, quais desejo.

---

[7] Francisco Pereira de Miranda, *fidalgo da casa real*, em 1541 foi nomeado capitão de Chaul e em 1550 recebeu Xavier em Hirado. Libertado do cativeiro chinês em Dezembro de 1556, foi novamente designado capitão de Chaul, cargo que exerceu dois anos (SCHURHAMMER, *Quellen* 655 675 6125; FROIS, *Die Geschichte Japans* 8). Era filho de Jorge Pereira de Miranda, voltou da Índia riquíssimo, casou com Jerónima Pereira e teve dez filhos.

[8] Não sabemos mais notícias deste desastre.

[9] Em 1550.

[10] Não sendo Xavier mas Diogo Pereira que ia como Legado do Vice-rei, de nada lhe aproveitava ter trazido a carta.

Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia, nos ajunte outra vez nesta vida, para seu santo serviço, na China; e se nesta vida não for, seja na glória do paraíso.

De Sanchoão, a 12 de Novembro de 1552 anos.
Seu servidor e grande amigo d'alma,
FRANCISCO

137
AOS PADRES FRANCISCO PÉREZ (MALACA) E GASPAR BARZEU (GOA)

Sanchão, 13 de Novembro 1552
Cópia em português, feita em 1746

SUMÁRIO: 1-2. Mostrem os documentos do Papa ao senhor Bispo e façam que ele mande publicar em Malaca a excomunhão de D. Álvaro. – 3-5. Motivos deste rigor para o futuro das missões. – 6-7. Apesar das grandes dificuldades pensa entrar na China. – 8-9. Urge a Barzeu as recomendações que lhe deixou, sobretudo acerca de admissões à Companhia de Jesus.

Jesus

1. Encomendo-vos muito que, com muita diligência, deis ordem para que o Senhor Bispo veja as Bulas da Companhia[1], e também o Vigário geral. Juntamente lhes mostrareis uma escritura em pergaminho, que está em São Paulo, na qual [se] faz menção de mim: de como o Papa me fez Núncio nestas partes da Índia[2].

2. Na provisão que o Senhor Bispo ou Vigário geral mandará – em que declara a excomunhão em que incorreu D. Álvaro em tolher-me da China forçosamente, não querendo guardar as provisões do senhor Vice-rei, nem querendo obedecer ao capitão da fortaleza de Malaca, que então era Francisco Álvares, vedor da fazenda do Rei nosso senhor, como vós muito bem sabeis, pois estivestes presente a tudo – a provisão do Senhor Bispo ou do Vigário geral virá dirigida ao Padre vigário de Malaca, em que lhe manda o Senhor Bispo ou

[1] Cf. Xavier-doc. 125,1-2.
[2] Breve *Dudum pro parte* (*Ibid.*).

Vigário geral que a notifique na igreja publicamente, pois publicamente incorreu [D. Álvaro] na excomunhão.

3. Esta diligência fareis, somente por duas coisas. A primeira, para que D. Álvaro conheça a ofensa que a Deus fez, a excomunhão em que incorreu, e faça penitência buscando absolvição da excomunhão em que incorreu; e também para que não faça outra vez a outro o que a mim fez.

4. A segunda, para que os Irmãos da Companhia que forem para Malaca ou para Maluco, ou para o Japão, ou para a China, não achem impedimento em Malaca – para que o capitão dela não ponha impedimento em suas viagens – notificadas e declaradas as excomunhões e penas em que incorrem os que tais impedimentos põem: porque, já que não têm temor de Deus nem amor de Deus, por vergonha ou temor do mundo não impedirão o serviço de Deus[3].

5. Este despacho do Senhor Bispo ou Vigário geral trará o Padre João da Beira ou o Padre que for para o Japão, para o entregar ao vigário de Malaca. E olhai não sejais negligente, em o que em virtude de obediência vos mando que façais! Ao Senhor Bispo pedireis

---

[3] Já em 13 de Março de 1548, D. João de Castro, a propósito dum navegador que ia em negócios às Molucas, tinha esclarecido que o Capitão de Malaca não o podia impedir nem à ida nem à vinda (SCHURHAMMER, *Quellen* 3841). E em 1600, o P. Manuel de Carvalho, S.I. discutia em ética moral este problema: «Das viagens, se as podem proibir os capitães e quais são do capitão de Malaca». E respondia que a navegação no mar e o comércio, por direito natural, civil, urbano e também em virtude do decreto 12-13 do primeiro Sínodo de Goa em 1567 é livre. E em particular para o porto de Malaca tinha decretado o Governador Martim Afonso de Sousa em 1543 ou 1544 o seguinte, que nenhum Governador revogara ainda: «O capitão não impedirá por via alguma navegarem os mercadores, chatins e quaisquer outras pessoas, assim portugueses como gentes da terra das que nessas partes navegam e costumam vir a essa fortaleza, não sendo turcos, parcios, judeus nem cristãos gregos; todos os outros navegarão livremente sem o dito capitão, feitor e oficiais lho impedirem, para Bengala, Pegu, e *China*, etc. E somente os portugueses, havendo necessidade deles na fortaleza, irão com sua licença, e não havendo muita necessidade, não lhe tolherá a licença sob pena de haverem pelo capitão as perdas e danos etc.» (TdT., *Livraria Ms. 805*,168r-169r).

por mercê, ou ao Vigário geral, que escreva ao vigário de Malaca mandando-lhe, em virtude da obediência, sob pena de excomunhão, que notifique publicamente a provisão que da Índia vier: publicamente na igreja. Para o ano, me escrevereis a diligência que sobre isto fizestes.

6. Porquanto esta viagem de ir deste porto à China é trabalhosa e perigosa, não sei eu que sucederá, ainda que grande esperança tenho de que sucederá em bem. Se acaso este ano não entrar em Cantão, irei, como acima disse, a Sião. E se, de Sião, para o ano, não for à China, irei para a Índia. Ainda que muita esperança tenho de ir à China.

7. Sabei certo uma coisa e não duvideis: que em grande maneira lhe pesa, ao demónio, que os da Companhia do nome de Jesus entrem na China[4]. Esta nova certa vos faço saber deste porto de Sanchão. Nisto não tenhais dúvida, porque os impedimentos que me tem posto e põe cada dia, nunca acabaria de vo-los escrever. Sabei certo uma coisa: que com ajuda, graça e favor de Deus Nosso Senhor, [se] confundirá nesta parte o demónio; que será glória grande de Deus, por uma coisa tão vil como eu sou, confundir uma opinião[5] grande como é o demónio.

8. Mestre Gaspar: lembrem-vos as lembranças que vos deixei quando daí parti[6] e as que [depois] vos escrevi[7]. E não [vos] esqueçam, para as deixar de cumprir, parecendo-vos que já sou morto, como outros já fizeram[8]. Porque, se Deus quiser, não morrerei, ain-

---

[4] Estas palavras de Xavier citou-as, anos depois, o P. Pérez, em carta ao seu Superior provincial na India (3.Dez.1564), quando, de novo por meio de Diogo Pereira, então já *capitão-mor do mar* em Macau, se negociava com as autoridades de Cantão a ida de uma embaixada ou legação portuguesa à China.

[5] Soberba.

[6] Xavier-doc. 112; 114-118.

[7] Xavier-doc. 119; 123-127; 133.

[8] Alude principalmente a António Gomes, durante a ausência de Xavier no Japão.

da que já passou tempo em que desejei mais viver do que agora[9]. Esta lembrança vos faço, para que não useis do vosso parecer como, se bem vos lembre, já usastes. Deus sabe quanto acertastes! Para o ano, se aí for, pesar-me-ia achar coisas que fosse necessário acudir a elas.

9. Olhai que vos encomendo que recebais muito poucos na Companhia! Os que estão já recebidos, passem por muitas experiências, porque me temo que alguns há, recebidos, que seria melhor despedi-los, assim como eu fiz a Álvaro Ferreira. O qual, se aí for, não o recebereis no colégio: falar-lhe-eis na portaria ou na igreja. Se quiser ser frade, ajudá-lo-eis. Enquanto a recebê-lo, em virtude da obediência vos mando: não o recebais, nem consintais que em casa da Companhia seja recebido, porque não é para a Companhia.

Esta carta será para o reitor de São Paulo, qualquer que for, e para Francisco Pérez em Malaca.

(No original perdido, por mão de Xavier):
De Sanchão, a 13 de Novembro de 1552
FRANCISCO

---

[9] Teixeira, depois de resumir brevemente esta carta, acrescenta: «Esta é, como disse, a última carta que se acha escrita deste bem-aventurado e santo varão. Depois de escritas estas cartas (133-137) e partidos os navios que as levavam, continuou o Padre Mestre Francisco naquele porto suas acostumadas ocupações e exercícios até à sua enfermidade e morte» (MX II 893-896; cf. 791-794; SOUZA, *Oriente conquistado* 1,4,1,89). Xavier, dezanove dias depois de escrever esta carta, a 3 de Dezembro de 1552, às duas da madrugada, expirou (*Ibid*).

CRONOLOGIA
ÍNDICES E BIBLIOGRAFIA

CRONOLOGIA DA VIDA DE XAVIER

Para os leitores menos familiarizados com a vida de S. Francisco Xavier, apresentamos aqui a cronologia das principais etapas da sua evolução espiritual e missionária. Baseamo-nos na biografia mais completa do Santo publicada até agora – a de G. SCHURHAMMER: *Francisco Javier, su vida y su tiempo*, Mensajero, Bilbao, 1991 (4 volumes). Citamos apenas SCHURHAMMER, o volume e as páginas. Servimo-nos também da edição crítica das Cartas e escritos do Santo, na colecção *Monumenta Histórica Societatis Iesu* (MHSI). Citamos apenas com as iniciais EX (=*Epistolae Xaverii*) e o número da carta ou documento.

I
UMA NOBREZA FERIDA EM BUSCA DE GLÓRIA

1506 – ***7 de Abril***: nascimento de Francisco no castelo de JAVIER (reino de Navarra).

1515 – ***11 de Junho***: anexação do REINO DE NAVARRA pela Coroa de Castela.

16 de Outubro: morte do pai, despojado de cargos na corte[1].

1516 – ***Março***: Primeiro levantamento dos navarros contra CASTELA.

11-12 de Maio: destruição de todas as fortalezas de Navarra incluindo o castelo de JAVIER e a torre forte do Palácio de Azpilcueta.

1521 – ***Maio***: Segundo levantamento dos navarros contra CASTELA.

---

[1] Era Presidente do Conselho Real de Navarra.

1523 – *Dezembro*: os irmãos Xavier (Miguel e João) excluídos da amnistia de Carlos V.

1524 – *23 de Março*: rendição de FUENTERRABÍA e amnistia aos dois irmãos de Xavier.

1524-1525: reconstrução do Castelo de JAVIER.

1525 – *Verão*: Francisco em busca da *glória de doutor* na Universidade de PARIS.

1525-1530: estudos de Filosofia no Colégio S. Bárbara (dir. Diogo de Gouveia).

***1525-1526*:** receia a vida nocturna do Bairro Latino e prefere o desporto.

***5 Fev.-29 Jul. 1529*:** doença e morte de sua Mãe.

***Setembro de 1529*:** junta-se-lhe, no mesmo Colégio, Inácio de Loyola.

1530 – *Março*: Francisco de Xavier, *Mestre* em Artes (Filosofia).

***Outono*:** *regente* de Filosofia no Colégio de Beauvais.

1531 – *Fevereiro*: reivindicação jurídica do seu *título de nobreza.*

II
CONVERSÃO A UMA VIDA NOVA

1532-1533: começa a dar-se conta de *más companhias* heréticas, graças a Inácio.

1533 – *20 de Março*: forte abalo pela *morte da sua irmã clarissa* com fama de santidade[2]. Começo de nova vida, de confissão e comunhão frequente, com os companheiros de Inácio.

---

[2] Madalena. Foi esta irmã que, em momentos de apuros económicos de Xavier em Paris, escreveu à família que não deixasse de custear os estudos do Francisco, «porque esperava em Deus que havia-de ser uma coluna na sua Igreja» (cf. SCHURAMMER, I, 226, nota 209).

1534 – *15 de Agosto*: *Votos* em *Montmartre*, com os primeiros companheiros de Inácio[3].

***Setembro*:** fervoroso *Mês de Exercícios Espirituais* orientados por Inácio de Loyola.

1535-1536: Estudante de *Teologia*, como preparação para o sacerdócio.

1535 – 25 Março: Carta a seu irmão João de Azpilcueta, por mão de Inácio de Loyola[4].

1536 – *Novembro*: Renúncia à *oferta de canonicato* no bispado de PAMPLONA.

III
EM DEMANDA DA PALESTINA PARA SE JUNTAR À MISSÃO DE CRISTO

1536 – *15 de Novem.*: Partida para VENEZA a caminho da Terra Santa[5].

1537 – *Março-Maio*: a caminho de ROMA, para pedirem ao Papa licença de peregrinação à Terra Santa e de receberem a ordenação sacerdotal sem ligação a qualquer diocese.

---

[3] A intenção era, em linguagem paulina, «continuar o que falta à Vida pública de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja» como «companheiros de Jesus», pelos mesmos caminhos «cidades e aldeias por onde Cristo Nosso Senhor pregava» (EE 91). Para isso faziam voto de castidade para receber o sacerdócio, voto de pobreza para viver como o Mestre e voto de irem para a Palestina com o propósito de lá ficarem para sempre. Caso não conseguissem lá chegar dentro dum ano, por causa da guerra com os turcos, ir-se-iam pôr à disponibilidade do «Vigário de Cristo» para servir o Reino de Deus onde ele quisesse (cf. MHSI, *Fabri Monum.* 9-11).

[4] MHSI, EX, I, *Epist.* 1. É a primeira das cartas que se conservam.

[5] Em Veneza, dedica-se com os companheiros ao serviço dos doentes nos hospitais da cidade onde se hospedaram. Xavier no «Hospital dos incuráveis».

Maio: Regresso a Veneza, surpreendido por *sonhos missionários* no caminho[6].

Junho (dia 24): Ordenação sacerdotal com os companheiros em VENEZA.

Julho: Sinais de guerra com os turcos impedem a travessia para a Terra Santa.

Verão: 40 dias de *Deserto* em MONTSELICE, numa ermida abandonada e em ruínas[7] para preparar-se para a primeira Missa e Vida Pública sacerdotal.

Setembro: Primeiros ensaios de *Vida Pública* sacerdotal com pregações nas praças[8].

30 de Setembro: Concentração dos companheiros em VICENZA. *Primeira Missa* no mosteiro abandonado de San Pietro in Vivarolo. Decisão de se dispersarem pelas cidades universitárias para conquistar novos «companheiros», enquanto esperavam embarque para a Palestina.

1537-1538 – *Outubro a Abril*: Continuação da Vida Pública sacerdotal em BOLONHA, onde conquista *Doménech* para o grupo de «companheiros de Jesus».

---

[6] Tendo-se hospedado com Simão Rodrigues num hospital, despertou-o gritando em sonhos: «Mais, mais, mais!». Só mais tarde, ao embarcar para a Índia, lhe revelou a que se referia: «Via eu então (se em sonhos ou desperto não o sei, Deus o sabe) os grandíssimos trabalhos, fadigas e aflições que por fome, sede, frios, viagens, naufrágios, traições, perseguições e perigos se me ofereciam por amor do Senhor, e que o mesmo Senhor me concedia então a graça de que nada disto me bastava, e eu pedia mais e mais com aquelas palavras que vós ouvistes» (SCHURHAMMER, I, 951). Muitas vezes, ao levantar, dizia a outro companheiro: «Jesus, que moído estou! Sabeis que sonhava que levava um índio às costas e que pesava tanto que não conseguia levá-lo?» (*Ibid.* 440; tb. 504 e nota 92).

[7] Cf. SCHURHAMMER, I, 451.

[8] Nas praças da cidade de Montselice, próxima da ermida em que se tinham retirado (*Ibid.* 462).

IV
O SONHO DA PALESTINA ABRE-SE A TODO O MUNDO

1538 – ***Abril***: Desfeito o sonho da Terra Santa, dirigem-se para ROMA.

Novembro: a grande decisão de entrega à disponibilidade do Papa[9].

1539 – ***Março-Junho***: Deliberações sobre a organização do grupo em Instituto.

4 de Agosto: D. João III pede missionários para a Índia

3 de Setembro: Aprovação oral do Instituo da «Companhia de Jesus».

1539-1540: Xavier secretário de Inácio, o Fundador da «Companhia de Jesus».

1540 – ***14 de Março***: Xavier é destinado para a Índia.

15 de Março: partida de ROMA[10].

fins de Junho: Chegada a LISBOA.

1540-1541 – ***Junho-Abril***: intensa actividade sacerdotal enquanto espera embarque.

Novembro-Fevereiro: despedidas do Rei e da corte em ALMEIRIM[11].

---

[9] Cf. MHSI, Fabri Monum. 42; SCHURHAMMER, I, 573.

[10] Viagem por terra, na comitiva do Embaixador D. Pedro de Mascarenhas, passando por Loreto, Bolonha, sul da França, norte de Espanha (por Loyola), Extremadura, Lisboa. Sobre a viagem, escreve de Bolonha a Inácio (EX, I, *Epist*. 5) e outra vez já de Lisboa (EX, I, *Epist*. 6).

[11] Recebe, entretanto, a notícia da aprovação oficial da Companhia de Jesus em 27 de Setembro de 1540, pela Bula *Regimini militantis Ecclesiae* do Papa Paulo III. Na audiência de despedida, com grande surpresa sua, o Rei entrega-lhe 4 Breves, de S.S.Paulo III: o 1º *(Cum sicut charissimus)*, que o nomeava Núncio apostólico para todo o Oriente e lhe dava amplas faculdades para essa missão; o 2º *(Hodie pro parte)*, que acrescentava ainda outras faculdades; o 3º e o 4º (*Cum nos nuper* e *Cum nuper ad*), com que o recomendava como Núncio a todos os reis que visitasse (cf. SCHURHAMMER, I, 931-934).

1541 – ***7 de Abril***: partida para a ÍNDIA com inesperada missão de *Núncio apostólico*[12]. No dia 8 Inácio é eleito Superior Geral e, no dia 22, os companheiros de Roma fazem a profissão religiosa. Só o saberá na Índia.

Setembro: para restabelecimento dos doentes, param na ilha de MOÇAMBIQUE.

1542 – ***Fevereiro***: partida de Moçambique, com escala em MELINDE e SOCOTORÁ.

1542 – ***6 de Maio***: chegada a GOA[13].

V
O NÚNCIO MISSIONÁRIO DO ORIENTE

1542 –*Maio-Setembro*: Apresentação humilde das suas credenciais ao Bispo de GOA[14]. Visita às autoridades civis e eclesiásticas. Visita às instituições[15]. Intenso apostolado sacerdotal e caritativo em todas elas e na cidade.

---

[12] Parte com 2 «companheiros» jesuítas: P. Paulo Camerino (italiano) e Francisco Mansilhas ainda não sacerdote.

[13] Os dois companheiros ficaram mais tempo em Moçambique e só chegaram mais tarde, noutras naus, a Goa.

[14] Nunca puxará pelos seus pergaminhos de Núncio apostólico, a não ser no fim da vida, quando o novo capitão de Malaca torpedeou a sua embaixada à China (cf. MHSI, EX, II, Xavier-doc. 121). Todas as visitas que fazia a missões e obras do Padroado, as fazia a título de cortesia e amizade.

[15] Cadeia; hospital da Misericórdia, onde se hospeda; Colégio da Santa Fé (S. Paulo), ainda em começos, para formação de clero, catequistas e intérpretes de todas as línguas; capelas da cidade; Lazareto de leprosos…

1. *MISSÕES NO SUL DA ÍNDIA (1542-1545)*

1542 –*fins de Setembro*: Embarque para o CABO DE COMORIM[16].

Outubro: Desembarque na COSTA DA PESCARIA (lado oriental do Cabo Comorim). Vindos noutra nau atrasada, chegam a Goa Paulo Camerino e Mansilhas.

Outubro-Fevereiro: quatro meses em TUTICORIM.

1543 –*Março-Setembro*: Missão entre os paravás da COSTA DA PESCARIA.

Outubro: Viagem a GOA[17].

Novembro: Xavier faz a sua *profissão religiosa* oficial[18].

Dezembro: Regresso à Missão com escala em COCHIM[19]. Esperançosas notícias dos marinheiros sobre o Extremo Oriente.

1544 – *Janeiro*: escala na missão dos franciscanos em CEILÃO[20].

Fevereiro: Retoma a missão na COSTA DA PESCARIA. Depois de iniciar Mansilhas na missão, fixa-o em Punicale e visita todas as povoações por onde andou. Graças à

---

[16] Com 3 seminaristas paravás de Tuticorim, 2 diáconos e 1 minorista (cf. SCHURHAMMER, II, 358-359).

[17] Para encontrar-se com os companheiros, entretanto chegados, levar seminaristas para o Colégio da Santa Fé, buscar novos colaboradores, despachar correio para a Europa (*Ibid.* II, 477).

[18] Depois de recebida a fórmula com que a fizeram os outros «companheiros» em Roma (*Ibid.* II, 491).

[19] Traz consigo Mansilhas, o sacerdote espanhol Juan de Lizano e o soldado João de Artiaga como auxiliar.

Em Cochim, hospeda-se em casa do pároco, visita o convento dos franciscanos e despacha correio nas naus que partem para a Europa.

[20] Ia entregar uma carta de D. João III ao rei de Kôttê que os franciscanos tentavam converter (cf. SHURHAMMER, II, 536, nota 124; 539).

correspondência intensa que mantém com Mansilhas, é possível seguir o seu percurso: PUNICALE, MANAPAR, LIVARE, NARE, TUTICORIM, VIRANDAPATANÃO, COMBUTURE, MANAPAR, CABO DE COMORIM, MANAPAR, PUNICALE, ALENDALE, TRICHENDUR, MANAPAR, TUTICORIM, MANAPAR (Cartas 21-44).

Novembro-Dezembro: Missão em TRAVANCOR (lado ocidental do Cabo Comorim)[21].

Dezembro: Matança de cristãos paravás em MANAR (Jaffna, norte de Ceilão). Viagem a GOA para pedir protecção militar dos cristãos ao Governador.

1545 – *Janeiro-Abril*: Ronda pelas fortalezas portuguesas a pedir protecção aos cristãos[22].

Abril-Agosto: Decepção e busca de luz em SÃO TOMÉ para a sua missão[23].

---

[21] Quando deixou a Costa da Pescaria, já tinha conseguido para lá 4 sacerdotes indígenas que ele tinha feito ordenar e mais 6 seminaristas a preparar-se para o sacerdócio no Colégio da Santa Fé (cf. SHURHAMMER, II, 477, nota 130). Começou a missão em Travancor com 1 português e 3 índios, como intérpretes e ajudantes (Ibid. 594).

[22] Escalas em Cochim, Coulão (Índia); Colombo, Kôtté, Manar, Jaffna (Ceilão); Costa de Coromandel (a norte da Pescaria), Negapatão, Santuário de S. Tomé de Meliapor. Pelo caminho visitou as missões franciscanas entre os «cristãos de S. Tomé» em Cranganor (na Costa ocidental da Índia) e recebeu impressionantes informações do *Extremo Oriente* pelos marinheiros portugueses chegados a Cochim.

[23] Cf. EX, I, *Epist* 51; SCHURHAMMER, II, 743-749; também EX, *Epist* 51). Entre os convertidos no seu apostolado destes meses, um foi o rico João d'Eiró que vendeu barco e tudo e seguiu com Xavier para Malaca (Ibid. II, 752--754; 762).

2. MISSÕES NA INDONÉSIA (1545-1547)

1545 –	***Agosto***:	partida para MALACA. Chegam a Goa novos jesuítas: PP. Criminali, Lancilotti, João da Beira.
	Setembro:	chegada a MALACA.
	Setembro-Janeiro:	Apostolado na cidade e mais notícias de novas messes[24].
1546 –	***Janeiro***:	partida para as MALUCAS.
	14 de Fevereiro:	chega a AMBOINO. Explora os arredores, chega uma frota espanhola que fora aprisionada. Partida da armada prisioneira para Goa, com cartas de Xavier[25].
	Junho-Julho:	expedição missionária a TERNATE
	Setembro-Dezembro:	expedição missionária à ILHA DE MORO. Entretanto *Diu* é libertada por D. João de Castro (10.Nov.1546).
1547 –	***Janeiro-Junho***:	de novo em TERNATE e AMBOINO
	Julho-Dezembro:	de novo em MALACA. Envia 3 recém-chegados jesuítas a continuar o seu trabalho nas MALUCAS[26].
	Dezembro:	China que se fecha, Japão que se abre[27]. Informações sobre a China cerrada aos portugueses. Informações do Japão por três

[24] Pelos marinheiros portugueses recebe abundantes informações de esperanças missionárias em Macassar (Celebes), e reinos de Supa, Pegu, Birmânia, Sião, Cambodja, Champa (Indochina), Cochinchina, China (cf. SCHURHAMMER, III, 47-62).

[25] Cartas para os jesuítas de Goa e da Europa e para D. João III (EX, *Epist.* 55-57).

[26] Os PP. João da Beira e Nuno Ribeiro e o Ir. Nicolau Nunes (cf. SCHURHAMMER, III, 2-17).

[27] Sobre as informações da China e do Japão (cf. SCHURHAMMER, III, 63--90); sobre o relatório de Jorge Alvares (cf. Ibid. 91 e sgs; 346 e sgs).

japoneses chegados a Malaca. Jorge Alvares, descobridor do Japão, prepara-lhe por escrito um relatório.

3. RONDA PELAS MISSÕES ANTES DA EXPEDIÇÃO AO JAPÃO

1547 – ***Dezembro***: Despedida de MALACA com promessa de lhe mandar missionários Jesuítas. Leva relatórios sobre a China e Japão[28].

1548 – ***Janeiro, 13***: desembarque em COCHIM. Despede Mansilhas por desobediência a nova missão. Despacha correio pelas naus que partem para a Europa[29].

Fevereiro: visita aos missionários da COSTA DA PESCARIA. Deixa-lhes, por escrito, uma instrução missionária.

Março: continuação da viagem por Cochim a GOA. Chega antes dele também o japonês Anjirô. Encontra novos companheiros vindos da Europa. Vai entrevistar-se com D. João de Castro ausente em BAÇAIM[30].

Abril-Junho: Regresso, com o Governador gravemente doente, a GOA. Destina Pérez e Oliveira a Malaca (Abril 1548). Baptismo dos 3 japoneses do colégio de S. Paulo (20 Maio). Assiste à morte do Governador D. João de Castro (6 de Junho). Participa na execução das suas últimas vontades.

---

[28] Cf. SCHURHAMMER, III, 346 e sgs.

[29] Cartas para os jesuítas de Roma, Inácio de Loyola e D. João III (EX, *Epist.* 59-61).

[30] Motivos da entrevista (cf. SCHURHAMMER, III, 237; 254 e sgs; 256).

Junho: Novo Governador da Índia: *Garcia de Sá* (Junho 1548-Abril 1549). Avaliação da missão em Goa: no colégio, no povo. Deixa aos missionários uma Instrução de vida espiritual para os cristãos[31]. Dá ao novo Governador 3 relatórios sobre o Japão e 1 sobre a China[32]. Entretanto chegam mais companheiros, com cartas da Europa.

Setembro (meados): regressa à COSTA DA PESCARIA. Destina Cipriano e Morais a Socotorá e Baltasar Nunes a Travancor. Anima a tradução do Catecismo a tamil pelo P. Henrique Henriques.

Outubro: de novo em COCHIM. Despacha correspondência pelas naus que partem para Portugal.

Novembro: de novo em GOA. Encontro com mais jesuítas chegados noutra nau. Aceita a oferta do Colégio da Santa Fé (S. Paulo) e do de Baçaim. Dá luz verde para a fundação de mais colégios nas fortalezas portuguesas. Distribui mais missionários jesuítas pelas diversas missões[33].

Novembro (fins): volta 2 meses a COCHIM (Dez.1548-Fev. 1549). Negociações para a fundação de mais um colégio. Relatórios sobre as Missões para o Rei, para Inácio e Simão Rodrigues[34].

1549 – ***Fevereiro***: vai entrevistar-se com o novo Governador em BAÇAIM.

---

[31] EX, Xavier-doc. 66.
[32] Cf. SCHURHAMMER, III, 346-365; 465-469.
[33] Cf. SCHURHAMMER, III, 479-480; 495.
[34] Ibid. III, 477-514; EX, *Epist*. 70-79.

Março-Abril: nova visita aos jesuítas de GOA. Depois de distribuir cargos e missões, deixa-lhes Instruções por escrito[35].

15 de Abril-Junho: Regresso a MALACA. Escala em COCHIM (20 de Abril). Começa os preparativos para a expedição missionária ao Japão. Recebe a notícia do martírio do P. António Criminali[36]. Antes da partida para o Japão despacha correspondência[37].

4. MISSÃO NO JAPÃO (1549-1551)

1549 – *24 Junho-15 Agosto*: Viagem no junco dum «Pirata» chinês ao JAPÃO[38].

1549 – *Agosto-Out.*: Os começos em KAGOSHIMA.

Agosto: descoberta dum novo mundo cultural.

Agosto-Setembro: Audiência do duque de Satsuma (Takahisa) em IJÛIN, que lhes deu casa e licença para pregar.

Setembro-Outubro: Primeiros contactos com o povo e com os bonzos. Apostolado de Anjirô (Paulo da Santa Fé), aprendizagem da língua.

Novembro: Regresso do junco do «Pirata» a Malaca com Domingos Dias e cartas de Xavier[39], Torres, Fernandez e Anjirô.

---

[35] EX, *Epist*. 80-81.

[36] Cf. SCHURHAMMER, III, 199 e nota 553.

[37] Para os seus missionários, para o Rei, para os jesuítas da Europa: EX, *Epist*. 82-89.

[38] Como companheiros levava o P. Cosme de Torres e o Ir. Juan Fernández de Oviedo, o mestiço Domingos Dias, dois criados (o chinês Manuel e o malabar Amador), Anjirô e, provavelmente os seus dois outros companheiros japoneses (cf. SCHURHAMMER, III, 82-83 e nota 109).

[39] 4 Cartas para vários jesuítas de Goa e 1 para D. Pedro da Silva, capitão de Malaca (EX, *Epist*. 90-94).

1549-1550 – *Inverno*: O catecismo japonês.
Dezembro-Junho: Apostolado em ICHIKU.
Julho: Primeira viagem a HIRADO.
Agosto: Regresso e despedida de KAGOSHIMA.
1550-1551 – *Agosto-Janeiro*: A caminho da corte do Imperador em MIYAKO.
Setembro-Outubro: De novo em HIRADO.
Novembro-Dezembro: Começos de apostolado em YAMAGUSHI. Audiência do duque de Yamagushi (Yoshitaka), como simples religioso.
Dezembo-Janeiro: Tenta de novo viagem por Sakai a MIYAKO.
1551 – *Janeiro-Abril*: Regresso a YAMAGUSHI com paragem em Hirado para visitar Torres e seus cristãos.
Abril (fins): Nova audiência do Duque já na qualidade de diplomata[40].
Maio-Julho: Pregação e disputas.
Julho-Agosto: Nome de Deus em japonês: Dainichi ou Deusu?
Julho-Setembro: Em luta com os bonzos.
Setembro: Grande colheita.
1551 – Agost.-Nov.: Na corte do duque de BUNGO.
Agosto-Setembro: A chamada a BUNGO.
Setembro: Audiência do duque de Bungo (Yoshishige). Discussões do P. Torres em Yamagushi. Guerra civil em Yamagushi e morte do duque Yoshitaka (30.Set.).
1551 – 15 *Novembro*: Partida do Japão no junco de Duarte da Gama.

---

[40] Na qualidade de diplomata do Governador da Índia e do Bispo de Goa. Entrega-lhe os presentes destinados ao Imperador (cf. SCHURHAMMER, IV, 277 e sgs).

fins de Novembro: Chegada a SANCHÃO. Informações incertas sobre o cerco de Malaca (5 Junho-16 Setembro). Apelo clandestino de prisioneiros portugueses na China, lido em Sanchão[41].

Dezembro: Partida para Malaca, na caravela de Diogo Pereira. Carta de SINGAPURA para Malaca, a pedir lugar nas naus da Índia[42].

5. TENTATIVA DE MISSÃO NA CHINA

1551 – 27 *Dezembro*: Acolhimento triunfal à chegada a MALACA. Recebe oficialmente o cargo de *Superior Provincial* dos jesuítas do Oriente. Primeiras notícias das Missões da Índia. Revela os planos de embaixada à China com Diogo Pereira[43].

30 Dezembro: Embarque para a ÍNDIA com o embaixador do Duque de Bungo e 4 japoneses que vieram com ele. Na viagem lê a correspondência de 2 anos, que lhe entregaram em Malaca[44].

1552 –*24 Janeiro-princípios Fevereiro*: Escala de duas semanas em COCHIM. Hospeda-se no colégio dos jesuítas. Encontro com o novo Governador da Índia *D. Afonso de Noronha*. Apresenta-lhe o embaixador do duque de Bungo. Obtém apoio para a embaixada à China[45]. Recebe informações por Henrique Henriques e Lanciloto das suas Missões.

---

[41] Cf. SCHURHAMMER, IV, 396-402.

[42] EX, *Epist*. 95.

[43] Cf. SCHURHAMMER, IV, 436-439.

[44] Cf. Ibid. IV, 441-537.

[45] Cf. SCHURHAMMER, IV, 544.

Informações pelos franciscanos das suas Missões. Despacho de cartas para a Europa pelas naus de partida[46]. Devolução da igreja da Madre de Deus à sua Confraria.

1552 –*meados Fevereiro-meados Abril*: Dois meses em GOA. Visitas à chegada: Bispo, franciscanos, dominicanos, Governador. Colégio: encontra 39 jesuítas chegados nas suas ausências. Destino de alguns às diversas missões. Organização do governo para a sua ausência à China. Nomeação de Gaspar Barzeu como Reitor do Colégio e Vice-Provincial. Últimas cartas para a Europa. Últimas exortações.

1552 – *17 Abril*: Adeus a GOA. Parte com todas as credenciais e presentes para a embaixada à China[47].

1552 –*17 Abril-31 Maio*: De Goa a MALACA. De Malaca envia missionários ao Japão. Objectivos da embaixada à China[48].

15-25 Junho: Embargo da embaixada à China pelo novo capitão de Malaca. Xavier apela para os seus direitos de Núncio apostólico em vão[49]. Resolve, mesmo assim, ir à China.

1552 – *17 Julho*: Partida para a CHINA. Sem embaixada, com 2 companheiros e 1 criado[50].

21-22 Julho: escala em SINGAPURA donde escreve algumas cartas[51].

---

[46] Cartas para Inácio de Loyola, companheiros da Europa, Simão Rodrigues e Rei (EX, *Epist*. 96-99).

[47] Cf. SCHURHAMMER, IV, 721-722; 726 e nota 505.

[48] Cf. *Ibid*. IV, 753; 775.

[49] Cf. *Ibid*. IV, 751-760; EX, Xavier-doc. 121.

[50] O Ir. Álvaro Ferreira, António China, intérprete chinês, e o criado indiano Cristóvão.

[51] Cartas a jesuítas e a amigos (EX, *Epist*. 125-129).

23 Julho-fins Agosto: De Singapura a SANCHÃO.

Setem.-3 Dezembro: Diante das portas cerradas da CHINA. É hospedado por Jorge Alvares na sua cabana improvisada. A seu pedido os portugueses constroem uma palhota para Capela. Contrato com um comerciante chinês para o introduzir clandestinamente na China. Mais cartas por uma embarcação que regressava a Malaca[52]. Desistência de dois companheiros.

12-13 Novembro: Últimas cartas pelos últimos navios a sair para Malaca[53].

VI
MORTE

1552 – Novembro: *19 Sábado*: O mercador chinês não aparece para o encontro.

21 Segunda: Perde os sentidos depois da Missa.

22 Terça: Acolhido na nau de Diogo Pereira, a única que ficou.

23 Quarta: Regressa da nau «abrasado em grande febre». Recebe uma sangria. Desmaia. Não consegue comer.

24 Quinta: recebe nova sangria. Delira aos poucos. Continua sem comer.

25 a 27: Passa-os «em paz e sossego», delirando de vez em quando.

28 a 30: Perde de todo a fala e o conhecimento. Não pode comer.

---

[52] Cartas para o Superior de Malaca, para o Vice-Provincial de Goa e para o amigo Diogo Pereira (EE, *Epist*. 130-133).

[53] Para os mesmos (EX, *Epist*. 134-137).

1552 – ***Dezembro:*** *1 Quinta*: Recupera a fala e o conhecimento.
2 Sexta: Profetiza o futuro trágico do seu criado malabar Cristóvão. Volta a perder a fala.
3 Sábado: morte junto do criado Cristóvão e do intérprete António China às duas da madrugada (824-827).
O corpo é sepultado em Sanchão.

VII
GLORIFICAÇÃO

1553 – ***17 Fevereiro***: Trasladação do corpo incorrupto.
22 de Março: Acolhimento triunfal em MALACA. É de novo sepultado na igreja de Nª Sª do Monte ou da Anunciada (hoje de S. Paulo).
15 de Agosto: desenterrado incorrupto, é depositado num caixão e transportado de barco para Goa (Vários contratempos na viagem).
1554 – ***16 de Março***: É recebido triunfalmente em GOA. Ali se conserva incorrupto na Basílica do Bom Jesus.
1619 – ***25 Outubro***: Xavier é beatificado pelo Papa Paulo V.
1622 – ***12 de Março***: é canonizado pelo Papa Gregório XV.
1748 – ***24 Fevereiro***: Bento XIV proclama Xavier Patrono principal das Índias, isto é, de todas as nações desde o Cabo da Boa Esperança até aos últimos arquipélagos do Pacífico.

ÍNDICE DE PESSOAS, LUGARES E COISAS

Os números são os do *documento* e respectivos *parágrafos* (*notas* incluídas)

A

B

C

D

E

G

H

I

J

N

O

P

Pudicurim (Pudikudi), localidade na Pescaria, 39,1-2.

Q

R

S

T

U

V

X

Y

Z

INDICE DE ESPIRITUALIDADE

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia citada

ALMEIDA, Fortunato de. – *História da Igreja em Portugal*, 4 tomos. Coimbra 1910-24.
– *História de Portugal,* 6 vol. Coimbra 1922-29.

ANESAKI, Masaharu. – *A Concordance to the history of the Kirishitan Missions*. Tokyo 1930.

ANSELMO, Ant. Joaquim. – *Bibliografia das obras impressas em Portugal no sec. XVI.* Lisboa 1926.

Archivo Portuguez Oriental, 6 fasc. in 10 vol. ed. por Joaquim Heliodoro da CUNHA RIVARA. Nova Goa 1857-76.

ASTRAIN, António, S.I. – *Historia de la Compañia de Jesus en la Asistencia de España,* 7 vol. Madrid 1902-1925.

Avisi Particolari delle Indie di Portugallo. Roma 1552.

AYRES, Christovam. – *Fernão Mendes Pinto. Subsídios para a sua Biographia e para o estudo da sua obra*, Lisboa 1904 (Extracto da História e Memórias da Academia Real de Sciencias, nov. ser. Classe de Sciencias Moraes… Tomo X, Parte I).

BAIÃO, António. – *História Quinhentista (inédita) do segundo cerco de Diu, ilustrada com a correspondência original, também inédita, de D. João de Castro, D. João de Mascarenhas e outros*. Coimbra 1925.

BARBOSA, Duarte. – *The Book of Duarte Barbosa.* Translated and Annotated by Mansel Longworth Dames, 2 vol. London 1918-21 (Hakluyt Society, Second series n. 44 e 49).

BARROS, Joam – *Compilação de várias obras do insigne portuguez Joam de Barros…* Impressas em Lisboa na casa de Luiz Rodriguez Livreiro d'Elrey pelos anos de 1539 e 1540. E agora reimpressas, Lisboa 1785.

BARTOLI, Daniello, S.I. – *Istoria della Compagnia di Gesù. L'Asia,* 8 vol. Napoli 1856-57 (Opere vol. 27-34).

BECCARI, Camillo, S.I. – *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales Inediti*, 15 vol. Romae 1903-17.

BESSE, Léon, S.I. – *La Mission du Maduré. Historique de ses Pangous*. Trichinopoly 1914.

BOTELHO, Simão – *Cartas*. In: LIMA FELNER.
– *Tombo do Estado da Índia*. In: LIMA FELNER.

BRAGANÇA PEREIRA, A. B. de. – *Notas ao Livro das plantas de todas as fortalezas do Estado da Índia Oriental por António Bocarro…* (Separata do Arquivo Português Oriental, Nova edição, tomo IV, Vol. II). Bastorá 1936.

BROU, A., S.I. – *Saint François Xavier*, 2me. Edittion, 2 vol. Paris 1922.

BURG, Joseph. – *Die Briefe des grossen Apostels von Indien und Japan, Des heiligen Franz von Xavier.* Neuwied 1839-40.

CALDWELL, R. – *A Political and General History of the District of Tinnevelly*. Madras 1881.

CAMARA MANOEL, Jerónymo P. A. de. – *Missões dos jesuítas no Oriente nos séc. XVI e XVII.* Lisboa 1894.

Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam, public sob a direcção de Raymundo A. de BULHÃO PATO, 7 vol. Lisboa 1884-1935.

Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus que andão nos Reynos de Japão escreverão. Coimbra 1570.

Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Japão e China, 2 vol. Évora 1598.

COLERIDGE, Henry James, S.I. – *The Life and Letters of St. Francis Xavier*, 2 vol. London 1872.

Corpo Diplomático Portuguez (secção: Relações com a Cúria Romana), publicado por Luiz Augusto Rebello da Silva (e seus sucessores), 14 vol. Lisboa 1862-1910.

CORREA, Gaspar. – *Lendas da Índia*, publicadas sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, 4 vol. Lisboa 1858-64.

COSTA GOODOLPHIN, *As Misericórdias*, Lisboa, 1897.

COUTO, Diogo de. – *Da Ásia, Década 4-12*, 15 vol. Lisboa 1778-88.

CROS, L. Jos. Marie, S.I. – *Saint François de Xavier de la Compagnie de Jesus. Son pays, sa famille, sa vie. Documents nouveaux (1re Serie)* Toulouse 1894.

– *Saint François de Xavier. Sa Vie et ses Lettres*, 2 vol. Toulouse 1900.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. – *Glossário Luso-Asiático*, 2 vol. Coimbra 1919-21.

DOMINGUEZ, Joaquín / O'NEILL, Charles (Ed.). – *Diccionario Historico de la Compañía de Jesús,* 4 vol. Mensajero, Bilbao 2001.

DUDON, Paul, S.I. – *Saint Ignace de Loyola.* Paris 1934.

Emmenta da Casa da India (ed. A. Braamcamp Freire). In: Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa 1907, 233-41 265-73 311-19 331-39 366-75 424-36; 1908, 18-32.

EREDIA, (Emanuel) Godinho de. – *Malaca, l'Inde Orientale et le Cathay. Fac-simile du manuscrit original authographe de la Bibliotheque Royal de Belgique publié par les soins de M. Léon Janssen*. Bruxelles 1881.

(EREDIA-MILLS) *Eredia's Description of Malaca, Meridional India, and Cathay. Translated from the Portuguese with notes by J. V. Mills*. In: *Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. VIII, Part I. (Singapore 1930) 1-288.

ESCALADA, Francisco, S.I. – *Documentos Historicos del Castillo de Javier y sus mayorazgos.* Tomo I. Pamplona 1931.

ESCALANTE ALVARADO, Garcia d'. – *Relación del Viaje que hizo Desde la Nueva-España a las islas del Poniente Ruy Gomez (leia-se López) de Villalobos, por orden del Virey D. Antonio de Mendoza.*. In: Collección de Documentos inéditos relativos al descubrimiento, Conquista y organización de las antiguas posesiones españolas en América y Oceanía 5(Madrid 1866)117-210.

FERREIRA MARTINS, José F. – *Crónica dos Vice-reis e Governadores Da Índia.* Vol. I. Nova Goa 1919.

– *História da Misericórdia de Goa,* Nova Goa 1910-1914.

FIGUEIREDO FALCÃO, Luiz de. – *Livro em que se contém toda a Fazenda e Real Património dos reinos de Portugal, Índia e Ilhas adjacentes e outras particularidades.* Copiado fielmente do manuscripto original. Lisboa 1859.

FONSECA, Quirino da. – *Os Portugueses no mar. Memórias históricas e arqueológicas das naus de Portugal.* Vol. I: *Ementa histórica das naus portuguesesas.* Lisboa 1926.

FRANCO, António, S.I. – *Ano Santo da Companhia de Jesus em* Portugal1ª edição prefaciada e anotada por Francisco Rodrigues. Porto 1931.

– *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collégio do Espírito Santo de Évora do Reyno de Portugal*. Lisboa 1714.

– *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa*. Coimbra 1717.

– *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collégio de Jesus de Coimbra em Portugal,* 2 vol. Évora-Coimbra 1719.

FREIRE DE ANDRADE, Jacinto. – *Vida de D. João de Castro. Ajuntão-se algumas breves notas auctorizadas com documentos originaes e inéditos por D. Fr. Francisco de S. Luiz.* Lisboa 1835.

FROIS, Luís, S.I. – *História de Japam (1549-1593)*, 5 vol. Edição anotada por J. Wicki, S.I. Lisboa 1976-1984.

– *Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente…* com apresentação de José Manuel Garcia. CNCDP, Lisboa 1993.

GALVÃO, António. – *Tratado dos Descobrimentos*, Porto 1944.

GOMES DE BRITO, Bernardo. – *História Trágico-Marítima*, 12 vol. Lisboa 1904-09.

GONÇALVES, Sebastião – *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça na conversão dos infiéis a nossa santa fee catholica nos reynos e províncias de Índia Oriental,* vol. I: *Vida do B.P.Francisco Xavier* (ed. Josef Wicki). Atlântida, Coimbra 1957.

GULIK, G. – EUBEL, Conrad, OMConv. – *Hierarchia Catholica Medii Aevi,* Vol. III, Munster 1910.

HAAS, Hans. – *Geschichte des Cristentums in Japan.* I. Tokyo 1902 *Institutum Societatis Iesu,* 3 vol. Florentiae 1892-93.

KRISHNASWAMI AYYAR, K. N. – *Statistical Appendix, together with a Supplement to the District Gazetteer (1917) for Tinnevelly District.* Edited by C.A.Souter. Madras 1934 (Madras District Gazetteers).

LAURES, J., S.I. – *Kirishitan Bunko. A Manual of Books and Documents on the Early Christian Missions in Japan.* Tokyo 1940.

LIMA FELNER, Rodrigo José de. – *Subsídios para a história da Índia Portugueza, publicados sob a direcção de*. – Lisboa 1868 (Colecção de Monumentos inéditos para a história das conquistas dos Portuguezes em Africa, Ásia e América. Tomo V): contém 1) Nunes, Livro dos pesos, 2) Cartas de Simão Botelho; 3) O Tombo do Estado da Índia, por Simão Botelho; 4)Lembranças das cousas da Índia em 1525.

LUCENA, Joam de, S.I. – *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* Lisboa 1600.

MENDES PINTO, Fernão. – *Peregrinação. Edição popular com uma notícia, notas e glossário por J.I. de Brito Rebello*, 4 vol. Lisboa 1908-10.

(MONIZ, J. A.) – *Bibliotheca Nacional de Lisboa. Inventário. Secção XIII: Manuscritos. Collecção Pombalina.* Lisboa 1889-91.

MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU (MHSI), 154 tomos Matriti-Romae 1894-2005.

– *Monumenta Xaveriana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta*, 2 vol. Madrid 1899-1912.

– *Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque eius scripta. Nova editio ex inegro refecta, textibus, introductionibus, notis, appendicibus aucta*, editadas por Georg Schurhammer e Josef Wicki, 2 vol. Roma 1944-45 (Reedição fotostática corrigida e aumentada por Francisco Zurbano, S.I. Roma 1996).
– *Monumenta Indica*, ed. por Josef Wicki, 18 vol. Roma 1948-1988.
– *Monumenta Malucensia*, ed. por H. Jacobs, 3 vol. Roma 1974-1984.
– *Monumenta Histórica Iaponiae*, ed. por I. F. Schutte e Ruiz de Medina, 3 vol. Roma 1975-1995.
– *Monumenta Ignatiana*: 1) *Epistolae et Instructiones*, 12 vol. Roma. 1964-68; 2) *Fontes Narrativi de S. Ignacio de Loyola*, 4 vol. Roma 1943-1965.
– *Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Historia* (= *Chronicon* de Polanco), 6 vol. Madrid 1894-98.
– *Polanci Complementa*, 2 vol. Madrid 1916-17.
– *Epistolae PP. Broeti… et Simonis Roderici Societatis Jesu ex autographis vel originalibus exemplis potissimum depromptae*. Madrid 1903. (Reimpressão em Roma 1971).
– *Fabri Monumenta: Epistolae, Memoriale et Processus*. Madrid 1914 (Reimpressão em Roma 1972).
MURDOCH, James – *A History of Japan during the century of early foreign intercourse (1542-1651),* Kobe 1903.
NUNES, António – *Lyvro dos pesos da Yndia e assy medidas e mohedas escripto em 1544.* Em LIMA FELNER.
OLORIZ, Hermínio de. – *Nueva biografia del doctor navarro D. Martin de Azpilcueta*, Pamplona 1918.
ORTA, Garcia da. – *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia. Edição publicada pelo Conde de Ficalho* 2 vol., Lisboa 1891-1895.
(PAPINOT, E.) – *Historical and Geographical Dictionary of Japan*, Tôkiô 1909.
PATE, H. R. – *Madras District Gazetteers. Tinnevelly*, vol I, Madras 1917.
REBELLO, Gabriel. – *Informação das couzas de Maluco*: «Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhes são vizinhas, publicada pela Academia. Real das Sciencias» t. VI, Lisboa 1856 (143-312).
REPETTI, William, S.J. – *Saint Francis Xavier in Maluco*. Em: Archivum Historicum Societatis Jesu 5(1936)35-56.
RODRIGUES, Francisco, S.J. – *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, 4 t. em 7 vol. Porto 1935-1950.
SALDANHA, M.J.Gabriel de. – *História de Goa (Política e arqueológica)* Segunda edição, 2 vol. Nova Goa 1925-26.
SCHURHAMMER, Georg, S.J. – *Ceylon zur Zeit des Konigs Bhuvaneka.*
– *Bâhu und Franz Xavers 1539-1552. Quellen zur Geschichte der Portugieses, sowie der Franziskaner- und Jesuitenmission auf Ceylon im Urtext herausgegeben und erklart von G. Schurhammer und E.A. Voretzsch* 2vol., Leipzig 1928.
– *Die zeitgenossischen Quellen zur Geschichte Portugiesisch-Asiens Und seiner Nachbarlander zur Zeit des Hl. Franz Xaver (1538-1552)* IHSJ, Roma 1962.
– *Orientalia*, IHSI, Roma 1963.
– *Xaveriana*, IHSI, Roma 1964.
– *Varia*, IHSI, Roma 1965.

SOMMERVOGEL, Carlos,S.J. – *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus,* 11 vol. Paris 1890-1932.

SOUZA, Francisco de, S.J. *Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, 2 vol.Lisboa 1710.

STREIT, Robert OMI / DINDINGER, Ioanne OMI – *Bibliotheca Missionum,* 11 vol. Munster i. W. / Aachen 1916-39.

TACCHI VENTURI, Pietro S.J. – *Storia della Compagnia di Gesù in Itália*, Vol. I (Roma 1931), II (Roma 1922).

THURSTON, Edgar / RANGACHARI, K. – *Castes and Tribes of Southern India*, 7 vol., Madras 1909.

TIEN-TSÊ CHANG, *Sino-Portuguese Trade from 1514 to 1644. A Synthesis of Portuguese and Chinese Sources*, Leyden 1934.

VALENTYN, François – *Oud en Nieuw Oost-Indien,* 5 vol. Dordrecht-Amsterdam 1724-26.

VALIGNANO, Alesandro S.J. – *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-1564)*, ROMA 1944.

VILLOSLADA, Ricardo G., S.J. – *La Universidad de Paris durante los Estudios de Francisco de Vitoria, OP (1507-1522)*, Roma 1938.

WESSELS, C., S.J. – *Histoire de la Mission d'Amboine 1546-1605,* Louvain 1934.

YULE, Henry / BURNELL, A.C. – *Hobson-Jobson. A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases,* London 1903.

2. Bibliografia complementar

AA.VV. *Missionação portuguesa e encontro de culturas. Congresso Internacional de História,* 4 vol. UCP, Braga, 1993.

ALDEN, Dauril, *The Making of an Entreprise,* Stanford university Press, Stanford, California, 1996.

ALONSO ROMO, Eduardo Javier. – *Los escritos portugueses de San Francisco Javier,* Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 2000.
– *Simón Rodrigues. Origem y progreso de la Compañia de Jesús.* introd. Y notas por E.J. Alonso Romo, Sal Terrae, Santander, 2006.

BOURDON, Léon, *La Compagnie de Jesus et le Japon.* Centre Culturel Portugais de la Fondation Calouste Gulbenkian, Paris 1993.

BOXER, Charles R., *O Grande navio de Amacao*, Fundação Oriente, Macau, 1989.
– *Fidalgos no Extremo Oriente*, Fundação Oriente, Macau, 1990.
– *The Christian Century in Japan*, Carcanet, Manchester, 1993.
– *O império maritimo português (1415-1825)*, Edições 70, Lisboa 1992.

BRASIO, A. – *Monumenta Missionaria Africana,* 12 vol. Lisboa 1952 ss.

CABEZAS, António, *El Siglo Ibérico del Japón. La presencia hispano-portuguesa en Japón (1543-1643)*, Universidade, Valladolid, 1994.

CARVALHO, Eduardo Kol de, *Portugal e o Mundo – Japão,* Centro Nacional de Cultura, Lisboa, 2003.

COOPER, S.J., Michael, *Rodrigues o intérprete*, Quetzal, Lisboa 1994.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Japão e o cristianismo no século XVI*, Sociedade Histórica da Independência De Portugal, Lisboa 1999.

– *Cartas ânuas do Colégio de Macau,* CTCDP, Fundação Macau, 1999.
– *Portugal e o Japão – O século Namban,* INCM, Lisboa, 1993.
FARINHA, António Lourenço, *A expansão da fé no Oriente (subsídios para a história colonial)*, 3 vol. Agência Geral das Colónias, Lx 1943.
JANEIRA, Armando Martins, *O impacto português sobre a civilização Japonesa,* D. Quixote, Lisboa 1988.
KATAOKA, Inácia Rumiko, *A vida e acção pastoral de D. Luís Cerqueira Bispo do Japão*, Instituto Cultural de Macau, Macau 1997.
LEON-DUFOUR, Xavier, *San Francisco Javier. Itinerário místico del Apóstol*, Mensajero/Sal Terrae, Bilbao/Santander, 1998.
LOUREIRO, Rui, *Os portugueses e o Japão no século XVI* CNCDP, Lisboa, 1990.
MATOS, Artur Teodoro de, *Na rota da Índia*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1994.
– *O Século Cristão do Japão*, Lisboa 1994.
MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A Cartografia portuguesa do Japão*, CNCDP, 1996.
MATOS, Manuel Cadafaz de, *Cartas do Japão,* Tavola Redonda, Lx, 2001.
MESQUITELA, *História de Macau*, Inst. Cultural de Macau, Macau, 1996.
MORAIS, Carlos Alexandre, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa,* Estampa, Lisboa, 1997.
SÁ, Artur Basílio de. – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Insulindia*, 5 vol. Agência Geral das Colónias, Lisboa 1954-1958.
SCHURHAMMER, Georg, *Francisco Javier. Su vida y su tiempo,* 4 vol. Mensajero, Bilbao 1992.
SILVA REGO – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente,* 12 vol. Agenc.Geral das Cólon. Lisboa 1944 ss.
– *História das Missões do Padroado português do Oriente,* Lisboa 1949.